

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**SERMÕES**  
*Pe. Antonio Vieira*

SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO

PREGADO EM ROMA, NA IGREJA DOS PORTUGUESES, E NA OCASIÃO EM QUE O MARQUÊS DAS MINAS, EMBAIXADOR EXTRAORDINÁRIO DO PRÍNCIPE NOSSO SENHOR, FEZ A EMBAIXADA DE OBEDIÊNCIA À SANTIDADE DE CLEMENTE X.

*Vos estis lux mundi.*<sup>1</sup>

§I

*Um português italiano e um italiano português celebra hoje Itália e Portugal. Como o sol, Santo Antônio nasce em uma parte e sepulta-se em outra. O que vê a Itália em Pádua, e o que vê em Lisboa Portugal. Argumento: Santo Antônio foi luz do mundo porque foi verdadeiro português, e foi verdadeiro português porque foi luz do mundo.*

133. A um português italiano e a um italiano português, celebra hoje Itália e Portugal. Portugal a Santo Antônio de Lisboa: Itália a Santo Antônio de Pádua. De Lisboa, porque lhe deu o nascimento; de Pádua, porque lhe deu a sepultura. Assim foi, mas eu cuidava que não havia de ser assim. José, o prodigioso, José, o que tanto cresceu fora de sua pátria, mandou que seu corpo fosse levado a ela, e não ficasse no Egito. Em Egito obrou as maravilhas, em Egito recebeu as adorações, mas não quis que descansassem os seus ossos na terra onde reinara, senão na terra onde nascera. Quis que conhecesse a sua pátria que estimava mais a natureza que as fortunas. Antes quis uma sepultura rasa, em sete

---

<sup>1</sup> Vós sois a luz do mundo (Mt. 5, 14).

pés da terra própria, que os mausoléus e as pirâmides egípcias na estranha. Assim cuidava eu que à lei de bom português devia fazer também Santo Antônio, mas quando por parte da pátria me queria queixar do seu amor, atalhou-me o Evangelho com a sua obrigação: *Vos estis lux mundi*. Reparai, diz o evangelista, que Antônio foi luz do mundo. Foi luz do mundo? Não tem logo que se queixar Portugal. Se Antônio não nascera para sol, tivera a sepultura onde teve o nascimento; mas como Deus o criou para luz do mundo, nascer em uma parte, e sepultar-se na outra, é obrigação do sol. Profetizando malaquias o nascimento de Cristo, diz que nasceria como sol de justiça: *Orietur vobis sol justitiae* (Mal. 4,2). E que fez Cristo como sol, e como justo? Como sol, mudou os horizontes; como justo, deu a cada um o seu. Como sol mudou os horizontes, porque nasceu num lugar e morreu noutro; como justo deu a cada um o seu, porque a Belém honrou com o berço, a Jerusalém com o sepulcro. Assim também Antônio. Se Lisboa foi a aurora do seu oriente, seja Pádua a sepultura do seu ocaso.

134. Levante Pádua glorioso mausoléu às sagradas relíquias de Antônio, e veja-se esculpida nas quatro fachadas dele a obediência dos quatro elementos sujeitos a seu império. A terra com os animais prostrados, o mar com os peixes ouvintes, o ar com as tempestades suspensas, o fogo com os incêndios parados. Pendurem-se nas pirâmides por troféus os despojos inumeráveis de sua beneficência: as bandeiras dos vencedores, as âncoras dos naufragantes, as cadeias dos cativos, as mortalhas dos ressuscitados, e dos enfermos de todas as enfermidades, os votos. Dispa-se a fama para fazer cortinas a este sacrário, bordadas — como fazia a antigüidade — de olhos, de línguas e de orelhas. Das orelhas, com que deu ouvidos a tantos surdos; dos olhos, com que restituiu a vista a tantos cegos; das línguas, com que desimpediu a fala a tantos mudos. E por alma de todo este corpo milagroso, veja-se — como hoje se vê — e adore-se em custódia de Cristal a mesma língua de Antônio, depois da morte, viva, antes da ressurreição, ressuscitada, apesar da terra, incorrupta, apesar das cinzas, inteira, apesar da sepultura, imortal, e apesar dos tempos, eterna.

135. Isto é o que vê Itália em Pádua. E em Lisboa, que vê Portugal e o mundo? Não se vêem ali muitos milagres: vê-se ali um só milagre; não se vêem os milagres do santo; vê-se o milagre dos santos. Vê-se Antônio sobre os altares, com as mãos carregadas de memoriais, como primeiro valido de Deus, e como bom valido, despachados logo. Vê-se a casa onde nasceu, convertida e consagrada com magnificência real em suntuoso templo, e vê-se, com religiosa razão de estado, fundado sobre as abóbadas do mesmo templo, o Capitólio ou Senado daquela triunfante cidade, daquela cidade, digo, que, depois de pôr freio ao nunca domado oceano, descobriu, conquistou e sujeitou, e uniu à Igreja Romana aqueles vastíssimos membros do corpo do mundo, de que Roma já se chamava a cabeça, mas ainda o não era.

136. Neste templo e naquele sepulcro se vê dividido Antônio entre Portugal e Itália;

nestes dois horizontes tão distantes se vê dividida a luz do mundo entre Pádua e Lisboa. Gloriosa Pádua, porque pode dizer: Aqui jaz. Gloriosa Lisboa, porque pode dizer: Aqui nasceu. Mas qual das duas mais gloriosa? Não quero decidir a questão: dividi-la sim. Fiquem as glórias de S. Antônio de Pádua para a eloquência elegantíssima dos oradores de Itália. E eu, que me devo acomodar ao lugar e ao auditório, só falarei hoje de S. Antônio de Lisboa.

137. Para louvor, pois, do santo português, e para honra e doutrina dos portugueses que o celebramos, reduzindo estes dois intentos a um só assunto, e fundando tudo nas palavras do Evangelho: *vos estis lux mundi*, será o argumento do meu discurso esse: que Santo Antônio foi luz do mundo porque foi verdadeiro português, e que foi verdadeiro português porque foi luz do mundo. Declaro-me: bem pudera Santo Antônio ser luz do mundo, sendo de outra nação, mas, uma vez que nasceu português, não fora verdadeiro português, se não fora luz do mundo, porque o ser luz do mundo nos outros homens é só privilégio da graça; nos portugueses é também obrigação da natureza. Isto é o que hoje hão de ouvir os portugueses de si e do seu português. *Ave Maria*.

## § II

*Ser luz do mundo, graça universal da nação portuguesa. Portugal, único reino do mundo fundado e instituído por Deus. A instituição da Igreja em S. Pedro, e a instituição do Reino de Portugal em D. Afonso Henriques. El-rei D. Afonso Henriques e Gedeão. O nome de Pedro e o nome dos portugueses.*

*Vos estis lux mundi.*

138. Fala Cristo nestas palavras com os apóstolos, e neles com todos seus sucessores, os varões apostólicos. E porque a obrigação do ofício apostólico é alumiar o mundo com a luz do Evangelho, por isso lhes dá Cristo por título o mesmo caráter da sua obrigação, chamando-lhes luz do mundo: *Vos estis lux mundi*. Esta prerrogativa tão gloriosa, que nas outras nações é graça particular das pessoas, nos portugueses não só é particular das pessoas, senão universal de toda a nação. A Pedro e a João disse Cristo que eram luz do mundo, mas, ainda que Pedro e João eram galileus, não o disse a toda Galiléia. A Basílio e Atanásio disse Cristo que eram luz do mundo, mas, ainda que Basílio e Atanásio eram gregos, não o disse a toda Grécia. A Cipriano e Agostinho disse Cristo que eram luz do mundo, mas, ainda que Cipriano e Agostinho eram africanos, não o disse a toda a África. A Antônio, porém, disse Cristo que era luz do mundo, e não só o disse a Antônio, que era português, senão também a todos os portugueses. E qual é, ou qual pode

ser a razão desta diferença tão notável? A razão é porque os outros homens, por instituição divina, têm só obrigação de ser católicos: o português tem obrigação de ser católico e de ser apostólico; os outros cristãos têm obrigação de crer a fé: o português tem obrigação de a crer, e mais de a propagar. E quem diz isto? São Jerônimo ou Santo Ambrósio? Não: o mesmo Cristo, que disse: *Vos estis lux mundi*.

139. É glória singular do Reino de Portugal que só ele, entre todos os do mundo, foi fundado e instituído por Deus. Bem sei que o Reino de Israel também foi feito por Deus, mas foi feito por Deus só permissivamente, e muito contra sua vontade, porque teimaram os israelitas a ter rei, como as outras nações; porém o Reino de Portugal, quando Cristo o fundou e instituiu, aparecendo a el-rei — que ainda o não era — Dom Afonso Henriques, a primeira palavra que lhe disse foi: *Volo: quero*.<sup>2</sup> Como o Reino de Portugal havia de ser tão filho da Igreja Católica, e lhe havia de fazer no mundo tão relevantes serviços, quis Cristo que a sua instituição fosse muito semelhante à da mesma Igreja. A S. Pedro disse Cristo: *Tu es Petrus, et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam*<sup>3</sup>; a D. Afonso disse Cristo: *Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire*. A Pedro disse: Quero fundar em ti uma Igreja, não tua, senão minha: *Ecclesiam meam*. A Afonso disse: Quero fundar em ti um império, não para ti, senão para mim: *Imperium mihi*. A Pedro, na instituição da Igreja, não disse: *In te, et in semine tuo*, porque, como o império da Igreja era universal sobre todas as nações do mundo, quis que todas as nações tivessem direito à eleição da tiara: o hebreu, como Pedro, o grego, como Anacleto, o romano, como Gregório, o alemão, como Vítor, o francês, como Martinho, o espanhol, como Calixto, o português, como Dámaso. Mas na instituição do Reino de Portugal disse Cristo: *In te, et in semine tuo*, porque como era, reino particular de uma só nação, quis que fosse hereditário e não eletivo, para que se continuasse na sucessão e descendência do mesmo sangue. E por que tudo isto, e para quê?

140. Não para o fim político, que é comum a todos os reinos e a todas as nações, senão para o fim apostólico, que é particular deste reino e desta nação. O mesmo Cristo o disse nas palavras com que o instituiu: *Ut deseratur nomen meum in exteris gentes*: para que, por meio dos portugueses, seja levado meu nome às gentes estranhas. — Ainda então não sabia o mundo que gentes estranhas fossem estas, mas daí a 400 anos, quando também o mundo se conheceu a si mesmo, então o soube. Vede se foi instituição Apostólica. De S. Paulo disse Cristo: *Ut portet nomen meum coram gentibus*;<sup>4</sup> dos portugueses disse o mesmo Cristo: *Ut deseratur nomen meum in exteris gentes*. Aos apóstolos disse Cristo: *Videte regiones, quia alba sunt ad messem*;<sup>5</sup> e aos portugueses disse o mesmo Cristo: *Ut sint messorum mei in terris longinquis*.<sup>6</sup> E notai que disse nomeadamente *messorum*: sega-

<sup>2</sup> *Ex. Alfons, juram.*

<sup>3</sup> Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mt. 16, 18).

<sup>4</sup> Para levar o meu nome diante das gentes (At. 9,15).

<sup>5</sup> Olhai para essas terras que já estão branquejando próximas às ceifas (Jo. 4, 35).

<sup>6</sup> Para que sejam meus segadores em terras longínquas (Lc. 24.35).

dores, porque se havia de servir também do seu braço e do seu ferro. Quando Cristo apareceu a el-rei D. Afonso, estava ele na sua tenda lendo a história de Gedeão, não só com um, mas com dois mistérios: Primeiro, para que o rei não desconfiasse da promessa, vendo que os seus portugueses eram poucos. Segundo, para que os mesmos portugueses entendessem que, como soldados de Gedeão, em uma mão haviam de levar a trombeta, e na outra mão a luz (Jz. 7, 20). A Pedro chamou-lhe Cristo *Cephas*: pedra (Jo. 1, 42), em significação do que havia de ser; os portugueses primeiro se chamaram Tubales, de Tubal, que quer dizer mundanos, e depois chamaram-se lusitanos; lusitanos, para que trouxessem no nome a luz: mundanos para que trouxessem no nome o mundo, porque Deus os havia de escolher para luz do mundo: *Vos estis lux mundi*.

### §III

*Os cinco movimentos particulares da luz de Santo Antônio. Primeiro: mudar de religião: Por que deixou S. Antônio a S. Agostinho para seguir S. Francisco? As sagradas quinas, brasão e armas de Portugal. As quatro chagas dos cravos e a incredulidade de S. Tomé. As cinco pedras de Davi e as cinco chagas de Cristo.*

141. Suposta esta verdade tão autêntica, para que vejamos distintamente quão bem se desempenhou Santo Antônio da obrigação de verdadeiro português, e do título de luz do mundo, considero eu na sua luz cinco movimentos muito particulares: 1. mudar de religião; 2. deixar a pátria; 3. embarcar-se e meter-se no mar; 4. dedicar-se a vida à conversão dos infiéis; 5. Vir a Roma, onde estamos, e dar obediência ao Vigário de Cristo, como Portugal lha deu agora solenemente, e com tanta solenidade. Parecem muitos os movimentos, mas como são de luz, serão breves.

142. Não há coisa que mais pareça contrária à santidade que a mudança da vocação. Santo Antônio era religioso da sagrada Ordem de Santo Agostinho: ali se graduou de luz, e ali havia de ser. Pois por que muda de hábito e de profissão? Se o fez pela clausura de cônego regrante, para sair, como luz, ao mundo, passara-se aos eremitas, debaixo da mesma regra de Santo Agostinho. Por que deixa logo o seu patriarca, e entre todos os patriarcas escolhe a S. Francisco? Porque era português, e resoluta a alumiar o mundo, havia de ser debaixo das quinas de Portugal, debaixo da bandeira das cinco chagas. O mesmo Santo Agostinho, seu padre, chamou as chagas de Cristo bandeiras de luz: *Fulgentia redemptionis vexilla*. É como entre todos os patriarcas, entre todos os generais da Igreja militante, só Francisco levava diante a bandeira das cinco chagas, só debaixo desta bandeira se devia alistar Antônio, como português e como luz do mundo: como português, para seguir as sagradas quinas; como luz do mundo, para alumiar com elas aos infiéis.

143. Infiel estava Tomé, e tão incredulamente infiel que dizia e protestava: *Nisi*

*videro fixuram clavo-rum, et mittam manum meam in latus ejus, non credam* (Jo. 20,25): Se não vir as chagas dos cravos, e não meter a mão na chaga do lado, não hei de crer. — Aqui reparo. Para crer e para fazer fé, bastam duas testemunhas; as chagas dos cravos eram quatro; pois por que se não contenta Tomé com as chagas dos cravos, por que pede também a do lado para crer? Porque as chagas dos lados, ainda que eram chagas, não eram quinas: eram quatro, não eram cinco. E para converter infieis, para os render e reduzir a crer, hão de concorrer todas as cinco chagas. Tertuliano: *Omnibus divinitatis Christi probationibus instrutus, dixit: Dominos meus, et Deus meus.*<sup>7</sup> Reduziu-se a infidelidade de Tomé, e rendeu-se à virtude e eficácia das chagas de Cristo? Sim. Mas notai diz Tertuliano — que não se rendeu a parte delas, senão a todas: *Omnibus*. Crerás, Tomé, se vires as chagas das mãos de Cristo? *Non credam*. Crerás, Tomé, se vires as chagas das mãos e as dos pés? *Non credam*. E se vires as duas dos pés e as duas das mãos, e também a quinta do lado, crerás? Então sim: *Dominus meus, et Deus meus*. Assim se rendeu a infidelidade de Tomé, e assim se rendeu e se havia de render a do mundo.

144. Por isso disse judiciosamente S. Pedro Crisólogo que a instância de Tomé em pedir as cinco chagas não só foi incredulidade, senão profecia: *Prophetia sane magis, quam cunctatio fuit*. Muitas coisas profetizou S. Tomé na Índia, dos portugueses, mas esta profecia foi o cumprimento de todas: Que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes em virtude das cinco chagas de Cristo; que havia de ser conquistada a infidelidade das gentes, não pelas armas dos portugueses, senão pelas Armas de Portugal. Deu-nos Cristo por armas e por brasão as sagradas quinas, e essas quinas foram as nossas armas. Quando os filhos de Israel saíram do Egito para a conquista da terra de promessa, saíram sem armas, porque lhas vedavam e proibiam os egípcios; e contudo diz o texto que saíram armados: *Armati ascenderunt filii Israel de terra Aegypti*. Pois se saíram sem armas, como diz a Escritura que saíram armados? Milagrosamente o original hebreu: *Ascenderunt filii Israel armati: ascenderunt filii Israel quini et quini* (Êx. 13, 8). Diz que saíram armados, porque saíram, misteriosamente, cinco e cinco. E como saíram cinco e cinco: *quini et quini*, estas quinas lhes servirão de armas: *Ascenderunt quini et quini: ascenderunt armati*. Estas foram as armas com que os hebreus conquistaram a Terra de Promissão, estas foram as armas com que os portugueses conquistaram o mundo novo, e estas foram as armas com que S. Antônio conquistou, alumiou e renovou o velho. Oh! soberano Davi, menor, vestido de saial, e vencedor do gigante, em virtude das sagradas quinas!

145. Quando Davi, entre os irmãos o menor, houve de sair contra o gigante, que fez? Despe as armas de Saul, veste-se do seu saial, vai-se ao rio, escolhe cinco pedras, e sai: *Elegit sibi quinque limpidissimos lapides de torrente* (1 Rs. 17, 40). Para o tiro bastava uma só pedra, como bastou. Pois, se bastava uma só, por que leva cinco Davi? Porque, ainda que uma só bastava para o golpe, eram necessárias todas cinco para o mistério.

<sup>7</sup> Convencido por todas as provas da divindade de Cristo, disse: Meu Senhor e meu Deus.

Aquelas cinco pedras eram as cinco chagas de Cristo; a torrente de que as tirou lavadas era a torrente do seu sangue. E para um homem ou um moço tão pequeno, derrubar um gigante tão grande, só na virtude das cinco chagas podia ser. Dispa logo Antônio as armas de Agostinho, vista-se do saial de Francisco, e, com as sagradas quinas diante, saia seguro e confiado o menor, que ele vencerá o gigante. Estava uma vez pregando Santo Antônio; eis que aparece junto a ele S. Francisco com os braços em cruz, mostrando as chagas. Francisco era o Moisés, Antônio era o Josué; Francisco sustentava a bandeira, Antônio meneava as armas; Francisco arvorava as quinas, Antônio alcançava as vitórias. No corpo de Francisco estava cintilando a constelação das cinco estrelas fixas, e pela boca de Antônio saíam os raios e as influências da luz, que confundia e alumiava o mundo: *Vos estis lux mundi.*

## §IV

*Segundo movimento da luz: deixar a pátria. Sem sair, ninguém pode ser grande. Os dois empregos que Cristo fez dos trinta dinheiros por que foi vendido. Como pudera Santo Antônio ser luz do mundo se não saíra de Portugal? Portugal seminário de fé e de luz.*

146. E se Antônio era luz do mundo, como não havia de sair da pátria? Este foi o segundo movimento. Saiu como luz do mundo, e saiu como português. Sem sair, ninguém pode ser grande: *Egredere de terra tua, et faciam te in gentem magnam*,<sup>8</sup> disse Deus, ao pai da fé. Saiu para ser grande, e, porque era grande, saiu. Ao quinto dia do mundo, criou Deus no elemento da água as aves e os peixes. E que fizeram uns e outros? Os peixes, como frios e sem asas, deixaram-se ficar onde nasceram; as aves, como alentadas e generosas, mudaram elemento. Assim o fez o grande espírito de Antônio, e assim era obrigado a o fazer, porque nasceu português. Uma coisa em que há muito tempo tenho reparado são os dois empregos que Cristo fez dos trinta dinheiros por que foi vendido. O primeiro emprego foi comprar um campo para enterro de peregrinos: *Emerunt ex eis agrum figuli in sepulturam peregrinorum*.<sup>9</sup> O segundo emprego foi esmaltar com os mesmos trinta dinheiros o escudo das armas de Portugal: *Ex pretio quo ego genus humanum emi, et quo a judaeis emptus sum, insigne tuum compones*.<sup>10</sup> Notáveis empregos! E que proporção tem o escudo de Portugal com o enterro dos peregrinos, para que o preço de um seja esmalte do outro? Grande proporção. Quis Cristo que o preço da sepultura dos peregrinos fosse o esmalte das armas dos portugueses, para que entendêssemos que o brasão de nascer português era obrigação de morrer peregrino. Com as armas nos obrigou Cristo a peregrinar, e com a sepultura nos empenhou a morrer. Mas, se nos deu o brasão, que nos havia de levar da pátria, também nos deu a terra, que nos havia de cobrir fora dela. Nascer pequeno e morrer grande é chegar a ser homem. Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas terras para a sepultura. Para nascer, pouca terra, para morrer, toda a terra; para nascer, Portugal, para morrer, o mundo. Perguntai a vossos avós quantos saíram e quão poucos tornaram? Mas estes são os ossos de que mais se deve prezar vosso sangue.

147. Funda-se esta pensão de sair da pátria na obrigação de ser luz do mundo. Como pudera Santo Antônio ser luz de França e de Itália, se não saíra de Portugal? Para Abraão levar a fé à Palestina, houve de sair de Caldéia; para Cristo derrubar os ídolos do Egito, houve de sair de Nazaré: ambos desterrados da pátria, mas ambos, como luz, desterrando trevas. Não se pode plantar a fé sem se transplantarem os que a semeiam. Não debalde disse Cristo: *Pater meus agricola est*.<sup>11</sup> Houve-se Deus, com os portugueses, como

<sup>8</sup> Sai da tua terra, e eu te farei pai de um grande povo (Gên. 12,1).

<sup>9</sup> Compraram com ele o campo de um oleiro, para servir de cemitério aos forasteiros (Mt. 27,7).

<sup>10</sup> Compõe o teu brasão com o preço pelo qual comprei o gênero humano, e pelo qual me compraram os judeus.

<sup>11</sup> O meu Pai é o agricultor (Jo. 15,1).



agricultor de luzes. Semeia o agricultor em pouca terra o que depois há de dispor em muita. Pouca terra era Portugal, mas ali fez Deus um seminário de luz para a transplantar pelo mundo. Criou Deus a luz no primeiro dia; passou o segundo, passou o terceiro, e ao quarto dia, dividindo aquela mesma luz que tinha criado, formou dela o sol, a lua, e as estrelas, e repartiu-as por todo o firmamento. Pergunto: e esses planetas, esses astros, esses signos e essas constelações, por que as não formou Deus logo no primeiro dia, senão depois? O mistério foi, diz S. Basílio, porque quis o supremo artífice do universo debuxar no rascunho da natureza a traça que havia de seguir nas obras da graça. É o que vimos na conversão do mundo novo. Assim como a luz material primeiro a criou Deus junta em um lugar, e depois a repartiu dali por todas as regiões do céu e sobre todas as da terra, umas estrelas ao Pólo Ártico, outras ao Antártico, umas ao Norte, outras ao Sul, umas ao Setentrião, outras ao Meio-Dia, assim, para alumiar o Novo Mundo, que tantos séculos havia de estar às escuras, sem ser conhecido dos homens nem ter conhecimento do verdadeiro Deus, que fez o autor da graça? Criou primeiro e conservou separado em Portugal aquele seminário escolhido de fé e de luz, para que dali, dividida e repartida a seu tempo, umas luzes fossem alumiar a África, outras a Ásia, outras a América, umas ao Brasil, outras a Etiópia, outras a Índia, outras ao Mogor, outras ao Japão, outras à China, e desta maneira, transplantada de Portugal, a fé se plantasse nas três partes do mundo.

148. É verdade que Portugal era um cantinho, ou um canteirinho da Europa, mas neste cantinho de terra pura e mimosa de Deus: *Fide purum, et pietate dilectum*, nesse cantinho quis o céu depositar a fé que dali se havia de derivar a todas estas vastíssimas terras, introduzida com tanto valor, cultivada com tanto trabalho, regada com tanto sangue, recolhida com tantos suores, e metida finalmente nos seleiros da Igreja, debaixo das chaves de Pedro, com tanta glória. Medindo-se Portugal consigo mesmo, e reconhecendo-se tão pequeno à vista de uma empresa tão imensa, poderá dizer o que disse Jeremias, quando Deus o escolheu para profeta das gentes: *Et prophetam in gentibus dedi te.*<sup>12</sup> E que disse Jeremias? *Et dixit: A, A, A, Domine Deus, quia puer ego sum* (Jer. 1,6): Ah! Ah! Ah! Deus meu, onde me mandais, que sou muito pequeno para tamanha empresa. — O mesmo pudera dizer Portugal. Mas tirando-lhe Deus da boca estes três AAA, ao primeiro A, escreveu África, ao segundo A escreveu Ásia, ao terceiro A escreveu América, sujeitando todas três a seu império, como Senhor, e à sua doutrina, como luz: *Vos estis lux mundi*.

## §V

*Terceiro movimento da luz: embarcar-se e meter-se no mar. Santo Antônio caminha do poente para o levante mostrando o caminho aos portugueses. O caminho do mar, aberto por Deus aos portugueses, e por eles às outras nações. As naus portuguesas, os*

<sup>12</sup> E te estabeleci profeta entre as gentes (Jer. 1, 5).

*carros do sol de que fala Habacuc. O profeta Isaías e os antípodas. Os portugueses chegam com as naus onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento. Somente um homem passou o Cabo de Boa Esperança antes dos portugueses: Jonas, no ventre da baleia.*

149. Mas como Santo Antônio — já imos no terceiro movimento — como Santo Antônio era a primeira luz destas luzes, ela foi também a que lhes abriu e mostrou o caminho, saindo do poente para o levante. Não é este o curso do sol; porém assim havia de ser, porque era Antônio sol que levava a saúde nas asas: *Et sanitas in pennis ejus* (Mal. 4,2). Pediu el-rei Ezequias a Deus que lhe segurasse a saúde em um sinal do sol. E qual foi o sinal? Que o sol trocasse a carreira, e não caminhasse do oriente para o ocaso, senão do ocaso para o oriente. Assim Antônio, e assim os portugueses. Ele do poente para levante, eles do ocaso para o oriente, porque levavam na luz a saúde do mundo. E porque o sol, quando desce a alumiar os antípodas, mete o carro no mar e banha os cavalos nas ondas, para que assim o fizessem também os portugueses, deixa Antônio a terra, engolfa-se no Oceano, e começa a navegar, levando o pensamento e a proa na África, que também foi a primeira derrota e a primeira ousadia dos nossos argonautas.

150. Mas por que a frase dos cavalos e carro do sol metidos no mar não pareça poética e fabulosa, ouçamo-la ao profeta Habacuc, que, com novo e levantado estilo, o cantou assim no capítulo terceiro: *Viam fecisti in mari equis tuis, et quadrigae tuae salvatio*<sup>13</sup>: Vós Senhor — diz o profeta — fizestes o caminho pelo mar aos vossos cavalos e às vossas carroças da salvação. — Carroças da salvação e cavalos que caminham pelo mar? Que carroças e que cavalos são estes? *Portugallenses in suis navigationibus et conversionibus*, disse Genebrardo.<sup>14</sup> Mas ouçamos antes o mesmo texto. Primeiramente diz o profeta que Deus é o que lhes fez este caminho pelo mar: *Viam fecisti in mari equis tuis*, porque o caminho que fizeram os portugueses era caminho que ainda não estava feito. Por mares nunca dantes navegados. Deus abriu o caminho aos portugueses, e os portugueses o abriram às outras nações. Mareavam sem carta, porque eles haviam de fazer a carta de marear. As suas vitórias arrumaram as terras, os seus perigos descobriram os baixos, a sua experiência compassou as alturas, a sua resistência examinou as correntes. Navegavam sem carta nem roteiro, por novos mares, por novos climas, com ventos novos, com céus novos e com estrelas novas, mas nunca perderam o tino nem a derrota, porque Deus era o que mandava a via: *Viam fecisti in mari equis tuis*. Estes eram os cavalos intrépidos e generosos. E as carroças da salvação, quais eram? Eram aquelas cidades nadantes, aqueles

<sup>13</sup> Na Vulgata: *Qui ascendes super equos tuos, et quadrigae tuae salvatio*: Tu, que montarás sobre os teus cavalos, e as tuas carroças são a nossa salvação (Hab. 3, 8). No versículo 15 porém, lê-se: *Viam fecisti in mari equis tuis, in luto aquarum multarum*: Tu abriste um caminho aos teus cavalos no mar, ao través do lado que se acha no fundo das grandes águas (Hab. 3,15).

<sup>14</sup> Os portugueses em suas navegações e conversões.

potentíssimos vasos da primeira navegação do Oriente, a que os estrangeiros, com pouca diferença de carroças, chamaram carracas. E chama-lhes o profeta carroças de salvação: *Quadrigae tuae salvatio*, porque, da quilha ao tope, isto é o que levavam. Levavam por lastro os padrões da Igreja, e talvez as mesmas igrejas em peças, para lá se fabricarem. Levavam nas bandeiras as chagas de Cristo, nas antenas a cruz, na agulha a fé, nas âncoras a esperança, no leme a caridade, no farol a luz do Evangelho, e em tudo a salvação: *Et quadrigae tuae salvatio*. Desta maneira entraram pelo mar dentro aqueles novos carros do sol, para levar a luz aos antípodas. Assim o disse, falando à letra dos portugueses, o profeta Isaías. Não é a exposição minha, nem de nenhum português; é de Vatablo, de Cornélio, de Maluenda, de Tomás Bósio, e outros: *Ite Angeli veloces ad gentem expectantem, expectantem, ad gentem conculcatam*<sup>15</sup>: Ide depressa, portugueses, ide depressa, embaixadores do céu, levai a luz do Evangelho a essa gente, que há mil e quinhentos anos que está esperando: *Ad gentem expectantem, expectantem*. Ide, levai a luz do Evangelho a essa gente pisada: *Ad gentem conculcatam*. Gente pisada? *Gentem conculcatam*? E qual é a gente pisada? Não a busqueis, que está muito longe. São os antípodas, que vivem lá debaixo dos nossos pés; eles vivem lá embaixo, e os nossos pés andam cá pisando por cima. Tão elegantemente o disse Isaías, como profeta de corte.

152. Santo Agostinho teve para si que não havia antípodas. E diz assim no livro 26, *De Civitate Dei: Absurdum est, ut dicatur homines aliquos ex hac in illam partem, trajecta Oceani immensitate, navigare et pervenire potuisse, ut etiam illis, ex uno illo primo homine, genus institueretur humanum*. Se há tais homens, argumentava Agostinho, são filhos de Adão; se são filhos de Adão, passaram destas partes àquelas navegando e atravessando a imensidade do Oceano; tal passagem e tal navegação é impossível: logo, não há tais homens. — Grande glória, Antônio, da vossa nação, que chegassem os portugueses a dar fundo com as âncoras onde Santo Agostinho não achou fundo como entendimento; que chegassem os portugueses a fazer possível como valor o que no maior entendimento era impossível. Por isso Isaías lhes mandou mais que homens: *Ite Angeli veloces*. Um só homem passou o Cabo de Boa Esperança antes dos portugueses. E qual foi, e como? Jonas no ventre da baleia. Desembocou a baleia o Mediterrâneo, porque não tinha outro caminho, tomou a costa da África à mão esquerda, dobrou o Cabo de Boa Esperança, correu a Etiópia, passou a Arábia, entrou o sino Pérsico, aportou às praias de Nínive, no Eufrates, e, fazendo da língua prancha, pôs o profeta em terra: *In profundum projectus est, exceptusque a ceto marino monstro, ac devoratus post triduum fere. Ninivitarum littoribus ejectus, jussa praedicat*: diz Sulpício Severo, no livro I da História Sagrada<sup>16</sup>.

153. Mas por que fez o profeta esta viagem por debaixo do mar, dentro em uma

<sup>15</sup> Ide, anjos velozes, a uma gente que está esperando, e é pisada dos pés (Is. 18,2).

<sup>16</sup> Jogado ao mar, e devorado pela baleia, depois de três dias foi lançado nas praias ninivitas, pondo-se a pregar o que lhe fora mandado.

baleia; por que a não fez por cima da água, no mesmo navio em que navegava? Porque este milagre do valor, e esta vitória da natureza, não era para os mareantes de Tiro: tinha-o Deus guardado para os argonautas do Tejo. O Tejo era o que havia de dominar o mar; o Tejo era o que havia de triunfar das ondas e dos ventos; o Tejo era o que havia de tirar o tridente das mãos ao Oceano, para o pôr, reverente, aos pés do Tibre. Faltavam-lhe ao anel de pescados quase as três partes do círculo, e essas lhe perfez o Tejo como ouro das suas areias. Muito me engano eu, se o não cantou Davi: *Dominabitur a mari usque ad mare, et aflumine usque ad terminos orbis terrarum* (Sl.71,8). Dominará a Igreja de mar a mar, e do rio: *aflumine*, até os últimos fins da terra. — E qual é o rio que de fim a fim está contraposto aos fins da terra? É o rio de Lisboa, o Tejo. Do rio de Lisboa saiu Antônio, e, derrotado da tempestade, foi aportar à Itália para ser luz da Europa. Do rio de Lisboa saíram os portugueses, e, medindo a África, descobrindo a América, chegaram com a luz do Evangelho até os fins da Ásia, para que, alumando Antônio a melhor parte do mundo, e alumando os outros portugueses as três maiores partes, na união de todas quatro se devesse inteiramente ao nome português o título de luz do mundo: *Vos estis lux mundi*.

## §VI

*Quarto e quinto movimento da luz: dedicar-se à conversão dos infiéis, e vir a Roma dar obediência ao Vigário de Cristo. Como o ofício do sol é perseguir as trevas, assim também os portugueses aos infiéis. Para os católicos o escudo, para os infiéis a espada. O ferro português e a lança que abriu o lado de Cristo morto. O maior título de Portugal: filho obedientíssimo da Sede Apostólica.*

154. Não se dedicou Antônio — este era o quarto movimento, mas por abreviar o ajuntarei com o último — não se dedicou Antônio à Cristandade, porque são homens com luz; aos infiéis o levava o seu espírito, porque era espírito português. Glória singular é de Portugal, que nem no Reino, nem em toda a Monarquia domine um só palmo de terra que não fosse conquistada a infiéis. Tudo quanto dominou a luz neste mundo foi conquistado às trevas, porque elas o possuíam primeiro: *Tenebrae erant super faciem abyssi, et dixit Deus: Fiat lux. Et facta est lux*<sup>17</sup>. E, assim como o ofício do sol é ir sempre seguindo e perseguindo as trevas e lançando-as fora do mundo, assim também os portugueses aos infiéis. Estava Portugal pela desgraça universal de Espanha ocupada de maometanos; e que fizeram os portugueses? Do Minho os lançaram além do Douro, do Douro à Estremadura, da Estremadura a Além do Tejo, de Além do Tejo ao Algarve, do Algarve às Costas de África, e ali os foram sempre seguindo e conquistando, até que o peso das armas se passou às conquistas da gentildade, onde fizeram o mesmo. Sempre como soldados de Cristo,

<sup>17</sup> As trevas cobriam a face do abismo e disse Deus: Faça-se a luz. E foi feita a luz (Gên. 1, 2, 3).

pela fé e contra infiéis.

155. É verdade que algumas vezes tiveram guerra os portugueses contra católicos, mas guerra defensiva somente, nunca ofensiva. Tem Portugal para os católicos o escudo, para os infiéis a espada. A S. Pedro, que era cabeça dos fiéis, disse-lhe Cristo, que metesse a espada na bainha; a S. Paulo, que era conquistador da gentildade, meteu-lhe na mão a espada. Para os infiéis a espada sempre nua; para os fiéis, na bainha. Com os católicos paz, com os infiéis perpétua guerra. Santo Antônio meneou as armas da sua milícia na Itália e na França, mas estes raios da sua luz foram reflexos. Os direitos iam à África, os reflexos foram à Europa. Mas ainda aí, notai, não se chamou Antônio martelo dos vícios, senão martelo das heresias: *Perpetuus haereticorum malleus*, porque os vícios acham-se também nos católicos; as heresias, só nos infiéis. Por isso Deus, para formar este martelo, foi buscar o ferro às minas de Portugal, porque a dureza natural do ferro português é para quebrantar e converter infiéis.

156. É o ferro português como o ferro da lança que abriu o lado de Cristo: tirou primeiro sangue, e depois água: *Exivit sanguis et aqua* (Jo. 19,34). O sangue para vencer, a água para batizar os vencidos. Mas qual foi a razão ou o mistério porque o soldado não deu a lançada no corpo de Cristo vivo, senão no corpo morto? Pela mesma que vou dizendo: O corpo místico de Cristo, materialmente considerado, é todo o gênero humano; os fiéis são o corpo vivo, porque é corpo informado com a fé; os infiéis são o corpo morto, porque é corpo informe. Quando recebem a fé, então recebem também a forma, e se fazem membros vivos do corpo místico de Cristo, que é a Igreja. Para isto se serviu Cristo daquele soldado e da sua lança: *Ut sibi Ecclesiam fabricaret*<sup>18</sup>, diz S. Cipriano. Foram sempre os soldados portugueses como os fabricantes do segundo templo de Jerusalém, que com uma mão pelejavam, e com a outra iam edificando. Nenhum golpe deu a sua espada que não acrescentasse mais uma pedra à Igreja. Se pelejavam, se venciam, se triunfavam, era para tirar reinos à idolatria, e sujeitá-los a Cristo, para converter as mesquitas e pagodes em templos, os ídolos em imagens sagradas, os gentios em cristãos, os bárbaros em homens, as feras em ovelhas, e para trazer essas ovelhas de terras tão remotas e em número infinito ao rebanho de Cristo e à obediência do Sumo Pastor.

157. Assim o fez Santo Antônio em Roma, lançando-se a si e a tantos heresiarcas rendidos aos pés da Santidade de Gregório IX. Assim o fez el-rei D. Manoel, pondo todo o Oriente aos pés da Santidade de Leão X. E assim o fez ultimamente o Príncipe reinante de Portugal, o muito alto e muito poderoso Senhor nosso, D. Pedro, que Deus guarde, oferecendo solenemente aos beatíssimos pés da Santidade de Clemente X, nosso Senhor, o seu Reino, a sua Monarquia toda, e na pessoa excelentíssima de seu embaixador, a sua real pessoa, como herdeiro e verdadeiro imitador de seus gloriosos progenitores. A el-rei D. Sebastião, pouco antes de dar a vida pela dilatação da fé, ofereceu a Santidade de Pio V

---

<sup>18</sup> Para edificar uma igreja para si.

que escolhesse título; e que responderia o religiosíssimo rei? Respondeu que não queria outro título, senão o de filho obedientíssimo da Sede Apostólica. Em cumprimento deste título, três sucessores continuados do mesmo rei, em espaço de vinte e oito anos, estiveram sempre oferecendo à Santa Sede a mesma obediência de filhos. E se a pública aceitação deste ato se dilatou, foi com atenção e providência paternal do Vigário de Cristo, para que, no entretanto, pudesse lograr a Igreja os repetidos exemplos de tão constante sujeição e obediência, perseverando e instando sempre o primeiro rei, o segundo e o terceiro, não só como filhos obedientes, mas como obedientíssimos filhos.

158. No filho pródigo, notou agudamente São Pedro Crisólogo que chamou pai ao pai, reconhecendo que se não devia chamar filho: *Pater, non sum dignus vocari filius tuus*.<sup>19</sup> Parece implicação. A denominação de filho funda-se na relação de filho; a denominação de pai funda-se na relação de pai, e, conforme a verdadeira filosofia, nas relações mútuas e recíprocas, quando falta uma, falta também a outra. Se falta a relação de filho, cessa a de pai; se falta a relação de pai, cessa a de filho. Pois, se da parte do pródigo faltava a relação e denominação de filho: *Non sum dignus vocari filius tuus* (Lc. 15,19), como da parte do pai não faltou a relação e denominação de pai: *Pater*? Porque essa foi a maravilha mais que natural — diz Crisólogo — que, faltando no filho a relação de filho, não faltasse no pai a relação de pai: *Ego perdidit quod filii est: tu quod patris est non amisisti*. Voltemos à semelhança. Da parte do Pai universal nunca faltaram os fundamentos próximos da relação, que eram a vontade, o afeto e paternal amor, como sempre reconheceu e experimentou Portugal. Mas que, enquanto não resultava a relação do pai, existisse sempre inteira a relação do filho? Essa foi a maravilhosa prova da verdadeira filiação. Tinha tanto de divina, que não só foi relação, mas subsistência. Assim havia de ser para qualificar Portugal, que não só era filho, mas filho obedientíssimo.

159. Bem sabe toda a Europa com quantos discursos, e ainda direitos mal-interpretados, procurou a política menos cristã tentar a obediência portuguesa em tantos anos. Mas a sua obediência obedientíssima tão longe esteve de dar ouvidos a semelhantes tentações, que nunca chegou nem ainda a ser tentada, quanto mais vencida. Quando Deus mandou a Abraão que lhe sacrificasse seu filho, diz a Escritura que tentou Deus a Abraão: *Tentavit Deus Abraham* (Gên. 22,1). Eu cuidava que neste caso o tentado havia de ser Isac. Sacrificar o pai ao filho amado, tentação era; mas que o filho se houvesse de deixar atar, e lançar-se sobre a lenha, e aguardar o golpe, e perder a vida, essa era a terrível tentação. Pois por que diz a Escritura que tentou Deus a Abraão, e não a Isac? Porque Isac era filho obedientíssimo. O amor, no pai, podia ser tentado, mas não vencido; a obediência, no filho, nem vencida nem tentada.

160. Tal foi a de Portugal. Tão longe de ser vencida, nem ainda tentada no meio de todas essas tentações que, como filho obedientíssimo, sempre esteve multiplicando

<sup>19</sup> Pai, não sou digno de ser chamado teu filho (Lc. 15,19).

obediências sobre obediências, e mandando embaixadas sobre embaixadas, tantas e por tantos modos. Nas duas primeiras, mostrou-se obediente; na terceira e na quarta, mais que obediente; na quinta e na última, obedientíssimo. Uma só vez vieram os reis do Oriente a Belém protestar a sua obediência e oferecer as coroas aos pés de Cristo. Mas como vieram? Chamados primeiro por uma estrela: *Vidimus stellam ejus, et venimus*.<sup>20</sup> A obediência de Portugal não esperou por estrela para vir, antes, vindo cinco vezes sem estrela, veio também a sexta. Mas, porque veio sem estrela seis vezes, por isso o recebeu o céu com seis estrelas<sup>21</sup>. Assim recuperou Santo Antônio à sua pátria, em um dia, o que tinha perdido e pedido em tantos anos.

## §VII

### *Agradecimento às estrelas do brasão de Clemente X.*

161. Vivam as clementíssimas estrelas eternamente: *Quasi stellae in perpetuas aeternitates*<sup>22</sup>. Vivam as clementíssimas estrelas, e permaneçam, se é concedido, sobre os anos de Pedro: *Stellae manentes in ordine et cursu suo*<sup>23</sup>, para que, debaixo destas estrelas, como a valente Débora, triunfe a Igreja do bárbaro Sisara, que tanto se vem chegando, mas para sua ruína. E se os reis do Oriente, quando lhes apareceu a estrela escondida, *gavisi sunt gaudio magno valde*<sup>24</sup>, faça extremos de prazer Portugal, adorando os clementíssimos aspectos e a divina majestade destas estrelas, que se na outra estrela é opinião que estava um anjo, nestas estrelas é fé que está Deus. Alegre-se Lisboa, e alegre-se Portugal, e agora se tenha por verdadeiramente restituído, pois se vê restituído e canonizado. Santo Antônio entrou triunfante no céu no dia de sua morte, mas os sinos de Lisboa não se repicaram milagrosamente senão no dia de sua canonização, porque não tem Portugal as suas glórias por glórias, senão quando as vê confirmadas e estabelecidas por Roma. Muitas graças a Roma, muitas graças às beatíssimas estrelas que a dominam. E pois eu lhes não posso oferecer outro tributo, quero fixar ao pé delas o meu tema: *Vos estis lux mundi*.

## SERMÃO DE S. ROQUE

### PREGADO NA CAPELA REAL, ANO DE 1659, HAVENDO PESTE NO REINO DE ALGARVE

<sup>20</sup> Nós vimos no oriente a sua estrela, e viemos (Mt. 2,2).

<sup>21</sup> As armas de Clemente X são seis estrelas.

<sup>22</sup> Como as estrelas por toda a eternidade (Dan. 12, 3).

<sup>23</sup> As estrelas, permanecendo na sua ordem e no seu curso (Jz. 5, 20).

<sup>24</sup> Ficaram possuídos de grande alegria (Mt. 2,10).

*Beati sunt servi illi, quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes: quod si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi<sup>1</sup>.*

## §I

*São Roque, servo da segunda e da terceira vigia, duas vezes bem-aventurado nas vozes do Evangelho, e quatro vezes desgraçado nos sucessos e tragédias da vida.*

162. Se há bem-aventurança nesta vida, os servos de Deus a gozam, e se há duas bem-aventuranças, também as gozam os servos de Deus, porque as gozam os que são mais seus servos. Duas diferenças de servos vigilantes introduz Cristo na parábola deste Evangelho. Há uns servos que vigiam nas horas menos dificultosas e arriscadas, ou sejam da noite ou do dia, e a estes chama o Senhor servos bem-aventurados: *Beati sunt servi illi, quos cum venerit Dominus, invenerit vigilantes*. Há outros servos que vigiam na segunda e terceira vigia da noite, que são as horas ou os quartos de maior escuro e de maior sono, de maior trabalho e de maior dificuldade, de maior perigo e de maior confiança, e a estes servos, sobre a primeira bem-aventurança, os chama o Senhor outra vez bem-aventurados: *Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi*. Aquele grande servo de Cristo, cujas gloriosas vigilâncias hoje celebramos, S. Roque, não há dúvida que foi servo da segunda e terceira vigia. Nenhum vigiou, nenhum aturou, nenhum resistiu, nenhum perseverou, nenhum esteve nunca mais alerta e com os olhos mais abertos, nem no mais alto e profundo da noite, nem em noites mais escuras e mais cerradas. Mas quando eu, segundo a regra e promessa do Evangelho, esperava ver a S. Roque duas vezes bem-aventurado por estas vigilâncias, em lugar de o ver duas vezes bem-aventurado, acho-o não só duas vezes, senão quatro vezes desgraçado. Desgraçado com os parentes, e desgraçado com os naturais; desgraçado com as enfermidades, é desgraçado com os remédios. Se as bem-aventuranças e felicidades prometidas no Evangelho foram só felicidades e bem-aventuranças da outra vida, fácil estava a soltura desta admiração; mas Cristo não promete só àqueles servos que serão bem-aventurados e felizes na outra vida, senão que o serão, antes, que o são nesta. Assim o dizem e repetem conformemente ambos os textos: *Beati sunt servi illi quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes. Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit, beati sunt servi illi*. De maneira que não diz: bem-aventurados serão, senão bem-aventurados são: *beati sunt*, a primeira vez, e *beati sunt* a segunda. Pois se os servos vigilantes, e vigilantes

---

<sup>1</sup> Bem-aventurados aqueles servos a quem o Senhor achar vigiando, quando vier; e se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília, e assim os achar, bem-aventurados são os tais servos (Lc. 12, 37 s).



da segunda e terceira vigia, são duas vezes felizes, e duas vezes bem-aventurados ainda nesta vida, como se trocou tanto esta regra ou esta fortuna em S. Roque, que, por cada felicidade que lhe promete o Evangelho, achamos nele duas infelicidades, e, por cada bem-aventurança, duas desventuras? Duas vezes bem-aventurado nas vozes do Evangelho, e quatro vezes desgraçado nos sucessos, nos encontros e nas tragédias da vida? Sim. Mas para entender e concordar aquelas promessas com estas experiências, e aquelas bem-aventuranças com estas desgraças, não basta só a luz da terra, é necessária a do céu. Peçamo-la ao Espírito Santo, por intercessão da Senhora. *Ave Maria.*

## §II

*Às vezes está a ventura em se dobrarem as desgraças. S. Roque, quatro vezes semelhante a Cristo.*

*Beati sunt, beati sunt servi illi.*

163. Às vezes está a ventura em se dobrarem as desgraças. Quando buscava o remédio a uma dúvida, fui topar com outra maior. Nas primeiras cláusulas do Evangelho manda Cristo aos que o quiserem servir sejam semelhantes aos servos que esperam por seu Senhor: *Et vos similes hominibus expectantibus dominum suum*<sup>2</sup>. E S. Roque, que tanto serviu e tanto quis servir a Cristo, que é o que fez? Em vez de se fazer semelhante aos servos, que esperam pelo Senhor, fez-se semelhante ao Senhor, por quem esperam os servos. Estes servos são os santos, este Senhor é Cristo, e, se bem repararmos na vida de S. Roque, achá-lo-emos semelhante, não aos outros santos, senão ao mesmo Cristo, e não só uma vez semelhante a Cristo, senão quatro vezes semelhante. Semelhante a Cristo nascido, semelhante a Cristo preso, semelhante a Cristo crucificado, semelhante a Cristo morto. Pois, santo singular, santo portentoso, santo que em tudo, parece, quereis ir por fora do Evangelho: se vos mandam ser semelhante aos servos quem vos fez, ou como vos fizestes semelhante ao Senhor? Esta é, como dizia, a segunda dúvida: mas nela temos respondida e desatada a primeira. Pode haver maior bem-aventurança, que chegar o servo a ser semelhante a seu Senhor? Não pode. Pois eis aqui quão gloriosamente se despintaram as desgraças de S. Roque, e se transfiguraram todas em bem-aventuranças. As desgraças de S. Roque, dizíamos que eram quatro: desgraçado com os parentes, desgraçado com os naturais, desgraçado com as enfermidades, desgraçado com os remédios. Mas como em todas estas que a natureza chama desgraças, se fez S. Roque semelhante a Cristo, pelo mesmo que o chamávamos quatro vezes desgraçado, veio ele verdadeiramente a ser quatro vezes bem-aventurado: bem-aventurado na desgraça com os parentes, porque ficou

<sup>2</sup> E sede vós outros semelhantes aos homens que esperam ao seu senhor (Lc. 12,36).

semelhante a Cristo nascido; bem-aventurado na desgraça com os naturais, porque ficou semelhante a Cristo preso; bem-aventurado na desgraça com as enfermidades, porque ficou semelhante a Cristo crucificado; bem-aventurado na desgraça com os remédios, porque ficou semelhante a Cristo morto. De sorte que, pelos mesmos extremos por onde cuidávamos que se nos saía S. Roque do Evangelho, o temos mais alta e mais gloriosamente dentro nele, e não só duas vezes bem-aventurado, senão duplicadamente duas: *Beati sunt servi illi, beati sunt*. Vamos vendo estas quatro bem-aventuranças realçadas sobre as quatro desgraças de S. Roque. E não será, ao que creio, vista desaprazível ver beatificar desgraças.

### §III

*A primeira desgraça de S. Roque: com os parentes, porque o desconheceram como estranhos. A fortuna próspera muda as feições, como no caso de José, vice-rei do Egito. Os parentes de S. Roque semelhantes aos amigos de Jó, porque a sua amizade era com a fortuna e não com a pessoa. A terrível resposta do esposo às virgens néscias. Como Cristo, veio S. Roque ao seu, e não o receberam os seus, sendo desconhecido dos homens, quando era reconhecido por um animal.*

164. A primeira desgraça de S. Roque foi com os parentes. Foi desgraçado S. Roque com os parentes, porque o desconheceram como estranho aqueles que eram seu sangue, e a quem tinha dado o seu. Herdou S. Roque de seus pais o estado de Mompilher, de que eram senhores, junto com muitas riquezas: mas o santo, com maior resolução do que prometiam seus anos, porque era muito moço, entregou o estado e os vassallos a um seu tio para que o governasse, repartiu as jóias e toda a mais fazenda aos pobres, e, pobre como um deles, se partiu peregrino à Itália, para visitar os santos lugares de Roma. Passados alguns anos, que não foram muitos, tornou S. Roque para Mompilher, no mesmo traje em que se partira, mas nem seu tio, nem algum de seus parentes o conheceram; e assim, pobre e vivendo de esmolas, passou o resto da vida peregrino dentro em sua própria pátria, necessitado no meio de suas riquezas, e desconhecido dos mesmos que eram seu sangue.

165. Ora, eu não posso deixar de espantar-me muito que os parentes e vassallos de S. Roque desconhecessem em tão pouco tempo a um mancebo ali nascido, ali criado, ali servido, ali senhor! Esta mudança e este desconhecimento, ou estava no rosto de S. Roque ou nos olhos dos que o viam. Se nos olhos, tão depressa se esquecem? Se no rosto, tão facilmente se muda? Eu digo que a mudança não estava nos olhos de quem via, senão na fortuna de quem vinha. Vinha S. Roque a Mompilher em muito diferente fortuna do que ali o viram antigamente, e não há coisa que tanto mude as feições como a fortuna. Vieram os filhos de Jacó nos sete anos de fome buscar trigo ao Egito, e, aparecendo diante de seu

irmão José, que era o vice-rei daqueles reinos, diz o texto sagrado: *Cognovit eos, et non est cognitus ab eis* (Gên. 42,8): Que José os conheceu a eles, e que eles não conheceram a José. — Notável caso! Parece que não havia de ser assim, porque os irmãos, como eram mais velhos, conheciam de mais tempo a José, porque o conheciam desde menino, idade em que ele os não podia conhecer. Os irmãos, de uma vez, foram dez, e doutra onze, e mais fácil é conhecerem muitos a um, que um a muitos; o tempo da ausência era igual, porque tanto havia que os irmãos não viam a José, como José a eles. Pois, se todas as razões de conhecimento, ou eram iguais ou maiores da parte dos irmãos, como os conheceu José a eles, e eles não conheceram a José? A razão natural é porque José tinha mudado a fortuna; seus irmãos não a tinham mudado. Os irmãos antigamente tinham sido pastores, e agora também eram pastores; José antigamente tinha sido pastor, agora era vice-rei, e, como os irmãos não tinham mudado de fortuna, não tinham mudado de parecer; porém José tinha mudado de parecer, porque tinha mudado de fortuna. Ele conhecia os irmãos, porque os irmãos eram os mesmos; os irmãos não o conheciam a ele, porque José já era outro.

166. Dificultosa coisa parece que a fortuna faça mudar as feições, mas ainda mal, porque tão provada está esta verdade na experiência de cada dia! Melhorou de fortuna o vosso maior amigo, e ao outro dia já vos olha com outros olhos, já vos ouve com outros ouvidos, já vos fala com outra linguagem: o que ontem era amor, hoje é autoridade; o que ontem era rosto, hoje é semblante. Pois, meu amigo, que mudança é esta? Quem vos trocou as feições? Que é daqueles olhos benévolos com que me vîeis? Que é daqueles ouvidos atentos com que me escutáveis? Que é daquele bom rosto com que nos víamos sempre? O que mudou de fortuna, claro está que havia de mudar de feições.

167. E se estas mudanças faz a fortuna próspera, não são menores os poderes da adversa. Restituído Jó à sua antiga fortuna depois de tantos trabalhos e calamidades, diz o texto sagrado: *Venerunt ad eum omnes amici et cognati ejus, qui cognoverunt eum prius* (Jó 42,11): Que vieram visitar a Jó todos os seus amigos e parentes que o conheceram no primeiro estado: *Qui cognoverunt eum prius*, Jó teve três estados nesta vida: o primeiro, de felicidade, o segundo, de trabalhos, o terceiro outra vez de felicidade. Pois se os amigos e parentes o conheceram no primeiro estado, porque não o conheceram, nem o buscaram no segundo? E se o não conheceram, nem buscaram no segundo, por que o conhecem e o buscam no terceiro? A razão disto não a há; a sem-razão, sim, e é esta: Porque os homens costumam conhecer nos outros não a pessoa, senão a fortuna; e como os chamados amigos e parentes de Jó conheciam nele a fortuna, e não a pessoa, por isso não buscaram a pessoa enquanto a viram necessitada, e buscaram a fortuna, tanto que a viram restituida. De sorte que os amigos de Jó, bem considerados seus procedimentos, não foram ingratos, porque a sua amizade era com a fortuna, e não com a pessoa. E como eles não faltaram à fortuna, ainda que faltaram à pessoa, não foi ingratidão. Se faltaram à pessoa, faltaram a quem não conheciam, mas à fortuna, a quem conheciam, não lhe faltaram: tanto que ela voltou,

tornaram eles. E como os homens se costumam conhecer pelas fortunas, e não pelas pessoas, que muito que seus próprios parentes, e em sua própria pátria desconhecêssem a S. Roque, pois ele, ainda que trazia a mesma pessoa, vinha em tão diferente fortuna.

168. Oh! miserável condição das coisas humanas! Miserável na fortuna adversa, e miserável na próspera. Não há fortuna que não traga consigo o desconhecimento. Se é próspera, desconheceis-vos; se é adversa, desconhecem-vos. E se a fortuna é tão enganosa que os homens se desconheçam a si, que muito que seja tão injusta, que os outros os desconheçam a eles? Só S. Roque não merecia esta ingratidão, porque, sendo que se não desconheceu a si na fortuna próspera, o desconhecera os seus na adversa. E que S. Roque entre os seus, e entre aqueles a quem dera o seu, se visse desconhecido, grande desgraça! Se os seus o conheceram e o maltrataram, ingratidão era, mas sofrível; porém, sobre maltratado, ver-se ainda desconhecido, não pode haver maior desgraça.

169. Quando o Esposo divino fechou as portas do céu às virgens que tardaram, o que respondeu às vozes e instâncias com que batiam e chamavam, foi: *Nescio vos*: Não vos conheço. Breve palavra, mas digna de grande reparo. Se lhes dissesse que as não admitia, que as não queria em seu serviço, que não entrariam mais em sua casa, e muito menos em sua graça, pois lhe tinham faltado em ocasião de tanto gosto e empenho, merecedor castigo era de tamanho descuido; mas Deus, que tudo conhece, nem pode deixar de conhecer, que lhes diga: *Nescio vos*: Não vos conheço? Levado desta admiração S. João Crisóstomo, e não lhe ocorrendo com que dar saída a tão profundo encarecimento, exclamou dizendo: *O verbum ipsa gehenna durius!* Ó palavra, *Nescio vos*, mais dura que o mesmo inferno! Fechar Deus as portas do céu a estas desgraçadas criaturas foi condená-las ao inferno, mas com ser o inferno o mais duro e mais terrível castigo que Deus dá, nem pode dar, pois é privação de sua vista, a palavra *Nescio vos* ainda foi mais dura e mais terrível. Por quê? Porque os condenados do inferno, posto que Deus os tem lançado de si para sempre, conhece-os; porém o estado em que uma miserável criatura, sobre condenada sem remédio, se veja ainda e se considere não conhecida, se há extremo de miséria, de dor e de desesperação que se possa imaginar maior que o do mesmo inferno, este é sem dúvida, e não outro: *O verbum, nescio vos, ipsa gehenna durius!*

170. Tal era o estado — quanto pode ser nesta vida — a que S. Roque chegou por amor de Cristo. Não só de condenado a cárcere perpétuo, e sem remédio — como logo veremos — mas, sobre condenado, não conhecido: *Nescio vos*. E sendo este estado pior que o do inferno, que diga o evangelista que S. Roque era contudo bem-aventurado? *Beati sunt servi illi?* Sim, porque nesta mesma desgraça foi S. Roque semelhante a Cristo nascido. E que maior bem-aventurança que parecer-se o servo com seu Senhor, em qualquer estado que seja?

171. Nasceu Cristo neste mundo com o desamparo que sabemos, e, querendo-o encarecer São João Evangelista, ponderou-o com estas palavras: *In mundo erat, et mundus*

*per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit: in propria venit, et sui eum non receperunt* (Jo. 1, 10 s): Estava no mundo, e, sendo que o mundo foi feito por ele, não o conheceu o mundo; veio à sua própria casa, e não o receberam os seus. Pois valha-me Deus, evangelista entendido, evangelista amante, se quereis ponderar as razões de dor que houve no nascimento de Cristo, não estavam ali as circunstâncias do tempo, e as do lugar? O rigor do inverno, o desabrigo do portal, a aspereza das palhas, o pobre, o humilde, o desprezado da manjedoura? E se não quereis mais que acusar o desumano dos homens, por que não ponderais a ingratidão com que não amaram a Cristo, senão a cegueira com que o não conheceram: *Et mundus eum non cognovit?* É porque Cristo, como quem tão bem sabia pesar as razões de dor, sentiu mais o ver-se desconhecido naquela hora, que o ver-se desamado. A ingratidão que desama, grande ingratidão é, mas a ingratidão que chega a desconhecer, é a maior e a mais ingrata de todas: *In mundo erat, et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* Parece que não acaba o evangelista de lhe chamar mundo: estava no mundo, e, sendo que fora feito por ele o mundo, não o conheceu o mundo. Isto é ser mundo: *Inpropria venit, et sui eum non receperunt:* Veio ao seu, e não o receberam os seus. — Por dois títulos eram seus estes que não receberam a Cristo: eram seus pelo título da criação, e seus pelo título da Encarnação; pelo título da criação, porque eram feitura sua; pelo título da Encarnação, porque eram sangue seu. E que, sendo seus por tantos títulos, e vivendo do seu e no seu, o não conhecessem? Grande ponderação do que Cristo quis sofrer aos homens, e grande também do que S. Roque soube imitar a Cristo. A semelhança é tão semelhante, que não há mister aplicação: *In propria venit et sui eum non receperunt.* Veio S. Roque ao seu, e não o receberam os seus; veio ao seu, porque veio ao seu patrimônio, ao seu estado, à sua casa, à sua corte; e não o receberam os seus, porque os seus vassallos, os seus criados, os seus amigos, os seus parentes o trataram como estranho: *Mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* Até aqueles a quem ele tinha feito, a quem tinha levantado, a quem tinha dado o ser — porque lhes tinha dado o que eram, quando renunciou neles o que tinha sido — até esses o desconheceram.

172. E para que neste desconhecimento lhe não faltasse a S. Roque nenhuma semelhança de Cristo nascido, teve também a companhia e piedade de um animal, que, sustentando-o no mesmo tempo, e regalando-lhe as feridas, agravava mais a chaga da ingratidão, e fazia mais desumana a correspondência dos homens. O que mais peso fazia ao sentimento de Cristo no presépio, era a consideração de que o desconheciam os homens, quando o conheciam os animais. Assim o significou o mesmo Senhor por boca de outrem, como quem ainda não podia falar: *Cognovit bos possessorem suum, et asinus praesepe Domini sui; Israel autem me non cognovit:* Conheceu o boi e o jumento o presépio de seu Senhor, e Israel não me conheceu a mim<sup>3</sup>: Que se visse Cristo desamparado dos homens e bafejado dos animais, que se visse S. Roque desconhecido do seu sangue e sustentado da

<sup>3</sup> Conheceu o boi a seu possuidor, e o jumento o presépio de seu dono, mas Israel não me conheceu (Is. 1,3).

piedade de um bruto, grande circunstância de dor! Porque não há coisa que mais lastime o coração humano, que as ruins correspondências dos homens à vista de melhores procedimentos nos animais. Grande sem-razão foi que os ministros de Babilônia lançassem no lago dos leões a Daniel; mas, à vista do respeito que lhe guardaram os mesmos leões, ainda tem mais quilates a sem-razão. Que reconheçam as feras esfaimadas a inocência do servo de Deus, e que homens, com nome e obrigação de sábios, a persigam e a condenem? Rara desigualdade! Grande foi a crueldade da rainha Jezabel em perseguir e querer matar ao profeta Elias, mas, à vista da piedade com que o sustentavam os corvos, ainda tem mais horrores aquela crueldade. Que sustente a vida a Elias a voracidade dos corvos, e que queira tirar a vida a Elias a desumanidade de uma mulher? Rara dissonância! Grande foi o atrevimento com que o profeta Balaão se arrojou a querer amaldiçoar o povo de Deus, mas, à vista do animal em que caminhava, tem ainda mais deformidades o atrevimento. Que solte a língua um animal, para pedir razão a um profeta, e que use um profeta de tão pouca razão que ouse soltar a língua contra o mesmo Deus? Rara desproporção! Eis aqui o que agravava o sentimento a S. Roque, como a Cristo nascido. Verem-se desconhecidos dos homens, quando se viam conhecidos dos brutos! Em Cristo, pudera-se chamar desgraça, porque se parecia conosco; em S. Roque, era verdadeiramente bem-aventurança, porque se parecia com Cristo. *Beati sunt servi illi.*

## §IV

*A segunda desgraça de S. Roque: ser desgraciado com os naturais. Em Itália, tratado como inimigo, porque era de França; em França, tratado como traidor, porque viera de Itália. Homem de dois hemisférios, como a lua, é duas vezes inimigo: foi o que presumiram de S Roque franceses e italianos. As três negações de S. Pedro, e as três dúvidas de Cristo. A dúvida e a fidelidade. A lealdade de José do Egito. Nas mesmas prisões foi S Roque semelhante a Cristo, preso por zelo da pátria. As cadeias de S Roque e a comédia de José.*

173. A segunda desgraça de S. Roque foi ser desgraciado com os naturais. Quando S. Roque fez a sua peregrinação de França para Itália, havia guerra entre Itália e França, e desta guerra lhe sucederam ao santo duas coisas notáveis: a primeira que, chegando à Itália, os italianos o trataram como a inimigo e o feriram; a segunda que, tornando para França, os franceses o trataram como a traidor, e o prenderam por espia. Há maior desgraça que esta? Que em Itália me tratem como inimigo, porque sou de França, e que em França me tratem como traidor, porque venho de Itália? S. Roque peregrinou de França para Itália por amor de Deus, e tornou de Itália para França por amor da pátria; e que, quando vou em serviço de Deus, me tenham por inimigo, e, quando venho em serviço da pátria, me tenham por traidor? Desgraça grande!

174. A maior circunstância de desgraça, que eu aqui considero, é que, não sendo merecida da parte de quem a padecia, parecia justificada da parte de quem a causava, porque em tempo que França e Itália andam em guerras, ter entrada em Itália, e ter entrada em França, não são bons indícios. No quarto dia da criação do mundo, criou Deus o sol, a lua e as estrelas, e diz o texto sagrado que um dos ofícios que Deus deu a estas tochas do céu foi que dividissem a noite e o dia: *Ut dividant diem ac noctem*. Que o sol e as estrelas dividam o dia e a noite, parece-me muito bem aplicado ofício, porque, em havendo sol, não há noite, em havendo estrelas, não há dia. Porém a lua! Como pode ser que a lua a fizesse Deus para dividir a noite do dia? A lua, se bem advertirdes, uns dias anda de dia, outros dias anda de noite. Pois se a lua tem entrada com a noite e tem entrada com o dia, como a fez Deus para dividir o dia e a noite? É porque ninguém divide melhor, que quem tem entrada com ambos. O sol e as estrelas dividem muito bem, porque o sol divide o dia da noite, e as estrelas dividem a noite do dia; mas a lua divide muito melhor, porque tem entrada com ambos, e divide duas vezes: como tem entrada de dia com o sol, divide o dia da noite, e como tem entrada de noite com as estrelas, divide a noite do dia. De modo que a lua faz guerra a ambos, porque tem entrada com ambos. Oh! livre Deus o mundo destas luas! Ou bem da parte do dia, ou bem da parte da noite; ou bem com o sol, ou bem com as estrelas. Homem de dois hemisférios é duas vezes inimigo. O mesmo presumiram de S.

Roque os italianos e os franceses: os franceses, como o viam ter entrada em Itália, cuidavam que era inimigo de França, e os italianos, como o viam ter entrada em França, cuidavam que era inimigo de Itália. O santo nada disto era, mas parecia tudo. Era o cidadão mais fiel, era o filho mais amigo, era o zelador mais verdadeiro, que nunca teve a sua pátria, e contudo a prisão, ainda que não merecida, era justificada. Não havia prova para o crime, mas havia indícios para a dúvida. E em matéria de fé e amor da pátria, um peito tão nobre e tão generoso como o de S. Roque, padecer a afronta ou o desar desta dúvida, era a maior e mais penosa desgraça que lhe podia suceder.

175. Perguntou Cristo três vezes a S. Pedro se o amava: *Diligis me? Diligis me? Diligis me* (Jo. 21,16)? E é certo que estas três perguntas e estas três repetições não foram sem grande mistério. Santo Agostinho e Santo Tomás dizem conformemente que foram três as perguntas, para que, respondendo Pedro três vezes a elas, satisfizesse as três vezes que havia negado: *Trinae negationi redditur trina confessio*. Divinamente advertido; mas dêem-me licença agora estes grandes lumes da Igreja para que, aos raios da sua mesma luz, veja eu mais alguma coisa nesta satisfação das negações de S. Pedro. Nas três negações de Pedro houve três culpas e houve três injúrias. Houve três culpas, porque três vezes faltou Pedro à sua obrigação; e houve três injúrias, porque três vezes fez injúria a seu Mestre e seu Senhor, negando-o. As injúrias pediam satisfação, as culpas pediam castigo, e tudo se fez neste caso. As três injúrias satisfê-las Pedro com as três respostas; as três culpas castigou-as Cristo com as três perguntas. As três injúrias satisfê-las Pedro com as três respostas — e isto é o que diz S. Agostinho e Santo Tomás — porque confessou Pedro três vezes, como três vezes tinha negado: *Trinae negationi redditur trina confessio*. As três culpas castigou-as Cristo com as três perguntas, e isso é que eu acrescento e provo, porque perguntar Cristo três vezes a São Pedro se o amava, era mostrar que duvidava de sua fé e de seu amor. E duvidar o príncipe do coração do vassalo é a maior pena e o maior castigo que lhe pode dar, e mais em tal pessoa como S. Pedro, que já nesta matéria tinha telhado de vidro. E se não, vede se lhe doeram as perguntas: *Et contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: amas-me?* (Jo. 21, 27): Entristeceu-se e afligiu-se Pedro de lhe fazer Cristo tantas perguntas sobre o seu amor. — As perguntas que o entristeciam, sinal é que lhe tocavam no vivo, e lhe chegavam ao coração. E por que não faça reparo dizer eu que foram castigo as perguntas, o mesmo Agostinho, falando desta tristeza que nasceu delas a S. Pedro, diz que foi em pena do seu antigo pecado, porque, ainda que estava perdoado quanto à culpa, não estava perdoado de todo quanto à pena. De maneira que é tal pena e tal castigo uma dúvida em matéria de fé e de lealdade, que, quando Cristo quis que pagasse inteiramente S. Pedro a culpa de o haver negado, não lhe buscou outra pena nem outro castigo. Castigou as três negações com três dúvidas, e porque lhe tinha negado três vezes a fé, duvidou-lhe três vezes o amor: *Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: amas-me?*

176. Mas, poderá dizer alguém que castigar negações com dúvidas não foi propor-



cionado castigo, porque a dúvida pesa muito menos que a negação. Ora estimo que se ponha em balança este ponto, ainda que nos detenhamos mais um pouco nele, pois é matéria tão própria do tempo presente, e que tanto importa às honras dos que padecem as dúvidas como às consciências dos que as fazem padecer. Respondo pois e digo que foi a pena muito proporcionada à culpa, em castigar Cristo três negações com três dúvidas, porque, em pontos de fé e de lealdade, tanto peso tem uma dúvida, como uma negação.

177. No capítulo I *De Haereticis* se define que o duvidoso na fé é herege: *Dubius infide est haereticus*. Esta definição é fundada na doutrina comum dos Padres, confirmada por muitos pontífices, e geralmente recebida de todos os canonistas e teólogos. Contudo, não deixa de ser dificultosa a razão dela. Heresia é erro contra a fé; para haver erro é necessário juízo; quem duvida não julga, porque não nega nem afirma: logo não pode ser herege. E se é herege o que duvida, em que consiste a sua heresia? Eu o direi. Quem nega a uma proposição de fé, diz que é falsa; quem a duvida, ainda que não diga que é falsa, supõe que o pode ser, e tanto ofende a fé quem supõe que pode ser falsa, como quem diz que o é. Antes digo que maior injúria faz à fé quem a duvida que quem a nega, porque quem a nega pode-a ofender em um só artigo, e quem a duvida ofende-a em todos. O mesmo passa na fé humana, a qual em ânimos generosos, nem deve ser menos delicada, nem é menos sensitiva. Quem nega a minha lealdade, diz que sou desleal; quem me duvida, ainda que não diga que sou desleal, supõe que o posso ser, e tanto me ofende, não só na honra e primor da fidelidade, senão na inteireza, na constância e no ser dela, quem supõe que posso ser desleal, como quem diz que o sou.

178. Vejamos discorrer neste ponto um dos homens mais leais que teve o mundo. Tentou a egípcia descobertamente a José, e respondeu ele que não podia ser desleal a seu Senhor, a quem tanta confiança e tantas obrigações devia: *Ecce Dominus meus, omnibus mihi traditis, ignorat quid habeat in domo sua; quomodo ergo possum hoc malum facere?*<sup>4</sup> Neste *quomodo possum* reparo muito. Por que não disse José: não quero, senão: não posso? Por que não disse: não quero, por não ser infiel e desleal a meu Senhor? Por que não disse: não quero, porque se pode vir a saber? Por que não disse: não quero por temor da infâmia, não quero por temor da vida? Enfim, por que não disse por qualquer outro motivo: não quero, senão: não posso? Porque se deu José por mais afrontado na suposição da egípcia, que na mesma tentação. Esta mulher com a sua tentação, diz José, provoca-me a ser desleal: quem me provoca a ser desleal, já no seu pensamento supõe que o posso ser. E quem supõe no seu pensamento que posso ser desleal, nesta suposição e neste pensamento já me tem gravemente ofendido. Antes, mais me ofende e mais me tem ofendido nesta suposição e conceito infame que tem de mim, que na mesma tentação, porque a tentação argúi deslealdade no que ela deve ser e não é, e a suposição admite infidelidade no que eu

---

<sup>4</sup> Eis que meu Senhor, depois de me ter entregue tudo, ignora o que tem em sua casa; como pois posso eu cometer esta maldade (Gên. 39,8 s)?

devo ser, e sou. Pois, para que saiba e se desengane a egípcia, que supõe um impossível, e que não posso eu ser desleal, como ela cuida, por isso responde José à suposição do pensamento, e não ao requerimento da tentação; por isso não disse: não quero, senão: não posso: *Quomodo ergo possum?*

179. Oh! servo verdadeiramente leal! Oh! ânimo verdadeiramente honrado e generoso! Quantos parecem muito leais e fiéis, porque não há quem lhes puxe pela capa! Por isso a largou José, como afrontada e não sua. Mas não deixemos sem ponderação o que mais disse. As palavras: *Quomodo possum ergo hoc malum facere*, acrescentou José: *et peccare in Deum meum?* Como posso eu cometer esta deslealdade a que me provocas, e pecar contra meu Deus? Segue-se logo, José — vede o que dizeis — segue-se logo que, em matéria de deslealdade, não podeis pecar. Assim se segue, e assim é, e assim o creio de mim, diz José. Nas outras matérias, basta não ser pecador; na matéria de lealdade é necessário ser impecável. Em pontos de lealdade, quem não é impecável é desleal. Vede se a uma honra tão delicada, e tão escrupulosa, e tão honrada como esta, a ofenderia mui sensivelmente só a imaginação de um possível. A lealdade, que não é tão sutil como isto, é mui grosseira lealdade. Há-se de ofender a verdadeira lealdade da suposição de um possível em pensamento, e tão herege há de ser da minha fé quem ma duvide, como quem ma negue.

180. Estas dúvidas, estas suspeitas, estas suposições, estas afrontas padecia S. Roque na sua prisão, e todas as ponderações do nosso discurso eram fuzis de que ele formava outra cadeia muito mais dura e mais pesada à nobreza de seu ânimo, do que eram as de ferro, que lhe prendiam e atavam o corpo. Quando os irmãos do mesmo José se viram prender no Egito por espias, de que estavam tão inocentes, grande foi a sua aflição, mas lá acharam a culpa deste castigo e o motivo desta desgraça, na deslealdade tão cruel que tinham usado com seu irmão: *Merito haec patimur quia peccavimus in fratrem nostrum*<sup>5</sup>. Porém a inocência sempre leal, e a lealdade sempre inocente de São Roque, que por uma ocasião tão pia, como ir da sua pátria peregrino a Roma, se veja dentro na mesma pátria com a honra em opiniões, com a vida em riscos, e com as mãos e pés em cadeias? Brava desgraça! Contudo o Evangelho ainda insiste em que foi bem-aventurado: *Beati sunt servi illi*. E por quê? Porque nestas mesmas prisões foi S. Roque semelhante a Cristo preso.

181. Quando S. Roque estava na sua prisão, concorriam ao cárcere os enfermos de todo o gênero, os cegos, os mancos, os aleijados, e era coisa maravilhosa de ver, que, estando o santo às escuras, dava olhos; tendo as mãos atadas, dava mãos, e, não tendo uso dos pés, dava pés, e todos levavam saúde. Pois, homens cruéis, homens ímpios, homens bárbaros, vedes estes prodígios, vedes estes testemunhos do céu, vedes estes sinais manifestos da onipotência, e não rompeis esse cárcere, não quebrais essas cadeias? É possível que, à vista de tantas maravilhas, haveis de deixar estar preso ao autor delas? Sim,

<sup>5</sup> Justamente padecemos estas coisas, porque pecamos contra o nosso irmão (Gên. 42,21).

porque assim era necessário que fosse para ser semelhante S. Roque a Cristo preso. Vieram os inimigos de Cristo a prendê-lo por zelo da pátria — que também se pareceu a prisão de S. Roque à de Cristo na causa como na inocência — disse o Senhor: *Ego sum* (Jo. 18,5): Eu sou, e caíram subitamente a seus pés todos os que o iam prender. Quis-se aproveitar da ocasião S. Pedro, e seguir a vitória, tira pela espada, faz golpe à cabeça do primeiro, leve a orelha, mas o Senhor, mandando meter a espada no lugar da espada, pôs também a orelha no lugar da orelha, e ficou em presença e nos olhos de todos como se não fora cortada. Que vos parece agora que fariam aqueles homens à vista de dois milagres tão grandes, tão patentes, tão súbitos? Parecia-me a mim que se haviam de levantar todos, e irem-se lançar aos pés de Cristo; mas o que fizeram foi o contrário: *Iniecerunt manus in Jesum, et tenuerunt eum* (Mt. 26,50). Em vez de se lhe lançarem aos pés, puseram-lhe as mãos e prenderam-no. Vede se se parece a prisão de S. Roque com a de Cristo; a ambos não valeram os milagres contra as prisões. Cristo milagroso e S. Roque milagroso, mas Cristo preso e S. Roque preso.

182. Ainda não está descoberto o mais fino da semelhança. Se Cristo com uma palavra: *Ego sum*: eu sou, faz cair de repente a seus pés todos os que o queriam prender, porque se deixa ir preso? E se queria — como é certo que queria — que o prendessem, por que faz que caíam primeiro a seus pés com dizer: eu sou? A razão foi porque nos quis Cristo mostrar quanto tinha de fineza o deixar-se prender por nós. Deixar-se prender um homem, ainda que seja inocente, não é coisa nova; mas um homem, que com dizer: eu sou, pode fazer cair a seus pés os mesmos que o prendem, que se deixe prender contudo por amor de outrem, grande fineza! Tal foi a de Cristo, tal foi a de S. Roque. Prenderam a S. Roque seus próprios vassallos, na sua própria cidade, porque, como deixamos dito, vinha tão mudado de trajos, e ainda de pessoa, que o não conheceram. Se S. Roque se descobrira, se S. Roque dissera: *Ego sum*: Eu sou, os mesmos que o prenderam, haviam de cair a seus pés e beijar-lhe a mão, como a seu verdadeiro senhor. E que podendo S. Roque fazer cair a seus pés os mesmos que o prendiam com dizer: eu sou, se deixasse prender contudo, por amor de Cristo? Fineza foi só como de Cristo e como sua. Muitos santos houve que estiveram presos muitos anos por amor de Cristo, mas a prisão e a liberdade estavam na mão dos tiranos; porém S. Roque esteve preso quase todos os anos da vida, tendo a prisão e a liberdade na sua mão.

183. Na vida dos Padres se conta que um santo penitente se prendeu em um deserto a uma cadeia, e, para se não poder saltar em toda a vida, lançou a chave ao mar; ao outro dia saiu à praia um peixe com a chave na boca, e foi revelado ao santo que mais se agradaria Deus de que se deixasse estar preso tendo a chave na mão. Esse é o verdadeiro sacrifício da liberdade. Prender-se e lançar a chave ao mar, é prender-se uma vez; prender-se e deixar as chaves consigo, é estar-se prendendo sempre. Eis aqui a diferença que fazem as cadeias de São Roque às cadeias de S. Pedro e dos outros santos. S. Pedro esteve preso

alguns dias, mas a chave estava na mão de Herodes. José esteve preso dois anos, mas a chave estava na mão de Faraó. Porém S. Roque esteve preso toda a vida, e tinha a chave na sua mão. Bastara dizer S. Roque: eu sou, para trocar o cárcere com o palácio, os ferros com as jóias, a infâmia com a honra, as injúrias com os aplausos, as afrontas com as aclamações, e contudo não quis dizer: Eu sou. Com outro eu sou, no Egito: *Ego sum Joseph, frater vestre*,<sup>6</sup> se trocaram aos irmãos de José as tristezas em festas, as fomes em banquetes, os temores em parabéns, e as prisões em abraços. Mas S. Roque, no escuro teatro da sua prisão, quis antes representar a tragédia de Cristo, que a comédia de José, e não disse: eu sou, porque não queria ser ele, queria ser Cristo por viva imitação, e assim o foi. E quem foi tão venturoso, que, sendo servo, se pareceu com seu Senhor, não se diga que é desgraçado, senão bem-aventurado: *Beati sunt servi illi*.

### §V

*A terceira desgraça de S. Roque: ser desgraçado com as enfermidades. Trata primeiro o autor da desgraça dos remédios. Os fabricantes da Arca de Noé, os mais desgraçados homens do mundo. O temor de S. Paulo. S. Roque em remediar aos outros e morrer sem remédio, se pareceu com Cristo morto. Cristo morto com o remédio em que dava a vida a todos, pregado nos braços; Roque morto com o remédio em que dava a vida a todos, formado nas mãos.*

184. A terceira desgraça de S. Roque foi ser desgraçado com as enfermidades; mas haveis-me de dar licença para que troque o lugar a esta desgraça e a deixe para o fim, porque quero acabar com ela, como tão própria de tempo presente, e por isso abreviarei este ponto. Primeiro trataremos da desgraça dos remédios; depois falaremos na desgraça das enfermidades. E provera a Deus que fizera o vosso cuidado o que agora faz o meu discurso, porque primeiro se padecem as enfermidades, e depois se trata dos remédios: por isso, são os remédios desgraçados.

185. Foi S. Roque desgraçado com os remédios, porque curando milagrosamente a todos os apestados, ele morreu de peste. Pode haver maior desgraça que esta? Que, dando um homem remédio aos outros, lhe falte o mesmo remédio para si? Não pode haver maior desgraça! A maior e mais geral desgraça que se padeceu no mundo foi o dilúvio universal: mas se nesta desgraça comum houve homens mais mofinos e mais desgraçados que os outros, quem pode duvidar que foram os fabricantes da Arca de Noé? Tantos anos estiveram estes homens fabricando aquela nova máquina nunca vista no mundo, em que se haviam de salvar as relíquias dele, já cortando, já serrando, já lavrando, já medindo, já ajustando, já pregando, já calafetando, já breando, e que no cabo entrassem na arca Noé e

<sup>6</sup> Eu sou José, vosso irmão (Gên. 45, 4).

seus filhos, e os animais de todas as espécies, e se salvassem nela do dilúvio, e que os mesmos que a tinham fabricado, ficassem de fora e perecessem afogados? Brava desgraça! Que fabricássemos nós o instrumento da salvação para os outros, e que eles se salvem, e nós pereçamos? Que a arca fosse trabalho nosso, e não seja salvação nossa, senão sua? Que à custa de nosso suor e de nossos braços se salvem eles, e que à vista da sua salvação nos percamos nós? Oh! desgraça! Oh! mofina! Oh! desventura sem igual! Agora se entenderá a energia de umas palavras de S. Paulo, muito repetidas, mas não sei se bem pesadas: *Castigo corpus meum, et in servitute redigo, ne cum aliis praedicaverim, ipse reprobus efficiar* (1 Cor. 9,27): Faço penitência, diz S. Paulo, para que pregando aos outros, não me condene a mim. — Reparai muito naquele: para que pregando aos outros.

186. A razão de não se querer condenar um homem é tão cabal, que não há mister ajudada de outra. Pois se S. Paulo dá por razão a sua penitência o não se querer condenar, porque acrescenta a circunstância de ser pregador: *Ne cum aliis praedicaverim?* Irem ao inferno os que não são pregadores, é pequena miséria? Grande miséria é, mas em gênero de desgraça é muito menor. A maior desgraça de todas é não se salvar um homem; mas não se salvar um homem que tem por exercício salvar aos outros, ainda é maior desgraça que a maior de todas as desgraças. E tal seria a de Paulo se sendo pregador e ministro da salvação dos outros, ele se não salvasse. Oh! quantos desgraçados há destes no mundo, em todos os estados! Quantos prelados há que curam as almas das ovelhas, e têm enfermas as suas! Quantos governadores que guiam e encaminham os povos, e eles se desgovernam e desencaminham! Quantos conselheiros que dão muito bons conselhos aos outros, e eles perdidos e desaconselhados! Caifás era Sumo Sacerdote: ensinou o remédio com que se havia de salvar o mundo, e ele ficou sem remédio. Moisés era governador do povo de Deus: introduziu as tribos na Terra de Promissão, e ele ficou de fora. Aquitofel era o melhor conselheiro daquela idade, e, vivendo tantos príncipes do seu conselho, ele foi tão mal-aconselhado, que se matou com o seu. Oh! que grande desgraça esta! Todos a dar remédios a tudo, e ninguém a tomar remédio. Não só nos homens, em que as desgraças são consequência dos vícios, mas até nas mesmas virtudes acho esta desgraça. Que maior virtude que a fé? Sem fé ninguém se pode salvar; mas em todos os que se salvam se perde a fé, porque se não pode conservar com a vista. Que não possa haver céu sem fé, e que não possa haver fé no céu? Virtude que mete aos outros no céu, e fica de fora? Virtude que salva aos outros, e se perde a si? — Se nas virtudes pode haver desgraça — desgraçada virtude! Tal era a virtude milagrosa de S. Roque: dava remédio aos outros, e ele morreu sem remédio. Mas, sendo esta desgraça tão grande, diz contudo o evangelista que foi bem-aventurado S. Roque: *Beati sunt servi illi*, porque em remediar aos outros e morrer sem remédio, se pareceu S. Roque com Cristo morto.

187. A morte de Cristo foi remédio nosso, mas não foi remédio seu. Remediu-nos Cristo a nós, porque nos deu a vida, mas não se remediu a si, porque morreu. Esta foi a

maior fineza do Salvador do mundo, nem ponderada dos homens, porém muito mal-entendida, e pior aplicada. Quando Cristo estava para expirar na cruz, blasfemavam os príncipes dos sacerdotes, e diziam: *Alios salvos fecit: se ipsum non potest salvos facere* (Mt. 27, 42): Salvou aos outros, e a si não se pôde salvar: — Grande blasfêmia contra Cristo, mas grande louvor da paciência, da misericórdia e da caridade de Cristo. Em dizerem que não podia, blasfemavam; mas em dizerem que salvando aos outros — como salvou a tantos da morte — não se salvava a si, diziam o maior louvor e a maior glória do mesmo Salvador e do soberano modo com que salvava. A mais gloriosa fineza e a mais fidalga soberania de quem dá a saúde e vida a outros, é não a tomar para si; antes dar-lha à custa da sua. Isto é o que fez Cristo, e esta foi a maior ação de um homem que juntamente era Deus. Oh! divino Roque! Quão bem vos puderam blasfemar os judeus, e quão justamente vos devemos louvar nós. Curava S. Roque milagrosamente a todos os feridos da peste, e quando o mundo o viu ferido do mesmo mal, cuidavam todos que ele se salvaria também a si, discorrendo com o mau ladrão: *Salva temetipsum, et nos*<sup>7</sup>; porém o santo, como verdadeiro imitador de Cristo na morte, salvou aos outros, e a si não se salvou: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere*.

188. Tornemos àquele *non potest*, que, bem examinado, ainda contém outro maior primor da semelhança de S. Roque com Cristo. Cristo absolutamente pudera dar a vida ao gênero humano sem morrer; mas condicionalmente, não podia. E neste sentido era verdadeira a proposição dos príncipes dos sacerdotes, posto que eles a não entendiam. Porque, suposto o decreto divino, tantas vezes declarado pelos profetas, de que o Filho de Deus morresse para salvar aos homens, não podia deixar de morrer. Pois assim como, suposto o decreto de que Cristo havia de salvar o mundo por meio da morte de cruz, não podia deixar de morrer Cristo, assim, suposto o favor — que também foi decreto — de que S. Roque imitasse a Cristo na semelhança da sua morte, não podia deixar de morrer S. Roque. Cristo, dando a vida aos demais por meio da cruz, mas morrendo ele, e S. Roque também, dando a vida aos outros, e também por meio da cruz, e morrendo ele também.

189. O modo com que S. Roque sarava aos apestados, era fazendo sobre eles o sinal da cruz. E esta cruz, assim para com os outros como para consigo, foi em tudo a mais parecida com a cruz de Cristo. A cruz de Cristo, como instrumento da nossa vida e da sua morte, se bem advertirmos, tinha direito e avesso. Para fora dava vida, para dentro deixava morrer; para fora dava vida, porque a cruz foi a árvore da vida de todo o gênero humano; para dentro deixava morrer, porque em seus próprios braços expirou e morreu Cristo. Tal a cruz, ou o sinal da cruz milagroso que formava sobre os apestados a mão de Roque. Nenhum sinal da cruz se viu nunca no céu ou na terra, nem mais semelhante nem mais sinal que este. Para fora dava vida, porque a todos sarava do mortalíssimo mal da peste, e para dentro deixava morrer, porque morreu S. Roque do mesmo mal. Cristo morto com o

<sup>7</sup> Salva-te a ti mesmo e a nós outros (Lc. 23,39).

remédio, em que dava a vida a todos, pregado nos braços; Roque morto com o remédio, em que dava a vida a todos, formado nas mãos. E servo, que morrendo se pareceu tão vivamente a seu Senhor, vede se merece o nome que lhe dá o Evangelho de bem-aventurado: *Beati sunt servi illi*.

## §VI

*A última desgraça de S. Roque: ser enfermo, e de peste. Primeira razão por que a peste é o pior dos males: porque faz do ar, elemento da vida, elemento de morte. A maldição de Davi contra Judas. Os laços da mesa de que fala o profeta. Segunda razão: mal, em que o dizer: estai comigo, é querer mal, e o dizer: fugi de mim, é querer bem. As últimas palavras da esposa dos Cantares ao esposo. Os horrores da peste nas cidades, e a peste do reinado de Davi. Um apelido injurioso: S. Roque, como Cristo crucificado, peste da peste: a ameaça de Cristo pela boca do profeta Oséias. Por que quis Cristo morrer no ar e ao ar? Cristo crucificado e o contágio da saúde. Milagres de S. Roque durante a peste de Constância. A imagem de S. Roque e o contágio divino da sombra de S. Pedro.*

190. Somos chegados à última desgraça de S. Roque, que reservei para este lugar para que nos fique mais na memória, porque nos nossos pecados, não só a devemos considerar de longe, como desgraça sua, senão de perto e de dentro, conto desgraça também nossa. Ardendo está em peste o Reino do Algarve, e, se der um passo adiante o incêndio, que será de Portugal? Assim como foi S. Roque desgraçado com os remédios, foi também, e já tinha sido, desgraçado com as enfermidades. Padecer alguma enfermidade, parece que é consequência de ser mortal, e assim mais se deve chamar natureza, que desgraça. Contudo não deixa de ser desgraça, e notável desgraça, que, havendo um homem de padecer a miséria de enfermo, vá logo topar com a pior enfermidade, e a mais terrível de todas. Assim lhe aconteceu a S. Roque: enfermou, e enfermou de peste. E entre as misérias, que fazem tão terrível, tão temido e tão aborrecido o mal da peste, duas são as que a mim me causam maior horror. A primeira, ser a peste um mal que do elemento da vida nos faz o instrumento da morte. O elemento da vida é o ar com que respiramos; a peste é esse mesmo ar corrupto e infeccionado. E que haja um homem de beber o veneno na respiração? Que a respiração, que é o elemento e o alimento da vida, se lhe haja de converter em instrumento da morte? Grande rigor! Expirar é morrer, respirar é viver: e que morra um homem expirando, isso é morte; mas morrer respirando? Que mate o que me havia de dar vida? Bravo tormento

191. Lança uma maldição Davi contra Judas e seus sequazes, e diz assim, falando com Deus: *Fiat mensa eorum in laqueum* (SI. 22, 5): Já que esse infame discípulo é tão ingrato, tão desleal, tão traidor, permita vossa infinita justiça, Senhor, que a ele e aos que

forem como ele, da mesa se lhe faça o laço: *Fiat mensa eorum in laqueum*. Não reparo em o laço se poder fazer da mesa, porque tudo o que afoga é laço. Noutra maldição semelhante tinha dito o mesmo Davi: *Pluet super peccatores laqueos* (SI. 10, 7): Que choveria Deus laços sobre os pecadores. — Quantas coisas há que parecem vindas do céu, e são laços! Uns tecem o demônio, outros apertam os homens, outros chove Deus. Que foi o dilúvio universal senão laços chovidos? Com aquela água chovida do céu, se afogou o mundo. E se há laços que se bebem, por que não haverá laços que se comam? Estes são os de que fala Davi: *Fiat mensa eorum in laqueum*. Mas já que há tantos gêneros de laços, por que deseja o zeloso e justiceiro rei que o laço com que se afogue Judas seja laço feito da mesa? Porque a mesa é o instrumento natural da vida, e perder a vida pelos instrumentos da vida é o mais terrível gênero de morte que se pode imaginar. Formar um laço de cordas, apertar com ele a garganta, fechar a respiração, e matar entre portas a vida, rigor é de morrer trabalhoso, violento, angustiado, terrível, mas alfim é padecer a morte pelos instrumentos da morte; mas assentar-se à mesa para alentar, para sustentar, para recrear a vida, e que o mesmo bocado que meto na boca se me converta em laço na garganta, muito maior rigor, muito maior violência, muito maior tormento, muito maior horror é este de morte, porque é perder a vida pelos instrumentos da vida. Perder a vida pelos instrumentos da vida e converter-se a mesa em laço, é morrer morte traidora. O bocado que me mata é traidor, porque, com pretexto de me sustentar a vida, ma tira. E um traidor como Judas, era bem que o matasse uma morte também traidora: *Osculum tradis Filium hominis*<sup>8</sup>? Entregaste com um beijo, morrerás com um bocado. Finalmente, como a maldade de Judas merecia ser castigada com a mais cruel de todas as mortes, por isso desejava e pedia Davi que o laço se lhe fizesse da mesa, e não das cordas, porque muito mais cruel gênero de morte é padecer a morte pelos instrumentos da vida que perder a vida pelos instrumentos da morte. Assim o desejava Davi, mas muito melhor o executou Judas. Davi desejava que a mesa se lhe convertesse em laço, e Judas executou em si uma morte com o laço, e outra morte com a mesa: uma morte com o laço, porque se enforcou; outra morte com a mesa, porque comungou em pecado. Matou Judas o seu corpo, e matou a sua alma, mas muito mais cruel verdugo foi com a sua alma que com o seu corpo, porque, ao corpo, deu-lhe a morte com o instrumento da morte: *Laqueo se suspendit*<sup>9</sup>, e, à alma, deu-lhe a morte com o instrumento da vida: *Qui manducat hunc panem, vivet*<sup>10</sup>. E morrer às mãos da vida, oh! que desgraça! Não aplico, por não gastar dois tempos em uma coisa.

192. Vamos à segunda. A segunda razão ou miséria por que tenho pelo mais desgraçado de todos os males a peste, é porque nas outras enfermidades o maior benefício que vos pode fazer quem vos ama, é estar convosco; na peste, a maior consolação que vos pode

<sup>8</sup> Com um beijo entregas o Filho do homem (Lc. 22, 48)?

<sup>9</sup> Foi-se pendurar de um laço (Mt. 27, 5).

<sup>10</sup> Quem comer deste pão viverá.



dar quem amais é fugir de vós. Mal em que o dizer: estai comigo, é querer mal, e o dizer: fugi de mim, é querer bem. Grande mal! Se a peste não fora enfermidade mortal, só por isso matara. Acaba o último capítulo dos Cantares, falando a esposa com o esposo, e diz assim: *Fuge, dilecte mi* (Cânt. 8,14): Fugi, amado meu. — Estas foram as últimas palavras que disse a esposa; com estas se lhe acabou a vida, e se acaba a história. O que reparo aqui é que não nos diga o texto de que morreu a esposa, sendo que, em todo o discurso de sua vida, teve bastantes causas que lhe pudessem tirar. Primeiramente a esposa esteve enferma duas vezes, e de enfermidade perigosa: *Quia amore languet*<sup>11</sup>. Andou nos perigos da guerra com seu esposo: *Equitatu meo in curribus Pharaonis, assimilavi te, amica mea*<sup>12</sup>. Roubaram-na e feriram-na os soldados dos muros: *Percusserunt me, et tulerunt palliunt meum custodes murorum*<sup>13</sup>. Viu-se por vezes maltratada de seu esposo, e porventura desprezada: *Surrexit, ut aperirem dilecto at ipse declinaverat, at que transierat*<sup>14</sup>. Pois se a esposa era tão forte contra os trabalhos do corpo e contra as moléstias da alma, se esteve duas vezes enferma e viveu, se a feriram e sarou, se foi à guerra e tornou com vida, se se viu desquerida e desprezada e teve constância, que mal foi este agora tão grande a que não pôde resistir e a matou com as palavras na boca? As mesmas palavras o dizem: *Fuge, dilecte mi*: Fugi, amado meu. — Viu-se a esposa em estado — qualquer que ele fosse — que foi forçoso dizer a seu amado, que fugisse dela: *Fuge, dilecte mi*; e quem se vê em tão miserável estado, que lhe é forçoso dizer a quem mais ama, fugi de mim, não lhe perguntem de que morre: esse mal a matou. Grandes males são as enfermidades, as feridas, as guerras, os desgostos, os desprezos, os temores, e outros que a esposa padeceu e se padecem no mundo; mas mal em que é forçoso dizer aos que mais amais que fujam de vós, esse é o maior mal de todos os males, esse é o que acaba o valor na maior paciência, esse é o que tira a vida na maior constância. Tal é o mal da peste. Um mal em que haveis de dizer aos que mais amais e vos amam: fugi de mim.

193. Não sei maior encarecimento da peste, enquanto mal particular e enfermidade de um homem, como era em S. Roque, mas enquanto mal comum e enfermidade das cidades, das províncias, dos reinos; quem poderá bastantemente considerar, nem compreender as infelicidades, as misérias, as lástimas, os horrores, que em si contém a desgraça geral de uma peste? Os portos e as barras fechadas, e os navegantes alongando-se ao mar, e não só fugindo da costa, mas ainda dos ventos dela; os caminhos por terra tomados com severíssimas guardas; o comércio e a comunicação humana totalmente impedida; as ruas desertas e cobertas de erva e mato, como nos contavam e viram nossos maiores, nesta mesma cidade de Lisboa; as portas trancadas com travessas e almagradas; as sepulturas sempre abertas, não já nas igrejas, nem nos adros, senão nos campos, e talvez

<sup>11</sup> Porque estou enferma de amor (Cân. 5,8).

<sup>12</sup> À minha cavalaria nos carros de Faraó, eu te assemelhei, amiga minha (Cân. 1,8).

<sup>13</sup> Deram-me e tiraram-me o meu manto os guardas das muralhas (Cânt. 5,8).

<sup>14</sup> Eu me levantei para abrir ao meu amado, mas ele já se tinha ido, e era já passado a outra parte (Cânt. 5,5s).

caindo nessas sepulturas, mortos, os mesmos vivos que levam a enterrar os outros defuntos; a fazenda adquirida com tanto trabalho, guardada com tanta avareza, estimada com tanta cobiça, já desprezada, e já lançada ou alijada, como na extrema tempestade, não à água, senão ao fogo, e vendo-se arder sem dor; o amor natural do sangue — como todo o outro amor — ou atônito, ou esquecido; os irmãos fugindo dos irmãos, os pais fugindo dos filhos, os maridos fugindo das mulheres, e todos querendo fugir de si mesmos, mas não podendo, porque a saída é indispensavelmente vedada e impossível. A razão e a piedade têm ali cruelmente presos e sitiados os miseráveis, para que se matem antes a pé que do entre si, e não saiam a matar os outros; mas, oh! que dor! oh! que angústia! oh! que aflição! oh! que ânsia! oh! que violência! oh! que desesperação tão mortal! E nem ainda para cuidarem os homens, ou pasmarem deste seu estado, lhes dá tempo nem lugar a morte. Em seis horas matou a peste de Davi setenta mil de um povo. Vede em tal horror, e tão súbito, se haveria homem que estivesse dentro em si, e se estariam tão mortos em pé os mesmos vivos como os que caíam mortos? Isto que digo, cristãos, ou isto que não sei dizer, praza a Deus que o ouçamos somente, e que o não vejamos nem experimentemos. Mas do Algarve a Portugal é menos que de Tânger ao Algarve, e não há tanto mar nem tantos ventos em meio.

194. As diligências, as vigias, as cautelas que se fazem contra este mal tão vizinho, são muito prudentes, muito devidas, muito necessárias, mas contra os golpes da espada do céu valem pouco os reparos da terra. No meio do destroço ou carniceria que ia fazendo a peste de Davi no mal contado povo de Israel, pôs os olhos no céu o lastimado e lastimoso rei, e viu um anjo com a espada desembainhada e escorrendo sangue, que já ameaçava o golpe sobre a corte de Jerusalém. Ah! se Deus nos abrisse agora os olhos, como é certo que havíamos de ver a mesma espada goteando já sangue nosso, e ameaçando mais sangue e maior golpe sobre Lisboa e sobre Portugal! O pecado por que Deus castigou com aquela horrenda peste a Davi, comparado com os nossos pecados, pode-se chamar inocência; mas então não tinha Jerusalém, nem tinha Israel um S. Roque, como hoje tem Lisboa e Portugal, que tivesse mão a Deus no braço da espada. Os grandes males pedem grandes remédios, e um mal tamanho, como o da peste, só o podia remediar um tamanho santo, como São Roque. Canonizado está São Roque no mundo com o nome de Advogado da peste, mas a mim me parece muito vulgar esse nome, e muito desigual à grandeza de seus poderes, e aos efeitos prodigiosos de sua virtude. Só um nome acho igual à virtude de São Roque, e é chamar-lhe peste da peste. Parece-vos injuriosa a novidade do apelido? Ora, para que conheçais a grande glória desta injúria, sabeí com maior admiração que foi São Roque peste da peste, para ser semelhante a Cristo crucificado. É a quarta semelhança que nos faltava, para beatificar a quarta e última desgraça de São Roque: *Beati sunt servi illi*.

195. Muitos séculos antes de Cristo ser pregado na cruz, mandou publicar para aquele tempo ou uma sentença ou uma ameaça contra a peste, dizendo assim pelo profeta Oséias: *Ero pestis tua, o pestis* (Os. 13,14; *Lect. Hebr.*): Eu serei tua peste, ó peste. —

Assim se lê no texto original hebreu, onde a Vulgata com termos mais universais trasladou: *Ero mors tua, o mors.*<sup>15</sup> A propriedade das palavras não pode ser maior; mas a verdade e aplicação delas parece que padece igual dificuldade. A peste, como dizíamos, é o ar corrupto e contagioso; como se pode logo verificar em Cristo crucificado que fosse peste da peste? Responderei, se me satisfizerem primeiro a outra pergunta. Pergunto: Por que quis Cristo morrer no ar; e ao ar? No ar, sendo levantado em uma cruz; ao ar; sendo crucificado em um monte descoberto e patente? Bem pudera Cristo morrer dentro no templo, e com grande conveniência, pois era a vítima e o sacrifício de nossa redenção. Bem pudera morrer sobre a terra, e também com grande conveniência, pois a terra e os homens, de terra eram os que vinha salvar. Que razão teve logo Cristo para não querer morrer senão no ar, e ao ar? A pergunta e a resposta tudo é de S. João Crisóstomo: *Quare in edito loco, et non sub tecto? In excelso laco, ut aeris naturam purgaret, oblatus est:* Escolheu Cristo padecer no ar, e ao ar, em um monte e em uma cruz levantado e suspenso, porque assim como com a vida tinha santificado a terra; assim na morte queria purificar o ar; na vida; peregrinando de um lugar em outro lugar, santificou a terra com os pés; na morte, sendo levantado e estendido na cruz, purificou o ar com os braços. Mas que corrupção ou que impureza havia no ar, pela qual houvesse mister purificado? Santo Atanásio o explicou seguindo o mesmo pensamento, que também é de S. Cipriano: *Solus ille in aere moritur qui in cruce vitam finit: quare non sine ratione eam Dominus sustinuit, ita enim sublimatus aerem purgavit ab omni diaboli, omniumque daemonum infestatione.* Quando os demônios caíram do céu, não desceram todos ao infemo, mas muitos ficaram nesta região inferior do ar; para tentarem os homens e lhe fazerem guerra. Por isso S. Paulo chama aos demônios potestades do ar: *Potestates aeris hujus* (Ef. 2,2). E como o elemento do ar estava corrupto, infeccionado e apestado com o contágio de tão imundos espíritos, para Cristo alimpar e purificar aquele elemento, quis obrar nele o mistério da Redenção, e escolheu entre todos os instrumentos da morte uma cruz, que o tivesse levantado e suspenso da terra, para sarar o ar no mesmo ar: *In excelso loco, ut aeris naturam purgaret.* E este foi o segredo da cruz, oculto a todos os séculos, com que ameaçava Cristo pelo profeta haver de ser peste da peste: *Ero pestis tua, o pestis.*

196. Bem está, mas ainda não se aquieta o pensamento, porque ser peste da peste é mais que sarar de peste. Para sarar de peste, basta sará-la de qualquer modo; mas para ser peste da peste, é necessário sarar a peste pelo mesmo modo com que a peste costuma infeccionar e matar. Assim é, e assim foi em Cristo com admirável propriedade: não só foi Cristo peste da peste, porque matou a peste, mas foi peste da peste, porque matou a peste assim como a peste mata. E como mata, ou costuma matar a peste? O modo de matar da peste é por contágio, crescendo e continuando-se a corrupção pela comunicação das partes. Corrompe o veneno da peste a primeira parte do ar, e, estando uma parte do ar corrupta,

<sup>15</sup> Ó morte, eu serei a tua morte (Os. 13,14).

pega-se a corrupção à outra parte, e assim de parte em parte se vai corrompendo tudo. Dá na casa, e leva a rua; da na rua, e leva a cidade; dá na cidade, e leva o reino. Tal foi na cruz a peste e contágio da vida, contra a peste e contágio da morte. As primeiras partes do ar, que se purificaram com a virtude do crucificado, foram as do Monte Calvário; do Calvário passou o contágio a Jerusalém; de Jerusalém a toda a Palestina, e de Palestina a todas as partes do mundo. Por uma parte pegou no Egito, e levou a África; por outra parte pegou na Arábia, e levou a Ásia; por outra parte pegou na Grécia, e levou a Europa; e assim, de terra em terra, ou de ar em ar, lavrou a peste da saúde, e purificou o mundo, desempenhando-se com admirável secreto e prodigiosa propriedade a promessa ou a ameaça de Cristo, e sendo verdadeiramente na cruz peste da peste: *Ero pestis tua, o pestis*.

197. Assim como foi peste da peste Cristo crucificado, assim é peste da peste S. Roque. Não temos menos autor, nem menor prova desta verdade, que o testemunho universal de toda a Igreja Católica no Concílio Constanciense. Deu o mal da peste na cidade de Constância, quando nela se celebrava o concílio. Ardia, abrasava-se e despovoava-se tudo; recorre aquela sagrada congregação aos remédios divinos, tira em procissão uma imagem de São Roque: coisa maravilhosa ou coisa sem maravilha! Como se saíra uma peste contra outra peste, ou um contágio de vida contra outro contágio de morte, ao mesmo passo que ia andando a procissão, ia também andando ou se ia ateando a saúde. E assim, como no furor da peste quando lavra se vêem cair com horror aqui uns, acolá outros mortos, assim naquele triunfo da vida se viam com admiração e assombro de alegria, agora levantar estes, depois aqueles, e finalmente todos saltando das camas às janelas, às portas, às ruas, aclamando, com vozes que chegavam ao céu, ao poderoso triunfador da morte, ao milagroso restaurador da saúde, ao glorioso obrador de tão grande maravilha, enfim a nova e vencedora peste da sua peste: *Ero pestis tua, o pestis*.

198. A maior maravilha em gênero de saúde milagrosa que assombrou este mundo foi a que dava São Pedro aos enfermos, só com a passagem da sua sombra. E o mais maravilhoso desta maravilha, em que consistia? Consistia em que, estando grande multidão de enfermos estendidos pelas ruas, esperando que passasse S. Pedro, bastava que a sombra do apóstolo tocasse a um, para que sarassem todos: *Ut saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum, et sanarentur* (At. 5,15). Assim o diz o rigor das palavras. Mas como podia ser assim? O instrumento da onipotência e da saúde era a sombra de Pedro: pois se a sombra de Pedro tocava só a algum dos enfermos: *quemquam illorum*, como podia ser que sarassem todos: *et sanarentur*? Somos forçados a confessar que a saúde que dava S. Pedro era saúde com propriedades de peste. Assim como na peste natural basta que dê a enfermidade em um, para que dele vá lavrando, e se pegue aos demais, assim neste contágio divino, bastava que um recebesse a saúde, para que dele se fosse ateando, e se comunicasse a todos. Esta foi a maior maravilha do maior dos apóstolos. Mas S. Roque que teve, ou por prêmio das suas desgraças, ou por primor de suas grandezas, não ter nelas

outra semelhança senão a de Cristo, só a Cristo se pareceu na virtude deste divino contágio, excedendo nela a São Pedro, quando menos em duas grandes vantagens. O mesmo texto as aponta: *Concurrerat multitudo vicinarum civitatum Hierusalem afferentes aegros.*

199. Estava São Pedro em Jerusalém, e de todas as cidades vizinhas traziam grande multidão de enfermos, para que o santo os curasse. E depois de estarem os enfermos em Jerusalém, que faziam? *Ita ut in plateas ejicerent infirmos, et ponerent in lectulis ac grabatis, ut, veniente Petro, etc.:* Punham os enfermos pelas ruas nos seus leitos, para que, passando São Pedro, os tocasse a sua sombra, e recebessem saúde. De maneira que para São Pedro dar saúde aos enfermos eram necessárias duas diligências: a primeira, que viessem das outras cidades a Jerusalém, onde estava S. Pedro; a segunda, que, depois de estarem naquela cidade, os pusessem na rua, por onde São Pedro havia de passar. Comparai agora quanto maior foi a maravilha que viu a cidade de Constância em S. Roque, do que a que viu a de Jerusalém em S. Pedro. Saiu a imagem, que é a sombra de S. Roque, pelas ruas de Constância, e, sem se tirarem os enfermos às ruas, saravam nas casas, saravam nas enfermarias, saravam nos hospitais, enfim em qualquer parte da cidade, por remota, por distante, por oculta que fosse, saravam todos. E parou aqui a saúde? Não parou aqui. Não só ardia em peste a cidade de Constância; mas todos os povos grandes, pequenos e maiores daquela província se estavam abrasando e perecendo ao mesmo incêndio; mas tanto que S. Roque saiu fora, e o ar reconheceu o império de sua presença e tocou, ou foi tocado, de sua virtude; no mesmo ponto, toda aquela multidão imensa de feridos e apestados, sem eles virem a S. Roque, nem S. Roque ir a eles, ficaram sãos e livres em toda a parte.

200. Isto sim que é purificar o ar por verdadeiro contágio; isto sim que é ser verdadeiramente peste da peste. Contágio era o da virtude de S. Pedro, mas contágio que não passava de cidade a cidade, nem de rua a rua, nem ainda da rua à casa, se não de um enfermo a outro; enfim, contágio que não merecia nome de peste. Mas o contágio da virtude de S. Roque verdadeiramente era peste da peste, porque saltava de um enfermo em outro enfermo, de uma casa em outra casa, de uma rua em outra rua, de uma cidade em outra cidade, lavrando e ateando-se a saúde em um momento em uma província inteira, e não passando adiante, porque não havia mais que sarar. Finalmente Cristo nos braços da cruz, S. Roque sobre os ombros de homens, um e outro levantado no ar: *in edito loco*, para quê? Um e outro para purificar o ar: *Ut aeris naturam purgaret;* um e outro para ser peste da peste: *Ero pestis tua, o pestis.*

## §VII

*A ameaça de peste em Portugal, e o poder de S. Roque. Oração.*

201. Este é o mal que nos está ameaçando, cristãos, esta é a espada da divina justiça que já temos metida no peito, e só lhe falta penetrar mais, e chegar ao coração. O que importa é — se os mesmos pecados que provocam o castigo, nos não cegam — que pois temos o remédio tão pronto, tão poderoso e tão propício, nos socorramos dele a tempo. Invoquemos a S. Roque com grande fé e com grande confiança; peçamos-lhe nos valha neste trabalho tão próprio dos seus poderes e da sua virtude. Ou para não sermos ingratos, não lhe peçamos que nos valha, senão que continue a nos valer, porque ele é o que nos tem valido, e ele é o que nos está valendo. Quem cuidais que está tendo mão na peste, nas raias do Algarve? Quem cuidais que a está rebatendo, para que não entre em Portugal, senão a virtude daquele glorioso triunfador dela, sempre tão propício a este Reino? Mandou Deus fogo do céu que abrasasse o povo de Israel — também por muito menos pecados do que são os maiores nossos; — ia lavrando o incêndio desapoderadamente, e já tinha abrasado e feito em cinza a mais de catorze mil, quando acudiu a toda a pressa Arão, com um turíbulo nas mãos, e diz o texto que, metendo-se entre os mortos e os vivos, e fazendo oração pelo povo, parou o incêndio: *Stant inter mortuos et viventes, deprecatus est pro populo, et plaga cessavit* (Núm. 16, 48). Cristãos, portugueses, já a ira do céu saiu da mão de Deus, como disse Moisés neste caso, já o fogo está ateado, já nos está abrasando: *Jam egressa est ira a Domino, et plaga desaevit*. E se o incêndio tão poderoso e tão apoderado contra sua natureza, tem parado naquelas raias, e não passa adiante, é porque S. Roque, como outro Arão, se meteu *inter mortuos et viventes*, entre os mortos do Algarve, e os vivos de Portugal, e ali com o incenso de suas orações está conservando e preservando o ar puro e são desta parte, para que o não corrompa o infeccionado da outra.

202. Oh! quem me dera palavras, poderoso santo, para dignamente vos louvar neste caso, e explicar a grandeza desta maravilha! Que poder se viu nunca no mundo que fizesse uma risca no ar, e pusesse limites ao de uma parte, para que não passasse à outra? Isto é o que estais obrando e o que estamos vendo. A maior maravilha que Jó considerava no poder de Deus era pôr balizas ao mar, e dizer-lhe: Aqui chegarás, e não passarás daqui: *Circumdedi illud terminis suis, et dixi: huc venies, et non procedes amplius* (Jó 38,10 s). Mas quanto maior e mais prodigiosa maravilha é ter posto estas mesmas balizas ao elemento do ar, tanto mais livre, tanto mais mudável, tanto mais sutil, tanto mais indômito, tanto mais furioso, tanto mais inconstante? Assim o tem S. Roque hoje enfreado e obediente nas raias de Portugal, permitindo-lhe somente que chegue até ali: *huc venies*, e mandando-lhe, com império onipotente, que pare e não dê um passo mais adiante: *et non procedes amplius*.

203. Mas o que até agora tem sido tão poderosa resistência, glorioso santo, muito maior glória será de vosso poder, se for perfeita vitória. Assim o pede a inteira imitação de Cristo crucificado, e o milagroso e singular título que dele participastes de peste da peste. Bem vemos e conhecemos que à virtude deste soberano título devemos a suspensão

maravilhosa daquele contágio, que não pode ser obra da natureza. Bem vemos e conhecemos que nas raias de Portugal se estão combatendo fortemente a morte e a saúde, e que se não tem entrado nem prevalecido contra nós a peste dos homens, é porque temos da nossa parte a peste da peste. Ide por diante pois, glorioso vencedor, ide por diante, e possam mais diante de Deus para com vossa piedade, as misérias que padecem aqueles tão afligidos povos, que a continuação das culpas nossas, com que ainda ajudamos o castigo das suas. Supra o vosso poder a nossa fraqueza, supra o vosso merecimento a nossa indignidade, supra a vossa graça com Deus a nossa ingratidão tão repetida. Assim o cremos, assim o esperamos da virtude de vossa intercessão, e que, assim como as nossas culpas nos fizeram companheiros desta vossa desgraça, assim o vosso favor nos faça participantes do remédio dela, que é a última bem-aventurança vossa, com que aquelas venturosas quatro desgraças vos fizeram quatro vezes bem-aventurado: *Beati sunt servi illi.*

## SERMÃO DE S. PEDRO NOLASCO

PREGADO NO DIA DO MESMO SANTO,  
NO QUAL SE DEDICOU A IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS MERCÊS NA  
CIDADE DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO

Com o Santíssimo Sacramento exposto.

*Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te: quid ergo erit nobis<sup>1</sup>?*

### §I

*Os dois pólos da virtude: deixar e seguir. Os quatro gêneros de homens em que se vê variamente implicado o deixar e o seguir do Evangelho: os que nem deixam, nem seguem; os que deixam, mas não seguem; os que seguem, mas não deixam; os que deixam e juntamente seguem. Entre eles encontramos S. Pedro Apóstolo, mas não encontramos S. Pedro Nolasco. Matéria do sermão: sendo tão parecidos estes dois santos, por que há tão grande diferença entre eles?*

204. Estas duas cláusulas de São Pedro, deixar e seguir, são os dois pólos da virtude, são o corpo e alma da santidade, são as duas partes de que se compõe toda a perfeição evangélica. A primeira, deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia*; a segunda, seguir a

<sup>1</sup> Eis aqui estamos nós, que deixamos tudo e te seguimos; que galardão, pois, será o nosso (Mt. 19,27)?

Cristo: *et secuti sumus te.*

Se lançarmos com advertência os olhos por todo o mundo cristão, acharemos nele quatro diferenças de homens em que este deixar e seguir do Evangelho está variamente complicado. Há uns que nem deixam nem seguem; há outros que deixam mas não seguem; outros que seguem; mas não deixam; outros que deixam e juntamente seguem. Não deixar nem seguir é miséria; deixar e não seguir é fraqueza; seguir e não deixar é desengano; deixar e seguir é perfeição. Em nenhum destes quatro predicamentos entram os homens do mundo, ainda que sejam cristãos, porque nenhum deles professa deixar e seguir. A sua profissão é obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Cristo. Os que somente professam deixar e seguir, somos todos os que temos nomes de religiosos. E para que cada um conheça em que predicamento destes está e a qual pertence, se ao da miséria, se ao da fraqueza, se ao do desengano, se ao da perfeição, será bem que declaremos estes nomes, e que definamos estas diferenças, e que saibamos quem são estes miseráveis, quem são estes fracos, quem são estes desenganados, e quem são estes perfeitos e santos.

205. Os miseráveis, que não deixam nem seguem, são os que se metem a religiosos, como a qualquer outro ofício, para viver. Fica no mundo um moço sem pai, mal herdado da fortuna, e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para cursar as letras, sem talento nem indústria para granjear a vida por outro exercício honesto, que faz? Entra-se em uma religião das menos austeras, veste, come, canta, conversa, não o penhoram pela décima, nem o prendem para a fronteira, não tem coisa que lhe dê cuidado, nem ele o toma; enfim é um religioso de muito boa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal nem deixa, nem segue. Não deixa, porque não tinha que deixar; não segue, porque não veio seguir a Cristo: veio viver. Os fracos, que deixam e não seguem, são os que traz à religião o nojo, o desar, a desgraça, e não a vocação. Sucede-lhe um homem nobre e brioso sair mal de um desafio, fazerem-lhe uma afronta que não pode vingar, negar-lhe el-rei o despacho e o agrado, não levar a beca ou a cadeira, ou o posto militar a que se opôs, ou levar-lhe o competidor o casamento em que tinha empenhado o tempo, o crédito e amor; enfadado da vida, e indignado da fortuna, entrega a sua casa a um irmão segundo, mete-se em uma religião de repente, mas leva consigo o mundo à religião, porque olha para ele com dor, e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa porque deixou o patrimônio e a fazenda; não segue porque mais o trouxe e tem na religião a afronta que recebeu no mundo, que o zelo ou desejo de seguir e servir a Cristo. Os desenganados, que seguem mas não deixam, são os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deus. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra, se acha ao cabo da vida carregado de anos, de serviços e de feridas sem prêmios, e desenganado de quão ingrato e mau senhor é o mundo; querendo servir a quem melhor lhe pague, e meter algum tempo entre a vida e a morte, troca o colete pelo saial, o táli pelo cordão, e a gola pelo capelo em uma religião penitente, e não tendo outro inimigo mais que



a si mesmo, contra ele peleja, a ele vence e dele triunfa. Este é o que não deixa, mas segue. Não deixa, porque não tinha que deixar mais que os papéis que queimou, que sempre foram cinza, e segue, porque já não conhece outra caixa, nem outra bandeira, senão a voz de Cristo e sua cruz. Finalmente os perfeitos e santos, que deixam e juntamente seguem, são os que, chamados e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição evangélica, imitam gloriosamente a S. Pedro e aos outros apóstolos, os quais tudo o que tinham, e tudo o que podiam ter, deixaram e renunciaram por Cristo, e em tudo o que obraram e ensinaram, fizeram e padeceram, seguiram e imitaram a Cristo. Por isso S. Pedro, em nome de todos, e todos por boca de S. Pedro, dizem hoje com tanta confiança como verdade: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te.*

206. Estes são os quatro gêneros de homens que há no mundo, ou fora do mundo, em que se vê variamente complicado o deixar e seguir do Evangelho. Mas eu entre eles, ainda que vejo a S. Pedro Apóstolo, não acho nem posso descobrir a S. Pedro Nolasco. Que o não ache entre os miseráveis, claro estava. Como havia de estar entre as infelicidades da miséria um santo tão dotado da natureza, tão favorecido da fortuna, e tão mimoso da graça? Que o não ache entre os fracos, também, e muito mais ainda. Como havia de estar entre os desmaios da fraqueza um santo tão soldado, tão valente, tão animoso, tão resoluto, tão forte, tão constante, tão invencível? Entre os desenganados cuidei que o poderia achar por seu entendimento, por seu juízo, por sua discrição, e pelo conhecimento e experiência grande que tinha do mundo. Mas aquele desengano que descrevemos era filho da necessidade, e não da virtude, e um achaque como este não cabia na nobreza de seu coração. Porém que entre os perfeitos e os santos não ache eu a um tão grande santo? Que não esteja ao menos junto a S. Pedro um Pedro tão parecido com ele? Isto é o que me admira e me admirou grandemente, enquanto não conheci a causa. Mas porque ela há de ser a matéria do sermão, quero-a resumir em poucas palavras. Ainda que em tudo o mais, como já aqui vimos, foi tão parecido S. Pedro de Nolasco a S. Pedro Apóstolo, nos dois pontos de deixar e seguir, há grande diferença de Pedro a Pedro. Por quê? Porque S. Pedro Apóstolo deixou, S. Pedro Nolasco fez mais que deixar; S. Pedro Apóstolo seguiu, S. Pedro Nolasco fez mais que seguir. E como fez mais que deixar e mais que seguir? Fez mais que deixar, porque professou pedir, e pedir é mais que deixar; fez mais que seguir, porque professou emparelhar, e emparelhar é mais que seguir. Sobre estes dois pontos faremos dois discursos, que eu desejo que sejam breves. Dai-me atenção, e ajudai-me a pedir graça. *Ave Maria.*

## §II

*Primeira razão: porque S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, pois professou pedir. A profissão do santo e da Religião das Mercês: pedir esmolas, para com elas remir os cativos que estão em terra de mouros. Por que os apóstolos nada pediam a Cristo? Se*

*pedir é mais que deixar, pedir para dar em redenção de cativos quanto maior ação e perfeição será? O quanto custa pedir. Exortação de S. Paulo aos coríntios. O cabedal mendigado com que Cristo nos enriqueceu na Redenção. Cristo, nos sacramentos, faz-se mendigo de Deus criador.*

*Ecce nos reliquimus omnia.*

207. Primeiramente digo que S. Pedro Nolasco fez mais que deixar, porque professou pedir. E é assim. A profissão de S. Pedro Nolasco, e da sagrada Religião das Mercês, é pedir esmolas pelos fiéis, para com elas remir os cativos que estão em terras de mouros. E este pedir — ainda que não fora para resgatar — é mais que deixar. O mesmo S. Pedro e os outros apóstolos quero que nos dêem a prova. Chama Cristo a São Pedro e S. André, deixam barcos e redes, e seguem a Cristo. Chama Cristo a S. João e São Tiago, deixam barcos e redes e a seu próprio pai, e seguem a Cristo. Chama Cristo a S. Mateus publicano, deixa o telônio, o dinheiro, os contratos, e segue a Cristo. O mesmo fizeram os demais apóstolos, não havendo algum deles que dilatasse, nem por um só momento, o deixar tudo. Recebidos na escola e na familiaridade de Cristo, passou um ano, passaram dois, passaram três anos, e nenhum deles houve que em todo este tempo pedisse alguma coisa a Cristo, até que o mesmo Senhor lhe estranhou: *Usque modo non petistis quidquam*<sup>2</sup>, exortando-os a que pedissem confiadamente, porque tudo lhes seria concedido. Três vezes leio no Evangelho que exortou Cristo os apóstolos a pedir; mas ainda depois destas tão repetidas exortações, não se lê no mesmo Evangelho que pedissem coisa alguma. Pois se Cristo estranha aos apóstolos o não pedirem, e os exorta tantas vezes a pedir, por que não pedem? E se para deixarem tudo quanto tinham, bastou só uma palavra de Cristo, ou não foi necessária uma palavra sua — porque Cristo não lhes disse que deixassem o que tinham, quando o deixaram — por que não bastam tantas exortações, por que não bastam tantos avisos, por que não basta tanta familiaridade para pedirem? Porque tanta diferença vai de deixar a pedir. Para deixar tudo, bastou o primeiro momento da vista de Cristo; para pedirem alguma coisa, não bastaram três anos de familiaridade de Cristo; para deixarem, não foi necessário que Cristo os mandasse deixar; para pedirem, não bastou que Cristo os mandasse pedir.

208. Viu-se isto ainda melhor entre os doze, nos dois que se mostraram mais ambiciosos. Afetaram S. João e São Tiago as duas cadeiras da mão direita e esquerda, mas não se atreveram eles a pedi-las: meteram por terceira a mãe para que fizesse este requerimento. Pergunto: por que não pediram por si mesmos estes dois discípulos, pois tinham tantas razões que os animassem a o fazer? A primeira seja, que eles tinham deixado por amor de Cristo mais que todos, porque os outros apóstolos deixaram as redes, que era o

<sup>2</sup> Vós até agora não pedistes nada (Jo. 16,24).

ofício, e S. João e São Tiago deixaram as redes, que era o ofício, e deixaram o pai, que era o amor: *Relictis retibus et patre*, nota o evangelista (Mt. 4,22). Demais disso eram parentes muito chegados de Cristo, e tinham as razões do sangue, e tal sangue. Sobretudo, dos três mais validos apóstolos, eram eles os dois, e S. João não só valido, senão conhecidamente o amado. Pois se tinham tantas razões de confiança estes dois discípulos, por que se retiram, por que se encolhem, por que se não atrevem a pedir a Cristo? Porque não há coisa que tanto repugnem os homens, como pedir. É tal esta repugnância, que nem o sangue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que é mais, a vence. Para não deixar o que deixaram, tinham estes dois irmãos as maiores repugnâncias da natureza, que era o deixar pais e fazenda; para pedir o que desejavam, tinham as maiores confianças da natureza e da graça, que era o sangue e o favor. E que fizeram? Tendo as maiores repugnâncias para não deixar, deixaram; tendo as maiores confianças para pedir, não pediram. Tanto maior dificuldade é a do pedir que a do deixar; tanto menor fineza é a do deixar que a do pedir. Deixar é grandeza, pedir é sujeição; deixar é desprezar, pedir é fazer-se desprezado; deixar é abrir as mãos próprias, pedir é beijar as alheias; deixar é comprar-se, porque quem deixa, livra-se: pedir é vender-se, porque quem pede, cativa-se; deixar, finalmente, é ação de quem tem: pedir é ação de quem não tem, e tanto vai de pedir a deixar, quanto vai de não ter a ter. Mais fez logo neste caso, e mais fino e generoso andou com Cristo S. Pedro Nolasco, que S. Pedro Apóstolo, porque S. Pedro Apóstolo deixou e professou deixar; S. Pedro Nolasco deixou e professou pedir.

209. E se pedir, só por pedir, é maior ação que deixar, pedir para dar, e para dar em redenção de cativos — que são os fins deste glorioso pedir — quanto maior ação e perfeição será? A regra de perfeição que Cristo pôs aos que quisessem ser seus discípulos, foi que vendessem o que tinham, e o dessem aos pobres: *Si vis perfectus esse, vende quae habes, et dapauperibus* (Mt. 19,21). Esta foi a primeira coisa que fez S. Pedro Nolasco. Vendeu todas as riquezas que possuía, como grande senhor que era no mundo, e deu o preço para redenção de cativos. Mas, depois de se pôr neste grau de perfeição, ainda subiu a professar outro mais alto, que foi não só dar o que tinha, senão pedir o que não tinha, para também o dar. Que dê um homem tudo o que tem, não o manda Cristo, mas aconselha-o; porém, sobre dar o que tem, que peça ainda o que não tem, para o dar, isso nem o mandou Cristo nunca, nem o aconselhou. Aconselhou que déssemos a quem nos pedisse: *Qui petit a te, da ei*<sup>3</sup>, mas que pedíssemos para dar a outrem, parece que não fiou tanto do valor humano. E isto é o que fez e o que professou S. Pedro Nolasco, excedendo-se a si mesmo e a todos os que deram a Deus e por Deus quanto tinham. Quem dá o que tem, dá a fazenda: quem pede para dar, dá o sangue, e o sangue mais honrado e mais sensitivo, que é o que sai às faces. Quem dá o que tem, pode dar o que vale pouco; mas quem dá o que pede, não pode dar senão o que custa muito, porque nenhuma coisa custa

<sup>3</sup> Dá a quem te pede (Mt. 5,42).

tanto como pedir. A palavra mais dura de pronunciar, e que, para sair da boca uma vez, se engole e afoga muitas é: *Peço*. *Molestum verbum est, onerosum, et dimisso vultu dicendum: rogo* — diz Sêneca — e acrescenta que até aos deuses não pediriam os homens, se o não fizessem em secreto. O certo é que houve homem a quem Deus convidou e ofereceu que pedisse, e respondeu: *Non petam* (Is. 7,11). Considerai a que chegam muitas vezes os homens, por não chegar a pedir, e vereis, os que o não experimentastes, quanto deve custar. Finalmente é sentença antiquíssima de todos os sábios, que ninguém comprou mais caro que quem pediu: *Nulla res carius constat, quam quae precibus empta est*. Quem para dar espera que lhe peçam, vende, e quem pede para que lhe dêem, compra, e pelo preço mais caro e mais custoso. Donde se infere claramente, que, aos religiosos da redenção dos cativos, mais lhes custam os resgates que os resgatados, porque os resgatados compram-nos dando: os resgates compram-nos pedindo. Para comprar os resgatados, dão uma vez: para comprar os resgates, pedem muitas vezes. E se os turcos cortam muito caros os resgates dos cativos, São Pedro Nolasco ainda os cortou mais caros, porque os cortou a resgates pedidos e mendigados.

210. Sendo despojados de todos seus bens os fiéis da primitiva Igreja, na perseguição que se levantou contra eles em Jerusalém, depois da morte de Santo Estêvão, mandou S. Paulo a Corinto seu discípulo Tito, para que dos cristãos daquela opulenta cidade recolhesse algumas esmolas — que depois se chamaram *coletas* — com as quais fossem socorridos os de Jerusalém. Exortando pois o Apóstolo aos coríntios, para que ajudassem nesta obra de tanta piedade a Tito, propõe-lhes o exemplo de Cristo, admirável ao seu intento, e muito mais admirável ao nosso, e diz assim: *Scitis enim gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis*<sup>4</sup>. O original grego em que foi escrita aquela Epístola, com maior expressão e energia, em lugar de *egenus factus est*, tem *mendicavit*<sup>5</sup>. E quer dizer o Apóstolo: Para que entendais, ó coríntios, quão gratas serão a Deus as esmolas que vai pedir Tito, lembrai-vos da graça que nos fez o mesmo Senhor, quando por amor de nós mendigou, para que nós fôssemos ricos.

211. Isto posto, é questão entre os teólogos, se Cristo foi tão pobre, que chegasse a mendigar<sup>6</sup>. E parece que não, porque o Senhor, até a idade de trinta anos, vivia do ofício de S. José, e do trabalho de suas próprias mãos. Depois que saiu em público a pregar, era assistido, sem o pedir, das esmolas de pessoas devotas, das quais se sustentava todo o Colégio Apostólico, e não eram tão escassas estas esmolas, que não abrangessem também a outros pobres, e ainda à cobiça de Judas, como tudo consta do Evangelho. Esta é a opinião de muitos e graves autores. Outros porém têm por mais provável que Cristo

<sup>4</sup> Porque conheceis a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico, se fez pobre por vosso amor, a fim de que vós fôsseis ricos pela sua pobreza (2 Cor. 8, 9).

<sup>5</sup> Ita Soares ex versione S. Basilii, et Cornel ex vers. Erasmi.

<sup>6</sup> D.Thom. in 3 q. 40.

verdadeiramente mendigasse, não sempre, mas algumas vezes, e o provam com o lugar do Salmo: *Ego autem mendicus sum, et pauper*<sup>7</sup>, e com este de S. Paulo. Mas, ou o Senhor mendigasse por este modo ou não, como o Apóstolo diga que mendigou, para com a sua mendiguez e pobreza enriquecer aos coríntios e a todos os homens: *Mendicavit; ut ejus inopia divites essetis*, bem se vê que não é este o sentido daquelas grandes palavras, senão outro muito mais universal e mais sublime. Qual foi logo a mendiguez e o cabedal mendigado, com que o Filho de Deus, fazendo-se pobre, nos fez ricos? S. Gregório Nazianzeno e S. João Crisóstomo, os dois maiores lumes da teologia e eloquência grega, e que por isso podiam melhor penetrar a força e inteligência do texto escrito na sua própria língua, dizem que falou S. Paulo do mistério altíssimo da Redenção, e que o cabedal mendigado, com que o Filho de Deus nos enriqueceu, foi a carne e sangue que mendigou da natureza humana, e deu e pagou na cruz, pelo resgate do gênero humano: *Nostrae salutis causa eo paupertatis devenit, ut corpus etiam acciperet*, diz Nazianzeno. E Crisóstomo, ainda com maior expressão: *Ut ejus paupertate ditesceremus. Qua paupertate? Quia assumpsit carnem, et factus est homo, et passus ea quae passus*. Ora vede.

212. Pelo pecado de Adão estava o gênero humano cativo e pobre; como cativo, gemia e padecia o cativo; como pobre, não tinha cabedal para o resgate, e como a justiça divina tinha cortado o mesmo resgate não em menor preço que o sangue de seu Unigênito Filho, que fez a imensa caridade deste Senhor? Aqui entra o *mendicavit*. Não tendo, nem podendo ter, enquanto Deus, o preço decretado para a redenção, mendigou da natureza humana a carne e sangue, que uniu à sua pessoa divina, e por este modo, como altamente diz o Apóstolo, nós, que éramos cativos e pobres, com a pobreza e mendiguez de Cristo, ficamos ricos: *Ut ejus inopia divites essetis*, porque ele, mendigando como pobre, teve com que ser redentor, e nós, com este cabedal mendigado, tivemos com que ser remidos. De maneira que na obra da redenção, que foi a maior da caridade divina, não se contentou Deus com dar o que tinha, senão com mendigar o que não tinha, para também o dar. Deu a divindade, deu os atributos, deu a pessoa, que é o que tinha, e mendigou a carne e sangue, que não tinha, para o dar em preço da redenção. E isto é o que diz São Paulo: *Propter vos mendicavit, ut ejus inopia divites essetis*. Mas o que sobretudo se deve notar é que a esta circunstância de mendigar o preço do nosso resgate, chamou o Apóstolo a graça e a excelência do benefício da redenção: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam mendicavit*. Como se fizesse mais o Filho de Deus na circunstância, que na obra, e mais no mendigar, que no remir. Para nos remir tinha a Divina Sabedoria e Onipotência muitos modos, mas quis que fosse pelo preço de seu sangue; e sendo este preço por si mesmo de valor infinito, para que fosse dobradamente precioso, quis, que sobre ser infinito, fosse mendigado: *Mendicavit*. Tão gloriosa ação é, e tão heróica, mendigar para remir. E tal foi a empresa e instituto de S. Pedro Nolasco: ordenou que seus filhos professassem pobreza, e

<sup>7</sup> Mas eu sou mendigo e pobre (Sl. 39, 18)

juntamente redenção de cativos. Para quê? Para que, pelo voto de pobreza, deixassem tudo o que tinham — que é o que fez S. Pedro — e pelo voto da redenção, mendigassem para ela o que não tinham, que é o que fez o Filho de Deus.

213. E por que nos não falte como exemplo, como nos assiste com a presença o mesmo Redentor Sacramentado, seja o divino Sacramento a última confirmação e cláusula desta gloriosa fineza. Fala deste divino Sacramento e também dos outros Tertuliano, e diz assim profundamente: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris, nec aquam reprobavit, quo suas abluit, nec oleum, quo suas ungit, nec panem, quo ipsum corpus suum repraesentat.* Em nenhuma parte é Cristo mais liberal que nos seus sacramentos, e muito mais no maior de todos: ali está continuamente despendendo os tesouros de sua graça, e aplicando-nos os efeitos da redenção. Mas, por que modo faz estas liberalidades Cristo? Agora entra a profundidade de Tertuliano. Traz Cristo estas liberalidades como redentor, pedindo primeiro esmola para elas, e mendigando-as de si mesmo, como criador: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* Deus redentor nos sacramentos faz-se mendigo de Deus criador, e, para nos aplicar a redenção no batismo, pede primeiro esmola de água: *Aquam, quo suos abluit;* para nos aplicar a redenção da unção, pede primeiro esmola de óleo: *Oleum, quo suos ungit;* para nos aplicar a redenção na Eucaristia, pede primeiro esmola de pão: *Panem, quo corpus suum repraesentat.* De sorte que é tão alta, tão soberana, tão grata e tão preciosa obra diante de Deus o mendigar para remir, que, não tendo Deus a quem pedir, nem de quem receber, fez distinção de si a si mesmo: de si enquanto redentor, a si mesmo enquanto criador, e mendigando primeiro esmolas da natureza, como pobre, reparte delas liberalidades e liberdades de graça, como redentor: *In sacramentis suis egens mendicitatibus Creatoris.* E se pedir só por pedir vale tanto, e pedir para remir vale tanto mais, sem fazer agravo a um Pedro nem lisonja ao outro, podemos repetir e assentar o que dissemos: que fez mais S. Pedro Nolasco em pedir, que S. Pedro Apóstolo em deixar: *Ecce nos reliquimus omnia.*

### §III

*Outra grande vantagem da sagrada Religião das Mercês: são maiores redentores do que pretendiam ser, e maiores do que se cuida que são. A redenção das esmolas. José, redentor do Egito.*

214. Desta primeira vantagem de S. Pedro Nolasco comparada com S. Pedro Apóstolo, se segue outra grande vantagem à sagrada Religião das Mercês, não comparada com as outras religiões — como depois faremos — senão comparada consigo mesma. E que vantagem é esta? Que por este liberalíssimo modo de pedir, e por este nobilíssimo modo de mendigar, ficaram os religiosos das Mercês maiores redentores do que

pretenderam ser, e maiores do que se cuida que são, porque não só são redentores dos cativos que estão nas terras dos infiéis, mas são também redentores dos livres, que estão nas terras dos cristãos; não só redentores na África, mas também redentores na Europa, na Ásia e na América. E isto como? Eu o direi. Os religiosos deste sagrado instituto não pedem esmolas em todas as terras de cristãos, para irem resgatar cativos nas terras de infiéis? Sim. Pois nas terras dos infiéis são redentores pelos resgates que dão, e nas terras dos cristãos são redentores pelas esmolas que pedem. A esmola tem tanta valia diante de Deus, que é uma como segunda redenção do cativo do pecado. Assim o pregou o profeta Daniel a el-rei Nabucodonosor, aconselhando-o que, pois tinha a Deus tão ofendido, remisse seus pecados com esmolas: *Peccata tua eleemosynis redime* (Dan. 4,24). No cativo do pecado estão os cativos atados a duas cadeias, uma da culpa, outra da pena, e é tal o valor da esmola, que não só os rime e livra da cadeia da pena, como obra penal e satisfatória que é, senão também da cadeia dá culpa, ou formalmente, se vai informada como deve ir, com ato de verdadeira caridade, ou quando menos dispositivamente, porque entre todas as obras humanas é a que mais dispõe a misericórdia divina para a remissão do pecado. Assim o ensina a teologia, e o pregaram depois de Daniel todos os Padres. E como a esmola resgata do cativo do pecado a quem a dá por amor de Deus, e destas esmolas, dadas e pedidas por amor de Deus, fazem os religiosos das Mercês os seus resgates, por meio das mesmas esmolas vêm a ser duas vezes redentores: redentores daqueles por quem as dão, e redentores daqueles a quem as pedem. Redentores daqueles por quem as dão, que são os cristãos de Berbéria, a quem livram do cativo dos infiéis, e redentores daqueles a quem as pedem, que são os fiéis de todas as partes do mundo, a quem, por meio das suas esmolas, livram do cativo do pecado: *Peccata tua eleemosynis redime*.

215. E é muito para advertir e ponderar que estas segundas redenções, das esmolas que se pedem, são muitas mais em número que as primeiras, dos resgates que se dão. Porque como a esmola respeita a misericórdia de Deus, e o resgate a avareza do bárbaro, bastando para uma redenção uma só esmola, é necessário que se ajuntem muitas esmolas para um só resgate. E assim, ainda que sejam poucos os resgatados, são muitos mil os remidos, porque são resgatados só aqueles por quem se dá o resgate, e são remidos todos aqueles a quem se pede, e dão a esmola. Nem obsta que o preço e merecimento da esmola seja daqueles que a dão, para que os que a procuram e solicitam não sejam também, como digo, seus redentores. Um redentor, que primeiro foi cativo, me dará a prova. Quando José livrou da fome ao Egito e aos que do Egito se socorriam, o nome que alcançou por esta famosa ação, foi de Redentor do Egito e do mundo: *Vocavit eum lingua Aegyptiaca Salvatorem mundi*<sup>8</sup>. Mas se considerarmos o modo desta redenção, acharemos no texto sagrado, que assim os estrangeiros, que concorriam de fora, como os mesmos egípcios, compravam o trigo com o seu dinheiro. Pois se uns e outros remiam as vidas do poder da

<sup>8</sup> Chamou-o na língua egípcia Salvador do mundo (Gên. 41,45).

fome, não de graça, senão pelo seu dinheiro, como se chama José o Redentor, e não eles? Porque, ainda que eles concorriam com o preço, José foi o inventor daquela indústria, e o que a solicitava e promovia. Eles remiam-se a si, cada um com o que dava, e José remiu-os a todos com o que recebia, não para si, senão também para o dar. Por isso dobradamente redentor, não só do Egito, senão do mundo: *Redemptorem mundi*. Ó família sagrada, sempre e de tantos modos redentora! Ó redentores sempre grandes e sempre gloriosos! Grandes e gloriosos redentores, quando dais o que pedistes, e maiores e mais gloriosos redentores, quando pedis o que haveis de dar. Para que em vós também, como em vosso fundador, se veja que fazeis mais, segundos apóstolos, em pedir todos, do que fizeram os primeiros, em deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia*.

#### §IV

*S. Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emparelhar com Cristo. A redenção dos corpos e a redenção das almas. O comprador do Evangelho e os religiosos das Mercês. Como Cristo no Sacramento, os religiosos das Mercês, por voto, deixam-se encarcerar para remir os cativos.*

216. *Et secuti sumus te*. São Pedro Apóstolo seguiu a Cristo, e digo que S. Pedro Nolasco fez mais que seguir, porque professou emparelhar. E assim foi. A profissão que fez S. Pedro Nolasco, e a que fazem todos os religiosos do seu instituto, é resgatar os cristãos cativos em terra de mouros, não só para os pôr em liberdade, mas, para os livrar do perigo em que estão de perder a fé. De maneira que uma coisa é a que fazem, outra a que principalmente pretendem: o que fazem é libertar os corpos; o que principalmente pretendem é pôr em salvo as almas. Isto é o que professou S. Pedro Nolasco, e nisto, como dizia, não só seguiu os passos de Cristo: *Et secuti sumus te*, mas do modo que pode ser, os emparelhou. E digo do modo que pode ser, porque estas parselhas sempre se hão de entender com aquela diferença soberana e infinita que há de Filho de Deus a servo de Deus. Mas vamos a elas.

217. Falando Cristo dos prodigiosos sinais que hão de preceder ao dia do Juízo, diz que quando virmos estes prodígios, que nos alentemos e animemos, porque então é chegada a nossa redenção: *Respicite, et levate capita vestra, quoniam appropinquat redemptio vestra*<sup>9</sup>. Bem-aviados. Estamos! Eu cuidava, e ainda cuido, e não só cuido, mas creio de fé, que a Redenção há mil e seiscentos e cinqüenta anos que veio ao mundo, e que na sua primeira vinda nos remiu Cristo a todos, dando o seu sangue por nós. Pois se o mundo já está remido, e a Redenção é já passada há tantos centos de anos, como diz Cristo que, quando virmos os sinais do dia do Juízo, então entendamos que é chegada a nossa

<sup>9</sup> Olhai, e levantai as vossas cabeças, porque está perto a vossa redenção (Lc. 21,28).



Redenção? A dúvida é boa, mas a resposta será tão boa com ela, porque é a literal e verdadeira. Ora vede. O gênero humano, pela desobediência de Adão, ficou sujeito a dois cativeiros: o cativo do pecado e o cativo da morte: o cativo do pecado pertence à alma, e o cativo da morte pertence ao corpo. Daqui se segue que assim como os nossos cativos são dois, também devem ser duas as nossas redenções: uma redenção que nos livre as almas do cativo do pecado, e outra redenção que nos livre os corpos do cativo da morte. A primeira redenção já está feita, e esta é a redenção passada, que obrou Cristo, quando com o seu sangue remiu nossas almas; a segunda redenção ainda está por fazer, e esta é a redenção futura, que há de obrar o mesmo Cristo, quando com sua onipotência ressuscitar nossos corpos: *Ipsi intra nos gemimus adoptionem filliorum Dei expectantes, redemptionem corporis nostri*, diz o apóstolo S. Paulo<sup>10</sup>. E como esta segunda parte da nossa redenção está ainda por obrar, e não estão ainda remidos do seu cativo os corpos, posto que já o estejam as almas, por isso diz absolutamente Cristo que, no dia do Juízo, há de vir a redenção, porque a redenção inteira e perfeita, e a redenção que dá a Cristo o nome de perfeito e consumado redentor, não é só redenção de almas, nem é só redenção de corpos, senão redenção de corpos e de almas juntamente.

E se não, vede-o no primeiro efeito, ou no primeiro ato de Cristo Redentor. O ponto em que Cristo ficou redentor do mundo foi o momento em que expirou na cruz; e que sucedeu então? Desceu o Senhor no mesmo momento aos cárceres do Limbo, a libertar as almas que nele estavam detidas, e no tempo que lá embaixo se abriram os cárceres das almas, cá em cima se abriram também os cárceres dos corpos: *Monumenta aperta sunt, et multa corpora sanctorum qui dormierant, surrexerunt* (Mt. 27,52), diz S. Mateus: Abriam-se as sepulturas, e saíram delas muitos corpos de santos ressuscitados. — Notai que não diz muitos homens, nem muitos santos, senão muitos corpos em correspondência das almas do Limbo. Dos cárceres do Limbo saíram as almas, e dos cárceres das sepulturas saíram os corpos, porque quis Cristo, naquele ponto em que estava libertando as almas do cativo do pecado, libertar também os corpos do cativo da morte, para tomar inteira posse, e não de meias, do inteiro e perfeito nome de Redentor: não só redentor de almas, nem só redentor de corpos, mas juntamente de corpos e mais de almas.

218. Tal foi e tal há de ser a consumada redenção de Cristo, e tal é e tal foi sempre a redenção que professou seu grande imitador, S. Pedro Nolasco, e todos os que vestem o mesmo hábito. Perfeitos e consumados redentores, porque são redentores de corpos e redentores de almas. Cuida o vulgo erradamente que o instituto desta sagrada religião é somente aquela obra de misericórdia corporal, que consiste em remir cativos, e não é só obra de misericórdia corporal, senão corporal e espiritual juntamente: corporal, porque livra os corpos do cativo dos infiéis; espiritual, porque livra as almas do cativo da

---

<sup>10</sup> Também nós gememos dentro de nós mesmos, esperando a adoção de filhos de Deus, a redenção do nosso corpo (Rom. 8,23).

infidelidade. Compreende esta obra suprema de misericórdia os dois maiores males e os dois maiores bens desta vida e da outra. O maior mal desta vida é o cativo, e o maior mal da outra é a condenação, e destes dois males livram os redentores aos cativos, tirando-os da terra de infiéis. O maior bem desta vida é a liberdade, e o maior bem da outra é a salvação. E estes dois bens conseguem os mesmos redentores aos cativos, passando-os a terras de cristãos. Pelo bem e mal desta vida, são redentores do corpo; pelo bem e mal da outra vida, são redentores da alma; e por uma e outra redenção, são redentores do homem todo, que se compõe de alma e corpo, como o foi Cristo.

219. É verdade que o que se vende e se paga em Berbéria, o que se desenterra das masmorras, o que se alivia dos ferros, o que se liberta das cadeias, são os corpos; mas o que principalmente se compra, o que principalmente se resgata, o que principalmente se pretende descativar, são as almas. Almas e corpos se rimem, almas e corpos se resgatam, mas as almas resgatam-se por amor de si mesmas, e os corpos por amor das almas. São os contratos destes mercadores do céu, como o daquele mercador venturoso e prudente do Evangelho. Achou este homem um tesouro escondido em um campo alheio, e que fez? *Vadit, et vendit universa quae habet; et emit agrum illum* (Mt. 13, 44): Foi vender tudo quanto tinha, e comprou o campo. — Não reparo no tudo do preço, porque já fica dito que dão estes liberais compradores mais que tudo. Este comprador do Evangelho deu o que tinha: *Omnia quae habet*, mas não pediu. Os nossos dão o que têm, e mais o que pedem. O em que reparo é no que se vendeu e se comprou, porque foi com diferentes pensamentos. O que vendeu, vendeu o campo; o que comprou, comprou também o campo, mas não comprou o campo por amor do campo, senão o campo por amor do tesouro. Assim passa cá. O bárbaro vende o corpo que ali tem preso e cativo, e o redentor também compra o corpo, mas não compra principalmente o corpo por amor do corpo, senão o corpo por amor da alma. Sabe que a alma é tesouro, e o corpo terra: compra a terra por amor do tesouro, compra a terra por que o infiel não semeie nela cizânia, com que venha a arder o tesouro e mais a terra. Assim o fez este homem do Evangelho. Mas quem era, ou quem significava este homem: *Quem qui invenit homo*<sup>11</sup>? Era e significava aquele, que sendo Deus, se fez homem para resgatar e ser redentor dos homens. A este soberano redentor imitam os nossos redentores, e o acompanham tão par a par — posto que reverencialmente — que bem se vê que os leva seu generoso intento mais a emparelhar que a seguir: *Et secuti sumus te*.

220. E para que este glorioso emparelhar se veja não só nos objetos da intenção, senão também no modo e modos de remir, é muito de considerar a diferença que estes redentores fazem no resgate dos corpos e no das almas. Os corpos, resgatam-nos depois de cativos, e as almas, antes que o estejam; os corpos, depois de perderem a liberdade, as almas, antes que percam a fé, e para que a não percam. De sorte que a redenção dos corpos

<sup>11</sup> Que quando um homem o acha (Mt. 13,44).

é redenção que remedeia; a redenção das almas é redenção que preserva, que é outro modo de remir mais perfeito e mais subido, de que também — posto que uma só vez — usou Cristo. Fazem questão os teólogos se foi Cristo redentor de sua Mãe. E a razão de duvidar é porque remir é resgatar de cativo: a Virgem, como foi concebida sem pecado original, nunca foi cativa do pecado: logo, se não foi cativa, não podia ser resgatada nem remida, e por conseqüência, nem Cristo podia ser seu Redentor. Contudo é de fé que Cristo foi redentor de sua Mãe. E não só foi redentor seu de qualquer modo, senão mais perfeito redentor que de todas as outras criaturas. Porque aos outros remiu-os depois, à sua Mãe remiu-a antes; aos outros remiu-os depois de estarem cativos do pecado: à sua Mãe remiu-a antes, preservando-a para que nunca o estivesse. E este segundo modo de redenção é o mais subido e mais perfeito. Assim foi Cristo redentor de sua Mãe, e assim são estes filhos da mesma Mãe, redentores das almas, que livram com os corpos. Redentores são dos corpos, e mais das almas, mas com grande diferença: aos corpos resgatam, às almas preservam; aos corpos livram do cativo, às almas livram do perigo; aos corpos livram de uma grande desgraça, às almas livram da ocasião de outra maior; aos corpos livram do poder dos infiéis, depois que estão já em seu poder, às almas livram do poder da infidelidade, não porque estejam em poder dela, mas por que não venham a estar. E é esta uma vantagem não pequena que faz esta ilustríssima religião às outras que se ocupam em salvar almas. As outras fazem que os fiéis sejam cristãos, e ela faz que os cristãos não sejam infiéis; as outras tiram as almas do pecado, esta tira as almas da tentação; as outras conseguem que Cristo seja crido, esta consegue que Cristo não seja negado: as outras guiam a Zaqueu, para que seja discípulo, esta tem mão em Judas, para que não seja apóstata; enfim, as outras tratam as almas, como Cristo remiu universalmente a todas, esta trata universalmente a todas, como Cristo remiu singularmente à de sua Mãe. Vede, se seguem, ou se emparelham?

221. Mas falta por dizer neste caso a maior fineza. Além dos três votos essenciais e comuns a todas as religiões, fez S. Pedro Nolasco, e fazem todos seus filhos, um quarto voto, de se deixar ficar como cativos em poder dos turcos, todas as vezes que lá estiver alguma alma em perigo de perder a fé, e não houver outro meio de a resgatar, entregando-se a si mesmos em penhor e fiança dos resgates. Que eloquência haverá humana que possa bastantemente explicar a alteza deste voto verdadeiramente divino, nem que exemplo se pode achar entre os homens de fineza e caridade que o iguale? Davi, aquele homem feito pelos moldes do coração de Deus, é nesta matéria o maior exemplo que eu acho nas Escrituras Sagradas, mas ainda ficou atrás muitos passos. Estava Davi, com muitos que o acompanhavam, nas terras de Moab, aonde se recolhera, fugido de Saul, que com grandes ânsias o buscava para lhe tirar a vida. Eis que um dia, subitamente, sai-se com todos os seus daquelas terras, e vem-se meter nas de Judéia, que eram as mesmas de el-rei Saul. Se Davi se não aconselhara neste caso, como se aconselhou, com o profeta Gad, ninguém

julgara esta ação senão pela mais arrojada e mais cega de quantas podia fazer um homem de juízo, e sem juízo. Está Davi retirado e seguro em terras livres, e vem-se meter dentro em casa de seu próprio inimigo, e de um inimigo tão cruel e inexorável como Saul, que por sua própria mão o quis pregar duas vezes com a lança a uma parede? Sim, diz Nicolau de Lira. E dá a razão: *Ne viri, qui erant cum David, declinarent ad idolatriam, si diu manerent in terra idolatriae subdita*. A terra dos moabitas era terra dos idólatras; os que acompanhavam a Davi era gente pouco segura, que dava indícios e desconfianças de poder inclinar à idolatria. Pois, alto — diz Davi — não há de ser assim: saiam-se eles da terra onde corre perigo a sua fé, e esteja eu embora na terra do meu maior inimigo a todo risco.

Assim o fez aquele grande espírito de Davi, mas, ainda que se arriscou, não se entregou. Os religiosos deste instituto não só se arriscam, mas entregam-se. Quando não têm prata nem ouro com que resgatar os cativos, resgatam-nos com os seus próprios ferros, passando as algemas às suas mãos, e os grilhões aos seus pés, e fazendo-se escravos dos turcos, por que uma alma o não seja do demônio. Só de S. Paulino, bispo de Nola, celebra a Igreja uma ação semelhante a esta, porque, não tendo com que resgatar o filho de uma viúva, se vendeu e cativou por ele a si mesmo. Esta façanha fez S. Paulino, mas vede onde a fez. Em Nola. Já isto eram raízes da caridade de Nolasco: em S. Paulino de Nola se semeou, em S. Pedro Nolasco nasceu, em seus gloriosos filhos cresce e floresce. Muitos a executam em Berbéria hoje, e todos em qualquer parte do mundo estão aparelhados para a executar, porque todos o têm por voto.

222. Sim. Mas onde temos em Cristo a parelha desta fineza, que é a obrigação deste discurso? Cristo, como perfeito redentor, remiu-nos, mas nunca se prendeu, nunca se cativou, nunca se encarcerou por nossa redenção. Que seria, Senhor, se não estivéreis presente nesta custódia? Digo que sim, se prendeu, sim, se cativou, sim, se encarcerou Cristo por nós. Aquela custódia é o cárcere, aqueles acidentes são as cadeias, aquele Sacramento é o estreitíssimo cativo em que o piedosíssimo Redentor se deixou preso, encarcerado e cativo por libertar nossas almas. No dia do Juízo chamará Cristo aos seus para o reino do céu, e um dos particulares serviços que há de relatar por merecimento de tão grande prêmio, será este: *In carcere eram, et venistis ad me* (Mt. 25,36): Estava encarcerado, e visitastes-me na minha prisão. — Não é necessário que nós ponhamos a dúvida que trazem consigo as palavras, porque os mesmos premiados a hão de pôr naquele dia.

(*Domine quando te vidimus in carcere, et venimus ad te* (Mt. 25,39)?)

Senhor, quando estivestes vós no cárcere, e quando vos visitamos nós nele? — Leiam-se todos os quatro evangelistas, e não se achará que Cristo jamais fosse encarcerado. E se é certo que esteve o Senhor em algum cárcere — pois ele o diz — diga-me alguém: onde? S. Boaventura o disse e afirma, que no Santíssimo Sacramento: *Ecce quem totus mundus capere non potest, captivus noster est*: Eis ali aquele imenso Senhor,

que não cabe no mundo todo, está feito nosso prisioneiro e nosso cativo. — Vós não vedes como o fecham, como o encerram, como o levam de uma para outra parte, preso sempre ao elo dos acidentes? E se não, dizei-me: aquela pirâmide sagrada, em que está o divino Sacramento, por que lhe chamou a Igreja custódia? Porque custódia quer dizer cárcere: assim lhe chamam não só os autores da língua latina e grega, senão os mesmos evangelistas. São Lucas, referindo como prenderam aos apóstolos e os meteram no cárcere público, chama ao cárcere custódia: *Injecerunt manus in apostolos, et posuerunt eos in custodia publica*<sup>12</sup>. Assim está aquele Senhor: se exposto, em cárcere público, se encerrado, em cárcere secreto, mas sempre encarcerado, sempre prisioneiro, sempre cativo nosso: *Captivus noster est*. E como Cristo chegou a se prender e cativar pelo remédio de nossas almas, obrigação era destes gloriosos emuladores dos passas de seu amor, que também se prendessem e se cativassem por elas. Cristo cativo por vontade, eles cativos por vontade; Cristo por remédio das almas, eles por remédio das almas; Cristo como Redentor, eles como redentores; eles acompanhando a Nolasco, e Nolasco emparelhando com Cristo, que chegou a o emparelhar este grande Pedro, quando o outro, mais que grande, fez muito em o seguir: *Et secuti sumus te*.

#### §V

*Outra grande vantagem da Religião das Mercês, comparada com as outras religiões. O quarto voto, e a opinião dos Sumos Pontífices.*

223. Desta segunda vantagem de S. Pedro Nolasco com S. Pedro Apóstolo, se segue também outra grande vantagem à Sagrada Religião das Mercês, não já comparada consigo mesma, senão com as outras religiões. E que vantagem é esta? Que pela perfeição e excelência deste quarto voto — e mais, não é atrevimento — excede esta religiosíssima religião a todas as outras religiões da Igreja. Bem mostra a confiança da proposição, que não é minha nem de nenhum autor particular, senão daquele oráculo supremo, que só tem jurisdição na terra, para qualificar a verdade de todas. Assim o disse o Papa Calixto III, por palavras que não podem ser mais claras nem mais expressas: *Ratione quarti voti omissi pro redimendis captivis, quo se dignus esse captivorum Fratres hujus Instituti promittunt, merito potest Ordo iste aliis ordinibus celsior et perfectior judicari*. Tenham paciência as outras religiões, que assim o disse o Sumo Pontífice. Querem dizer as palavras, que em respeito do quarto voto, com que os religiosos deste instituto prometem de se entregar aos infiéis, em penhor dos cativos que resgatarem, se pode com muita razão esta Ordem julgar por mais sublime e mais perfeita que todas as outras ordens. — Quando isto escreveu Calixto III, que foi no ano de 1456, ainda a Companhia de Jesus e outras religiões de

<sup>12</sup> E fizeram prender os apóstolos, e mandaram metê-los na cadeia pública (At. 5, 18).

menos antigüidade ficavam de fora; mas no ano de 1628 Urbano VIII por suas bulas confirmou e repetiu este mesmo elogio da Sagrada Religião das Mercês, com que todas as religiões, sem excetuar nenhuma, ficam entrando nesta conta. E o papa Martinho V, pela altíssima perfeição do mesmo voto, declara que os religiosos das outras religiões se podiam passar para a das Mercês, como mais estreita, e que os religiosos dela se não podiam passar para as outras, como religiões menos apertadas. Tanto peso fez sempre no juízo dos Supremos Pontífices esta notável obrigação, e tanto é atar-se um homem para desatar a outros, e cativar-se para os libertar. Mas nesta vantagem, que reconheceram e aprovaram, nenhum agravo fizeram os pontífices às outras religiões, porque, que muito que esta religião neste voto nos exceda a nós, se nele se emparelhou com Cristo? Assim o diz a mesma constituição sua, posto que com palavras de gloriosa humildade: *Exemplo Domini nostri Jesu, qui semetipsum dedit pro nobis, ut nos a potestate daemonis redimeret*: Ao exemplo de Nosso Senhor e redentor Jesus Cristo, que para nos remir do poder do demônio, se entregou a si mesmo por nós.

224. E como as palavras dos Sumos Pontífices são vozes da boca de S. Pedro, as mesmas soberanias que todos concedem e confessam deste sagrado instituto, S. Pedro as concede e as confessa. Concede e confessa S. Pedro que este soberano instituto tem eminência sobre todos os institutos; concede e confessa S. Pedro que seu ilustríssimo fundador foi o primeiro e o maior exemplar dele; concede e confessa S. Pedro que vê as glórias do seu nome, não só multiplicadas, mas crescidas; concede e confessa enfim, que em matéria de seguir como de deixar, se vê vencido de outro Pedro: de outro Pedro, que tendo Pedro deixado tudo, fez ele mais que deixar; de outro Pedro, que tendo Pedro seguido a Cristo, fez ele mais que seguir: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te*.

## §VI

*Parabém à Senhora das Mercês, fundadora do Instituto, pela dedicação da igreja. As três aparições de Cristo para fundar a Igreja, e as três aparições de Maria para fundar a Religião das Mercês. Parabém ao Estado. É a nova Igreja das Mercês do Maranhão, todas as igrejas e santuários que se veneram na Cristandade.*

225. Tenho acabado o sermão, breve para o que pudera dizer, posto que mais largo para o tempo do que eu determinava. E se a vossa devoção e paciência ainda não está cansada, e me pergunta pela conseqüência ou conseqüências de todo ele, concluindo com a de S. Pedro: *Quid ergo erit nobis*<sup>13</sup>? — seja a conseqüência de tudo, darmos todos o parabém à Senhora das Mercês, e dar-mo-lo a nós mesmos pela glória que à Senhora, e pelo proveito que a todos nós nos cabe na dedicação desta obra e deste dia.

226. Sendo este sagrado Instituto tão excelente entre todos, e de tanta glória de Deus e bem universal do mundo, e uma como segunda redenção dele, não me espanto que a mesma Rainha dos Anjos — com privilégio singular desta religião — se quisesse fazer fundadora dela, e que descesse do céu a revelar seu instituto, e a solicitar em pessoa os ânimos dos que queria fazer primeiros instrumentos de tão grande obra. Foi coisa notável, que na mesma noite apareceu a Senhora, primeiro a S. Pedro Nolasco, logo a el-rei D. Jaime de Aragão, logo a S. Raimundo de Penhaforte, declarando a cada um em particular a nova Ordem que queria fundar no mundo, debaixo de seu nome e patrocínio, porque, comunicando todos três a aparição, não duvidassem da verdade dela, e pusessem logo em execução, como puseram, o que a Senhora lhes mandava, sendo o primeiro que tomou o hábito, e professou nele, o nosso S. Pedro Nolasco. Cristo Senhor nosso, no dia da ressurreição apareceu, se bem notarmos, a três gêneros de pessoas diferentes. Apareceu às Marias, apareceu aos apóstolos, apareceu aos discípulos que iam para Emaús. Pois tanta pressa, tantas diligências, tantas aparições, e todas no mesmo dia, e em tal dia? Sim, que o pedia assim a importância do negócio. O fundamento de toda a nossa fé e de toda a nossa esperança é o mistério da Ressurreição: *Si Christus non resurrexit, vana est fides vestra*<sup>14</sup> — diz S. Paulo. E como a Cristo e ao mundo lhe não importava menos a fé deste mistério, que o fundamento total e estabelecimento de sua Igreja, por isso anda tão solícito, por isso faz tantas diligências, por isso aparece uma, duas e três vezes, no mesmo dia, em diversos lugares e a diferentes pessoas. Assim o Filho, assim a Mãe. O que Cristo fez para fundar a sua Igreja, fez a Senhora para fundar a sua religião. Na mesma noite vai ao paço, e fala com el-rei Dom Jaime; na mesma noite vai ao convento de S. Domingos, e fala com S. Raimundo; na mesma noite vai a uma casa particular, e fala com São Pedro Nolasco. Pois a

<sup>13</sup> Que galardão pois será o nosso (Mt. 19,27)?

<sup>14</sup> Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé (1 Cor. 15,17).

Rainha dos Anjos, a Mãe de Deus, a Senhora do mundo, pelos paços dos reis, pelos conventos dos religiosos, pelas casas dos particulares, e no mesmo dia, e na mesma noite, que é mais? Sim, que tão grande é o negócio que a traz à terra: quer fundar a sua Religião das Mercês, e anda feita requerente, não das mercês que espera, senão das mercês que deseja fazer. E como esta soberana Rainha se empenhou tanto em fundar esta sua religião no mundo, oh! que grande glória terá hoje no céu, em que se vê com nova casa neste estado, e com o seu Instituto introduzido em Portugal depois de quatrocentos anos! Note o Maranhão de caminho, e preze muito e preze-se muito desta prerrogativa que tem entre todas as conquistas do nosso Reino. Todos os estados de nossas conquistas, na África, na Ásia e na América, receberam de Portugal as religiões com que se honram e se sustentam. Só o Estado do Maranhão pode dar nova religião a Portugal, porque lhe deu a das Mercês. Cá começou, e de cá foi, e já lá começa a ter casa, e quererá a mesma Senhora que cedo tenha casa e província.

227. Mas tomando a esta, que hoje consagramos à Virgem das Mercês, não quero dar o parabém aos filhos desta Senhora, de ter tal Mãe, pois é privilégio este mui antigo; à mesma Senhora quero dar o parabém de ter tais filhos: filhos, que com tão poucas mãos trabalharam tanto; filhos, que com tão pouco cabedal despenderam tanto; filhos, que com tão pouco tempo acabaram tanto; filhos enfim, que, não tendo casa para si, fizeram casa à sua Mãe. Não sei se notais o maior primor de arquitetura desta igreja. O maior primor desta igreja é ter por correspondência aquelas choupanas de palha, em que vivem os religiosos. Estarem eles vivendo em umas choupanas palhiças, e fabricarem para Deus e para sua Mãe um templo tão formoso e suntuoso como este, este é o maior primor, e a mais airosa correspondência de toda esta obra; ação, enfim, de filhos de tal Mãe, e que parece-lhe vem à Senhora por linha de seus maiores. Salomão, vigésimo quarto avô da Mãe de Deus, edificou o templo de Jerusalém, e nota a Escritura Sagrada, no modo, duas coisas muito dignas de advertir: a primeira, que enquanto o templo se edificou, não tratou Salomão de edificar casa para si, nem pôs mão na obra; a segunda, que sendo a obra dos paços de Salomão, que depois edificou, de muito menos fabrica que o templo, o templo acabou-se em sete anos, e os paços fizeram-se em treze. Grande caso é que se achasse o juízo de Salomão nos edificadores deste templo, sendo, entre os filhos desta Senhora, não os de maiores anos. Bem assim como Salomão, fizeram primeiro a casa de Deus, sem porém mão na sua, e bem assim como Salomão, acabaram esta obra com tanta pressa, deixando a do convento para se ir fazendo com mais vagar. Digno verdadeiramente por esta razão, e por todas, de que todos os fiéis queiram ter parte em tão religiosa obra, e tão agradável a Deus e à sua Mãe.

228. Mas que parabéns darei eu ao nosso Estado e a esta cidade cabeça dele, vendo-se de novo defendida com esta nova torre do céu, e honrada com esta nova Casa da Senhora das Mercês? A Senhora, que tantas raízes deita nesta terra, grande prognóstico é



de que a tem escolhida por sua: *In electis meis mitte radices*<sup>15</sup>. Nossa Senhora da Vitória, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora do Desterro, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora das Mercês, vede que formosa coroa sobre a cabeça de nosso Estado. Que influências tão benignas choverão sobre todos nós estas cinco formosas estrelas. Todas são mui resplandcentes, mas, com licença das quatro, a de Nossa Senhora das Mercês promete influências maiores, porque são mais universais. Nossa Senhora da Vitória é dos conquistadores; Nossa Senhora do Desterro é dos peregrinos; Nossa Senhora do Carmo é dos contemplativos; Nossa Senhora da Luz é dos desencaminhados; mas Nossa Senhora das Mercês é de todos, porque a todos indiferentemente está prometendo e oferecendo todas as mercês que lhe pedirem. Nos tesouros das mercês desta Senhora, não só há para o soldado vitória, para o desterrado da pátria, para o desencaminhado luz, para o contemplativo favores do céu, que são os títulos com que veneramos a Senhora nesta cidade, mas nenhum título há no mundo com que a Virgem Maria seja invocada, que debaixo do amplíssimo nome de Nossa Senhora das Mercês não esteja encerrado, e que a esta Senhora se não deva pedir com igual confiança Estais triste e desconsolado? Não é necessário chamar pela Senhora da Consolação: valei-vos da Senhora das Mercês, e ela vos fará mercê de vos consolar. Estais aflito e angustiado? Não é necessário chamar pela Senhora das Angústias: valei-vos da Senhora das Mercês, que ela vos fará mercê de vos acudir nas vossas. Estais pobre e desamparado? Não é necessário chamar pela Senhora do Amparo: valei-vos da Senhora das Mercês, e ela vos fará mercê de vos amparar. Estais embaraçado e temeroso em vossas pretensões? Não é necessário chamar pela Senhora do Bom-Sucesso: valei-vos da Virgem das Mercês, e ela vos fará a mercê de vos dar o sucesso que mais vos convém. Estais enfermo e desconfiado dos remédios? Não é necessário chamar pela Senhora da Saúde: acudi à Senhora das Mercês, e ela vos fará mercê de vo-ladar, se for para seu serviço. Estais finalmente para vos embarcar ou para embarcar o que tendes? Não é necessário chamar pela Senhora da Boa Viagem: Acudi à Senhora das Mercês, e ela vos fará mercê de vos levar em paz e a salvamento. De sorte que todos os despachos que a Senhora costuma dar em tão diferentes tribunais, como os que têm pelo mundo e no nosso Reino, todos estão advogados a esta Casa das Mercês, porque nela se fazem todas.

229. E por que não vos admireis desta prerrogativa da Senhora da Casa, sabeis que a Casa da Senhora tem a mesma prerrogativa. Que casa e que igreja cuidais que é esta em que estamos? Padre, é a Igreja nova de Nossa Senhora das Mercês do Maranhão. E é mais alguma coisa? Vós dizeis que não, e eu digo que sim. Digo que esta igreja é todas as igrejas e todos os santuários grandes que há e se veneram na Cristandade, e ainda fora da Cristandade também. Esta igreja é a igreja de Santiago de Galiza, e a igreja de Guadalupe em Castela, e a igreja de Monserrate em Catalunha, e a igreja do Loreto em Itália, e a igreja

<sup>15</sup> Lança raízes entre os meus escolhidos (Eclo. 24,13).

de S. Pedro, e de S. Paulo, e de S. João e Laterano, e de Santa Maria Maior, em Roma. E para que passemos além da Cristandade, este é o Templo de Jerusalém, não arruinado, este é o Monte Olivete, este o Tabor, este o Calvário, esta a Cova de Belém, este o Cenáculo, este o Horto, este o Sepulcro de Cristo. Assim o torno a afirmar, e assim é. Sabeis por que modo? Porque todas as graças e indulgências que estão concedidas a estes templos, a todos estes santuários, a todos esses lugares sagrados de Jerusalém e do mundo todo, todas estão concedidas, por diversos Sumos Pontífices, a sua religião. De modo que, passeando de vossa casa a fazer oração nesta igreja, é como se fôsseis a Compostela, a Loreto, a Roma, a Jerusalém. Pode haver maior tesouro, pode haver maior felicidade e facilidade que esta? O que importa é que nos saibamos aproveitar, e nos aproveitemos destas riquezas do céu. Não nos descobriu Deus as minas da terra, que este ano com tanta ânsia se buscaram, e descobre-nos as minas do céu, sem as buscarmos, para que façamos só caso delas. Façamo-lo assim, cristãos, freqüentemos de hoje em diante esta igreja, e de tantas casas de ruim conversação que há em terra tão pequena, esta, que é de conversar com Deus e com sua Mãe, não esteja deserta; seja esta de hoje em diante a melhor saída da nossa cidade, saída que vos fará sair, onde não vos convém entrar, nem estar. Aqui venhamos, aqui continuemos, aqui acudamos, nos trabalhos, para o remédio, nas tristezas, para o alívio, nos gostos, para a perseverança, e em todos nossos desejos e pretensões, aqui tragamos nossos memoriais, aqui peçamos, aqui instemos, e daqui esperemos todas as mercês do céu, e ainda as da terra, que, sendo mercês da Senhora das Mercês, sempre serão acompanhadas de graça, e encaminhadas à glória. *Quam mihi, etc.*

## SERMÃO DA SEXTA SEXTA-FEIRA DA QUARESMA

PREGADO NA CAPELA REAL, ANO 1662

*Collegerunt pontifices et pharisaei concilium<sup>1</sup>.*

### §I

*A melhor e a pior coisa que há no mundo é o conselho. Do conselho que julgou a Cristo fará o autor um espelho à corte.*

230. A melhor e a pior coisa que há no mundo, qual será? A melhor e a pior coisa que há no mundo, é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é mau, é o pior mal. A maior maldade que cometeu neste mundo a cegueira e obstinação dos homens foi a morte de

<sup>1</sup> Ajuntaram-se os pontífices e os fariseus em conselho (Jo. 11, 47).

Cristo; a maior misericórdia que obrou neste mundo a bondade e piedade de Deus foi a redenção dos homens. E ambas estas coisas tão grandes e tão opostas saíram hoje resolutas de um conselho: *Expedit vobis, ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat*<sup>2</sup>. Suposta esta primeira verdade de ser o conselho o maior bem e o maior mal do mundo, ou quando menos a fonte dos maiores bens e dos maiores males, quisera eu hoje que fosse matéria de nosso discurso a consideração dos bens e males que concorreram neste conselho. Este conselho, ou se pode considerar pela parte que teve de político, ou pela parte que devia ter de cristão. Pela parte que teve de político, mostrou alguns ditames acertados; pela parte que devia ter de cristão, cometeu o mais enorme de todos os erros. E porque dos erros e dos acertos, como do aço e do cristal se compõem e formam os espelhos, dos acertos e dos erros deste conselho, determino formar hoje um espelho à nossa corte. Será este espelho de tal maneira político para os cristãos, e de tal modo cristão para os políticos, que se possa ver e compor a ele um conselho, e um conselheiro, e também um aconselhado. Se for muito liso e muito claro, isso é ser espelho.

*Collegerunt pontifices et pharisaei concilium.*

## §II

*As quatro partes do conselho do Evangelho.*

231. Quatro partes considero neste conselho do Evangelho, sem as quais nenhum conselho pode ser acertado, nem ainda ser conselho. A eleição dos conselheiros, a formalidade da proposta, a conveniência dos pareceres e a eficácia da execução. A primeira contém os princípios do conselho, a segunda o modo, a terceira os meios, a quarta o fim. Sem a primeira, será o conselho imprudente, sem a segunda, confuso, sem a terceira, danoso, sem a última, ocioso e inútil. Começemos pela primeira.

## §III

*Primeira boa propriedade do conselho do Evangelho: a matéria sobre que se havia de votar era da profissão dos conselheiros. A causa de andar tão mal-aconselhado o mundo é porque de ordinário os príncipes trazem descontraídos os conselhos e os conselheiros. Voto dos fariseus. O conselho de Deus contra el-rei Acab, e o voto do demônio. Em que consiste a gentileza do voto? O que se há de respeitar no voto? Por que votou melhor o demônio que os anjos?*

---

<sup>2</sup> Convém que morra um homem, e que não pereça toda a nação (Jo. 11, 50)

232. A primeira boa propriedade que teve este conselho do Evangelho foi que a matéria, sobre que se havia de votar, era da profissão dos conselheiros. A matéria era de religião, e eles eram sacerdotes; a matéria era de fé, e eles eram teólogos; a matéria era do Messias prometido pelos profetas, e eles eram doutos nas Escrituras; enfim, a matéria era de letras, e eles eram letrados. A causa de se governar tão mal o mundo, e de andar tão mal-aconselhado havendo tantos conselhos, é porque de ordinário os príncipes baralham os metais, e trazem descontraídos os conselhos e os conselheiros. Se o soldado votar nas letras, e o letrado na navegação, e o piloto nas armas, que conselho há de haver, nem que sucesso? Haverá letrados, e não se verá justiça; haverá pilotos, e não se fará viagem; haverá soldados e exércitos, e levarão a vitória os inimigos. Vote cada um no que professa, e logo nos conselhos haverá conselho. Nos casos da religião vote Samuel e Heli; nos negócios da guerra vote Joab e Abner; nas importâncias do Estado vote Cusai e Aquitofel, e nas ocorrências da navegação e do mar — ainda que não tenham nomes tão pomposos — vote Pedro e André. Indigna coisa parece, e ainda escandalosa, que os fariseus entrem no mesmo conselho com os Pontífices: *Collegerunt pontifices et pharisaei concilium*. Também o fariseu há de ter lugar no conselho? Também o fariseu há de dizer seu parecer? Também o fariseu há de dar seu voto? Também: se a matéria for da sua profissão. Ainda que o nome de fariseu naquele tempo fora tão vil e tão malsoante como é hoje, nem por isso se havia de excluir do conselho nas matérias da sua profissão, porque o bom conselho e o bom conselheiro, não o faz o nome nem a qualidade da pessoa, senão a do voto. E por que vos não pareça esta doutrina de tão má escola, como a do nosso Evangelho, vede tudo o que tenha dito no conselho de um príncipe melhor que os melhores pontífices, e no voto de um conselheiro pior que os piores fariseus.

233. Viu o profeta Miquéias a Deus em conselho, assentado em um trono de grande majestade. — Conta o caso o mesmo profeta no *Terceiro Livro dos Reis, cap. 22* — Assistiam a Deus, de uma e outra parte do conselho, todas as grandes personagens das três jerarquias: os Tronos, as Potestades, as Dominações, Querubins, Serafins, etc. E diz o profeta, que também veio o diabo a achar-se no conselho. Se num conselho do céu, onde o presidente é Deus e os conselheiros anjos, entra um diabo, nos conselhos da terra, onde os que presidem e os que aconselham são homens, e talvez homens de muita carne e sangue, quantos diabos entrarão? Fez Deus a proposta ao conselho em voz, e disse assim: Pelas injustiças de Acab, rei de Israel, e pelas da rainha Jezabel, sua mulher, assim as que eles cometem, como as que consentem no reino, tenho resoluto de lhes tirar a vida e a coroa. E porque o estilo de minha justiça e providência é castigar os reis, permitindo que sejam enganados para que sigam os caminhos de sua ruína, cuidando que são os meios de sua conservação, quisera ouvir do meu conselho, que modo haverá para que seja enganado el-rei Acab, e para que emprenda a guerra de Ramot e acabe nela? E também me diga o conselho a que pessoa, ou pessoas, será bem encarregar esta empresa? *Quis decipiet Acab*

*regem Israel, ut ascendat; et, cadat in Ramoth*<sup>3</sup>?

234. Ouvida a proposta de Deus, foram respondendo os anjos como lhes cabia, e diz o texto que uns diziam de um modo e outros de outro: *Unus verba hujusmodi, et alius aliter* (3 Rs. 22,20), porque até entre os anjos pode haver variedade de opiniões, sem menoscabo de sua sabedoria nem de sua santidade, e para que acabe de entender o mundo, que, ainda que algumas opiniões sejam angélicas, nem por isso são menos angélicas as contrárias.

No último lugar falou o demônio, e falou breve, resumido, substancial e resoluto: *Ego decipiam illum; egrediar, et ero spiritus mendax in ore omnium prophetarum ejus*<sup>4</sup>. Suposto, Senhor, que V. Majestade divina tem resoluto, ou permitido, que seja enganado Acab para ser destruído, o meio mais a propósito para se enganar é que lhe mintam todos seus conselheiros, que são os profetas a quem ele consulta, e a pessoa que sem dúvida os fará mentir a todos — diz o demônio — serei eu, porque me transformarei em espírito de mentira, e me meterei nas suas línguas. — Até aqui o diabo. Ouvi agora, e pasmai. Não tinha bem acabado de dizer o demônio, quando Deus se conformou inteiramente com o seu voto, e não só lhe cometeu a empresa, mas seguiu a todos o sucesso dela: *Decipies, et praevaleris: egredere, et fac ita*<sup>5</sup>. Ainda me estou benzendo, depois que isto li. Quem tal coisa crera, se a não afirmara Miquéias, como testemunha de vista? É possível que no seu conselho sacratíssimo e secretíssimo, há Deus de admitir o demônio? E é possível que não só o há de admitir e ouvir, senão que há de aprovar o seu voto, e se há de confirmar só com ele, deixando o parecer de tantos anjos e de tantos príncipes do céu? Sim. Porque a prudência e obrigação do Senhor supremo não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor; não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões; não é formar os votos, senão pesá-los. E porque o demônio, neste caso, votou melhor que os anjos, por isso se não conforma Deus com o parecer dos anjos, senão com o voto do demônio.

235. Os anjos, com serem anjos, votaram uns assim, outros assim, como diz o texto; mas o demônio, vede que gentilmente votou. A gentileza de um voto consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim, e em proporcionar o instrumento com o meio, e tudo fez o demônio escolhidamente. Proporcionou o meio com o fim, porque o fim do conselho era que Acab fosse enganado; e para ser enganado Acab, não havia meio mais a propósito que mentirem-lhe todos os seus conselheiros. Proporcionou também o instrumento com o meio, porque, para os conselheiros todos mentirem, não havia instrumento mais sutil e acomodado que o mesmo espírito da mentira metido nas línguas de todos. E sendo o voto do demônio tão medido com a proposta, sendo tão ajustado com o fim, sendo tão proporcionado nos meios, por que o não havia de aprovar Deus, e por que o

<sup>3</sup> Quem enganará a Acab, rei de Israel, para que ele marche e pereça em Ramot (3 Rs. 22,20).

<sup>4</sup> Eu o enganarei; eu irei, e serei um espírito mentiroso na boca de todos os profetas (3 Rs. 22,21 s).

<sup>5</sup> Tu o enganarás, e prevalecerás: sai, e faze-o assim (3 Rs. 22, 22).

não havia de antepor ao de todas as jerarquias? Olhar para a jerarquia de quem votou é querer venerar os votos, mas não acertá-los. Na eleição do voto, nem se há de respeitar a dignidade da pessoa — que por isso Deus se não conformou com os Tronos — nem se há de respeitar a nobreza — que por isso se não conformou com os Principados -nem se há de respeitar os títulos — que por isso se não conformou com as Dominações -nem se há de respeitar o poder — que por isso se não conformou com as Potestades — nem se há de respeitar o amor — que por isso se não conformou com os Serafins — nem se há de respeitar a ciência — que por isso se não conformou com os Querubins — nem se há de respeitar a santidade — que por isso se não conformou com as Virtudes. — Finalmente, não se há de respeitar qualidade alguma, por angélica, e mais angélica que seja — que por isso se não conformou com anjos, nem com arcanjos. Pois, que se há de respeitar no voto, e por onde se há de avaliar? Há-se de avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto, e nada mais. Ainda que a pessoa que votou seja o sujeito mais vil do mundo, qual era o demônio, e ainda que seja a que está mais fora da graça do príncipe, como o demônio estava, se o seu voto for o melhor, há de preferir o seu voto.

236. O principal nos falta por advertir. Conformou-se Deus com o voto do demônio, e não com os dos anjos, porque o demônio votou melhor. Bem está. Mas, por que votou melhor o demônio que os anjos? Por que tem mais sabedoria que eles? Não. Por que tem mais delgado entendimento? Não. Por que ama mais a Deus, e zela mais seu serviço? Não. Por que deseja mais dar-lhe gosto, e fazer, e adivinhar-lhe a vontade? Não. Pois por que vota melhor um demônio neste conselho, que todos os anjos juntos? Porque a proposta e a matéria do conselho eram da profissão do demônio, e não era da profissão dos anjos. A proposta e a matéria do conselho era enganar a Acabe fazê-lo cair: *Quis decipiet Acab, ut cadat?* E como a profissão própria do demônio é enganar e fazer cair aos homens, por isso votou melhor e mais acertadamente que todos. Se a proposta fora como se havia de guardar Acab, e como se havia de guiar e encaminhar para que se defendesse e se livrasse dos perigos daquela guerra, então venceria infalivelmente o voto dos anjos, porque essa é sua profissão: guardar, guiar, encaminhar, livrar e defender aos homens. Mas como o negócio era tão alheio da profissão e ofício dos anjos, e tão próprio da profissão e exercício do demônio, por isso o demônio votou melhor que todos os anjos. Tanto importa que vote cada um no que exercita, e que aconselhe no que professa. E seria grande desgraça, que se não observasse esta máxima em conselhos cristãos e católicos, quando vemos que se fez hoje assim em um conselho de inimigos de Cristo: *Collegerunt pontifices et pharisaei concilium adversus Jesus* (Jo. 11, 47).

#### §IV

*Segunda boa propriedade do conselho do Evangelho: o modo da proposta. Os*

*conselheiros de que havemos de fazer; e os conselheiros de quid facimus? De quem fugiu Cristo quando o quiseram fazer rei? O primeiro conselho que houve no mundo: o da Torre de Babel.*

237. A segunda boa propriedade, e excelentemente boa que teve este conselho, foi o modo da proposta: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit*: Que fazemos, que este homem faz muitos milagres. — Não sei se reparais no que dizem e no que não dizem. Não dizem: que havemos de fazer, senão: que fazemos? Ah! que grande conselho, e que grandes conselheiros! Conselheiros de que havemos de fazer não são conselheiros. Os conselheiros hão de ser homens de *quid facimus*: que fazemos? E vede que discretamente inferiram é contrapesaram a proposta. Eles eram inimigos de Cristo, e tinham a Cristo por inimigo, e diziam: *Quid facimus, quia hic homo multa signa facit*<sup>6</sup>? Notai o *facit*, e o *quid facimus*. Basta que nosso inimigo faz, e nós não fizemos? Nosso inimigo faz, e nós havemos de fazer? Nosso inimigo faz milagres, e nós não fazemos o que se pode fazer sem milagre? Já que ele faz, façamos nós: *Quid facimus?* Que fazemos? A razão por que se perdeu tanta parte daquela tão honrada monarquia da Ásia, ganhada com tão ilustre sangue, qual foi? Porque o inimigo fazia, e nós havíamos de fazer. Não vamos tão longe. Enquanto Portugal teve homens de havemos de fazer — que sempre os teve — não tivemos liberdade, não tivemos reino, não tivemos coroa. Mas tanto que tivemos homens de *quid facimus*, logo tivemos tudo.

238. Quando Cristo fez aquele famoso milagre dos cinco pães no deserto, quiseram-no aclamar por rei, mas não o consentiu o Senhor. Quando entrou por Jerusalém, aclamaram-no por rei — *Benedictus qui venit in nomine Domini, Rex Israel*<sup>7</sup> — e não só o consentiu e aprovou, mas louvou e defendeu os que o aclamaram. Pois se Cristo admitiu o título de rei na corte, onde era mais arriscado, por que o não admitiu no deserto, onde não havia risco? Sabeis por quê? Porque quis aceitar o título de rei da mão de homens que o fizeram, e não da mão de homens que o haviam de fazer. Notai o que diz o texto: *Jesus autem cum cognovisset quia venturi erant ut raperent eum, et facerent eum regem, jugit* (Jo. 6,15): Vendo o Senhor que aqueles homens haviam de vir, e o haviam de arrebatam, e o haviam de fazer rei, fugiu. — E vós sois-me homens de que haviam, e mais que haviam, e outra vez que haviam? Eis aqui por que Cristo não quis ser aclamado rei por tais homens. Aceitou o título dos homens que o fizeram, e não dos homens que o haviam de fazer, porque homens de havemos de fazer, não são homens, quanto mais homens que houvessem de fazer um rei, e sustentá-lo. O texto diz que fugiu para o monte, mas não diz de que fugiu. E isso é o que eu pergunto: de que fugiu Cristo nesta ocasião? Dizem comumente que fugiu da coroa, mas eu digo que, se fugiu da coroa, fugiu muito mais dos homens,

<sup>6</sup> Que fazemos nós, que este homem faz muitos milagres (Jo. 11, 47).

<sup>7</sup> Bendito seja o Rei de Israel, que vem em nome do Senhor (Jo. 12,13).

porque não há coisa de que um rei mais haja de fugir, que de homens de havemos de fazer. Se eles foram de *quid facimus*, bem me rio eu, que lhes fugira Cristo. E se lhes fugisse, haviam-no de prender, porque se depois o prenderam para lhe pôr uma coroa de espinhos, por que o não prenderiam para lhe porem uma coroa de ouro? Mas como eram homens de que havemos de fazer, nenhuma coisa fizeram: parou o seu conselho em nada.

239. O primeiro conselho que houve no mundo foi o da Torre de Babel. Resolveram os homens em uma junta de todos quantos então havia, que, para eterna memória de seu nome, fabricassem uma torre cujas ameias subissem até entestar com as estrelas: *Cujus cumen pertingat ad caelum* (Gên. 11,4). Não se pode crer o grande abalo que fez no céu este conselho. Mandou Deus tocar a rebate, e assistido logo de todos os exércitos dos anjos, a fala que lhes fez foi esta: *Caeperunt hoc facere, nec desistent a cogitationibus suis, donec eas opere compleant* (Ibid. 6): Estes homens resolveram em conselho de fazer uma torre que chegue até o céu, e não hão de desistir do seu pensamento, até o levarem ao cabo: *Descendamus igitur et confundamus linguas eorum*: O que importa é que desçamos logo à terra, e que lhes confundamos as línguas, para que não vão por diante com seu intento. — Com o seu intento, Senhor? E que importam, ou que podem importar os intentos dos homens contra o céu? Pois se o céu e os anjos, e muito mais Deus, estão tão seguros de todo o poder dos homens, se todas as máquinas de seus pensamentos e de suas mãos contra o céu, mais são desvanecimentos que conselhos, de que se altera o Empíreo, de que se receiam os anjos, de que se acautela Deus com tanto cuidado, com tanta prevenção, com tanto estrondo? Mais: se a fábrica imensa daquela intentada torre, quando menos pela distância infinita que vai da terra ao céu, não só era temerária, senão impossível, como afirma constantemente o mesmo Deus que não hão de desistir os homens da obra, até a levarem ao cabo? Eu o direi, e o mesmo texto o diz.

240. Aqueles homens, para tudo o que intentaram e resolveram, não fizeram mais que dois conselhos: um dos meios, outro do fim. No primeiro conselho disseram: *Venite, faciamus lateres*: eia, façamos tijolos; no segundo conselho disseram: *Venite, faciamus turrim*: eia, façamos a torre. E homens que em todos os seus conselhos não dizem faremos nem havemos de fazer, senão façamos: *Faciamus lateres, faciamus turrim*, estes homens, ainda que intentem o maior impossível, hão de levá-lo ao cabo. Homens que fazem os conselhos fazendo, homens que as suas resoluções são de pedra e cal, e que quando haviam de parecer conselhos, aparecem muralhas, guarde-se o mundo, guarde-se o céu, guardem-se os anjos, e — se é lícito dizê-lo assim — guarde-se o mesmo Deus de tais homens. Não é o encarecimento meu, senão do mesmo Deus, o qual por isso se não dilatou um momento em acudir ao caso, nem se contentou com mandar, senão que desceu em pessoa, e não só, senão acompanhado de todos os seus exércitos: *Descendamus*. Tal foi o conselho que hoje fizeram estes conselheiros, e tais foram também os efeitos dele. Tanto que Cristo viu o que se tinha proposto e resoluto neste conselho, que fez? Diz o evangelista que o Senhor se



retirou logo de Jerusalém, e se passou escondidamente para a cidade de Efrém, e se meteu num deserto: *Jesus ergo jam non palam ambulabat apud judaeos, sed abiit in regionem juxta desertum in civitatem, quae dicitur Ephrem* (Jo. 11,54). E retira-se Cristo? Esconde-se Cristo? Desaparece Cristo? Sim. Porque homens que nas suas propostas e nos seus conselhos não dizem que havemos de fazer, senão *quid facimus*, até a Deus metem cuidado, até a Deus põem receios, até Deus não está seguro de tais homens e de tais conselhos: *Non palam ambulabat, abiit in regionem juxta desertum*<sup>8</sup>.

## §V

*A terceira propriedade boa do conselho do Evangelho: a eficácia e presteza da execução. O princípio dos negócios é a execução. O conselho das mãos. Os entendimentos das mãos. Davi e seu grande conselheiro Aquitofel.*

241. Pedia agora a ordem do conselho que depois da proposta se seguissem os pareceres e a resolução. Mas, para maior clareza do discurso, fique esta terceira parte para o fim, e passemos à última. A última propriedade boa, e melhor que todas deste conselho, foi a eficácia e presteza da execução: *Ab illa autem die, cogitaverunt eum interficere*<sup>9</sup>. O texto grego diz: *Ab illa autem hora*. No mesmo dia, e na mesma hora do conselho se começou a pôr o conselho em execução com todo o cuidado. A proposta do conselho foi: *Quid facimus?* Que fazemos? E o fim do conselho na mesma hora foi fazer o que se resolveu que se fizesse. Cuidam os ministros que, feitos os conselhos, feitas as consultas, feitos os decretos, está feito tudo, e ainda se não começou a fazer nada. O princípio dos negócios é a execução: enquanto se não dão à execução, não se lhe tem dado princípio. *In principio creavit Deus caelum et terram*, são as primeiras palavras da Escritura: No princípio, criou Deus o céu e a terra. Pergunto: antes de Deus criar o céu e a terra, a criação do mesmo céu e da mesma terra não estava decretada *ab aeterno* no conselho de sua sabedoria? Sim, estava. Pois então é que se deu princípio à criação do céu e da terra? De nenhum modo, diz o texto: *In principio creavit Deus caelum et terram*. Quando Deus criou o céu e a terra, então é que lhes deu princípio, porque, enquanto os conselhos se não dão à execução, por mais conselhos e por mais decretos que haja, ainda se não tem dado princípio a nada. Que importa que haja conselhos e mais conselhos, que importa que haja decretos e mais decretos, se entre os decretos e a execução se passa uma eternidade? Os decretos serão divinos e diviníssimos, como eram os de Deus, mas todas essas divindades decretadas sem execução, que vêm a ser? O que era o céu e a terra antes da criação do mundo? Nada. Antes da criação do mundo estava decretado o céu, estava decretada a terra,

<sup>8</sup> Já não andava em público; retirou-se para uma terra vizinha do deserto (Jo. 11, 54).

<sup>9</sup> Desde aquele dia, pois, cuidavam eles em ver como lhe dariam a morte (Jo. 11, 53).

estavam decretados os elementos, e tudo quanto Deus criou; tudo estava decretado e assentado em conselho. Mas todas estas coisas decretadas, que eram? O céu era nada, a terra outro nada, os quatro elementos quatro nada, e toda essa infinidade de coisas uma infinidade de nada. Que importa a sentença no conselho da justiça, se se não executa a sentença? Que importa o arbítrio no conselho da Fazenda, se se não executa o arbítrio? Que importa a prevenção no conselho da Guerra, se se não executa a prevenção? Que importam os mistérios no conselho do Estado, se se não executam os mistérios? O mistério altíssimo e diviníssimo da Encarnação estava decretado havia uma eternidade, e estava revelado havia quatro mil anos: e que era este mistério antes da execução? Nada.

242. Pois que remédio para que estes nada sejam alguma coisa e sejam tudo? O remédio é criar um conselho de novo. Ainda mais conselhos? Bem aviados estamos. E que conselho há de ser este? E como se há de chamar? Salomão, cujo é o arbítrio, lhe deu também o nome: *Consilium manuum* (Prov. 31, 13): um conselho de mãos. Este é o conselho dos conselhos. Todos os outros conselhos, sem este, são conselho sem conselho. Os conselhos do entendimento discorrem, altercam, disputam, consultam, resolvem, decretam, e até aqui nada. O conselho das mãos é o que faz as coisas. O mesmo texto o diz: *Operata est consilio manuum suarum*<sup>10</sup>. Os outros conselhos especulam; este conselho obra. Mas, com licença de Salomão, se este chamado conselho é de mãos parece que se não havia de chamar conselho, porque o conselho é ato de entendimento, e as mãos não têm entendimento. Antes só as mãos têm o entendimento que é necessário. A cabeça tem entendimento especulativo, as mãos têm entendimento prático, e este é só o entendimento que faz as coisas. Assim o disse um rei, que tinha muito bom entendimento e muito boas mãos, Davi: *In intellectibus manuum suarum deduxit eos*<sup>11</sup>. Fala Davi das felicidades daquela mesma república em cujo conselho estamos, e conclui que em todas as ocasiões em que tiveram felizes sucessos, os governou Deus, e eles se governaram com os entendimentos de suas mãos: *In intellectibus manuum suarum*. E notai que não diz com o entendimento de suas mãos, senão com os entendimentos: *In intellectibus manuum suarum*. A cabeça, que é uma, tem entendimento; as mãos, que são duas, têm entendimentos: *In intellectibus*. Aqui está um entendimento, e aqui outro: um na mão direita, outro na esquerda, e se estes dois entendimentos se dão as mãos, tudo se consegue. Os mais felizes reinos não são aqueles que têm as mais bem entendidas cabeças, senão aqueles que têm as mais bem entendidas mãos. Dos entendimentos das mãos é que se fazem os prudentes conselhos, ou quando menos nos entendimentos das mãos é que se qualificam de prudentes, porque os conselhos prudentes, que não passam do entendimento às mãos, fazem-se de prudentes néscios.

243. Rebelou-se Absalão contra el-rei Davi. Seguiu a voz de Absalão todo o reino,

<sup>10</sup> Trabalhou com a indústria das suas mãos (Prov. 31,13).

<sup>11</sup> Com a indústria das suas mãos os conduziu (Sl. 77,72).

cujas vontades ele tinha ganhado: *Toto corde universus Israel sequitur Absalam*<sup>12</sup>. Chegou a nova ao rei nestes mesmos termos, e como nos grandes casos se vêem os grandes corações, acomodou-se Davi à fortuna do tempo, e retirou-se com os capitães de sua guarda, que só o acompanhavam. Tinha já caminhado um bom espaço do Monte Olivete, quando recebeu segundo aviso, que também Aquitofel, seu grande conselheiro, seguia as partes de Absalão, e aqui foi que o coração do rei sentiu os primeiros abalos. Pôs-se de joelhos, levantou as mãos ao céu, e disse a Deus: *Infatua, quaeso, Domine, consilium Achitofel* (2 Rs. 15,31): Peço-vos, Senhor, que enfatueis o conselho de Aquitofel. — Nunca nossa língua me pareceu pobre de palavras, senão neste texto. Enfatuar significa fazer imprudente, fazer ignorante, fazer néscio, e ainda significa mais; e tudo isto pedia Davi que fizesse Deus ao conselho de Aquitofel. Vede o que pesava no juízo daquele grão-rei, e o que deve pesar no de todos um grande conselheiro? Quando disseram a Davi que todo o reino unido seguia a Absalão, não fez oração a Deus para que o livrasse de suas armas; quando lhe disseram que também Aquitofel o seguia, fez oração apertada, para que o livrasse de seus conselhos. Mais temeu Davi a testa de um só homem, que os braços de infinitos homens. Bem tinha já experimentado o mesmo Davi na pedrada do gigante, que importa pouco que o corpo e os braços estejam armados, se a testa está fraca. Houve-se Davi neste caso contra Absalão, como já se houvera contra Golias. O tiro da sua oração não o apontou contra o reino, que era o corpo armado, senão contra Aquitofel, que era a testa. Um grande conselheiro no conselho do rei há de ser a sua maior estimação, e no conselho do inimigo há de ser o seu maior temor.

244. Vamos agora ao sucesso, em que a Escritura diz duas coisas notáveis, e que parecem totalmente encontradas. A primeira, que Deus ouviu a oração de Davi contra o conselho de Aquitofel; a segunda, que Aquitofel aconselhou a Absalão prudentemente o que lhe convinha: *Domini autem nutu dissipatum est consilium Achitofel utile*<sup>13</sup>. Pois se Aquitofel aconselhou útil e prudentemente a Absalão, como ouviu Deus a oração de Davi? A oração de Davi pediu a Deus que enfatuasse o conselho de Aquitofel; mas se o conselho de Aquitofel foi prudente e útil, como enfatou Deus o seu conselho? Quereis saber como o enfatou, lede por diante o texto. Ainda que a Escritura diz que o conselho de Aquitofel foi prudente, diz também que Absalão o não executou, e este foi o modo com que Deus enfatou aquele conselho, porque conselhos prudentes, sem execução, não são prudentes, são fâtuos. De dois modos podia Deus enfatuar o conselho de Aquitofel: ou no entendimento do mesmo Aquitofel, fazendo que Aquitofel votasse mal, ou nas mãos de Absalão, fazendo que, ainda que o conselho fosse bom, Absalão o não executasse. E Deus, para totalmente enfatuar o conselho de Aquitofel, como Davi lhe tinha pedido, escolheu este segundo modo, porque o conselho que se não acerta com o entendimento é conselho

<sup>12</sup> Todo o Israel segue Absalão com todas as veras (2 Rs. 15,13).

<sup>13</sup> Mas por disposição do Senhor foi dissipado o útil conselho de Aquitofel (2 Rs. 17,14).

errado; mas o conselho, que depois de acertado não se executa, não só é errado, é fátuo. Errar um conselho é coisa que cabe em homens prudentes; mas acertá-lo e perdê-lo por falta de execução, só em homens fátuos se pode achar. Oh! quantos reinos se perdem, por conselhos prudentes enfatuados! Vejam lá os príncipes se são enfatuados nos entendimentos dos Aquitoféis, ou nas mãos dos Absalões. Por isso eu desejava um conselho de mãos, e por isso, sendo tão mau, teve esta parte de bom o conselho do nosso Evangelho. Começou estranhando o que se não fazia: *Quid facimus?* E acabou começando o que se havia de fazer: *Ab illa autem die, ab illa autem hora cogitaverunt eum interficere.*

245. Mas eu não acabo de entender como isto podia ser logo, no mesmo dia e na mesma hora em que se fez o conselho. Quando se lançaram os votos? Quando se escreveu a consulta? Quando se assinou? Quando subiu? Quando se resolveu? Quando baixou? Quando se fizeram os despachos? Quando se registraram? Quando tomaram a subir? Quando se firmaram? Quando tornaram a baixar? Quando se passaram as ordens? Quando se distribuíram? Tudo isto não se podia fazer em uma hora, nem em um dia, nem ainda em muitos. Se fora no nosso tempo e na nossa terra, assim havia de ser, mas tudo se fez, e tudo se pôde fazer. Por quê? Porque não houve tinta nem papel neste conselho.

## §VI

*Quarta e última propriedade boa do conselho do Evangelho: ser um conselho em que não apareceu papel nem tinta. Qual é mais antigo no mundo: os conselhos ou o papel? O escrever, remédio dos ausentes e dos mudos. Na execução de Cristo, só quatro palavras se escreveram, que foram as do título da cruz, e logo houve sobre elas requerimentos e alterações. O papel, matéria de escrever e invenção de esfolar.*

246. Esta é a quarta e última propriedade boa que nele considero: ser um conselho em que não apareceu papel nem tinta. Dias há que tenho para mim que a tinta e o papel são duas peças, ou escusadas, ou quase escusadas em um conselho. E porque isto parece querer condenar o mundo, não hei de argumentar ao mundo, senão consigo mesmo. Qual é mais antigo no mundo: o conselho ou o papel? Pois assim como naquele tempo faziam os conselhos sem papel, por que se não puderam fazer agora? Dir-me-eis que estava ainda o mundo pouco polido, e pouco político. Mais político que agora. A primeira nação ou a primeira língua que soube ler e escrever foi a dos hebreus. Primeiro se governaram por famílias, depois em república, depois em monarquia, ultimamente em reinos e em todos estes estados não achareis tinta nem papel em seus conselhos. Chamava o príncipe diante de si os de seu conselho, propunha a matéria, ouvia os pareceres, resolvia o que se havia de fazer, nomeava a pessoa que o havia de executar, e acabava-se o conselho. Não era bom estilo este, senhor mundo? Agora estareis mais empapelado, mas nem por isso mais bem

aconselhado. É verdade que junto às pessoas reais havia naquele tempo dois oficiais de pena. E quais eram? Um historiador e um secretário. Tira-se do *II Livro dos Reis*, capítulo 8 (2 Rs. 8,17), onde se referem os oficiais de que se compunha a casa real, e se nomeia entre eles Josafá, a *comentariis*, e Saraias, *scriba*. E por que eram o historiador e o secretário os dois ofícios de pena? Discretissimamente o ordenaram assim, porque o escrever foi inventado para remédio da ausência e da memória. O secretário escrevia as cartas para os ausentes, e o historiador escrevia as memórias para os futuros. Por isso geralmente nas Histórias Sagradas só achamos livros e epístolas: os livros para os vindouros, as epístolas para os ausentes. Também o escrever se fez para remédio dos mudos, como aconteceu a Zacarias, pai do Batista, que, sendo consultado sobre o nome do filho, e não tendo língua para o declarar, pediu a pena. Se os conselheiros foram mudos, e os reis surdos, então era necessário o papel; mas se os conselheiros falam, e os reis ouvem, para que são tantos papéis? Não é melhor ouvir um conselheiro que fala e responde, que ler um papel mudo, que não sabe responder? E quantos conselheiros houveram de dizer, de palavra, o que se não atrevem a dizer e firmar por escrito? Entre a boca do consultado e o ouvido do rei passa a verdade com segurança, e nem todos têm liberdade e constância para fiar o seu voto das riscas e dos riscos de um papel. Não falo em que a tinta, com ser preta, pode tingir o papel de muitas cores, e a pena, de qualquer ave que seja, toda nasceu de carne e sangue.

247. Introduzir papel e tinta — ao menos tanto papel, e tanta tinta — nos conselhos e nos tribunais, foi traça de fazer o tempo curto, e os requerimentos largos, e de se acabar primeiro a paciência e a vida, que os negócios. O maior exemplo que há desta experiência em todas as histórias é a da execução deste mesmo conselho em que estamos: *Ab illa autem die cogitaverunt eum interficere*. A execução deste conselho foi a morte de Cristo, e é coisa, que parece excede toda a fé — se o não disseram os evangelistas — considerar o muito que se fez, e o pouco tempo que se gastou nesta execução. Foi Cristo preso às doze da noite, e crucificado às doze do dia. E que se fez, ou que se não fez nestas doze horas? Foi levado o Senhor a quatro tribunais mui distantes, e a um deles duas vezes; ajuntaram-se e fizeram-se dois conselhos; presentaram-se em duas partes as acusações; tiraram-se três inquirições de testemunhas; expediu-se a causa incidente, e perdão de Barrabás; deram-se dois libelos contra Cristo; fizeram-se arrazoados por parte do réu e por parte dos autores; alegaram-se leis; deram-se vistas; houve réplicas e tréplicas; representaram-se duas comédias: uma de Cristo profeta, com os olhos tapados, outra de Cristo rei, com cetro e coroa; foi três vezes despido, e três vestido; cinco vezes perguntado e examinado; duas vezes sentenciado; duas mostrado ao povo; ferido e afrontado tantas vezes com as mãos, tantas com a cana, cinco mil e tantas com os açoites; preveniram-se lanças, espadas, fachos, lanternas, cordas, colunas, azorragues, varas, cadeias, uma roupa branca, outra de púrpura, canas, espinhos, cruz, cravos, fel, vinagre, mirra, esponja, título com letras

hebraicas, gregas e latinas, não escritas, senão entalhadas, como se mostram hoje em Roma, ladrões, que acompanhassem ao Senhor; cruces para os mesmos ladrões, Cerineu que o ajudasse a levar a sua: pregou Cristo três vezes, uma a Caifás, outra a Pilatos, outra às filhas de Jerusalém.

248. Finalmente caindo e levantando foi levado ao Calvário, e crucificado nele. E que tudo isto se obrasse em doze horas? E que ainda dessas doze horas sobejassem três para descanso dos ministros, que foram as últimas da madrugada? Grave caso! E como foi possível que todas estas coisas, tantas, tão diversas, e de tantas dependências, se obrassem e se pudessem obrar na brevidade de tão poucas horas, e mais sendo a metade delas de noite? Tudo foi possível e tudo se fez, porque em todos estes conselhos, em todos estes tribunais, em todas estas resoluções e execuções não entrou papel nem tinta. Se tudo isto se houvera de fazer com as tardanças, com as dilações, com os vagares, com as cerimônias que envolve qualquer papel, ainda hoje o gênero humano não estava remido. Só quatro palavras se escreveram na morte de Cristo, que foram as do título da cruz, e logo houve sobre elas embargos, e requerimentos, e altercações, e teimas, e descontentamentos. E se Pilatos não dissera resolutamente que se não havia de escrever mais: *Quod scripsi, scripsi*<sup>14</sup>, o caso era de apelação para César, que estava em Roma, dali a quinhentas léguas, e demanda havia na meia regra para muitos anos.

249. Até Cristo teve a sua conveniência em não haver papel e tinta na sua execução, porque ao menos não pagou custas. É possível que não há de haver justiça, nem inocência, nem prêmio, que escape do castigo do papel? Chamei-lhe castigo, por lhe não chamar roubo. Mas que papel há que não seja ladrão marcado? Tirou-me o escrúpulo de o cuidar assim uma só história de papel, ou de papéis, que se acha no Evangelho. Conta S. Lucas que certo senhor rico, tendo entregue a sua fazenda a um mordomo, por alguns rumores que lhe chegaram, de que não era limpo de mãos, lhe tirou de repente o ofício. Ouvindo o criado que lhe tiravam o ofício, toma muito depressa os papéis, vai-se ter com os que deviam ao amo, e que fez com eles? Ao que devia cem cântaros de azeite, fazia-lhe escrever oitenta: *Scribe octoginta*; ao que devia cem fânegas de pão, dizia-lhe que escrevesse cinquenta: *Scribe quinquaginta* (Lc. 16,6 s). Pois esta é a fé dos papéis tão acreditada? Para isto servem os papéis? Para isto servem: para de cem cântaros fazer oitenta cântaros; para de cem fânegas fazer cinquenta fânegas. Vede se merecia o criado as marcas do papel? Mas se não houvera papéis, não tiveram tais ocasiões os criados.

250. Terrível flagelo do mundo foi sempre o papel, mas hoje mais cruel que nunca. A origem e o nome do papel foi tomado das cascas das árvores, que em latim se chamam *papyrus*, porque aquelas cascas foram o primeiro papel em que os homens escreviam ao princípio; depois deram em curtir as peles, e se facilitou mais a escritura com o uso dos pergaminhos. Ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje usamos. De maneira

<sup>14</sup> O que escrevi, escrevi (Jo. 19,22).

que, se bem advertimos, foi o papel, desde seus princípios, matéria de escrever e invenção de esfolar. Com o primeiro papel esfolavam-se as árvores, com o segundo esfolavam-se os animais, com o de hoje esfolam-se os homens. Oh! quanto papel se pudera encadernar com as peles que o mesmo papel tem despido! Mas em nenhuma parte tanto como em Portugal, porque em nenhuma se gasta tanto papel ou se gasta tanto em papéis. Estes socorros que damos a Veneza, não seria melhor dá-los antes em dinheiro contra o turco em Cândia, que dá-los por papel contra nós? O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cobiça, é para mim o do papel selado. Mas faltou-lhe uma condição: o selo; não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o selo, eu vos prometo que havia de correr menos o papel e que haviam de voar mais os negócios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse penas nem papel. E por isso voaram tanto as resoluções deste conselho: *Ab illa autem hora.*

## §VII

*Que se poderia esperar de um conselho contra Cristo? Perderam-se todos, porque mataram aquele homem. Castigos de Deus à República Hebréia. As três resoluções do conselho para conservação da sua república. A lei de Deus, verdadeira política e arte de reinar. Palavras de Cristo a el-rei D. Afonso Henriques. Admoestação aos príncipes, reis e monarcas do mundo.*

251. Sendo este conselho tão político, e sendo tão políticos os seus conselheiros, que se seguiu de todas estas políticas? O que se seguiu foi a destruição de Jerusalém, a destruição de toda a República dos Hebreus, a destruição dos mesmos pontífices e fariseus que fizeram o conselho. E por quê? Porque, tendo o conselho tanto de político, não teve o que devia ter de cristão: antes todo ele foi contra Cristo: *Collegerunt pontifices et pharisaei concilium adversus Jesum.* Estas palavras: *adversus Jesum*, não são do texto, senão da glossa da Igreja. Notai, diz a Igreja, que este conselho foi contra Cristo. E de um conselho contra Cristo que se podia esperar, senão a destruição do mesmo conselho, dos mesmos conselheiros, e de toda a república, que por tais meios pretenderam defender e sustentar? E assim foi. O fundamento político de toda a resolução que tomaram de matar a Cristo foi este: *Si demittimus eum sic, venient Romani, et tollent locum nostrum, et gentem* (Jo. 11, 48): Se deixamos este homem assim; todos o hão de aclamar por rei, e se se souber em Roma que nós temos rei contra a soberania e majestade do Império Romano, hão de vir contra nós os romanos, e hão de tirar-nos dos nossos lugares, e hão de destruir a nossa gente e a nossa república: pois morra este homem, para que nos não percamos todos. Mas vede como lhes saiu errada esta sua política. Matemos este homem por que nos não

percamos todos, — e perderam-se todos, porque mataram aquele homem; — matemos este homem por que não venham os romanos, e tomem Jerusalém, — e porque mataram aquele homem, vieram os romanos e tomaram Jerusalém, e não deixaram nela pedra sobre pedra. Que é de Jerusalém? Que é da República Hebréia? Quem a destruiu? Quem a dissipou? Quem a acabou? Os romanos. Eis aqui em que vêm a parar os conselhos e as políticas, quando as suas razões de estado são contra Cristo. Santo Agostinho: *In contrarium eis vertit malum consilium*: Vede, diz Agostinho, o mau conselho como se converteu contra os mesmos que o tinham tomado: *Ut possiderent, occiderunt, et quia occiderunt, perdidierunt*: para conservarem a república, mataram a Cristo, e porque mataram a Cristo, perderam a república. — Oh! quantas vezes se perdem as repúblicas, porque se tomam por meios de sua conservação ofensas de Cristo! Quem aconselha contra Deus, aconselha contra si. E os meios que os homens tomam para se conservar, se são contra Deus, esses mesmos tomam Deus contra eles, para os destruir.

252. Muitas vezes castigou Deus a República Hebréia, em todos os estados e em todas as idades, por diferentes nações. Deixo os cativeiros particulares no tempo dos Juízes pelos madianitas, e no tempo dos reis pelos filisteus. Vamos aos cativeiros gerais. O primeiro cativeiro geral, em tempo de Moisés, foi pelos egípcios; o segundo cativeiro geral, em tempo de Oséias, foi pelos assírios; o terceiro cativeiro geral, em tempo de Jeconias, foi pelos babilônios; o último cativeiro geral, depois de Cristo, que é o presente, foi pelos romanos. E por que ordenou Deus que os executores deste último cativeiro fossem os romanos, e não por outra nação? Não estavam ainda aí os mesmos egípcios, os etíopes, os árabes, os persas, os gregos e os macedônios, que eram as nações confinantes? Pois por que não ordenou Deus que os executores deste cativeiro fossem estas, ou outra nação, senão os romanos? Para que visse o mundo todo que a causa deste castigo foram as políticas deste conselho. Ora vede.

253. Três resoluções tomaram estes conselheiros para conservação da sua república, todas três fundadas no temor, no respeito, na dependência e na amizade dos romanos. A primeira notou S. Gregório, a segunda S. Basílio, a terceira Santo Ambrósio. Deixo as palavras por não fazer o discurso mais largo. A primeira resolução foi que, se Cristo continuasse com aquele séquito e aplauso e com as aclamações de rei que lhe dava o povo, viriam os romanos sobre Jerusalém: *Si dimittimus eum sic, venient romani*. A segunda resolução foi entregarem a Cristo aos soldados romanos, porque eles foram os que o prenderam no Horto e o crucificaram: *Judas vero, cum accepisset cohortem*<sup>15</sup>, que era uma das coortes romanas. A terceira resolução foi persuadirem a Pilatos, governador de Judéia posto pelos romanos, que, se livrava a Cristo, perdia a amizade do César: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris*. Ah! sim! E vós temeis mais a potência dos romanos que a justiça de Deus? Pois castigar-vos-á a justiça de Deus com a mesma potência dos romanos. E vós

<sup>15</sup> Tendo pois Judas tomado uma companhia de soldados (Jo. 18,3).



entregais a Cristo aos soldados romanos para que o prendam e crucifiquem, pois Cristo vos entregará aos soldados romanos, para que vos cativem, vos matem e vos assolem. E vós antepondes a amizade do imperador dos romanos à graça de Deus; pois Deus fará que os imperadores romanos sejam os vossos mais cruéis inimigos, e que venha Tito e Vespasiano a conquistar-vos e destruir-vos. De maneira que todas as políticas dos pontífices e fariseus se converteram contra eles, e das resoluções do seu mesmo conselho se formaram os instrumentos da sua ruína. Disto lhes serviu o temor, o respeito, a dependência e a amizade dos romanos. E este foi o desastrado fim daquele conselho, merecedor de tal fim, pois tinha elegido tais meios.

254. Senhor. A verdadeira política é o temor de Deus, o respeito de Deus, a dependência de Deus e a amizade de Deus, e a verdadeira arte de reinar é guardar sua lei. Os políticos antigos estudavam pelos preceitos de Aristóteles e Xenofonte; os políticos modernos estudam pelas malícias de Tácito, e de outros indignos de se pronunciarem seus nomes neste lugar. A verdadeira política, e única, é a lei de Deus. Ouvi umas palavras de Deus no capítulo 17 do Deuteronomio, que todos os príncipes deviam trazer gravadas no coração: *Cum sederit rex in solio regni sui, describet sibi Deuteronomium legis hujus, legetque illud omnibus diebus vitae suae, ut discat timere Deum, neque declinet in partem dexteram, vel sinistram, ut longo tempore regnet ipse, et filii ejus* (Dt. 17,18 ss). Tanto que o rei, diz Deus, se assentar no trono do seu reino, a primeira coisa que fará, será escrever por sua própria mão esta minha lei, e a lerá todos os dias de sua vida, para que aprenda a temer a Deus, e não se apartará dela um ponto, nem para a mão direita, nem para a esquerda, e deste modo conservará o seu reino para si e para seus descendentes. — Pois, Senhor, esta é a arte de reinar, estes são os documentos políticos, e estas são as razões de estado que dais ao rei do vosso povo para sua conservação e para perpetuidade e estabelecimento de seu império? Sim. Estas são, e nenhuma outra. Saber a lei de Deus, temer a Deus, guardar a lei de Deus, e não se apartar um ponto dela. Se Aristóteles sabe mais que Deus, sigam-se as políticas de Aristóteles. Se Xenofonte sabe mais que Deus, imitem-se as idéias de Xenofonte. Se Tácito fala mais certo que Deus, estudem-se as agudezas e sentenças de Tácito. Mas se Deus sabe mais que eles, e é a verdadeira e única sabedoria; estudem-se, aprendam-se, e sigam-se as razões de estado de Deus.

255. Não digo que se não leiam os livros, mas toda a política sem a lei de Deus é ignorância, é engano, é desacerto, é erro, é desgoverno, é ruína. Pelo contrário, a lei de Deus só, sem nenhuma outra política, é política, é ciência, é acerto, é governo, é conservação, é seguridade. Toda a política de um rei cristão se reduz a quatro partes e a quatro respetos: do rei para com Deus, do rei para consigo, do rei para com os vassallos, do rei para com os estranhos. Tudo isto achará o rei na lei de Deus. De si para com Deus, a religião; de si para consigo, a temperança; de si para com os vassallos, a justiça; de si para com os estranhos a prudência. Para todos estes quatro rumos navegará segura a monarquia,

se os seus conselhos levarem sempre por norte a Deus, e por leme a sua lei: *Consiliorum gubernaculum lex divina*, disse S. Cipriano. Os conselhos são o governo da república, e a lei de Deus há de ser o governo dos conselhos. Conselho e república que se não governa pela lei de Deus, é nau sem leme. Por isso o reino de Jeroboão, de Bassa, de Jeú, e de tantos outros, fizeram tão miseráveis naufrágios.

256. O mais político e o mais prudente rei que lemos nas Histórias Sagradas foi Davi. E qual era o seu conselho? Ele o disse: *Consilium meum justificationes tuae* (Sl. 118,24): O meu conselho, Senhor, são os vossos mandamentos. — Oh! que autorizado conselho! Oh! que prudentes conselheiros! O conselho: a lei de Deus, os conselheiros: os dez mandamentos. De Aquitofel, aquele famosíssimo conselheiro, diz o texto que eram os seus conselhos como oráculos e respostas de Deus: *Tanquam si quis consuleret Dominam* (2 Rs. 16, 23). Os Mandamentos de Deus, que eram os conselheiros de Davi, não são como oráculos, senão, verdadeiramente oráculos de Deus. E quem se governar pelos oráculos de Deus, como pode errar? Quando Cristo apareceu a el-rei D. Afonso Henriques, e lhe certificou que queria fundar e estabelecer nele e na sua descendência um novo império, assim como disse a Moisés: *Ego sum qui sum*: Eu sou o que sou — assim o disse àquele primeiro rei: Eu sou o que edifico os reinos e os dissipo: *Ego edificator, et dissipator regnorum sum*. Nestas duas máximas resumiu Cristo todas as razões de estado por onde queria se governasse um rei de Portugal. Deus é o que dá os reinos, e Deus é o que os tira. O fim de toda a política é a conservação e aumento dos reinos. Como se hão de conservar os reinos, se tiverem contra si a Deus, que os tira, e como se hão de aumentar os reinos, se não tiverem por si a Deus, que os dá? Se não tivermos contra nós a Deus, segura está a conservação; se tivermos por nós a Deus, seguro está o aumento: *Pone me juxta te, et cujusvis manus pugnet contra me* (Jó 17,3), dizia Jó, que também era rei: Ponha-me Deus junto a si, e venha todo o mundo contra mim. — Se tivermos de nossa parte a Deus, ainda que tenhamos contra nós todo o mundo, todo o mundo não nos poderá ofender; mas se tivermos a Deus contra nós, ainda que tenhamos todo o mundo da nossa parte, não nos poderá defender todo o mundo. Fazer liga com Deus ostensiva e defensiva, e estamos seguros. Eis aqui o erro fatal deste mal-aconselhado conselho dos pontífices e fariseus: por se ligarem com os romanos, apartaram-se de Deus, e porque não repararam em perder a Deus, por conservar a república, perderam a república e mais a Deus. *Iste homo multa signa facit*: Este homem, diziam, faz muitos sinais. — Chamavam sinais aos milagres de Cristo, e, ainda que acertaram o número aos milagres, erraram a conta aos sinais. Os milagres eram muitos, mas os sinais não eram mais que dois. Se seguissem a Cristo, sinal de sua conservação: se o não seguissem, sinal de sua ruína. Cada milagre daqueles era um cometa que ameaçava mortalmente a República Hebréia, se não cresse, e ofendesse a Cristo. E assim foi.

257. Príncipes, reis, monarcas do mundo, se vos quereis conservar, e a vossos

estados, se não quereis perder vossos reinos e monarquias, seja o vosso conselho supremo a lei de Deus. Todos os outros conselhos se reduzam a este conselho, e estejam sujeitos e subordinados a ele. Tudo o que vos consultarem vossos conselhos e vossos conselheiros, ou como necessário à conservação, ou como útil ao aumento, ou como honroso ao decoro, à grandeza e à majestade de vossas coroas, seja debaixo desta condição infalível: se for conforme à lei de Deus, aprove-se, confirme-se, decrete-se e execute-se logo; mas se contiver coisa alguma contra Deus e sua lei, reprove-se, deteste-se, abomine-se, e de nenhum modo se admita nem consinta, ainda que dele dependesse a vida, a coroa, a monarquia. O rei em cuja consciência e em cuja estimação não pesa mais um pecado venial que todo o mundo, não é rei cristão. *Quid prodest homini, si universum mundum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur.* Que lhe aproveitará a qualquer homem, e que lhe aproveitou a Alexandre ser senhor do mundo, se perdeu a sua alma? Perca-se o mundo, e não se arrisque a alma; perca-se a coroa e o cetro, e não se manche a consciência; perca-se o reino da terra, e não se ponha em contingência o reino do céu. Mas o rei, que por não pôr em contingência o reino do céu, não reparar nas contingências do reino da terra, é certo e infalível que por esta resolução, por este valor, por esta verdade, por este zelo, por esta razão e por esta cristandade, segurará o reino da terra e mais o do céu, porque Deus, que é o supremo senhor do céu e da terra, nesta vida o estabelecerá no reino da terra, pela firmeza da graça, e na outra vida o perpetuará no reino do céu, pela eternidade da glória.

## SERMÃO DA QUINTA DOMINGO DA QUARESMA

PREGADO NA CATEDRAL DE LISBOA, ANO 1651

*Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi<sup>1</sup>?*

### §I

*Por que nos propõe a Igreja as mesmas palavras que Cristo antigamente pregou contra os escribas e fariseus? Não se queixa Cristo de não serem nele; queixa-se de o não serem a ele.*

258. Estas palavras que hoje nos propõe a Igreja, e nos manda pregar ao povo cristão, são as mesmas que Cristo antigamente pregou contra os escribas e fariseus. E porque são as mesmas, parece que não é razão se nos preguem a nós. Cristo nestas palavras queixava-se dos judeus, porque o não criam: *Quare non creditis mihi* (Jo. 8, 46)? E não

---

<sup>1</sup> Se eu vos digo a verdade, por que me não credes? (Jo. 8,46)?

seria grande impropriedade, e ainda afronta da nossa fé, se em um auditório tão católico fizesse eu a mesma queixa, e afirmasse, ou supusesse de nós, que, sendo cristãos, não cremos a Cristo? Este foi o meu primeiro reparo, e me pareceu conforme a ele que as palavras do Evangelho, que propus, só as mandava referir a Igreja como história do tempo passado, e não como doutrina necessária aos tempos e costumes presentes.

259. Dei um passo mais avante com a consideração, e comecei a duvidar disto mesmo. Olhei para a fé, que se usa, olhei para a vida e obras que correspondem à mesma fé, olhei para os pequenos, e muito mais para os grandes, olhei para os leigos, e também para os eclesiásticos, e achei, e me persuadi, com grande confusão minha, que tão necessária é hoje esta pregação, como foi no tempo de Cristo. E por quê? O dia é de verdades: hei de dizer o porquê muito claramente. Porque se os escribas e fariseus não criam a Cristo, também os cristãos e católicos não cremos a Cristo. Iramo-nos muito, e dizemos grandes injúrias contra os judeus daquele tempo, e nós somos como eles. Contra eles pregou Cristo, contra nós prega o Evangelho. E se Cristo falara daquele sacrário, assim como então disse aos judeus: *Quare non creditis mihi*, assim havíamos de ouvir, que nos dizia a nós: Cristãos, por que me não credes? Se sois, e vos chamais cristãos, por que não credes a Cristo?

260. Parece-me, senhores, que vos vejo inquietos, e ainda indignados contra mim, por esta proposta, e que cada um dentro de si, não só me está argüindo e condenando, mas cuida que me tem convencido. — Nós, dizeis todos, por graça de Deus somos cristãos, e o Cristo em que cremos, e por cuja fé daremos a vida, é o mesmo Cristo que os judeus hoje negaram. Eles crucificaram-no, nós adoramo-lo; eles não creram que era o verdadeiro Messias, nós cremos que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, que encarnou, que nasceu, que morreu, que ressuscitou, que salvou e remiu o mundo. Logo, grande injúria é a que faz à nossa fé e à nossa Cristandade quem diz que somos como os judeus em não crer a Cristo. — E que seria se eu dissesse que nesta parte ainda somos piores?

261. Entendei bem o que diz o texto de Cristo, e logo vereis como a vossa instância nem desfaz a minha proposta, nem é argumento contra ela. Dizeis que sois cristãos? Assim é. Dizeis que credes muito verdadeiramente em Cristo? Também o concedo. Mas Cristo não se queixa de não crerem nele; queixa-se de o não crerem a ele. Notai as palavras. Não diz: *Quare non creditis in me?* Por que não credes em mim? O que diz é: *Quare non creditis mihi?* Por que me não credes a mim? Uma coisa é crer em Cristo, que é o que vós provais, e eu vos concedo; outra coisa é crer a Cristo, que é o que não podeis provar, e em que eu vos hei de convencer. De ambos estes termos usou o mesmo senhor muitas vezes. Aos discípulos: *Creditis in Deum, et in me credite*<sup>2</sup>. A Marta: *Qui credit in me, etiam si mortus fuerit, vivet*<sup>3</sup>. Por outra parte, à Samaritana: *Mulier; crede mihi*<sup>4</sup>, e aos mesmos

<sup>2</sup> Credes em Deus, crede também em mim (Jo. 14,1).

<sup>3</sup> O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá (Jo. 11,25).

judeus: *Si mihi non vultis credere, operibus credite*<sup>5</sup>. De maneira que há crer em Cristo, e crer a Cristo, e uma crença é muito diferente da outra. Crer em Cristo é crer o que ele é; crer a Cristo é crer o que ele diz; crer em Cristo é crer nele, crer a Cristo é crê-lo a ele. Os judeus nem criam em Cristo, nem criam a Cristo. Não criam em Cristo, porque não criam a sua divindade, e não criam a Cristo, porque não criam a sua verdade. E nesta segunda parte é que a nossa fé, ou a nossa incredulidade, se parece com a sua, e ainda a excede mais feiamente. O judeu não crê em Cristo, nem crê a Cristo, e que não creia a Cristo quem não crê em Cristo é proceder coerentemente. Pelo contrário, nós cremos em Cristo, e não cremos a Cristo, e não crer a Cristo quem crê em Cristo, não crer a sua verdade quem crê na sua divindade, é uma contradição tão alheia de todo o entendimento, que só se pode presumir de quem tenha perdido o uso da razão; e por isso o mesmo Senhor nos pergunta por ela: *Quare non creditis mihi?* Por que razão me não credes?

262. Isto que já tenho dito é o que resta declarar e provar. Mostrarei que a queixa de Cristo Senhor nosso, feita contra os escribas e fariseus, também pertence a este auditório, e que, se condena a parte secular dele, também fere a eclesiástica. As palavras dizem: *Non creditis mihi?* E nós veremos debaixo de toda a sua propriedade, e com grande confusão nossa, que, por mais que nos prezemos tanto de cristãos, cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo. Esta é a verdade que trago para pregar hoje. Se vos parecer nova, será por ignorada, ou mal advertida; se amargosa e de pouco gosto, esse é o sabor da verdade; se finalmente dificultosa de crer, isso fica por conta do que haveis de ouvir. A matéria não pode ser nem mais cristã, nem mais importante, nem mais útil. Assista-nos Deus com sua graça. *Ave Maria.*

## §II

*Somos cristãos de meias: temos uma parte da fé, mas falta-nos outra. A incredulidade dos discípulos antes de Caná, e a presunção de Pedro. Tentação do demônio a Eva: crer no que Deus era, e não crer no que Deus dizia. Repreensão de Cristo às almas dos que se tinham afogado no dilúvio. Somos católicos de Credo, e hereges de Mandamentos.*

263. De maneira, senhores católicos, que somos cristãos de meias: temos uma parte da fé, e falta-nos outra; cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo: *Non creditis mihi?*

Quando Cristo saiu ao mundo com a primeira prova da sua onipotência e divindade, convertendo uma criatura em outra nas bodas de Caná de Galiléia, conclui o evangelista S. João a narração do milagre com esta notável advertência: *Hoc fecit imitium signorum Jesus*

<sup>4</sup> Mulher, crede-me (Jo. 4,21).

<sup>5</sup> Quando não queirais crer em mim, crede as minhas obras (Jo. 10,38).

*in Cana Galileae, et crediderunt in eum discipuli ejus* (Jo. 2,11): Este foi o primeiro milagre que fez o Senhor Jesus, e creram nele seus discípulos. — Já vejo que reparais em uma e outra conseqüência. Se depois do milagre creram nele seus discípulos, segue-se que antes do milagre não criam nele; e se ainda não criam nele, como eram já seus discípulos? Eram já seus discípulos, porque criam a sua doutrina, mas ainda não criam nele, porque não conheciam a sua divindade. Criam-no a ele, mas não criam nele: criam-no a ele como mestre, mas não criam nele como Deus. De sorte que crer em Cristo e crer a Cristo não são crenças que andem sempre juntas. Os discípulos naquele tempo, e naquele estado, criam a Cristo, mas não criam em Cristo; e nós agora, às avessas deles, cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo: cremos em Cristo, porque cremos o que é; não cremos a Cristo, porque não cremos o que diz.

264. Isto mesmo que a nós, sucedeu aos mesmos discípulos, quando já tinham não menos que três anos da escola divina, e no dia em que acabavam o curso dela. Neste dia — que foi a véspera da Paixão de Cristo — disse o Senhor a todos os discípulos que todos naquela noite haviam de padecer escândalo, faltando à fé e amor que lhe deviam: *Omnes vos scandalum patiemini in me in ista nocte*<sup>6</sup>. Respondeu Pedro que, ainda que todos faltassem, ele não havia de faltar, e replicando o Senhor que, antes que o galo cantasse, o negaria três vezes, tornou Pedro a dizer que, se fosse necessário dar a vida, primeiro a daria e se deixaria matar, do que negar a seu Mestre; e o mesmo disseram todos os mais discípulos: *Similiter; et omnes discipuli dixerunt* (Mt. 26,35). Se antes de Cristo ter dito o que acabava de afirmar com tanta asseveração, Pedro presumisse tanto de si, e o mesmo presumissem e dissessem os outros discípulos, não me admirara, porque falavam pela boca do coração, o qual de longe, e antes das ocasiões, sempre nos engana. Mas depois de o Senhor ter dito a Pedro e aos demais que ele nomeadamente o havia de negar, e que todos os outros o haviam de desamparar e fugir: *Percutiam pastorem, et dispergentur oves*<sup>7</sup> como não deram crédito a um oráculo tão expresso de Cristo? Pedro e os demais não criam que Cristo era Deus? Sim, criam, que assim o tinha confessado o mesmo Pedro, e todos com ele: *Vos autem quem me esse dicitis? Tu es Christus, Filius Dei vivi*<sup>8</sup>. Pois se criam a divindade de Cristo, se criam que Cristo era Deus, como não creram o que lhes dizia? Porque a sua fé naquele tempo era como a nossa, e todos criam então, como nós cremos hoje. Criam em Cristo, mas não criam a Cristo. Os Apóstolos e discípulos, antes de descer sobre eles o Espírito Santo, eram sujeitos, como homens, a defeitos, e talvez padeciam os mesmos erros em que nós incorremos. No princípio e no fim criam de meias, e em um e outro caso só chegou a sua fé a ser meia fé, diversamente repartida. No princípio, por rudeza e imperfeição, criam a Cristo e não criam em Cristo; no fim, por fraqueza e tentação

<sup>6</sup> A todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo (Mt. 26,31).

<sup>7</sup> Ferirei o pastor. e as ovelhas do rebanho se dispersarão (Mt. 26,31).

<sup>8</sup> E vós, quem dizeis que sou eu? Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo (Mt. 16,15 s).

criam em Cristo, mas não creram a Cristo. E porque este modo de crer era muito mais arriscado e perigoso, por isso acrescentou o Senhor que o demônio naquela ocasião os havia de crivar: *Ecce Satanás expectavit vos, ut cribaret sicut triticum*<sup>9</sup>.

265. Tenta e engana o demônio aos filhos de Eva com a mesma traça e com a mesma astúcia com que a enganou a ela. Como a fé é o fundamento da graça, contra a fé vomitou a serpente o primeiro veneno, e na fé armou o laço à primeira mulher. Mas como? Porventura intentou persuadir-lhe que não cresse em Deus, ou duvidasse da sua divindade? Tão fora esteve disto o demônio, que antes ele ratificou a Eva essa mesma crença de Deus, uma e outra vez, supondo sempre que o que lhe pusera o preceito, era Deus: *Cur praecepit vobis Deus*<sup>10</sup>? E o que lhe ameaçara a morte também era Deus: *Scit enim Deus quod in quocumque die comederitis ex eo*<sup>11</sup>. Pois em que esteve logo a tentação contra a fé? Não esteve em que Eva não cresse o que Deus era; esteve em que não cresse o que Deus dizia. Deus disse a Eva e a Adão que, no ponto em que comessem da árvore vedada, haviam de morrer. E isto que Deus lhes tinha dito é o que o demônio procurou que não cressem: *Nequaquam morte moriemini*<sup>12</sup>. Deus disse-vos que haveis de morrer, se comerdes da árvore. Não creais tal coisa. Ele é o Deus que vos criou, ele é o Deus que vos deu o paraíso, ele é o Deus que vos pôs o preceito, isso crede vós: mas crer que, depois de vos criar, e criar tanta diversidade de frutos para que sustenteis a vida, vos haja de tirar a mesma vida: *Nequaquam*, de nenhum modo, não creais tal, ainda que ele vo-lo tenha dito. Crede nele sim, mas não o creais a ele. Isto é o que pretendeu o demônio, isto é o que conseguiu. E como enganou a nossos pais, assim nos engana a nós. Dá-nos de barato a metade da fé, para nos ganhar a outra metade. Crer em Deus, quanto nós quisermos; mas crer a Deus, isso não quer o demônio. Por isso cremos em Cristo e não cremos a Cristo: *Non creditis mihi?*

266. E para que vejais quão importante é o conhecimento deste engano, e quão digna de se nos pregar esta doutrina, ouvi uma ação de Cristo que, pode ser, nunca ouvistes. Diz o apóstolo S. Pedro, no terceiro capítulo da sua primeira Epístola<sup>13</sup>, que quando Cristo desceu ao inferno pregou às almas dos que se tinham afogado no dilúvio, e os repreendeu da sua incredulidade, porque não creram a Noé, quando fabricava a Arca, esperando vãmente na paciência de Deus: *His, qui in carcere erant, spiritibus veniens praedicavit: qui increduli fuerant aliquando, quando expectabant Dei patientiam in diebus Noe, cum fabricaretur arca*<sup>14</sup>. Este passo, que é um dos mais dificultosos da Escritura, encerra três

<sup>9</sup> Eis aí vos pediu Satanás com instância, para vos joeirar como trigo (Lc. 22,31).

<sup>10</sup> Por que vos mandou Deus (Gên. 3,1)?

<sup>11</sup> Porque Deus sabe que em qualquer dia que vós comais desse fruto (Gên. 3,5).

<sup>12</sup> Bem podeis estar seguros que não morrereis de morte (Gên. 3,4).

<sup>13</sup> *Ita Damasc. Epist. ad Epictet. 1 Petri 3, 10. 20.*

<sup>14</sup> Também foi pregar aos espíritos que estavam no cárcere, que noutro tempo tinham sido incrédulos, quando nos dias de Noé esperavam a paciência de Deus, enquanto se fabricava a arca (1 Pdr. 3,195).

grandes dúvidas<sup>15</sup>. Primeira: como pregou Cristo aos condenados do inferno, se no inferno ninguém se pode converter nem emendar? Segunda: por que, havendo no inferno tantos outros pecadores impenitentes e obstinados, entre todos escolheu Cristo para pregar e repreender os que se afogaram no dilúvio? Terceira: por que, tendo estes mesmos homens tantos outros pecados gravíssimos, pelos quais mereceram aquele tão extraordinário castigo, só os argúi e repreende Cristo da sua incredulidade: *His qui increduli fuerant*<sup>16</sup>.

267. Não se pudera melhor nem mais temerosamente declarar o que imos dizendo. Primeiramente pregou Cristo no inferno, não para converter os condenados, senão para mais os confundir, porque uma das maiores confusões do inferno é o conhecimento triste com que aqueles miseráveis estão vendo as causas por que se perderam, e quão facilmente se puderam salvar, se quiseram; e quis Cristo confundir particularmente aos condenados do dilúvio, porque todos eram homens que criam em Deus. A idolatria e os deuses falsos, todos começaram depois do dilúvio, sendo Nenrod o inventor desta cegueira, como consta da cronologia sagrada, e se colhe do Livro da Sabedoria, no capítulo 14 (Sab. 14,13). E como até aquele tempo todos conservavam a fé recebida de Adão, e criam no verdadeiro Deus, por isso Cristo, deixando todos os outros homens e todos os outros pecados, argúi somente aos que pereceram no dilúvio, e os confunde com a sua incredulidade, porque a maior sem-razão que se comete na terra, e a maior confusão que se há de padecer no inferno, é não crerem a Deus homens que crêem em Deus<sup>17</sup>. Avisou Deus por Noé aqueles homens que os havia de afogar a todos eles, e aos montes, e ao mundo, se se não emendavam; continuaram estes avisos dez anos, vinte anos, e cem anos inteiros; cada martelada que se dava na Arca era um pregão desta justiça que Deus determinava fazer; e eles, crendo em Deus para esperarem na sua paciência, não criam a Deus para temerem a sua ira. Pois homens que crêem em Deus não crêem a Deus, desça o mesmo Deus ao inferno a confundi-los. Para confundir os da Torre de Babel, desceu à terra; para confundir os do dilúvio, desceu ao inferno. Isto é o que Cristo lá pregou então, e isto é o que aqui prega hoje: *Quare non creditis mihi?*

268. Mas vejo que ainda há quem repugne ou, quando menos, duvide e pergunte como pode ser e se pode dizer, com verdade, que nós os cristãos e católicos, não cremos a Deus? Para nós não há outra fé, nem outra autoridade, nem outro oráculo infalível, senão o da palavra divina. Logo, como não cremos a Deus? O mesmo Deus respondeu já a esta dúvida, e nos deu uma regra certa, por onde conheçamos sem engano, se o cremos a ele, ou não. Cuidamos que cremos a Deus, e enganamo-nos. Mas qual é a regra? *Qui crediti Deo, attendit mandatis* (Eclo. 32, 28): Sabeis quem crê a Deus? — diz o Espírito Santo: Quem

<sup>15</sup> *Descendisse Christum ad infernum damnatorum sententia est Aug. Fulgent. Nis. Cyril. Hierosol. Euseb. Emis. et alior. quos citat, et sequitur Bellarminus, De Christi Anima, L.4,c. 16.*

<sup>16</sup> *D. Th. q. 52, art. 4. ad 2.*

<sup>17</sup> *Clemens Rom. Lib.1. Recog. Epiph. Praef. lib. de Haeres. Cyril. L. 1. et III, contra Julian. Damasc. init. I de Haeresib. Hier. Oseae 2. Euseb. in Chron. et passim alii.*



faz o que Deus lhe manda. — Se fazeis o que Deus manda, credes a Deus; se não fazeis o que ele manda, não o credes a ele: credes-vos a vós, credes ao vosso apetite, credes ao diabo, como creu Eva. Por isso dizia Davi: *Quia mandatis tuis credidi* (Sl. 118,66): Eu, Senhor, cri aos vossos mandamentos. — Isto é só o que é crer a Deus. A nossa fé pára no Credo, não passa aos Mandamentos. Se Deus nos diz que é um, creio, se nos diz que são três pessoas, creio; se nos diz que é criador do céu e da terra, creio; se nos diz que se fez homem, que nos remiu, e que há de vir a julgar vivos e mortos, creio. Mas se diz que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furteis, não cremos. Esta é a nossa fé, esta a vossa cristandade. Somos católicos do Credo, e hereges dos Mandamentos. Vede se se deve contentar Cristo com tal invenção de crer, e se tenho eu razão de pregar que cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo: *Non creditis mihi*.

### §III

*Provas particulares de nossa incredulidade: como a pomba da Arca, buscamos o descanso onde o não há. Dizemos que queremos ir ao céu, mas parece que queremos chegar lá com a cabeça, tanto aspiramos às grandezas, quando sabemos que se não nos fizermos pequeninos, não entraremos no reino do céu.*

269. E para que esta verdade, que só está provada em comum, se veja com os olhos e se apalpe com as mãos, desçamos a exemplos particulares, e, ponhamo-los, para maior clareza nas matérias mais familiares e usuais, ainda da conveniência do interesse, do gosto.

Que homem há, senhores, que não busque o descanso? Este é o fim que se busca e que se pretende por todos os trabalhos da vida. O soldado, pelos perigos da guerra, busca o descanso da paz. O mareante, por meio das ondas e das tempestades, busca o descanso do porto. O lavrador, pelo suor do arado, o estudante, queimando as pestanas, o mercador, arriscando a fazenda, todos, como diversos rios ao mar, correm a buscar o descanso, que é o centro do desejo e do cuidado. E houve algum homem tão mimoso da fortuna neste mundo, que em alguma, ou em todas as coisas dele, achasse o descanso que buscava? Nenhum. Saiu a pomba da Arca, e diz o texto sagrado que já ia, já tornava, já tomava para uma parte, já para outra, e que não achava onde descansar: *Cum non invenisset ubi requiescere pes ejus*<sup>18</sup>. Primeiro lhe cansaram as asas, do que achasse onde descansar os pés. E por que não achava a pomba onde descansar? Porque buscava o descanso onde o não havia. As cidades, os campos, os vales, os montes, tudo era mar. Este é o mundo em que vivemos. Antes e depois de Noé, sempre foi dilúvio. Uns para uma parte, outros para outra, todos cansando-se em buscar o descanso, e todos cansados de o não achar. A razão deu S. Agostinho no Livro Quarto dos seus desenganos, a que ele chamou Confissões: *Non*

<sup>18</sup> A qual, como não achasse onde pousar o seu pé (Gên. 8, 9).

*est requies ubi quaeritis eam: quaerite quod quaeritis, sed ibi non est ubi quaeritis*<sup>19</sup>. A razão por que não achamos o descanso é porque o buscamos onde não está. Não vos digo, diz Agostinho, que o não busqueis: buscai-o; só vos digo que não está aí onde o buscais. — Pois se é bem que busquemos o descanso, e ele não está onde o buscamos, onde o havemos de buscar? Onde Cristo disse que o buscássemos, porque só aí está, e só aí o acharemos: *Venite ad me omnes qui laboratis et onerati estis, et ego reficiam vos: Tollite jugum meum super vos, et invenietis requiem animabus vestris* (Mt. 11, 28s): Todos os que andais cansados — que sois todos — vinde a mim, diz Cristo, e eu vos aliviarei; tomai sobre vós o jugo de minha lei, e achareis o descanso. — Credes que são estas palavras de Cristo? Sim. Agora, respondi-me: é certo que todos desejais o descanso; é certo que todos o buscais com grande trabalho, por diversos caminhos, e que o não achais. Pois por que o não buscais na observância da lei de Cristo? Cristo diz que na sua lei está o alívio de todo o trabalho: *Venite ad me omnes qui laboratis, et ego reficiam vos*. Cristo diz que na sua lei, e só na sua lei, se acha o descanso: *Et invenietis requiem animabus vestris*. Logo, se não buscais o descanso na lei de Cristo, é certo que não credes a Cristo, porque se vós buscais o descanso onde o não há, com trabalho, claro está que antes o haveis de buscar onde o há sem trabalho. Mas a verdade é — e vós o sabeis muito bem — que a razão por que não buscais o descanso na lei de Cristo é porque a não tendes por descansada, senão por muito trabalhosa. Vós tende-la por trabalhosa, dizendo Cristo que só ela vos pode aliviar do trabalho? Vós tende-la por trabalhosa, dizendo Curto que só ela vos pode aliviar do trabalho? Vós tende-la por cansada, dizendo Cristo que só nela está o descanso? Logo, credes o que vós imaginais, e não o que Cristo diz; credes em Cristo, mas não credes a Cristo: *Non creditis mihi*.

270. Do descanso desta vida passemos ao da outra. Todos dizemos que queremos ir ao céu, e não há dúvida que todos queremos. Mas noto eu que parece queremos chegar lá com a cabeça. Os castelos que formamos nas nossas são como o zimbório da Torre de Babel: *Cujus culmen pertingat ad caelum*<sup>20</sup>. Subir, e mais subir; crescer, e mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei, nem eles sabem o que querem ser: *Superbia eorum ascendit semper*<sup>21</sup>. Ninguém se contenta com a estatura que Deus lhe deu, e não há homem tão pigmeu, ou tão formiga, que não aspire a ser gigante, para conquistar o céu; assim o dizem as fábulas, mas não, são estes os textos do Evangelho. Olhai o que diz Cristo: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regno caelorum* (Mt. 18,3): Se vos não fizerdes pequeninos, não haveis de entrar no reino do céu. — Notai muito as palavras: *Non intrabitis*, que é muito para notar e para tremer. Se a dúvida estivera em ser pequeno ou grande no céu, bem creio eu da nossa devoção que não

<sup>19</sup> *Aug. Conf. lib. 4, cap. 12.*

<sup>20</sup> *Cujo cume chegue até o céu (Gên. 11,4).*

<sup>21</sup> *A soberba deles sobe continuamente (Sl. 73, 23).*

fizéramos muito escrúpulo de ser pequenos no céu, contanto que fôramos grandes na terra. Grandes, digo, porque falo pela vossa linguagem. Um gentio<sup>22</sup>, que sabia melhor que nós medir as grandezas, dizia que indignamente se dera a Alexandre Magno o nome de Grande, posto que tivesse dominado a terra, porque ninguém pode ser grande em um elemento tão pequeno. Grandes, só no céu os pode haver. Mas a dúvida, como dizia, não está em ser grande ou pequeno no céu; está em entrar lá ou não entrar: *Non intrabitis*.

271. A ocasião que deram a esta doutrina os discípulos foi a ambição com que todos, e cada um, esquecidos de haverem sido pescadores, pretendiam ser o maior: *Quis eorum videretur esse major* (Lc. 22,24). Então lhes descobriu o Mestre celestial este segredo, e lhes ensinou que a arquitetura do céu não é como a da terra. Uma cidade tão grande como o céu, parece que havia de ter umas portas muito altas e muito largas, e não é assim. S. João, no seu Apocalipse, viu esta mesma cidade, e viu também que um anjo com uma vara de ouro a veio medir toda, e os seus muros e as suas portas: *Ut metiretur civitatem, et portas ejus, et murum* (Apc. 21,15). Declarando porém o evangelista o comprimento e largura da cidade, e a altura dos muros e das portas, não diz que altura nem que largura tinham. Pois se o anjo veio também medir as portas, e as mediu, por que não declara São João de que medida eram? Porque é tão pequena a capacidade das portas do céu, que não há espaço ou nome nas medidas, com que se possa declarar. O que só diz o evangelista, quando se seguia dizer a medida das ditas portas, é que cada uma delas — coisa digna de grande admiração — estava aberta em uma pérola: *Singulae portae erant ex singulis margaritis*. Vede vós em uma pérola que porta se pode abrir. Por isso, Cristo noutra lugar lhe chamou: *foramen*, furo, e não porta (Mc. 10,25). Eu bem vejo que as pérolas do céu podem ser muito maiores que as do mar Eritreu; mas as portas que nelas abriu o sumo artífice, como são fabricadas à proporção dos que hão de entrar por elas, traçou que fossem não só pequenas, mas pequeninas, porque também tinha decretado que não entrassem no céu senão os pequeninos: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in regnum caelorum*. Isto é o que diz Cristo, isto é o que repete uma e muitas vezes. Vejam agora os que todo o seu cuidado e toda a sua indústria e todas as suas artes empregam em subir, em crescer, em se fazer grandes — ainda que seja desfazendo grandes e pequenas — vejam que fé, ou que esperança podem ter de entrar no céu? Ou crêem estas palavras de Cristo, ou não as crêem. Se as crêem, não querem ir ao céu; e se querem ir ao céu, como cuidam que podem entrar lá por onde Cristo diz que não podem entrar? O certo é que todos estes grandes cristãos, ou todos estes cristãos que querem ser grandes, crêem em Cristo, mas não crêem a Cristo: *Non creditis mihi*.

#### §IV

---

<sup>22</sup> Sêneca.

*Os dois senhores de que fala Cristo: Deus e o dinheiro. Os exemplos de Zaqueu e de Judas. O dinheiro, pecado original do século. O seguro real de Cristo: cento por um de ganância. Por que, pois, aceitamos os cinco por cento que nos promete um homem? Outras afirmações de Cristo.*

272. Mas porque esta altiveza de ser grandes é ambição de que a natureza ou a fortuna tem excluído a muitos, ponhamos o caso em matéria universal, e que toque a todos. Diz Cristo universalmente, sem excluir a ninguém, que ninguém pode servir a dois senhores: *Nemo potest duobus dominis servire* (Mt. 6,24). Isto se entende juntamente e no mesmo tempo, porque em diversos tempos, bem pode ser. E querendo o mesmo Cristo pôr um exemplo muito claro de dois senhores a quem se não pode servir juntamente, que dois senhores vos parece que serão estes? Deus e o Mundo? Deus e o diabo? Deus e a carne? Não: Deus e o dinheiro: *Non potestis Deo servire, et mamonae*. Se há coisa no mundo que pudera competir no senhorio com Deus, é o ídolo universal do ouro e prata. Muitas nações há no mundo que não conhecem a Deus; nenhuma que não adore e obedeça a este ídolo. E ainda, dos que professam servir a Deus, quem há que o não sirva? Pois assim como ninguém pode servir a dois senhores, assim diz Cristo que não pode servir a Deus e mais ao dinheiro. Servir a Deus com o dinheiro, bem pode ser, e é bem que seja, mas servir a Deus e ao dinheiro juntamente, é impossível. Quando Zaqueu se resolveu a servir a Cristo, logo renunciou o dinheiro, e quando Judas se resolveu a servir ao dinheiro, logo renunciou a Cristo. Arrependido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheiros no templo: *Projecit eos in templum*. E os ministros do templo resolveram que não se podiam meter na bolsa: *Non licet eos mittere in corbonam* (Mt. 27,6). Mofo dinheiro, que nem roubado, nem restituído, nem no templo, nem na bolsa teve lugar com Deus: e assim é todo. Se o roubais, perdeis a Deus; se o restituís, perdeis o dinheiro; se quereis servir a Deus, Deus e o dinheiro não cabem no mesmo templo; se quereis servir ao dinheiro; o dinheiro e Deus não cabem na mesma bolsa: *Aut unum odio habebit, et alterum diliget, aut unum sustinebit, et alterum contemnet*<sup>23</sup>. Ou haveis de renunciar o dinheiro, se amais e prezais a Cristo, como fez Zaqueu, ou haveis de renunciar a Cristo, se amais e prezais o dinheiro, como fez Judas. Oh! quantos Judas, e quão poucos Zaqueus há no mundo! Se Deus tivera tantos servos, e tão diligentes, como tem o dinheiro, que bem servido fora! Mas quantos desserviços se fazem a Deus em serviço deste mau ídolo? O maior sacrilégio de todos é que, em vez de os homens se servirem do dinheiro para servir a Deus, chegam a se servir de Deus para servir ao dinheiro: *Servire me fecisti in peccatis tuis*<sup>24</sup>. Quantas vezes os bens eclesiásticos, que são de Deus, os vemos aplicados e consumidos em usos profanos, e os vasos do Templo de Jerusalém, ou levados aos tesouros

<sup>23</sup> Porque, ou há de aborrecer um e amar outro, ou há de acomodar-se a este e desprezar aquele (Mt. 6,24).

<sup>24</sup> Fizeste-me servir nos teus pecados (Is. 43,24).

de Nabuco, ou servindo nas mesas de Baltasar. Quando jamais se encontrou Deus com o interesse, que o desprezado não fosse Deus? Ou quem seguiu os ídolos de ouro de Jeroboão, que não virasse as costas à Arca do Testamento? O ouro que os hebreus roubaram no Egito, adoram-no no deserto. E quantos há que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa que não adoreis a forma, se adorais a matéria? Que importa que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro? E no mesmo tempo — como os de Azoto- pondeis a Deus e o ídolo sobre o mesmo altar, e credes com afetada hipocrisia que podeis servir juntamente a um e a outro? Se Cristo diz, sem exceção, que isto é impossível, como cuidais vós que pode ser? Mas é que credes em Cristo, e não credes a Cristo: *Non creditis mihi*.

274. E já que falamos em matéria de interesse, que é o pecado original deste século, com o mesmo interesse vos quero convencer e fazer-vos confessar sem réplica, que nem como desinteressados que deveis ser, nem como interesseiros que sois, credes a Cristo. A fineza e ventura do interesse consiste em granjear muito com pouco, e quanto o muito que adquiris é mais, e o pouco que despendeis menos; tanto é maior a ganância e a ventura. Agora vamos ao ponto. Todos sabeis que diz e promete Cristo no Evangelho que quem deixar ou der por ele alguma coisa, receberá cento por um e a vida eterna: *Centuplum accipiet, et vitam aeternam possidebit* (Mt. 19,29). A circunstância de dar a ganância e mais a vida, ainda que não fora eterna, é condição que nenhum assegurado, senão Deus, pode meter nos seus contratos. E para que ninguém se defenda com as esperas ou tardanças do outro mundo, posto que tão breves, declara o mesmo Cristo por São Lucas e São Marcos, que a vida eterna há de ser no outro mundo, mas a ganância e o cento por um neste: *Centies tantum nunc in tempore hoc, et in saeculo futuro vitam aeternam*<sup>25</sup>. Estas são as palavras, esta a promessa, este o seguro real de Cristo, e mais que real, porque é divino. Se o credes ou não, digam-no agora os vossos contratos e os vossos interesses.

275. Aqueles dois criados do rei, a quem ele entregou os talentos para que negociassem: *Negotiamini dum venio*<sup>26</sup>, fizeram-no com tanta limpeza, com tanta diligência, e com tanta ventura, que ambos, diz o texto, dobraram o cabedal. O que negociou com dois talentos granjeou outros dois, e o que negociou com cinco granjeou outros cinco. Ditoso rei! Honrados criados! Se a semelhantes criados entregaram os reis a sua fazenda, ela se vira mais acrescentada. Mas não falo agora com os criados nem com os reis, falo com todos. Granjear com dois talentos outros dois, e com cinco talentos outros cinco, é ganhar cento por cento. E que negociante haverá tão avaro, tão interesseiro e tão cobiçoso, que se não contente, e dê muitas graças a Deus, por tão avantajada ganância, e mais sem risco? Pois se Cristo nos promete, não cento por cento, senão cento por um, que são dez mil por cento, em que se perdem os algarismos, por que não negociamos com ele,

<sup>25</sup> Neste mesmo século a cento por um, e no século futuro a vida eterna (Mc. 10, 30; Lc. 18, 30).

<sup>26</sup> Negociai até eu vir (Lc. 19, 13).

nem aceitamos este contrato? E se não aceitamos um tal contrato com Deus, por que fazemos outros com os homens de tanto menores conveniências, e tão diferentes em tudo?

Dais o vosso dinheiro — falemos claro, e familiarmente — dais o vosso dinheiro a juro, e por quanto? A cinco por cento, e por menos, e se achais a seis e quatro, é dispensação da lei, e por grande favor. Pois se a um mercante, que pode quebrar, dais o vosso dinheiro a cinco por cento, a Deus, que tem por fiador a sua palavra, e por seguro a sua onipotência, por que o não dais a cento por um? Se fiais de um homem o vosso dinheiro, por uma escritura feita no Paço dos Tabeliães, por que o não fiais de Deus por três Escrituras, debaixo do sinal raso de S. Mateus, de S. Marcos, de São Lucas? Que bem aperta este argumento S. Pedro Crisólogo: *Homo homini exiguae cartullae obligatione constringitur: Deus tot ac tantis voluminibus cavet, et tamen debitor non tenetur?* Estais seguro que um homem vos não há de faltar com o lucro prometido, porque se obrigou por uma folha de papel, e temeis que vos falte Deus, tendo-se obrigado em tantos livros sagrados, e com tantas Escrituras? — O certo é que, se quereis o cento por um que promete Cristo havíeis de dar o vosso dinheiro a Deus de muito boa vontade, por a metade menos; mas por que quereis e aceitais antes os cinco por cento que vos promete um homem? Porque não dais crédito às palavras de Deus, porque não vos fiais das promessas dos seus Evangelhos, enfim, porque cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo: *Non creditis mihi.*

276. Infinita matéria era esta, se a houvéramos de prosseguir com ponderações tão largas. Mas não é bem que, sendo tão importante, não convençamos ainda mais a nossa pouca fé. Seja em termos brevíssimos. Que mais diz Cristo? Diz Cristo — e esta foi a primeira coisa que disse — que são bem-aventurados os pobres, e que deles é o reino do céu. Todos queremos ser bem-aventurados, todos queremos ir ao céu, e, sendo tão fácil o ser pobre, e tão dificultoso o ser rico, ninguém quer ser pobre: por quê? Porque não cremos a Cristo. Diz Cristo que, se nos derem uma bofetada na face direita, ofereçamos a esquerda, e, sendo mais nobre a paciência que a vingança, nós temos a vingança por honra, e a paciência por afronta: por quê? Porque não cremos a Cristo. Diz Cristo que quem se humilha será exaltado, e quem se exalta será humilhado; e nós cuidamos que sendo humildes nos abatemos, e sendo altivos e soberbos nos levantamos: por quê? Porque não cremos a Cristo.

277. Diz Cristo que deixemos aos mortos sepultar os seus mortos; e nós desenterramos os mortos, para sepultar os vivos. Diz Cristo que amemos e façamos bem a nossos inimigos; e quem há que ame verdadeiramente e guarde inteira fé aos amigos? Diz Cristo que, se amarmos os inimigos, seremos filhos de Deus; e nós dizemos: não serei eu filho de meu pai, se mo não pagar o meu inimigo. Diz Cristo que se por demanda nos quiserem tirar a capa, larguemos também a roupeta; e nós não fazemos já as demandas para defender o vestido próprio, senão para despir o alheio. Diz Cristo que vigiemos e estejamos sempre aparelhados, porque não sabemos o dia nem a hora em que virá a morte; e cada um

vive e dorme tão sem cuidado, como se fôramos imortais. Diz Cristo que quem ouve os prelados, o ouve a ele, e quem os despreza, o despreza; e nós, ainda que o prelado seja o supremo, desprezamo-nos de o ouvir, e ouvimos e ajudamos os que o desprezam. Diz Cristo que é mais fácil entrar um calibre pelo fundo de uma agulha, que entrar um avaro no reino do céu; e nós, em vez de desfiar o calibre, todo o nosso cuidado é como o faremos mais grosso. Diz Cristo que, se dermos esmola, não saiba a mão esquerda o que faz a direita; e nós queremos se apregoe com trombetas que damos com ambas as mãos o que recebemos com ambas. Diz Cristo que, se o olho direito nos escandaliza, o arranquemos, e que se a mão, ou o pé direito nos for também de escândalo, o cortemos e lancemos fora; e quem há que queira cortar ou apartar de si, nem a coisa que ama como os olhos, nem aquela de que se serve, como dos pés e mãos? Finalmente diz Cristo que ele é o caminho, a verdade e a vida; e nós vivemos tais vidas e andamos por tais caminhos, como se tudo isto fora mentira: por quê? Porque não cremos a Cristo. Fique pois por conclusão certa e infalível, ainda que seja com grande confusão nossa e afronta do nome cristão, que todos, ou quase todos, cremos em Cristo, mas não cremos a Cristo: *Non creditis mihi*.

#### §V

*Admirado, Cristo pede-nos a razão de nossa incredulidade. A verdadeira resposta da pergunta de Cristo: as dificuldades de crer em Cristo estão da parte do objeto, as dificuldades de crer a Cristo estão da parte do sujeito. Por que se não louva e encarece em Abraão, pai dos crentes, a fé com que creu em Deus, senão a fé com que creu a Deus?*

278. Admirado Cristo de que sendo a suma verdade o não creiamos, pede-nos a razão desta incredulidade, e diz que lhe digamos o porquê dela: *Quare non creditis mihi?* Não há coisa mais dificultosa que dar a razão de uma sem-razão. E isto é o que só resta ao nosso discurso, não para responder a Cristo, a quem não podemos satisfazer, mas para doutrina e emenda nossa, e para que entendamos e conheçamos a raiz de tamanho mal. Qual é, pois, ou qual pode ser a razão por que, crendo todos nós em Cristo, haja tão poucos que creiam a Cristo? A fé com que se crê em Cristo, a fé com que se crê que é Deus um homem crucificado, tem todas aquelas dificuldades que, nos dois povos de que então se compunha o mundo, experimentou S. Paulo quando disse: *Praedicamus Christum crucifixum, Judaeis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam*<sup>27</sup>. Pois, se crer como se deve em Cristo é um ponto no qual acha tanta dificuldade e ainda horror o entendimento humano, enquanto Deus sobrenaturalmente o não alumia, nós que tão facilmente e sem repugnância cremos todos em Cristo, por que não cremos também todos a Cristo? *Quare non creditis mihi?*

<sup>27</sup> Nós pregamos a Cristo crucificado, que é um escândalo de fato para os judeus, e uma estultícia para os gentios (1 Cor. 1,23).

279. A razão desta sem-razão é porque as dificuldades de crer em Cristo estão da parte do objeto, as repugnâncias de crer a Cristo estão da parte do sujeito: aquelas estão longe de nós, estas estão dentro em nós. A fé, que não dói, é muito fácil de crer; a fé, que se não pode praticar sem dor, é muito dificultosa de admitir. A fé com que creio em Cristo manda-me que creia a sua paixão; a fé com que creio a Cristo manda-me que mortifique as minhas, e aqui está a dificuldade. Para crer em Cristo basta fazer um ato sobrenatural; para crer a Cristo é necessário fazer muitos atos contra a natureza, e é mais fácil excedê-la uma vez, que batalhar continuamente contra ela, e vencê-la muitas. O mesmo S. Paulo, definindo a fé, diz que é: *Argumentum non apparentium*<sup>28</sup>. E entre as coisas que não aparecem, e as coisas que não se apetezem há grande diferença. Para crer as coisas que não aparecem, pode não ter dificuldade o entendimento; para querer as coisas que não se apetezem, sempre tem repugnância a vontade. Com a vontade falou Cristo, quando admiravelmente declarou, ou supôs esta mesma diferença: *Si quis vult venire post me, abneget semetipsum, et tollat crucem suam* (Mt. 16,24): Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz às costas. — Notai. Não diz Cristo: quem me quiser seguir confesse-me a mim, senão negue-se a si. Nem diz adore a minha cruz, senão leve a sua. Confessar a Cristo e adorar a sua cruz é crer nele: negar-me a mim, e levar a minha cruz, é crê-lo a ele; e porque isto é o dificultoso à humanidade fraca e corrupta, esta mesma apreensão de dor, este receio de mortificação, esta contrariedade da natureza, que traz consigo a doutrina de Cristo nas coisas que nos manda ou aconselha, esta é a razão ou sem-razão que entibia e acovarda a segunda parte da nossa fé, e nos aparta de crer a Cristo.

280. O homem de todos os séculos mais afamado e celebrado em crer, e por isso chamado nas Escrituras Pai dos crentes, foi Abraão: Celebram esta sua fé, no Testamento Velho, Moisés, no Novo, S. Paulo e São Tiago, e todos pelas mesmas palavras dizem que Abraão creu a Deus: *Credidit Abraham Deo* (Gên. 15, 6; Tg. 2, 33; Rom. 4, 3). Abraão, antes de crer a Deus, creu em Deus, e não creu em Deus como nós, que recebemos a fé de nossos pais, senão com maior merecimento, e por própria eleição, sendo filho de pais idólatras, e ele também idólatra. Pois se Abraão creu no verdadeiro Deus, abjurando os ídolos, por que se não louva e encarece nele a fé com que creu em Deus, senão a fé com que creu a Deus: *Credidit Abraham Deo?* Porque crer em um Deus, e não crer em muitos, crer no Deus verdadeiro, e não crer nos deuses falsos, crer no criador do céu e da terra, e não crer em paus e pedras, é crença que não tem dificuldade. O lume natural o mostra, a razão o dita, o entendimento o alcança. Porém crer a Deus — que não é crer especulativamente o que ele é, senão praticamente o que ele manda ou aconselha — mandando muitas coisas repugnantes à natureza e contrárias à vontade, e aconselhando outras ainda mais contrárias e repugnantes, isto é o que se louva, porque isto é o que dói; isto é o que se encarece, porque isto é o que custa; isto é o grande e heróico, porque isto é o

<sup>28</sup> Argumento das coisas que não aparecem (Hebr. 11,1).



árduo e dificultoso. E se não, vede-o no mesmo Abraão, e no que Deus lhe mandou obrar.

281. Depois que Abraão creu em Deus, disse-lhe Deus já crido que saísse da sua pátria e da casa de seu pai, e de entre seus parentes e amigos, e se fosse peregrino a outra terra, a qual ele lhe mostraria: *Egredere de terra tua, et de cognatione tua, et de domo patris tui, et veni in terram, quam monstravero tibi* (Gên. 12, 1). E crer eu a Deus, quando me manda trocar a pátria pelo desterro, o descanso pela peregrinação, a casa própria e grande por uma choupana, a companhia dos que são meu sangue pela de gente estranha, de costumes e língua desconhecida, e sobretudo sem saber para onde vou ou me levam, vede se foi grande prova esta de fé, e se tinha neste ato muito que reclamar a natureza? Mas não parou aqui. Promete Deus a Abraão um filho, e dá-lhe Isac; promete-lhe neste filho grande descendência e grandes felicidades; eis que no meio destas esperanças, como se Deus virara a folhas e se esquecera ou arrependera do que tinha prometido, manda a Abraão que prepare espada, fogo e lenha, e que vá tirar a vida ao mesmo Isac, e lho sacrifique em um monte, que ele também lhe mostraria: *Tolle filium tuum primogenitum, quem diligis Isaac, et offeres illum in holocaustum super unum montium quem monstravero tibi* (Gên. 22, 2). E crer um pai a Deus, quando lhe manda sacrificar o filho único e unicamente amado, com todos os motivos de horror e lástima que o mesmo Deus não calou, e que seja o mesmo Abraão, com suas próprias mãos, o executor do sacrifício, e que o sacrifício não seja outro, senão holocausto de que lhe não ficasse parte ou prenda, mais que a dor, a saudade e as cinzas? Aqui pasmou a natureza, aqui triunfou o valor, aqui batalhou a fé contra a fé, e se venceu a si mesma. Por isso não se celebra em Abraão o crer em Deus, senão o crer a Deus: *Credidit Abraham Deo*.

282. Mas antes que feche o discurso, quero satisfazer a uma grande objeção, com que podem replicar ao que tenho dito os versados na Escritura. Quando a escritura disse de Abraão: *Credidit Abraham Deo*, ainda Isac não era nascido, quanto mais sacrificado, porque o caso do sacrifício sucedeu daí a vinte e seis anos, tendo Isac vinte e cinco de idade. Como logo podia cair e referir-se a esta ação o testemunho e elogio da sua fé? Que o mesmo testemunho se refira ao desterro da pátria, posto que passado, como dizem os comentadores, seja; porém ao sacrifício futuro e tão distante, que nem era, nem fora, nem havia de ser, senão daí a tantos anos, como pode ser? Agradecei a solução desta nova e fortíssima instância, a um notável texto do apóstolo São Tiago, no capítulo 2 da sua Católica: *Abraham pater noster nonne ex operibus justificatus est, offerens Isaac filium suum super altare? Et suppleta est scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo*<sup>29</sup>. Notai muito esta última cláusula, que é milagrosa. Diz pois São Tiago que naquela ocasião famosa em que Abraão sacrificou a seu filho, então supriu a Escritura o ilustre testemunho que tinha dado de sua fé, quando disse: Abraão creu a Deus. *Et suppleta est Scriptura, dicens:*

<sup>29</sup> Abraão, nosso pai, não foi ele justificado pelas obras, oferecendo seu filho Isac sobre o altar? E cumpriu-se a Escritura que diz: Abraão creu em Deus (Tg. 2,22 s).

*Credidit Abraham Deo.* De maneira que o testemunho da Escritura tinha sido antes, o sacrifício de Isac foi tantos anos depois, e contudo o testemunho passado refere-se ao sacrifício futuro, porque, enquanto não chegava o ato do sacrifício, esteve a Escritura como suspensa e embargada, esperando aquela maior prova da fé de Abraão, para suplemento do que tinha dito. Enquanto Abraão não sacrificou, nem o seu valor estava bastantemente qualificado, nem o testemunho da Escritura cabalmente completo; mas quando ele se arrojou ao sacrifício, então acabaram ambos de suprir e desempenhar, Abraão a sua fé, a Escritura a sua verdade: *Et suppleta est Scriptura, dicens: Credidit Abraham Deo* — para que se veja quão certa é a razão que assinamos de diferença entre o crer em Deus e o crer a Deus, entre o crer em Cristo e o crer a Cristo, e que só crê a Deus e a Cristo, como deve, quem contra as repugnâncias da natureza, e sobre todas as leis do próprio amor, pronta e constantemente o obedece. Mas porque a nós nos falta esta resolução e valor, e nas coisas que Cristo nos manda ou aconselha, nos deixamos enfraquecer do receio e vencer da dificuldade, por isso, crendo em Cristo, não cremos a Cristo. Esta é a verdadeira resposta daquela pergunta; este o verdadeiro porquê daquele *quare: Quare non creditis mihi?*

## §VI

*Suposto que não cremos a Cristo, a quem cremos, senão aos três inimigos de nossa alma: o mundo, o demônio e a carne? A fé com que se crê a Deus e a Cristo, essa só é a fé que justifica e salva. O perigo de se perder a primeira parte da fé, se nos faltar a segunda.*

283. Agora que tenho satisfeito ao tema, acabado o discurso, e, se me não engano, provado o que prometi, quisera perguntar por fim a todo o cristão, ou que cada um se perguntasse a si mesmo: suposto que não cremos a Cristo, a quem cremos? Se não cremos a Cristo, no que nos manda como verdadeiro Senhor, no que nos ensina como verdadeiro Mestre, e no que nos aconselha como verdadeiro amigo, a quem cremos, ou a quem podemos crer, senão a um tirano que nos violenta, a um traidor que nos engane, a um lisonjeiro que nos perca? *Non credas inimico tuo in aeternum (Eccl. 12,10)*, diz o Espírito Santo: A teu inimigo, não o creias jamais. — E quem são estes a quem cremos, senão os três inimigos de nossa alma? O tirano que nos violenta e cativa é o mundo; o traidor que nos mente e engana é o demônio; o lisonjeiro que, falando sempre ao sabor dos sentidos, nos precipita e perde é a carne. Ó carne, ó natureza corrupta, ó apetite depravado, ó fraqueza e miséria humana, que facilmente te rendes ao aparente bem deleitável, e que cega e poderosamente resistes ao honesto e útil. Não crês a quem te promete e abre o céu, e crês a quem to fecha? Não crês a quem com amor te ameaça o inferno, e crês a quem com falsa doçura te arrebatava e leva a ele? Tal é a nossa cegueira, tal a nossa loucura, tal a nossa pusilanimidade e covardia.

Creu Abraão a Deus antes de ser homem, creu a Deus antes de encarnar e morrer por ele, e nós, rebeldes aos exemplos de sua vida, e ingratos às finezas de sua morte, não cremos a Cristo? Não nos manda Cristo, depois de deixar o céu que deixemos a pátria, como a Abraão; não nos manda Cristo que depois de se pôr em uma cruz por nós lhe sacrifiquemos os filhos, e não nos envergonhamos que um homem, que não tinha mais lei que a da natureza, contra as maiores repugnâncias da mesma natureza, tivesse fé e valor para crer a Deus, quando lhe punha tão duras leis? Então vivemos mui confiados que nos havemos de salvar não crendo a Cristo, só porque cremos em Cristo. Olhai o que acrescenta o texto à fé de Abraão: *Credidit Abraham Deo, et reputatum est illi ad justitiam*: Creu Abraão a Deus, e então foi reputado e canonizado por justo. Porque creu a Deus, diz, e não porque creu em Deus. A fé com que se crê em Deus e em Cristo é fé de justos e pecadores; a fé com que se crê a Deus e a Cristo, essa só é a fé dos justos, porque só essa sobre a outra é a que justifica e salva. Muitos que creram em Deus e em Cristo estão no inferno; e dos que chegam a uso de razão, só os que crêem a Deus e a Cristo se salvam.

284. E por que nos não lisonjeemos com a fé de cristãos e católicos, que nos distingue dos gentios e dos hereges, quero acabar estas verdades com uma verdade em que não cuidamos os portugueses, e nos devera dar a todos grande cuidado. Fiamo-nos muito em que cremos firmemente em Cristo, como fiéis católicos? Pois eu vos digo, da parte do mesmo Cristo, e vos desengano, que, se faltarmos à segunda parte da fé, também nos faltará a primeira, e que, se não cremos a Cristo, estamos muito arriscados a não crer em Cristo. Inglaterra, Holanda, Dinamarca, Suécia, e tantas outras províncias e nações da Europa, ou totalmente perdidas, ou infeccionadas da heresia, também foram católicas como nós, também floresceram na fé, também deram muitos e grandes santos à Igreja. E por que cuidais que apostataram da mesma Igreja e da verdadeira fé, que só ela ensina? Diga-o a sua doutrina e os seus mestres. Lutero e Calvino, e os outros que eles levaram após seus erros, também criam em Cristo, mas porque no creram a Cristo, já não crêem nele. Impugnam e negam o Evangelho, porque não creram ao Evangelho. Deram-se soltamente aos vícios e pecados, e, porque os não quiseram confessar, negaram o sacramento da confissão; largaram a rédea à torpeza e sensualidade, e, porque não quiseram guardar continência, negaram a castidade; entregaram-se às demasias e intemperanças da gula, e, porque não quiseram ser sóbrios, negaram o jejum e a penitência; seguiram em tudo a largueza e liberdade da vida, e, porque não quiseram obrar bem, negaram o valor e necessidade das boas obras. Enfim, deixada a lei de Deus como fiéis, e a da razão como homens, fizeram outra, que eles chamam religião, na qual só se crê o interesse e se obedece o apetite. Vede que fé se podia conservar entre costumes de brutos? Conservam o Batismo e nome de cristãos, mas verdadeiramente são ateus; e porque não creram a Cristo, passaram a não crer em Cristo. Estas são as disposições por onde se introduziu e se ateou

em tantos reinos a peste da heresia. E praza a Deus que do Setentrião não passe também ao Ocidente! Ainda cá não chegou, mas já está em caminho. E segundo os vícios lhe têm aberto as estradas, não será dificultosa a passagem.

## §VII

*Os ninivitas creram tão facilmente em Deus, porque creram a Deus. A admoestação de S. Paulo a Timóteo, e os exemplos de Himineu e Alexandre. A apostasia de Presbítero Saprício e o martírio de Nicéforo.*

285. Não lhe será, torno a dizer, dificultosa a passagem, porque assim como os que crêm a Deus passam facilmente a crer em Deus, assim, de não crer a Cristo é fácil passar a não crer em Cristo. Nínive era a maior cidade que houve no mundo, a gente infinita, os moradores todos gentios, sem fé nem conhecimento de Deus, os costumes corruptíssimos e abomináveis, e em tudo semelhantes aos do rei, que então era o infame Sardanapalo. E contudo diz a Escritura que todos os ninivitas em um dia creram em Deus: *Caepit Jonas praedicare itinere unius diei, et crediderunt viri ninivitae in Deum*<sup>30</sup>. Pois se estes homens eram gentios, e tantos milhares, e tão habituados nos vícios, que são os que mais escurecem os entendimentos, e mais endurecem as vontades, como creram em Deus tão facilmente? Creram em Deus porque creram a Deus. Mandou-lhes Deus anunciar pelo profeta Jonas que dentro em quarenta dias se havia de abrir a terra e soverter a cidade, e assombrados do pregão, e atemorizados do castigo, creu o rei, e creu o povo o que Deus pelo profeta lhes dizia.

286. E como creram a Deus, logo também creram em Deus: *Crediderunt viri Ninivitae in Deum*. Desenganemo-nos pois, que se de crer a Deus se passa tão facilmente a crer em Deus, também de não crer a Cristo se passará com facilidade a não crer em Cristo. Não sou eu o que o digo, é S. Paulo. E falava S. Paulo com Timóteo, melhor cristão que nós, e de cuja fé se podia temer menos semelhante ruína. Era Timóteo discípulo do Apóstolo, era tão provecto na fé de Cristo, que no sobrescrito desta mesma epístola lhe chama dileto filho na fé; era tão santo e favorecido do céu, que tinha mui altas ilustrações e revelações divinas; e contudo o grande mestre das gentes, logo no primeiro capítulo, o admoesta e compunge assim: *Comendo tibi, fili Timothee, secundum praecedentes in te prophetias, ut milites in illis bonam militiam, habens fidem et bonam conscientiam, quam quidam repellentes, circa fidem naufragaverunt* (1 Tim. 1, 18s.): Encomendo-te, filho meu Timóteo, que te não fies nas tuas revelações, para te descuidar da vida. Traze sempre unidas, no coração e nas obras, a boa consciência com a fé, e a fé com a boa consciência, porque muitos, já neste princípio da Igreja, porque não fizeram caso da consciência,

<sup>30</sup> Na *Vulgata*: E Jonas começou a entrar na cidade, andando por ela um dia... e creram os ninivitas em Deus (Jon. 3,4 s).

fizeram naufrágio na fé. — Oh! quanto se pode temer à vista destes naufrágios, que também o faça esta nau em que imos embarcados! Ela leva nas bandeiras a cruz e chagas de Cristo, mas quando as costuras da consciência se vêm tão rotas e tão abertas, quando cremos tão pouco a Cristo e sua doutrina, que se pode esperar, senão o que aconteceu a tantos? Os nossos pecados não são mais privilegiados que os seus, nem menos pesados, e se os seus os levaram ao fundo, e chegaram a naufragar na fé, porque não temeremos nós semelhante desgraça, e que também se diga algum dia dos portugueses — o que a divina misericórdia não permita: — *Circa fidem naufragaverunt.*

287. S. Paulo põe por exemplo a Timóteo dois cristãos mui nomeados da primitiva Igreja, Himineu e Alexandre, que, por não se acomodarem às leis e conselhos do Evangelho, depois de receber a fé, apostataram dela. Eu, em lugar de peroração, quero deixar-vos na memória outro exemplo, também vizinho àqueles tempos, mas muito mais temeroso, e verdadeiramente horrendo. No ano de Cristo duzentos e sessenta, na cidade de Antioquia — onde primeiro esteve a Cadeira da Fé e de São Pedro, que em Roma — foi preso pela confissão de Cristo um presbítero chamado Saprício<sup>31</sup>. Padeceu constantemente o cárcere e outros tormentos; foi levado finalmente com a mesma constância ao lugar do martírio, e quando estava já como Isac sobre a lenha, e o tirana com o golpe armado para lhe cortar a cabeça, chega Nicéforo, que tinha sido seu inimigo, e, lançado a seus pés, lhe pede que ao menos naquela hora o receba em sua graça e lhe deite a sua bênção. Que vos parece, senhores, que responderia Saprício, e que faria em tal ato? Claro está que, se lhe não pudesse lançar os braços, por ter as mãos atadas, com todo o afeto do coração e com a maior doçura de palavras o meteria dentro na alma que tão gloriosamente partia para o céu e dava por Cristo. Caso porém inaudito e sobre toda a imaginação estupendo! Respondeu Saprício irado que se tirasse de sua presença, que se não havia de reconciliar com tal homem, que ainda era tão inimigo seu como sempre fora, e que, na ocasião em que estava, mostraria ao mundo que o havia de ser até a morte. Parece que excede toda a fé humana uma tal resposta, de tal pessoa, e em tal hora. Mas quis a Providência divina que as atas e testemunhos autênticos de todo o sucesso existissem ainda hoje, como refere Barônio, para que não vacilasse o crédito de tamanho caso, que ainda é maior.

288. Mas antes que vá por diante, ouça-me Saprício, já que não quer ouvir a Nicéforo. Homem, sacerdote, monstro, vês onde estás? Lembras-te do que és? Conheces o que queres ser? Estás debaixo do alfange do tirano, queres ser mártir de Cristo, e não te lembras que és cristão? Não te lembras que diz Cristo — e com advertência de que ele o diz: — *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros*<sup>32</sup>? Pois como não amas este que, se foi teu inimigo, já o não é, e mais quando ele, rendido a teus pés, te pede perdão? Não te lembras que diz o mesmo Cristo, que se fores oferecer sacrifício sobre o altar, deixes aí o

<sup>31</sup> *Baron. Spond. annu Christi 260.*

<sup>32</sup> Mas eu vos digo: Ama a vossos inimigos (Mt. 5, 44).

sacrifício, e te vás primeiro reconciliar com teu próximo, se tiver de ti alguma ofensa: *Si offers munus tuum ad altare, relinque ibi munus tuum, et vade prius reconciliari fratri tuo* (Mt. 5,23)? Pois se Nicéforo se vem reconciliar contigo, estando nu, oferecendo o sacrifício de tua vida e sangue por Cristo, como não aceitas sua amizade, e queres morrer como viveste, em ódio? Aqui vereis, cristãos, como é certo o que vos preguei, que nem todos os que crêem em Cristo crêem a Cristo. Saprício cria tão firmemente em Cristo que, por confessar a sua fé, estava dando a vida; e no mesmo tempo cria tão pouco a Cristo, que, contra dois preceitos expressos de sua doutrina, nem amava a seu inimigo, nem se quis reconciliar com ele.

289. E para que vejais também no mesmo caso quão certo é o que eu acabava de vos dizer, que quem não crê a Cristo facilmente passa a não crer em Cristo, ouvi com maior assombro o que se seguiu àquela resposta. Tanto que Saprício respondeu a Nicéforo que ainda era seu inimigo, e não se queria reconciliar com ele, volta-se ao tirano, que ia para descarregar o golpe, manda-lhe que suspenda a espada. E para quê, ou por quê? Porque eu, diz Saprício, já não sou cristão, renego de Cristo, e quero oferecer incenso aos ídolos. Assim o disse, e assim o fez o verdadeiro e falso católico, passando, em um momento, de sacerdote a sacrílego, de mártir a renegado, e de cristão a idólatra. *Sapricius* — conclui o mesmo Barônio — *vita jam oppignerata martyrio, quod veteri odio flagraret in Nicephorum, ipsum prope ictum vibrante carnifice, Christum negans idolis sacrificavit*. Pode haver mais temeroso exemplo, e mais para fazer temer a todo o cristão? Mas assim vêm a não crer em Cristo os que não crêem a doutrina de Cristo. E ainda mal, porque não é só Saprício, o cristão e o sacerdote, em que se representam os atos de semelhante tragédia: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*<sup>33</sup>. Não renegam de Cristo com a boca, mas renegam-no com as obras; não oferecem incenso aos ídolos, mas têm ídolos a quem sacrificam os corações; não professam publicamente o gentilismo, mas pública ou secretamente vivem como ateus. Creiamos, creiamos a Cristo, e teremos segura a fé com que cremos em Cristo. E se for necessário dar por ele a vida, também a daremos constantemente, e sem mudança. Tal foi — ainda continuo a história — tal foi a maravilhosa catástrofe com que a fortuna não merecida de Saprício, no mesmo teatro, no mesmo momento, e na continuação do mesmo ato, se passou a Nicéforo. Já o tirano ia embainhando sem sangue a mal temida espada, contentando-se com a fraqueza e retratação do apóstata, quando Nicéforo, levantando-se de seus pés, onde lhe pedira e não alcançara o perdão, e substituindo-se animosamente no seu lugar: Aqui estou — disse em alta voz — sou cristão; este posto é meu. Nem à fé de Cristo lhe podem faltar defensores, nem a seus altares vítima. Aqui está o peito aberto e a garganta nua. O sacrifício que começaste noutro, acaba-o como quiseres em mim. — Não sofreu a raiva do tirano mais palavras, nem teve paciência para mais dilatados tormentos: começou pelo último. Esperou o novo e

<sup>33</sup> Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras (Ti. 1, 16).

melhor mártir com a mesma constância e alegria a ferida mortal, levaram-lhe a cabeça, e recebeu a coroa. Tal foi o fim de Nicéforo, tal o de Saprício, digno um e outro da fé de ambos. Saprício creu em Cristo, mas não creu a Cristo, e perdeu a Cristo para sempre; Nicéforo creu em Cristo, e creu a Cristo, e goza, e gozará de Cristo nas eternidades.

## SERMÃO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA

PREGADO EM LISBOA, NA IGREJA DE N. SENHORA DOS MÁRTIRES,  
ANO 1651

*Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus<sup>1</sup>.*

### §I

*A causa da misteriosa impropriedade do Evangelho: Maria é mostrada junto à cruz, porque a cruz é a vara por onde a havemos de medir e a balança com que a havemos de pesar. Assunto do sermão: medir e pesar a graça de Maria.*

290. Este é o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja, mas se eu houvera de fazer a eleição, não havia de ser este o Evangelho. Se a festa é da graça, por que não seria o Evangelho também da graça? Que no dia da Conceição, no do Nascimento, no da Assunção da Senhora nos não dê a Igreja Evangelho próprio, e que tenhamos os pregadores o trabalho de acomodar o texto à festa, ou de desacomodar a festa por amor do texto, terrível pensão é, mas forçosa, porque passaram os evangelistas em silêncio aqueles mistérios. Mas na festa da graça, que tão expressa e tão encarecida está no Evangelho? Verdadeiramente que se a acomodação não fora tão antiga, pudéramos cuidar que também aos Evangelhos abrangia a fortuna dos tempos: os que mais serviam, deixados, os que menos servem, acomodados. Não estava aí graça, e mais graça no capítulo segundo de S. Lucas? Não ouviríamos da boca de Gabriel em termos claros: *Ave gratia plena?* Não ouviríamos da mesma boca angélica: *Invenisti gratiam apud Deum<sup>2</sup>?* Que melhores duas bases, e mais capazes para levantar sobre elas o *non plus ultra* da graça de Maria, que estes dois grandes testemunhos do anjo, um de cheia, outro de inventora da graça? E contudo que nos negue, ou nos dissimule a Igreja neste dia tão claras e tão duplicadas luzes da graça da Senhora, e quando vimos a ouvir e admirar as excelências dela, nos meta entre as

<sup>1</sup> Estava em pé junto à cruz de Jesus, sua Mãe (Jo. 19, 25).

<sup>2</sup> Deus te salve, cheia de graça, pois achaste graça diante de Deus (Lc. 1,28.30).

sombras e eclipses do Calvário, e nos ponha diante dos olhos a cruz arvorada: *Stabat juxta crucem* (Jo. 19,25)?

291. Ora, eu buscando a causa desta misteriosa impropriedade — que não pode ser sem mistério — e reparando com atenção na cruz levantada, e na Senhora em pé junto a ela, representou-se-me a cruz naquelas duas figuras em que tantas vezes a vemos significada no Testamento Velho: em figura de vara, e em figura de balança. Figura da cruz foi a vara de José, adorada de Jacó, porque já então o sagrado e consagrado madeiro começava a ser venerado com adoração de latria (Gên. 47,31; LXX. Hebr. 11,21). Figura da cruz foi a vara de Arão florescente, porque havia de ter a cruz; por remate, o título de Nazareno, que quer dizer florido (Núm. 17,8). Figura da cruz foi a vara que tocou e acendeu o sacrifício de Gedeão, porque com seu contato santificou o Redentor a Cruz, e nela consumou o maior sacrifício (Jz. 6, 21). Figura da cruz foi a vara de Assuero que, estendida sobre Ester, a livrou a ela e a todo seu povo da tirania de Amã, como a cruz a nós todos da sentença geral da morte (Est. 5,2). Figura da cruz foi a vara que saiu de Sion para dominar todas as gentes, e as pôr — como as tem posto a cruz — sujeitas e rendidas aos pés de Cristo (Sl. 109,8). Figura foi enfim da cruz a vara de Moisés prodigiosa, a vara de Jônatas, que vertia mel, e sobre todas, a vara de Jessé, de cujas raízes nasceu o fruto coroado e bendito do ventre sacratíssimo de Maria (Êx. 4,2; 1 Rs. 14,27; Is. 11,1).

E se a cruz erguida no Calvário foi figurada na vara, estendida e com os braços abertos, não com menor propriedade é figurada também na balança. Figura foi da cruz a balança de Jó, em que ele, simbolizando o Redentor, de uma parte quis se pusessem os nossos pecados, e da outra os seus tormentos (Jó 6,2). Figura foi da cruz a balança de Jeremias, na qual o profeta pesou autenticamente o preço da terra, em fé de que Deus a havia de restaurar do cativeiro dos assírios (Jer. 32,11). Figura foi da cruz a balança de Babilônia, em que Baltazar perdeu em uma hora a monarquia, e se passou toda a Ciro, chamado por antonomásia o Cristo do Senhor (Dan. 5, 27). Figura foi da cruz a balança de Isaías — como libra do firmamento — na qual, suspendida por três dedos de Deus, toda a redondeza da terra pesa um só átomo (Is. 40,13). Figura foi enfim da cruz a balança de Ezequiel, em que ele pesou os seus cabelos, não juntos, mas divididos, porque a cruz há de ser no dia do juízo aquela fiel balança, em que se hão de pesar os merecimentos, bons ou maus, de todos os homens, sem que fique, sem ser pesado nem um só cabelo (Ez 5,1). E para que tudo nos estabeleça e confirme a mesma autoridade que nos deu o texto, a da Igreja, que é a mais qualificada de todas, assim o canta: *Adsunt prodigia divina in virga Moysis primitus figurata!* Eis aí a cruz figurada na vara: *Statera facta corporis, tulitque praedam Tartari*. Eis aí a mesma cruz figurada na balança<sup>3</sup>.

292. Sendo pois a cruz vara, e sendo balança, já se descobre o grande mistério que ao princípio nos parecia impropriedade, e já se vê com quanta elegância e energia se nos

<sup>3</sup> Na vara de Moisés estão prefigurados os prodígios divinos... O corpo, transformado em balança, rouba ao Tártaro, a presa.



mostra a Virgem Santíssima junto à cruz, quando buscamos motivos sobre que celebrar sua graça. Como se a mesma Igreja, que aplicou o Evangelho, o explicara e nos dissera: quereis conhecer a grandeza, quereis compreender a imensidade da graça de Maria, eis aí a vara por onde a haveis de medir, eis aí a balança com que a haveis de pesar: *Stabat juxta crucem*. Medir e pesar a graça de Maria será hoje o meu assunto. Mas quem poderá medir o imenso, quem poderá pesar o incompreensível? Só na haste da cruz, onde Deus esteve estendido, se pode medir; só nos braços da cruz, onde Deus esteve pendente, se pode pesar. Ao medir, sei de certo que haveis de ficar admirados; ao pesar, desejava eu muito que ficáramos confundidos. Para tudo nos é necessária a mesma graça. *Ave Maria*.

## §II

*Por onde se havia de medir a graça da Senhora? Pela Maternidade e não pela cruz, dizem os doutores da Igreja. Mas o autor afirma que a Maternidade de Deus, absolutamente considerada, não é bastante medida da graça de Maria. A Senhora teve maior graça do que havia de ter se Adão não pecara. Caso o Espírito Santo também se encarnasse, havendo assim duas Mães de Deus, a Mãe de Cristo teria maiores prerrogativas de graça. Na cruz, e nas conseqüências da cruz, cresceu a Senhora a maior graça, que graça de Mãe de Deus. A comparação dos anjos nos Cânticos. Palavras do doutíssimo Sotto.*

*Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus.*

293. Estava junto da cruz de Jesus, sua Mãe. Não temos dito nada. Eis aqui por onde se havia de medir a graça da Senhora. Havia-se de medir pela Maternidade, e não pela cruz, pelo *Mater ejus*, e não pelo *juxta crucem*, porque o ser Mãe de Deus é a medida mais cabal da graça de Maria. S. João Damasceno, S. Epifânio, S. Agostinho, S. Bernardo, S. Boaventura, mas para que é nomeá-los? Todos os Padres, todos os Doutores, quanto mais ponderam, quanto mais encarecem, e quanto mais querem dar a conhecer a graça da Senhora, medem-na pela Maternidade de Deus. Teve tanta graça Maria, quanta era bem que tivesse a que era digna Mãe de Deus. Isto dizem todos os doutores, e aqui para todos os encarecimentos. Mas com licença de todos, ajudado com o favor da mesma Senhora, para maior glória de sua graça, determino dizer dela hoje o que até agora se não disse. Digo que o ser Maria Mãe de Deus não é bastante medida para nos dar a conhecer a grandeza da sua graça, porque a graça de Maria foi maior graça que graça de Mãe de Deus. Torno a dizer, e explico-me mais: pudera a Senhora ser Mãe de Deus com toda a graça necessária e proporcionada àquela dignidade, e não ter tanta graça quanta teve: logo, a graça de Maria é maior graça que graça de Mãe de Deus; logo a Maternidade de Deus, absolutamente

considerada, não é bastante medida da graça de Maria. Como este modo de dizer é tão novo, e hoje a primeira vez que sai a público, para que vá assentado sobre os fundamentos mais sólidos, haveis-me de dar licença que discorra um pouco ao escolástico. Uma vez na vida bem se sofre.

294. Argumento assim: quando a Virgem Maria concebeu em suas entranhas o Verbo Eterno, encheu Deus a Senhora de tanta abundância de graça; quanta era bem que tivesse a que desde aquele ponto era digna e verdadeira Mãe sua. Isso quis significar o anjo quando disse: *Ave gratia plena*, e assim o declara Santo Tomás: *Dicitur gratia plena, quia scilicet habuit sufficientem gratiam ad statum illum, ad quem electa est a Deo, scilicet, ut esset Mater Unigeniti ejus. Sed sic est*, que a Senhora depois do mistério da Encarnação, e principalmente ao pé da cruz, mereceu e cresceu incomparavelmente na graça: logo a graça da Senhora foi maior graça que graça de Mãe de Deus absolutamente considerada. É tão evidente a força deste argumento, que, movidos sem dúvida dele, o sutilíssimo Escoto, S. João Damasceno, Guerrico Abade, e alguns outros Padres e teólogos vieram a ter opinião que a Senhora, desde o ponto em que concebeu o Verbo Divino, não crescerá mais em graça. A sua consequência era boa, se a suposição fora verdadeira. Supunham que a Senhora não tivera mais graça que a graça proporcionada à de Mãe de Deus: logo, se a Senhora, no instante da Encarnação, teve toda a graça que era proporcionada àquela dignidade, bem se seguia que não podia crescer mais na graça. Sendo porém certo — como é sentença comum dos teólogos, e o prova larga e doutamente o Padre Soares — que a Senhora cresceu sempre na graça, segue-se logo que teve maior graça que graça de Mãe de Deus.

295. Mais. Em caso que Adão não pecara, como podia não pecar, perguntam os teólogos se havia Deus de fazer-se homem. E resolvem mais comumente que sim. Neste caso a Virgem Senhora nossa havia de ter graça proporcionada à dignidade de Mãe de Deus, e contudo não havia de ter muita parte da graça que hoje tem. Provo. Porque naquele estado não havia de haver os desamparos do presépio, nem as perseguições de Herodes, nem os destertos do Egito, nem a espada de Simeão, nem as peregrinações de Judéia; não havia de haver pretório de Pilatos, nem Calvário, nem cruz, nem espinhos, nem lança, nem soledades, nem outras tantas ocasiões de padecer e merecer, que foram consequências do pecado de Adão. É verdade que, em lugar destes atos, sempre a Virgem havia de fazer outros muito dignos de graça, mas não haviam de ser tão meritórios como estes, como também o não foram outros que a mesma Senhora fez em sua vida. Bem se infere logo que a Senhora teve maior graça do que houvera de ter, se Adão não pecara. E contudo, se Adão não pecara, havia a Senhora de ser verdadeira Mãe de Deus, com a graça proporcionada àquela dignidade. Teve logo maior graça, que graça de Mãe de Deus. Toda esta doutrina é mais conforme à de São Paulo, o qual diz que o pecado de Adão foi ocasião de maior

graça: *Ubi abundavit delictum, superabundavit et gratia*<sup>4</sup>. Se Adão não pecara, fora a Senhora Mãe de Deus com graça abundante; e porque pecou, foi Mãe de Deus com graça superabundante: *Superabundavit et gratia*.

296. Mais. Assim como encarnou a segunda Pessoa da Santíssima Trindade, assim pudera também encarnar a terceira. Suponhamos pois que o Espírito Santo se fez homem. Neste caso havia de haver duas Mães de Deus: uma a Virgem Maria, e outra a Mãe do Espírito Santo; e contudo a Mãe do Espírito Santo não havia de ter tanta graça, como teve a Virgem Maria: logo a Virgem Maria tem mais graça que a de Mãe de Deus absolutamente. E que a Mãe do Espírito Santo não houvesse de ter tanta graça, prova-se, porque, como ensina a Teologia, os Santos Padres e a razão da Providência divina, Deus dá a graça conforme os ofícios para que elege; e a Mãe do Espírito Santo, ainda que havia de ser Rainha dos homens e dos anjos, soberana Senhora de todo o criado, não havia porém de ter outros ofícios de grande dignidade e merecimento, que teve a Virgem Maria, porque, como o mundo estava já remido, não havia de ser reparadora dos erros de Eva, não havia de ser corredentora, ou, quando menos, coadjutora da Redenção, não havia de ser sucessora de Cristo na propagação da fé, Mestra dos Apóstolos, e primeira e suprema luz da Igreja, e outros títulos semelhantes, de cujos exercícios resultavam grandes aumentos de graça. Nem é inconveniente considerar que haveria uma Mãe de Deus que tivesse menos graça que outra, porque também a humanidade do verbo tem hoje alguma prerrogativa de glória, que não havia de ter no tal caso a humanidade do Espírito Santo, porque, quando menos, havia Cristo de ser singular naquela glória incomparável de Redentor, de que fala S. Paulo: *Factus obediens usque ad mortem, mortem autem crucis. Propter quod et Deus exaltavit illum, et donavit illi nomen, quod est super omne nomen*<sup>5</sup>. Pois se havendo dois Homens-Deus, um deles havia de ter maiores prerrogativas de glória, que muito é, que havendo duas Mães de Deus, uma delas tivesse maiores prerrogativas de graça?

297. Mais. Dizem graves autores que quando Cristo ia subindo o Monte Calvário com a cruz às costas, viu-o a Senhora, e no mesmo ponto caiu desmaiada e amortecida, e dizem que ainda hoje se vêem vestígios de um templo edificado naquele lugar com o nome do espasmo. Não me meto a averiguar verdades desta história. Mas, suponhamos que foi assim, e que a Senhora, ou neste passo, ou no de ver pregar, ou levantar, ou expirar na cruz ao Filho, que amava intimamente mais que a si mesma, não só ficou amortecida, senão totalmente morta de dor. Pergunto: morrendo a Senhora naquele estado, havia de ter graça e glória de Mãe de Deus? Claro está que sim; e contudo não tinha ainda a graça que havia de merecer ao pé da Cruz, nem a que mereceu depois por todo o espaço de sua vida, enriquecida de admiráveis atos de intensíssimo amor de Deus, e de todas as virtudes: logo

<sup>4</sup> Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rom. 5,20).

<sup>5</sup> Feito obediente até a morte, e morte de cruz. Pelo que Deus também o exaltou, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome (Flp. 2,8 s).

na cruz, e nas conseqüências da cruz — que tudo foram conseqüências suas, como logo veremos — cresceu a Senhora a maior graça, que graça de Mãe de Deus.

298. Parece que temos provado com razões; mas, que é dos autores? E que culpa lhe tenho eu, se eles não trataram este ponto? Mas já que não temos autores homens, teremos autores anjos: *Quae est ista quae progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol* (Cânt. 6,9)? Quem é esta, — dizem os anjos nos Cânticos, falando com a Senhora — que se vem levantando como aurora, formosa como a lua, e escolhida como o sol? — A três luzes comparam aqui os anjos a Senhora: à luz da aurora, à luz da lua, à luz do sol. Destas três luzes, uma entendo, duas não entendo. Que se compare a Senhora à luz da aurora, grande propriedade tem, porque assim como da aurora nasce o sol, assim da Virgem Maria nasceu o sol de justiça, Cristo. Mas que depois de comparada à aurora a Senhora, a comparem também à lua e ao sol? Isto não entendo. O sol tem maior luz que a aurora, a lua tem menor luz que a aurora: pois, se a Virgem está comparada à aurora, que é luz própria da Mãe do sol, por que a comparam também ao sol, que tem mais luz, e à lua, que tem menos luz? Por isso mesmo. Porque a Senhora, comparada em diferentes estados de sua vida, em um teve graça igual à graça de Mãe de Deus; em outro teve menor graça que graça de Mãe de Deus; em outro teve maior graça que graça de Mãe de Deus. Na Encarnação teve graça igual à de Mãe de Deus, por isso aurora; antes da Encarnação teve graça menor que graça de Mãe de Deus, por isso, lua; depois da Encarnação teve graça maior que graça de Mãe de Deus, por isso sol. *Quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol.*

299. E porque totalmente entre as vozes angélicas não falte alguma humana, perei aqui as palavras de um dos maiores mestres da escola de Santo Tomás — posto que também é angélica — o doutíssimo *Sotto: Fuit quidem gratia plena ante conceptionem Filii, quantum par erat, ut fieret Christi Mater: attamen gratia ula non fuit eo modo summa, ut non posset deinceps mentis augere.* Tinha dito Santo Tomás que a graça da Senhora, na Conceição e Encarnação do Verbo, fora consumada. E explica este grande teólogo o modo com que foi consumada, ou suma. Foi consumada e suma, porque recebeu na conceição do Verbo toda aquela enchente de graça que era necessária para ser digna Mãe de Deus; mas não foi de tal maneira suma e consumada, que daí por diante não pudesse crescer em maior merecimento e graça, como verdadeiramente cresceu. Pôs as premissas *Sotto*, e só lhe faltou tirar a conseqüência: logo a graça de Maria foi maior que graça de Mãe de Deus, precisa e absolutamente considerada. Mas, respondendo a uma só objeção que tem esta teologia — e à primeira vista não fácil de desatar — ficará mais conhecida a verdade gloriosa dela.

### §III

*Como a Senhora foi predestinada para mais que Mãe de Deus, por isso a graça foi também maior graça que graça de Mãe de Deus. Os dois decretos da Encarnação de Cristo e a predestinação da Virgem Maria. As graças da Maternidade e as graças da cruz.*

300. A Senhora não teve mais graça que a graça para que foi predestinada: foi predestinada para Mãe de Deus, com a graça competente àquela soberana dignidade: logo não teve mais graça que graça de Mãe de Deus. Que a senhora não tenha mais graça que a graça para que foi predestinada, é certo; mas por isso mesmo teve mais graça que a de Mãe de Deus precisamente. Por quê? Porque foi predestinada para mais que Mãe, e para mais que de Deus. Ora vede. Foi predestinada para mais que Mãe, porque foi predestinada para Mãe atormentada, para Mãe afligida, para Mãe angustiada, para Mãe mortificada, e para Mãe crucificada, como o foi com seu Filho: *Juxta crucem*. E tormentos, aflições, angústias, martírios, cruces, não entram no conceito preciso de Mãe: são de mais a mais. Foi logo a Virgem predestinada para mais que Mãe. E foi também predestinada para Mãe mais que de Deus, porque Deus, de que foi Mãe a Virgem Maria, foi Deus redentor, Deus passível, Deus crucificado, Deus morto, Deus sepultado. E redenção, passibilidade, cruz, morte, sepultura, não entram no conceito preciso de Deus-Homem; são outros excessos muito maiores: logo foi a Senhora predestinada para Mãe mais que de Deus. E como a Senhora foi predestinada para mais que Mãe, e para Mãe mais que de Deus, por isso a graça para que foi predestinada foi também maior graça que graça de Mãe de Deus.

301. Declaremos bem este ponto em todo o rigor da teologia. O mistério da Encarnação do Verbo foi determinado *ab aeterno* por dois decretos, um antes, outro depois da previsão do pecado de Adão. Antes da previsão do pecado, foi decretado que o Filho de Deus se fizesse homem sem outro fim por então, mais que o da glória divina, e para que fosse suprema cabeça do gênero humano, e causa final e exemplar de todos os predestinados, como diz São Paulo: *Quos praecivit et praedestinavit conformes fieri imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus; ut sit in omnibus ipse primatum tenens*<sup>6</sup>. Depois da previsão do pecado estendeu-se o decreto divino a que o Filho de Deus se fizesse, não só homem absolutamente, senão homem em carne passível, para que pudesse padecer e morrer, e para que, por meio da morte de cruz e do preço de seu sangue, fosse glorioso redentor do mesmo gênero humano, de que já era Senhor, como diz também S. Paulo: *Decebat enim eum, propter quem omnia, et per quem omnia, qui multos filios in gloriam adduxerat, authorem salutis eorum per passionem consumare*<sup>7</sup>.

302. Estes dois decretos, com propriedade até agora não advertida, declarou admiravelmente o profeta Miquéias. Tinha profetizado Miquéias que o Messias havia de

<sup>6</sup> Os que ele conheceu na sua presciência, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos (Rom. 8, 29); ele tem a primazia em todas as coisas (Col. 1,18).

<sup>7</sup> Porque convinha que aquele para quem são todas as coisas, e por quem todas existem, havendo de levar muitos filhos à glória, consumasse pela paixão ao autor da salvação deles (Hebr. 2,10).

nascer em Belém, e acrescenta logo que, assim como havia de sair em tempo ao mundo, assim tinha saído *ab aeterno* da mente divina: *Egressus ejus ab initio, a diebus aeternitatis*<sup>8</sup>. Mas o que até agora fazia a dificuldade era que a palavra *egressus* não é do singular, senão do plural, e não quer dizer saída, senão saídas: *Egressus, id est; egressiones*. Assim se lê no texto hebreu e no grego. Pois se o Verbo em tempo saiu uma só vez ao mundo, ao sair da eternidade, em que foi decretada e predestinada esta mesma saída, por que lhe não chama o profeta saída, senão saídas: *Egressiones ejus*? Porque propriamente assim foi, e assim o havia de dizer o profeta. Cristo saiu da mente de Deus *ab aeterno*, não só uma, senão duas vezes predestinado: a primeira vez, antes do pecado de Adão, predestinado para homem; a segunda vez, depois do pecado, predestinado para homem imortal e passível. E como os decretos da predestinação foram dois, um posterior ao outro, por isso as saídas foram também duas, e por conseguinte saídas, e não saída: *Egressiones ejus ab initio*.

As palavras que se seguem acrescentam e declaram maravilhosamente o mistério: *Ab initio, a diebus aeternitatis*. Estas duas saídas, diz o profeta que foram lá no princípio, desde os dias da eternidade. Pois lá nesse princípio sem princípio da eternidade, houve dias? Há-se de entender e supor que sim, pois o profeta o diz. E se houve dias, que dias foram estes? Foram as duas luzes da ciência ou presciência divina, que segundo a ordem dos decretos se distinguem em Deus, as quais necessariamente haviam de preceder aos mesmos decretos. Notai agora ainda os que não sois teólogos. Para haver dias, ao menos hão de ser dois, e para haver dois dias, regularmente há de haver uma noite entre eles. E tudo isto houve no caso em que estamos, porque entre o dia do primeiro decreto da Encarnação, e o dia do segundo decreto, houve a noite do pecado de Adão em meio. No primeiro dia, antes da previsão do pecado, em que só tinha amanhecido a luz da ciência condicionada, foi predestinado Cristo para homem; no segundo dia, depois da previsão do pecado, em que já havia a luz da ciência de visão, foi predestinado para homem passível. E estes foram os dois dias e as duas predestinações com que não uma, senão duas vezes saiu Cristo *ab aeterno* da mente de Deus: *Egressiones ejus ab initio a diebus aeternitatis*.

303. Ao nosso intento agora. No primeiro decreto, em que Cristo foi predestinado somente para homem, foi também predestinado para a graça e glória competente a um homem que juntamente era Filho Unigênito de Deus: *Gloriam quasi Unigeniti a Patre, plenum gratiae*<sup>9</sup>. No segundo decreto, em que foi predestinado para homem mortal e passível, não foi predestinado para maior graça nem para maior glória essencial; porque era compreensor, mas para maior glória e maior coroa accidental, merecida pela morte: *Videmus Jesum, propter passionem mortis, gloria et honore coronatum*<sup>10</sup>. E isto que

<sup>8</sup> Cuja geração é desde o princípio, desde os dias da eternidade (Miq. 5,2).

<sup>9</sup> Glória como de Filho unigênito do Pai, cheio de graça (Jo. 1,14).

<sup>10</sup> Vemos a Jesus, pela paixão da morte, coroado de glória e de honra (Hebr. 2,9).

passou *ab aeterno* na predestinação do Filho, é o que havemos de filosofar, pelos mesmos passos, na predestinação da Mãe. No primeiro decreto, antes da previsão do pecado, foi a Virgem Maria predestinada absolutamente para Mãe de Deus-Homem, e para toda aquela eminência de graça e glória, não igual, mas proporcionada, que a tão alta e altíssima dignidade era devida, a qual na execução lhe havia de ser dada pelos merecimentos do seu mesmo Filho. No segundo decreto, depois da previsão do pecado, foi predestinada, não para Mãe de Deus-Homem — que essa dignidade já a tinha pelo primeiro decreto — senão para Mãe e companheira desse Deus-Homem mortal e passível; e aqui lhe foram acrescentados todos aqueles excessos de graça e glória que a Senhora mereceu por todos os atos de sua vida, que se seguiram à passibilidade e mortalidade de Cristo, e à redenção custosíssima do gênero humano, por meio da morte de cruz. Tornem os anjos, que são hoje os nossos doutores.

304. Viam os anjos admirados subir a sua Rainha e Mãe de Deus para o céu, e diziam assim: *Quae est ista quae ascendit per desertum, sicut virgula fumi ex aromatibus mirrhæ et thuris* (Cânt. 3, 6)? Quem é esta, que vai subindo da terra, como sobe direito o fumo aromático, composto de incenso e mirra? — Angélica comparação! O incenso significa em Cristo o divino, e a mirra o mortal, e esse foi o mistério com que os Magos, quando entrou neste mundo, lhe ofereceram incenso e mirra: o incenso como a Deus, e mirra como a mortal e passível: *Quia Deum et passibilem credebant*, diz Santo Anselmo. Sobem pois a alma da Virgem como composição abrasada de incenso e mirra, que, deixando as cinzas na terra, sobe em fumo direita ao céu, porque a graça com que a Senhora subiu a ser exaltada na glória, parte lhe foi concedida por Cristo, enquanto Deus humanado, como a Mãe, e parte enquanto mortal e passível, como a companheira de todos seus trabalhos. A primeira foi a graça da Maternidade, e essa merecida por obséquios ou sacrifícios de incenso; a segunda foi a graça da cruz, e essa merecida por tormentos ou sacrifícios de mirra. Mas em qual destas duas graças esteve a Senhora mais crescida em graça? Na da Maternidade ou na da cruz? Na do incenso ou na da mirra? No mesmo texto dos Cantares o temos: *Vadam ad montem mirrhæ et ad collem thuris* (Cânt. 4,6): Irei ao monte da mirra e ao outeiro do incenso. — A graça da mirra e da cruz chama-se monte; a graça do incenso e da Maternidade chama-se outeiro, porque, ainda que a Senhora por Mãe de Deus precisamente alcançou toda a graça que era proporcionada àquela altíssima dignidade, contudo, pela assistência e companhia que fez a este mesmo Deus passível na cruz, e pelos imensos trabalhos que padeceu com ele e depois dele na obra da redenção, foi tanta a graça que lhe cresceu a Maria sobre essa graça, que a primeira por si só parecia um outeiro, e a segunda, sobre a primeira, um monte: *Vadam ad montem mirrhæ, et ad collem thuris*. Não quero dizer que, consideradas separadamente estas duas graças, fosse maior a da cruz que a da Maternidade; mas quero dizer que, posta a da cruz sobre a da Maternidade, ficou grandemente maior a graça da Senhora do que dantes era, e que esta há de ser a medida de sua

graça, não medida pelo *Mater ejus* precisamente, senão, sobre o *Mater ejus*, pelo *juxta crucem*: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus*.

#### §IV

*Cresceu a graça da Senhora em todo o tempo de sua vida, mas os aumentos da graça, que a fizeram maior que de Mãe de Deus, só foram os da cruz. A congregação das águas e a congregação das graças. A graça da Senhora é o elemento da água, a maternidade é a nau, e a cruz é a Arca de Noé. Paralelo entre as palavras de Cristo a Deus e à Virgem. Abraão e Maria.*

305. Já vejo que me concedem todos que a graça da Senhora se não mede pelo *Mater ejus* bastantemente; mas, pelas mesmas razões, me podem dizer também que se não mede cabalmente pelo *juxta crucem*, porque a graça da Senhora não só cresceu no dia da Paixão, em que a Virgem esteve ao pé da cruz, mas por todo o tempo de sua vida. Assim é verdade que cresceu a graça da Senhora em todo o tempo de sua vida, mas os aumentos da graça que a fizeram maior que de Mãe de Deus só foram os da cruz. A graça que a Senhora mereceu pelos outros atos de toda sua vida pertencem à graça da Maternidade, porque o conceito de Mãe de Deus precisamente inclui vida perfeitíssima e santíssima; mas a graça que a Senhora mereceu pelo mistério da cruz, e pelos atos pertencentes à Redenção, são excessos que cresceram sobre a graça da Maternidade, porque no conceito de Mãe de Deus precisamente não se inclui redenção nem cruz: logo, só pela cruz, e não pela Maternidade se há de tomar a medida à graça da Senhora, ou só pela cruz, e não pela Maternidade, se pode compreender o imenso de sua graça.

306. A graça da Senhora é comparada ao elemento da água, por sua imensidade. Este foi o mistério do nome que Deus deu ao elemento da água no princípio do mundo: *Congregationes aquarum vocavit Deus maria; locus atuem omnium gratiarum vocatur Maria*, diz S. Alberto Magno: à congregação das águas chamou-lhe Deus *maria*, e ao lugar onde se ajuntaram todas as graças, chamou-lhe Maria. Em seguimento desta mesma metáfora, é muito de reparar os dois termos com que no Testamento Velho se figuram a Maternidade da Senhora e a cruz de Cristo. A Maternidade da Senhora chama-se nau; a cruz de Cristo chama-se Arca de Noé. A Maternidade da Senhora chama-se nau, porque nela se embarcou, desde o outro mundo, o pão que nos trouxe a vida à terra: *Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum*<sup>11</sup>; a Cruz chama-se Arca de Noé, porque nela, como em outra Arca de Noé, se salvou o gênero humano do naufrágio universal do mundo: *Sola digna tu fuisti ferre mundi victimam, atque portum praeparare Arca mundo naufrago*. De maneira que a graça da Senhora é o elemento da água, a

<sup>11</sup> Fez-se como a nau do negociante, que traz de longe o seu pão (Prov. 31, 14).



Maternidade é a nau, a cruz é a Arca de Noé. E que diferença tem sobre o elemento da água a nau e a Arca? A diferença é que a nau navega pelo mar, e a Arca navegou pelo dilúvio. Tal foi a graça da Senhora comparada com a Maternidade e com a cruz: debaixo da Maternidade foi mar; debaixo da cruz foi dilúvio. Debaixo da Maternidade foi mar, que tem por limite as praias; debaixo da cruz foi dilúvio, que tem por balizas os horizontes.

307. Assim foi, e assim havia de ser necessariamente, porque a graça que a Senhora mereceu ao pé da cruz foi igual à sua dor; a dor foi tão grande como o mar: *Magna est velut mare contritio tua*<sup>12</sup>. E um mar sobre outro mar; já não é mar, é dilúvio. Ao mar só o pode fazer crescer outro mar; os rios estão continuamente correndo ao mar, e ele não cresce: *Omnia flumina intrans in mare, et mare non redundat* (Eclo. 1,7). Tal foi a graça da Maternidade da Senhora, diz São Boaventura: *Maria dicitur mare propter fluentiam et copiam gratiarum, unde dictum est omnia flumina intrans in mare, dum omnia charismata sanctorum intrans in Mariam*. A graça da Senhora na Maternidade foi um mar, a que correram e concorreram todas as graças que Deus repartiu por todos os santos; mas como todas estas graças não eram mais que rios, ainda o mar ficou mar, e não passou a graça da Senhora os limites da graça de Mãe de Deus; porém, ao pé da cruz, como se abriram as fontes dos abismos, como se rasgaram as cataratas do céu, como choveu um mar sobre outro mar, cresceu tanto a graça da Senhora sobre si mesma, que saiu o mar da madre, e, sobrepujando a graça os limites da Maternidade, foi maior que graça de Mãe de Deus.

308. Verdadeiramente que todos estes excessos de graça as mereceu bem a Senhora ao pé da cruz, porque justo era que fosse ao pé da cruz mais que Mãe na graça, a que foi ao pé da cruz mais que Mãe na fortaleza. O mais ordinário reparo deste Evangelho, e ainda o maior escrúpulo ou a maior lástima dele, são aquelas palavras de Cristo, mais secas do que parece as ditava a ocasião: *Mulier, ecce filius tuus* (Jo. 19,26): Mulher, eis aí teu filho. — Duro caso que um tal Filho a tal Mãe, em tal ocasião, lhe negue o nome de Mãe! Noto eu que nas poucas palavras deste Evangelho chamou S. João quatro vezes à Senhora Mãe de Cristo: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus*: uma; *et soror matris ejus*: duas; *cum videsset Matrem*: três; *dixit Matri suae*: quatro<sup>13</sup>. Pois se o discípulo chama a Senhora quatro vezes Mãe de Cristo em quatro palavras, o mesmo Cristo, em uma só que lhe falou, por que lhe não chamou Mãe? Antes que respondamos a esta dúvida da Mãe, temos a mesma demanda no pai. Pouco havia que tinha acabado Cristo de dizer: *Mulier ecce filius tuus*, levanta os olhos ao céu, e diz: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me* (Mt. 27, 46)? Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes? — No *desamparastes* reparo a todos; eu não reparo senão no *Deus meu*. Não fora mais razão que dissera Cristo: Pai meu, Pai meu? Parece que sim, ao menos assim o fez o Senhor nos outros atos da Paixão, quando orou no Horto: Pai: *Pater, si possibile est*; quando rogou pelos inimigos: Pai: *Pater, ignosce illic*;

<sup>12</sup> Grande é como o mar a tua tribulação (Lam. 2,13).

<sup>13</sup> Estavam em pé junto à cruz de Jesus sua Mãe, e a irmã de sua Mãe; tendo visto a sua Mãe, disse à sua Mãe (Jo. 19, 25 s).

quando encomendou o Espírito: Pai: *Pater, in manus tuas*<sup>14</sup>. Pois se em todas as outras ocasiões chama Cristo Pai a seu Padre, agora, por que lhe nega o nome de Pai? Seria porventura por dar satisfações à Mãe? Não eram necessárias satisfações onde não havia queixas; mas foi porque no Pai e na Mãe havia as mesmas causas. Dai atenção a este paralelo.

309. Pregado Cristo na cruz, olhava para o céu, e via que o Pai o entregara à morte tão despegadamente como se não fora Pai; virava os olhos para a terra, via a Mãe que oferecia a Deus tão generosamente, como se não fora Mãe: tanto assim, diz Ruperto, que se fora vontade de Deus, a mesma Senhora, por suas próprias mãos, crucificara a seu Filho. E como estas finezas de constância, assim de Pai como de Mãe, eram ocultas aos homens, para as manifestar a Filho, que só as via, que fez? Calou os nomes do afeto e publicou os nomes da natureza, e, para mostrar que o Pai se portava como se não fora Pai, chamou-lhe Deus, e, para mostrar que a Mãe se portava como se não fora Mãe, chamou-lhe mulher. O que disse ao Pai parecia queixa, e foi elogio; o que disse à Mãe parecia sequidão, e foi panegírico. Como se dissesse o Filho de Deus e da Virgem: saiba o mundo que é tanta a inteireza de meu Pai, que, sendo Pai e Deus, me deixou como se não fora Pai; saiba o mundo que é tanta a fortaleza de minha Mãe, que, sendo Mãe e mulher, me sacrifica como se não fosse Mãe. — Ambos foram louvores grandes, mas, com licença da Padre, o do Senhora foi maior. O Pai portou-se como se não fora Pai, mas era Deus: *Deus meus*; a Mãe portou-se como se não fora Mãe, e era mulher: *Mulier*. O Pai tinha contra si o afeto, mas tinha por si a natureza; a Mãe tinha contra si a natureza e mais o afeto, porque, sobre a ternura de mulher, tinha a piedade de Mãe. Oh! que armas tão desiguais! Mas que vitória! Estava a humanidade da Senhora ao pé da cruz, feita um espelho da divindade do Padre, retratando em si tudo o que lá passava: o Padre, como quem não tinha nada de humano a Mãe como se fora toda divina; o Pai imóvel, a Mãe imóvel; o Pai firme, a Mãe constante; o Pai insensível, a Mãe como se não sentira; o Pai impassível, a Mãe como se o fora, e ele porque o era, ela porque o parecia. Oh! Deus! Oh! mulher! Que chegasse uma mulher pela paciência aonde chegou Deus pela impassibilidade! *Per patientiam impassibilis*, diz Boaventura. Chame-se pois mulher, e não se chame Mãe, a que se portou como se não fosse Mãe; e já que é mais que Mãe na constância, seja mais que Mãe na graça.

310. A Abraão, porque sacrificou seu filho, como se não fosse pai, deu-se-lhe por prêmio que fosse pai de Deus: *In semine tuo benedicentur omnes gentes*<sup>15</sup>. À Senhora, que sacrificou seu Filho como se não fosse Mãe, que prêmio se lhe havia de dar? Se não fora Mãe de Deus, dera-se-lhe de prêmio que o fosse. Mas como já era Mãe de Deus, não lhe ficou a Deus outro prêmio que lhe dar, senão que tivesse mais graça que graça de Mãe de Deus. A Maternidade lhe deu graça de Mãe de Deus; a cruz lhe deu maior graça que de

<sup>14</sup> Pai, se é possível (Mt. 26, 39); Pai, perdoa-lhes (Lc. 23, 34); Pai, nas tuas mãos (Lc. 23, 46).

<sup>15</sup> Na tua geração serão abençoadas todas as tribos da terra (Gên. 28, 14).

Mãe de Deus. Não se mede logo bem a sua graça pela Maternidade, senão pela cruz: não pela *Mater ejus*, senão pelo *juxta crucem*.

### §V

*Já temos visto quão grande é a graça da Senhora; importo agora ver quanto pesa. A graça dos reis e a graça de Deus, figurada em João, o valido do maior Príncipe do mundo.*

311. Parece-me que temos medido; segue-se agora que pesemos. Há coisas que avultam muito e pesam pouco. Já temos visto quão grande é a graça da Senhora; importa agora ver quanto pesa. Somos entrados na mais grave e importante matéria que se pode tratar neste lugar: pesar a graça de Deus. Todas as vezes que considero a facilidade com que os homens perdem a graça de Deus, o esquecimento dela com que vivem, e ainda o descuido com que morrem, não acho outra causa a esta cegueira senão a falta do verdadeiro conhecimento, e não chegarem os homens a pesar que coisa é a graça de Deus. A graça de Deus é espiritual; nós somos carne; a graça é sobrenatural; nós em tudo seguimos a natureza; a graça não se vê, não se ouve, não se apalpa; nós não sabemos perceber senão o que entra pelos sentidos. Daqui vem que não pesamos a graça, nem a conhecemos, nem a percebemos, nem ainda a podemos, nem sabemos pesar como convém. Isto quisera eu que fizéramos hoje. Mas que coisa há no mundo de tanto peso que se possa pôr em balança com a graça de Deus? Se discorrêramos por todos os estados do mundo, fora matéria muito proveitosa, mas infinita. Para a compreendermos toda em termos breves, reduzi-la-ei aos quatro estados que hoje se acham ao pé da cruz com Cristo: a Virgem Maria: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus*; Maria Cléofas: *et soror Matris ejus, Maria Cleophae*; Maria Madalena: *et Maria Magdalенаe*, e o discípulo amado: *et discipulum stantem, quem diligebat* (Jo. 19, 25). Nestas quatro notáveis pessoas se acham as quatro coisas que, na opinião dos homens, costumam ser de mais peso. Cada um irá pondo em balança o que lhe couber. Começemos por S. João.

312. O título por que se nos dá a conhecer S. João neste Evangelho, é pelo seu valimento: *Quem dili-gebat Jesus*. Valido do maior príncipe do mundo, valido do Rei dos reis. Posto pois em balança o valimento do maior príncipe, posta em balança de uma parte a graça dos reis, e da outra a graça de Deus, qual pesa mais? Se houvermos de estar pelo juízo comum dos homens, mais pesa a graça dos reis. Digam-no aqueles que tantas vezes por contentar aos príncipes, atropelam a graça de Deus. Moisés deixou a graça de el-rei Faraó, por servir a Deus; mas vede o que diz S. Paulo desta ação: *Magis eligens affligi cum populo Dei, quam temporalis peccati habere jucunditatem*<sup>16</sup>: que Moisés, por amor de Deus, desprezou o contentamento do pecado temporal. Notável dizer! Chama o apóstolo a

<sup>16</sup> Escolhendo antes ser afligido com o povo de Deus, que gozar da complacência transitória do pecado (Hebr. 11, 25).

graça de el-rei Faraó pecado temporal. E é curiosidade digna de se averiguar a razão por que um espírito tão bem entendido, como o de S. Paulo, deu à graça dos reis este nome e este sobrenome. Pecado, e temporal, a graça dos reis? Sim. Chama-se temporal, porque a graça dos reis nunca dura muito tempo; e chama-se pecado, porque assim como o pecado lança fora da alma a graça de Deus, assim a graça dos reis e a de Deus dificilmente podem andar juntas. Quais são as artes comumente dos que andam junto dos reis? A lisonja, a ambição, a calúnia, a inveja, o chegar um e desviar outro, o levantar estes e derrubar aqueles, o tratar da conservação própria, sem reparar na vida, na honra, no estado, na sucessão, na ruína alheia. E com isto pode-se conservar a graça de Deus? Claro está que não. Pois por isso a graça de Deus e a dos reis, ou não andam, ou dificilmente podem andar juntas. Esta é, a meu juízo, a maior desgraça dos reis: que os que andam na sua graça, andam ordinariamente fora da graça de Deus. O que se trata por mãos de quem anda fora da graça de Deus, como o pode ajudar Deus? Dir-me-eis que sim, que a graça dos reis é pecado, e temporal, pois lho chama S. Paulo, mas que esse tempo, que dura, não se pode negar que é pecado doce, e da casta daqueles que trazem grande gosto consigo. O mesmo S. Paulo o disse: *Temporalis peccati habere jucunditatem*: não quis ter o gosto do pecado temporal. Ora, com todo esse gosto, olhemos bem para o fiel da balança, e veremos qual das duas graças pesa mais.

313. A graça dos príncipes não vos pregarei eu, que não é muito pesada e muito contrapesada, mas é de muito pouco peso. Seja esta a primeira diferença entre a graça de Deus e a graça dos reis. A graça de Deus é a coisa de maior peso, e não é pesada; a graça dos reis é uma coisa que pesa muito pouco, e é pesadíssima. A graça dos reis, para se conservar, quantos cuidados custa? A graça de Deus é um descuido de tudo o mais, e só a podem ofender outros cuidados. A graça dos reis é um alvo a que se tiram todas as setas; a graça de Deus é um escudo que nos repara de todas. A graça dos reis muitas vezes é conveniência, outras necessidades, algumas gosto, e sempre tem poucos quilates de vontade; a graça de Deus, como Deus, não depende, nem há mister, toda é amor. A graça dos reis, por muito que levante ao valido, sempre o deixa na esfera de vassalo; a graça de Deus sobe o homem à familiaridade de amigo, à dignidade de filho, e à semelhança de si mesmo. A graça dos reis não vos dá parte da coroa; a graça de Deus é participação de sua divindade. A graça dos reis, ainda que deis o sangue por eles, não basta para alcançardes; a graça de Deus, deu Deus o sangue por vós, só para vo-la dar. A graça dos reis, se é grande, é de um só: se é de mais que de um, é pouca e de poucos; a graça de Deus é de todos os que a querem: põe-lhe a medida o amor, e não a diminui a companhia. A graça dos reis nem é para perto, nem para longe, porque de perto enfastiais, de longe esqueceis; a graça de Deus nunca tem longes, e quanto estais mais perto de Deus, tanto estais mais seguro na sua graça. A graça dos reis é data da fortuna; a graça de Deus é prêmio do merecimento, e esta só propriedade, quando não houvera outra, bastava para a fazer de

suma estima. A graça dos reis, ainda que façais pela merecer, nem por isso a conseguis, antes muitas vezes a logram mais os que a merecem menos; a graça de Deus, se fizerdes pela merecer, não vo-la pode Deus negar. A graça dos reis, para ser mudável, basta fundar-se em vontade humana: mas funda-se em vontades coroadas, que, como são as mais livres, são também as mais indiferentes, por não dizer, as mais inconstantes; a graça de Deus funda-se em vontade divina, que, como não pode errar a eleição, não pode mudar o afeto. A graça dos reis poucas vezes dura tanto como a vida do valido, e quando dura quanto pode, acaba com a vida do rei; a graça de Deus cresce na vida e confirma-se na morte: da parte do homem, é imortal, porque se funda na alma; da parte de Deus, é eterna, porque é graça de Deus. A graça dos reis, dizem que é uma grande altura; a graça de Deus é certo que é posto muito mais alto, e ainda que ambas estão juntas aos precipícios, da graça de Deus podeis cair, da graça dos reis podem-vos derrubar.

315. A graça dos reis, pode-vo-la tirar a calúnia; a graça de Deus, só vo-la pode tirar a culpa. Da graça e da privança do rei pode-vos tirar o rei todas às vezes que quiser; a graça e a privança de Deus, nem o mesmo Deus vo-la pode tirar sem vós quererdes, e, se quiserdes, será muito a seu desprazer. A graça dos reis, depois de perdida, não se recupera com rogos; a graça de Deus, se a perdeis, o mesmo Deus vos roga que torneis a ela. Depois de perdida a graça dos reis, fica o pesar sem remédio; depois de perdida a graça de Deus, não é necessário outro remédio mais que o pesar: pesou-vos, estais outra vez na graça. A graça dos reis, dá-se aos ditosos, de que depois se hão de fazer os arrependidos; a graça de Deus dá-se aos arrependidos, que desde logo começam a ser ditosos; a ambas as graças anda junto o arrependimento, mas a dos reis tem-no depois, a de Deus antes. A graça dos reis é graça sem sacramentos; a graça de Deus tem sete: tem Batismo para o inocente, e tem Penitência para o culpado; tem Confirmação para a vida, e tem Extrema-Unção para a morte; tem Ordem para o eclesiástico, e tem Matrimônio para o leigo; e finalmente tem Comunhão para todos. Sete portas nos deixou abertas Deus para entrarmos à sua graça, e nenhum dos que entram por elas as pode fechar ao outro. Só em uma coisa se parece a graça de Deus com a dos reis, e é que ambas mudam os homens: uns e outros não são os que dantes eram, mas com esta diferença: os que se vêem na graça dos reis, esquecem-se do que foram, e também se esquecem do que podem vir a ser; e os que andam na graça de Deus, de nenhuma coisa se lembram, senão do que hão de vir a ser, e nenhuma coisa lhes dá pena, senão a lembrança do que foram. Finalmente a graça dos reis não pode dar Paraíso: tirá-lo sim; a graça de Deus é a que só dá o paraíso, e só a falta dela o inferno.

316. Basta isto para provar que a graça de Deus pesa mais que a graça dos reis? Se ainda não basta, ajuntemos o fim com o princípio. Se nos não basta, como cristãos, saber que a graça dos reis é o maior risco da graça de Deus, baste-nos, como políticos, saber que a graça de Deus é a maior segurança da graça dos reis. Não há graça dos reis segura, senão fundada na graça de Deus. José foi valido de el-rei Faraó, Daniel foi valido de el-rei Dario,

Amã foi valido de el-rei Assuero, e que lhes aconteceu a estes validos? José e Daniel conservaram-se na graça; Amã não se conservou. Por quê? Porque a graça de Amã fundava-se na vontade do rei; a graça de José e Daniel, fundara-se na graça de Deus. Quando a graça dos reis se funda na graça de Deus, nem ela pode cair, nem outrem a pode derrubar. Tanto pesa a graça de Deus, que até a dos reis leva após si.

## §VI

*Os nadas do mundo, representados por Madalena, e a graça de Deus. A filosofia de Epicuro e os gostos da graça de Deus.*

317. Tem pesado S. João; segue-se a Madalena. Mas que há ela de pesar, que lhe não dá nada o Evangelho? S. João pesou o *quem diligebat*; Maria Cléofas há de pesar o *soror Matris*; a Senhora há de pesar o *Mater ejus*, que é o que lhes dá o Evangelho. O Evangelho não dá nada à Madalena; que há de pesar? Isto mesmo há de pesar: os seus nadas. Aqueles nadas que tantas vezes pesaram mais para com ela que a graça de Deus, esses hão de vir à balança. Vós, os que tão seguidores sois da primeira vida da Madalena, e tão pouco imitadores da segunda, pesai, pesai aqui os vossos nadas, pesai bem os nadas de vossas vaidades, os nadas de vossos gostos, os nadas de vossos apetites, os nadas desse amor e engano cego, pelo qual tão facilmente desprezais a graça de Deus. Pôr-me eu agora a provar que a graça de Deus é coisa de maior peso que os gostos do apetite corrupto e depravado seria agravo de nossa fé e de vosso entendimento: só vos hei de provar o que vós não credes, e é que o gosto que causa a graça de Deus, ainda naturalmente é maior, sem comparação, que o gosto desses mesmos apetites, e não comparando graça com apetite, senão gosto com gosto.

O caso parece dificultoso. Tomemos juízes. Eu tomo por minha parte a Santo Agostinho, bem experimentado em uns e outros gostos. Pela vossa parte concedo-vos que tomeis a Epicuro, que é o mais apaixonado e o mais subornado juiz que podeis ter. E que é o que diz, ou que sentença cada um destes dois juízes? S. Agostinho, logo no princípio da sua conversão, quando começou a experimentar a diferença dos gostos da graça aos dos seus antigos divertimentos, dizia assim: *Et quod admittere gaudium fuerat, jam dimittere gaudium erat*: Sabeis como me vai de gostos, depois que me vejo nesta nova vida? Comparando os gostos da passada com os da presente, vai-me tão bem, que experimento hoje muito maior gosto em deixar e carecer dos mesmos gostos, do que experimentava antigamente em os gozar. — Grande dito! O carecer não é nada, e contudo Agostinho, só no carecer dos gostos, tinha maior gosto do que nunca experimentara quando mais os gozava, porque os nadas dos gostos da graça são maiores gostos que o tudo dos gostos do mundo.

318. Tem que dizer contra isto a seita de Epicuro? Ouvi a Lucrécio, seu discípulo: *Persuasio infernum esse, et vindicem Deum, nullam voluptatem puram, liquidamque relinquit*. Para que os gostos sejam puros, e sem mistura de pena e de desgosto, é necessário que os homens se persuadam primeiro que Deus não tem justiça, nem castigo, nem há inferno. — Estai no caso. Os filósofos epicuros punham a bem-aventurança nos gostos desta vida. Este era o primeiro princípio de sua seita. E o segundo, qual era? Que havia Deus, mas que não tinha providência, e como não tinha providência, que não tinha justiça; como não tinha justiça, que não havia de haver inferno. Oh! que discurso tão discreto! O fundamento era errado, sim, mas o discurso discretíssimo. Fizeram conselho, ou concílio, os filósofos epicuros sobre os fundamentos e princípios em que haviam de estabelecer a sua seita, e disseram assim: Nós pomos a bem-aventurança nos gostos desta vida: gostos gozados com temor do inferno não podem ser gostos, nem podem dar gosto: logo, importa-nos que na nossa seita neguemos o inferno. — E assim o fizeram. Ah! sim! E gostos gozados com fé e temor do inferno, não são gostos nem dão gosto: logo, só na graça de Deus há os verdadeiros gostos, porque só a graça de Deus nos pode segurar o temor do inferno.

319. Se não credes que há inferno, bem podeis chamar gostos aos vossos gostos; mas se tendes fé que há Deus, que tem justiça, e que há de haver inferno, e tendes contudo gosto nos vossos gostos, sois piores que Epicuro. Por honra de Deus, que mediteis um pouco nesta doutrina, e considereis se é bem que um Cristo seja pior nas obras do que foi Epicuro nos ditames. A Madalena também seguia esta seita: galas, vaidades, delícias, apetites, passatempos, gostos. E por que cuidais que deu tão grande volta à vida? Porque pesou e pôs em balança os gostos do mundo e a graça de Deus, que dava por eles, e conheceu quão pouco pesavam os gostos, e de quanto peso é a graça. Não vos peço que não vendais a graça de Deus, como cada hora fazeis pelos nadas de vossos apetites: só vos peço que a não vendais senão a peso. Pesai primeiro o que dais e o que recebeis. Esaú vendeu o morgado por uma escudela de lentilhas, e vede o que condena em Esaú a Escritura: *Abiit parvi pendens, quod primogenita vendidisset*<sup>17</sup>. Vendeu um morgado tão grande por um apetite tão vil e tão breve, e foi-se sem pesar o que fizera. Não lhe condenou o vender, senão o não pesar, porque, se ele pesara, ele não vendera. Pesai, pesai, e se não quereis pesar vossos gostos com a graça de Deus, ao menos pesai os vossos gostos com os seus pesares. Assim o fez a Madalena, e por isso se achou hoje ao pé da cruz: *Et Maria Magdalena*.

## §VII

*A nobreza do sangue, representada por Maria Cléofas, e a graça de Deus. O título*

<sup>17</sup> Foi-se, dando-se-lhe pouco de ter vendido o seu direito de primogenitura (Gên. 25, 34).

*de primo de Cristo, e o título de amado. O parentesco da graça e o parentesco do sangue.*

321. Maria Cléofas, já sabeis que há de pesar o *soror Matris ejus*. Nenhuma coisa há no mundo que tanto pese com os homens, e de que eles tanto se prezem e desvaneçam, como da nobreza do sangue. Se a nobreza e a graça, se as manchas do sangue e as manchas da consciência andaram na mesma reputação, estivera reformado o mundo. Chama o Evangelho a Maria Cléofas irmã da Virgem Maria: *Soror Matris ejus*, não porque fosse filha dos mesmos pais da Senhora, mas porque os hebreus chamavam irmãos aos primos. Este parentesco que Maria Cléofas tinha com Maria, Mãe de Deus, era a mais qualificada nobreza que nunca houve no mundo, não por ser sangue legítimo de Davi e reis de Israel, de quem a Senhora descendia por linha direta, mas por ser sangue de Deus. E é de notar que a nobreza deste parentesco com Deus era dobrada, porque, como Cristo não teve pai na terra, não tinha outra baronia, senão a de sua Mãe. Por isso graves teólogos quiseram chamar à Virgem Maria, não simplesmente *Mater*, como às outras mães, mas *Matri-pater*, que quer dizer Mãe-Pai, para significar, com a singularidade e novidade deste nome, a união soberana deste dobrado parentesco de pai e mãe, que naquele novo e inaudito mistério contraíra com seu Filho a Mãe de Deus-Homem. Tal era a nobreza de Cléofas. Mas posta em balança de uma parte toda esta nobreza, e da outra a graça de Deus, qual pesará mais? Foi ventura que houvesse no Evangelho outro príncipe de sangue, para que nos fizesse exemplo nesta dúvida, porque a faltar ele, ainda que na balança se pusessem todos os quatro metais da estátua de Nabuco, que era de sangue imperial de todos os quatro costados: dos imperadores assírios, dos imperadores persas, dos imperadores gregos, dos imperadores romanos, comparada toda esta nobreza de sangue com a de Cléofas, não pesaria um átomo.

322. O príncipe de sangue que digo era S. João, que tinha o mesmo parentesco com Cristo que Cléofas com a Senhora. Notai agora a diferença com que S. João falou de Cléofas e de si. A Cléofas chama-lhe prima da Senhora: *Soror Matris ejus*; a si chama-se discípulo amado de Cristo: *Discipulus quem diligebat Jesus*. Pois se S. João era primo do Filho, assim como Cléofas era prima da Mãe, por que lhe chama a ela prima, e a si não se chama primo, senão amado? Porque estimou e se prezou mais S. João do título de amado que do título de primo. O título de primo diz parentesco, o título de amado diz graça, e em um juízo tão claro e tão alumiado, como o de S. João, pesa muito mais o estar em graça de Deus, que o ser parente de Deus. Ainda, tomando a graça em razão de parentesco — ouçam isto os que por um ponto de vaidade, a que chamam nobreza, não duvidam arriscar tantas vezes e perder a graça de Deus — ainda tomando a graça em razão de parentesco, teve muita razão S. João para estimar mais o parentesco da graça que o parentesco do sangue. Por quê? Porque pelo parentesco do sangue era primo de Deus enquanto homem, e pelo parentesco da graça era filho de Deus enquanto Deus. Assim o disse o mesmo S. João



em dois lugares: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*<sup>18</sup>. *Ut filii Dei nominemur et simus*<sup>19</sup>. É a graça essencialmente uma participação tão alta, tão sublime e tão íntima da mesma natureza divina, que não só se nos comunica por ela o nome, senão o verdadeiro ser de filhos de Deus: *Ut filii Dei nominemur et simus*. E que nobreza de sangue há no mundo que se possa comparar com esta?

323. Profundamente o ponderou o mesmo discípulo amado, não só por alusão, senão por irrisão aos vossos sangues, de que tanto vos prezais: *Qui non ex sanguinibus, sed ex Deo nati sunt*<sup>20</sup>. Os regenerados pela graça que receberam de Cristo, de quem cuidais que descendem? *Non ex sanguinibus*: não descendem lá dos vossos sangues, em que o que se desvanece de mais vermelho, se não sabe já de que cor é; não dos vossos sangues, em que, se um fio foi pintado de púrpura, os quatro são tingidos em almagra; não dos vossos sangues, que, quando sejam tão limpos como o de Abel, pelo mesmo lado têm mistura de lodo, e dois quartos de Caim. Pois de quem descendem os que estão em graça? *Non ex sanguinibus; sed ex Deo*. Descendem, por antigüidade, do Eterno, por grandeza, do Onipotente, por alteza, do incompreensível, e por toda a nobreza e ser; daquele que só tem o ser de si mesmo e dá o ser a todas as coisas: *Sed ex Deo nati sunt*. Pesa bem esta balança? Oh! quanto nela se pode subir, e quanto se pode descer! Vós os que tanto vos prezais dos altos nascimentos, se não estais em graça de Deus, descei, descei, e abatei os fumos, que o vosso escravo, se está em graça, é mais honrado que vós. E vós a quem porventura Deus, por vos fazer maior favor, quis que nascêsseis humilde, não vos desconsoleis: levantai o ânimo, que, se estais em graça de Deus, sois da mais ilustre nobreza, e da mais alta geração de quantas há no mundo e fora do mundo, porque só o Filho de Deus se pode gabar de ter tão bom pai como vós. Sangue real era Cléofas, porque era sangue de Davi e de Salomão; sangue era com esmaltes de divino, porque era sangue do sangue da Mãe de Deus; mas todo esse sangue, e sua nobreza, posto em balança com a graça: *Inventus est minus habens*<sup>21</sup>: pesa menos, e tanto menos, que quase não tem peso.

## §VIII

*A graça e a dignidade de Mãe de Deus. A dignidade fê-la Mãe, mas a graça fê-la digna, e por isso a graça é maior que a dignidade.*

324. Há mais que pesar com a graça? Tudo o que há no céu e na terra: *Mater ejus*: a dignidade de Mãe de Deus. A graça de Mãe de Deus, já a medimos: agora havemos de pesar não a graça, senão a dignidade. Os que tantas vezes pisais a graça de Deus, os que

<sup>18</sup> Deu a eles o poder de se fazerem filhos de Deus (Jo. 1, 12).

<sup>19</sup> Que nós sejamos chamados filhos de Deus, e com efeito o sejamos (1 Jo. 3, 1).

<sup>20</sup> Que não nasceram do sangue, mas de Deus (Jo. 1, 13).

<sup>21</sup> Achou-se que tinha menos peso (Dan. 5, 27).

tantas vezes fazeis degraus da graça de Deus para subir às dignidades do mundo, estai atentos e ouvi agora. A dignidade mais soberana, mais sobrenatural e mais divina que cabe em pura criatura, é a dignidade de Mãe de Deus. Os teólogos lhe chamam dignidade em seu gênero infinita, porque todo o outro nome é menor que sua grandeza. Posta pois em balança esta dignidade assim infinita, qual pesará mais: a dignidade de Mãe de Deus, ou a graça? A dignidade de Mãe de Deus sempre anda junto com a graça, e muita graça; mas, separada a graça da dignidade, e a dignidade da graça, digo que muito mais pesa a graça que a dignidade. Ainda disse pouco. Muito mais pesa um só grau de graça em qualquer homem, que toda a dignidade de Mãe de Deus. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivera por fiador desta portentosa verdade o mesmo Filho de Deus, que fez a Virgem Mãe sua. Exclamou a mulher das turbas: *Beatus venter qui te portavit*: Bem-aventurada a Mãe que trouxe nas entranhas tal Filho. Respondeu o Senhor: *Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud* (Lc. 11, 275): Antes te digo que mais bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. — Santo Agostinho comparou a Maternidade da Virgem com a graça da mesma Virgem, e diz que foi mais bem-aventurada pela graça que pela Maternidade: *Beatior fuit Maria concipendo mente, quam ventre; felicius gestavis corde, quam carne*. Mas Cristo não faz a comparação entre a dignidade da Mãe e a graça da Mãe, senão entre a dignidade da Mãe, e a graça de qualquer homem que guarda seus Mandamentos: *Quinimo beati qui audiunt verbum Dei, et custodiunt illud*.

325. Pois, Filho de Deus e da Virgem Maria, a graça de qualquer homem é maior felicidade, é maior dita, é maior bem, que a felicidade e a dignidade infinita de ser Mãe vossa? Separada essa dignidade da graça — como a mulher das turbas considerava — sim. E se não, vede-o nos efeitos da mesma dignidade e da mesma graça na mesma Senhora. A dignidade fê-la Mãe, mas a graça fê-la digna; a dignidade fê-la rainha, mas a graça fê-la santa; a dignidade levantou-a sobre todas as criaturas, mas a graça uniu-a ao mesmo Criador; a dignidade fez que ela comunicasse a Deus o que Deus tem de homem: a graça fez que Deus lhe comunicasse a ela o que Deus tem de Deus: *Communicasti mihi, quod homo sum; communicabo tibi quod Deus sum*, diz Guerrico Abade.

326. Quereis agora ver esta mesma soberania na graça de cada um de vós? Ouvi com assombro ao grande Agostinho, não já comparando a dignidade de Mãe de Deus com a sua graça, senão a graça de qualquer homem com a dignidade de Mãe de Deus: *Maternum nomen etiam in Virgine est terrenum in comparatione caelestis propinquitatis, quam illi contrahunt, qui voluntatem Dei faciunt*: O nome e dignidade de Mãe de Deus, ainda posto na Virgem Maria, é um nome e título terreno, em comparação da alteza celestial e divina a que se levantam por meio da graça e união com Deus, os que fazem sua vontade. — Notai muito esta universal: *Qui voluntatem Dei faciunt*. De maneira que a graça de qualquer criatura humana que faz a vontade de Deus, por vilíssima que seja em tudo o mais, é maior bem e maior felicidade, e de maior peso e preço que a mesma dignidade de Mãe de Deus, e

não em outrem, senão na mesma Virgem Maria: *Etiam in Virgine*. Pode haver coisa de maior admiração e de maior consolação para os que estão em graça de Deus, e de maior confusão para os que a perdem, e de maior desesperação para os que estão no inferno e já a não pedem recobrar? Entendamos bem este ponto, cristãos. Estai comigo. A dignidade de Mãe de Deus é um poder tão soberano e supremo, que domina a todos os homens, a todos os reis e monarcas do mundo, que domina a todos os anjos e a todas as jerarquias, e que até ao mesmo Deus, enquanto Filho, tem obediente e sujeito: *Et erat subditus illis*<sup>22</sup>. A dignidade de Mãe de Deus é uma alteza tão sublime, tão remontada e tão incompreensível, que nem a podem conceber os entendimentos humanos, nem a podem alcançar os entendimentos angélicos e seráficos, nem o entendimento da mesma Virgem Maria a pode compreender, porque só Deus, que se compreende a si mesmo, pode compreender e conhecer cabalmente o que é ser Mãe de Deus. Finalmente, a dignidade de Mãe de Deus é de tal maneira a última raia da onipotência divina, que, não havendo coisa no mundo que não possa Deus fazer outras sempre maiores e melhores em infinito, maior e melhor Mãe não a pode Deus fazer. E sendo tão infinitamente grande, e tão impossivelmente maior e melhor que todas, esta dignidade de Mãe de Deus, posto em balança, da outra parte, um só grau de graça de Deus, pesa mais esta pequena graça, que toda aquela imensa dignidade.

327. Quem me dera agora uma voz que se ouvira em todas as cortes do mundo, com que confundira não já a ambição senão a pouca fé dos que tão louca e cegamente traz fora de si a pretensão daqueles nomes vazios, a que o mundo bruto e vil chama dignidades! Tantos trabalhos, tantos cuidados, tantos desvelos, tantas diligências, tantas negociações, tantos subornos, tantas lisonjas, tantas adorações, tantas indignidades, tanto atropelar a razão, a justiça, a verdade, a consciência, a honra e a vida. E por quê? Por alcançar a vaidade de um posto, de um lugar, de um título, de um nome, de uma aparência; e no mesmo tempo, entra a velhinha por aquela igreja, toma água benta com piedade cristã, e por aquele ato de religião tão leve, adquire um grau de graça que pesa mais que todos os lugares, que todas as honras, que todos os títulos, que todas as dignidades do mundo, ainda que seja a dignidade de Mãe de Deus: *Mater ejus*. Credes isto, cristãos, ou não o credes? O certo é que, ou não temos fé, ou muito fraca.

## §IX

*Sabeis quanto pesa a graça de Deus? Pesa a Deus posto em uma cruz. Resolução.*

328. Mas que hemos de fazer para acabar de pesar, como convém, a graça de Deus? S. João pesou o valimento, a Madalena as delícias, Maria Cléofas a nobreza, a Mãe de Deus as dignidades, e nada disto faz pendor à balança: que hemos de fazer? Ainda temos

<sup>22</sup> E era-lhes submisso (Lc. 2, 51).

no Evangelho uma quinta pessoa, que só lhe soube e lhe pode dar à graça o peso que ela tem: *Stabat juxta crucem JESU*: Jesus é o que soube, e pode pesar a graça de Deus. Sabeis quanto pesa a graça de Deus? Pesa a Deus posto em uma cruz. Deus posto em uma cruz é o preço e o peso justo da graça de Deus; e não há outro. O fim para que Deus se pôs em uma cruz, não há dúvida que foi para nos merecer a graça. Assim o ensina a fé e a teologia, a qual também ensina que podia Deus dar-nos a graça por outros modos. Pois, se Deus nos podia dar graça por outros modos, por que no-la quis dar pondo-se em uma cruz? Ouvi a razão a Eusébio Emisseno: *In trutina crucis se ipsum author salutis passus est appendi, ut homini, qui ab statu gratiae degeneraverat; dignitatem suam ostenderet pretii magnitudo*: Sabeis, diz Emisseno, para que se quis pôr Deus na balança da cruz: *In trutina crucis*? Para que, posta de uma parte a graça, que o homem perdera, e doutra todo Deus, que com o preço da sua vida e do seu sangue lha comprava, entendesse o homem de quanto peso é a sua graça. É de tanto peso, que só com Deus se pode contrapesar. Ponde naquela balança remos, ponde coroas, ponde cetros, ponde impérios, ponde monarquias, ponde tudo o que pode dar a natureza, e tudo o que pode dar a fortuna, ponde o mundo, ponde mil mundos, ponde o mesmo céu com sua glória: nada disto faz pendor, em comparação da graça que tão facilmente perdemos. Posta em balança a graça, só Deus pode igualar as balanças. E se não, veja-se em tudo o mais pela diferença do que lhe custa.

329. Os bens deste mundo, ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da glória, ou bens da graça. Os bens da natureza custaram-lhe a Deus uma palavra de sua onipotência, com que os criou; os bens da fortuna custaram-lhe um aceno de sua providência, com que os reparte; os bens da glória custam-lhe uma vista de sua essência, com que se comunica; e os bens da graça, que lhe custaram? Diga-o a cruz: custaram a vida de Deus, custaram o sangue de Deus, custaram a alma de Deus, custaram a divindade de Deus, custaram a honra de Deus. Pesa muito a graça de Deus? Pois ainda há outra coisa no mundo que pesa mais que ela. E qual é? Qualquer dos vossos apetites. Nas balanças da cruz, pesa tanto a graça como Deus: nas balanças do juízo humano, qualquer apetite pesa mais que Deus e que a sua graça. Dizei-o vós, quantas vezes dais a Deus e a graça por um apetite? *O mendaces filii hominum in stateris* (Sl. 61, 10)! Oh! homens, diz o profeta, como sois falsos nas vossas balanças! — As balanças não são as falsas, porque a fé e o entendimento bem sabe conhecer quanto pesa mais que tudo a graça de Deus; mas os homens são os falsos às balanças, mentindo-se e enganando-se a si mesmos com a verdade à vista: *Mendaces filii hominum in stateris*. É possível que Deus se há de dar a si mesmo pela graça, para nos levar ao céu, e que nós havemos de dar a Deus e a graça pelo pecado, que nos leva ao inferno? Já que não amamos a graça pela graça, já que não tememos o pecado pelo pecado, não amaremos a graça pela glória, não temeremos o pecado pelo inferno?

330. Bem sei que estais dizendo dentro em vós mesmos que, ainda que agora estais em pecado, nem por isso ireis ao inferno, porque depois vos haveis de pôr em graça. Ah!

cegueira! Ah! miséria! Ah! tentação infernal! Todos os cristãos que estão no inferno fizeram essa mesma consideração, todos tiveram essa mesma esperança, e com ela se condenaram. E quem vos disse a vós que vos não sucederá o mesmo? Muitos estão no inferno, que fizeram menos pecados que vós, e contudo não se restituíram à graça. Pois se os vossos pecados são maiores, como esperais que haveis de alcançar tão facilmente o que eles não alcançaram? Cristãos da minha alma, almas remidas com o sangue de Cristo, não persistamos nesta cegueira um momento, que vejo que nos imos ao inferno sem remédio. Se a Senhora da graça, como Mãe de graça e de misericórdia, vos dá nesta hora uma boa inspiração, lançai mão dela, não a dilateis. Se estais escravo do demônio pelo pecado, fazei-vos filho da Mãe de Deus pela graça, e seja nesta mesma hora, como fez o evangelista: *Et ex illa hora, accepit eam discipulus in suam*<sup>23</sup>. Nesta mesma hora fazei uma resolução muito animosa, nesta mesma hora detestai vossos pecados, nesta mesma hora deliberai de deixar, e deixai com efeito todas as ocasiões deles. E torno a dizer que seja nesta hora, porque a graça de Deus tem horas, e a morte também tem hora, e não sabemos quando será. Mova-nos a formosura da mesma graça, mova-nos a bem-aventurança da glória que se nos promete por ela, mova-nos a eternidade do inferno, onde havemos de ir arder se a desprezamos, e mova-nos enfim o preço que Cristo Jesus deu por ela, o sangue de Jesus, a vida de Jesus, a alma de Jesus, a morte e a cruz de Jesus:

*Stabat juxta crucem JESU.*

## SERMÃO DE S. ANTÔNIO

PREGADO NA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO, ANO DE 1654

Este sermão — que todo é alegórico — pregou o Autor três dias antes de se embarcar ocultamente para o Reino, a procurar o remédio da salvação dos índios, pelas causas que se apontam no 1 Sermão do 1 Tomo. E nele tocou todos os pontos de doutrina, posto que perseguida, que mais necessários eram ao bem espiritual e temporal daquela terra, como facilmente se pode entender das mesmas alegorias.

*Vos estis sal terrae*<sup>1</sup>

### §I

*Qual a causa da corrupção de uma terra cheia de pregadores? Ou é porque o sal*

<sup>23</sup> E desta hora por diante a tomou o discípulo para sua casa (Jo. 19, 27).

<sup>1</sup> Vós sois o sal da terra (Mt. 5,13).

*não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. O que se há de fazer ao sal que não salga e à terra que se não deixa salgar? O autor, a exemplo de S. Antônio, volta-se da terra para o mar, e prega aos peixes.*

331. Vós — diz Cristo Senhor nosso, falando com os pregadores — sois o sal da terra; e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber; ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si, e não a Cristo, ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

Suposto pois que, ou o sal não salgue, ou a terra se não deixe salgar, que se há de fazer a este sal, e que se há de fazer a esta terra? O que se há de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salietur? Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras, et conculcetur ab hominibus* (Mt. 5,13): Se o sal perder a substância e a virtude, e o pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há de fazer é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

332. ISTO É O QUE SE DEVE FAZER AO SAL QUE NÃO SALGA. E À TERRA QUE SE NÃO DEIXA SALGAR, QUE SE LHE HÁ DE FAZER? ESTE PONTO NÃO RESOLVEU CRISTO SENHOR NOSSO NO EVANGELHO, MAS TEMOS SOBRE ELE A RESOLUÇÃO DO NOSSO GRANDE PORTUGUÊS, SANTO ANTÔNIO, QUE HOJE CELEBRAMOS, E A MAIS GALHARDA E GLORIOSA RESOLUÇÃO QUE NENHUM SANTO TOMOU. PREGAVA SANTO ANTÔNIO EM ITÁLIA, NA CIDADE DE ARIMINO, CONTRA OS HEREGES, QUE NELA ERAM MUITOS, E COMO OS ERROS DE ENTENDIMENTO SÃO DIFICULTOSOS DE ARRANCAR, NÃO SÓ NÃO FAZIA FRUTO O SANTO, MAS CHEGOU O POVO A SE IEVANTAR CONTRA ELE, E FALTOU POUCO PARA QUE LHE NÃO TIRASSEM A VIDA. QUE FARIA NESTE CASO O ÂNIMO GENEROSO DO GRANDE ANTÔNIO? SACUDIRIA O PÓ DOS SAPATOS, COMO CRISTO ACONSELHA EM OUTRO LUGAR? MAS ANTÔNIO, COM OS PÉS DESCALÇOS, NÃO PODIA FAZER ESTA PROTESTAÇÃO, E UNS PÉS, A QUE SE NÃO PEGOU NADA DA TERRA, NÃO TINHAM QUE SACUDIR. QUE FARIA LOGO? RETIRAR-SE-

IA? CALAR-SE-IA? DISSIMULARIA? DARIA TEMPO AO TEMPO? ISSO ENSINARIA PORVENTURA A PRUDÊNCIA OU A COVARDIA HUMANA; MAS O ZELO DA GLÓRIA DIVINA QUE ARDIA NAQUELE PEITO, NÃO SE RENDEU A SEMELHANTES PARTIDOS. POIS QUE FEZ? MUDOU SOMENTE O PÚLPITO E O AUDITÓRIO, MAS NÃO DESISTIU DA DOCTRINA. DEIXA AS PRAÇAS, VAI-SE ÀS PRAIAS, DEIXA A TERRA, VAI-SE AO MAR, E COMEÇA A DIZER A ALTAS VOZES: — JÁ QUE ME NÃO QUEREM OUVIR OS HOMENS, OUÇAM-ME OS PEIXES. — OH! MARAVILHAS DO ALTÍSSIMO! OH! PODERES DO QUE CRIOU O MAR E A TERRA! COMEÇAM A FERVER AS ONDAS, COMEÇAM A CONCORRER OS PEIXES, OS GRANDES, OS MAIORES, OS PEQUENOS, E POSTOS TODOS POR SUA ORDEM, COM AS CABEÇAS DE FORA DA ÁGUA, ANTÔNIO PREGAVA, E ELES OUVIAM.

333. Se a Igreja quer que preguemos de Santo Antônio sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terrae* é muito bom texto para os outros santos Doutores, mas para Santo Antônio vem-lhe muito curto. Os outros santos Doutores da Igreja foram sal da terra; S. Antônio foi sal da terra, e foi sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que nas festas dos santos é melhor pregar como eles, que pregar deles. Quanto mais que o som da minha doutrina, qualquer que ele seja, tem tido nesta terra uma fortuna tão parecida à de Santo Antônio em Arimino, que é força segui-la em tudo. Muitas vezes vos tenho pregado nesta Igreja e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis, e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje, à imitação de S. Antônio, voltar-me da terra ao mar, e, já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto, que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria quer dizer *Domina Maris*, Senhora do mar, e, posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria*.

## §II

*Que pregar aos peixes? Divide o autor o sermão em dois pontos: no primeiro louva-lhes as virtudes, e no segundo repreende-lhes os vícios. Entre todas as criaturas viventes e sensitivas, os peixes foram as primeiras que Deus criou. Louvor aos peixes pela devoção demonstrada para com Jonas e Santo Antônio. Virtudes naturais dos peixes. Por que não se afogaram os peixes no dilúvio?*

334. Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem, e não falam. Uma só coisa

pudera desconsolar ao pregador, que é serem gente os peixes que se não há de converter. Mas esta dor é tão ordinária, que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa, não falarei hoje em céu, nem inferno, e assim será menos triste este sermão do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

335. *Vos estis sal terrae*. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são, e preservá-lo para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso pregador, S. Antônio, como também as devem ter as de todos os pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar, e repreender o mal para preservar dele. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque também nos peixes tem seu lugar. Assim o diz o grande doutor da Igreja, São Basílio: *Non carpere solum, reprehendere que possumus pisces, sed sunt in illis, et quae prosequenda sunt imitatione*: Não só há que notar, diz o santo, e que repreender nos peixes, senão também que imitar e louvar. — Quando Cristo comparou a sua Igreja à rede de pescar: *Sagenae missae in mare* — diz que os pescadores recolheram os peixes bons, e lançaram fora os maus: *Collegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt* (Mt. 13, 47 s). E onde há bons e maus, há que louvar e que repreender. Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: no primeiro, louvar-vos-ei as vossas virtudes; no segundo, repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las depois de mortos.

336. Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que às aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra, e a vós primeiro que ao mesmo homem. Ao homem deu Deus a monarquia e domínio de todos os animais dos três elementos, e nas provisões em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foram os peixes: *Ut praesit piscibus maris, et volatibus caeli, et bestiis, universae que terrae*<sup>2</sup>, Entre todos os animais do mundo, os peixes são os mais, e os peixes os maiores. Que comparação têm em número as espécies das aves e as dos animais terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a baleia? Por isso Moisés, cronista da criação, calando os nomes de todos os animais, só a ela nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia*<sup>3</sup>. E os três músicos da fornalha de Babilônia o cantaram também como singular entre todos: *Benedicite cete, et omnia quae moventur in aquis Domino*<sup>4</sup>. Estes e outros louvores, estas e outras excelências de vossa geração e grandeza, vos pudera dizer, ó peixes, mas isto é lá para os homens, que se deixam levar

<sup>2</sup> Para que presida aos peixes do mar, às aves do céu, e aos animais selváticos, e a toda a terra (Gên. 1, 26).

<sup>3</sup> Criou Deus os grandes peixes (Gên. 1,21).

<sup>4</sup> Baleias e peixes, todos os que se movem nas águas, bendizei ao Senhor (Dan. 3,79).



destas vaidades, e é também para os lugares em que tem lugar a adulação, e não para o púlpito.

337. Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos, hoje, é aquela obediência com que, chamados, acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, e quietação, e atenção, com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo Antônio. Oh! grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta e confusão para os homens! Os homens, perseguindo a Antônio, querendo-o lançar da terra, e ainda do mundo, se pudessem, porque lhes repreendia seus vícios, porque lhes não queria falar à vontade, e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes, em inumerável concurso, acudindo à sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio e com sinais de admiração e assenso, como se tiveram entendimento, o que não entendiam. Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados, e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens, não em peixes, mas em feras. Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. Muito louvor mereceis, peixes, por este respeito e devoção que tivestes aos pregadores da palavra de Deus, e tanto mais quanto não foi só esta a vez em que assim o fizestes. Ia Jonas, pregador do mesmo Deus, embarcado em um navio, quando se levantou aquela grande tempestade. E como o trataram os homens, como o trataram os peixes? Os homens lançaram-no ao mar a ser comido dos peixes; e o peixe que o comeu levou-o às praias de Nínive, para que lá pregasse e salvasse aqueles homens. É possível que os peixes ajudam à salvação dos homens, e os homens lançam ao mar os ministros da salvação? Vede, peixes, e não vos venha vanglória, quanto melhores sois que os homens. Os homens tiveram entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheu nas entranhas a Jonas, para o levar vivo à terra.

338. Mas porque nestas duas ações teve maior parte a onipotência que a natureza — como também em todas as milagrosas que obram os homens — passo às virtudes naturais e próprias vossas. Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles, entre todos os animais, se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres, o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem conosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia, e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja dele. Os autores comumente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de

mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que, se não fora natureza, era grande prudência. Peixes, quanto mais longe dos homens tanto melhor: trato e familiaridade com eles, Deus vos livre! Se os animais da terra e do ar querem ser seus familiares, façam-no muito embora, que com suas pensões o fazem. Cante-lhes aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas pioses; faça-lhes bufonarias o bugio, mas no seu cepo; contente-se o cão de lhe roer um osso, mas levado onde não quer pela trela; preze-se o boi de lhe chamarem formoso ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cerviz, puxando pelo arado e pelo carro; glorie-se o cavalo de mastigar freios dourados, mas debaixo da vara e da espora; e se os tigres e os leões lhes comem a ração da carne que não caçaram no bosque sejam presos e encerrados com grades de ferro. E entretanto, vós peixes, longe dos homens, e fora dessas cortesantias, vivereis só convosco sim, mas como peixes na água. De casa, e das portas a dentro, tendes o exemplo de toda esta verdade, o qual vos quero lembrar, porque há filósofos que dizem que não tendes memória.

339. No tempo de Noé sucedeu o dilúvio, que cobriu e alagou o mundo; e de todos os animais, quais livraram melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leoa, e assim dos outros animais da terra; das águias escaparam duas, fêmea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam: antes, não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra e o mar, tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra e todas as aves, por que não morreram também os peixes? Sabeis por quê? — diz Santo Antônio — porque os outros animais, como mais domésticos, ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os homens; os peixes viviam longe e retirados deles. Facilmente pudera Deus fazer que as águas fossem venenosas e matassem todos os peixes, assim como afogaram todos os outros animais. Bem o experimentais na força daquelas ervas, com que, infeccionados os poços e lagos, a mesma água vos mata; mas como o dilúvio era um castigo universal que Deus dava aos homens por seus pecados, e ao mundo pelos pecados dos homens, foi altíssima providência da divina justiça que nele houvesse esta diversidade ou distinção, para que o mesmo mundo visse que da companhia dos homens lhe viera todo o mal, e que por isso os animais que viviam mais perto deles foram também castigados, e os que andavam longe ficaram livres. Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande filósofo qual era a melhor terra do mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo Antônio, e foi este um dos benefícios de que vos exortou a dar graças ao Criador, bem vos pudera alegar consigo, que quanto mais buscava Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus pais, e se recolheu ou acolheu a uma religião onde professasse perpétua clausura. E porque nem aqui o deixavam os que ele tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens, mudou o hábito, mudou o nome,

e até a si mesmo se mudou, ocultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido, nem buscado, antes, deixado de todos, como lhe sucedeu com seus próprios irmãos no Capítulo Geral de Assis. Dali se retirou a fazer vida solitária em um ermo, do qual nunca saíra, se Deus, como por força, o não manifestara, e por fim acabou a vida em outro deserto, tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens.

### §III

*O Santo Peixe de Tobias, retrato marítimo de Santo Antônio. A virtude da rêmora e a língua do santo. As qualidades do torpedo. Os quatro-olhos, do Brasil. Os peixes, companheiros do jejum e abstinência dos justos. O exemplo das irmãs sardinhas.*

340. Este é, peixes, em comum, o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabém, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita matéria fora se houvera de discorrer pelas virtudes de que o Autor da natureza a dotou e fez admirável em cada um de vós. De alguns somente farei menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos, como tão celebrado na Escritura, é aquele Santo Peixe de Tobias, a quem o texto sagrado não dá outro nome que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o anjo. S. Rafael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande peixe com a boca aberta, em ação de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana, e o arrastasse para a terra, que o abrisse e lhe tirasse as entranhas, e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fê-lo assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o anjo que o fel era bom para sarar da cegueira, e o coração para lançar fora os demônios: *Cordis ejus particulam, si super carbones ponas, fumus ejus extricat omne genus daemoniorum, et fel valet ad unguendos oculos, in quibus fuerit albugo, et sanabuntur*<sup>5</sup>. Assim o disse o anjo, e assim o mostrou logo a experiência, porque sendo o pai de Tobias cego, aplicando-lhe o filho aos olhos um pequeno do fel, cobrou inteiramente a vista, e tendo um demônio, chamado Asmodeu, morto sete maridos a Sara, casou com ela o mesmo Tobias, e queimando na casa parte do coração, fugiu dali o demônio, e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquele peixe tirou a cegueira a Tobias, o velho, e lançou os demônios de casa a Tobias, o moço. Um peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel, quem o não louvara muito? Certo que se a este peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, pareceria

<sup>5</sup> Se tu puseres um pedacinho do seu coração sobre as brasas acesas, o seu fumo afugenta toda a casta de demônios, e o fel é bom para untar os olhos que têm algumas névoas e sararão (Tob. 6, 8 s).

um retrato marítimo de Santo Antônio. Abria Santo Antônio a boca contra os hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zelo da fé e glória divina. E eles, que faziam? Gritavam como Tobias, e assombravam-se com aquele homem, e cuidavam que os queria comer. Ah! homens, se houvesse um anjo que vos revelasse qual é o coração desse homem, e esse fel, que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrisseis esse peito, e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas coisas pretende de vós e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os demônios fora de casa. Pois, a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos demônios, perseguis vós? Só uma diferença havia entre Santo Antônio e aquele peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo Antônio abria a sua contra os que se não queriam lavar. Ah! moradores do Maranhão, quanto eu vos pudera agora dizer neste caso! Abri, abri essas entranhas; vede, vede esse coração. Mas ah! sim, que me não lembrava! Eu não vos prego a vós, prego aos peixes.

341. Passando dos da Escritura aos da História Natural, quem haverá que não louve e admire muito a virtude tão celebrada da rêmora? No dia de um santo menor, os peixes menores devem preferir aos outros. Quem haverá, digo, que não admire a virtude daquele peixezinho tão pequeno no corpo, e tão grande na força e no poder, que não sendo maior de um palmo, se se pega ao leme de uma nau da Índia, apesar das velas, e dos ventos e de seu próprio peso e grandeza, aprende e amarra mais que as mesmas âncoras, sem se poder mover nem ir por diante. Oh! se houvera uma rêmora na terra que tivesse tanta força como a do mar, que menos perigos haveria na vida, e que menos naufrágios no mundo! Se alguma rêmora houve na terra, foi a língua de Santo Antônio, na qual, como na rêmora, se verifica o verso de S. Gregório Nazianzeno: *Lingua quidem parva est, sed viribus omnia vincit*. O apóstolo São Tiago, naquela sua eloqüentíssima Epístola, compara a língua ao leme da nau e ao freio do cavalo. Uma e outra comparação juntas declaram maravilhosamente a virtude da rêmora, a qual, pegada ao leme da nau, é freio da nau e leme do leme. E tal foi a virtude e força da língua de Santo Antônio. O leme da natureza humana é o alvedrio, o piloto é a razão: mas quão poucas vezes obedecem à razão os ímpetos precipitados do alvedrio? Neste leme, porém, tão desobediente e rebelde, mostrou a língua de Antônio quanta força tinha, como rêmora, para domar e parar a fúria das paixões humanas. Quantos, correndo fortuna na Nau-Soberba, com as velas inchadas do vento e da mesma soberba — que também é vento — se iam desfazer nos baixos, que já rebentavam por proa, se a língua de Antônio, como rêmora, não tivesse mão no leme até que as velas se amainassem, como mandava a razão, e cessasse a tempestade de fora e a de dentro? Quantos, embarcados na Nau-Vingança, com a artilharia abocada e os bota-fogos acesos, corriam enfunados a dar-lhe batalha, onde se queimariam ou deitariam a pique, se a rêmora da língua de Antônio lhes não detivesse a fúria, até que, composta a ira e ódio, com

bandeiras de paz se salvassem amigavelmente? Quantos, navegando na Nau-Cobiça, sobrecarregada até as gáveas, aberta com o peso por todas as costuras, incapaz de fugir nem se defender, dariam nas mãos dos corsários, com perda do que levavam e do que iam buscar, se a língua de Antônio os não fizesse parar como rêmora, até que, aliviados da carga injusta, escapassem do perigo e tomassem porto? Quantos na Nau-Sensualidade, que sempre navega com cerração, sem sol de dia nem estrela de noite, enganados do canto das sereias, e deixando-se levar da corrente, se iriam perder cegamente ou em Sila, ou em Caribdes onde não aparecesse navio nem navegante, se a rêmora da língua de Antônio os não contivesse até que esclarecesse a luz e se pusessem em via? Esta é a língua, peixes, do vosso grande pregador, que também foi rêmora vossa, enquanto o ouvistes, e porque agora está muda — posto que ainda se conserva inteira — se vêem, e choram na terra tantos naufrágios.

342. Mas, para que da admiração de uma tão grande virtude vossa passemos ao louvor ou inveja de outra não menor, admirável é igualmente a qualidade daquele outro peixezinho, a que os latinos chamaram torpedo. Ambos estes peixes conhecemos cá mais de fama que de vista, mas isto têm as virtudes grandes, que quanto são maiores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo e a bóia sobre a água, e em lhe picando na isca o torpedo, começa a lhe tremer o braço. Pode haver maior, mais breve e mais admirável efeito? De maneira que num momento passa a virtude do peixezinho da boca ao anzol, do anzol à linha, da linha à cana, e da cana ao braço do pescador. Com muita razão disse que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhes pusera esta qualidade tremendo em tudo o que pescam na terra! Muito pescam, mas não me espanto do muito; o que me espanta é que pesquem tanto e que tremam tão pouco. Tanto pescar e tão pouco tremer? Pudera-se fazer problema onde há mais pescadores e mais modos e traças de pescar, se no mar ou na terra? E é certo que na terra. Não quero discorrer por eles, ainda que fora grande consolação para os peixes; baste fazer a comparação com a cana, pois é o instrumento do nosso caso. No mar pescam as canas, na terra pescam as varas — e tanta sorte de varas — pescam as ginetas, pescam as bengalas, pescam os bastões, e até os cetros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. Pois, é possível que, pescando os homens coisas de tanto peso, lhes não trema a mão e o braço? Se eu pregara aos homens e tivera a língua de Santo Antônio, eu os fizera tremer. Vinte e dois pescadores destes se acharam acaso a um sermão de S. Antônio, e as palavras do santo os fizeram tremer a todos, de sorte que todos, tremendo, se lançaram a seus pés, todos, tremendo, confessaram seus furtos, todos, tremendo, restituíram o que podiam — que isto é o que faz tremer mais neste pecado que nos outros — todos, enfim, mudaram de vida e de ofício, e se emendaram.

343. Quero acabar este discurso dos louvores e virtudes dos peixes, com um que não

sei se foi ouvinte de Santo Antônio, e aprendeu dele a pregar. A verdade é que me pregou a mim, e se eu fora outro, também me convertera. Navegando daqui para o Pará — que é bem não fiquem de fora os peixes da nossa costa — vi correr pela tona da água, de quando em quando, a saltos, um cardume de peixinhos que não conhecia, e como me dissessem que os portugueses lhes chamavam quatro-olhos, quis averiguar ocularmente a razão deste nome, e achei que verdadeiramente têm quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos. Dá graças a Deus, lhe disse, e louva a liberalidade de sua divina Providência para contigo, pois às águias, que são os lince do ar, deu somente dois olhos, e aos lince, que são as águias da terra, também dois, e a ti peixinho, quatro. Mais me admirei ainda considerando nesta maravilha a circunstância do lugar. Tantos instrumentos de vista a um bichinho do mar nas praias daquelas mesmas terras vastíssimas, onde permite Deus que estejam vivendo em cegueira tantos milhares de gentes há tantos séculos? Oh! quão altas e incompreensíveis são as razões de Deus, e quão profundo o abismo de seus juízos!

344. Filosofando, pois, sobre a causa natural desta providência, notei que aqueles quatro olhos estão lançados um pouco fora do lugar ordinário, e cada par deles, unidos como os dois vidros de um relógio de areia, em tal forma, que os da parte superior olham diretamente para cima, e os da parte inferior diretamente para baixo. E a razão desta nova arquitetura é porque estes peixinhos, que sempre andam na superfície da água, não só são perseguidos dos outros peixes maiores do mar, senão também de grande quantidade de aves marítimas, que vivem naquelas praias; e como têm inimigos no mar e inimigos no ar, dobrou-lhes a natureza as sentinelas, e deu-lhes dois olhos, que diretamente olhassem para cima, para se vigiarem das aves, e outros dois, que diretamente olhassem para baixo, para se vigiarem dos peixes. Oh! que bem informara estes quatro olhos uma alma racional, e que bem empregada fora neles, melhor que em muitos homens! Esta é a pregação que me fez aquele peixezinho, ensinando-me que, se tenho fé e uso de razão, só devo olhar diretamente para cima, e só diretamente para baixo: para cima, considerando que há céu, e para baixo, lembrando-me que há inferno. Não me alegou para isso passo da Escritura, mas então me ensinou o que quis dizer Davi em um, que eu não entendia: *Averte oculos meos, ne videant vanitatem* (Sl. 11, 37): Voltai-me, Senhor; os olhos, para que não vejam a vaidade. — Pois, Davi não podia voltar os seus olhos para onde quisesse? Do modo que ele queria, não. Ele queria voltados os seus olhos de modo que não vissem a vaidade, e isto não o podia fazer neste mundo para qualquer parte que voltasse os olhos, porque neste mundo tudo é vaidade: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas* (Ecl. 1,2). Logo, para não verem os olhos de Davi a vaidade, havia-lhos de voltar Deus de modo que só vissem e olhassem para o outro mundo, em ambos seus hemisférios: ou para o de cima, olhando diretamente só para o céu, ou para o de baixo, olhando diretamente só para o inferno. E esta é a mercê que pedia a Deus aquele grande profeta, e esta a doutrina que me pregou aquele peixinho tão pequeno.

345. Mas ainda que o céu e o inferno se não fez para vós, irmãos peixes, acabo e dou fim a vossos louvores, com vos dar as graças do muito que ajudais a ir ao céu, e não ao inferno, os que se sustentam de vós. Vós sois os que sustentais as Cartuxas e os Bussacos, e todas as santas famílias que professam mais rigorosa austeridade; vós os que a todos os verdadeiros cristãos ajudais a levar a penitência das quaresmas; vós aqueles com que o mesmo Cristo festejou a sua Páscoa, as duas vezes que comeu com seus discípulos depois de ressuscitado. Prezem-se as aves e os animais terrestres de fazer esplêndidos e custosos os banquetes dos ricos, e vós gloriái-vos de ser companheiros do jejum e da abstinência dos justos. Tendes todos quantos sois tanto parentesco e simpatia com a virtude, que, proibindo Deus no jejum a pior e mais grosseira carne, concede o melhor e mais delicado peixe. E posto que na semana só dois se chamam vossos, nenhum dia vos é vedado. Um só lugar vos deram os astrólogos entre os signos celestes; mas os que só de vós se mantêm na terra, são os que têm mais seguros os lugares do céu. Enfim, sois criaturas daquele elemento cuja fecundidade entre todos é própria do Espírito Santo: *Spiritus Domini faecundabat aquas*<sup>6</sup>.

346. Deitou-vos Deus a bênção que crescêsseis e multiplicásseis; e para que o Senhor vos confirme essa bênção, lembrai-vos de não faltar aos pobres com o seu remédio. Entendei que, no sustento dos pobres, tendes seguros os vossos aumentos. Tomai o exemplo nas irmãs sardinhas. Por que cuidais que as multiplica o Criador em número tão inumerável? Porque são sustento de pobres. Os solhos e os salmões são muito contados, porque servem à mesa dos reis e dos poderosos; mas o peixe que sustenta a fome dos pobres de Cristo, o mesmo Cristo o multiplica e aumenta. Aqueles dois peixes, companheiros dos cinco pães do deserto, multiplicaram tanto que deram de comer a cinco mil homens. Pois, se peixes mortos, que sustentam a pobres, multiplicam tanto, quanto mais e melhor o farão, os vivos. Crescei peixes, crescei e multiplicaí, e Deus vos confirme a sua bênção.

#### §IV

*Repreende o autor aos peixes por se comerem uns aos outros, e os grandes aos pequenos, e os incita a considerar a sua crueldade observando os homens, que também se comem uns aos outros. Os pequenos, pão cotidiano dos grandes. O castigo da gula. O engodo dos anzóis e a vaidade dos hábitos.*

347. Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira coisa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande

<sup>6</sup> E o Espírito de Deus fecundava as águas (LXX Gên. 1,2).

escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas, como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, perversisque cupiditatibus facti sunt veluti pisces invicem se devorantes*: Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes, que se comem uns aos outros. Tão alheia coisa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos criados do mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos, finalmente, irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes, e eu que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá: para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros? Muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação, nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

348. Morreu algum deles: vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os acredores, comem-no os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos e ausentes; comeu o médico que o curou, ou ajudou a morrer; comeu o sangrador que lhe tirou o sangue; comeu a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha, o lençol mais velho da casa; comeu o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar; enfim ainda ao pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas, para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos, assim como vós. Vivo estava Jó quando dizia: *Quare persequimini me, et carnibus meis saturamini* (Jó 19,22): Por que me perseguis tão desumanamente, vós que me estais comendo vivo e fartando-vos da minha carne? — Quereis ver um Jó destes? Vede um homem, desses que andam perseguidos de pleitos ou acusados de crimes, e olhai quantos o estão comendo. Comeu o meirinho, comeu o carcereiro, comeu o escrivão, comeu o solicitador, comeu o advogado, comeu o inquiridor, comeu a testemunha, comeu o julgador, e ainda não está sentenciado, e já está comido. São piores os homens que os corvos. O triste que foi à forca, não o comemos corvos, senão depois de executado e morto; e o que anda em juízo, ainda não está executado nem sentenciado, e já está comido.

349. E para que vejais como estes comidos na terra são os pequenos, e pelos mesmos



modos com que vós vos comeis no mar, ouvi a Deus queixando-se deste pecado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam ut cibum panis*<sup>7</sup>? Cuidais, diz Deus, que não há de vir tempo em que conheçam e paguem o seu merecido aqueles que cometem a maldade? — E que maldade é esta, à qual Deus singularmente chama a maldade, como se não houvera outra no mundo? E quem são aqueles que a cometem? A maldade é comerem-se os homens uns aos outros, e os que a cometem são os maiores, que comem os pequenos: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Nestas palavras, pelo que vos toca, importa, peixes, que advirtais muito outras tantas coisas quantas são as mesmas palavras. Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*, porque os grandes, que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, ou poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo os devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem, é que para a carne há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come, e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes, e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo nem fazendo officio em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes? Representa-se-me que com o movimento das cabeças estais todos dizendo que não, e com olhades uns para os outros, vos estais admirando e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça e maldade! Pois isto mesmo é o que vós fazeis. Os maiores comeis os pequenos, e os muitos grandes, não só os comem um por um, senão os cardumes inteiros, e isto continuamente, sem diferença de tempos, não só de dia, senão também de noite, às claras e às escuras, como também fazem os homens.

350. Se cuidais, porventura, que estas injustiças entre vós se toleram e passam sem castigos, enganais-vos. Assim como Deus as castiga nos homens, assim também, por seu modo, as castiga em vós. Os mais velhos que me ouvis e estais presentes, bem vistes neste estado, e quando menos ouviríeis murmurar aos passageiros nas canoas, e muitos mais lamentar aos miseráveis remeiros delas, que os maiores, que cá foram mandados, em vez de governar e aumentar o mesmo Estado, o destruíram, porque toda a fome que de lá traziam, a fartavam em comer e devorar os pequenos. Assim foi. Mas se entre vós se

---

<sup>7</sup> Acaso não terão conhecimento todos os que obram a iniquidade, os que devoram o meu povo, como um pedaço de pão (Sl. 13,4)?

acham acaso alguns dos que, seguindo a esteira dos navios, vão com eles a Portugal e tornam para os mares pátrios, bem ouviriam estes lá no Tejo, que esses mesmos maiores que cá comiam os pequenos, quando lá chegam, acham outros maiores que os comam também a eles. Este é o estilo da divina justiça, tão antigo e manifesto, que até os gentios o conheceram e celebraram:

*Vos quibus rector maris, atque terrae  
Jus dedit magnum necis, atque vitae;  
Ponite inflatos, tumidosque vultus;  
Quidquid a vobis rumor extimescit.  
Major hoc vobis Dominus minatur*

Notai, peixes, aquela definição de Deus: *Rector maris, atque terrae*: governador do mar e da terra, para que não duvideis que o mesmo estilo que Deus guarda com os homens na terra, observa também convosco no mar. Necessário é, logo, que olheis por vós, e que não façais pouco caso da doutrina que vos deu o grande Doutor da Igreja, Santo Ambrósio, quando, falando convosco, disse: *Cave nedum alium insequeris, incidas in validiorem*: Guarde-se o peixe que persegue o mais fraco, para o comer, não se ache na boca do mais forte, que o engula a ele. — Nós o vemos aqui cada dia. Vai o xaréu correndo atrás do bagre, como o cão após a lebre, e não vê o cego que lhe vem nas costas o tubarão, com quatro ordens de dentes, que o há de engolir de um bocado. É o que com maior elegância vos disse também Santo Agostinho: *Praeda minoris fit praeda majoris*. Mas não bastam, peixes, estes exemplos, para que acabe de se persuadir a vossa gula que a mesma crueldade, que usais com os pequenos, tem já aparelhado o castigo na voracidade dos grandes?

351. Já que assim o experimentais com tanto dano vosso, importa que, daqui por diante, sejais mais repúblicos e zelosos do bem comum, e que, este prevaleça contra o apetite particular de cada um, para que não suceda que, assim como hoje vemos a muitos de vós tão diminuídos, vos venhais a consumir de todo. Não vos bastam tantos inimigos de fora, e tantos perseguidores tão astutos e pertinazes quantos são os pescadores, que nem de dia, nem de noite, deixam de vos pôr em cerco, e fazer guerra por tantos modos? Não vedes que contra vós se emalham e entralham as redes, contra vós se tecem as nassas, contra vós se torcem as linhas, contra vós se dobram e farpam os anzóis, contra vós as fisgas e os arpões? Não vedes que contra vós até as canas são lanças, e as cortiças armas ofensivas? Não vos basta, pois, que tenhais tantos e tão armados inimigos de fora, senão que também vós, de vossas portas a dentro, o haveis de ser mais cruéis, perseguindo-vos com uma guerra mais que civil, e comendo-vos uns aos outros? Cesse, cesse já, irmãos peixes, e tenha fim algum dia esta tão perniciosa discórdia; e pois vos chamei, e sois

irmãos, lembrai-vos das obrigações deste nome. Não estáveis vós muito quietos, muito pacíficos, e muito amigos todos, grandes e pequenos, quando vos pregava S. Antônio? Pois continuai assim, e sereis felizes.

352. Dir-me-eis, como também dizem os homens, que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentam entre vós muitos que não comem os outros? O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante, e, só com o que bota às praias, pode sustentar grande parte dos que vivem dentro nele. Comerem-se uns animais aos outros é voracidade e sevícia, e não estatuto da natureza. Os da terra e do ar, que hoje se comem, no principio do mundo não se comiam, sendo assim conveniente e necessário para que as espécies de todos se multiplicassem. O mesmo foi, ainda mais claramente, depois do dilúvio, porque, tendo escapado somente dois de cada espécie, mal se podiam conservar, se se comessem. E finalmente, no tempo do mesmo dilúvio, em que todos viveram juntos dentro na Arca, o lobo estava vendo o cordeiro, o gavião a perdiz, o leão o gamo, e cada um aqueles em que se costuma cevar, e, se acaso lá tiveram essa tentação, todos lhes resistiram e se acomodaram com a ração do paiol comum, que Noé lhes repartia. Pois se os animais dos outros elementos mais cálidos foram capazes desta temperança, por que o não serão os da água? Enfim se eles em tantas ocasiões, pelo desejo natural da própria conservação e aumento, fizeram da necessidade virtude, fazei-o vós também, ou fazei a virtude sem necessidade, e será maior virtude.

353. Outra coisa muito geral, que não tanto me desedifica quanto me lastima em muitos de vós, é aquela tão notável ignorância e cegueira que em todas as viagens experimentam os que navegam por estas partes. Toma um homem do mar um anzol, atalhe um pedaço de pano cortado, e, aberto em duas ou três pontas, lança-o por um cabo delgado até tocar na água, e, em o vendo o peixe, arremete cego a ele, e fica preso e boqueando, até que, assim suspenso no ar ou lançado no convés, acaba de morrer. Pode haver maior ignorância e mais rematada cegueira que esta? Enganados por um retalho de pano, perder a vida? Dir-me-eis que o mesmo fazem os homens. Não vo-lo nego. Dá um exército batalha contra outro exército; metem-se os homens pelas pontas dos piques, dos chuços, e das espadas, e por quê? Porque houve quem os engodou e lhes fez isca com dois retalhos de pano. A vaidade, entre os vícios, é o pescador mais astuto, e que mais facilmente engana os homens. E que faz a vaidade? Põe por isca nas pontas desses piques, desses chuços e dessas espadas dois retalhos de pano, ou branco, que se chama Hábito de malta, ou verde, que se chama de Aviz, ou vermelho, que se chama de Cristo e de São Tiago, e os homens, por chegarem a passar esse retalho de pano ao peito, não reparam em tragar e engolir o ferro. E depois disso, que sucede? O mesmo que a vós. O que engoliu o ferro, ou ali ou noutra ocasião, ficou morto, e os mesmos retalhos de pano tornaram outra vez ao anzol para pescar outros. Por este exemplo vos concedo, peixes, que os homens fazem o mesmo que vós, posto que me parece que não foi este o fundamento da vossa resposta ou escusa,

porque cá no Maranhão, ainda que se derrame tanto sangue, não há exércitos, nem essa ambição de hábitos.

354. Mas nem por isso vos negarei que também cá se deixam pescar os homens pelo mesmo engano, menos honrada e mais ignorantemente. Quem pesca as vidas a todos os homens do Maranhão, e com quê? Um homem do mar com uns retalhos de pano. Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhes passou a era e não têm gasto, e que faz? Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra, dá-lhes uma sacadela, e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sobe mais o preço, e os bonitos, ou os que o querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e ali ficam engasgados e presos, com dividas de um ano para outro ano, e de uma safra para outra safra, e lá vai a vida. Isto não é encarecimento. Todos a trabalhar toda a vida, ou na roça ou na cana, ou no engenho ou no tabacal, e este trabalho de toda a vida, quem o leva? Não o levam os coches, nem as liteiras, nem os cavalos, nem os escudeiros, nem os pajens, nem os lacaios, nem as tapeçarias, nem as pinturas, nem as baixelas, nem as jóias: pois, em que se vai e despence toda a vida? No triste farrapo com que saem à rua, e para isso se matam todo o ano.

355. Não é isto, meus peixes, grande loucura dos homens, com que vos escusais? Claro está que sim, nem vós o podeis negar. Pois, se é grande loucura desperdiçar a vida por dois retalhos de pano quem tem obrigação de se vestir, vós, a quem Deus vestiu do pé até a cabeça, ou de peles de tão vistosas e apropriadas cores, ou de escamas prateadas e douradas, vestidos que nunca se rompem nem gastam com o tempo, nem se variam ou podem variar com as modas, não é maior ignorância e maior cegueira deixar-vos enganar, ou deixar-vos tomar pelo beijo com duas tirinhas de pano? Vede o vosso Santo Antônio, que pouco o pôde enganar o mundo com essas vaidades. Sendo moço e nobre, deixou as galas de que aquela idade tanto se preza, trocou-as por uma loba de sarja e uma correia de cônego regrant, e, depois que se viu assim vestido, parecendo-lhe que ainda era muito custosa aquela mortalha, trocou a sarja pelo burel e a correia pela corda. Com aquela corda e com aquele pano, pescou ele muitos, e só estes se não enganaram e foram sisudos.

## §V

*Os roncadores e a ronca de Pedro. A baleia e o gigante Golias. Os pegadores. Davi e S. Antônio, pegadores de Deus. Os voadores e a vaidade de voar. O vôo de Simão Mago. A dissimulação do polvo. Última advertência aos peixes acerca dos bens dos naufragantes.*

356. Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia em que cheguei a ela, ouvindo os roncadores, e vendo o seu tamanho, tanto me moveram a riso como a ira. É possível que,

sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncas do mar? Se com uma linha de coser e um alfinete torcido vos pode pescar um aleijado, por que haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizei-me, o espadarte, por que não ronca? Porque ordinariamente quem tem muita espada, tem pouca língua. Isto não é regra geral, mas é regra geral que Deus não quer roncadores, e que tem particular cuidado de abater e humilhar aos que muito roncam. S. Pedro, a quem muito bem conheceram vossos antepassados, tinha tão boa espada que ele só avançou contra um exército inteiro de soldados romanos, e se Cristo lha não mandara meter na bainha, eu vos prometo que havia de cortar mais orelhas que a de Malco. Contudo, que lhe sucedeu naquela mesma noite? Tinha roncado e barbateado Pedro que, se todos fraqueassem, só ele havia de ser constante até morrer, se fosse necessário, e foi tanto pelo contrário, que só ele fraqueou mais que todos, e bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora em que prometeu tanto de si. Disse-lhe Cristo no Horto que vigiasse; e, vindo daí a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, senão também do que tinha brasonado: *Sic non potuisti una hora vigilare mecum* (Mc. 14,37)? Vós, Pedro, sois o valente que havíeis de morrer por mim, e não pudestes uma hora vigiar comigo? — Pouco há, tanto roncar, agora tanto dormir? Mas assim sucedeu. O muito roncar antes da ocasião é sinal de dormir nela. Pois que vos parece, irmãos roncadores? Se isto sucedeu ao maior pescador, que pode acontecer ao menor peixe? Medi-vos, e logo vereis quão pouco fundamento tendes de brasonar, nem roncar.

357. Se as baleias roncaram, tinha mais desculpa a sua arrogância na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas baleias não seria essa arrogância segura. O que é a baleia entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o Rio Jordão e o Mar de Tiberíades têm comunicação com o Oceano, como devem ter, pois dele manam todos, bem deveis de saber que este gigante era a ronca dos filisteus. Quarenta dias contínuos esteve armado no campo, desafiando a todos os arraiais de Israel, sem haver quem se atrevesse. E no cabo, que fim teve aquela arrogância? Bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com ele em terra. Os arrogantes e soberbos tomam-se com Deus, e quem se toma com Deus, sempre fica debaixo. Assim que, amigos roncadores, o verdadeiro conselho é calar e imitar a S. Antônio. Duas coisas há nos homens que os costumam fazer roncadores, porque ambas incham: o saber e o poder. Caifás roncava de saber: *Vos nescitis quidquam*<sup>8</sup>. Pilatos roncava de poder: *Nescis quia potestatem habeo*<sup>9</sup>? E ambos contra Cristo. Mas o fiel servo de Cristo, Antônio, tendo tanto saber, como já vos disse, e tanto poder, como vós mesmos experimentastes, ninguém houve jamais que o ouvisse falar em saber ou poder, quanto mais brasonar disso. E porque tanto calou, por isso deu tamanho brado.

<sup>8</sup> Vós não sabeis nada (Jo. 1, 49).

<sup>9</sup> Não sabes que tenho poder (Jo. 19,10).

358. Nesta viagem de que fiz menção, e em todas as que passei a linha equinocial, vi debaixo dela o que muitas vezes tinha visto e notado nos homens, e me admirou que se houvesse estendido esta ronha, e pegado também aos peixes. Pegadores se chamam estes de que agora falo, e com grande propriedade, porque, sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte se lhes pegam aos costados, que jamais os desaferram. De alguns animais de menos força e indústria se conta que vão seguindo de longe aos leões na caça, para se sustentarem do que a eles sobeja. O mesmo fazem estes pegadores, tão seguros ao perto como aqueles ao longe, porque o peixe grande não pode dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz às costas, e assim lhes sustenta o peso e mais a fome. Este modo de vida, mais astuto que generoso, se acaso se passou e pegou de um elemento a outro, sem dúvida que o aprenderam os peixes do alto, depois que os nossos portugueses o navegaram, porque não parte vice-rei ou governador para as conquistas, que não vá rodeado de pegadores, os quais se arrimam a eles, para que cá lhes matem a fome de que lá não tinham remédio. Os menos ignorantes, desenganados da experiência, despegam-se e buscam a vida por outra via; mas os que se deixam estar pegados à mercê e fortuna dos maiores, vem-lhes a suceder no fim o que aos pegadores do mar.

359. Rodeia a nau o tubarão nas calmarias da linha com os seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele, que mais parecem remendos ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam-lhe um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa, engole tudo de um bocado, e fica preso. Corre meia campanha a alá-lo acima, bate fortemente o convés com os últimos arrancos, enfim morre o tubarão, e morrem com ele os pegadores. Parece-me que estou ouvindo a S. Mateus, sem ser apóstolo pescador, descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes, diz o evangelista, apareceu o anjo a José no Egito, e disse-lhe que já se podia tornar para a pátria, porque eram mortos todos aqueles que queriam tirar a vida ao Menino: *Defuncti sunt enim qui quaerebant animam pueri* (Mt. 2,20). Os que queriam tirar a vida a Cristo menino, eram Herodes e todos os seus, toda a sua família, todos os seus aderentes, todos os que seguiam e pendiam da sua fortuna. Pois, é possível que todos estes morressem juntamente com Herodes? Sim, porque, em morrendo o tubarão, morrem também com ele os pegadores: *Defuncto Herode, defuncti. sunt qui quaerebant animam pueri*. Eis aqui, peixinhos ignorantes e miseráveis, quão errado e enganoso é este modo de vida que escolheste. Tomai exemplo nos homens, pois eles o não tomam em vós, nem seguem, como deveram, o de Santo Antônio.

360. Deus também tem os seus pegadores. Um destes era Davi que dizia: *Mihi autem adhaerere Deo bonum est*<sup>10</sup>. Peguem-se outros aos grandes da terra, que eu só me quero pegar a Deus. Assim o fez também Santo Antônio, e se não, olhai para o mesmo santo, e vede como está pegado com Cristo, e Cristo com ele. Verdadeiramente se pode duvidar

<sup>10</sup> Mas para mim é bom unir-me a Deus (Sl. 72,28).

qual dos dois é ali o pegador, e parece que é Cristo, porque o menor é sempre o que se pega ao maior, e o Senhor fez-se tão pequenino para se pegar a Antônio. Mas Antônio também se fez menor, para se pegar mais a Deus. Daqui se segue que todos os que se pegam a Deus, que é imortal, seguros estão de morrer como os outros pegadores, e tão seguros que, ainda no caso em que Deus se fez homem e morreu, só morreu para que não morressem todos os que se pegassem a ele. Bem se viu nos que estavam já pegados, quando disse: *Si ergo me quaeritis, sinite hos abire* (Jo. 18,8): Se me buscais a mim, deixai ir a estes. — E posto que deste modo só se podem pegar os homens, e vós, meus peixeziños, não, ao menos deveis imitar aos outros animais do ar e da terra, que, quando se chegam aos grandes e se amparam do seu poder, não se pegam de tal sorte que morram juntamente com eles. Lá diz a Escritura daquela famosa árvore, em que era significado o grande Nabucodonosor, que todas as aves do céu descansavam sobre seus ramos, e todos os animais da terra se recolhiam à sua sombra, e uns e outros se sustentavam de seus frutos; mas também diz que, tanto que foi cortada esta árvore, as aves voaram e os outros animais fugiram. Chegai-vos embora aos grandes, mas não de tal maneira pegados, que vos mateis por eles, nem morrais com eles.

361. Considerai, pegadores vivos, como morreram os outros que se pegaram àquele peixe grande, e por quê. O tubarão morreu porque comeu, e eles morreram pelo que não comeram. Pode haver maior ignorância que morrer pela fome e boca alheia? Que morra o tubarão porque comeu: matou-o a sua gula; mas que morra o pegador pelo que não comeu, é a maior desgraça que se pode imaginar! Não cuidei que também nos peixes havia pecado original! Nós, os homens, somos tão desgraçados, que outrem comeu, e nós o pagamos. Toda a nossa morte teve princípio na gulodice de Adão e Eva, e que hajamos de morrer pelo que outrem comeu, grande desgraça! Mas nós lavamo-nos desta desgraça com uma pouca de água, e vós não vos podeis lavar da vossa ignorância com quanta água tem o mar.

362. Com os voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, voadores, não vos fez Deus para peixes. Pois, por que vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas, e para vossas escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda, entre os peixes, não dos melhores. Dir-me-eis, voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros do vosso tamanho. Pois, porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes, do alto mata-os o anzol ou a fisga; a vós, sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o voador toca na vela, ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome, e engana-os a isca; ao voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto

melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha, e viver, que voar por cima das antenas, e cair morto. Grande ambição é que, sendo o mar tão imenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O voador fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes, como peixe, e todas as cordas laços, como ave. Vê, voador, como correu pela posta o teu castigo. Pouco há, nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés, amortalhado nas asas. Não contente com ser peixe, quiseste ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te água: tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o voador não quisera passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava ele do fogo quando nadava na água; mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-lhe a queimar as asas.

363. À vista deste exemplo, peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar, e quer voar, tempo virá em que não voe, nem nade. Ouvi o caso de um voador da terra. Simão Mago, a quem a arte mágica, na qual era famosíssimo, deu o sobrenome; fingindo-se que ele era o verdadeiro Filho de Deus, sinalou o dia em que nos olhos de toda Roma havia de subir ao céu, e com efeito começou a voar muito alto; porém a oração de S. Pedro, que se achava presente, voou mais depressa que ele, e, caindo lá de cima o mago, não quis Deus que morresse logo, senão que nos olhos também de todos quebrasse, como quebrou, os pés. Não quero que repareis no castigo, senão no gênero dele. Que caia Simão, está muito bem caído; que morra, também estaria muito bem morto, que o seu atrevimento e a sua arte diabólica o merecia. Mas que de uma queda tão alta não rebente, nem quebre a cabeça ou os braços, senão os pés? Sim, diz São Máximo, porque quem tem pés para andar e quer asas para voar, justo é que perca as asas, e mais os pés. Elegantemente o Santo Padre: *Ut qui paulo ante volare tentaverat, subito ambulare non posset: et qui pennas assumpserat, plantas amitteret.* E Simão tem pés, e quer asas, pode andar, e quer voar? Pois quebrem-se-lhe as asas, para que não voe, e também os pés, para que não ande. Eis aqui, voadores do mar, o que sucede aos da terra, para que cada um se contente com o seu elemento. Se o mar tomara exemplo nos rios, depois que Ícaro se afogou no Danúbio, não haveria tantos Ícaros no Oceano.

364. Oh, alma de Antônio, que só vós tivestes asas e voastes sem perigo, porque soubestes voar para baixo e não para cima. Já S. João viu no Apocalipse aquela mulher, cujo ornato gastou todas as suas luzes ao firmamento, e diz que lhe foram dadas duas grandes asas de águia: *Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae.* E para quê? *Ut volaret in desertum* (Apc. 2,14): Para voar ao deserto. Notável coisa, que não de balde lhe chamou o mesmo profeta, grande maravilha: Esta mulher estava no céu: *Signum magnum*



*apparuit in caelo, mulier amicta sole*<sup>11</sup>. Pois se a mulher estava no céu, e o deserto na terra, como lhe dão asas para voar ao deserto? Porque há asas para subir e asas para descer. As asas para subir são muito perigosas; as asas para descer muito seguras, e tais foram as de S. Antônio. Deram-se à alma de Santo Antônio duas asas de águia, que foi aquela duplicada sabedoria natural e sobrenatural tão sublime, como sabemos. E ele, que fez? Não estendeu as asas para subir: encolheu-as para descer, e tão encolhidas, que, sendo Arca do Testamento, era reputado, como já vos disse, por leigo e sem ciência. Voadores do mar — não fala com os da terra — imitai o vosso santo pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, por que vos não suceda encontrar com alguma vela, ou algum costado: encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova, e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

365. Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo, contra o qual tem suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio e Santo Ambrósio. O polvo, com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham contestamente os dois grandes doutores da Igreja Latina e Grega que o dito polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do polvo primeiramente em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores, que no camaleão são gala, no polvo são malícia; as figuras, que em Proteu são fábula, no polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde, se está na areia, faz-se branco, se está no lodo, faz-se pardo, e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui, que sucede? Sucede que o outro peixe, inocente da traição, vai passando desacomodado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o polvo é o que abraça, e mais o que prende. Judas com os braços fez-se o sinal, e o polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante: traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz é à luz, para que não distinga as cores. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor.

367. Oh! que excesso tão afrontoso e tão indigno de um elemento tão puro, tão claro, e tão cristalino como o da água, espelho natural não só da terra, senão do mesmo céu! Lá disse o profeta por encarecimento que, nas nuvens do ar, até a água é escura: *Tenebrosa aqua in nubibus aeris* (Sl.17,12). E disse nomeadamente nas nuvens do ar, para atribuir a escuridade ao outro elemento, e não à *água*, a qual em seu próprio elemento sempre é

<sup>11</sup> Apareceu um grande sinal no céu (Apc. 12,1).

clara, diáfana e transparente, em que nada se pode ocultar, encobrir, nem dissimular. E que neste mesmo elemento se crie, se conserve e se exercite com tanto dano do bem público um monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso, e tão conhecidamente traidor? Vejo, peixes, que, pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estais respondendo e convindo que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em Antônio, vosso pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabeis também, que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser português; não era necessário ser santo.

368. Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações de sal, posto que do mar, e não da terra: *Vos estis sal terrae*. Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes ficam excomungados e malditos. Esta pena de excomunhão, que é gravíssima, não se pôs a vós, senão aos homens, mas tem mostrado Deus por muitas vezes que quando os animais cometem materialmente o que é proibido por esta lei, também eles incorrem, por seu modo, nas penas dela, e no mesmo ponto começam a definhar, até que acabam miseravelmente. Mandou Cristo a S. Pedro que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe que tomasse acharia uma moeda com que pagar certo tributo. Se Pedro havia de tomar mais peixe que este, suposto que ele era o primeiro, do preço dele e dos outros podia fazer o dinheiro com que pagar aquele tributo, que era de uma só moeda de prata, e de pouco peso. Com que mistério manda logo o Senhor que se tire da boca deste peixe, e que seja ele o que morra primeiro que os demais? Ora, estai atentos. Os peixes não batem moeda no fundo do mar, nem têm contratos com os homens, donde lhes possa vir dinheiro: logo, a moeda que este peixe tinha engolido, era de algum navio que fizera naufrágio naqueles mares. E quis mostrar o Senhor que as penas que S. Pedro, ou seus sucessores, fulminam contra os homens que tomam os bens dos naufragantes, também os peixes, por seu modo, as incorrem, morrendo primeiro que os outros, e como mesmo dinheiro que engoliram atravessado na garganta. Oh! que boa doutrina era esta, para a terra se eu não pregara para o mar! Para os homens não há mais miserável morte que morrer com o alheio atravessado na garganta, porque é pecado de que o mesmo S. Pedro e o mesmo Sumo Pontífice não pode absolver. E posto que os homens

incorrem a morte eterna, de que não são capazes os peixes, eles, contudo, apressam a sua temporal, como neste caso, se materialmente, como tenho dito, se não abstêm dos bens dos naufragantes.

## §VI

*Despedida e; advertência final aos peixes. Por que foram eles excluídos por Deus dos sacrifícios da lei antiga.*

369. Com esta última advertência vos despeço, ou me despeço de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o Levítico. Na lei eclesiástica, ou ritual do Levítico, escolheu Deus certos animais que lhe haviam de ser sacrificados, mas todos eles, ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconolação e sentimento para todos os habitantes de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento? O motivo principal de serem excluídos os peixes foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos, e coisa morta não quer Deus que se lhe ofereça nem chegue aos seus altares. Também este ponto era mui importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh! quantas almas chegam àquele altar mortas, porque chegam, e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam, a Deus, o ser sacrificados: vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida: vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência.

370. Ah! peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me for a não tomar a Deus nas mãos, que tomá-lo tão indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão, e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio. Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória; eu discorro, mas vós não ofendeis a Deus com o entendimento; eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade. Vós fostes criados por Deus para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes criados; a mim criou-me para o servir a ele, e eu não consigo o fim para que me criou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis aparecer diante dele muito confiadamente, porque o não atendestes: eu espero que o hei de ver, mas com que rosto hei de aparecer diante de seu divino acatamento, se não cesso de o ofender? Ah! que quase estou por dizer que me fora melhor ser como vós, pois de um homem que tinha

as minhas mesmas obrigações, disse a Suma Verdade que melhor lhe fora não nascer, ou não nascer homem: *Si natus non fuisset homo ille*<sup>12</sup>. E pois os que nascemos homens respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento, contentai-vos, peixes, e dai muitas graças a Deus pelo vosso.

371. *Benedicite cetes, et omnia, quae moventer in aquis Domino*: Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos, e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente; louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários para a vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que vindo a este mundo, viveu entre vós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus que vos conserva; louvai a Deus que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou, e assim como no princípio vos deu sua bênção, vo-la dê também agora. Amém. Como não sois capazes de glória, nem graça, não acaba o vosso sermão em graça e glória.

## *SERMÃO PARA O DIA DE S. BARTOLOMEU EM ROMA*

### *NA OCASIÃO DE PROMOÇÃO DE CARDEAIS*

*Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit*<sup>1</sup>..

#### §I

*Por que se desvela Cristo na eleição dos ministros, e por que dorme na barca dos apóstolos? Assunto do sermão: como eleger os grandes ministros?*

372. Temos hoje desvelado a Cristo: *Erat pernoctans* (Lc. 6,12), e com razão desvelado. Havia de eleger os pastores de sua Igreja, havia de eleger os maiores ministros de sua monarquia: justa e exemplarmente se desvela. Nenhum negócio mais deve tirar o sono a um príncipe, nenhum o deve desvelar mais que a eleição dos grandes ministros, porque desta eleição dependem todas as eleições, todas as resoluções, todas as execuções, e todo o bom governo e felicidade da república. Aqui se faz, ou se desfaz tudo. Justamente, logo, se desvela o supremo rei, justa e exemplarmente o supremo pastor: *Fugiet somnus ab*

<sup>12</sup> Melhor fora ao tal homem não haver nascido (Mt. 26, 24).

<sup>1</sup> Escolheu dentre eles doze, que chamou apóstolos (Lc. 6,13).

*oculis meis*<sup>2</sup>, dizia Jacó, quando pastor de Labão. Se o cuidado das ovelhas tanto desvelava ao pastor, quanto mais deve desvelar ao dono a eleição dos pastores? Lembra-me — vamos do monte ao mar lembra-me que no Mar de Tiberíades corria fortuna a barca do apostolado, e no maior rigor da tempestade se diz de Cristo que dormia: *Ipse vero dormiebat*. (Mt. 8, 24). No mar, Senhor meu, dormindo, e no monte desvelado? Não vos tira o sono a tempestade, e a eleição dos que vão na barca vos desvela tanto? Sim, que quem se desvela nas eleições não periga nas tempestades. Pedro estava ao leme, André, João e Diogo, e os demais aos remos, e quando está a barca tão bem provida, bem pode dormir o patrão. A tempestade estava no mar, a segurança no monte. Onde se fez a eleição, ali se venceu o perigo, e onde estava o perigo, ali houve de ser o desvelar: *Erat pernoctans*.

Este é o ponto sobre que havemos de falar hoje, matéria não só grande, mas entre as maiores a maior. Como se devem eleger os grandes ministros? Cristo nos ensinará, e sua Mãe Santíssima nos alcançará a graça. *Ave Maria*.

## §II

*As três regras das eleições: Com quem se há de fazer, quais devem ser os eleitos, quantos se hão de eleger?*

*Primeira regra: Com quem? Com os parentes, os amigos, os interessados? Com o mais parente, com o mais amigo, com o mais interessado: com Deus. A eleição do substituto de Judas, e a eleição dos sacerdotes na lei antiga.*

*Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit.*

373. Elegeu Cristo hoje os maiores ministros de sua Igreja, e no modo e circunstâncias admiráveis desta eleição, deixou canonicamente prescrito a seus sucessores como eles também os haviam de eleger. Todo o exemplar se reduz a três regras. Primeira: com quem se há de fazer a eleição? Segunda: quais devem ser os eleitos? Terceira: quantos se hão de eleger? Em três palavras: Com quem? Quais? E quantos? Começemos.

374. A primeira pergunta destas é: com quem se hão de fazer as eleições? Com os parentes? Com os amigos? Com os interessados? Não, e sim. Não com os parentes, mas com o mais parente; não com os amigos, mas com o mais amigo; não com os interessados, mas com o mais interessado: com Deus: *In oratione Dei*. No Sagrado Colégio tinha Cristo parentes, tinha amigos, tinha interessados. Tinha parentes, porque tinha a João e os dois Jacobos, primos seus; porém, não consultou estes parentes, senão a Deus, que é o mais parente, porque é pai. Tinha amigos, e muito do seu seio, Pedro, João e Diogo, dos quais fiava tudo, porém não consultou estes amigos, senão a Deus, que é o mais amigo, porque

<sup>2</sup> O sono fugia dos meus olhos (Gên. 31,40).

só seu amor é fiel, e sua vontade reta. Tinha interessados, e estes — como costuma ser — eram todos: *Quis eorum videretur esse major*<sup>3</sup>. E não consultou estes interessados, senão a Deus, que nesta eleição era o mais interessado, porque nos ministros idôneos de sua Igreja vai empenhado seu serviço, sua honra, sua glória, e o bem e salvação do mundo. Por isso o humaníssimo Senhor, que em outras ocasiões chamou a conselho a seus discípulos, nesta nem lhes quis perguntar, nem os quis ouvir, antes, como bem advertiu o grande arcebispo de Bulgária, Teofilato, para exemplo e doutrina dos que agora haviam de ser eleitos, e depois eleitores, tratou tudo com Deus, só por só, em larga oração: *Post orationem* — diz ele — *elegit discipulos, ut doceat etiam nos, quando quempiam in spirituale ministerium sumus ordinaturi, cum precibus hoc faciamus, ut doctis a Deo, et ab illo petentibus, revelet quis idoneus sit*<sup>4</sup>.

375. Todas as circunstâncias do caso pregam e confirmam esta verdade. Primeiramente: *Exit in montem*: subiu-se Cristo a um monte. — Os políticos dirão aqui que, para fazer eleições semelhantes, importa subir a um monte, e muito alto, donde se descubra e veja todo o mundo, os reinos, os estados, os príncipes, as dependências, o poder de uns, a declinação de outros, o de perto, o de longe, o que é, o que pode ser. Mas este modo de subir ao monte, mais tem de tentação que de eleição: *Assumpsit eum diabolus in montem excelsum, et ostendit ei omnia regna mundi, et gloriam eorum*<sup>5</sup>, E a que fim? *Si cadens adoraveris me*<sup>6</sup>. Subir ao monte para descobrir desde o alto os remos do mundo e ver sua grandeza, e onde se acham menos ou mais gloriosas as suas coroas, é mais a propósito para adorar ao diabo, que para eleger instrumentos que o destruam. Cristo subiu ao monte nesta ocasião, não para ver o mundo, mas para se apartar mais dele e para pôr os olhos mais de perto no céu. Por isso subiu de noite, e não de dia: *Erat pemoctans*. Notou Filo Hebreu discretamente que o dia descobre a terra e encobre o céu; a noite descobre o céu e encobre a terra. Esta é a melhor hora de eleger, quando a terra se fecha aos olhos, e o céu se abre. Por isso vai o Senhor de noite, e ao monte. De noite, para não ver a terra, senão o céu; ao monte, para ver mais livremente e mais de perto: *Exiit in montem, et erat pernoctans*.

376. Este tempo e este lugar escolheu Cristo para fazer a eleição em seu lugar e a seu tempo. E para que fosse acertada, consultou só por só com Deus: *In oratione Dei*. Com Deus propunha os fins, sendo o único fim o mesmo Deus; com Deus consultava os meios, não havendo coisa em meio entre ele e Deus; com Deus media os talentos, com Deus pesava os merecimentos, e onde estes eram maiores, ele era o que intercedia, ele era o

<sup>3</sup> Qual deles se devia reputar o maior (Lc. 22,24).

<sup>4</sup> Elegeu os discípulos depois da oração, para ensinar a nós, quando estamos para ordenar alguém no sagrado ministério, que o façamos rezando, a fim de que, instruídos por Deus e por nossas preces, ele nos revele os idôneos.

<sup>5</sup> Transportou-o o demônio a um monte muito alto, e lhe mostrou todos os reinos do mundo, e a glória deles (Mt. 4, 8)

<sup>6</sup> Se prostrado me adorares (Mt. 4,9).

orador: *In montem orare*. Orava como homem para eleger como Deus: orador, e não orado. Vede a diferença maior desta eleição. Nas cortes do mundo os interessados oram, o príncipe elege. No consistório de Cristo os interessados calam, o príncipe ora. Os eleitos não se hão de pedir ao príncipe; há de pedi-los o príncipe a Deus. Estavam duas cadeiras vagas no apostolado, pediu-as ambas a viúva do Zebedeu. E que respondeu Cristo? Que pelo menos lhe daria uma, para satisfazer com outra a outros respeitos iguais? Não. O que respondeu foi: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a patre meo*<sup>7</sup>. Divino modo de negar sem ofender. Eleja Deus, e não se ofenderão os homens; seja Deus o que eleja, e Deus o que nomeie. A nomeação e a eleição, tudo há de ser de Deus: *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit*<sup>8</sup>. Depois que Cristo orou ao Eterno Padre, então saiu a nomeação e a eleição, e primeiro a eleição que a nomeação: *Elegit, et nominavit*. Se um nomeia quando outro elege, não elege quem elege, elege quem nomeia.

377. Bastava só esta razão para ser Deus, e só Deus, o consultado nas eleições; mas há outra mais interior e mais forçosa: o acerto. Não há coisa mais difícil que eleger um homem a outro homem, porque, ou o conhece, ou não. Se o não conhece, elege às cegas; e se o conhece, também: porque, se o conhece, ou o ama ou o aborrece, e tão cego é o amor como o ódio. Mas é certo que, com a paixão, ou ainda sem ela, nenhum homem conhece a outro. O conhecimento do homem é reservado somente a Deus, e ainda nele admirável: *Mirabilis facta est scientia tua ex me*<sup>9</sup>. Necessário é logo que se peça a Deus orando, o que o homem, nem por si, nem por outrem pode alcançar conhecendo. Assim o fizeram os mesmos que hoje foram eleitos, quando quiseram substituir o lugar que vagou de Judas.

378. Propôs S. Pedro, e ele e os demais apóstolos escolheram, de todos os discípulos, os mais eminentes em santidade e os mais experimentados nos exercícios e ministérios do apostolado, que foram Matias e José, chamado o justo. Isto feito, se pôs o colégio em oração. E que pediram a Deus? *Orantes dixerunt: Tu Domine, qui corda nosti omnium, ostende quem elegeris ex his duobus* (At. 1, 24): Vós, Senhor, vós que só conheceis os corações e o interior dos homens, vede qual destes dois elegeis, — e assim se fez a eleição. Eles propuseram e oraram: Deus elegeu. E para ensinar Deus quão errados — ainda sem paixão — são os juízos humanos, não elegeu para apóstolo aquele a quem os homens tinham dado o nome ou a antonomásia de justo. Assim sucedeu Matias no lugar em que hoje foi eleito Judas. Torno a dizer: em que hoje foi eleito Judas. Se em doze eleitos por Cristo, e com Deus, se achou um Judas, em doze eleitos sem Deus e sem Cristo, quantos se acharão? Queira o mesmo Deus que não sejam mais de onze. Por isso só se deverão fazer as eleições com Deus. Corra por conta de Deus o acerto. Como faça o eleitor sua obrigação, não importa que o eleito não faça a sua. Judas não fez o que devera, mas Cristo

<sup>7</sup> Não me pertence a mim o dar-vos-lo, mas isso é para aqueles para quem está preparado por meu Pai (Mt. 20,23).

<sup>8</sup> Escolheu doze, que chamou apóstolos (Lc. 6,13).

<sup>9</sup> Maravilhosa se tem feito atua ciência em mim (Sl.138, 6).

fez o que devia, porque orou antes de eleger, e o consultou primeiro e mui devagar com Deus: *Erat pernoctans in oratione Dei*.

379. Em uma noite se fizeram e acabaram de fazer as eleições, e ao amanhecer do outro dia se nomearam os apóstolos: *Et cum dies factus esset* (Lc. 6,13). Que brevemente se conclui o que se consulta só com Deus! Onde não entram razões temporais, não se gasta tempo. Toda a noite parece que gastou Cristo, como significa o termo: *Erat pernoctans*. Mas é assaz, que doze eleições se façam em doze horas. Quantos dias, quantos meses, quantos anos se gastam muitas vezes em eleger um homem? É porque não se fazem as eleições com Deus. Direis que é necessário fazê-las com grande consideração. Também assim o digo. Com consideração sim, com considerações não, e as considerações são as que levam e as que gastam o tempo. Não quero para isso outro autor que o grande pontífice S. Gregório, mui costumado a fazer grandes eleições. Elegeu Samuel a Saul, e fez-se a eleição com toda esta cerimônia. No primeiro escrutínio saiu a tribo de Benjamin, no segundo a família de Métri, no terceiro a casa de Cis, no quarto a pessoa de Saul: *Quid in hoc significatur* — diz S. Gregório — *nisi quia Sanctae Ecclesiae principes multa consideratione eligendi sunt?* Quis com isto significar Deus que os príncipes de sua Igreja se hão de eleger com muita e mui larga consideração. — Assim foi, mas tudo se fez em quatro escrutínios, e tudo em um dia, porque se fez somente com Deus, sem outras considerações nem dependências. Sobre a eleição do sacerdócio concorreram as doze tribos com outras tantas varas, que foram levadas ao tabernáculo e se puseram na presença de Deus, e em uma noite a vara de Arão se cobriu de folhas, se esmaltou de flores e se encheu de frutos, com que ele foi o eleito e declarado Sumo Sacerdote. Para fazer outro tanto a natureza com as raízes na terra, fora necessário um ano, mas como as varas desarraigadas da terra se puseram na presença de Deus, bastou uma noite. Nesta noite em que orou Cristo, doze vezes se multiplicou este milagre. Floresceram doze varas, e amanheceram ao mundo, para a reforma dele, eleitos doze apóstolos: *Erat pernoctans in oratione Dei, et cum dies factus esset, elegit duodecim ex ipsis*.

### §III

*Segunda regra: Quais hão de ser os eleitos? Nem os maus nem os bons, senão os melhores dos melhores. Nas eleições divinas, os excluídos qualificam os eleitos. Os escolhidos dos escolhidos. As eleições de Saul e Davi. As seis eleições dos apóstolos. Baltasar e Ciro e a balança da justiça. As atenções do sangue e do temor.*

380. Passemos à segunda questão. Quais hão de ser os eleitos? Os maus? Claro está que não. Logo os bons? Não digo isso. Nem os maus, nem os bons, senão os melhores. Ainda disse mal, e ainda pouco. Os melhores dos melhores digo, quais eram os que hoje



elegeu Cristo. Os melhores do povo de Israel, eram os que criam em Cristo; os melhores que criam nele, eram seus discípulos, e os melhores de seus discípulos foram os doze, que hoje elegeu e nomeou por apóstolos: *Elegit duodecim ex ipsis, quos et apostolos nominavit*. Note-se muito, não só a quem, e a quais, mas de quem, e de quais escolheu: *ex ipsis*. Entre os discípulos estava Lucas, estava Marcos, estava Estêvão, e tantos outros eminentemente bons, e melhores que bons. Mas o Senhor, como elegia os apóstolos para eminentíssimos, não elegeu os melhores dos bons, senão os melhores dos melhores. Esta foi a razão por que Cristo chamou diante de si a todos os discípulos, quando escolheu aos apóstolos: *Vocavit discipulos suos, et elegit duodecim ex ipsis* — para que, à vista dos que deixava, se conhecessem melhor os que escolhia. Quis que se lhe conhecesse o jogo pelo descarte. Quando Samuel houve de ungir a Davi, ordenou Deus que viessem primeiro diante dele todos os filhos de Jessé. Veio o morgado Eliab: não é este, diz Deus. Veio Aminadab: nem este. Veio Sama, e outros sete irmãos, e nenhum escolheu Deus, até que veio do campo Davi. Pois, se Davi era o escolhido, para que vêm primeiro à presença de Samuel todos os filhos de Jessé? Para que, vendo Samuel e o pai, quais eram os que Deus deixava, conhecessem melhor qual era o que escolhia: *Vocavit discipulos suos*. Venham todos os discípulos diante de Cristo: exclua-se um Marcos, exclua-se um Lucas, exclua-se um Estêvão, para que, à vista da grandeza dos excluídos, se conheça melhor a eminência dos doze eleitos: *Et elegit duodecim ex ipsis*. Nas promoções humanas os excluídos condenam as eleições; nas divinas os excluídos qualificam os eleitos.

381. *Duodecim ex ipsis*. Não se fez aqui a eleição entre escolhidos e reprovados, senão entre escolhidos e escolhidos, porque, quando se elegem príncipes da igreja, não se há de eleger o escolhido do reprovado, senão o escolhido do escolhido. Ouvi um grande lugar do Evangelho, que ainda entre grandes expositores anda mal-entendido. Chamou o pai de famílias os operários que haviam de trabalhar na sua vinha, uns mais cedo, outros mais tarde, a diferentes horas do dia, e no fim do mesmo dia receberam todos o seu jornal, começando não dos primeiros, senão dos últimos. Daqui tirou e inferiu o Senhor aquela tão celebrada conclusão: *Multi enim sunt vocati, pauci vero electi* (Mt. 20,16): Porque muitos são chamados, e poucos os escolhidos. — A exposição comum destas palavras é que, sendo os chamados todos, os escolhidos são poucos e os reprovados muitos. Mas neste lugar é certo que essa mesma sentença, repetida em outros, não quer dizer tal coisa, nem esse era o intento de Cristo. Prova-se evidentemente, porque todos os que foram à vinha, e entraram nesta comparação, foram escolhidos, porque todos receberam o jornal ou denário, que é o prêmio dos que guardam os dez Mandamentos. Pois se todos eram escolhidos, como infere e conclui Cristo que os chamados são muitos e os escolhidos poucos? Porque a eleição, de que o Senhor falava nesta parábola, é a eleição da preferência aos primeiros lugares: *Erunt novissimi primi*<sup>10</sup>. E esta eleição não se faz entre escolhidos e reprovados,

<sup>10</sup> Os últimos serão os primeiros (Mi. 20, 16).

senão entre escolhidos e escolhidos, quais eram todos os que receberam o denário. E daqui se infere e conclui, com toda a propriedade, que os chamados são muitos e os escolhidos poucos, porque os chamados para esta eleição são todos os escolhidos entre os demais, e os escolhidos para ela são só os escolhidos entre os escolhidos. Assim se viu na eleição de hoje: os chamados foram muitos, porque foram todos os discípulos: *Vocavit discipulos suas* — os quais discípulos eram todos escolhidos, porém os escolhidos destes escolhidos foram só os doze apóstolos: *Elegit duodecim ex ipsis. Ex ipsis*, que eram os escolhidos, *ex ipsis*, que eram os melhores, porque os príncipes da Igreja hão de ser o escolhido do escolhido, e o melhor do melhor.

382. Duas eleições temos de Deus no Testamento Velho, em que não se requeria nem se professava tanta perfeição, e sendo não eclesiásticas, senão seculares — e bem significativas da nossa Igreja, como notou S. Agostinho — vede quais foram os escolhidos. O primeiro foi Saul, o segundo Davi. E por que foi Saul o primeiro? Porque era o melhor, diz o texto sagrado! *Non erat vir de filiis Israel melior ilio* (1 Rs. 9,2); nenhum em todo Israel era melhor que ele. E por que ninguém cuide que havia algum tão bom, acrescenta a mesma Escritura que ninguém he era igual: *Quoniam non sit similis illi in omni populo*<sup>11</sup> Nenhum era melhor, porque dos melhores ele era um; e nenhum era tão bom, porque dos melhores ele era o melhor. Davi também vivia em tempo de Saul, donde se infere coisa muito digna de se notar, que, quando Saul foi eleito, era melhor que Davi. Assim o afirma o bispo Abulense e acrescento a Abulense a pregação de bispo, porque nenhuma autoridade citei, nem citarei neste sermão, que não seja de autor constituído na primeira dignidade eclesiástica: *Respondendum*, diz ele, *quod David erat melior Saule, postquam peccavit: Saul tamen, antequam peccaret; erat melior quam David*. Elegeu pois Deus a Saul, porque ainda que David era tão singular entre os melhores, contudo Saul naquele tempo era melhor que Davi. Não respeitou Deus em Davi o que haveria de ser seu pai; antepôs-lhe o melhor. Quando elegeu Deus a Davi? Quando foi melhor que Saul. Expressamente o texto: *Scidit Dominus regnum Israel a te hodie, et tradidit illud proximo tuo meliori te* (1 Rs. 15,28): Tirou-te Deus hoje a coroa — diz Samuel a Saul — porque a tem dado a outro homem melhor do que tu és. — Não há outro porquê nas eleições de Deus, senão o ser ou o não ser melhor. Quando Saul era melhor que Davi, elegeu a Saul; quando Davi foi melhor que Saul, elegeu a Davi: sempre o melhor do melhor.

383. Oh! quão bem recebidas seriam as eleições e quão aplaudidos os eleitos e os eleitores, se observassem os homens esta regra de Deus! Eleito que foi Saul, e achado — porque se escondera — trouxe-o o profeta Samuel a público, e mostrou-o ao povo. E que tal era? *Stetit in medio populi, et altior fuit universo populo ab humero, et sursum* (1 Rs. 10,23). Apareceu Saul em meio do povo, grandes e pequenos, e viram todos que, dos ombros para cima, era mais alto que todos. — Não grande entre os pequenos, não maior

<sup>11</sup> Não há em todo o povo quem lhe seja semelhante (1 Rs. 10 24).

entre os grandes, mas sobre todos os maiores maior: *Ab humero, et sursum*. Com toda a cabeça excedia aos demais. Não era maior na idade, nem maior na riqueza, nem maior na potência, nem maior nos amigos e parentes, senão maior na cabeça, e por isso o fez Deus cabeça de todos. Então levantou o profeta a voz, e disse: *Certe videtis, quem elegit Dominus: quoniam non sit similis illi* (1 Rs. 10,24): Vossos olhos são testemunhas que este, a quem elegeram Deus, é o maior e mais digno, e nenhum a ele igual. — E a esta voz e a esta vista, que se seguiu? Seguiram-se os vivas e aclamações de todos: *Vivat Rex*. Eleja-se o maior e o melhor, e os mesmos excluídos dirão: Viva!

384. Portou-se Cristo tão e exato na observância ou no exemplar desta regra, que não só a observou com os apóstolos eleitos, a respeito dos excluídos, senão também a respeito dos mesmos eleitos uns com os outros, elegendo e nomeando primeiro os maiores e melhores. Não sei se tendes reparado que, sendo os eleitos doze, as eleições foram seis. Assim se colhe dos evangelistas, que com modo particular e nunca outra vez usado, os vão contando a pares e nomeando de dois em dois: *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit: Petrum et Andraeam: Jacobum et Joannem: Philippum et Bartholomeum, etc.* Elegeram Cristo os doze apóstolos, não juntos, senão por partes, e a pares: primeiro dois, Pedro e André, depois outros dois: Diogo e João, e assim os demais, preferindo sempre os melhores e mais dignos, começando por Pedro, e acabando em Judas. Porque não só devem eleger-se os melhores, mas ainda entre os melhores que se elegem, os melhores dos melhores devem sair primeiro. De sorte que as eleições que se fazem com Deus, e por Deus, olham sempre tanto para o melhor, que se há muitos melhores, os melhores dos melhores não de ser os primeiros eleitos e depois sucessivamente os outros. De doze, Pedro e André; de dez, João e Diogo; de oito, Filipe e Bartolomeu, e assim dos demais, dando-se sempre o primeiro lugar e a primeira nomeação aos primeiros, isto é, aos que mais o merecem, não por outro respeito, que por melhores.

385. Mas porque esta doutrina parece miúda e apertada, é necessário darmos a razão dela. Que razão há para se elegerem não só os bons, senão os melhores, e ainda dos melhores, os que forem ou o que for melhor? A razão é porque o que elege não só é obrigado a procurar o bem público, senão o maior bem. Por isso não deve eleger nem o mau, nem o bom, senão o melhor. O mau não, porque este fará mal; o bom também não, porque este fará menos bem; o melhor, e só o melhor sim, porque este fará melhor. Entre o bom e o melhor há a mesma diferença que entre o menos e o mais; e deste mais de bem, que cresce sobre o menos de bem, não deve privar a república ou a Igreja àquele que é obrigado a lhe procurar o seu maior bem. Há-se de pôr em balança o menos e o mais, e assim se não de fazer as eleições. O melhor, que pode servir mais à Igreja, eleito; o que a pode servir menos, ainda que bom, excluído. Que escreveu a mão de Deus, quando foi excluído do governo e da coroa el-rei Baltasar? *Appensus es in statera, et inventus est minus habens* (Dan. 5, 27): Foste pesado na balança, e achou-se que tinhas menos. —

Menos é correlativo de mais, e quem foi achado com mais em comparação de Baltasar, que foi achado com menos? Era o rei Ciro, que lhe sucedeu. Pôs Deus em balança de uma parte a Ciro, e da outra a Baltasar, e porque Ciro havia de ser mais útil à Igreja e ao seu povo, que então estava desterrado e cativo em Babilônia, como verdadeiramente foi, mandando-lhe restituir a liberdade, a pátria e o tempo; porque Ciro, digo, havia de ser mais útil, e Baltasar menos, este menos lhe tirou a púrpura e a coroa a Baltasar, e este mais a deu a Ciro.

386. Há de fazer a balança da justiça neste caso o que a balança da cobiça nos seus. Digamo-lo mais claro. Há de fazer a cobiça do bem público o que faz a cobiça do bem particular. A quem dá a cobiça as dignidades, e a quem as tira? Dá-as a quem vê que tem mais, porque recebe, ou espera mais: tira-as a quem vê que tem menos, porque, ou não recebe, ou espera menos. Sabeis, sacerdote virtuoso, sabeis, religioso exemplar, sabeis, ministro zeloso e incorrupto, sabeis doutor grão-letrado, por que fostes excluído? Porque *inventus es minus habens*. O eleito não tinha mais virtude, nem mais letras, nem mais zelo, nem mais talento que vós; mas tinha mais. Quando se busca o que tem mais, pobre do que tem menos! Assim há de atender ao mais e ao menos a cobiça do eleitor, somente ambicioso do bem público. Exclua aqueles de quem se espera menos, ainda que bons, e eleja os que prometem de si mais, que são os melhores. Este é o único respeito que faz as eleições justas, e não respectivas. Todos os outros respetos e atenções que respeitam ao bem e útil particular, são peste da república, e tanto mais venenosa, quanto mais chegada às veias.

387. Dois respetos ou duas atenções podiam ocorrer na eleição de hoje, uma do sangue, outra do temor: a do sangue em João, a do temor em Judas. João era parente, e parente mui querido, mas nem por isto João foi anteposto a Pedro, senão Pedro a João. Judas não havia de seguir as partes de Cristo, antes se havia de unir com a parcialidade de seus inimigos; mas nem por esse temor foi excluído Judas. E por quê? Porque Cristo tratava de eleger apóstolos, e não de multiplicar criaturas: *Et Judam Scariotem, qui fuit prodito*<sup>12</sup>. Até Judas foi eleito, porque era ao presente dos melhores, ainda que depois fosse, ou havia de ser, inimigo. Seja Judas traidor a quem o elege, mas quem elege não seja traidor à eleição. Tão fiel, tão generoso e tão magnânimo se mostrou Cristo no eleger, ainda ao duodécimo dos doze: *Elegit duodecim ex ipsis*.

#### §IV

*Terceira regra: quantos hão de ser eleitos? Hão de ser poucos, porque hão de ser os melhores. Por que são doze os apóstolos? S. Paulo, ministro supernumerário? A grandeza de Judas. Os inconvenientes dos lugares vagos e a eleição de Matias. Não basta só eleger*

<sup>12</sup> E Judas Iscariotes, que foi o traidor (Lc. 6, 16).

*senão eleger e declarar.*

388. A terceira e última questão é: quantos hão de ser os eleitos? Hão de ser poucos ou muitos? Número certo ou incerto? Arbitrário ou estabelecido? Cheio ou não cheio? A tudo responde Cristo em uma palavra: *Duodecim*: doze. Vamos por partes. Se hão de ser poucos ou muitos? Responde Cristo que poucos. E por quê? Porque, havendo de ser os eleitos, como dissemos, os melhores, quando não são muitos os bons, não podem ser os melhores muitos. Em poucos há ordem, há união, há conselho; na multidão nem ordem, porque será perturbação, nem união, porque será discórdia, nem conselho, porque será tumulto. Os ministros hão de ser como as leis; as leis hão de ser poucas e bem guardadas, e os ministros poucos e escolhidos: *Elegit duodecim*.

389. Governa Deus a universidade deste mundo, e quantos lhe assistem? Sete espíritos: *Gratia vobis, et pax ab eo, qui est, et qui erat, et qui venturus est, et a septem spiritibus, qui in conspectu throni ejus sun*<sup>13</sup>. Sete com os olhos no que era, no que é, e no que há de vir, bastam para manter o mundo em graça e em paz: *Gratia vobis, et pax*. Mas perde-se a graça, e a paz não se acha, porque se põem os olhos, não no que é e há de vir, senão no que não é e querem que seja, e no que não devera vir e querem que venha. Por isso não fazem setenta o que puderam fazer sete. É verdade que os homens não são anjos, ainda que o deviam ser. Assim o diz logo o mesmo S. João, nomeando os bispos de Ásia: *Angelo Ecclesiae Ephesii: Angelo Ecclesiae Smyrnae: Angelo Pergami Ecclesiae* (Apc. 2,1,8.12). Mas ainda que os homens não sejam anjos, o que fazem sete anjos, bem o podem fazer doze homens, se forem eleitos com Deus, e por Cristo. Tudo tinha dito Davi: *Pro patribus tuis nati sunt tibi fili*. Pelos doze pais vos nasceram doze filhos. Quer dizer: pelos doze patriarcas fareis doze apóstolos: *Constitues eos principes super omnem terram* (Sl. 44,17): A estes doze fareis príncipes de toda a terra. — E que seguirá? *Memores erunt nominis tui; propterea populi confitebuntur tibi*<sup>14</sup>, Eles se lembrarão de Deus, e Deus porá a seus pés todos os povos do mundo. Doze homens que se lembrem de Deus bastam para sujeitar o mundo a Deus. Mas se estes, ou seus sucessores, se esquecerem de Deus, não só não hão de trazer os povos a Deus, mas Deus perderá os que já tinha. Tanto podem desfazer muitos homens, e tanto podem fazer poucos: *Multiplicasti gentem, non magnificasti laetitiam*<sup>15</sup>. O muito não o faz a multidão. A multidão faz muitos; os poucos fazem muito. *Non in numeri multitudine, sed in virtutis probitate multitudo consistit*<sup>16</sup>, comenta o que, sendo um, fez o que muitos não fazem, o grande arcebispo de

<sup>13</sup> Graça a vós outros, e a paz da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do teu trono (Apc. 1, 4).

<sup>14</sup> Em lugar de teus pais te nasceram filhos; estabeleçê-los-ás príncipes sobre toda a terra. Lembrar-se-ão do teu nome, e por isso os povos te louvarão (Sl. 44, 17 s).

<sup>15</sup> Multiplicaste a gente, não aumentaste a alegria (Is. 9,3).

<sup>16</sup> A multidão não está no número, mas na virtude.

Constantinopla, Crisóstomo.

390. Mas este número, será bem que seja certo ou incerto? Arbitrário ou estabelecido? *Duodecim*: doze. Ensina Cristo que há de ser certo e estabelecido, e não incerto nem arbitrário. O número dos doze apóstolos não só estava estabelecido, mas predestinado. Estabelecido nos doze patriarcas, filhos de Jacó, nos doze exploradores da Terra de Promissão, nas doze fontes do deserto, nas doze pedras do racional. Predestinado nos doze fundamentos e nas doze portas da Cidade de Deus, nas doze estrelas da mulher vestida do sol, e nas doze cadeiras do juízo universal. E como era número canonicamente decretado e consagradamente misterioso, sendo Cristo superior a todas as leis e Senhor delas, observou exatamente a religião do mistério, e não quis mudar, nem alterar o número. Ponderou o caso profundamente S. Pascásio, e diz assim: *Adeo autem Christus secum voluit esse duodecim, ut ne Judas posset efficere, ut tantum essent undecim*: Foi tão observante e tão observador Cristo do número decretado, que teve por melhor meter no número a Judas, que não observar pontualmente o número. Sejam doze, como está decretado, ainda que Judas seja o duodécimo. E se foi muito não diminuir o número por Judas, não foi menos não acrescentar o número, nem por Marcos, nem por Estêvão. Não se altere o número estabelecido, ainda que fiquem fora dele o terceiro evangelista e o primeiro mártir.

391. Maior ponderação. Pergunta S. Pedro a Cristo: *Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te; qui dergo erit nobis*<sup>17</sup>? Responde Cristo: *Sedebitis super sedes duodecim*<sup>18</sup>. Vós, os que deixastes por mim tudo e me seguistes, sentar-vos-eis no dia do meu juízo sobre doze cadeiras. — Senhor meu! E se houver também outros que vos sigam e deixem tudo por vós, como os apóstolos, e mais ainda que eles, não haverá cadeiras para eles? Não. *Sedes duodecim*. O número das cadeiras é de doze: doze são, e não mais, os que se hão de assentar. Não se há de multiplicar o número dos lugares, ainda que cresça o número dos beneméritos. Pague-se o merecimento, sim, mas com outros prêmios: não devem ser as cadeiras mais que doze. Não se hão de multiplicar dignidades, não se hão de multiplicar lugares, não se hão de fazer ministros supernumerários. Se são doze os patriarcas, sejam doze os apóstolos, e não mais de doze. Se são setenta os anciãos do povo, sejam setenta os discípulos, e não mais de setenta. E por quê? Porque, cerrado o número, cerra-se a porta a inconvenientes sem-número. Vós o discorrei, que o sabeis melhor. Porém direis que Cristo, posto que tão observador do número, fez algum ministro supernumerário, que foi S. Paulo. S. Matias não, porque *annumeratus est cum undecim*<sup>19</sup>. Porém S. Paulo foi verdadeiramente supernumerário, porque nem foi do número da primeira eleição, nem do número da segunda, e foi o apóstolo décimo terceiro. Grande privilégio

<sup>17</sup> Eis aqui estamos nós que deixamos tudo, e te seguimos; que galardão pois será o nosso (Mt. 19,27)?

<sup>18</sup> Estareis sentados sobre doze tronos (Mt. 19, 28).

<sup>19</sup> Foi contado com os onze (At. 1,26).

verdadeiramente de S. Paulo! E todas as vezes que houvesse um S. Paulo, eu admitira facilmente que se alargassem as leis, para crescer tal companheiro ao Sagrado Colégio. Mas adverti que não foi acrescentado o número por medo das provisões que levava de Jerusalém contra Damasco, senão pela eminência do talento, e por fins altíssimos da maior glória de Deus e de seu nome, e por eleição mui livre, mui soberana, mui de Cristo e para Cristo: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomem meum coram gentibus, et regibus*<sup>20</sup>. Não por respeito dos reis, senão para os sujeitar.

392. Mas ainda assim digo que não foi supernumerário Paulo, nem por ele, ou com ele se excedeu o número. Assim o diz a Igreja: *Qui meruit thronum duodecimum possidere*. A cadeira que ocupou e se deu a S. Paulo não foi supernumerária, senão, do número das doze, a duodécima. Pois a duodécima não se deu a S. Matias? Sim, a Matias, e mais a Paulo: ambos foram providos e nomeados na mesma cadeira, para que se veja quão justificada havia sido a eleição de Judas, e qual foi o seu precipício. Prudêncio chamou a Judas: *Magnum discipulum*: o grande dos discípulos. Não fora tão mau se não houvera sido tão grande. A corrupção do melhor é o pior. Escolheu Cristo em Judas um homem tão grande, que a vacância ou o vazio do seu lugar não o encheu só Matias, senão Matias e Paulo. Onde também se deve notar que esta multiplicação de dois sujeitos em lugar de um, não foi contra o número estabelecido, senão mui conforme a ele. O número dos doze apóstolos foi decretado e estabelecido no número dos doze patriarcas. Estes são os vinte e quatro anciãos que viu S. João assistir ao trono do Cordeiro, como observam comumente os Padres: doze patriarcas e doze apóstolos. Porém nos doze patriarcas houve um lugar que se substituiu com dois, que foi o lugar de José, substituído em Manassés e Efraim. E assim como o lugar de José, o vendido, se substituiu com dois, Efraim e Manassés, assim o lugar de Judas, o vendedor, se substituiu com outros dois, Matias e Paulo. Tão observador foi Cristo do número canonicamente decretado, que nem para dar e abrir lugar a S. Paulo quis exceder o número: *Elegit duodecim*.

393. Esta é a razão por que não elegeu Cristo mais de doze. Resta saber por que não elegeu menos, e por que encheu o número? Porque não convém que haja lugares vagos. A natureza não admite vácuo, nem o deve admitir a política, ou seja sagrada ou profana. Um lugar vago na república tem os mesmos inconvenientes que teria no mundo o vácuo. Se houvera vácuo no mundo, havia-se de inquietar toda a natureza, havia de correr toda impetuosamente a ocupar aquele lugar. O mesmo sucede nos lugares vagos. Inquietações, perturbações, tumultos, e tanto mais precipitosos e desordenados, quanto correm todos, não ao comum, senão cada um ao seu, não a encher o lugar, mas a encher-se com ele. A todos estes inconvenientes se cerra a porta com cerrar o número. Melhor é cerrar o número que a porta. Na parábola das virgens, cerrou-se a porta: *Clausa est janua* (Mt. 25,11), mas não se cerrou o número, porque eram dez os lugares: *Decem virginibus*. E como o número não

<sup>20</sup> Este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante das gentes e dos reis (At. 9, 15).

estava cerrado, posto que estivesse cerrada a porta, que haviam de fazer as néscias, senão clamar, e dar vozes, e inquietar as bodas? Davam vozes as virgens, davam vozes as alâmpadas acesas, e o dinheiro despendido também dava vozes. Para evitar clamores, cerrar o número.

394. Que bem entendeu esta importância o primeiro Vigário de Cristo! A primeira coisa que fez em seu governo, foi encher o número dos doze. Falando de Judas, reparou no número: *Qui connumeratus erat in nobis*<sup>21</sup>. E logo encheu o mesmo número com Matias: *Et annumeratus est cum undecim* (At. 1, 26). E por que tão depressa, e sem mais dilação? Porque entendeu que assim importava, e assim o disse: *Oportet ergo* (At. 1, 21). Os apóstolos não haviam de repartir entre si o mundo — como o não repartiram — senão dali a doze anos. E, contudo entendeu Pedro, alumiado pelo Espírito Santo — antes de sua vinda — que logo importava encher o lugar e o número: *Oportet*. Não aguardou memoriais, não aguardou intercessões, não aguardou obséquios, nem pretensões, nem dependências, antes, por fechar a porta a todos esses embaraços, fechou o número. Para vacar ao que mais importa, importa que não haja lugares vagos. Por isso elegeu Cristo, doze, e nomeou e declarou doze: *Elegit duodecim, quos et apostolos nominavit*.

395. Não basta só eleger o número, senão elegê-lo e declará-lo. Elegeu Cristo a doze, e declarou a doze. Soube-se que eram doze os eleitos, e no mesmo ponto se soube também, que os eleitos eram Pedro e André, João e Diogo, e os demais. Pudera Cristo eleger as pessoas e encher o número, e calar os nomes, ao menos os de alguns, e deixá-los *in pectore*. É certo que, se de alguma vez tinha lugar esta suspensão e este segredo, era na presente. Ficavam excluídos do apostolado setenta discípulos, todos dignos e muitos digníssimos. Bem podiam logo ficar eleitos *in pectore* alguns, pelo menos para que, não se sabendo quais eram, entretivesse esta suspensão a esperança de todos, e não pudesse queixar-se nenhum dos excluídos, podendo ser dos que eram secretamente eleitos. Pois, por que não fez Cristo esta reservação? Por muitas razões. Primeira, porque tinha peito para isso. Reservar *in pectore* não sei se alguma vez é falta de peito. Em segundo lugar, porque semelhantes reservações não se fazem sem justos respeitos, e é melhor não haver respeitos, ainda que justos. Finalmente elegeu Cristo, e não ocultou algum, mas declarou logo todos os eleitos, porque era tão justificada a eleição, que não temia a queixa. Não quis Cristo afrontar a eleição, nem os eleitos, nem os excluídos. Não quis afrontar a eleição, porque fora grande afronta ser ela tal que temesse sair a público. Não quis afrontar os eleitos, porque ocultá-los seria confessar que não eram os mais dignos. Não quis afrontar os excluídos, porque supô-los descontentes era declará-los ambiciosos. Declarar tudo foi honrar a todos: à eleição com a justiça, aos eleitos com o merecimento, aos excluídos com o desinteresse. Sobretudo ficou honrada toda a escola de Cristo, porque a honra e crédito maior de uma comunidade é que faltem lugares e sobejem beneméritos. A maior grandeza

<sup>21</sup> O qual estava entre nós alistado no mesmo número (At. 1,17).



do convite de Cristo no deserto foram as sobras. Elegeu Cristo doze apóstolos, mas sobejaram setenta que o mereciam ser, e provaram todos que o mereciam, porque nenhum se mostrou queixoso. Setenta exclusões, e nenhuma queixa! Oh! século bem-aventurado! Quase que estou para dizer que foram os excluídos maiores que os eleitos. Os eleitos eram grandes, porque todos mereceram ser apóstolos; os excluídos parecem maiores, porque nenhum invejou o apostolado. Com esta dignidade ficaram todos, quando as dignidades se deram só a doze: *Elegit duodecim*.

## §V

*E S. Bartolomeu? S. Bariolomeu ocupa o lugar de maior honra, o lugar do meio, que também é o primeiro. O sárdio, pedra carnerina, símbolo do apóstolo esfolado. A pele, engano dos que elegem. As peles tintas de púrpura do Tabernáculo. Samuel e a beleza de Eliab.*

396. Tenho acabado as três partes do meu discurso. Mas vejo que me perguntam os ouvintes por S. Bartolomeu, como se, em quanto disse até agora, não falara dele. Tudo o que disse do melhor dos melhores se entende deste gloriosíssimo apóstolo. E se por ser no seu dia é lícito dar-lhe alguma preferência aos demais, o mesmo lugar que lhe dá o Evangelho entre os eleitos não favorece pouco este pensamento. O lugar que dá o Evangelho a S. Bartolomeu é o sexto, e se tirardes daquele sagrado número — como se deve tirar — a Judas reprovado, o sexto entre os onze é o lugar do meio, sempre e em todas as nações estimado pelo de maior honra. Do sábio humilde disse o Espírito Santo que se assentaria no meio dos magnatas: *Sapientia humiliati exaltabit caput illius, et in medio magnatorum consedere illum faciet*<sup>22</sup>. E quem foi entre os apóstolos o sábio humilde, senão Bartolomeu? S. Bartolomeu, segundo a opinião mais recebida, foi aquele grande doutor da lei, Natanael, de quem disse o mesmo Cristo: *Ecce vere Israelita in quo dolus non est*<sup>23</sup>. E deste grande sábio metido entre pescadores humildes e idiotas — mas esses os magnatas do reino de Cristo — se verifica, pelo lugar que tem no meio de todos, a promessa do divino oráculo: *In medio magnatorum consedere eum faciet*.

397. Daqui se ficará entendendo a solução ou concórdia, de dois textos ao parecer muito encontrados, um do Testamento Velho, outro do Novo. No Testamento Velho foram significados os doze apóstolos nas doze pedras do racional que o Sumo Sacerdote trazia sobre o peito (Êx. 28,17), e no Testamento Novo são significados outra vez nas mesmas doze pedras dos fundamentos da cidade nova de Jerusalém, que São João viu descer do céu. A dúvida agora, e o encontro, está na disposição e ordem nas mesmas pedras, porque

<sup>22</sup> A sabedoria daquele que é de baixa condição o sublimará em honras, e o fará assentar no meio dos grandes (Eclo. 11,1).

<sup>23</sup> Eis aqui um verdadeiro israelita, em que não há dolo (Jo. 1,47).

no racional a primeira pedra era sárdio, e nos fundamentos da Jerusalém celeste a mesma pedra sárdio era a sexta (Apc. 21, 20). Pois se esta pedra em uma parte tem o primeiro lugar, como se lhe dão sexto na outra? O sexto lugar, como diz S. Lucas, é o de S. Bartolomeu; a pedra sárdio, como diz S. João, é o sexto apóstolo: pois, se o sárdio, e Bartolomeu, em uma parte tem o sexto lugar, como tem na outra o primeiro? Porque o lugar do meio é o primeiro lugar, e quando o sexto lugar é o do meio — como é o de S. Bartolomeu — é sexto e primeiro juntamente. Por isso nas doze pedras dos fundamentos da Jerusalém nova tem o sárdio o sexto lugar, e nas doze pedras do racional, o primeiro. Este é pois o lugar que em um e outro Testamento se deu a São Bartolomeu, porque os primeiros lugares, como até agora mostramos, se devem dar ao melhor do melhor.

398. Plínio, tratando da pedra sárdio, diz que é tão semelhante à carne viva, que parece carne convertida em pedra preciosa<sup>24</sup>. Por esta semelhança se chama vulgarmente pedra carnerina. E quem não vê retratado nela ao natural o nosso São Bartolomeu, todo em carne viva e sem pele, da qual se deixou esfolar ou ir esfolando por partes, crudelissimamente, com tal valor, fortaleza e constância, como se não fora de carne, mas verdadeiramente de pedra. Os doze artigos da fé que se contêm no Símbolo também foram repartidos pelos doze apóstolos, pronunciando cada um o seu. E o sexto, que coube a S. Bartolomeu, foi o da ressurreição, com a mesma propriedade, porque a carne ressuscitada é viva e impassível. Assim o provou a do fortíssimo apóstolo, com assombro dos tiranos, quando o esfolavam vivo, sendo tal a dureza da sua paciência naquele estranho tormento, que mais parecia impassibilidade que paciência. E desta sorte ficou Bartolomeu entre as doze estátuas dos apóstolos, singular na figura e no exemplo. No exemplo, digo, das virtudes heróicas, de que devem ser dotados os que hão de ser eleitos aos primeiros lugares da Igreja; e na figura com que devem pôr neles os olhos, e formar deles juízo os eleitores.

399. Não há coisa que mais engane o juízo dos que elegem, e que mais embarace e perturbe o acerto das eleições, que a pele. O merecimento ou capacidade dos homens não se há de considerar pelo que aparece e se vê de fora, senão pelo que têm e pelo que são de dentro. Dispam-se primeiro da pele e de tudo o que neles é exterior, e então se fará verdadeiro juízo do que merecem. No princípio do mundo, assim como Deus ia dando ser e forma às criaturas, assim as ia logo aprovando com aquele testemunho geral: *Vidit Deus, quod esset bonum*<sup>25</sup>. Criou finalmente o homem, e é coisa mui notada e digna de se notar, que só ao homem não desse aprovação, nem diga dele a Escritura que viu Deus que era bom. Pois, se todas as outras criaturas, sendo menos perfeitas, tiveram esta aprovação dos olhos de Deus, o homem, que era mais perfeito que todas, e formado por suas próprias mãos, por que a não teve? Excelentemente Santo Ambrósio: *Ideo homo non ante laudatur, quia non in forensi pelle, sed in interiori homine ante probandus*: Não teve o homem a

<sup>24</sup> Plin. Lib. 37, cap. 6.

<sup>25</sup> E viu Deus que era bom (Gên. 1,10).

aprovação dos olhos de Deus, como a tiveram as outras criaturas tanto que as via, porque os homens não se hão de julgar pela pele, e pelo que se vê de fora, senão pelo que têm e pelo que são de dentro: *Non in forensi pelle, sed in interiori homine*. As outras coisas são aquilo que nelas se vê; no homem o que se vê é o menos, o que se não vê é o tudo: *Alia in specie sunt, homo in occulto*.

400. Não nego que a pele, se o interior do homem ou o homem interior, feita exata anatomia, é qual deve ser, acrescenta decência à pessoa e autoridade ao lugar, e que no tal caso assentará muito bem a púrpura sobre a pele. Por isso no primeiro templo, que foi o Tabernáculo, mandou Deus que estivesse coberto com peles tintas de púrpura: *Pelles rubricatas* (Êx. 25,5). Mas estas mesmas peles, que é o que cobriam, e que é o que havia debaixo delas? Arca do Testamento, Tábuas da Lei, Querubins, Propiciatório, Deus. Quando isto é o que cobrem as peles, bem é que elas também se cubram de púrpura. Mas se há muitas peles como verdadeiramente há — que, cobrindo semelhantes tesouros do céu, nem por isso se vêem rubricadas, consolem-se com os discípulos que na eleição de hoje ficaram excluídos. Digam ou cantem com aquela alma escolhida de Deus: *Nigra sum, sed formosa: sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis*<sup>26</sup>. As riquezas de Cedar, e as jóias de Salomão, e, o que é mais, o mesmo Salomão, bem pode andar debaixo de peles pouco agradáveis à vista. O de dentro e o que se encobre aos olhos, é o que faz o homem: o exterior é o que se vê, assim como é natureza, e não merecimento nem culpa, assim se não deve louvar nem desprezar nele: *Non laudes virum in specie sua, neque spernas hominem in visu suo*<sup>27</sup>, diz o Espírito Santo, falando nomeadamente dos que devem ser exaltados aos lugares maiores.

401. Quando Samuel foi ungir por rei um dos filhos de Jessé, o primeiro que o pai lhe apresentou foi, como dissemos, Eliab, seu primogênito, mancebo de gentil presença e de galharda estatura. E tanto que o profeta o viu, lhe pareceu a pessoa verdadeiramente digna de império. Porém Deus o advertiu logo que se não deixasse levar daqueles exteriores, porque não era ele o escolhido, antes o tinha reprovado, e ainda desprezado: *Ne respicias vultum ejus, neque altitudinem staturae ejus, quoniam abjeci eum*<sup>28</sup>. E acrescentou o Senhor — sentença que os príncipes deviam trazer sempre diante dos olhos: *Nec juxta intuitum hominis ego judico: homo enim videt ea quae parent, Dominus autem intuetur cor*: Eu, diz Deus, não julgo pela vista, como os homens, porque eles vêem só o que aparece de fora: eu vejo o coração e o que está dentro (1 Rs. 16,7). Assim hão de ver e julgar os que elegem, para que sejam acertadas as eleições. Não com os olhos de homens, que param nas aparências exteriores, mas com olhos de Deus, que penetram o interior e o coração, em que consiste o ser, o valor, e a diferença de homem a homem. Hão-se de julgar

<sup>26</sup> Sou trigueira, mas formosa, assim como as tendas de Cedar, como os pavilhões de Salomão (Cânt. 1,4).

<sup>27</sup> Não louves o homem pela sua gentileza, nem o desprezes pelo seu exterior (Eclo. 11. 2).

<sup>28</sup> Não olhes para o seu vulto. nem para a altura da sua estatura, porque eu o rejeitei (1 Rs. 16.7).

e avaliar os homens não só despídos das galas, que também subornam e enganam, senão despídos também da pele, que muitas vezes com uma valente pintura se cobre um coração muito fraco, qual era o de Eliab. Eliab na estatura era muito maior que Davi, mas Davi no coração era muito maior que o gigante; e este coração, que não viam os homens, é o que via e escolheu Deus: *Dominus autem intuetur cor*. Sendo pois os interiores os que fazem e distinguem os homens, e só Deus o que vê e conhece os interiores, por isso se devem consultar as eleições dos homens muito devagar com Deus; como Cristo fez neste dia, ou nesta noite: *Erat pernoctans in oratione Dei*.

## **SERMÃO DO MANDATO**

*PREGADO NA CAPELA REAL, ANO DE 1645*

*Sciens Jesus quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem, cum dilexisset suos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos<sup>1</sup>.*

### §I

*O intento do evangelista e o de Cristo no presente Evangelho: mostrar a ciência de Cristo e a ignorância dos homens. Pensamento do sermão: Cristo amou sabendo, e os homens foram amados ignorando, e por isso só Cristo amou finamente, e só os homens foram finamente amados.*

402. Considerando eu com alguma atenção os termos tão singulares deste amoroso Evangelho, e ponderando a harmonia e correspondência de todo seu discurso, tantas vezes e por tão engenhosos modos deduzido, vim a reparar finalmente — não sei se com tanta razão, como novidade — que o principal intento do evangelista foi mostrar a ciência de Cristo, e o principal intento de Cristo, mostrar a ignorância dos homens.

Sabia Cristo, diz S. João, que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Padre: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem* (Jo. 13,1). Sabia que tinha depositados em sua mão os tesouros da onipotência, e que de Deus viera, e para Deus tornava. *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus, quia a Deo exivit et ad Deum vadit<sup>2</sup>*. Sabia que entre os doze que tinha assentados à sua mesa estava um que lhe era infiel, e que o havia de entregar a seus inimigos: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum<sup>3</sup>*. Até aqui mostrou o evangelista a sabedoria de Cristo. Daqui adiante continua Cristo a

<sup>1</sup> Sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como tinha amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim (Jo. 13,1).

<sup>2</sup> Sabendo que o Pai depositara em suas mãos todas as coisas, e que ele saíra de Deus, e ia para Deus (Jo. 13, 3).

<sup>3</sup> Porque ele sabia qual era o que o havia de entregar (Jo. 13,11).

mostrar a ignorância dos homens. Quando S. Pedro não queria consentir que o Senhor lhe lavasse os pés, declarou-lhe o Divino Mestre a sua ignorância, dizendo: *Quod ego facio, tu nescis* (Jo. 13,7): O que eu faço, Pedro, tu não o sabes. — Depois de acabado aquele tão portentoso exemplo de humildade, tornou a se assentar o Senhor, e, voltando-se para os discípulos, disse-lhes: *Scitis quid fecerim vobis* (Jo. 13,12)? Sabeis porventura o que acabei agora de vos fazer? — interrogação enfática tinha força de afirmação, e perguntar: Sabeis? — foi dizer que não sabiam. De maneira que na primeira parte do Evangelho o Evangelista atendeu a mostrar a sabedoria de Cristo, e Cristo, na segunda, a mostrar a ignorância dos homens.

403. Mas se o fim e intento de ambos era o mesmo, se o fim e o intento de Cristo e do evangelista era manifestar gloriosamente ao mundo as finezas do seu amor, por que razão o Evangelista se prega todo em ponderar a sabedoria de Cristo, e Cristo em advertir a ignorância dos homens? A razão que a mim me ocorre, e eu tenho por verdadeira e bem fundada, é porque as duas suposições, em que mais apuradamente se afinou o amor de Cristo hoje, foram, da parte de Cristo, a sua ciência, e, da parte dos homens, a nossa ignorância. Se da parte de Cristo, amando, pudera haver ignorância, e da parte dos homens, sendo amados, houvera ciência, ainda que o Senhor obrara por nós os mesmos excessos, ficariam eles e o seu amor não no preço, mas na estimação — de muito inferiores quilates. Pois, para que o mundo levante o pensamento de considerações vulgares e comece a sentir tão altamente das finezas do amor de Cristo, como elas merecem, advirta-se, diz o Evangelista, que Cristo amou sabendo: *Sciens Jesus* (Jo. 13,1), e advirta-se, diz Cristo, que os homens foram amados ignorando: *Tu nescis* (Jo. 13,7).

404. Está proposto o pensamento, mas bem vejo que não está declarado. Em conformidade e confirmação dele pretendo mostrar hoje, que só Cristo amou finamente, porque amou sabendo: *Sciens*, e só os homens foram finamente amados, porque foram amados ignorando: *Nescis*. Unindo-se porém, e trocando-se de tal sorte o *sciens* com o *nescis*, e o *nescis* com o *sciens*, que, estando a ignorância da parte dos homens e a ciência da parte de Cristo, Cristo amou sabendo como se amara ignorando, e os homens foram amados ignorando como se foram amados sabendo. Vá agora o amor destorcendo estes fios. E espero que todos vejam a fineza deles.

## §II

*Só Cristo amou, porque amou sabendo. O que vulgarmente se chama amor, nunca chega à idade da razão, e por isso os sábios no-lo pintam sempre menino. A ignorância, no amor, diminui o merecimento. A resolução de Pedro no Tabor, o maior ato de amor que se fez no mundo, e a palavra de Cristo na cruz.*

405. Primeiramente só Cristo amou, porque amou sabendo: *Sciens*. Para inteligência desta amorosa verdade, havemos de supor outra não menos certa, e é que no mundo, e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor não é amor, é ignorância. Pintaram os antigos ao amor menino, e a razão, dizia eu o ano passado que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacó com Raquel, o de Jônatas com Davi, e outros grandes, inda que poucos. Pois se há também amor que dure muitos anos, por que no-lo pintam os sábios sempre menino? Desta vez cuido que hei de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre menino, porque, ainda que passe dos sete anos, como o de Jacó, nunca chega à idade de uso de razão. Usar de razão e amar, são duas coisas que não se ajuntam. A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com afetos, e um entendimento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor quando conquista uma alma; porém o primeiro rendido é o entendimento. Ninguém teve a vontade febricitante, que não tivesse o entendimento frenético. O amor deixará de variar, se for firme, mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abrasou a vontade que o fumo não cegasse o entendimento. Nunca houve enfermidade no coração que não houvesse fraqueza no juízo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E como o primeiro efeito, ou a última disposição do amor, é cegar o entendimento, daqui vem que isto, que vulgarmente se chama amor; tem mais partes de ignorância; e quantas partes tem de ignorância, tantas lhe faltam de amor. Quem ama porque conhece, é amante; quem ama porque ignora, é néscio. Assim como a ignorância na ofensa diminui o delito, assim no amor diminui o merecimento. Quem ignorando ofendeu, em rigor não é delinqüente. Quem ignorando amou, em rigor não é amante.

406. É tal a dependência que tem o amor destas duas suposições, que o que parece fineza, fundado em ignorância, não é amor, e o que não parece amor, fundado em ciência, é grande fineza. As duas primeiras pessoas deste Evangelho nos darão a prova: Cristo e S. Pedro. Transfigurou-se Cristo no Monte Tabor, e, vendo S. Pedro que o Senhor tratava com Moisés e Elias de ir morrer a Jerusalém, para o desviar da morte, deu-lhe de conselho que ficasse ali: *Domine, bonum est nos hic esse*<sup>4</sup>. Esta resolução de S. Pedro, considerada como a considerou Orígenes, foi o maior ato de amor que se fez, nem pode fazer no mundo, porque se Cristo não ia morrer a Jerusalém não se remia o gênero humano; se não se remia o gênero humano, S. Pedro não podia ir ao céu: e que quisesse o grande apóstolo privar-se da glória do céu, por que Cristo não morresse na terra, que antepusesse a vida temporal de seu Senhor à vida eterna sua, foi a maior fineza de amor a que podia aspirar o coração mais alentado. Deixemos a S. Pedro assim, e vamos a Cristo.

407. Em todas as coisas que Cristo obrou neste mundo, manifestou sempre o muito que amava aos homens. Contudo, uma palavra disse na cruz em que parece se não mostrou muito amante: *Sitio*: Tenho sede (Jo. 19, 28). Padecer Cristo aquela rigorosa sede, amor foi

<sup>4</sup> Senhor, bom é que nós estejamos aqui (Mt. 17,4).

grande; mas dizer que a padecia, e significar que lhe dessem remédio, parece que não foi amor. Afeto natural sim, afeto amoroso não. Quem diz a vozes o que padece, ou busca o alívio na comunicação, ou espera o remédio no socorro, e é certo que não ama muito a sua dor quem a deseja diminuída ou aliviada. Quem pede remédio ao que padece, não quer padecer; não querer padecer não é amar: logo, não foi ato de amor em Cristo dizer: *Sitio*: Tenho sede. Contraponhamos agora esta ação de Cristo na Cruz, e a de S. Pedro no Tabor. A de S. Pedro parece que tem muito de fineza; a de Cristo parece que não tem nada de amor. Se será isto assim?

408. Dois evangelistas o resolveram com duas palavras: o evangelista S. João com um *sciens*, e o evangelista S. Lucas com um *nesciens*. O que em S. Pedro parecia fineza não era amor, porque estava fundado em ignorância: *Nesciens quid diceret*<sup>5</sup>. O que em Cristo não parecia amor, era fineza porque estava fundado em ciência: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur Scriptura, dixit: Sitio*<sup>6</sup>. Apliquemos por cada parte. Quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse*, não sabia o que dizia: *Nesciens quid diceret* (Lc. 9,33), porque estava transportado e fora de si. E assim todas aquelas finezas que considerávamos pareciam amor e eram ignorâncias, pareciam afetos da vontade e eram erros do entendimento. Se aquela resolução de São Pedro se fundara no conhecimento das conseqüências que dissemos, não há dúvida que fora o mais excelente ato de amor a que podia chegar a bizzaria de um coração amoroso; mas, como a resolução se fundava na ignorância do mesmo que dizia, em vez de sair com título de amante, saiu com nome de néscio, porque amar ignorando não é amar, é não saber.

409. Não assim Cristo, porque quando disse *Sitio*, sabia muito bem que, acabados já todos os outros tormentos, faltava só por cumprir a profecia do fel: *Sciens quia omnia consummata sunt, ut consummaretur Scriptura, dixit: Sitio*. E assim aquelas tibiezas que considerávamos, parecia que não eram amor, e eram as maiores finezas; parecia que eram um desejo natural, e eram o mais amoroso e requintado afeto. Se Cristo dissera tenho sede, cuidando que lhe haviam de dar água, era pedir alívio; mas dizer tenho sede, sabendo que lhe haviam de dar fel, era pedir novo tormento. E não pode chegar a mais um amor ambicioso de padecer, que pedir os tormentos por alívios, e para remediar uma pena, dizer que lhe acudiam com outra. Dizer Cristo que tinha sede não foi solicitar remédio à necessidade própria: foi fazer lembrança à crueldade alheia. Como se dissera: Lembrai-vos homens do fel que vos esquece: *Sitio*<sup>7</sup>. Tão diferente era a sede de Cristo do que parecia. Parecia desejo de alívios, e era hidropisia de tormentos. De sorte que a ciência com que obrava Cristo, e a ignorância com que obrava Pedro, trocaram estes dois afetos, de maneira que o que em Pedro parecia fineza, por ser fundado em ignorância, não era amor; e o que

<sup>5</sup> Não sabendo o que dizia (Lc. 9,33).

<sup>6</sup> Sabendo Jesus que tudo estava cumprido, para se cumprir a Escritura, disse: Tenho sede (Jo. 19,28).

<sup>7</sup> Ibid. Ita S. Aug.

em Cristo não parecia amor, por ser fundado em ciência, era fineza. E como a ciência ou ignorância é a que dá ou tira o ser, e a que diminui ou acrescenta a perfeição do amor, por isso o evangelista S. João se funda todo em mostrar o que Cristo sabia, para provar o que amava: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos*<sup>8</sup>.

### §III

*As quatro ignorâncias do amante, e as quatro ciências de Cristo. Primeira ciência do amor de Cristo: amou-nos conhecendo-se. O amor de Páris. Resposta de Salomão à Esposa dos Cantares. A exclamação de Pedro. O milagre da sarça ardente, e a definição de Deus.*

410. Quatro ignorâncias podem concorrer em um amante, que diminuam muito a perfeição e merecimento de seu amor. Ou porque não se conhecesse a si, ou porque não conhecesse a quem amava, ou porque não conhecesse o amor, ou porque não conhecesse o fim onde há de parar amando. Se não se conhecesse a si, talvez empregaria o seu pensamento onde o não havia de pôr, se se conhecesse. Se não conhecesse a quem amava, talvez quereria com grandes finezas a quem havia de aborrecer, se o não ignorara. Se não conhecesse o amor, talvez se empenharia cegamente no que não havia de empreender, se o soubera. Se não conhecesse o fim em que havia de parar amando, talvez chegaria a padecer os danos a que não havia de chegar, se os previra. Todas estas ignorâncias, que se acham nos homens, em Cristo foram ciências, e em todas e cada uma crescem os quilates de seu extremado amor. Conhecia-se a si, conhecia a quem amava, conhecia o amor, e conhecia o fim onde havia de parar amando. Tudo notou o Evangelista. Conhecia-se a si, porque sabia que não era menos que Deus, Filho do Eterno Padre: *Sciens quia a Deo exivit*<sup>9</sup>. Conhecia a quem amava, porque sabia quão ingratos eram os homens, e quão cruéis haviam de ser para com ele: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum*<sup>10</sup>. Conhecia o amor, e bem à custa do seu coração, pela larga experiência do que tinha amado: *Cum dilexisset suos*<sup>11</sup>, Conhecia finalmente o fim em que havia de parar amando, que era a morte, e tal morte: *Sciens quia venit hora ejus*<sup>12</sup>. E que, conhecendo-se Cristo a si, conhecendo a quem amava, conhecendo o amor, e conhecendo o fim cruel em que havia de parar amando, amasse contudo? Grande excesso de amor: *In finem dilexit!* Para que conheçamos quão grande e quão excessivo foi, vamo-lo ponderando por partes em cada uma destas circunstâncias de ciência.

<sup>8</sup> Sabendo que era chegada a sua hora, amou-os até o fim (Jo. 13,1)

<sup>9</sup> Sabendo que saíra de Deus (Jo. 13,3).

<sup>10</sup> Sabia qual era o que o havia de entregar (Jo. 13,11).

<sup>11</sup> Como tinha amado os seus (Jo. 13,1).

<sup>12</sup> Sabendo que era chegada a sua hora (Jo. 13, 1).



411. Primeiramente, foi grande o amor de Cristo porque nos amou conhecendo-se: *Sciens quia a Deo exivit* (Jo. 13,3). Que conhecendo-se Cristo a si nos amasse a nós, grande e desusado amor! Enquanto Páris, ignorante de si e da fortuna de seu nascimento, guardava as ovelhas do seu rebanho nos campos do Monte Ida, dizem as histórias humanas que era objeto dos seus cuidados Enone, uma formosura rústica daqueles vales. Mas quando o encoberto príncipe se conheceu e soube que era filho de Príamo, rei de Tróia, como deixou o cajado e o surrão, trocou também de pensamento. Amava humildemente enquanto se teve por humilde; tanto que conheceu quem era, logo desconheceu a quem amava. Como o amor se fundava na ignorância de si, o mesmo conhecimento que desfez a ignorância acabou também o amor. Desamou príncipe, o que tinha amado pastor, porque como é falta de conhecimento próprio nos pequenos levantar o pensamento, assim é afronta da fortuna nos grandes abater o cuidado. Ah! Príncipe da glória, que assim parece vos havia de suceder convosco, mas não foi assim! Quem ouvisse dizer que nos amava o Filho de Deus com tanto extremo, parece que poderia pôr em dúvida se o Senhor se conhecia ou vivia ignorante de quem era? Pois, para que a verdade de nossa fé não perigue nos extremos de seu amor, e para que o mundo não caia em tal engano, saibam todos, diz o Evangelista, que Cristo amou e amou tanto: *In finem dilexit* (Jo. 13,1); mas saibam também que juntamente conhecia quem era: *Sciens quia a Deo exivit* (Jo. 13,3).

412. Se Cristo não se conhecera, não fora muito que nos amasse; mas amar-nos conhecendo-se foi tal excesso, que parece que o mesmo amar-nos foi desconhecer-se. Disse uma vez a Esposa dos Cantares a seu Esposo, que o amava muito: *Quem diligit anima mea*<sup>13</sup>. E ele, que lhe responderia? *Si ignoras te, o pulcherrima inter mulieres* (Cânt. 1,7): Formosíssima de todas as mulheres, desconheceis-vos? — Notável resposta! De maneira que quando a Esposa afirma ao Esposo que o ama, o Esposo pergunta à Esposa se se desconhece: *Si ignoras te?* Esposo discreto e amado, que modo de responder é esse, e que conseqüência tem esta vossa resposta? Quando a Esposa vos assegura o seu amor, vós duvidais-lhe o seu conhecimento, e, quando afirma que vos ama, perguntais-lhe se se desconhece: *Si ignoras te?* Sim. Porque conforme a alta estimação que o Esposo fazia dos merecimentos da Esposa, afirmar ela que o amava tanto era grande razão para duvidar se se não conhecia. Como se dissera o Esposo: Vós dizeis que me amais: *Quem diligit anima mea?* Pois eu vos digo que vos não conheceis: *Si ignoras te, o pulcherrima*. Porque, se vos conheceis a vós, como é possível que me ameis a mim? Foi necessário que a vós vos faltasse o conhecimento, para que a mim me sobejasse a ventura. O amor de minha indignidade vem a parecer ignorância de vossa grandeza: *Si ignoras te*, porque se não deixareis de vos conhecer, como vos abateríeis a me amar?

413. Isto que antigamente disse Salomão à princesa do Egito podemos nós dizer com mais razão ao verdadeiro Salomão, Cristo, à vista dos extremos de seu amor: *Si ignoras te*

<sup>13</sup> Amado da minha alma (Cânt. 1, 6).

(Cânt. 1,7). É isto amor, Deus meu, ou ignorância? Amais-nos, ou desconheceis-vos? Verdaderamente, parece que vos esqueceis de quem sois, e que vos tirais da memória para nos meter na vontade. Oh! que alta e que profundamente considerou hoje São Pedro estes dois extremos, quando, com assombro do céu, vos viu diante de si com os joelhos em terra: *Tu mihi* (Jo. 13, 6)! Vós a mim? Vós a Pedro? — Parece, Senhor, que nem vos conheceis a vós, nem me conheceis a mim. Mas o certo é que a vós vos conheceis, e a mim amais. E é tão grande vossa sabedoria em conhecer estas desproporções, como vosso amor em ajuntar estas distâncias. Mas em amor infinito, bem podem caber distâncias infinitas. Assim provam as mãos de Deus juntas com os pés dos homens: *Sciens quia omnia dedit ei Pater in manus*<sup>14</sup>: eis aí as mãos de Deus. *Caepit lavare pedes discipulorum*<sup>15</sup>: eis aí os pés dos homens.

414. Apareceu Deus na sarça a Moisés, e mandou-lhe descalçar os sapatos: *Solve calceamenta de pedibus tuis* (Êx. 3, 5). Quando eu lia este passo, admirava-me certo muito de que a majestade e grandeza de Deus entendesse com os pés de Moisés. Mas quem puser os olhos na sarça, deixará logo de se admirar. A sarça em que Deus apareceu estava ardendo toda em chamas vivas; e um Deus abrasado em fogo, que muito que se abalance aos pés dos homens! Falando a nosso modo, nunca Deus se conheceu melhor que quando estava na sarça, porque ali definiu sua essência: *Ego sum qui sum*<sup>16</sup>. E que, definindo-se Deus, o fogo não se apagasse? Que, conhecendo-se Deus essencialmente, as labaredas em que ardia não se diminuíssem? Grande amor! Definir-se e esfriar-se fora tibieza; definir-se e arder, isso é amar. Não fora Deus quem é, se não amara como amou. O definir-se foi declarar a sua essência; o arder foi provar a definição. O mesmo aconteceu a Cristo hoje: *Sciens quia a Deo exivit, ponit vestimenta sua*<sup>17</sup>. Sabendo que era Filho de Deus, começou a despir as roupas. Quem sabia que era Filho de Deus, conhecia-se; quem lançava de si as roupas, abrasava-se. E conhecer-se e abrasar-se, isso é amor: *In finem dilexit*.

#### §IV

*A segunda ignorância que tira o conhecimento ao amor: não conhecer quem ama a quem ama. O engano de Jacó. Os homens não amam aquilo que cuidam que amam, porém Cristo amava os homens com conhecimento; mesmo a Judas. Definição do amor fino: amar para amar Por que somente a Judas dá Cristo o nome de amigo?*

415. A segunda ignorância, que tira o merecimento ao amor, é não conhecer quem ama a quem ama. Quantas coisas há no mundo muito amadas, que, se as conhecera quem

<sup>14</sup> Sabendo que o Pai depositara em suas mãos todas as coisas (Jo. 13,3).

<sup>15</sup> Começou a lavar os pés aos discípulos (Jo. 13,5).

<sup>16</sup> Eu sou o que sou (Êx. 3,14).

<sup>17</sup> Sabendo que saíra de Deus, depôs suas vestiduras (Jo. 13,3s).

as ama, haviam de ser muito aborrecidas. Graças, logo, ao engano, e não ao amor. Serviu Jacó os primeiros sete anos a Labão, e ao cabo deles, em vez de lhe darem a Raquel, deram-lhe a Lia: Ah! enganado pastor, e mais enganado amante! Se perguntarmos à imaginação de Jacó por quem servia, responderá que por Raquel. Mas se fizermos a mesma pergunta a Labão, que sabe o que é e o que há de ser, dirá com toda a certeza que serve por Lia, e assim foi. Servis por quem servis, não servis por quem cuidais. Cuidais que os vossos trabalhos e os vossos desvelos são por Raquel, a amada, e trabalhais, e desvelais-vos por Lia, a aborrecida. Se Jacó soubera que servia por Lia, não servira sete anos, nem sete dias. Serviu logo ao engano, e não ao amor, porque serviu por quem não amava. Oh! quantas vezes se representa esta história no teatro do coração humano, e não com diversas figuras, senão na mesma! A mesma, que na imaginação é Raquel, na realidade é Lia; e não é Labão o que engana a Jacó, senão Jacó o que se engana a si mesmo. Não assim o divino amante, Cristo. Não serviu por Lia debaixo da imaginação de Raquel, mas amava a Lia conhecida como Lia. Nem a ignorância lhe roubou o merecimento ao amor, nem o engano lhe trocou o objeto ao trabalho. Amou e padeceu por todos e por cada um, não como era bem que eles fossem, senão assim como eram. Pelo inimigo, sabendo que era inimigo, pelo ingrato, sabendo que era ingrato, e pelo traidor, sabendo que era traidor: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum* (Jo. 13, 11).

416. Deste discurso se segue uma conclusão tão certa como ignorada, e é que os homens não amam aquilo que cuidam que amam. Por quê? Ou porque o que amam não é o que cuidam, ou porque amam o que verdadeiramente não há. Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros; quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos. Cuidais que amais diamantes de firmeza, e amais vidros de fragilidade; cuidais que amais perfeições angélicas, e amais imperfeições humanas. Logo, os homens não amam o que cuidam que amam. Onde também se segue que amam o que verdadeiramente não há, porque amam as coisas, não como são, senão como as imaginam, e o que se imagina e não é, não o há no mundo. Não assim o amor de Cristo, sábio sem engano: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo* (Jo. 13, 1). Notai o texto, e a última cláusula dele, que parece supérflua e ociosa: Como amasse aos seus que havia no mundo. — Pois, onde os havia de haver? Fora do mundo? Claro está que não. Logo se bastava dizer: Como amasse aos seus, por que acrescenta o evangelista: os seus que havia no mundo: *Suos qui erant in mundo?* Foi para que entendêssemos o conhecimento com que Cristo amava aos homens, mui diferente do com que os homens amam. Os homens amam muitas coisas, que as não há no mundo. Amam as coisas como as imaginam, e as coisas como eles as imaginam, havê-las-á na imaginação, mas no mundo não as há. Pelo contrário, Cristo amou os homens como verdadeiramente eram no mundo, e não como enganosamente podiam ser na imaginação: *Cum dilexisset suos, qui erant in mundo*. Não amou Cristo os seus como vós amais os vossos. Vós amai-los como são na

vossa imaginação, e não como são no mundo. No mundo são ingratos, na vossa imaginação são agradecidos; no mundo são traidores, na vossa imaginação são leais; no mundo são inimigos, na vossa imaginação são amigos. E amar ao inimigo, cuidando que é amigo, e ao traidor, cuidando que é leal, e ao ingrato, cuidando que é agradecido, não é fineza, é ignorância. Por isso o vosso amor não tem merecimento, não é senão engano. Só o de Cristo foi verdadeiro amor e verdadeira fineza, porque amou os seus como eram, e com inteira ciência do que eram: ao inimigo, sabendo o seu ódio, ao ingrato, sabendo a sua ingratidão, e ao traidor, sabendo a sua deslealdade: *Sciebat enim quisnam esset, qui traderet eum* (Jo. 13, 1).

417. Mas se esta ciência de Cristo era universal, em respeito de todos os discípulos, que eram os seus que havia no mundo, por que nota mais particularmente o evangelista o conhecimento desta mesma ciência em respeito de Judas, advertindo que sabia o Senhor qual era o que o havia de entregar: *Sciebat enim quisnam esset qui traderet eum?* Tão inteiramente conhecia Cristo a Judas, como a Pedro e aos demais; mas notou o evangelista com especialidade a ciência do Senhor em respeito de Judas, porque em Judas, mais que em nenhum dos outros, campeou a fineza do seu amor. Ora vede. Definindo São Bernardo o amor fino, diz assim: *Amor non quaerit causam, nec fructum*: O amor fino não busca causa nem fruto. — Se amo porque me amam, tem o amor causa; se amo para que me amem, tem fruto; e o amor fino não há de ter porquê, nem para quê. Se amo porque me amam, é obrigação, faço o que devo; se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. Pois, como há de amar o amor para ser fino? *Amo, quia amo; amo, ut amem*: amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido; quem ama para que o amem, é interesseiro; quem ama, não porque o amam, nem para que o amem, esse só é fino. E tal foi a fineza de Cristo em respeito de Judas, fundada na ciência que tinha dele e dos demais discípulos.

418. Na prática desta última ceia, disse Cristo aos discípulos: *Jam non dicam vos servos, sed amicos* (Jo. 15, 15): discípulos meus, daqui em diante não vos hei de chamar servos, senão amigos. Sendo isto assim, lede todos os evangelistas, e achareis que só a Judas chamou amigo, quando disse: *Amice, ad quid venisti*<sup>18</sup>. — Pois, Senhor, não está aí Pedro, não está aí João, que merecem mais que todos o nome de amigos? Por que lhe não dais a eles este nome, senão a Judas? A Judas o inimigo? A Judas o falsário? A Judas, o traidor, o nome de amigo? *Amice?* — Hoje sim, porque Cristo neste dia não buscava motivos ao amor, buscava circunstâncias à fineza. Os outros discípulos, sabia Cristo que o amavam, e sabia que o haviam de amar, até dar a vida por Ele. Porque o amavam, tinha o seu amor causa, e porque o haviam de amar, tinha fruto. Pelo contrário, Judas nem amava a Cristo, porque o vendia, nem o havia de amar, porque havia de perseverar obstinado até a morte; e amar o Senhor a quem o não amava, nem havia de amar, era amar sem causa e

<sup>18</sup> Amigo, a que vieste (Mt. 26,50)?

sem fruto, e por isso a maior fineza. Amar ingratidões conhecidas, coisa é que algumas vezes se acha no amor. Mas ninguém amou uma ingratidão sabida, que aí mesmo não amasse a um agradecimento esperado. Só Cristo foi tão fino e tão amante, que amou sem correspondência, porque amou a quem sabia que o não amava, e sem esperança, porque amou a quem sabia que o não havia de amar. Por isso dá o título de amigo só a Judas, não porque lhe merecesse o amor, mas porque lhe acreditava a fineza. Amar por razões de amar, isso fazem todos; mas amar com razões de aborrecer, só o faz Cristo. Fez das ofensas obrigações, e dos agravos motivos, porque era obrigação do seu amor chegar à maior fineza: *In finem dilexit*.

## §V

*Terceira circunstância: Foi grande o amor de Cristo pelo conhecimento que tinha do mesmo amor. Qual é o amor mais precioso: o primeiro, ou o segundo? Os dois juramentos de Jônatas a Davi. A ciência experimental do amor de Cristo. O amor de Abraão a Isac, e as duas setas do amor.*

419. A terceira circunstância de ciência, que grandemente subiu de ponto o amor de Cristo, foi o conhecimento que tinha do mesmo amor. Cristo conhecia todas as coisas com três ciências altíssimas: com a ciência divina, como Deus; com a ciência beata, como bem-aventurado; com a ciência infusa, como cabeça do gênero humano e Redentor do mundo. O amor ainda o conheceu com outra quarta ciência, que foi a experimental e adquirida, porque, assim como diz S. Paulo que aprendeu a obedecer padecendo, assim aprendeu a amar amando. E isto é o que ponderou muito S. João, advertindo que amou tendo amado: *Cum dilexisset, dilexit*.

420. Questão é curiosa nesta filosofia, qual seja mais precioso e de maior quilate: se o primeiro amor, ou o segundo? Ao primeiro ninguém pode negar que é o primogênito do coração, o morgado dos afetos, a flor do desejo, e as primícias da vontade. Contudo eu reconheço grandes vantagens no amor segundo. O primeiro é bisonho, o segundo é experimentado; o primeiro é aprendiz, o segundo é mestre; o primeiro pode ser ímpeto, o segundo não pode ser senão amor. Enfim o segundo amor, porque é segundo, é confirmação e ratificação do primeiro, e por isso, não simples amor, senão duplicado, e amor sobre amor. É verdade que o primeiro amor é o primogênito do coração; porém, a vontade, sempre livre, não tem os seus bens vinculados. Seja o primeiro, mas não por isso o maior.

421. A primeira vez que Jônatas se afeiçoou a Davi, diz a Escritura Sagrada que lhe fez juramento de perpétuo amor: *Inierunt autem David et Jonatas faedus: diligebat enim*

*eum quasi animam suam*<sup>19</sup>. Passaram depois disso alguns tempos de firme vontade, posto que de vária fortuna; torna a dizer o texto que Jônatas fez segundo juramento a David, de nunca faltar a seu amor: *Et addidit Jonatas dejerare David, eo quod diligeret illum*<sup>20</sup>. Pois, se Jônatas tinha já feito um juramento de amar a Davi, por que faz agora outro? Porventura quebrou o primeiro, para que fosse necessário o segundo? É certo que o não quebrou, porque não fora Jônatas o exemplo maior da amizade, se o não fora também da firmeza. Pois, se o amor estava jurado ao princípio, por que o jura outra vez agora? Porque foi mui diferente matéria jurar o amor antes de conhecido, ou jurá-lo depois de experimentado. Quando Jônatas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentara; quando jurou a segunda vez, já tinha larga experiência do que era e do que custava, pelo muito que padeceu por Davi, e era tão diferente o conceito que Jônatas fazia agora de um amor a outro que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorância passada não diminuísse o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo, porque deixasse de amar alguma hora, mas porque era pouco o que dantes prometera, em comparação do muito que hoje amava. Então prometeu como conhecia, agora prometia como experimentara. Que Jônatas se resolvesse a amar a Davi, quando não conhecia as paixões deste tirano afeto, não foi muita fineza; mas, depois de conhecer seus rigores, depois de sofrer suas sem-razões, depois de experimentar suas crueldades, depois de padecer suas tiranias, depois de sentir ausências, depois de chorar saudades, depois de resistir contradições, depois de atropelar dificuldades, depois de vencer impossíveis, arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a autoridade, revelando secretos, encobrimdo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, cativando o alvedrio, morrendo dentro em si, por tormento, e vivendo em seu amigo, por cuidado, sempre triste, sempre afligido, sempre inquieto, sempre constante, apesar de seu pai e da fortuna de ambos — que todas estas finezas diz a Escritura fez Jônatas por Davi — que depois, digo, de tão qualificadas experiências de seu coração e de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto sim, isto é amor.

422. O mesmo digo do nosso fino amante, com a vantagem que vai de Filho de Deus a filho de Saul. Se Cristo pudera não conhecer o amor, ou o não conheceria por experiência, menos fora que nos amasse; porém, conhecendo experimentalmente o amor, e o amor seu, e sabendo que este fora tão rigoroso, que o arrancou do peito de seu Pai; que foi tão desumano, que o lançou na terra em um presépio; que foi tão cruel que, a oito dias de nascido, lhe tirou o sangue das veias; que foi tão desamoroso que, antes de dois meses de idade, o desterrou sete anos para o Egito; e que era tão tirano que, se lhe não tirou a vida a mãos de Herodes, foi porque se não contentava com tão pouco sangue: que conhecendo

<sup>19</sup> Davi e Jônatas fizeram concerto entre si, porque Jônatas o amava como a si mesmo (1 Rs. 18, 3).

<sup>20</sup> E fez Jônatas a Davi este novo juramento, pelo amor que lhe tinha (1 Rs. 20,17).

Cristo que este era o seu amor, não desistisse, nem se arrependesse, antes continuasse a amar, grande amor! Grande, porque amou, mas muito maior, porque amou sobre ter amado: *Cum dilexisset dilexit*.

423. Bem vejo que me replicam os teólogos que o amor de Cristo, desde o primeiro instante até o último, sempre foi igual, e nunca cresceu. Assim o pedia a razão. Se o diminuir no amor é descrédito, também é descrédito o crescer. Quem diz que ama mais desacredita o seu amor, porque ainda que o crescer seja aumento, é aumento que supõe imperfeição. Amor que pode crescer não é amor perfeito. Pois se o amor perfeitíssimo de Cristo sempre foi igual, e nunca cresceu, como dizemos que hoje foi maior? Todos respondem, e bem, que foi maior nos efeitos. Mas eu, como mais grosseiro, ainda na mesma substância do amor não posso deixar de reconhecer alguma consideração de maioria. Confesso que não cresceu, mas bem se pode ser maior sem crescer. Uma coluna sobre a base, uma estátua sobre a peanha, cresce sem crescer. Assim o amor de Cristo hoje, porque foi amor sobre amor. E como a base e a peanha, não só eram da mesma substância, senão a mesma substância do amor de Cristo, não só fica hoje mais subido, senão, em certo modo, maior. É tanto isto assim, que, a meu ver, não podem ter outro sentido as palavras do evangelista: *Cum dilexisset, dilexit*: Como amasse, amou. — Estas palavras dizem mais do que soam. Amasse e amou não têm mais diferença que no tempo; na significação não têm diversidade. Que nos diz logo de novo o evangelista? Se dissera: como amasse muito, agora amou mais, bem estava; isso é o que queria provar. Mas, se queria dizer que amou mais, como diz somente que amou? Porque o diz com tais termos, que dizendo só que amou, fica provado que amou mais: *Cum dilexisset, dilexit*. Como amasse, amou, e isto de amor sobre haver amado, não é só amar depois, senão amar mais. Não diz só relação de tempo, senão excesso de amor. E, como o evangelista queria subir de ponto o muito que o Senhor amou hoje, entendeu que, para encarecer o amor presente, bastava supor o passado.

424. Quando Deus mandou a Abraão que lhe sacrificasse seu filho, em todo o rigor da propriedade hebréia, diz o texto assim: *Tolle filium tuum, quem dilexisti Isaac* (Gên. 22,2): Sacrifica-me teu filho Isac, a quem amaste. — A quem amas, parece que havia de dizer, porque todo o intento de Deus foi encarecer o amor, para dificultar o sacrifício. Pois por que não diz: sacrifica-me o filho que amas, senão o filho que amaste? Por isso mesmo. Queria Deus encarecer o amor para dificultar o sacrifício, e em nenhuma coisa podia encarecer mais o amor presente, que na suposição do passado. Sacrifica-me o filho, não só que amas, senão que amaste, porque amar sobre haver amado, é o maior amor. Por isso o evangelista hoje, comparando amor com amor, não fez comparação de grande a excessivo, senão de primeiro a segundo: *Cum dilexisset, dilexit* Esta foi a primeira e segunda ferida do coração, de que o nosso divino Amante, muito antes de o amor lhe tirar as setas, já se gloriava: *Vulnerasti cor meum, soror mea sponsa, vulnerasti cor meum*<sup>21</sup>. A primeira ferida

<sup>21</sup> Tu feriste o meu coração, irmã minha esposa, tu feriste o meu coração (Cânt. 4,9).

foi a do amor passado; a segunda, a do amor presente. E para prova de qual foi maior e mais penetrante, se não basta ser ferida sobre ferida, baste saber que com a primeira viveu, e que a segunda lhe tirou a vida: *Cum dilexisset, in finem dilexi* L E somos entrados, sem o pretender, na quarta consideração.

## §VI

*Quarta e última circunstância: conhecer Cristo o fim onde havia de parar amando. A ignorância do fim no amor de Siquém. O sacrifício de Abraão e o sacrifício de Isac. O ocaso do sol divino. Cristo amou sabendo, como se amara ignorando; e por isso só ele soube amar finamente.*

425. A quarta e última circunstância em que a ciência de Cristo afinou muito os extremos de seu amor, foi saber e conhecer o fim onde havia de parar amando: *Sciens quia venit hora ejus*. De muitos contam as histórias que morreram porque amaram; mas, porque o amor foi só a ocasião, e a ignorância a causa, falsamente lhe deu a morte o epitáfio de amantes. Não é amante quem morre porque amou, senão quem amou para morrer. Bem notável é neste gênero o exemplo do príncipe Siquém. Amou Siquém a Dina, filha de Jacó, e rendeu-se tanto aos impérios de seu afeto que, sendo príncipe soberano, se sujeitou a tais condições e partidos, que a poucos dias de desposado lhe puderam tirar a vida Simeão e Levi, irmãos de Dina. Amou Siquém, e morreu, mas a morte não foi troféu de seu amor; foi castigo de sua ignorância. Foi caso, e não merecimento, porque não amou para morrer, ainda que morreu porque amou. Deveu-lhe Dina o amor, mas não lhe deveu a morte; antes, por isso, nem o amor lhe deveu. Que quem amou porque não sabia que havia de morrer, se o soubera, não amara. Não está o merecimento do amor na morte, senão no conhecimento dela.

426. Vede-o em Abraão e Isac claramente. Naqueles três dias em que Abraão foi caminhando para o monte do sacrifício com seu filho Isac, ambos iam igualmente perigosos, mas não iam igualmente finos. Iam igualmente perigosos porque um ia a morrer, outro a matar, ou a matar-se; mas não iam igualmente finos, porque um sabia onde caminhavam, o outro não o sabia. O caminho era o mesmo, os passos eram iguais, mas o conhecimento era muito diverso, e por isso também o merecimento. Abraão merecia muito, Isac não merecia nada, porque Abraão caminhava com ciência, Isac com ignorância; Abraão ao sacrifício sabido, Isac ao sacrifício ignorado. Esta é a diferença que faz o sacrifício de Cristo a todos os que sacrificou a morte, por culpas do amor. Só Cristo caminhou voluntário à morte sabida; todos os outros, sem vontade, à morte ignorada. A Siquém, a Sansão, a Amon e aos demais que morreram porque amaram, levou-os o amor à

---



morte, com os olhos cobertos, como condenados (Gên., Jz., Rs.); só a Cristo como triunfador, com os olhos abertos. — Tomara ter mais honradas antíteses, mas estas são as que lemos na Escritura. — Nem Siquém amara a Dina, nem Sansão à Dalila, nem Amon a Tamar, se anteviram a morte que os aguardava. Só a ciência de Cristo conheceu que o seu amor o levava à morte, e só Cristo conhecendo-a e vendo-a vir para si, caminhou animosamente a ela: *Sciens quia venit hora ejus*.

427. Que bem, e que poeticamente o cantou Davi: *Sol cognovit occasum suum* (Sl. 103, 19): O sol conheceu o seu ocaso. — Poucas palavras, mas dificultosas. O sol é uma criatura irracional e insensível — porque, ainda que alguns filósofos creram o contrário, é erro condenado. — Pois se o sol não tem entendimento nem sentidos, como diz o profeta que o sol conheceu o seu ocaso: *Sol cognovit occasum suum?* O certo é, diz Agostinho, que debaixo da metáfora do sol material, falou Davi do sol divino, Cristo, que só é sol com entendimento. E porque ambos foram mui parecidos em correr ao seu ocaso, por isso retratou as finezas de um nas insensibilidades do outro. Se a luz do sol fora verdadeira luz de conhecimento, e o Ocidente, onde se vai pôr o sol, fora verdadeira morte, não nos causara grande admiração ver que o sol, conhecendo o lugar de sua morte, com a mesma velocidade com que sobe ao zênite, se precipitasse ao Ocidente? Pois isto foi o que fez aquele sol divino: *Sol cognovit occasum suum*. Conheceu verdadeiramente o sol divino o seu ocaso, porque sabia determinadamente a hora em que, chegando aos últimos horizontes da vida, havia de passar deste ao outro hemisfério: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo*. E que sobre este conhecimento, certo do fim cruel a que o levava seu amor, caminhasse sem fazer pé atrás, tão animoso ao verdadeiro e conhecido ocaso, como o mesmo sol material que não morre nem conhece? Grande resolução e valentia de amor! Não só conhecer a morte, e ir a morrer, mas ir a morrer conhecendo-a, como se a ignorara.

428. Só S. João, que nos deu o pensamento, poderá dar a prova. Quando vieram a prender a Cristo seus inimigos, diz assim o Evangelista: *Sciens omnia quae ventura erant super eum, processit, et dixit: Quem quaeritis* (Jo. 18, 4)? Sabendo o Senhor tudo o que havia de vir sobre ele, saiu a encontrar-se com os que o vinham prender, e disse-lhes: A quem buscais? — Parece que se implica nos termos esta narração. Quem sabe, não pergunta. Pois, se Cristo sabia tudo, e sabia que o buscavam a ele, e o evangelista nota que o sabia, por que pergunta, como se o não soubera? A razão e o mistério é porque, desde este ponto, começava Cristo a caminhar para a morte, e esse foi o modo com que seu amor o levava. Levava-o à morte sabendo, como se o levara ignorando. Quem ler o que diz o evangelista, dirá que Cristo sabia; quem ouvir o que Cristo pergunta, cuidará que Cristo ignorava, e, ou na verdade, ou na aparência, tudo era. Na verdade sabia, e na aparência ignorava, porque de tal maneira amou e foi a morrer sabendo, como se amara e morrera ignorando.

429. Este é o segredo que encobria aquele véu, ou aquele misterioso eclipse com que

o amor hoje cobriu os olhos a Cristo por mãos de seus inimigos: *Velaverunt eum, et percutiebant faciem ejus*<sup>22</sup>. Que sofresse o Senhor outros muitos tormentos, não me espanto, que a tudo se oferece quem sobre tudo ama. Mas de permitir que lhe cobrissem os olhos, parece que não só se podia ofender a sua paciência, senão muito mais seu amor. S. João, hoje naquele repetido *sciens*, não tirou as vendas ao amor de Cristo, para que soubesse o mundo que amava com os olhos abertos? Pois, por que permite no mesmo dia que lhe cubram e vendem os olhos? Porque esta foi a destreza com que o amor de Cristo soube equivocar a ciência com a ignorância. Fez que amasse de tal maneira com os olhos abertos, como se amara com os olhos fechados. Que amasse de tal maneira sabendo, como se amara ignorando. Desafrontou-se o amor com aquele véu que parecia afrontoso, e vingou-se, para maior honra sua, do que lhe tinha feito S. João. S. João tirou as vendas ao amor de Cristo, e o mesmo amor tornou-as a pôr em Cristo, para que advertíssemos que de tal maneira amou sabendo, e com os olhos abertos, como se amara ignorando, e com os olhos fechados: *Velaverunt eum* (Lc. 22,64). Conhecia-se Cristo a si, e amou como se não conhecesse; sabia o que amava, e amou como se o não soubera; tinha experimentado o amor, e amou como se o não experimentara; previu o fim a que havia de chegar amando, e amou como se o não previra. E porque amou sabendo, como se amara ignorando, por isso só ele amou e soube amar finamente: *Sciens, sciens, sciens, sciens in finem dilexit eos*.

## §VII

*O amor de Cristo, amor sem paga, e sem conhecimento. As certificações do conhecimento e as promessas do prêmio no sacrifício de Abraão.*

430. Temos considerado o amor de Cristo pelas advertências de S. João. Consideremo-lo agora pelas advertências do mesmo Cristo que, como quem o conhecia melhor, serão as mais bem ponderadas e mais profundas. Apostaram hoje o maior amante e o maior amado. Cristo e S. João, apostaram, digo, a encarecer os extremos do mesmo amor, e depois que S. João disse quanto soube, advertindo que Cristo amara sabendo: Tá, diz Cristo, que não é essa a maior circunstância que sobe de ponto o meu amor. Se os homens querem saber a fineza com que os amei, não a ponderem pela minha sabedoria: ponderem-na pela sua ignorância. Amei muito aos homens, porque os amei sabendo eu tudo; mas muito maior foi meu amor, porque os amei, ignorando eles quanto eu os amava: *Quod ego facio, tu nescis*. Por mais que os homens façam discursos e levantem pensamento, nunca poderão chegar a conhecer o amor com que os amou Cristo, nem enquanto Deus, nem enquanto homem; e que se resolva. Cristo a amar a quem não só lhe

<sup>22</sup> Vendaram-lhe os olhos, e davam-lhe no rosto (Lc. 22,64).

não havia de pagar o amor, mas nem ainda o havia de conhecer! Que não haja de ter o meu amor não só a satisfação de pago, mas nem ainda o alívio de conhecido! Esta foi a maior valentia do coração amoroso de Cristo, e esta a maior dificuldade por que rompeu a força do seu amor.

431. E, se não, façamos esta questão. Que é o que mais deseja e mais estima o amor: ver-se conhecido, ou ver-se pago? É certo que o amor não pode ser pago, sem ser primeiro conhecido; mas pode ser conhecido, sem ser pago. E, considerando divididos estes dois termos, não há dúvida que mais estima o amor, e melhor lhe está ver-se conhecido que pago. Porque o que o amor mais pretende é obrigar: o conhecimento obriga, a paga desempenha; logo, muito melhor lhe está ao amor ver-se conhecido, que pago, porque o conhecimento aperta as obrigações; a paga e o desempenho desata-as. O conhecimento é satisfação do amor-próprio; a paga é satisfação do amor alheio. Na satisfação do que o amor recebe, pode ser o afeto interessado; na satisfação do que comunica, não pode ser senão liberal: logo, mais deve estimar o amor ter segura no conhecimento a satisfação da sua liberalidade, que ver duvidosa na paga a fidalguia do seu desinteresse. O mais seguro crédito de quem ama é a condição da dívida no amado: mas como há de confessar a dívida quem a não conhece? Mais lhe importa logo ao amor o conhecimento que a paga, porque a sua maior riqueza é ter sempre endividado a quem ama. Quando o amor deixa de ser credor, só então é pobre. Finalmente, ser tão grande o amor, que se não possa pagar, é a maior glória de quem ama. Se esta grandeza se conhece, é glória manifesta; se não se conhece, fica escurecida, e não é glória; logo, muito mais estima o amor, e muito mais deseja, e muito mais lhe convém a glória de conhecido, que a satisfação de paga. Baste de razões; vamos à Escritura.

432. A maior façanha do amor humano foi aquela animosa resolução com que o patriarca Abraão, antepondo o amor divino ao natural e paterno, determinou tirar a vida a seu próprio filho. Teve Deus mão à espada ao desamorado e amorosíssimo servo seu, e o que lhe disse imediatamente foi: *Nunc cognovi quod timeas Deum* (Gên. 22,12): Agora conheço, Abraão, que me amas! — Isto quer dizer aquele *timeas*, em frase da Escritura, e assim o trasladam muitos, e interpretam todos: *Nunc cognovi quod diligis Deum*. Depois disto apareceu ali um cordeiro grande, embaraçado entre umas sarças, que deu alegre fim ao não imaginado sacrifício, o qual acabado, tomou Deus a falar a Abraão, e disse-lhe: *Quia fecisti hanc rem, benedicam tibi, et multiplicabo semen tuum sicut stellas caeli* (Gen. 22, 16 s): Em prêmio desta ação que fizeste, será tua geração bendita, multiplicarei teus descendentes como as estrelas, — nascerá de ti o Messias. Este foi historialmente o caso; reparemos agora nele. Duas vezes falou Deus aqui com Abraão, e duas coisas lhe disse: uma logo, quando lhe deteve a espada, e outra depois. A que lhe disse logo, foi que conhecia que o amava: *Nunc cognovi quod diligis Deum*. A que lhe disse depois, foi que lhe premiaria liberalmente aquela ação: *Quia fecisti rem hanc*, etc. Pois, pergunto: por que

diz Deus a Abraão em primeiro lugar que conhecia seu amor, e no segundo que o premiaria? E já que dilatou para depois as promessas do prêmio, por que não dilatou também as certificações do conhecimento: *Nunc cognovi*? Falou Deus como quem conhece os corações, e sabe o que mais estima quem verdadeiramente ama. Primeiro certificou a Abraão de que conhecia seu amor, e reservou para depois o assegurar-lhe que o havia de premiar, porque, como Abraão era tão verdadeiro e fino amante, mais estimava ver o seu amor conhecido, que pago. As promessas do prêmio, dilatam-se embora; mas as certificações do conhecimento, dêem-se logo, e no mesmo instante, porque mais facilmente sofrerá um grande amor as dilações ou esperanças de pago, que as dúvidas de conhecido. Antes, digo que foi necessária a consequência de dizer Deus a Abraão que conhecia seu amor; quando lhe mandava suspender a espada, porque, se Abraão não ficara certo de que seu amor estava já conhecido, sem dúvida executara o golpe, para que o sangue da melhor parte de seu coração dissesse a gritos quão verdadeiramente amava. E que, estimando o amor sobre tudo ver-se conhecido, e não conhecendo os homens o amor de Cristo antes, sendo impossível conhecê-lo como ele é, vencesse seu amor esta dificuldade, e atropelasse este impossível, e, apesar dele e de si mesmo, amasse? Estupenda resolução de amor!

### § VIII

*A mais rigorosa pena do amor: o desconhecimento. Os dois desmaios da Esposa dos Cantares. A queixa do Salmo XXXIV.*

433. Muito custou a Cristo amar-nos, muito padeceu amando-nos, porém a mais rigorosa pena a que o condenou seu amor, foi que amasse a quem o não havia de conhecer. Isto é o que mais sente, isto é o que lastima a quem ama. Dois desmaios, ou dois acidentes grandes padeceu a Esposa dos Cantares, causados ambos do seu amor. Um foi logo no princípio dele, que se escreve no capítulo segundo; outro foi depois de haver já amado muito, e se refere no capítulo quinto. Houve-se porém a Esposa nestes dois acidentes com diferença mui digna de consideração e reparo. No primeiro acidente disse: *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo* (Cânt. 2,5): Acudi-me com confortativos, trouxe-me rosas e flores, porque estou enferma de amor. No segundo diz: *Adjuro vos, filiae Jerusalem, si inveneritis dilectum, ut nuntietis ei quia amore langueo* (Cânt. 5,8): Pelo que vos mereço, filhas de Jerusalém, que busqueis a meu amado, e lhe façais a saber que estou enferma de amor. — Notável diferença! Se a esposa em ambos os casos estava igualmente enferma de amor: *Quia amore langueo*, por que razão no primeiro acidente pediu remédio e confortativos, e no segundo não? E se no segundo não teve cuidado de pedir remédios, por que encomenda com tanto encarecimento às amigas, e lhes pede juramento de que o façam a saber a seu esposo: *Adjuro vos, ut nuntietis dilecto*? Não podia pintar a verdade do

que dizemos. No primeiro acidente, em que a Esposa era ainda principiante no amor, pediu somente remédios para a enfermidade, porque os efeitos penosos que experimentava seu coração eram os que mais lhe doíam. Porém, no segundo acidente, em que o amor era já perfeito e consumado, em vez de dizer que acudam com remédios a seu mal, diz que acudam com notícias a seu amado, porque não lhe doía tanto a sua dor porque ela a padecia, quanto porque ele a ignorava. Acudiu a Esposa primeiro ao que lhe doía mais; e mais lhe doíam os afetos do seu amor porque os ignorava a causa, que porque os padecia o sujeito. Por isso, em vez de dizer: trazei-me remédios, dizia: levai-lhe notícias. Tanto a afligiam as penas do seu amor muito mais por ignoradas que por padecidas. O mesmo foi em Cristo.

434. No Salmo XXXIV conforme o texto grego, diz assim o Filho de Deus: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt* (Sl. 34,15): Caíram sobre mim tantos açoites, e ignoraram. — Para inteligência deste afeto, havemos de supor que, de todos os tormentos de sua paixão, nenhum sentiu Cristo tanto como o dos açoites. Bastava a razão por prova, mas o mesmo Senhor o declarou, quando descobriu aos discípulos o que havia de padecer: *Tradetur gentibus, et illudetur, et flagellabitur, et conspuetur, et postquam flagelaverint, occident eum*<sup>23</sup>. Em todos os outros tormentos, e na mesma morte falou só uma vez; porém o tormento dos açoites repetiu-o duas vezes: *Flagellabitur et postquam, flagelaverint*, porque o que mais sente o coração, naturalmente sai mais vezes à boca. Diz pois o Senhor: *Congregata sunt super me flagella, et ignoraverunt* (Sl. 34,15): Caíram sobre mim tantos açoites, e ignoraram. — Afligido JESUS, que termos de falar são estes? Se foram os açoites o tormento de vós mais sentido, parece que haveis de dizer: Caíram sobre mim os açoites. Oh! como os senti! Oh! como me atormentaram! — Mas em vez de dizer que os senti, e que o atormentaram, queixa-se somente o Senhor de que os ignoram, porque, no meio dos maiores excessos do seu amor, o que mais atormentava o coração de Cristo não era o que ele padecia, senão o que os homens ignoravam: *Et ignoraverunt*. Não se queixa dos açoites, e queixa-se da ignorância, porque os açoites afrontavam a pessoa, a ignorância desacreditava o amor. E quem amava com tanto extremo, que quis comprar os créditos de seu amor à custa das afrontas de sua pessoa, que visse enfim a pessoa afrontada, e o amor não conhecido, oh! que insofrível dor! E por que esta falta de conhecimento é o que mais sente, e mais deve sentir quem ama, por isso ponderou Cristo a fineza de seu amor, não pela circunstância da sua ciência, senão pela de nossa ignorância: *Quod ego facio, tu nesci*<sup>24</sup>. Muito mais realça o amor de Cristo este *nescis*, que o *sciens* de S. João, tantas vezes repetido, porque se foram grandes circunstâncias de amor amar conhecendo-se a si e conhecendo a quem amava, e conhecendo o amor, e conhecendo o fim em que havia de parar amando, sobre todas estas considerações se levanta e remonta

<sup>23</sup> Será entregue aos judeus, e será escarnecido, e açoitado, e cuspidado, e depois de o açoitarem, tirar-lhe-ão a vida (Lc. 18, 32 s).

<sup>24</sup> O que eu faço, tu não o sabes agora (Jo. 13, 7).

incomparavelmente empregar todos esses conhecimentos e todo esse amor, por quem o não havia de conhecer: *Tu nescis* (Jo. 13,7).

## §IX

*As ignorâncias dos homens, o maior sentimento e o maior crédito do amor de Cristo. Tanto no nascimento como na morte, quis Cristo parecer menos amante, para que os homens parecessem menos ingratos.*

435. Mas sendo assim que as ignorâncias dos homens eram por uma parte o maior sentimento, e por outra o maior crédito do amor de Cristo, usou o mesmo amor tão finamente delas que tomou essas mesmas ignorâncias por instrumento de nos acreditar a nós, sem reparar nas conseqüências com que se podia desacreditar a si. Subindo Cristo à cruz, isto é, ao trono do seu amor, no mais público teatro dele, que foi o Calvário, a primeira palavra que falou foi esta: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt quid faciunt* (Lc. 23,34): Eterno Pai, perdoai aos homens, porque não sabem o que fazem. — Porque não sabem o que fazem, perdoador amoroso? E sabe vosso amor o que vos obriga a fazer nesta razão que alegais? Se a nossa ignorância nos faz menos ingratos, também vos faz a vós menos amante; porque na pedra da ingratidão afia o amor as suas setas, e quanto a dureza é maior, tanto mais as afina. Como formais logo desculpas a nossas ingratidões, donde podíeis crescer motivos a vossas finezas? Cuidei que tinha dito a maior de todas, mas esta foi a maior. Chegou Cristo a diminuir o crédito de seu amor, para dissimular e encobrir os defeitos do nosso, e quis parecer menos amante, só para que nós parecêssemos menos ingratos. Assim usou da ignorância dos homens, sendo a consideração da nossa ignorância o mais apurado motivo da sua fineza.

436. Mas por isso mesmo veio a não ser assim; e onde arriscou o amor de Cristo a sua opinião, dali saiu com ela mais acreditada, porque não pode chegar a maior fineza um amante que a estimar mais o crédito do seu amado que o crédito do seu amor. Exemplo deste primor só no mesmo Cristo se pode achar. Nasceu Cristo em um presépio, e diz por boca do evangelista que nasceu ali porque não havia lugar na cidade: *Quia non erae ei locus in diversorio* (Lc. 2,7). Evangelista sagrado, não digais tal coisa, seria essa a ocasião, mas não foi essa a causa. Nasceu Cristo em um presépio, porque foi tão amante dos homens que logo quis padecer por eles aquele desamparo; e nasceu fora da cidade, porque foram os homens tão duros, e tão ingratos, que lhe não quiseram dar abrigo dentro em Belém. Pois se o amor de Cristo e a ingratidão dos homens foram a causa, por que se cala o merecimento de Cristo, e a culpa, que era dos homens, se atribui à ocasião e ao tempo: *Quia non erat ei locus in diversorio?* O certo é que mais amante se mostrou Cristo na causa que apontou, que no desamparo que padeceu. O que era eleição sua, quis que

parecesse necessidade, e o que era ingratidão nossa, quis que parecesse contingência, para que na contingência ficasse dissimulada a ingratidão, e na necessidade o amor. A ingratidão acrescentava a fineza, a necessidade diminuía o amor, e quis Cristo parecer menos amante, para que os homens parecessem menos ingratos. Assim amou no princípio da vida, e assim acabou no fim dela. Por isso desculpa a ingratidão dos homens com a sua ignorância: *Non enim sciunt quid faciunt*, sendo a mesma ignorância dos homens o maior crédito de seu amor: *Quod ego facio, tu nescis*.

## §X

### *Desproporção entre o amor de Cristo e o amor dos homens. Oração.*

437. Este foi, cristãos, o amor de Cristo, esta a ciência, e as ciências com que nos amou, e esta a ignorância, e ignorância sobre que somos amados. Tragamos sempre diante dos olhos este *sciens* e este *nescis*; tenhamos sempre na memória — que o mesmo Senhor tanto nos recomendou neste dia — a sua ciência e a nossa ignorância. Sirva-nos a sua ciência de espertador, para nunca deixar de amar; sirva-nos a nossa ignorância de estímulo para sempre amar mais e mais a quem tanto nos amou. Como não havemos de amar sempre a quem sempre está vendo e conhecendo se o amamos? Como não havemos de amar muito a quem nos amou tanto, que jamais o poderemos alcançar, nem conhecer? Oh! que confusão tão grande será a nossa, se bem considerarmos a força e correspondência deste *sciens* e deste *nescis*! Quando Cristo perguntou tantas vezes a S. Pedro se o amava, respondeu ele atônito da pergunta: *Tu Domine scis quia amo te* (Jo. 21,15): Bem sabeis, Senhor, que vos amo. — Comparai agora este *Tu scis* de Pedro, dito a Cristo, com o *Tu nescis* de Cristo, dito a Pedro. Quando Cristo ama a Pedro, não sabe Pedro quanto o ama Cristo: *Tu nescis*. Mas quando Pedro ama Cristo, sabe Cristo quanto ama Pedro: *Tu scis*. Oh! que desproporção tão notável de amor e de ciência! O amor de Pedro sabido, o amor de Cristo ignorado. O amor de Cristo padece a nossa ignorância, o nosso padece a sua ciência, e ambos podem estar igualmente queixosos. O de Cristo queixoso, porque o não conhecem os homens: *Tu nescis*; o dos homens queixoso, porque o conhece Cristo: *Tu scis*. Se Cristo não conhecesse o amor dos homens, tivera o nosso amor essa consolação nas suas tibiezas, e se os homens conhecessem o amor de Cristo, tivera o seu amor essa satisfação nos seus excessos. Mas que, sendo o amor de Cristo tão excessivo, não o conheçam os homens, e que, sendo o amor dos homens tão imperfeito, o conheça Cristo! Mui igual e mui desigual sorte é a de ambos. Os remédios que isto tinha, Senhor, era que vós e nós trocássemos os corações. Se vós nos amásseis com o nosso coração, proporcionado seria o amor e o merecimento, e bastaria a nossa ignorância para o conhecer. E se nós vos amássemos com o vosso, amar-vos-íamos quanto mereceis, e só a vossa ciência conheceria

o nosso amor. Mas já que isto não pode ser, vós que só vos conheceis, vos amai; vós que só conheceis vosso amor o pagai. E seja única glória vossa e sua, saber-se que só de vós pode ser pago, e só de vós conhecido. Assim o cremos, assim o confessamos, e, prostrados aos pés de vosso amor, lhe oferecemos uma eterna coroa, tecida deste *nescis* e deste *sciens*: *Sciens quia venit hora ejus, in finem dilexit eos*.

## SERMÃO AO ENTERRO DOS OSSOS DOS ENFORCADOS,

PREGADO NA IGREJA DA MISERICÓRDIA DA BAHIA, ANO DE 1637,  
EM QUE ARDIA AQUELE ESTADO EM GUERRA.

*Misericordia et veritas obviaverunt sibi; justitia, et pax osculatae sunt*<sup>1</sup>.

### §I

*Os despojos da justiça e os troféus da misericórdia. A paz, fruto da justiça. Absalão, paz de seu pai. A pomba e o corvo da Arca de Noé. A justiça e a paz se abraçaram.*

438. Esta dobrada união de virtudes, que Davi prometeu ao mundo, quando nele se vissem também unidas a natureza divina com a humana, são as duas partes de que religiosamente se compõe todo este aparato fúnebre, que, entre horror e piedade, temos presente. Despojos da justiça, troféus da misericórdia. Vede com que diferentes procissões, e com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens, vivos, foram levados pela justiça ao lugar infame do suplício, e, mortos, são trazidos pela misericórdia, com tanta honra ao da eclesiástica sepultura. Ali pagaram o que mereciam os delitos, aqui recebem o que se deve à humanidade. Diz pois Davi que naqueles tempos ditosos, saindo a se encontrar a misericórdia e a justiça, a justiça se abraçou com a paz, e a misericórdia com a verdade: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi; justitia et pax osculatae sunt* (Sl. 84, 11).

439. Abraçaram-se a justiça e a paz, e foi a justiça a primeira que concorreu para este abraço: *Justitia, et pax*, porque a justiça não é a que depende da paz — como alguns tomam por escusa — senão a paz da justiça. Faça a justiça aquela justa guerra de que estes ossos são os despojos, e deles, e dela nascerá a suspirada paz, cuja falta padecemos há tantos anos. No nascimento de Cristo anunciaram os anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus* (Lc. 2, 14). E donde havia de vir essa paz aos homens e à terra? Não precisamente do Rei pacífico que nascia, senão da justiça que em seus dias havia de nascer:

<sup>1</sup> A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se deram ósculo (Sl. 84,11).



*Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis* (Sl. 71,7): Nascerá em seus dias a justiça — diz o profeta — e então haverá grande colheita de paz — porque a paz são os frutos da justiça. Toda a República, em todo o tempo, há mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro, paz exterior contra os de e uma e outra teremos, se a justiça a cultivar como deve. Vedes aqueles ossos desenterrados? Pois aquela é a semente de que nasce a paz. A justiça semeia-os no ar, e a paz colhe-se na terra. Absalão quer dizer: *Pax Patris*: Paz de seu pai; mas não foi paz de seu pai estando vivo, senão depois de morto e enforcado (2 Rs. 18). Vivo, fez-lhe cruel guerra; enforcado, deu-lhe a paz de todo o reino. Se houvera justiça que enforcara Absalões, eu vos prometo que dentro e fora não houvera tantas guerras. O maior exemplo de justiça que viu o mundo foi o do dilúvio. E que se seguiu depois dele? A paz que trouxe a pomba a Noé no ramo da oliveira. As águas do dilúvio não arrancaram nem secaram a oliveira, antes a regaram (Gên. 8,11). Debaixo delas se conservou inteira e verde, porque, debaixo dos grandes e exemplares castigos, cresce e reverdece a paz.

440. Para mim, o primeiro sinal dela, não foi o da pomba, senão o do corvo. Saído o corvo da arca, pôs-se a comer e cevar nos corpos afogados do dilúvio; e quando se dá carne de justiça aos corvos, segura está a paz do mundo. Se o cervo trouxera à Arca uma daquelas caveiras, tanto e mais se pudera assegurar dela Noé, que da oliveira da pomba. Nunca Jerusalém gozou maior paz que no tempo de el-rei Salomão; mas essa não estava só no Olivete, senão no Calvário. Assim o profetizou ao mesmo Salomão seu pai, falando da felicidade do seu reinado: *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam* (Sl. 71, 3): Os montes trarão a paz ao povo, e os outeiros a justiça. — E por que os outeiros a justiça, e os montes a paz? Porque em Jerusalém, havia um monte mais alto, coberto de oliveiras, que era o Olivete, e outro outeiro ou monte mais baixo, coberto de caveiras, que era o Calvário, onde se justificavam os delinqüentes. E quando os outeiros, como o Calvário, com as suas caveiras, mostram a justiça, os montes, como o Olivete, com as suas oliveiras, anunciam a paz: *Suscipiant montes pacem, et colles justitiam*. Oh! como veríamos esses montes coroados de paz, se se vissem estes outeiros semeados de justiça! Mas nós, esquecidos desta regra — que também é militar — todos nos ocupamos em fortificar e presidir outeiros e montes. Que importa que estejam presidiadas as fortalezas, se estão desguarnecidas as forcas? Aquelas são as que nos hão de defender da justiça divina, que só vem do céu, quando falta na terra. O imperador Maximiliano quando via uma força tirava-lhe o chapéu, porque estas, dizia, são as que me sustentam em paz o meu império. Por isso diz Davi, como profeta, e também o pudera dizer como rei, que a justiça e a paz se abraçaram: *Justitia, et pax osculatae sunt*.

Tenho declarado uma das partes do tema que, sendo tão própria do tempo, também não foi alheia do lugar e do ato presente, pois é de misericórdia que supõe justiça; para discorrer mais largamente sobre a segunda e principal, é-nos necessária maior graça. *Ave*

*Maria.*

## §II

*O terremoto da Ilha Terceira e as ruínas da Vila da Praia. A irmandade das virtudes, e a desarmonia dos vícios. A misericórdia mentirosa de Judas, e a misericórdia interesseira de Faraó a Abraão. Davi pregador da misericórdia divina.*

*Misericordia et ventas obviaverunt sibi.*

441. Um dos mais prodigiosos casos com que o céu assombrou a terra, e as nossas terras, foi o memorável terremoto da Ilha Terceira, não muitos anos antes deste. Arminou, soverteu e arrasou totalmente a vila chamada da Praia, mas foi muito mais notável pelo que deixou em pé, que pelo que derrubou. Unicamente ficaram inteiras sem lesão estas três partes, ou peças daquele povo: a cadeia pública. a Casa da Misericórdia, e o púlpito da igreja maior. Oh! providência divina, sempre vigilante, ainda nos casos que parecem e podem ser da natureza! Aquelas três exceções tão notáveis não foram sem grande mistério, e todos os que as viram o notaram e reconheceram logo. No cárcere, o reconheceram a justiça, no hospital a misericórdia, e no púlpito a verdade. Como se nos pregara Deus aos portugueses, e mais aos das cidades e praças marítimas — como esta é, e aquela era — que por falta de justiça, de misericórdia e de verdade, se vêem tão destruídas e assoladas as nossas conquistas, e que só se pode defender, conservar e manter em pé sobre três colunas, com verdade, e com misericórdia, e com justiça; da justiça, basta o que fica dito; da misericórdia e verdade, diremos agora.

442. *Misericordia ei ventas obviaverunt sibi.* Contêm estas palavras, senhores, um documento notável e muito digno de o notarem e advertirem todos os que nesta ilustríssima comunidade, com o nome e com as obras professam misericórdia. Profetiza e canta Davi, como maravilha e excelência própria da lei da graça, que nos tempos dela — que são estes nossos — a misericórdia e a verdade se concordariam, se abraçariam e se uniriam entre si. Isto quer dizer *obviaverunt sibi*. E é notável dizer. As virtudes não são como os vícios. Os vícios, ainda que se ajuntem no mesmo sujeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revés, como as raposas de Sansão, sempre descontraídos e inimigos. Não assim as virtudes. As virtudes conservam tal irmandade e harmonia entre si, que sempre estão unidas e concordes; e entre todas as virtudes, a nenhuma é mais intrínseca esta união, que à verdade, porque a virtude que não é juntamente verdade, não é virtude. Como diz logo Davi, e como celebra por maravilha própria da lei de Cristo, que a misericórdia se ajuntaria com a verdade, e a verdade com a misericórdia: *Misericordia ei veritas obviaverunt*. Uma coisa diz Davi, outra supõe, e ambas certas. Diz que a misericórdia e a verdade se haviam de encontrar e unir, porque assim o manda Cristo; e supõe que a misericórdia e a verdade podiam andar descontraídas e desunidas, porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo

o que parece misericórdia é misericórdia e verdade. Há misericórdias, que são misericórdia e mentiras: parecem misericórdias e são respeitos, parecem misericórdias e são interesses, parecem misericórdias e são outros afetos tão contrários desta virtude, como de todas.

443. Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio haec? Potuit enim istud venundari multo, et dari pauperibus* (Mt. 26,8 s): Para que é desperdiçar assim este unguento tão precioso? Melhor fora vendê-lo por muito dinheiro, e matar com ele a fome a muitos pobres. — Quem ouvisse isto a um apóstolo havia de dizer que era vontade de fazer bem, que era espírito de caridade, que era impulso e afeto de misericórdia. Mas o evangelista S. João, que lhe conhecia o ânimo, vede que diferentemente no-lo pintou e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, et loculos habens*<sup>2</sup>. Não dizia isto Judas porque tratasse dos pobres, senão porque tratava de si. As palavras pareciam de um apóstolo, mas os intentos eram de um ladrão. Era cobiça em hábito de piedade, era ladroíce com rebuço de misericórdia: *Quia fur erat, et loculos habens*. Eu não quero aplicar; faça-o cada um consigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honra da, e de matéria mais perigosa.

444. Saiu Abraão peregrino de sua pátria, fez assento em Egito com toda sua família, e não se tinham passado dias depois que chegara, quando já era um dos mais ricos e poderosos do lugar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do rei e moradores daquela terra. Quando isto li a primeira vez, comecei a murmurar de nossos tempos, e a dizer comigo: Esta sim que é caridade, esta sim que é misericórdia! Remediar com tanta presteza um homem peregrino, socorrer com tanta abundância uma família desterrada: não se faz assim entre nós com os retirados de Pernambuco. Li por diante, tudo o que ouvistes, nada era menos que aquilo que aparecia. Parecia piedade, eram respeitos, parecia misericórdia, e eram interesses. Digamo-lo mais claro: parecia caridade, e era amor. Todas estas enchentes de bens corriam à casa de Abraão, não por amor de Abraão, senão por amor de Sara, e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina: *Scio quod pulchra sis, mulier; Abram bene usi sum propter illam*<sup>3</sup>.

445. De sorte — como dizia — que nem tudo o que parece misericórdia é misericórdia e verdade, senão, muitas vezes, misericórdia e mentira. Em Judas o zelo dos pobres parecia misericórdia, e era cobiça; em Faraó o agasalho dos peregrinos parecia misericórdia, e era lascívia; e se estes defeitos se acham em misericórdias coroadas, ou com a coroa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a coroa real, como a de Faraó, menos maravilha seria que se possam achar nas misericórdias de outros sujeitos, onde os da menor condição, e os da maior, todos são inferiores. Com ser porém assim, que em muitas ações e obras de misericórdia a misericórdia e a verdade andam desencontradas — de que pode ser,

<sup>2</sup> E disse isto, não porque ele tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão, sendo o que trazia a bolsa (Jo. 12,6).

<sup>3</sup> Conheço que tu és uma mulher formosa; e eles se houveram bem com Abraão, por amor dela (Gên.12,11.16).

que nesta mesma casa, e dentro destas santas paredes, assim nas eleições dos ofícios, como no exercício deles haja menos antigos, e mais palpáveis exemplos — deixados eles à consideração e consciência do tribunal a quem toca, e vindo ao ato presente, como próprio deste dia, digo, senhores, que, entre todas as obras de misericórdia que, ou pública ou privadamente, professa o vosso instituto, esta é singularmente aquela em que a misericórdia e a verdade se acham juntas. Nas outras obras de misericórdia pode ir a misericórdia por um caminho e a verdade por outro; nesta não é assim. Por mais desencontradas, e mais longe que andassem uma da outra, aqui se encontram, aqui se abraçam, aqui se unem: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi*.

446. E para que conheça a Irmandade da Misericórdia quanto digo nisto que digo, ouçamos ao mesmo Davi, não já falando da misericórdia humana, mas da divina. O maior pregador da misericórdia, entre todos os profetas, foi Davi. E todas as vezes em que ele — como eu agora — se achava em algum grande auditório, o que pregava da misericórdia de Deus é que sempre andou junta com a verdade: *Non abscondi misericordiam tuam, et veritatem tuam a concilio multo*. Como rei, que tanto devia à misericórdia divina, e como profeta, que também a conhecia, sempre a trazia na boca, mas sempre junta com a verdade. Se falava com Deus, misericórdia e verdade: *Misericordia et veritas praecedent faciem tuam. Domine, in caelo misericordia tua, et veritas tua usque ad nubes*<sup>4</sup>. Se falava de Deus, misericórdia e verdade: *Misericordiam et veritatem diligit Deus. Universae viae Domini misericordia et veritas*<sup>5</sup>. Se nos exortava a louvar a Deus, misericórdia e verdade: *Laudate Dominum omnes gentes, quoniam confirmata est super nos misericordia ejus, et veritas Domini manet in aeternum. Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam; super misericordia tua, et veritate tua*<sup>6</sup>. Mas por que insistia tanto Davi nos louvores de Deus, em ajuntar sempre a verdade com a misericórdia? Porque é tão grande prerrogativa, tão alta e tão divina a união da misericórdia com a verdade, que entre todos seus atributos, de nenhuma se preza nem gloria mais Deus que desta união. O mesmo Deus o revelou assim a Davi, e o mesmo Davi a nós: *Super misericordia tua et veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen sactum tuum*<sup>7</sup>. Quis Deus magnificar e engrandecer o seu nome, quis tomar para si um nome que fosse sobre todo o nome, e o nome que elegeu entre todos seus atributos foi misericórdia e verdade. A seu Filho deu Deus um nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super omne nomen* (Flp. 2,9), e para si tomou também um nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum*

<sup>4</sup> A misericórdia e a verdade irão diante da tua face (Sl. 88, 15).

— Senhor, a tua misericórdia está no céu, e tua verdade até as nuvens (Sl. 35, 6).

<sup>5</sup> Deus ama a misericórdia e a verdade (Sl. 83,12).

— Todos os caminhos do Senhor são misericórdia e verdade (Sl. 24, 10).

<sup>6</sup> Louvai todas as gentes ao Senhor, louvai-o todos os povos, porque sobre nós foi confirmada a sua misericórdia, e a verdade do Senhor permanece eternamente (Sl. 116,1 s).

— Não a nós, Senhor, não a nós, mas a teu nome dá glória (Sl. 114, 1); sobre a tua misericórdia e a tua verdade (Sl. 137,2).

<sup>7</sup> Sobre a tua misericórdia e a tua verdade, porque engrandeceste sobre tudo o teu santo nome (Sl. 137, 2).

*tuum*. E assim, como o nome de Cristo sobre todo o nome é Jesus: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur*<sup>8</sup>, assim o nome de Deus sobre todo o nome é misericórdia e verdade: *In misericordia tua, et veritate tua*. Não misericórdia e justiça, não misericórdia e sabedoria, não misericórdia e onipotência, não misericórdia e imensidade, senão misericórdia e verdade. E se a união da verdade com a misericórdia é tão sobre-excelente e tão sobredivina na misericórdia de Deus, vede que será e qual será na misericórdia humana! Pois isto é, senhores, o que eu digo desta ação da misericórdia que temos presente: *Misericordia, et ventas obviaverunt sibi*.

### §III

*No obséquio da Madalena a Cristo, um exemplo da verdadeira misericórdia, ou de misericórdia e verdade: o obséquio prestado aos mortos. Como anunciou o Anjo a José a morte de Herodes? A amizade de Davi, e a morte de Jônatas. A sepultura dos mortos, o maior ofício de piedade, no dizer de S. Ambrósio. Davi e as maravilhas da misericórdia de Deus para com os mortos*

447. E se me perguntais o fundamento desta tão gloriosa e quase divina singularidade, respondo que por duas razões, ambas também presentes, uma geral, outra particular. A primeira e geral, porque é obra de misericórdia feita a homens mortos; a segunda e particular, porque é feita a mortos justificados e tirados da força.

Começando pela primeira: então se une a misericórdia com a verdade quando a obra de misericórdia é tão verdadeira e pura, que não tem mistura de outro afeto que a vicie, nem liga de outro motivo ou respeito que a falsifique, e tais são as obras de misericórdia que se exercitam com os mortos. Quando Judas condenou a unção da Madalena, acudiu o divino Mestre a emendar a censura do mau discípulo, dizendo e ensinando a toda a sua escola que aquela obra fora boa: *Opus enim bonum operara esta in me*<sup>9</sup>.

448. Em dizer o Senhor absolutamente que a obra fora boa, qualificou e definiu que era livre de todo e qualquer defeito que a pudesse viciar, porque *bonum ex integra causa malum ex quocumque defecto*. Agora pergunto: e por que foi absolutamente boa e pura aquela obra, e não só livre dos defeitos que lhe opunha a calúnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava que nas mesmas palavras de Cristo estava a verdadeira razão. Não só disse o Senhor: *Opus bonum operara est*, mas acrescentou: *in me*, em mim. E como aquela obra fora feita em Cristo, a Cristo e por Cristo, parece que não havia mister outra coisa nem outra prova, para ser qualificada por boa, e puramente boa: *Opus bonum*. Assim o cuidava eu, e creio que o cuidaram todos, mas não foi esta a razão com que o Senhor

<sup>8</sup> Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho (Flp. 2, 10).

<sup>9</sup> No que fez, me fez uma obra boa (Mt. 26,10).

provou a bondade e pureza da obra, senão outra muito mais secreta, que ninguém podia imaginar, verdadeiramente admirável e profundíssima. *Mittens haec, unguentum hoc in corpus meum ad sepeliendum me feciti*<sup>10</sup>. Os unguentos preciosos e aromáticos naquele tempo usavam-se para ungir os mortos, e também os vivos. Os vivos por delícia, os mortos para a sepultura. Responde pois Cristo a Judas: vês este unguento que derramou a Madalena sobre mim, e de que tu tanto te escandalizas. Pois hás de saber que ela não me ungia por delícia, como vivo, senão para a sepultura, como morto: Quando o meu corpo estiver morto no sepulcro, há-me de querer ungir a Madalena, e não há de poder. E porque a sua devoção merece que eu não deixe de receber este último ofício de piedade, por isso, com moção e instinto divino me veio ungir antecipadamente, para prevenir em meu corpo esta cerimônia de defunto: *Praevenit ungere corpus meum*<sup>11</sup> De sorte — notai agora — que para Cristo haver por provado que aquela obra era absolutamente boa, e livre de todo o respeito e defeito humano, não bastou referir que era feita a ele, como todos estavam vendo, mas foi-lhe necessário revelar o mistério que só mesmo o Senhor e a Madalena entendiam, e declarar que o não ungiu como vivo, senão como morto: *Opus bonum operata est, ad sepeliendum me fecit*. Tanto vai nas obras de misericórdia serem feitas a mortos ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Cristo. Se fora obséquio feito a Cristo vivo, pudera argüir a especulação e suspeitar a malícia, ou murmurar e caluniar algum defeito aparente que, quando menos, o pusesse em dúvida; mas, como era obra de misericórdia exercitada com um corpo morto, e para lhe dar sepultura, irrefragavelmente ficou demonstrando que era verdadeira e pura misericórdia, ou, falando nos nossos termos, que era misericórdia e verdade: *Misericordia, et veritas*.

449. O fundamento sólido e claro desta filosofia é porque os motivos que podem viciar a pureza e falsificar a verdade das obras de misericórdia são outros respeitos humanos, e na dos mortos não há respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitadas e nos mais respeitosos do mundo, que são os reis e os que andam mais chegados a eles. Morreu el-rei Herodes, aquele que logo em seu nascimento quis tirar a vida a Cristo e o obrigou a fugir ao Egito, e tanto que morreu, apareceu o anjo a S. José, e disse-lhe que seguramente podia tornar para as terras de Israel: *Defuncti sunt enim qui quaerebant animam pueri* (Mt. 2,20): porque já eram mortos os que perseguiram o Menino. — Este porquê do anjo, parece que foi mais largo do que havia de ser. O evangelista diz que só morrerá Herodes: *Defuncto Herode*. Pois, se o que morreu foi só Herodes, perseguidor de Cristo, como diz o anjo que morreram todos os que o perseguiram? Porque com a morte dos reis morrem todos os respeitos que os acompanham na vida. Herodes perseguia a Cristo por respeito da coroa; os demais perseguiram-no por respeito de Herodes, e como morreu Herodes também morreram com ele todos esses respeitos.

<sup>10</sup> Derramar ela este bálsamo sobre o meu corpo, foi ungir-me para ser enterrado (Mt. 26,12).

<sup>11</sup> Embalsamou antecipadamente o meu corpo (Mc. 14, 8).

450. E diz o anjo angelicamente, não que morreram os respeitos, senão que morreram os respeitosos ou respectivos, isto é, os familiares de Herodes, para que se desenganem todos os mortais de quão pouco se devem fiar os mortos dos vivos. Em algumas nações na Índia, quando morrem os reis, matam-se juntamente com eles todos os seus criados e validos. Cá não se matam, mas também morrem. Morrem para eles, e vivem — como sempre viveram — só para si. E se isto sucede aos reis, que será ali dali abaixo? Desenganemo-nos pois, que para os mortos não há vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode, defuncti sunt enim*. Atai as palavras do evangelista com as do anjo, e notai muito aquele *enim*. Morrem os vivos com os mortos, sem outro acha que nem porquê, senão porque eles morreram. Não morreria muito tresvariado e fora de si quem nomeasse por seu testamenteiro um morto? Pois assim o fazem os que na morte encomendam os descargos de sua alma aos vivos. Até os que na vida morriam por vós, na morte morrem convosco. Vede-o nos filhos para com os pais, e nos irmãos para com os irmãos, e, o que é mais que tudo, nos amigos para com os amigos. O par maior de amigos que lemos nas Escrituras — que os outros são fabulosos — foram Jônatas e Davi. Morreu Jônatas, ficou Davi vivo, e tudo o que fez por ele foi tirar a fazenda a seu filho, e compor um soneto ou uma canção à sua morte: *Doleo super te, frater mi Jonatha, decore nimis, et amabilis super amorem molierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te deligebam*<sup>12</sup>. Reparaí no *diligebam*: amava. Ele mesmo confessa e diz, não que ama, senão que amava, porque com a morte de Jônatas, morreu também o amor de Davi. Fiai-vos lá de amigos, e mais dos mais discretos! O que podeis esperar, quando muito, da memória ou do seu entendimento, é uma meia folha de papel com catorze versos; melhor fora uma bula dos defuntos.

451. Mas, tornando a Herodes e à declaração dos respeitos por que na sua morte morreram com ele todos os seus, é de saber que este Herodes, por sobrenome Ascalonita, foi o homem que por todas as artes e manhas soube melhor ganhar, sujeitar e unir a si os ânimos dos homens. Como era intruso na coroa, e reinou quarenta e dois anos, sempre com receio de que o privassem do reino, a uns granjeava com favores e mercês, como rei, a outros sujeitava com rigores e castigos, como tirano. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu reino mais que uma só vontade, que era a sua. Bem se viu na entrada dos magos em Jerusalém, com voz de outro rei: *Turbatus est Herodes* (Mt. 2,3): Turbou-se Herodes; *Et omnis Hierosolyma cum illo*: e todos por ele, e com ele. — E, assim como todos viviam com ele, quando vivo, assim todos morreram com ele, quando morro. Enquanto vivo, uns viviam com ele pelo benefício, outros pelo medo; tanto que morreu, morreram também todos com ele, porque nem uns tinham já que temer, nem outros que esperar. Esta é a maior miséria dos mortos: serem gente que não pode fazer bem nem mal. E porque com eles morrem e se acabam todos os respeitos e dependências por que se

<sup>12</sup> Por ti me encho de mágoa, meu irmão Jônatas, o mais gentil, e o mais amável sobre as mais amáveis mulheres. Eu te amava bem como uma mãe ama a seu filho único (2 Rs. 1,26).



governam os afetos humanos, por isso, assim como neles aquela é a maior miséria, assim para com eles esta é a maior misericórdia. Misericórdia sem respeito, misericórdia sem dependência, misericórdia sem motivo algum que não seja pura misericórdia, e por isso, enfim, misericórdia e verdade: *Misericordia, et veritas*.

452. Não sou muito amigo de autoridades, porque raramente se podem ajustar com quem disser o que não está dito. Ouçamos, porém, a de Santo Ambrósio, que melhor e mais altamente que todos tocou este ponto. Naquele seu famoso livro, que intitulou *De Officiis*, falando da sepultura dos mortos, diz que entre todos os benefícios que pode fazer a piedade humana, este é o mais excelente: *Nihil hoc officio praestantius*. Outros diriam que maior benefício e maior obra de misericórdia é sustentar os pobres e remir os cativos, porque a uns dá-se vida, e a outros liberdade. Contudo, este grande doutor da Igreja, e mestre de Santo Agostinho, diz que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o benefício, é o mais excelente de todos, e dá a razão: *Nihil hoc officio praestantius, ei conferre, qui tibi jam non potest redderes*: É — diz — o mais excelente de todos porque é o benefício feito a quem o não pode pagar; eu acrescentara, nem dever. É fazer bem a quem vos não pode fazer bem; eu acrescentara nem mal. É obra de que se não espera agradecimento; eu acrescentara, nem queixa. É, finalmente, compadecer-me eu e remediar a quem não padece de miséria, nem sente o benefício, que isto é ser morto. O bem que se faz aos vivos — como bem sabem os que o fazem, e não ignoram os que o recebem — pode-o negociar o interesse, pode-o solicitar a dependência; pode-o violentar o respeito, e nada disto se pode esperar de uns ossos secos, nem temer de umas cinzas frias; logo a sepultura dos mortos é o maior ofício de piedade, como diz Ambrósio; logo a sepultura dos mortos é misericórdia e verdade, como nós dizemos, porque é misericórdia pura e limpa de toda outra atenção, e nua, como a verdade, de todo o respeito. Mas, concluamos com a Escritura, que é só a que diz tudo.

453. Considera Davi o estado dos mortos, e admirado de que também deles tenha providência Deus, exclama ou pergunta assim: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* (Sl. 87, 11). É possível, Senhor, que com os mortos, que já não têm ser, há de ser tão cuidadosa a vossa providência, que faça por eles maravilhas? Não se poderá exagerar mais, nem encarecer melhor, quão grande coisa é fazer bem aos mortos e lembrar deles, pois um profeta que sabia e conhecia de Deus mais que todos, chega a chamar a esta obra milagre da Divina Bondade, e não só o venera com tanta admiração, mas quase parece que o duvida: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* Ora, saibamos em que topava esta admiração e dificuldade Davi, e que maior ou menor razão achava nos mortos que nos vivos, para ser mais maravilhosa neles a previdência e bondade divina. O mesmo Davi se declarou respondendo a uma pergunta com outra pergunta, e amplificando um *nunquid* com outro *nunquid*: *Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, et veritatem tuam in perditione* (Sl. 87, 12)? É possível que se hão de contar exemplos da vossa misericórdia na

sepultura, e da vossa verdade na perdição? — Se Davi fizera de encomenda este verso, não viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama à misericórdia verdade, e à sepultura perdição, e logo põe a misericórdia na sepultura: *Misericordiam in sepulchro*, e a verdade na perdição: *Et veritatem in perditione*, porque, em ser a sepultura perdição, consiste o ser a misericórdia verdade. Ora vede: lá disse com alta filosofia Sêneca que a verdade do bem fazer não consiste em dar o benefício e perdê-lo, senão em o perder e dá-lo: *Beneficium est non dare et perdere, sed perdere et dare*. Dar o benefício e perdê-lo é caso que sucede muitas vezes, ou por imprudência de quem o dá, ou por impossibilidade, ou por avareza, ou por ingratidão de quem o recebe; e, neste caso, a boa obra não é benefício; é ignorância ou desgraça. Pois, quando é verdadeiro benefício a obra boa? Quando quem a faz sabe que a perde, e, contudo, a faz. E tais são os benefícios que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o benefício que se lhes faz, e ainda que o conheceram não a podem agradecer nem pagar, tudo o que se faz aos mortos, é como se perdera, e por isso a sepultura se chama perdição: *in sepulchro in perditione*. E, contudo, que sendo a sepultura perdição, haja contudo misericórdia tão alheia e tão limpa de todo o interesse, que não só dê sepultura aos mortos, mas sepultura tão nobre e tão honrada como a que temos presente, com tão longo e tão ilustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta majestade de insígnias, com tanto aparato e riqueza de túmulos, com tanto concerto e harmonia de cerimônias sagradas, de ministros, de sufrágios e de ofícios eclesiásticos, estas são as maravilhas da misericórdia, de que Davi parece que duvidava e se admira: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* E esta é aquela pura misericórdia que, por não ter mistura alguma de outro afeto ou respeito, se chama em Deus e nos homens misericórdia e verdade: *Misericordiam tuam in sepulchro, et veritatem tuam in perditione. Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

#### §IV

*Os mortos honrados por respeito aos vivos: O enterro do filho da viúva de Naim. As exéquias de Jacó e as exéquias de José. A maldição da forca. Isaías e a geração dos enforcados. Os judeus e o escândalo da cruz. Davi e a sepultura dos filhos de Saul. O maior interesse da misericórdia: a graça neste mundo e a glória no outro.*

454. Está dada a primeira e geral razão, mas não basta, porque tem sua réplica. Passemos à segunda e particular, que a não tem nem pode ter. Basta absolutamente ser a obra de misericórdia feita a mortos, por ser misericórdia e verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, e muitas, não basta, porque muitas vezes são servidos e honrados os mortos, não por si, mas por respeito dos vivos. E isto não é misericórdia e verdade, senão hipocrisia e mentira sem misericórdia. Não vedes nas mortes

e funerais, principalmente dos grandes, os concursos e assistência de todas os estados que se fazem àqueles perfumados cadáveres, de cujas almas porventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis que cuidamos que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vós, que são puras cerimônias e lisonjas com que incensais os vivos.

455. Ia Cristo chegando às portas de Naim, quando vinha saindo a enterrar com grande pompa e acompanhamento de toda a cidade, um moço, filho único de uma mãe viúva, a qual também, com muitas lágrimas, seguia a tumba. Descreve o evangelista São Lucas este encontro por ocasião de um famoso milagre que o Senhor ali obrou, e diz desta maneira: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris suae: et haec vidua erat: et multitudo copiosa plebis cum illa*<sup>13</sup>: saía a enterrar um moço, filho único de sua mãe, a qual era viúva, e ia grande multidão do povo com ela. “— Não sei se reparais nos termos. Não diz o evangelista que os que acompanhavam o defunto iam com ele, senão com ela: *cum illa*. Parece que havia de dizer que o acompanhamento ia com o filho, e não com a mãe, porque o filho era o defunto, e a mãe viva; mas por isso mesmo disse que iam com ela, e não com ele: *cum illa*; porque ordinariamente o que parece que se faz aos defuntos, faz-se aos vivos. Se fora a defunta a mãe, o acompanhamento havia de ir com o filho; mas porque o defunto era o filho, o acompanhamento ia com a mãe. Por mais que sejam funerais os obséquios, aos vivos é que se fazem, e não aos mortos. Ouvis aqueles responsos de corpo presente, tão concertados e tão sentidos? Pois não se rezam aos defuntos: cantam-se aos vivos. Por isso os de Naim, no enterramento do filho da viúva, iam com ela, e não com ele. O filho era o defunto, e a mãe a acompanhada. Os da tumba levavam o morto, os do acompanhamento levava-os a viúva. Ele ia para a sepultura, e eles não iam com quem ia, iam com quem ficava.

456. Se isto é o que passa nas cidades pequenas, como a de Naim, que será nas grandes cortes, onde é tamanha a lisonja dos vivos como o esquecimento dos mortos? Ponhamo-nos na de Mênfis. Morreu Jacó, pai de José, no Egito, e depois morreu também José na mesma corte. Mas é digno de admiração e de pasmo o modo com que se portaram os egípcios em uma e outra morte. Na de Jacó, duraram os prantos e as exéquias setenta dias: *Flevit eum populus septuaginta dies* (Gên. 50,3). E porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaã, como tinha mandado, acompanharam-no até lá todos príncipes e grandes do paço de Faraó, e todos os magistrados e senhores do Egito, com grandes tropas de cavalaria e aparato de carroças: *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique majores natu Aegypti; habuitque in comitatu currus et equites* (Gên. 50,7.9). Assim foram caminhando até fora das raias do Egito, e, depois que passaram o Jordão e

<sup>13</sup> Na Vulgata: *Et turba civitatis multa cum illa*.

— Eis que levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que já era viúva; e vinha com ela muita gente da cidade (Lc. 7,12).

chegaram ao lugar do sepulcro, renovaram outra vez as exéquias por espaço de sete dias, com tantas lágrimas e extraordinários prantos, que admirados os cananeus, puseram por nome àquele sítio *Planctus Aegypti*: o pranto do Egito. *Ubi celebrantes exequias planctu magno atque vehementi, impleverunt septem dies. Quod cum vidissent habitatores terrae Chanaan, vocatum est nomen loci illius: Planctus Aegypti* (Gên. 50,10 s). Tão sentida e tão majestosamente como isto celebraram os egípcios as exéquias de Jacó, pai de José. E quais vos parece agora que seriam as do mesmo José, quando depois morreu no mesmo Egito? De indústria referi todas as palavras com que a Escritura descreve as do pai, para que a mesma Escritura nos diga também as do filho. Ouvi com assombro o que diz: *Mortuus est Joseph expletis centum et decem vitae suae annis. Et conditus aromatibus, repositus est in loculo in Aegypto* (Gên. 50,25): Morreu José de idade de cento e dez anos, e, ungido, como era costume dos hebreus, o meteram em um lugar do tamanho do seu corpo no Egito.

457. E não diz mais a História Sagrada, sendo estas as últimas palavras de toda a que escreveu Moisés. E que é das exéquias? Que é das lágrimas e prantos? Que é da solenidade do enterro? Que é dos aparatos fúnebres? Que é dos mausoléus e pirâmides egípcias? Que é do concurso da corte? Que é do acompanhamento e assistência dos tribunais, dos ministros e senhores grandes da casa de Faraó, de que José era o maior, o mais valido, o mais respeitado e adorado, e sobretudo, o mais benemérito? Nada disto diz Moisés, sendo sem dúvida que o havia de dizer, se houvera, assim como com tanta especialidade e miudeza descreveu as honras e exéquias de Jacó. Pois, se a Jacó, só por ser pai de José, sem outro merecimento ou serviço com que tivesse obrigado aos egípcios, lhe fazem na morte tão magníficas exéquias e tão esquisitas honras, e, o que é mais, acompanhadas de tantas lágrimas e prantos, como falta tudo isto na morte de José, na morte, outra vez, daquele mesmo José a quem os mesmos egípcios deram o nome de Redentor do mundo, porque ao rei tinha remido e conservado o reino, e aos vassalados primeiro tinha dada a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vai de mortos a mortos, quando concorre ou falta o respeito dos vivos. Quando morreu Jacó era vivo José, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeram tantas honras ao pai. Pelo contrário, quando morreu José, não deixou vivo depois de si a quem os egípcios respeitassem, ou de quem dependessem, e como não havia vivos para os obséquios, não houve exéquias para o defunto. Só se podiam desculpar os egípcios com José, dizendo que lhe faltaram com as lágrimas na morte, porque já lhas tinham dado em vida. E assim foi. Nas exéquias de Jacó, o chorado não era o pai, era o filho, porque não choravam os egípcios pelo morto: choravam para o vivo. Saíam as lágrimas dos seus olhos para que as vissem os de José, e não as exprimia a dor ou a saudade, senão a dependência e lisonja, como lágrimas de figuras pintadas, que, assim como se riem sem alegria, também choram sem tristeza.

458. De todo este discurso tão provado com a Escritura e tão confirmado com a experiência, se conclui sem controvérsia nem réplica, que este ato de misericórdia que

temos presente é ato puramente de misericórdia e de verdade, porque é misericórdia exercitada com mortos, em quem não cabe dependência nem lisonja de vivos. Que vivo há que queira ser pai ou filho de um enforcado? É tão feio, tão infame e tão abominável o suplício da forca, que de todos estes respeitos priva e despoja aos miseráveis que nela acabam. O que hoje é a forca, era antigamente a cruz — como foi até o tempo do imperador Constantino — e falando dela São Paulo, diz: *Maledictus omnis qui pendet in ligno* (Gál. 3,13): Todo o homem que acaba a vida pendurado de um pau é maldito. — Alude a Apóstolo ao capítulo vinte e um do Deuteronômio, onde a lei divina pronuncia a mesma maldição com palavras ainda de maior horror: *Maledictus a Deo est, qui pendet a ligno* (Dt. 21,23): O homem que morre em um pau, não só é maldito, senão maldito de Deus. — Sentença verdadeiramente horrenda, e que só se pode entender por encarecimento da infâmia e abominação de tal gênero de morte. Eram condenados a este suplício não todos os delitos, senão os mais graves e atrozes, como o latrocínio, o homicídio, a rebelião, a blasfêmia, e não diz a lei que são malditos de Deus os ladrões, os homicidas, os sediciosos, os blasfemos, senão os que morrem pendurados de um pau: *Maledictus a Deo est, qui pendet a ligno*. Como se fora mais abominável a pena que a culpa, e mais mofinos e malditos os justificados pela infâmia do suplício, que pela atrocidade dos crimes. E como esta infâmia, e maldição corre pelas veias, e se difunde e estende aos parentes, qual haverá que a queira herdar, ou ter parte nela? Esta é a razão por que os vivos destes mortos não podem ser adulados nem lisonjeados neles; envergonhados e afrontados, sim. Antes, a maior honra e graça que se pode usar com os tais, é dissimular-lhes o sangue e encobri-lhes o parentesco. Por isso consideram alguns que, estando Cristo na Cruz, nem à Mãe chamou Mãe, nem ao primo primo, naquelas duas verbas do seu testamento, calando os nomes do parentesco, por lhe não publicar a afronta.

459. Mas quem mais altamente ponderou a verdade desta razão foi o profeta Isaías. Aquele texto: *Generationem ejus, quis enarrabit*<sup>14</sup>, a que se tem dado tantos sentidos literais, se bem se atar, como deve, com a relação do que fica atrás e vai adiante, quer dizer: Quem tomará na boca sua geração, ou quem se prezará e jactará de ser da geração de Cristo? E por quê? *Quia abscissus est de terra viventium*: Porque foi tirado da terra dos viventes, porque foi morto violentamente. — Pois por ser morto violentamente se haviam afrontar de sua geração? Morto violentamente foi el-rei Josias, morto violentamente Abner, mortos violentamente os famosos Macabeus, Judas e Eleazaro, e nem por isso se desprezava ninguém de ser de sua geração, antes se honravam muito. Como diz logo Isaías que se haviam de afrontar os homens de ser da geração de Cristo, por ser morto violentamente? Não diz isto Isaías pela morte nem pela violência, senão pelo gênero e ignomínia dela, como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto é, porque havia de morrer violentamente em uma cruz, que era o mesmo que em uma forca; e parente, e da

<sup>14</sup> Quem contará a sua geração (Is. 53, 8)?

geração de um enforcado, ninguém há que o queira ser. As palavras em que o declarou o profeta são aquelas: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus*<sup>15</sup>, como aguda e eruditamente notou aquele grande expositor, a quem Espanha tem dado modernamente o título de Beda, o Venerável Padre Gaspar Sanches. Assim como cá aos nossos enforcados lhes cobrem o rosto quando os hão de lançar da forca, assim antigamente cobriam o rosto aos crucificados, não quando os pregavam na cruz, senão quando os condenavam a ela. Quando el-rei Assuero mandou crucificar a seu valido Amã, diz o texto que logo lhe cobriram o rosto: *Necdum verbum de ore regis exierat, et statim operuerunt faciem ejus*<sup>16</sup>. E quando Caifás, e os do seu conselho condenaram a Cristo, logo também lhe cobriram o rosto: *Codemnaverunt eum esse reum mortis, et caeperunt quidam conspuere eum, et velare faciem ejus*<sup>17</sup>. E isto é o que declarou Isaías, profetizando o gênero da morte de Cristo, quando disse que o viram com o rosto coberto e escondido: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus*. E porque tinha já dito que o gênero de morte havia de ser tão ignominioso e afrontoso, como era o da forca daquele tempo, por isso acrescentou que ninguém havia de querer ser da sua geração, e não por outra causa, senão pela morte com que havia de ser tirado deste mundo: *Generationem ejus quis enarrabit, quia abscissus est de terra viventium*.

460. Assim o disse Isaías, e assim o mostrou a experiência nos que eram do sangue e geração do mesmo Cristo, como notou São Paulo: *Praedicamus Christum crucifixum, judais quidem scandalum, gentibus autem stultitiam* (1 Cor. 1,23): Eu prego a Cristo crucificado, assim aos judeus como aos gentios; mas, como lhes digo que foi crucificado, os judeus escandalizam-se, os gentios zombam. — Deixemos aos gentios, vamos aos judeus. Cristo era da tribo de Judá: *De tribu Juda*. Era filho de Davi e de Abraão: *Filii David, filii Abraham*. E estes mesmos pais e avós são aqueles de quem tanto se prezavam os judeus: *Nos semen Abrahae sumus*<sup>18</sup>. Sobretudo, Cristo era Filho de Deus, como ele provou aos mesmos judeus com as palavras do salmo: *Dixit Dominus Domino meo: Sede a dextris meis*<sup>19</sup>, a que eles não tiveram que responder. Pois, se por todos os lados lhes estava tão bem aos judeus serem parentes de Cristo, por que o não querem, por que se afrontam dele? Em que reparamos seus brios, em que tropeça a sua honra, que isto quer dizer *scandalum*? Todo o escândalo em que tropeçavam era a cruz; todo o reparo e toda a repugnância era haver sido Cristo crucificado: *Christum crucifixum, judaeis scandalum*. De sorte que, posta de uma parte a honra da divindade, e da outra a afronta da cruz, afrontavam-se do parentesco de Deus, só por não ser parentes de um crucificado. E como os vivos fogem e abominam tanto o ser parentes dos que tão afrontosamente morreram, por

<sup>15</sup> Vimo-lo, e não tinha parecença do que era, e o seu rosto se achava como encoberto (Is. 53, 2 s).

<sup>16</sup> Ainda não havia saído da boca do rei esta palavra, quando logo lhe cobriram a cara (Est. 7, 8).

<sup>17</sup> A sentença que deram foi que era réu de morte. Então começaram alguns a cuspir nele, e a tapar-lhe o rosto (Mc. 14, 64 s).

<sup>18</sup> Nós somos descendentes de Abraão (Jo. 8, 33.39).

<sup>19</sup> Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha mão direita (Sl. 109, 1).

isso a obra de misericórdia que se exercita com estes mortos é livre de toda a consideração e respeito dos vivos, e como tal, sem controvérsia, misericórdia e verdade: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi.*

461. O mesmo Davi, que nos deu afundamento de tudo o que temos dito, nos dará também a última cláusula e prova, pois não pode haver melhor intérprete do texto que o mesmo autor dele. Morreu el-rei Saul na fatal batalha dos Montes Gelboé, e morreram juntamente três filhos seus, o príncipe, e dois infantes. Ao outro dia vieram os filisteus a recolher os despojos e reconhecendo entre os mortos os corpos dos quatro príncipes, insolentes com a vitória, os enforcaram barbaramente, e os deixaram pendurados das ameias, nos muros da cidade de Betsã. Assim não valem púrpuras nem coroas contra os castigos que vêm sentenciados pelo céu, e não há desgraça nem miséria tão indigna, a que não estejam sujeitos os que nasceram homens, por mais que os tenha levantado a fortuna sobre toda a igualdade da natureza. Desta maneira estiveram expostos aos olhos do mundo aquelas quatro grandes figuras desta grande tragédia, até que movidos à piedade, os moradores de Jabes Galaad, ajudados do silêncio da noite, os desceram daquele infame lugar e lhes deram sepultura. O que agora faz ao nosso ponto, é que, agradecendo Davi aos de Jabes esta obra de misericórdia, o fez com estas palavras: *Benedicti vos a Domino, qui fecistis misericordiam hanc cum domino vestro Saul, et sepelistis eum. Et nunc retribuet vobis quidem Dominus misericordiam, et veritatem* (2 Rs. 2,5 s): Muito vos louvo e agradeço, diz Davi, a obra de misericórdia que usastes com Saul, vosso antigo senhor, com lhe dardes sepultura, e também vos prometo que Deus vos pagará esta misericórdia e verdade.

462. No primeiro lugar chamou a esta obra misericórdia, e no segundo, chamou-lhe misericórdia e verdade. E por quê? Porque enterrar os defuntos é absolutamente obra de misericórdia; mas enterrar defuntos enforcados, como estes eram, e sem outro respeito nem dependência de vivos porque também estes se tinham acabado com Saul não só é misericórdia de qualquer modo, mas misericórdia e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem.* El-rei Saul, ainda que deixou alguns filhos, assim ele como eles estavam já desertados por Deus, e ungido para a coroa Davi, como era público em todo Israel; e que, não havendo vivos a quem respeitar nem adular, tivessem aqueles mortos e enforcados quem, tirados do lugar infame, lhes desse honrada sepultura, não só foi ato de misericórdia, mas de misericórdia e verdade, e de misericórdia e verdade canonizada pelo mesmo Espírito e pelo mesmo autor do nosso texto: *Retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem: Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

463. E para que acabemos um ato de misericórdia tão desinteressada com o maior interesse que pode esperar a misericórdia, saiba toda esta santa comunidade que neste mesmo desinteresse seu consiste o maior interesse. Não o terão com os homens, porque estes mortos não têm vivos, mas tê-lo-ão com aquele Senhor que sempre vive, e nenhuma

obras mais estima e premia que as que os vivos exercitam corri os mortos. Deus sempre premia misericórdia com misericórdia, que é uma das maiores excelências desta virtude: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur*<sup>20</sup>. Mas assim como esta obra tem de mais ser misericórdia e verdade, assim a premia também Deus com misericórdia e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem*.

464. Muitas obras de misericórdia premia Deus muitas vezes com misericórdia que não é misericórdia e verdade. A misericórdia que os esmoleres exercitam com os pobres, muitas vezes a premia Deus com acrescentar a fazenda que com eles se reparte: *Faeneratur Domino qui miseretur pauperi*<sup>21</sup>. A misericórdia que os filhos exercitam com os pais, promete-lhe Deus em prêmio a larga vida: *Ut sis longaevus super terram*<sup>22</sup>. A misericórdia que os capitães exercitam com os inimigos também lhe remunera Deus com vitórias e despojos: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam merito ab inimicis meis inanis*<sup>23</sup>. Mas todas estas misericórdias com que Deus muitas vezes paga a misericórdia, não são misericórdia e verdade, porque a fazenda, a vida, as vitórias, e todas as felicidades do mundo são tão falsas e vãs como o mesmo mundo, com o qual todas acabam. Qual é logo a misericórdia e verdade com que Deus paga nesta vida? A misericórdia e verdade de que fala Davi quando diz: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem*, é só a graça de Deus. Por isso Cristo se chama cheio de graça e de verdade: *Plenum gratiae, et veritatis* (Jo. 1, 34); porque nesta vida só a graça de Deus é verdade, e tudo o que não é graça de Deus é vaidade e mentira: mentira e vaidade as riquezas; mentira e vaidade as honras; mentira e vaidade as que tão falsamente se chamam delícias; enfim, tudo o que este mundo preza, ama e busca, mentira e vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem, et quaeritis mendacium*<sup>24</sup>. Oh! se bem acabássemos hoje de entender esta verdade, que grande misericórdia de Deus seria! E como nesta vida só a graça de Deus é verdade, esta é também a verdade e misericórdia, com que Deus paga nesta vida, a misericórdia que juntamente é verdade. Isso quer dizer: *Et nunc*: agora, e nesta vida, *retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem*.

465. Mas porque Deus nos não fez só para vivermos neste mundo que acaba, senão também no outro, que há de durar para sempre, sabei por última conclusão que assim como Deus paga a misericórdia e verdade nesta vida com a verdade desta vida, assim a há de pagar também na outra vida, com a verdade da outra. E qual é a verdade da outra vida? É a glória que responde à graça. Neste mundo, que é a terra da mentira, a única verdade é a graça; no outro mundo, que é a terra da verdade, toda a verdade é a glória. E assim como Deus nesta vida paga a misericórdia e verdade com a graça, que é a verdade desta vida,

<sup>20</sup> Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia (Mt. 5, 7).

<sup>21</sup> O que se compadece do pobre dá o seu dinheiro a juro ao Senhor (Prov. 19,17).

<sup>22</sup> Para teres uma dilatada vida sobre a terra (Êx. 20,12).

<sup>23</sup> Se paguei com mal aos que mo faziam, caia eu com razão debaixo de meus inimigos, sem esperança (Sl. 7, 5).

<sup>24</sup> Por que amais a vaidade e buscais a mentira (Sl. 4,3)?



assim na outra vida a há de pagar igualmente com a glória, que é a verdade da outra. Assim o tem prometido o mesmo Deus, e não por outra boca, senão pela do mesmo Davi, que nos ensinou e exortou a ajuntar a misericórdia e a verdade: *Misericordiam et veritatem diligit Deus, gratiam et gloriam dabit Dominus*: Porque Deus ama a misericórdia e verdade, a todos os que ajuntarem a misericórdia com a verdade dará Deus nesta vida a graça, e na outra a glória.

## SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

PREGADO NA CAPELA REAL, ANO DE 1652

*Amen dico vobis, non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant<sup>1</sup>.*

### §I

*Muitas coisas sabemos do Juízo universal, e só duas ignoramos: quando há de ser, e quais de nós são os que se hão de ver à mão direita e quais à esquerda. Estes serão os dois pontos do discurso.*

465\*. Muitas coisas sabemos deste grande dia, todas grandes e temerosas, e duas só ignoramos. Sabemos que antes do dia do Juízo, o sol, que soía fazer o dia, se há de escurecer e esconder totalmente com o mais horrendo e assombroso eclipse que nunca viram os mortais. Sabemos que a lua, não por interposição da terra, mas contra toda a ordem da natureza, se há de mostrar entre as trevas medonhamente desfigurada e toda coberta de sangue. Sabemos que as estrelas do firmamento, desencaixadas dos orbes celestes, hão de cair, e como no mundo inferior não têm onde caber, lá hão de estalar a pedaços com horrível estrondo, e exalar-se em vapores ardentes. Sabemos que o mar há de sair furiosamente de si, e atroar os ouvidos atônitos com pavorosos roncões, e, levantando ondas imensas até às nuvens, já não há de bater como dantes as praias, mas sorver inteiras as ilhas e afogar os montes. Sabemos que depois destes tristíssimos sinais — a que o Evangelho chama princípios das dores — entre trovões, relâmpagos e raios, há de chover um dilúvio de fogo, com que se há de acender o ar, secar o mar e abrasar a terra, e que, nesta universal confusão de fumo e labaredas, há de arder e consumir-se em todos os três elementos tudo o que até então respirava e vivia neles. Sabemos que assim hão de acabar todos os homens, e que assim há de acabar com eles tudo o que a sua ambição e vaidade fabricou em tantas vidas e séculos, e que este há de ser, enfim, o fim do nosso mundo,

<sup>1</sup> Em verdade vos afirmo, que esta geração não passará enquanto se não cumprirem todas estas coisas (Lc. 21,32).

lastimoso, mas não lastimável, porque já não haverá quem se lastime dele.

466. Neste vastíssimo deserto, e neste profundíssimo silêncio de tudo o que foi, sabemos que se ouvirá em um e outro hemisfério o som de uma trombeta, a cuja voz portentosa se levantarão daquele sepulcro universal todos os mortos e vivos, mas não sairão na mesma, senão em muito diversas figuras, porque cada um trará no semblante o retrato de sua própria fortuna. Tornado a povoar assim o mundo com todos os que hoje são, com todos os que foram, e com todos os que hão de ser, sabemos que de repente se há de abrir no céu uma grande porta, e que a primeira coisa que todos verão sair por ela, cercada de resplendores bastantes a escurecer o sol, se ainda houvera sol, será a mesma sagrada cruz em que o Redentor do mundo padeceu, reservada só ela do incêndio, e reunida de todas as partes da Cristandade de onde esteve dividida e adorada. Sabemos que a esta celestial bandeira seguirão, repartidos em nove numerosíssimos exércitos, todas as hierarquias dos anjos, e que sinaladamente se divisarão entre eles os que tiveram por ofício guardar os homens, uns com rosto alegre, outros severo, segundo o feliz ou infeliz estado daqueles a quem guardaram. Sabemos que por fim deste infinito e pomposíssimo acompanhamento, aparecerá em trono majestoso de luzidíssimas nuvens o supremo e universal juiz, Cristo Jesus, a cuja vista se abaterão, prostrados com profundíssimo acatamento, toda a multidão imensa do gênero humano ressuscitado, adorando agora com bem diferentes afetos, uns a Majestade que creram e serviram, outros a que não quiseram crer, outros a que não quiseram servir.

467. Parado em proporcionada distância o tremendo consistório, e assentados de um e outro lado, como assessores, os doze apóstolos, sabemos que sairão dele, como ministros inferiores de justiça, muitos anjos em forma visível, os quais, entrando por aquela imensidade de homens — já despidos e desenganados todos dos falsos respeitos que se lhes guardavam na vida — sem confusão nem resistência, os apartarão uns dos outros, e os bons e ditosos serão colocados à mão direita, e os maus e mal-aventurados postos à esquerda. De uma parte estará a esperança alentando, e da outra o receio tremendo; e no meio desta suspensão e terror de que até os mesmos anjos se não darão por seguros sabemos que em um momento se abrirão os processos, e ficarão manifestas e patentes as vidas de todos, sem haver obra, palavra, omissão nem pensamento, por mais secreto e oculto, que ali não seja público, vendo todos as consciências de todos, todos a de cada um, e cada um a sua. Sabemos que, convencidos desta evidência, ninguém haverá que replique, ninguém que embargue, ninguém que apele, nem para a Mãe de Misericórdia, nem para a misericórdia do Filho e suas chagas, porque, havendo-se dado à mesma misericórdia tantos anos, aquele dia tantas vezes pregado, e não temido, será todo da justiça. Sabemos finalmente que, pronunciada a sentença por aquela mesma sacratíssima boca que tantas vezes nos exortou à penitência dos pecados, que tanto tempo nos esperou pela emenda, e nos esteve rogando com o perdão, sabemos, digo, que os da mão direita, com o mesmo e

maior aparato – porque já as almas bem-aventuradas irão revestidas de seus corpos gloriosos — marcharão em triunfo para o céu, dando-se mil parabéns e vivas, e os miseráveis condenados, lançando sobre si infinitas maldições, e vendo sem remédio o que por sua culpa perderam, abrindo-se de repente a terra, cairão precipitados no inferno, e tornando-se outra vez a cerrar, ficarão sepultados e ardendo nele para enquanto Deus for Deus.

468. Estas são as grandes coisas que sabemos se hão de ver naquele grande e temeroso dia, todas certas e infalíveis, porque todas, sem afetação nem hipérbole, são tiradas das Sagradas Escrituras, no sentido natural, próprio e literal delas. Mas entre estas coisas tão sabidas e tão pregadas neste dia, há outras duas, como dizia ao princípio, as quais só ignoramos e não sabemos. E que duas coisas ignoradas são estas? São também grandes? São também temerosas? São também importantes e de que dependa a felicidade ou infelicidade eterna, a salvação ou condenação dos que vivemos? Agora o vereis. A primeira coisa que ignoramos, é quando há de ser o dia do Juízo, a segunda, quais de nós são os que se hão de ver à mão direita, e quais à esquerda. Estas duas coisas tão ignoradas, quero que leveis hoje sabidas, e elas serão os dois pontos do meu discurso. No primeiro vos direi de certo quando há de ser o dia do Juízo; no segundo, também de certo, quais se hão de ver à mão direita e quais à esquerda naquele dia. A matéria é tão grande e tão importante, que por si mesma se recomenda, e não é necessário pedir atenção; graça sim a Deus, e muita graça, para que nossas almas se deixem penetrar destes dois raios de luz, e tirem deles um último desengano, de que tanto necessita a nossa cegueira.

## §II

*A questão do fim do mundo: A primeira opinião é que se há de acabar no ano da conjunção maior restando ainda ao mundo nove mil anos de duração; a segunda opinião prova que o curso do mundo durará oito mil anos completos, desde a criação até o Juízo; a terceira é, que assim como o mundo foi criado em seis dias, assim durará seis mil anos, até o ano de 1800. Segundo o cardeal Cuzano o fim do mundo será no ano mil e setecentos. Quanto ao dia, acaba-se o mundo todos os dias.*

*Amen dico vobis, non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

469. A questão do dia do Juízo e fim do mundo, pode-se excitar de dois modos e em dois sentidos: ou mais largamente, quanto aos anos, ou mais estreita e determinadamente, quanto ao dia. Quanto aos anos há várias e mui diversas opiniões. Alguns têm para si que se há de acabar o mundo no ano da conjunção maior, ou perfeitamente máxima, isto é, quando os orbes celestes, depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem outra vez a

ficar no mesmo posto, composição e assento em que foram criados. O fundamento é porque não parece conveniente nem conforme à providência do Autor da natureza, que fabricasse esta grande máquina com tantos, tão diversos e tão concertados movimentos, para ficar parada no meio da carreira, e não dar sequer uma volta ou passeio inteiro, em que se visse e lograsse a consonância e simetria de sua admirável arquitetura, sendo certo que toda foi criada para louvor e glória do supremo Artífice. E segundo esta sentença e seus autores, ainda restam de vida ou duração do mundo mais de nove mil anos.

470. A segunda opinião prova, ou quer provar, que o curso do mundo, desde o dia de sua criação até o do Juízo, há de ser de oito mil anos completos. Funda-se naquele lugar do profeta Habacuc, em que diz que Deus se havia de manifestar aos homens no meio dos anos: *In medio annorum notum facies* (Hab. 3, 2). E constando, segundo a mais verdadeira e exata cronologia, que o mistério da Encarnação do Verbo, em que Deus se manifestou aos homens, foi quatro mil anos depois da criação, segue-se que do ano do nascimento de Cristo a outros quatro mil há de ser o fim do mundo. E, segundo esta opinião, ainda o mundo há de durar dois mil e trezentos e cinqüenta anos, tempo em que será já tão outro, que de tudo quanto hoje há nele apenas se conserve algum vestígio, gastados, como vemos, em menor antigüidade os mármore, e consumidos os bronzes.

471. A terceira e comuníssima sentença é que, assim como o mundo foi criado em seis dias, há de durar somente seis mil anos, conforme aquela regra de que mil anos para Deus são um dia: *Mille anni ante oculos tuos tanquam dies*<sup>2</sup>. E, assim como ao sexto dia da criação se seguiu o sétimo, em que diz a Escritura que descansou Deus de tudo o que tinha obrado, e depois deste dia não se conta outro, assim, ao sexto milenário da duração do mundo se há de seguir o sétimo, sem fim, no descanso da eternidade. Este modo de dizer se tem comumente por tradição antiquíssima, continuada desde o princípio do mesmo mundo. E verdadeiramente assim o demonstra a conspiração com que vemos concordes no mesmo parecer os mais doutos homens dos gentios, dos hebreus, dos gregos, dos latinos. Dos gentios, Hidaspes, Mercúrio, Trismegisto, e as Sibilas; dos hebreus, Rabi Isac, Rabi Elias, e Rabi Moisés Gerundense; dos gregos, S. Hipólito, S. Justino, S. Irineu, S. Cirilo, S. Crisóstomo; dos latinos, Tertuliano, Lactâncio, S. Jerônimo, S. Agostinho, S. Hilário. Acrescenta-se ao peso de tanta autoridade ser conforme este número à distribuição natural da Providência divina, pois sabemos que a lei da natureza durou dois mil anos, a escrita outros dois mil, e parece que, segundo a proporção e correspondência das mesmas leis, deve durar a da graça outro tanto tempo. Por estes e outros fundamentos, muitos e graves autores modernos, como Belarmino, Genebrardo, Fevardêncio, Pico Mirandulano, Bongo, Cornélio e outros, têm esta sentença por mui provável, e como tal a seguem. Na suposição dela, e de que o mundo não há de durar mais que seis mil anos, desde o ano presente, em que estamos, até o último, não lhe restam de duração mais que trezentos e cinqüenta. E

<sup>2</sup> Mil anos, aos teus olhos, são como um dia (Sl. 89, 4).

daqui podem inferir os que hoje edificam tão magnificamente em todas as cortes, Roma, Paris, e na nossa Lisboa, que tudo isto que fazem, e em que tanto se cansam, é em ir ajuntando lenha para o fogo do dia do Juízo.

472. O cardeal Cusano, grande filósofo e teólogo, em um tratado particular que compôs desta matéria, ainda estreita muito mais este prazo<sup>3</sup>. Toma por fundamento aquela profecia de S. Paulo, em que diz que a Igreja há de crescer segundo a medida da idade de Cristo: *In mensuram aetatis plenitudinis Christi* (Ef. 4,13). E dando a cada ano da idade de Cristo um ano da remissão ou redenção que na lei velha se chamava ano jubileu, e vinha de cinquenta em cinquenta anos vem a concluir, por boa aritmética, que o fim do mundo há de ser o ano de mil e setecentos, daqui a quarenta e nove<sup>4</sup>. Segundo esta conta, muitos dos que hoje são vivos se podem achar presentes a toda a tragédia do dia do Juízo, e ver os horrendos sinais que o hão de preceder. Oh! se houvesse alguns que se persuadissem disto! Que pouco cuidado lhes dariam outros futuros, que tão pouco importam, e que pouco se cansariam a si e aos príncipes em requerer comendas e rendas para muitas vidas.

473. Mas, passando do ano ao dia, ainda o desengano é mais breve e mais certo, e mais para persuadir o desprezo de tudo. Cristo, Senhor nosso, disse a seus discípulos que o segredo daquele dia é reservado só ao Padre, e que nem os anjos do céu o sabem, nem ele o sabia em foro que o pudesse revelar: *De die autem illa et hora nemo scit, neque angeli in caelo, neque Filius, nisi Pater*<sup>5</sup>. Contudo, eu me não arrependo, nem me desdigo do que prometi. Prometi de vos dizer com certeza quando há de ser o dia do Juízo. E quando cuidais que há de ser? Não vos quero ter suspensos. É hoje, foi ontem, há de ser amanhã, e não amanhece nem anoitece dia, que não seja certamente o dia do Juízo. Que coisa é o dia do Juízo? É um dia em que se há de acabar o mundo, é um dia em que Cristo nos há de vir julgar, é um dia em que havemos de dar conta de toda a nossa vida, e em que os bons hão de ir para o céu e os maus para o inferno. Não é esta a essência e substância do dia do Juízo? Sim. Pois isto é o que se faz hoje, o que se fez ontem, o que se há de fazer amanhã e todos os dias. Acaba-se o mundo todos os dias, porque para quem morreu acabou-se o mundo. Vem Cristo a julgar todos os dias, porque no ponto em que cada um expira, logo o vem julgar, e julga, não outrem, senão o mesmo Cristo. Toma-se conta, e estreitíssima conta de toda a vida, todos os dias, porque no dia da morte, e no mesmo instante dela, se toma e se dá esta conta. Finalmente, vão os bons para o céu e os maus para o inferno todos os dias, porque todos os dias os que morrem, ou são absoltos e vão para o céu, ou condenados, e vão para o inferno. Vamos agora ao Evangelho, e vejamos como este mesmo Juízo, e na mesma forma em que o tenho declarado, é o que hoje nos prega Cristo.

<sup>3</sup> *Card. Cusano Tract. De Durat. Mundi.*

<sup>4</sup> Começa o seu cômputo este autor desde o dia da Encarnação de Cristo.

<sup>5</sup> Na Vulgata: *Neque angeli coelorum nisi solus Pater.* Mas daquele dia, nem daquela hora, ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho senão só o Pai (Mt. 24,36).

## §III

*Que quer dizer uma geração em frase da Escritura? Qual é o tudo do dia do Juízo, e que é o que Cristo chama tudo? O Juízo que há de vir e que já é, segundo S. Jerônimo e Santo Agostinho.*

474. Tinha Cristo, Senhor nosso, pregado o mesmo Evangelho que ouvistes, tinha anunciado a seus discípulos os sinais tremendos que hão de preceder ao Juízo, e o poder e majestade com que o mesmo Senhor há de vir em pessoa a julgar o mundo, e conclui com as palavras que tomei por tema: *Amen dico vobis, quia non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant*: De verdade vos prometo e afirmo que não há de passar a presente geração, sem que tudo o que vos tenha dito se cumpra. — Este é um dos dificultosos lugares de toda a história evangélica. Uma geração, em frase da Escritura, quer dizer uma idade ou um século, porque o mais que chega a durar a vida humana são cem anos. Neste sentido diz o Eclesiastes pelas mesmas palavras do nosso texto: *Generatio praeterit, generatio advenit*<sup>6</sup>; e Davi em muitos lugares: *A generatione in generationem*; e o mesmo Deus, com maior distinção e declaração, revelando o tempo do cativeiro do Egito: *Affligent eos quadringentis annis, generatione autem quarta revertentur hic*<sup>7</sup>. Donde consta com evidência que uma geração é um século, ou cem anos, pois quatrocentos anos são quatro gerações. Isto suposto, vem a dizer Cristo por conclusão do que acabava de ensinar e revelar acerca do dia do Juízo que tudo se havia de cumprir naquele mesmo século, e dentro daqueles cem anos. Aqui está a dificuldade. Daquele tempo para cá, tem passado mais de mil e seiscentos anos, e já temos contado dezesseis séculos, e estamos no século dezessete, e o dia do Juízo ainda não chegou. Além desta demonstração, segundo as opiniões que acima referimos, o mundo provavelmente ainda há de durar, ou muitos ou alguns séculos, antes do dia do Juízo, pois, como diz o Senhor, e com tão particular asseveração, que tudo se havia de cumprir dentro do mesmo século que então corria, e que se não havia de acabar aquele século sem que viesse o dia do Juízo: *Non praeteribit generatio haec donec omnia fiant*? Assim o disse e afirmou a verdade eterna, e assim se cumpriu naquele século, e cumprirá nos seguintes, porque nenhum homem houve naquele século, que dentro do mesmo século não tivesse o seu dia do Juízo. Como as vidas e as idades geralmente não passam de cem anos, nenhum homem há que não acabe a vida dentro do mesmo século a que pertence, e nenhum há que não seja julgado no tribunal de Cristo, e tenha o seu dia do Juízo no mesmo século. Os que morrem hoje têm o seu dia do Juízo hoje; os que morreram ontem, tiveram o seu dia do Juízo ontem; os que morrerem amanhã, e daqui a vinte anos, amanhã e daqui a vinte anos terão o seu dia do Juízo, mas

<sup>6</sup> Uma geração passa, e outra geração lhe sucede (Ecl. 1,4).

<sup>7</sup> Será afligida por quatrocentos anos, mas na quarta geração tornarão a vir para aqui (Gên. 15,13.16).

sempre dentro do mesmo século e da mesma idade ou geração: *Non praeteribit generation haec, donec, omnia fiant.*

476\*. Bem sei que os doutos terão esta exposição por nova, e bem sabem eles também quão duras e dificultosas são as que até agora se têm dado. Eu a tenho por adequada, genuína e literal, mas não por minha, senão do mesmo Cristo, porque, como consta do evangelista S. Mateus, neste mesmo discurso aplicou o Senhor ao dia da morte tudo o que tinha dito do Juízo, exortando aos mesmos com quem falava, que se aparelhassem para ela (Mt. 24,44). Aqueles com quem o Divino Mestre falava quando disse: *Amen dico vobis* (Mt. 24,31) eram os apóstolos, os quais todos haviam de morrer, e morreram, naquele século, e por isso mui acomodadamente a eles lhes disse o Senhor que dentro do mesmo século se havia de cumprir tudo: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

477. Não faltará, porém, quem replique, e parece que com bom fundamento. Cristo, Senhor nosso, tinha dito que antes do Juízo havia de haver sinais no sol, na lua e nas estrelas: *Erunt signa in sole, in luna et stellis.* Tinha dito que havia de vir a julgar em trono de majestade, e que assim o haviam de ver: *Tunc videbunt Filium hominis venientem cum potestate magna, et majestate.* E naquele século, nem nos seguintes, não se viu coisa alguma disto: logo, não se verifica que naquele século se havia de cumprir tudo: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.* Aqui vereis qual é o tudo do dia do Juízo, e que o que Cristo chama tudo. O tudo do dia do Juízo é a conta da vida que o mesmo Cristo há de tomar; é a sentença que há de dar, segundo os merecimentos dela; é o céu ou inferno para sempre, a que cada um há de ser julgado; o demais são acidentes e aparatos do Juízo universal, e não a substância do mesmo Juízo, a qual se não distingue dos juízos particulares. Desta substância e deste tudo do Juízo universal é que falou o Senhor na sua conclusão, e porque esta substância e este tudo se não distingue dos juízos particulares que se fazem na morte, por isso disse que tudo se havia de cumprir dentro daquele século, como verdadeiramente se cumpriu. E se quisermos reparar na propriedade das palavras *donec omnia fiant*, ainda acharemos nelas mais particular energia, porque no dia do Juízo final, não se há de fazer coisa alguma de novo, senão declarar-se somente o que já está feito. Os juízos particulares, que se fizeram na morte, esses mesmos são os que se hão de publicar no Juízo universal, e o juízo não se faz quando se publica a sentença, senão quando se dá: logo no dia da morte é que propriamente se faz o Juízo, e tudo isto, que faz agora, e não depois, é o que o Senhor disse que se havia de fazer dentro daquele século: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

478. Para tirar toda a dúvida, ouçamos ao mesmo Cristo em caso muito mais apertado, e que a podia fazer maior. No capítulo quinto de S. João (Jo. 5,25), fala o Senhor do dia do Juízo final com maiores e mais intrínsecas circunstâncias, porque faz menção da ressurreição universal dos mortos, e da sentença, também universal, dos bons e dos maus,

segundo o merecimento de suas obras: *Omnes qui in monumentis sunt, audient vocem Filii Dei: et procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem vitae; qui vero mala egerunt, in resurrectionem iudicii*<sup>8</sup>. E declarando o mesmo Senhor quando há de ser este tempo, diz que há de vir, e que agora é: *Venit hora, et nunc est*. Pode haver proposição mais encontrada? Há de vir o dia do Juízo, e já agora é? Se o dia do Juízo estava tão longe, se há mil e seiscentos anos que ainda não veio, e se ainda não sabemos quando há de ser aquele dia ou aquela hora, como diz o oráculo de Cristo que já é: *Venit hora, et nunc est?* Admirável e literalmente S. Jerônimo<sup>9</sup>, e se eu lhe pedira o comento, não o pudera escrever com mais ajustadas palavras: *Quia quod in die iudicii futurum est omnibus, singulis in die mortis completur*.

479. Diz o Senhor que o dia do Juízo há de vir, e que já é, porque, ainda que o dia do Juízo há de ser depois, e muito depois, o dia da morte é já agora; e que se há de cumprir em todos no dia do Juízo, cumpre-se em cada um no dia da morte: *Singulis in die mortis completur*. Notai o *completur*. As outras profecias cumprem-se a seu tempo, esta do dia do Juízo, tem o seu cumprimento antes de tempo, porque aquilo mesmo que se faz agora, é o que se diz que há de ser então. Então hão-se de examinar as obras, então há-se de pronunciar a sentença, então hão de sair uns absoltos, outros condenados, e tudo isto que então se há de fazer no dia do Juízo é o que se faz ou está já feito agora no dia da morte. Por isso diz o Senhor que aquele dia está por vir e já é: *Venit hora, et nunc est*. *Nunc*: agora. Estes dois advérbios de tempo, então e agora, sempre são opostos; mas no dia do Juízo, comparado como da morte, ainda que a morte seja dois mil anos antes que o Juízo, não tem oposição. O agora é então, e o então é agora. No nosso Evangelho diz o mesmo Senhor: *Tunc videbunt*: então verão, e aquele então é agora, aquele *tunc é nunc*: *Tunc videbut, et nunc est*.

480. E não obsta que no dia do Juízo universal haja de haver outras circunstâncias muito notáveis, que não há no Juízo particular do dia da morte. Por isso, havendo referido Cristo neste mesmo texto essas mesmas circunstâncias, afirma contudo absolutamente que já agora é o que há de ser então, porque fala o Senhor como eu dizia da substância do Juízo, que no final e no particular é a mesma, e não dos acidentes, aparatos e circunstâncias em que o sinal será muito diverso. Mas acrescentemos à autoridade de S. Jerônimo a de Santo Agostinho, que na interpretação das Escrituras são as duas maiores. Movidos destas mesmas circunstâncias, Esíquio bispo de Jerusalém<sup>10</sup>, e da dificuldade de outros textos do Evangelho, em que parece se encontram ou equivocam as coisas do Juízo futuro com as do tempo presente, e não se satisfazendo da solução que ele lhes dava, consultou a Santo Agostinho. E que responderia aquele grande doutor e oráculo da Igreja? A verdade entre

<sup>8</sup> Todos os que se acham nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que obraram bem, sairão para a ressurreição da vida, mas os que obraram mal, sairão ressuscitados para a condenação (Jo. 5,28 s).

<sup>9</sup> *Hieronym. in Joel. cap. II.*

<sup>10</sup> *Ezychius Epist. 79. Aug. Epist. 78 et 80.*



todos os que a alcançam é a mesma. Respondeu Santo Agostinho o mesmo que tinha dito S. Jerônimo, mas com palavras e termos muito próprios de Agostinho. Alega aquele texto de Cristo por S. Marcos: *Quod autem vobis dico, omnibus dico*<sup>11</sup>; e pergunta por que diz e prega Cristo a todos o que só pertence aos que forem vivos no dia do Juízo? *Cur itaque omnibus dicit, quod ad eos solos pertineat, qui tunc erunt?* E responde com estas divinas palavras: *Tunc enim unicuique veniet dies ille, cum venerit ei dies, ut talis hinc exeat, qualis judicandus est illo die.* Avisa, diz Agostinho, e acautela Cristo a todos para o dia do Juízo, porque a todos há de vir o dia do Juízo, quando a cada um vier aquele dia no qual sairá deste mundo tal qual há de ser julgado no último dia. — No último dia, que é o do Juízo, cada um há de ser julgado tal qual for julgado no dia da morte: logo, no dia da morte vem a cada um o dia do Juízo. Ainda se explica no mesmo lugar o mesmo Santo Agostinho por outros termos mais claros e igualmente seus: *In quo quemque statu invenerit suus novissimus dies, in hoc eum comprehendet mundi novissimus dies: Quoniam qualis in die isto quisque moritur talis in die illo judicabitur.* Afirma Cristo, diz outra vez Agostinho, que o que há de ser no dia do Juízo também há de ser agora, e já agora é, porque haveis de advertir que o novíssimo do Juízo se divide em dois novíssimos: o novíssimo do mundo, que é o último dia do mundo, e o novíssimo da vida, que é o último dia da vida; e qual for este primeiro novíssimo, tal há de ser o segundo. — Logo, já é o que há de ser, porque não há de ser outra coisa senão o que é. Se o juízo do último dia do mundo houvera de ser diverso do juízo do último dia da vida, então eram propriamente dois juízos: um futuro, outro presente; mas como são verdadeiramente um só juízo dividido ou multiplicado em dois dias, feito em um, e repetido no outro, mais propriamente é já agora, no dia em que se faz, do que há de ser depois, no dia em que se repete. Por isso diz a suma Verdade que há de vir, e que já é: *Venit hora, et nunc est.*

481. De maneira, senhores, que o conceito que ordinariamente fazemos do dia do Juízo é muito enganoso e muito errado. Consideramos o dia do Juízo como uma coisa medonha e espantosa, mas que está lá muito longe, como as serpes nas areias da Líbia, ou os crocodilos no Nilo, e por isso nos não faz medo. Não é assim; o dia do Juízo não está longe; está tão perto como o dia de amanhã, e como o dia de hoje, e como esta mesma hora em que estamos: *Venit hora, et nunc est.* O vale de Josafá não está só em Jerusalém, nem entre o Monte Sião e o Olivete; está em Lisboa, está neste mesmo lugar, e em todos os do mundo. Se vos tomar a morte no mar, ou na campanha, ou na vossa cama, o mar, a campanha, a vossa cama é o vale de Josafá, e esse dia, qualquer que for, é o vosso dia do Juízo, ou mais cedo, ou mais tarde, mas dentro deste mesmo século em que nascemos: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

#### §IV

<sup>11</sup> O que eu porém vos digo a vós, isso digo a todos (Mc. 13,37).

*As circunstâncias da morte, mais espantosas que as do Juízo final. A transitoriedade do mundo em S. Paulo e S. João. O ocaso do mundo, e a invenção errada de Copérnico. Opinião de Sêneca. A ameaça do profeta Amós e as riquezas. O maior rigor da morte: ser apartamento. Semelhança entre o Juízo e o dilúvio. No dia do Juízo acabam-se os encargos da vida; no dia da morte acaba-se a vida, mas não se acabam os encargos.*

482. Temos visto quando há de ser certamente o dia do juízo, e como é hoje, amanhã, e todos os dias, porque o juízo que se faz no dia da morte é o mesmo e não outro que o Juízo final. Agora, descendo às circunstâncias de um e outro juízo, se acaso vos parece que as do Juízo final são mais espantosas e horríveis, digo que também neste conceito vos enganais. Muito mais rigorosas, muito mais terríveis, e muito mais para temer são as circunstâncias do dia do Juízo de agora, do que hão de ser as do que vulgarmente se chama dia do Juízo.

483. Primeiramente o que faz grande horror na consideração do Juízo final é que naquele dia se há de acabar este mundo a que estamos tão pegados. E não cuidamos nem advertimos que também no dia da morte se acaba o mundo. Que importa que o mundo se acabe para mim, ou para todos? Que importa que o mundo se acabe para mim, ou eu para ele? S. Paulo, descrevendo este mundo, para nos desafeiçoar de suas vaidades, diz que é como um teatro em que as figuras cada uma entra a representar o seu papel, e passa: *Praeterit enim figura hujus mundi*<sup>12</sup>. Não diz o Apóstolo que passa o mundo, senão as figuras: porque as figuras vão-se e o teatro fica. Alude à sentença do Espírito Santo: *Generatio praeterit, generatio advenit, terra autem in aeternum stat*<sup>13</sup>. Uns nascem, outros morrem, uns vêm a este mundo, outros saem dele, e o mundo, como teatro destas representações, sempre está no mesmo lugar e não se move. Contudo, São João, na sua primeira Epístola, diz que não só nós, os amadores do mundo, somos os que passamos, senão que também o mesmo mundo passa: *Et mundus transit, et concupiscentia ejus*<sup>14</sup>. Pois se o mundo sempre está e permanece firme, e ainda que nós passemos, ele não se move, como diz S. João que também o mundo passa: *Et mundus transit?* Porventura encontra-se a doutrina dos dois Salomões da Igreja, Paulo e João? Não. Ambos, por diferentes termos, dizem a mesma verdade. Como nós, os que vivemos neste mundo, passamos e não permanecemos, ainda que o mundo permaneça, também ele passa: *Et mundus transit*. Não passa o mundo para si, mas passa para nós. Tanto que nós passamos desta vida, também ele passou; tanto que nos acabamos, também ele acaba. Para os que cá ficam, dura e permanece; para nós acabou juntamente conosco. E se não, perguntai aos que morreram se

<sup>12</sup> Porque a figura deste mundo passa (1 Cor. 7,31).

<sup>13</sup> Uma geração passa, e outra geração lhe sucede, mas a terra permanece sempre firme (Ecl. 1, 4).

<sup>14</sup> Ora o mundo passa, e também a sua concupiscência (1 Jo. 2,17).

há para eles mundo, ou alguma coisa do mundo? Se navegavam, acabou-se para eles o mar; se lavravam, acabou-se a terra; se negociavam, acabaram-se os tratos; se militavam, acabaram-se as guerras; se estudavam, acabaram-se os livros; se governavam, o secular ou eclesiástico, acabaram-se as varas, os tribunais, as coroas, as mitras, as púrpuras, as tiaras, tudo se acabou naquele momento. Nem para os reis, nem para os papas, que foram senhores do mundo, há já mundo, porque como eles acabaram e passaram, também o mundo passou e acabou para eles.

484. Copérnico, insigne matemático do próximo século, inventou um novo sistema do mundo, em que demonstrou, ou quis demonstrar posto que erradamente — que não era o sol o que se movia e rodeava o mundo, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move e anda sempre à roda. De sorte que, quando a terra dá meia volta, então descobre o sol, e dizemos que nasce, e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desaparece o sol, e dizemos que se põe. E a maravilha deste novo invento, é que na suposição dele corre todo o governo do universo, e as proporções dos astros e medidas dos tempos, com a mesma pontualidade e certeza com que até agora se tinham observado e estabelecido na suposição contrária. O mesmo passa sem erro, e com verdade, nesta passagem nossa e do mundo. Escolhei das duas opiniões qual quiserdes. Ou seja o sol o que se move, ou nós os que nos movemos, ou o sol se ponha para nós, ou nós para ele, os efeitos são os mesmos. Ou no dia do Juízo o ocaso seja do mundo, ou no dia da morte seja meu, ou o mundo então acabe para todos, ou eu agora acabe para o mundo, tudo vem a ser o mesmo, porque tudo acaba. Assim como o mundo hoje ainda não é para os que hão de nascer, porque eles ainda não são, assim o mesmo mundo já não é para nós quando morremos porque já não somos.

485. Daqui se segue com evidência que também hoje, amanhã, e cada dia é o fim do mundo. Agora vede, com a mesma evidência, quanto mais para temer, e quanto mais para desconsolar é este primeiro fim do mundo, no dia da morte, do que há de ser o último, no dia do Juízo. Sêneca disse que é grande consolação acabar juntamente com o mundo: *Solatium est grande cum universo una rapi*. Disse mais Sêneca do que entendeu, porque não teve conhecimento do dia do Juízo. Mas em que consiste esta consolação? Consiste em que, no dia do Juízo, se o mundo acaba para mim, acaba também para todos. No mal, que é de todos, perde-se a comparação, e, onde não há comparação, não há miséria: *Nemo miser, nisi comparatus*. Na morte de agora não é assim. Acaba-se o mundo para mim, mas para os outros não acaba. Aqueles morrem quando já ninguém pode viver; eu morro e deixo outros vivendo. Isto é padecer a morte própria, e mais a vida alheia. No dia do Juízo não há de haver esta dor, porque ninguém se poderá queixar de se lhe acabar o mundo e a vida, quando igualmente se há de acabar para todos, ainda para os que nascerem no mesmo dia. Então, diz S. João no Apocalipse, que se há de ouvir a voz de um anjo, o qual diga e apregoe que se acabou o tempo para sempre: *Quia tempus non erit amplius*. O tempo não é

outra coisa senão a duração do mundo. Assim como o tempo começou com o mundo, assim há de acabar com ele. E acabar um homem o seu mundo, quando se acaba o mundo, acabar os seus dias quando se acaba o tempo, como pode ser matéria de sentimento, quando era o mais a que podia aspirar o desejo? E isto é o que sucederá aos que acabarem a vida no dia do Juízo. Mas que se acabe o mundo, e o tempo, os dias para mim, quando há mundo, e tempo, e anos para os outros? Esta é uma grande diferença de dor, com que agora acaba o mundo para nós, ou nós para ele. Vamos à outra.

486. Uma das grandes penas com que Deus ameaçava pelo profeta Amós os ricos e poderosos daquele tempo — como pudera também ameaçar os do nosso — era que edificavam palácios magníficos e casas de prazer para delícia, mas que não as haviam de lograr: *Domos quadro lapide aedificabitis, et non habitabitis in eis, vinea;s plantabitis amantissimas, et non bibetis vinum earum*<sup>15</sup>. Esta razão de mágoa corre igualmente em um e outro fim do mundo. Assim, os que morrerem então, como os que morrem agora, nenhuma coisa hão de lograr do que com tanto gosto e gasto, e com tanto esquecimento do fim da vida trabalham, ajuntam e edificam para ela. Mas esta mesma mágoa há de ser muito menor para os do dia do Juízo. Aquele rico do Evangelho, que fazia conta de viver muitos anos, e morreu na mesma noite, perguntou-lhe a voz do céu: *Et quae parasti, cujus erunt* (Lc. 12,20)? E tudo isto que ajuntaste, de quem há de ser? Os que acabarem com o mundo, no dia do Juízo, estão livres desta pena porque não hão de ter a dor de que outros logrem o que eles trabalharam: *Non aedificabunt, et alius habitabit; non plantabunt, et alius metet*<sup>16</sup>, diz o profeta Isaías, e o conta por uma grande felicidade. Mas esta não a podem ter os que morrem enquanto dura o mundo, e tanto menos, quanto mais tiverem dele. Perguntai a essas casas, a essas quintas, a essas herdades prezadas; perguntai a essas salas e galerias douradas, a esses jardins, a essas estátuas, a essas fontes, a essas alamedas e bosques artificiais, cujos frutos são somente a sombra, perguntai-lhes de quem foram, e de quem são, e de quem hão de ser? Isto é o que sucede aos que acabam o seu mundo antes que o mundo se acabe. Sabem o que deixam, mas não sabem para quem: *Et ignorat cui congregabit ea*<sup>17</sup>. Ou para o pródigo, que o há de dissipar, ou para o estranho, que o não há de agradecer, ou para o poderoso, que com violência o há de ocupar, ou para o inimigo, que com o vosso há de triunfar e crescer, ou para um pleito eterno, em que tudo se há de consumir. Quanto mais estimariam os que assim acabam que se sepultasse com eles tudo o que possuíam, como se há de sepultar com os do dia do Juízo?

487. Mais. Um dos maiores rigores que tem a morte é ser apartamento: apartamento e despedida geral de todos os que amáveis e vos amavam. Assim o ponderou el-rei Agag,

<sup>15</sup> Edificareis casas de pedra de silharia, porém não habitareis nelas; plantareis vinhas as mais excelentes, porém não bebereis do vinho delas (Am. 5, 11).

<sup>16</sup> Não lhes sucederá edificarem eles casas, e ser outro quem as habite, nem plantarem eles vinhas, e vir outro que as desfrute (Is. 65,22).

<sup>17</sup> E não sabe para quem ajunta aquelas coisas (Sl.38,7).

vendo-se condenado à morte pelo profeta Samuel: *Siccine separat, amara mors*<sup>18</sup>. É possível, morte amarga, que assim me apartas? — Assim. Apartava-o da mulher, dos filhos, dos vassallos, dos amigos, e de tudo o que amava, ou de que era amado na vida. E a este apartamento chamou com razão a maior amargura da morte: *Amara mors*. A morte no dia do Juízo não tem esta amargura nem esta dor, porque, ainda que seja morte, não é apartamento. Todos então hão de ir juntos, sem ter de quem levar saudades, nem a quem as deixar. O dia do juízo diz Cristo que bá de ser como o dilúvio de Noé: *Sicut fuit in diebus Noe* (Mt. 24,37). E considerou discretamente Santo Agostinho que naquela desgraça geral do dilúvio morriam os homens com uma grande consolação, que era não deixar neste mundo quem os chorasse. Esta mesma consolação hão de ter no dia do Juízo todos os que então morrerem. Porém os que morrem agora não só têm a desconolação contrária, mas muitas vezes dobrada. Apartam-se dos amigos e dos inimigos, e não só deixam depois de si quem chore sua morte, senão também quem se alegre com ela, que não é menor sentimento: *Delectasti inimicos meos super me*.

488. Finalmente no dia do Juízo há-se de acabar a vida com o mundo, mas como mesmo mundo se hão de acabar também os encargos da vida; porém no dia da morte acaba-se o mundo para a vida, mas não se acaba para os encargos. Os encargos da vida que mais inquietam e afligem na morte, hão-se de acabar com o mundo, porque então não há de haver requerimentos de acredores, nem satisfação de criados, nem acomodamento de filhos, nem disposição da casa, nem dívidas, nem restituições, nem nomeação de herdeiros e testamenteiros, nem testamentos, nem codicilos, nem mandas ou demandas — tantas quantas são as cláusulas — nem sepultura, nem funerais, nem tantas outras perturbações e embaraços que primeiro afogam a alma, do que ela saia do corpo. Tudo isto, e infinitas outras coisas de aflição, de moléstia, de escrúpulo, e de risco da salvação, concorrem e se atravessam na hora da morte. Mas nenhuma delas há de haver no dia do Juízo, porque todas acabam com o mundo, que totalmente acaba, e não como agora, que acaba para a vida, senão para os encargos dela. Vede se é mais trabalhoso e mais estreito este dia: por isso dizia Davi: *Omnis consummationis vidi finem, latum mandatum tuum nimis*<sup>19</sup>: Olhei, Senhor, para o dia em que se há de acabar o mundo, e então me pareceu a vossa lei muito larga, porque todas as estreitezas, apertos e angústias em que agora nos põe a lei de Deus, na hora da morte, no dia do Juízo, em que tudo acaba com o mundo, também elas cessam e se acabam.

## § V

*Também pelas circunstâncias com que Cristo nos vem julgar, é muito mais temeroso*

<sup>18</sup> Assim me separa a morte amarga (1 Rs. 15, 32).

<sup>19</sup> Tenho visto o fim de toda a coisa acabada; o teu mandamento é largo sem medida (Sl. 118,96).

*o dia da morte, do que há de ser o dia do Juízo. O terceiro advento de Cristo. O advento geral, de que fala S. Mateus, e o advento particular de que fala São Tiago. De que modo virá Cristo? Por modo intelectual ou real? As circunstâncias terríveis do juízo particular. A morte, juízo sem avisos, juízo sem sinais. Sardanápalo e Baltasar.*

489. E se é mais para desconsolar e temer o modo com que o mundo se acaba agora para cada um, do que o fim com que no dia do Juízo se há de acabar para todos, também da parte do modo e circunstâncias com que Cristo agora nos vem julgar é muito mais temeroso e tremendo o dia da morte, do que há de ser o dia do juízo.

Para entendimento desta grande verdade, que por mal considerada o não parece, havemos de saber e supor que os adventos de Cristo não são só dois, como ordinariamente se cuida, senão três. O primeiro advento é o que hoje começa a celebrar a Igreja, no qual veio o Filho de Deus a remir o mundo, e começou no dia da Encarnação. O segundo advento é o que também hoje prega no Evangelho, no qual há de vir a julgar o mesmo mundo, e há de ser no dia do Juízo. E estes são os dois adventos dos quais somente faz menção o Símbolo, quando diz: *Et iterum venturus est*, porque são gerais e visíveis. O terceiro advento é particular e invisível, no qual vem o mesmo Cristo julgar na hora da morte a cada um de nós, e este juízo se faz no instante em que a alma se aparta do corpo. E porque esta doutrina ou nome de terceiro advento vos não faça novidade, como já fez, ouçamos a Escritura.

490. O apóstolo São Tiago, no capítulo quinto da sua Epístola, exortando os cristãos daquele tempo a se absterem de pleitos, em que sempre se ofende a caridade, diz assim: *Quoniam adventus Domini appropinquavit, nolite ingemiscere, fratres, in alterutrum, ut judicemini. Ecce judex ante januam assistit*<sup>20</sup>: Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, e se em alguma coisa vos sentis agravados, não vos demandeis em juízo, porque o advento do Senhor é chegado, e o juiz está à porta. — Não pode haver palavras nem mais parecidas, nem mais encontradas com o texto de S. Mateus na mesma história do nosso Evangelho. Umas e outras falam no advento do Senhor. São Tiago: *Quoniam adventus Domini appropinquavit*; S. Mateus: *Et videbunt Filium hominis venientem*<sup>21</sup>. Umas e outras dizem que está à porta. São Tiago: *Ecce judex ante januam assistit*; S. Mateus: *Scitote quia prope est in januis*<sup>22</sup>. Mas S. Mateus refere que tudo isto se há de verificar depois dos sinais e prodígios que hão de preceder ao dia do Juízo: *Cum videritis haec omnia*<sup>23</sup>, E São Tiago não fala do dia do Juízo, senão do mesmo tempo seu em que escrevia: *Ecce*. Que advento é logo este, não futuro, senão presente, de que fala São Tiago: *Quoniam adventus*

<sup>20</sup> Na Vulgata: *Ut non judicemini*. Porque a vinda do Senhor está próxima, não vos ressintais, irmãos, uns contra os outros, para que não sejais julgados. Olhai que o juiz está diante da porta (Tg. 5,8 s).

<sup>21</sup> E verão ao Filho do Homem que virá (Mt. 24,30).

<sup>22</sup> Sabei que está perto às portas (Mt. 24, 33).

<sup>23</sup> Quando vós virdes tudo isto (Mt. 24,33).

*Domini appropinquavit?* É o terceiro advento, que eu dizia. O advento de que fala S. Mateus é o advento geral, em que Cristo no dia do Juízo há de vir julgar a todos: o advento de que fala São Tiago é o advento particular, em que o mesmo Cristo no dia da morte vem julgar a cada um. Naquele advento há de estar o juízo à porta, depois que os homens virem os sinais que o hão de preceder: *Cum videritis haec omnia, scitote quia prope est in januis.* Porém nestoutro advento — porque todos os dias e todas as horas morrem e podem morrer os homens todos os dias e todas as horas está o juízo à porta: *Ecce judex ante januam assistit.* Do mesmo modo, e do mesmo advento fala S. Paulo, quando diz: *Tempus resolutionis meae instat:* Vem-se chegando o tempo da minha morte, — *Reposita est mihi comna justitiae:* já me está aparelhada a coroa merecida. — *Quam reddet mihi Dominus in illa die justus judex:* A qual me há de dar naquele mesmo dia o Senhor, como justo juiz. — E só a vós, Paulo, há de dar esta coroa o justo Juiz no dia da morte? Não: *Non solum autem mihi sed et iis qui diligunt adventum ejus:* Não só a mim, senão a todos os que amam o seu advento (2 Tim. 4,6.8). — De sorte que, além dos dois adventos gerais, um em que veio remir, outro em que há de vir julgar a todos, tem Cristo, Senhor nosso, outro terceiro advento, em que no dia da morte vem julgar a cada um.

491. Sobre o modo deste advento ou desta vinda, têm para si graves autores, e entre eles o Padre Soares, que vem Cristo julgar-nos na hora da morte, não por presença e assistência real de sua própria pessoa, como há de ser no Juízo universal, mas só por modo intelectual, em forma que entenda claramente o que morre, que está julgado, e julgado por Cristo<sup>24</sup>. Outros, com o Papa Inocência Terceiro, seguem o contrário, e dizem que na morte de cada um o vem Cristo julgar real e presencialmente, no mesmo lugar onde morre<sup>25</sup>. Este segundo modo de dizer é muito mais verossímil, por ser mais conforme às Escrituras Sagradas, as quais se devem entender no sentido e propriedade natural que significam as palavras, e o vir propriamente é vir em pessoa. Logo neste sentido se hão de entender as Escrituras, tantas e tão expressas, as quais todas dizem que vem Cristo ao juízo particular. Só no capítulo doze de S. Lucas, diz o mesmo Senhor cinco vezes que há de vir, e fala da hora da morte: *Ut cum venerit, et pulsaverit; Beati servi, quos cum venerit Dominus; Quod si venerit in secunda vigilia, quod si in tertia vigilia venerit; Et vos estote parati, quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet*<sup>26</sup>. E se queremos que o diga o mesmo Cristo mais vezes, aos criados dos talentos, a quem tomou conta: *Negotiamini, dum venio*<sup>27</sup>; às virgens, a quem abriu e fechou as portas do céu: *Ecce sponsus venit*<sup>28</sup>; ao bispo de Sardes, a quem

<sup>24</sup> *Suar. tom. 2, in 3 p. disp. 52 sect. 2.*

<sup>25</sup> *Innoc. lib. 2, De Contemp. Mundi.*

<sup>26</sup> Para que, quando vier, e bater à porta (Lc. 12,36).

— E se vier na segunda vigília, e se vier na terceira vigília (Lc. 12,38).

— Vós outros pois estai apercebidos, porque à hora que não cuidais, virá o Filho do homem (Lc. 12,40).

<sup>27</sup> Negociai até eu vir (Lc. 19,13).

<sup>28</sup> Eis aí vem o esposo (Mt. 25,6).

ameaçava com a morte: *Veniam ad te tanquam fur; et nescies qua hora veniam*<sup>29</sup>; e, finalmente, aos discípulos, quando se despediu deles: *Si abiero, el praeparavero vobis locum, iterum venio, et accipiam vos ad me ipsum*<sup>30</sup>, onde se deve notar que, se o ir neste caso foi em realidade, como havia de ser o vir por entendimento? O *iterum* demonstra que o ir e o vir era pelo mesmo modo. Quanto mais que, se não havia de vir, bastava dizer: *Accipiam vos ad me*, e o *venio* era supérfluo e impróprio. Segue-se logo que no dia da morte, da qual o Senhor falava, não só vem de qualquer modo, senão própria e realmente, assim como própria e realmente tinha ido para o céu.

492. Nem as razões do autor alegado, posto que tão exímio, provam o contrário. A primeira é que para Cristo dar esta sentença não é necessário que venha em pessoa. Mas também não é necessário o Juízo universal, porque já todos estão julgados, e contudo é certo que há de haver este juízo, e que há de vir Cristo a ele em pessoa, só porque ele o diz. A segunda razão é porque, se assim fosse, andaria Cristo como em perpétuo movimento, e estaria no mesmo tempo em diversos lugares. Mas assim como o mesmo Cristo, sem esse inconveniente ou incômodo, se faz presente no Santíssimo Sacramento tão repetidamente, e em lugares tão diversos, e assim como vem à casa e à cama dos que estão para morrer, para os confortar como viático, por que não virá ao mesmo lugar, ou lugares, para os julgar como juiz? Enfim, é certo e de fé que Cristo vem fazer este juízo, posto que o modo não esteja definido.

493. Mas de qualquer sorte que o Senhor venha, as circunstâncias com que vem julgar na hora da morte, é sem dúvida, como dizia, que são muito mais temerosas e tremendas, que as do dia do Juízo. As circunstâncias que fazem horrendo o dia do Juízo são a escuridade total, que então há de suceder, do sol, o sanguinolento da lua, a ruína das estrelas, os bramidos do mar, e toda aquela discórdia e estrago da natureza com que se há de confundir o universo. Porém, todas estas coisas verdadeiramente grandes e espantosas, e nunca vistas, ainda que na primeira apreensão parecem muito para temer, bem consideradas em si mesmas, e em seus efeitos e fins, antes são muito para sossegar e aquietar os ânimos que para os intimidar ou perturbar.

494. O profeta-rei, falando dos efeitos do Juízo final, não como futuro, mas como já passado, a modo profético diz uma coisa admirável: *Terra tremuit, et quievit, cum exurgeret in judicium Deus* (Sl.75, 9 s): Quando Deus veio a juízo, a terra tremeu e aquietou-se. Que a terra trema quando Deus vem a juízo, e quando todos outros elementos confusos e perturbados, e o mesmo céu e seus planetas, padecem um fracasso tão geral, que ela faça um grande abalo, e que não só tema e trema, mas se esconda debaixo dos abismos, como quando foi criada, e se suma dentro em si mesma, faz a terra o que deve, que o caso é para isso: *Cum exurgeret in judicium Deus*. Mas se a terra neste mesmo caso

<sup>29</sup> Virei a ti como um ladrão, e tu não saberás a que hora eu virei (Apc. 3,3).

<sup>30</sup> E depois que eu for, e vos aparelhar o lugar, virei outra vez, e tomar-vos-ei para mim mesmo (Jo. 14,3).



tremeu: *Terra tremuit*, como logo se sossegou e aquietou: *Et quievit?* Tremeu à primeira vista dos horrores do Juízo, e aquietou-se logo, porque todos aqueles prodígios e estrondo do Juízo universal, tomados de repente e na primeira apreensão, são temerosos, são horríveis, são tremendos: *Terra tremuit*. Mas, bem considerados os fins e efeitos deles, antes são para sossegar esse mesmo temor, e para quietar os ânimos, que para os inquietar e perturbar: *Terra tremuit, et quievit*.

495. E qual é a razão deste segundo efeito, tão diverso do primeiro? O Evangelho o diz: *Erunt signa in sole, et luna, et stellis*. Todas essas mudanças do céu, toda essa escuridade dos astros, toda essa perturbação dos elementos, são sinais: *Erunt signa*. Sinais de que chega o fim do mundo, sinais de que está perto o dia do Juízo, sinais para que todos estejam notificados e advertidos — que por isso se põem os mesmos sinais no céu, onde possam ser vistos de todos. — E um juízo em que Deus, antes de vir, nos manda diante notificar, e nos avisa primeiro, não é tanto para temer. Muito mais temeroso é o juízo particular sem esses assombros, do que o universal com eles, porque os assombros e terrores do Juízo universal são sinais e avisos para os homens, e o juízo particular, a que nada disso precede, é juízo sem aviso, juízo sem sinal. Pinta o profeta Davi a Deus armado de arco e setas, e as setas não só embebidas já no arco, senão ervadas de venenos mortais, e abrasadas em fogo: *Arcum suum tetendit et paravit illum. Et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effect.*<sup>31</sup> E que é o que faz ou intenta Deus assim armado, e com as setas já postas no arco? Uma vez quer livrar a seus amigos, outras quer derrubar e destruir a seus inimigos. Se quer livrar os amigos, bate primeiro com as setas no arco, e dá sinal; se quer destruir os inimigos, dispara sem dar sinal, e executa o golpe, e antes de eles o sentirem, se vêem caídos a seus pés. Uma e outra coisa disse o mesmo Davi admiravelmente: *Dedisti metuentibus te significationem, ut fugiant a facie arcus; et liberentur dilecti tui*<sup>32</sup>. *Sagittae tuae acutae, populi sub te cadent, in corda inimicorum regis*<sup>33</sup>. De maneira que a demonstração certa de Deus estar propício ou irado, de querer salvar ou não querer salvar, é dar sinal primeiro, ou não dar sinal. Se quer salvar, dá sinal, e isto é o que será no dia do Juízo: *Erunt signa*; se não quer salvar, não dá sinal, e isto é o que acontece no juízo de agora.

496. Os do Juízo universal não podem deixar de estar muito prevenidos, e com grandes disposições para a salvação, porque hão de morrer avisados de todos aqueles sinais do sol, da lua, do mar, e de todos os elementos. Porém nós, como morremos? O sol está muito claro, o céu sem nuvem, a lua como uma prata, o mar como leite, e no meio desta serenidade do mundo e nossa, dá a morte sobre nós, e põe-nos a juízo: *Cum dixerint pax et securitas, tunc repentinus eis superveniet interitus*<sup>34</sup>. Quando estiverem mais descuidados,

<sup>31</sup> Armou o seu arco, e o tem pronto. Já pôs nele os instrumentos da morte, já preparou as suas setas ardentes (Sl. 7, 13 s)

<sup>32</sup> Deste aos que te temem um sinal, para que fugissem da face do arco, e que se livrassem os teus amados (Sl. 58, 6).

<sup>33</sup> As tuas setas são agudas nos corações dos inimigos do rei; debaixo de ti cairão os povos (Sl. 44, 6).

<sup>34</sup> Quando disserem paz e segurança, então lhes sobrevirá uma morte repentina (1 Tes. 5,3)

e se derem por mais seguros — diz S. Paulo — então virá sobre eles a morte repentinamente. — Todos os homens, ou quase todos, ainda que nós o não imaginemos assim, morrem de repente. Cuidamos que só morrem de repente aqueles que subitamente caem mortos, aqueles que matou o raio, a bala, a estocada, o desastre, a postema que rebentou, o bocado que se atravessou na garganta, a apoplexia, a peste, o terremoto, o naufrágio e tantos outros acidentes, ou naturais, ou violentos, ou casuais, a que anda exposta a vida e nos deveram trazer em perpétuo temor. Estes só cuidamos que morrem de repente, e é engano. Todos os que morrem quando o não cuidavam, morrem de repente. Os que morrem por via natural, uns morrem de velhice, outros de enfermidade. E que velho há tão decrépito que não cuide que ainda há de viver alguns anos? E que enfermo tão desconfiado, que não cuide que há de escapar da doença, como outros escaparam, por mais aguda que seja? Os maiores e mais poderosos são os mais infelizes e os mais enganados nesta parte, porque não se lhes dá o desengano, senão a tempo em que já não há tempo, e quando as que deveram ser prevenções para o Juízo, por falta de juízo já não são prevenções. Oh! quanto mais ditosos são os que hão de morrer e acabar com o mundo no dia do Juízo! *Erunt signa*. Aqueles hão de ver os sinais no céu, muito antes da morte; cá também se ouvem os sinais na paróquia, mas depois que morrestes.

497. Bem pudera Deus ordenar que no mesmo dia e na mesma hora em que hão de aparecer aqueles sinais tremendos, se executasse também o Juízo. Mas tem decretado sua misericordiosa providência, que entre os sinais e o dia do Juízo haja mais dias e mais tempo, no qual os homens que então viverem se preparem para a conta que se lhes há de tomar. E esta é outra segunda e mui considerável circunstância em que o juízo particular agora é mais horrendo e formidável para cada um, do que será então para todos o Juízo universal. No Juízo universal tomará Deus conta, mas dará tempo; no juízo particular toma conta, e não dá tempo, porque primeiro toma o tempo, e depois a conta. Um dos textos mais notáveis da Escritura Sagrada é dizer Deus que, como tomar tempo, então há de julgar os homens e ver se são justos ou injustos: *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo*<sup>35</sup>. Deus para julgar, não há mister tempo, porque todas as nossas obras, palavras e pensamentos, desde sua eternidade lhe são e foram sempre presentes. Pois, que tempo é este que Deus toma, quando há de julgar os homens, e como o toma? O tempo que Deus toma é o que muitos haviam mister na morte, para ajustar suas contas. E o modo com que Deus toma este tempo é não lho dando, ou privando-os dele por seus justos juízos quando lhes vem tomar conta na hora em que menos o cuidam: *Qua hora non putatis*. Assim comenta o texto Lorino, e pudera citar a São Boaventura, cuja é esta interpretação, tão sutil como verdadeira. Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que têm más contas as podem dar boas, como aconteceu àquele rendeiro do Evangelho, a quem o pai de família

<sup>35</sup> Quando eu tomar o meu tempo, julgarei com justiça (*secundum jus*, na nova versão dos Salmos).

disse: *Redde rationem villicationis*<sup>36</sup>. E como teve tempo de cuidar o que faria, achou traça de as ajustar. Porém, quando Deus toma conta e toma juntamente o tempo: *Cum accepero tempus*, então é muito dificultoso dar boa conta, então nenhum que viveu mal a pode dar boa. E isto é o que sucede geralmente aos que morrem agora.

498. Aos que hão de morrer no dia do Juízo avisa Cristo no nosso Evangelho com esta comparação: *Vidētis filicuneam et omnes arbores, cum jam producunt ex se fructus, scitis quia prope est aestas* (Mt. 24,32): Quando vedes que nas árvores começam a arrebentar e brotar os frutos, conheceis que o verão está perto. — Pois, da mesma maneira, quando virdes os sinais que vos tenho dito, sabeis que está perto o dia do Juízo: *Sic et vos cum videritis haec omnia, scitote quia prope est regnum Dei*. De sorte que entre os sinais do dia do Juízo e o mesmo dia, há de dar Cristo de espaço quanto vai da primavera ao verão, ou do verão ao estio, e dos frutos verdes aos maduros. E a nós, quando na morte nos vem julgar, quanto espaço nos dá ou promete o mesmo Cristo? O que deu aos servos da parábola, quando lhes mandou que esperassem por sua vinda: *Lucernae ardentes in manibus vestris: et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum* (Lc. 12,35): Haveis de estar sempre esperando por mim, com as tochas acesas nas mãos. — E não bastará, Senhor, que as tochas estejam prevenidas, e o lume aparelhado, senão já acesas: ardentes? Não bastará que estejam arrimadas e prontas, senão já nas mãos: *in manibus*? Não — diz Cristo; hão de estar acesas, porque vos não prometo o espaço que é necessário para as acender; e hão de estar nas mãos, porque vos não seguro o momento que é necessário para as tomar. Tanto vai daquele vir a este vir, e daquele juízo a este juízo. Lá, há-se de esperar o tempo que basta para os frutos verdes amadurecerem; cá, não se espera por frutos maduros, nem ainda verdes, porque se cortam as flores ainda antes de estarem abertas: *Flores apparuerunt, tempus putationis advenit*<sup>37</sup>.

499. Esta diferença dos sinais, que então há de haver e agora não há, é a que faz a diferença dos efeitos muito mais para temer no juízo de cada dia que no do fim do mundo. Que efeitos há de causar nos homens a vista daqueles sinais? O evangelista o refere por bem extraordinários termos: *Arescentibus hominibus prae timore expectatione, quae supervenient universo orbi* (Lc. 21,26): Andarão os homens atônitos e mirrados com o temor e expectação do que há de ser no dia do Juízo. — Atônitos, porque ninguém há de ter advertência nem coração para cuidar noutra coisa; mirrados, pela extrema abstinência ou inédia com que hão de passar aqueles dias, mais rigorosa que a dos ninivitas. Tudo há de ser orar, chorar, bater nos peitos, fazer penitência, pedir misericórdia e aparelhar para a conta, não havendo homem capaz deste nome que se haja de lembrar então do que foi, nem do que é, senão do que há de ser, e do que está para vir: *Quae superventura sunt universo orbi*. Parece-vos, cristãos, que farão bem estes homens naquele caso, e que terão justa

<sup>36</sup> Dá conta da tua administração (Lc. 16,2).

<sup>37</sup> Apareceram as flores, chegou o tempo da poda (Cânt. 2,12).

causa de o fazer? Ninguém haverá que o negue, se é que tem fé. E nós, que a temos, por que não fazemos o mesmo, ou alguma parte disto? Direis que aqueles homens, pelos sinais do céu, saberão certamente que está perto o dia do Juízo. E sabe algum de nós que o seu dia do juízo está mais longe? Não sabemos todos com a mesma certeza que o nosso dia do juízo pode estar ainda mais perto, e que pode ser amanhã, ou hoje, e nesta mesma hora em que Cristo está julgando muitos milhares de homens? Aos ninivitas, que eram gentios, e ao seu rei, que era Sardanápalo, o mais mau rei e o mais mau homem que houve no mundo, deu Deus de prazo quarenta dias: *Adhuc quadraginta dies* (Jon. 3, 4). E assim o rei, como toda a corte, no mesmo ponto, sem esperar mais, se converteram com tão extraordinária penitência. Que seria se Deus lhes não segurasse nem um só dia? Pois este é o nosso caso, e este o estado e contingência em que nos achamos todos e cada um.

500. Ouvi o desengano de uma caveira, que era ou tinha sido de um vivo que morreu quando não cuidava:

*Flores, si scires unum tua tempora mensem:  
Rides, cum non sit forsitam una dies.*

Se soubésseis que vos não restava de vida mais que um mês, havíeis de chorar, e rides, e andais alegres e contente, podendo ser que vos não reste um dia inteiro. — Quem dissera a el-rei Baltasar, quando com tanta festa e alegria estava brindando aos seus ídolos, os próprios vasos sagrados de ouro e prata, que Nabucodonosor, seu pai, tinha roubado ao templo de Jerusalém, quem lhe dissera que a mesma noite daquela ceia fatal era a última da sua vida e da sua coroa? Neste banquete em que eram mil os convidados, diz o texto que cada um bebia conforme a sua idade; porém a morte, que não guarda esta ordem nem conta os anos, sendo poucos os de Baltasar, e o primeiro de seu reinado, lhe apareceu de repente com a balança do juízo na mão: *Appensus es in statera*<sup>38</sup>. E na mesma noite executou a sentença, e lhe tirou a vida: *Eadem nocte interfectus est Balthasar*<sup>39</sup>. Isto é o que sucedeu aquela noite, e isto o que sucede cada dia, sem haver quem se desengane. Somos como aqueles incrédulos, dos quais refere Cristo Senhor nosso que, à vista dos sinais do dia do Juízo, todos seus cuidados hão de ser banquetes, festas, bodas, fábricas e edifícios, como se os alicerces da terra estivessem muito seguros, quando já as abóbadas do céu estarão caindo a pedaços: *Stellae de caelo cadent*. S. Agostinho diz que tudo isto causará naqueles loucos a falta de fé, e eu não sei o que diga da nossa, nem do nosso entendimento. Muito mais loucos somos, e muito mais incrédulos do que eles hão de ser. Eles não crerão o que há de suceder uma só vez no mundo, sem outro exemplo nem experiência, e nós não acabamos de crer o que vemos e experimentamos cada hora em tantos e tão formidáveis

<sup>38</sup> Tu foste pesado na balança (Dan. 5,27).

<sup>39</sup> Naquela mesma noite foi morto Baltasar (Dan. 5,30).

exemplos. Mas por isso são também mais tremendas as circunstâncias do juízo presente, sabendo de certo que é hoje para uns, amanhã para outros, e que, para os que nascemos e vivemos neste século, não há de passar dele: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

## §VI

*Segunda parte: quais hão de ser no dia do juízo os que hão de ficar à mão direita, e quais à esquerda? Primeiro: quanto é o número dos que se salvam? A mais fundada sentença: dos católicos, parece que comumente se salva a metade. Por que das dez virgens da parábola só se salvaram cinco? E dos grandes e poderosos, quantos se hão de salvar? O juízo duríssimo dos poderosos. O elogio do Ecclesiastes.*

501. Deste primeiro e largo discurso, e da resolução dele, se pode colher facilmente a do segundo, em que vos prometi mostrar quais hão de ser no dia do Juízo os que hão de ficar à mão direita, e quais à esquerda. E para que este ponto tão importante se entenda com maior clareza, vejamos primeiro quantos hão de ser, e depois veremos quais.

502. Os teólogos disputam quanto é o número dos que se salvam, e fazem duas distinções: uma, considerando e compreendendo todos os homens do mundo, fiéis e infiéis; outra, separando somente os fiéis e católicos. Na primeira consideração é certo que o número dos que se condenam é incomparavelmente maior. Todos sabeis que no dia em que morreu São Bernardo, morreram sessenta mil, e só quatro se salvaram. Dos católicos, segundo muitos textos da Escritura, parece que comumente se salva a metade. De dois um: *Unus assumetur, et unus relinquetur*; de dez cinco: *Quinque ex eis erant fatuae, et quinque prudentes*<sup>40</sup>. Esta é a mais provável e mais bem fundada sentença, e se confirma eficazmente do texto proximamente alegado. Na parábola de dez virgens, falava Cristo Senhor nosso própria e literalmente do dia do Juízo, e não do juízo de todos, senão particularmente dos católicos. Por isso saíram todas com lâmpadas acesas, em que é significado o lume da fé. E porque fé sem obras não basta para a salvação, por isso também aquelas a que faltou óleo ficaram fora do céu, e só entraram as que o levavam prevenido. Mas, se o intento de Cristo era acautelar-nos aos católicos e meter-nos um grande temor do dia do Juízo, como consta de toda a parábola, por que não introduziu nela o Senhor que de dez se salvasse só uma ou duas, e se condenassem oito ou nove, senão que se salvaram cinco e se condenaram outras cinco? A razão verdadeira é porque só Cristo, Senhor nosso, conhece o número dos que se hão de salvar: *Cui soli cognitus est numerus electorum in superna felicitate locandus*. E, posto que, para o seu intento e para o nosso temor, servia

<sup>40</sup> Um será tomado, e outro será deixado (Mt. 24, 40).

Cinco dentre elas eram loucas, e cinco prudentes (Mt. 25,2).

mais diminuir o número dos que se salvam, segundo porém a sua presciência e a verdade da sua doutrina, não o podia alterar nem diminuir. Diz, pois, que de dez se salvaram cinco e se perderam cinco, porque das almas católicas, de quem falava, a metade comumente são as que se salvam, e a metade as que se perdem.

503. Conforme esta doutrina, que é de muitos santos e não a mais estreita, senão larga e favorável, se eu pregara hoje em outro auditório, dissera que a metade dos ouvintes pertenciam à mão direita, e a metade à esquerda, consideração verdadeiramente tristíssima e tremenda, que de homens cristãos e católicos, alumados com a fé, criados com o leite da Igreja, e assistidos com tantos sacramentos e auxílios, se salve só a metade. Que de dez homens que crêem em Cristo, e por quem morreu Cristo, se percam cinco! Que de cento se condenem cinqüenta! Que de mil vão arder eternamente no inferno quinhentos! A quem não fará tremer esta consideração? Mas se olharmos para a pouca cristandade e pouco temor de Deus com que se vive, antes devemos dar graças à divina misericórdia, que admirar-nos desta justiça.

504. Isto era o que eu havia de dizer, se pregara, como digo, em outro auditório; mas porque o dia é de desenganos, e o auditório presente tão diverso, não cuidem, nem se persuadam os que me ouvem, que esta regra é geral para todos, posto que sejam ou se chamem católicos. Assim como nesta vida há grande diferença dos grandes e poderosos, aos que o não são, assim a há de haver no dia do juízo. Eles têm hoje a mão direita, mais como o mundo então há de dar uma tão grande volta, muito é de temer que fiquem muitos à esquerda. Dos outros, salvar-se-á a metade; e dos grandes e poderosos, quantos? Salvar-se-á a terça parte? Salvar-se-á a décima? Praza à divina misericórdia que assim seja! O que só digo — e não me atrevera a o dizer se não fora oráculo expresso e sentença infalível da suprema Verdade — o que só digo é que serão muitos poucos, e muitos raros, e por grande maravilha. Ouçam os grandes e poderosos, não a outrem, senão ao mesmo Deus, no capítulo sexto da Sabedoria: *Praebete aures, vos qui continetis multitudines, quoniam data est a Domino potestas vobis*<sup>41</sup>. Vós, príncipes, vós, ministros, que tendes debaixo de vosso mando os povos, vós a quem o Senhor deu esse poder, para mandar e governar a república: *Praebete aures*: dai-me ouvidos. — E que hão de ouvir a Deus os que tão mal ouvem aos homens? Um pregão do dia do juízo muito mais portentoso e temeroso que o que há de chamar a ele os mortos: *Judicium durissimum his qui praesunt fiet. Exigno enim conceditur misericordia; potentes autem potenter tormenta patientur* (Sab. 6,65): O juízo com que Deus há de julgar aos que mandam e governam há de ser um juízo duríssimo, porque aos pequenos conceder-se-á misericórdia, porém os grandes e poderosos serão poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur*. Eis aqui em que hão de vir a parar os poderes que tanto se desejam, que tanto se anelam, que tanto se estimam, que tanto se invejam. Os poderosos agora não temem outro poder, porque eles podem tudo; porém

<sup>41</sup> Dai ouvidos, vós que governais os povos, porque o poder foi-vos dado pelo Senhor (Sab. 6,3 s).

quando vier o juízo duríssimo, então verão se há quem pode mais que eles: *Potentes potenter patientur*.

505. Mas se esse poder é dado por Deus aos poderosos: *Quoniam data est a Domino potestas vobis*, como é causa esse mesmo poder de que os poderosos se condenem e sejam poderosamente atormentados? Não é o poder a causa, mas é a ocasião. Ordinariamente tantos são os pecados como as ocasiões: quanta mais e maiores ocasiões, tanto mais e maiores pecados, e não há maior nem mais terrível ocasião que o poder. Tentação e poder? Tentado e poderoso? Tudo quanto tenta e intenta o diabo em um poderoso, tudo leva ao cabo, ou seja nos pecados de homem, ou nos de ministro. Nos pecados de homem, se se ajunta o poder com o apetite, não há honra, não há honestidade, não há estado, nem ainda profissão, por sagrada que seja, que se não empreenda, que se não conquiste, que se não sujeite, que se não descomponha. E nos pecados de ministro, se o poder se ajunta com a ambição, com a soberba, com o ódio, com a vingança, com a inveja, com o respeito, com a adulação, não há lei humana nem divina que se não atrepele, não há merecimento que se não aniquile, não há incapacidade que se não levante, não há pobreza, nem miséria, nem lágrimas que se não acrescentem, não há injustiça que se não aprove, não há violência, não há crueldade, não há tirania, que se não execute. E como estes são os abusos, os excessos e as durezas do poder, justíssimo é que o juízo do Onipotente seja duríssimo, e que os poderosos — pois assim são poderosos — sejam poderosamente atormentados: *Potentes potenter tormenta patientur*.

506. Eu não nego que esta regra possa ter suas exceções. Nem a mesma Sabedoria divina o nega, antes concede, aponta e louva muito a exceção, mas ela é tal que confirma mais a mesma regra. Ouvi outra vez, não a outrem, senão a mesma Sabedoria divina, falando neste mesmo caso, no capítulo trinta e um do Eclesiastes: *Qui potuit transgredi; et non est transgressus, facere mala, et non fecit. Quis est hic; et laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua*<sup>42</sup>. Poderoso que pode quebrar as leis sem ninguém lhe ir à mão nem pedir conta, e não as quebrou; poderoso que pode viver mal, e fazer com liberdade o que lhe pede seu apetite, e não o fez: *Quis est hic, et laudabimus eum?* Que homem é este, para que o canonizemos? *Fecit enim mirabilia in vita sua*: porque fez milagres na sua vida. — Não falo nos milagres destes poderosos, porque destes estão cheias as certidões juradas, e, o que pior é, as histórias impressas. Se os ouvirmos e lhes tomarmos o depoimento, todos são retíssimos e santíssimos: não há neles paixão, nem interesse, nem vingança, nem má vontade, senão zelo, justiça, piedade, amor do bem comum, e todas as virtudes de um ministro cristão e perfeito. Mas o tribunal divino, que se não governa pelo que eles dizem, senão pelo que fazem, e estes são os autos por onde os há de julgar, vede e ponderai bem o que diz: *Quis est hic?* Quem é este? Não diz: *Qui sunt hi?* Quem são estes? Não fala de

<sup>42</sup> Pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu; pôde fazer o mal, e não o fez (Eclo. 31,10). Quem é este, e nós o louvaremos? Porque fez coisas maravilhosas em sua vida (Eclo. 31,9).

muitos ou de alguns, senão de um só, e unicamente. E por quê? Porque poderoso que possa quebrar as leis, e não as quebra: *Qui potuit transgredi; et non est transgressus*, poderoso que pode viver mal e fazer mal, e o não faça: *facere mala, et non fecit*, este tal, se acaso no mundo se acha algum, é um: *Quis est hic?* E esse um, não ordinariamente nem sempre, senão por milagre: *fecit enim mirabilia in vita sua*. Assim o diz e pondera Deus que sabe tudo, e bastava saber o que todos sabem. E como são tão poucos e tão raros os grandes e poderosos que façam o que devem, devendo não só dar conta das suas almas e das suas vidas, senão também, e muito estreita, de todas aquelas que têm debaixo do seu governo ou do seu domínio, vede se serão muitos os que no dia do Juízo se achem à mão direita.

## §VII

*Que lugar teremos no dia do Juízo? A semelhança da árvore no Ecclesiastes. As boas obras e a certeza da salvação na epístola de S. Pedro. A certeza das boas obras e a certeza da revelação. Resposta de Santo Inácio ao Padre Diogo Laines. O que dizem Santo Tomás e Aristóteles. A proposição do Batista.*

507. Mas porque esta regra não é para todos os estados nem para todas as pessoas, concluamos com uma universal, que compreenda a todos, e pela qual possa conhecer cada um o lugar que há de ter no dia do Juízo. Cristo, Senhor nosso, deu hoje sinais para se conhecer ao longe o dia do Juízo; bem será que saibamos nós também algum sinal, por onde possamos conhecer o lugar que nele havemos de ter, e que seja hoje, pois o nosso juízo está mais perto. Para esta demonstração temos um famoso texto da mesma Sabedoria divina, tantas vezes alegada neste ponto, porque em matéria tão grave e tão sólida, não convém nem se requer menor autoridade. No capítulo onze do Ecclesiastes, diz assim: *Si ceciderit lignum ad austrum, aut aquilo nem, in quocumque loco ceciderit, ibi erit* (Ecl. 11, 3): se a árvore cair para a parte austral, ou para a parte aquilonar, no lugar onde cair, aí ficará para sempre. — Esta árvore é cada um de nós: cai ou há de cair na hora da morte, e para onde cair naquele momento, aí há de ficar para sempre, porque daquele momento depende a eternidade. Sendo porém quatro as partes universais do mundo para onde pode cair uma árvore, o norte, que é o aquilão, o sul, que é o austro, o leste, que é o levante, o oeste, que é o poente, faz menção o texto somente da parte austral, que é a direita do mundo, e da parte aquilonar, que é a esquerda, porque o homem só pode cair para uma destas duas partes, ou para a mão direita, com os que se salvam, ou para a esquerda, com os que se condenam.

508. Mas como poderá esse homem adivinhar este grande segredo? Como poderá conhecer desde agora o lugar que há de ter no dia do Juízo, e se há de ficar à mão direita, ou à esquerda? Também disto quis a Providência divina que tivéssemos um sinal muito



claro e muito certo, e esse é o mistério com que o Espírito Santo o reduziu todo à semelhança da árvore quando cai: *In quocumque loco ceciderit lignum*. Uma árvore, antes de se cortar, não se conhece muito fácil e muito naturalmente para que parte há de cair? Pois assim o pode conhecer cada um de si dentro em si mesmo. E se não entendeis ainda, e me perguntais o modo, ouvi-o da boca de São Bernardo, o qual com grande propriedade e clareza o ensina por estas palavras: *Quo vero casura sit arbor, si scire volueris, ramos ejus attende: unde maior est copia ramorum, et ponderosior, inde casuram ne dubites*<sup>43</sup>: Se quereis saber para onde há de cair a árvore quando for cortada, olhai para ela, e vede para onde inclina com o peso dos ramos. Se inclina para a parte direita, para a parte direita há de cair, e pelo contrário, se o peso a tem dobrado para a parte esquerda, da mesma maneira há de cair para a parte esquerda, e uma e outra coisa é sem dúvida: *Ne dubites*. — Olhe agora cada um, e olhe bem para a sua alma, para a sua vida e para as suas obras, que estas são os ramos da árvore. Se vir que são de fé, de piedade, de temor de Deus, de obediência a seus preceitos, de religião, de oração, de mortificação das próprias paixões, de verdade, de justiça, de caridade, enfim, de pureza de consciência, de freqüência dos sacramentos, e das outras virtudes e obrigações do cristão, entenda que, perseverando, há de cair sem dúvida para a mão direita. Mas se as obras pelo contrário são de liberdade e soltura de vida, de ambição, de cobiça, de soberba, de inveja, de ódio, de vingança, de sensualidade, de esquecimento de Deus e da salvação, sem uma muito resoluta e verdadeira emenda e perseverança nela, entenda da mesma maneira que a árvore há de cair para a mão esquerda, e que tem certa a condenação.

509. Dir-me-eis, ou dir-vos-á o diabo, que entre a árvore e o homem há uma grande diferença, porque a árvore, depois que está robusta e crescida, não se pode dobrar, mas o homem, que é árvore com alvedrio e uso de razão, ainda que agora esteja tão inclinada, com o peso dos vícios, para a mão esquerda, em qualquer hora que se quiser voltar para a direita, com o arrependimento dos pecados e emenda deles, o pode fazer. Assim é, ou assim poderá ser alguma vez, e assim o insinuou o mesmo S. Bernardo, acrescentando às palavras referidas: *Si tamen fuerit tunc excisa*. Mas no dia do Juízo veremos que todos os católicos que estão no inferno, os levou lá esta mesma confiança ou esta mesma tentação.

510. S. Pedro, falando da certeza ou incerteza da salvação, e do modo com que não só a poderemos conhecer; mas fazer certa, diz estas notáveis sentenças no primeiro capítulo da sua segunda epístola: *Quapropter, frattes, magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem et electionem faciatis. Haec enim facientes, non peccabitis aliquando. Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in aeternum regnum Domini nostri et Salvatoris Jesu Christi* (2 Pdr. 1,10 s): Se duvidais, cristãos, diz São Pedro, e estais incertos de vossa salvação, aplicai-vos com todo cuidado a fazer boas obras, e logo a fareis certa. — A palavra *certam*, no original grego, em que escreveu São Pedro, ainda tem

<sup>43</sup> Bem. Serm. 49. Inter Parvos.

mais apertada significação, porque quer dizer: *firmam, stabilem, immutabilem*, isto é, tão certa, firme e segura, que se não possa mudar. E por que seguram tanto as boas obras a certeza da salvação, que a fazem infalível e imutável? O mesmo Príncipe dos Apóstolos dá imediatamente a razão: *Haec enim facientes, non peccabitis aliquando*: Porque fazendo boas obras com o cuidado e diligência que digo, jamais caireis em pecado grave. — Onde se seguirá que certamente se vos abrirão com largueza as portas do céu, e entrareis a gozar o reino eterno de Nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in aeternum regnum Domini nostri et Salvatoris Jesu Christi*. Comentando este texto, o Padre Cornélio a Lapide, autor doutíssimo e eruditíssimo, e que nas Sagradas Escrituras busca sempre o sentido genuíno e sólido, depois de disputar teologicamente a matéria, reduz a forma silogística toda a sentença do Apóstolo, e diz assim: *Hic est syllogismus Sancti Petri: Quicumque non peccat, seque purum a peccato conservat, hic certam facit suam vocationem et electionem, tum ad gratiam, tum consequenter ad gloriam: at que quis satagit; studetque bonis operibus, hic non peccat: Ergo qui satagit studetque bonis operibus, certam facit suam vocationem et electionem*. Quer dizer: Aquele que se conserva sem pecado, sem dúvida faz certa a sua salvação; aquele que se emprega com diligência em boas obras, conservar-se-á sem pecado: logo, aquele que se empregar assim em boas obras, faz certa a sua salvação.

511. A menor, ou segunda proposição deste silogismo, como verdadeiramente é notável, assim parece também dificultosa, se não fora revelação canônica e definição expressa de São Pedro, com a cláusula mais universal que pode ser: *Haec enim facientes, non peccabitis aliquando*. Eu bem sei que as boas obras só podem merecer *de congruo* a perseverança e graça final. Mas essa mesma congruência, a qual temo efeito dependente da aceitação e vontade divina, depois de S. Pedro declarar que o dito efeito é certo, fica fora de toda a dúvida e contingência. Sendo pois assim, como parece que não pode deixar de ser, toda a conseqüência das três proposições do Apóstolo corre formalmente, porque a terceira segue-se com certeza da segunda, e a segunda da primeira. A primeira assenta o fundamento das boas obras: *Ut per bona opera certam vestram vocationem et electionem faciatis*. A segunda mostra os efeitos das mesmas boas obras, que é a perseverança: *Haec enim facientes, non peccabitis ali quando*. E a terceira conclui com o fim e prêmio da mesma perseverança, que é a salvação e reino do céu: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in aeternum regnum Domini nostri*.

512. Contudo, vindo ao rigoroso exame desta certeza e da qualidade ou qualificação dela, a sentença comum dos teólogos é que deste texto de S. Pedro só se convence certeza moral, quanta podemos ter naturalmente, sem revelação. Comparada porém qualquer revelação não canônica com as boas obras, eu antes quisera a certeza das boas obras, que a da revelação, porque a revelação não me pode salvar sem boas obras, e as boas obras podem-me salvar sem revelação. Outros querem que a certeza de que fala o Apóstolo seja

maior que moral, porque, com certeza somente moral, pode ser a salvação incerta<sup>44</sup>. Mas a incerteza da salvação com boas obras, em opinião que eu muito venero, também é certeza. Perguntou uma vez meu padre Santo Inácio ao Padre Diogo Laines, aquele tão celebrado teólogo do Papa no Concílio Tridentino, qual de duas escolheria, se Deus as pusesse na sua eleição: ou ir logo para o céu com certeza, ou ficar servindo a Deus neste mundo com incerteza da salvação? Laines respondeu que escolheria ir logo para o céu; Santo Inácio, porém, lhe disse que ele antes elegeria ficar servindo a Deus, posto que com incerteza de se salvar: *Malle se beatitudinis incertum vivere, et interim Deo inservire, quam certum ejusdem gloriae statim mori*<sup>45</sup>. Assim o refere a Igreja na lenda do mesmo santo, aprovando e canonizando esta sua resolução. Mas se esta resolução, ao que parece, era tão arriscada, como a louva e põe por exemplo a Igreja? E como elegeu também esta parte um espírito tão alumiado como o de Santo Inácio, trocando a certeza da salvação pela incerteza? Porque a incerteza da salvação, sobre servir a Deus e fazer boas obras, como era neste caso, é uma incerteza tal, que vem a ser a maior certeza. Assim o julgou e declarou logo o mesmo Santo Inácio, cujo juízo e espírito foi um dos maiores oráculos da sua idade, e o será de todas.

513. Mas porque a doutrina geral, em matéria de tanto peso, não deve ser heróica, senão vulgar e alheia de toda a dúvida ou controvérsia, concluo o que prometi com duas sentenças dos dois príncipes da Teologia e Filosofia, Santo Tomás e Aristóteles. Santo Tomás, no artigo oitavo da Questão 23, diz assim: *Unde praedestinati conandum est ad bene operandum et orandum, quia per hujusmodi praedestinationis effectus certitudinaliter impletur*<sup>46</sup>. Tinha dito que na ordem da predestinação divina se contêm também as nossas boas obras, por meio das quais se alcança a salvação, e sem as quais se não pode alcançar, e conclui que todos se devem aplicar com toda a eficácia ao exercício das ditas boas obras, porque por elas conseguirão o efeito e fim da predestinação, e isto não em dúvida, senão *certitudinaliter*: com toda a certeza. Digo com toda, porque o Doutor Angélico não limita nem distingue grau ou qualidade nela. Mas porque alguns dos seus intérpretes<sup>47</sup> querem que fale somente de certeza moral, que é o que comumente e quase sempre sucede, esta, quando menos, é a certeza com que cada um pode conhecer hoje o lugar da mão direita ou esquerda que há de ter do dia do Juízo. E porque, em negócio de salvar ou não salvar, não é necessária maior certeza para o justo receio e cuidado de cada um, também esta deve parecer bastante a todos para o desempenho da minha promessa. Porque, como diz Aristóteles no Livro primeiro das Éticas, nenhum sábio deve procurar nem desejar maior certeza que a que pode ter a matéria de que se trata: *Disciplinati est enim in tantum*

<sup>44</sup> *Apud Lorinum, et Cornelium ibi.*

<sup>45</sup> *In off S. Ignat. lect.*

<sup>46</sup> *D. Thom. p. 1, q. 23, art. 8*

<sup>47</sup> *Vasq. Disput. 92*

*certitudinem inquirere secundum unumquodque genus, in quantum natura rei recipit*<sup>48</sup>.

514. O que resta é que cada um olhe atentamente e com a devida consideração para a árvore da sua vida, e que examine e veja sem engano do amor próprio, se os ramos das suas obras pesam para a mão direita ou para a esquerda: *Ad Austrum aut ad Aquilonem*. E para que esta vista seja tão clara e certa, como quem vê de muito perto, e não de longe, só lembro por fim a todos, o que a todos pregava S. João Batista: *Jam securis ad radicem arboris posita est* (Luc. 3,9). Para qualquer parte que a árvore penda, e qualquer que ela seja, — já o machado está posto às raízes. — Cada dia e cada hora é um golpe que a morte está dando à vida. E reparem os que a fazem tão delicada, que para derrubar as árvores grossas são necessários muitos golpes; para as delgadas basta um, Cristo, Senhor e Redentor nosso, que tanto deseja e tanto fez e padeceu por nossa salvação, nos desenganou hoje, que o nosso juízo não há de passar dos cem anos: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant*. Mas advertamos que não nos promete que havemos de chegar a esses cem anos, nem aos noventa, nem aos oitenta, nem a dez, nem a um, nem a meio, antes nos avisa que o dia pode ser este dia, e a hora esta hora: O mesmo Senhor, por sua misericórdia, no-la conceda a todos tão feliz, que todos naquele dia nos achemos à sua mão direita, e nos leve consigo a gozai daquela glória que se não alcança senão por boas obras, ajudadas da sua graça. Amém.

*LAUS DEO*

---

<sup>48</sup> *Arist. I Ethic.*

## TERCEIRA PARTE

CENSURA DO M. R. P. M. O DOUTOR FR. MANOEL DA GRAÇA,  
da Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo,  
Qualificador do Santo Ofício.

Revi esta *Terceira Parte* dos *Sermões* do M. R. P. M. Antônio Vieira, com aquela atenção que se deve ao ofício de qualificador, e merecem os escritos de um tão insigne sujeito. Neles não achei coisa que ofendesse a nossa Santa Fé, ou repugnasse aos bons costumes, antes é obra esta tão singular que só a pudera igualar outra do mesmo autor, e com muito maior razão lhe quadra este encômio: *Sola tua tuis aequar opera possunt*. É digna da maior aceitação porque nela têm todos documentos muito proveitosos, assim para a reforma dos costumes, como para a direção do governo político. Nem as sutilezas com que às vezes prova os pensamentos, ou as analogias e alegorias de que usa nos discursos podem causar o mínimo escrúpulo, se douta e atentamente se ponderarem, porque com tanta erudição e clareza explica os pontos mais difíceis e os conceitos mais subidos, que bem mostra ser o sol dos pregadores do nosso tempo, pois, se os raios do sol têm a excelência de serem os mais sutis, e também os mais claros, nesta obra se acha o sutil tão germanado com o claro, que não merece nota alguma, antes deve ter o mesmo aplauso que as mais deste maior pregador tiveram sempre de todos. Carmo de Lisboa, 15 de fevereiro de 1683.

*Fr. Manoel da Graça*

CENSURA DO M. R. P. M. FR. MANOEL DE SANTIAGO,  
da Seráfica Ordem de São Francisco,  
Qualificador do Santo Ofício.

ILUSTRÍSSIMO SENHOR.

Vi este livro de *Sermões* do R. P. M. Antônio Vieira, da Sagrada Companhia de Jesus, pregador de S. A., obra que, tendo por título *Terceira Parte*, é tão prima que parece ser primeira e que não pode ter segunda. Contém catorze sermões, nos quais se germana o terso com o claro, elegante com as mais naturais palavras e apropriadas à matéria de que faz o sermão. Todos os seus pedem mais aplausos que censuras, porque a fama diz bem com a realidade, e a realidade com a fama, não havendo dúvida em que com a maior erudição, engenho, admiração e espírito, disputa, comenta, interpreta, compreende, prega e

ensina as teologias mais profundas no idioma mais claro, as Escrituras mais místicas e misteriosas no sentido mais literal, as retóricas mais animadas na locução mais seleta, fazendo com que as suas vozes fossem conceitos, e os seus conceitos vozes, reduzindo juntamente os entendimentos e atraindo as vontades, que é o que os sábios de Atenas julgavam por primazia da eloquência. Os discursos deste pregador, em tudo régio, tiveram a aceitação dos estranhos, e não tiveram a variedade dos pareceres entre os naturais, que é o maior elogio que se lhes pode dar. E os deste livro, por não terem coisa alguma que prejudique a nossa Santa Fé ou bons costumes, merecem a licença que a V. Ilustríssima pede quem os quer imprimir. São Francisco da cidade de Lisboa, em 23 de fevereiro de 1683.

*Fr. Manoel de Santiago*

CENSURA DO ILUSTRÍSSIMO E REVERENDÍSSIMO  
Senhor Arcebispo da Bahia.

SENHOR.

Manda-me V. A. que veja o livro intitulado *Terceira Parte dos Sermões* do P. Antônio Vieira, tão digno pregador de V. A., que no trono da sabedoria se deve colocar como alteza dos pregadores. Eu, obedecendo ao mandado de V. A., vi o livro com o respeito devido à fé, e li os sermões com atenção igual ao gosto, e o primeiro conceito que formei foi que, ainda que o livro não trouxera a inscrição do título, os sermões o deram a conhecer por obra do seu autor, porque todas as deste singular engenho, de tal sorte se parecem só consigo, que não deixam dúvidas de que se lhe possam parecer outras algumas. E assim só o juízo que lhe deu o ser é o que cabalmente lhe pode fazer juízo do valor, e muito menos o meu, que só não tem de grosseiro o respeitar sempre nelas matéria para o espanto, e não escrúpulo para a censura. Porém este respeito tão devido ao merecimento lhe tributou também a fortuna, porque nos *Sermões* do P. Antônio Vieira tiveram todos sempre que admirar, e não teve alguém nunca que dizer, sendo o único pregador em quem se venceram as dificuldades de se admirarem os sábios, que presumem, e não desdenham os néscios, que ignoram. A doutrina é sã, sólida e irrefragável, e ainda a política tão espiritualizada, que igualmente encaminha aos acertos do governo e ao fim da salvação. As Escrituras, conforme aos sentidos que nelas admitem santos, expositores e padres, tão própria e fielmente desentranhadas do rigor da letra, da semelhança da alegoria, do doutrinável da moralidade, que no literal não discrepa em uma sílaba, no alegórico equivoca a propriedade, e no moral convence a reformação. E o que mais é, que fazendo

todos os pregadores os seus sermões por as Escrituras, este pregador parece que fez as Escrituras para os seus sermões. Os pontos teológicos mais imperceptíveis tão claramente explicados, que uniu a sutileza com que se disputam nas cadeiras à claridade com que se devem praticar em os púlpitos. E para os ouvintes as perceberem, basta que entrem ouvintes para saírem teólogos. Os conceitos tão finos como o entendimento de quem os adelgaçou, e tão naturais aos assuntos que, para os levantar, parece que não estudou a arte, e para os acomodar, se não cansou o estudo. O estilo tão sério, grave e cortesão, como de quem nasceu para pregador da corte. As palavras tão expressivas dos conceitos, que na propriedade da nossa linguagem se não podem descobrir outras tão próprias, em tanto que, quando nos seus sermões se acha alguma desusada, para ser aceita como lei, basta o ser conhecida por sua, e em todas de tal energia para a persuasão, e de tal suavidade para o agrado, que nem para persuadir se compõe de razões mais eficazes, nem para agradar se ornar de eloquência mais fecunda. Tudo, enfim, como seu, que só nisto se diz tudo. Com o que a minha aprovação só poderá chegar a ser demonstração do afeto, pois não pode passar a ser crédito da pessoa, porque no aplauso geral, com que o celebra a fama em todas as partes a que têm chegado as suas notícias, logra as maiores venerações, tão seguras da verdade, que para ele são artigos da fé, os encarecimentos, que para os mais são adulações da lisonja. Não só não contêm coisa que encontra ao real serviço de V. A., mas antes não sei vassalo que fizesse maior serviço nesta matéria ao seu Príncipe que enobrecer com os seus escritos a uma Nação de que V. A. é Príncipe e Senhor. E assim entendo que na licença que se pede a V. A. para se imprimirem estes sermões, lhe deve V. A. conceder de justiça o que se lhe pede por favor, não só para que por benefício do prelo, já que se não podem esculpir com letras de ouro, na dureza dos diamantes e na firmeza dos bronzes, fiquem imortais à memória dos vindouros, mas também para que os presentes, que tiveram a dita de os ouvir, logrem o que então desejaram, e os que vivem com a mágoa de os não ler, tenham tudo o que podiam desejar. Isto é o que me parece, e V. A. mandará o que melhor lhe parecer. São Francisco de Lisboa, 9 de março de 1683.

*Fr. João da Madre de Deus*

### LICENÇAS DA RELIGIÃO

Antônio de Oliveira, da Companhia de Jesus, provincial da Província do Brasil, por particular comissão que tenho de nosso M. R. P. João Paulo Oliva, prepósito geral, dou licença para que se imprima este livro, intitulado *Terceira Parte dos Sermões* de P. Antônio Vieira, da mesma Companhia, da Província do Brasil, pregador de S. Majestade, revisto e aprovado por religiosos doutos da mesma Companhia. E por verdade dei esta por

mim assinada e selada com o selo de meu ofício. Bahia, 20 de julho de 1682.

*Antônio de Oliveira*

### *DO SANTO OFÍCIO*

Vistas as informações, pode-se imprimir a *Terceira Parte dos Sermões* do P. Antônio Vieira. E depois de impressa, tornará para se conferir e dar licença que corra, e sem ela não correrá. Lisboa, 23 de fevereiro de 1683.

*Manoel Pimentel de Sousa*

*Jerônimo Soares*

*João da Costa Pimenta*

*Bento de Beja de Noronha*

*Manoel de Moura Manoel*

*Fr. Valério de S. Raimundo*

*O Bispo, Fr. Manoel Pereira*

### *DO ORDINÁRIO*

Pode-se imprimir este livro de Sermões. E depois tornará para se conferir e se dar licença para correr. E sem ela não correrá. Lisboa, 25 de fevereiro de 1683.

*Serrão*

### *DO PAÇO*

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício e Ordinário. E depois de impresso tornará à mesa, para se taxar e conferir, e sem isso não correrá. Lisboa, 10 de março de 1683.

*Roxas*

*Rego*

*Noronha*

Está conforme com o seu original. Convento do Carmo, 10 de dezembro de 1683.

*Fr. Manoel da Graça*



Visto estar conforme com seu original, pode correr este livro. Lisboa, 14 de dezembro de 1683.

*Manoel Pimentel de Sousa*  
*João da Costa Pimenta*

Pode correr este livro. Lisboa 16 de dezembro de 1683  
*Serrão*

Taxam este livro em doze tostões. Lisboa, 15 de dezembro de 1683.  
*Lamprea*  
*Noronha*

LISBOA  
NA OFICINA DE MIGUEL DESLANDES

À custa de Antônio Leite Pereira, Mercador de Livros  
MDC LXXXIII  
Com todas as licenças necessárias e privilégio real.

SERMÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO  
PREGADO NO REAL CONVENTO DA ESPERANÇA, EM LISBOA,  
ANO DE 1669

*Hic est panis, qui de caelo descendit*<sup>1</sup>.

§I

*No Sacramento está satisfeita a Fé, está satisfeita a Caridade, só a Esperança parece que não está satisfeita. A satisfação da Esperança será a matéria do presente discurso.*

1. Que satisfeita está hoje a fé, e que satisfeita a caridade! Só a esperança parece que não está, nem pode estar satisfeita. Está satisfeita a fé, porque se vê sublimada a crer a verdade do mais alto, do mais profundo e do mais escondido mistério: *Caro mea vere est*

---

<sup>1</sup> Aqui está o pau que desceu do céu (Jo. 6, 50).

*cibus*<sup>2</sup>. Está satisfeita a caridade, porque se vê abraçada intimamente com Deus no laço da mais estreita e da mais amorosa união, e da mais recíproca: *In me manet, et ego in illo*<sup>3</sup>. Só a esperança parece que não está nem pode estar satisfeita no diviníssimo Sacramento, porque se lhe nega o que o deseja, porque se lhe encobre o que suspira, porque se lhe retira o que segue, e porque, na mesma presença, se lhe ausenta o que espera. Está Deus ali para a fé, está Deus ali para a caridade, e só para a esperança não está ali. Está ali para a fé, porque o objeto da fé é Deus crido, está ali para a caridade, porque o objeto da caridade é Deus amado, e não está ali para a esperança, porque o objeto da esperança, como ensina S. Paulo, é Deus visto. A Deus invisível pode-o crer a fé, a Deus invisível pode-o abraçar a caridade, a Deus invisível não o pode lograr a esperança. Se o objeto da esperança é Deus visto, e a essência do Sacramento é Deus não visto, nem visível, que por isso se chama Sacramento, como estará a esperança satisfeita neste desvio, contente neste desengano e sossegada neste impossível? Firme sim, constante sim, animosa e ansiosa sim, mas satisfeita, contente e sossegada, não fora a esperança esperança, se assim estivera. Pois por certo, Senhor, que não é a vossa condição tão esquiva, nem o vosso coração tão pouco humano, que o não obriguem desejos, que o não solicitem ânsias, que o não penetrem suspiros, que o não enternecem saudades. E se este é o ser e o exercício contínuo da esperança, como se esqueceu tanto dela a vossa Providência neste mistério, que parece vos sacramentastes somente para acrescentar novos pesares a seus desejos, e um perpétuo martírio a suas ânsias.

2. A satisfação destas queixas será hoje a matéria do nosso discurso, para que o nome e circunstância do lugar dê novidade à celebridade do dia. Verá a esperança queixosa dos extremos da fineza que deve a Cristo sacramentado, e nós veremos sem queixa do mesmo Sacramento que, posto que se chame Mistério da Fé, encerra maiores mistérios da esperança. *Ave Maria*.

## §II

*Por que desceu do céu este pão? Como a esperança não podia entrar no céu, Deus para contentá-la saiu do céu em disfarces de pão. A visão de Ezequiel em Jerusalém. O convite de Davi no Salmo XXXIII.*

*Hic est panis, qui de caelo descendit.*

3. Este é o pão que desceu do céu. E por que desceu do céu este pão? Só para exercício da fé? Só para aumento da caridade? Não. Digo que desceu do céu o pão do céu

<sup>2</sup> A minha carne verdadeiramente é comida (Jo. 6, 56).

<sup>3</sup> Fica em mim, e eu nele (Jo. 6, 57).

para satisfação da esperança. Ora vede. Perguntam os teólogos se há esperança no céu, e resolvem todos com Santo Tomás que nem no céu nem no inferno há esperança. A razão é porque o bem que for objeto da esperança, há de ter estas duas condições: ser possível e ser futuro; possível porque o impossível não se deseja; futuro, porque o presente não se espera. E como o sumo bem, que é o objeto da esperança sobrenatural, no inferno já não é possível, e no céu já não é futuro, por isso nem no céu nem no inferno pode haver esperança. A alma, se vai ao céu, salva-se, se vai ao inferno, perde-se; mas a esperança, ou no céu ou no inferno sempre se perde: no céu pela vista de Deus, no inferno pela desesperação da mesma vista. Sucede-lhe à alma com a esperança, o que a Moisés com a Terra de Promissão, e às virgens prudentes com as companheiras. Moisés levou à Terra de Promissão os israelitas, mas não entrou lá: as virgens prudentes entraram no céu, mas as companheiras, ainda que chegaram à porta, ficaram de fora. A mais fiel companheira da alma é a esperança; porém, é tal a ventura da alma, e tal a sorte da esperança, que quando à alma se lhe abrem as portas do céu, à esperança fecham-se: a alma entra, e a esperança fica de fora. E como a esperança não podia subir nem entrar no céu, que fez Deus para satisfazer a esperança? Desceu e saiu do céu em disfarces de pão: *Hic est panis qui de caelo descendit*, para que a esperança, que o não podia gozar da parte de dentro, o gozasse da parte de fora.

4. Levado o profeta Ezequiel em espírito desde Babilônia, onde estava cativo, à cidade e templo de Jerusalém mostrou-lhe um anjo o santuário com a porta fechada, e disse-lhe que fora daquela porta assim fechada, se assentaria o príncipe à mesa, para comer o pão na presença do Senhor: *Et convertit me ad viam portae sanctuarii, et erat clausa. Ex dixit Dominus ad me: Porta haec clausa erit. Princeps ipse sedebit in ila, ut comedat panem coram Domíno*<sup>4</sup>. Entram agora os expositores sagrados a declarar este enigma, e dizem que o santuário é o céu, o príncipe Cristo, e, por conseguinte, a mesa, o altar, e o pão o Santíssimo Sacramento, em que não há dificuldade. Mas se o santuário é o céu, e o príncipe o Príncipe do céu, e o pão o Pão do Céu, por que está a porta do céu fechada, e se diz que há de estar fechada sempre, e o Príncipe e a mesa, não dentro, senão fora da porta? Verdadeiramente, que se não pudera pintar com maior propriedade de circunstâncias tudo o que queremos provar. A mesa do Diviníssimo Sacramento, em que assiste realmente o Príncipe da glória, foi instituída para os homens, não no estado da pátria, senão no estado da esperança, e como a esperança não pode entrar das portas do céu para dentro, por isso se pôs a mesa das portas a fora. Andou Cristo tão fino com a esperança, que por ela não podia entrar no céu para se assentar à mesa da bem-aventurança: pôs outra mesa e fez outra bem-aventurança fora do céu, só para que a esperança a lograsse. Ouçamos a Davi.

5. No Salmo trinta e três convida Davi a todos os fiéis para a mesa dos pães da

<sup>4</sup> Fez-me voltar depois para o caminho da porta do santuário, que estava fechada. E o Senhor me disse: Esta porta estará fechada. O príncipe mesmo se assentará nela (Ez. 44,1 ss).

proposição da lei da graça, como notam no mesmo lugar os Padres gregos, e diz assim: *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus* (Sl. 33, 9): Comei e vede quão suave é o Senhor. — Não diz: comei e vede quão suave é o pão, senão: comei e vede quão suave é o Senhor, porque o Senhor é o pão que ali se come. E, ditas estas palavras, exclama o profeta: *Beatus vir qui sperat in eo: Oh! bem-aventurados homens que esperam nele!* — Nesta exclamação e nesta conseqüência reparo. Suposto que Davi nos convida a comer a Deus no Sacramento, e gozar nele a suavidade do mesmo Deus: *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus*, parece que havia de inferir e exclamar: Oh! bem-aventurados os que o comem, e não: bem-aventurados os que esperam nele: *Beatus vir qui sperat in eo!* Na bem-aventurança do céu, que consiste em ver a Deus, são bem-aventurados os que o vêem; logo, também na bem-aventurança da terra, que consiste em comer a Deus, são bem-aventurados os que o comem. Assim é. Pois, por que não diz Davi aqui: bem-aventurados os que comem, senão bem-aventurados os que esperam? Porque não só quis o profeta revelar o mistério, senão também declarar o motivo. Nas primeiras palavras: *Gustate, et videte, quoniam suavis est Dominus*, revelou o mistério, que é o Sacramento; nas segundas palavras: *Beatus vir, qui sperat in eo*, declarou o motivo que é a esperança. E com razão exclamou Davi, admirado mais ainda do motivo que do mistério, porque não pode haver fineza digna de maior admiração que, tendo Deus feito uma bem-aventurança universal para prêmio e satisfação de todas as outras virtudes, para prêmio e satisfação da esperança fizesse outra bem-aventurança particular. Para todas as outras virtudes uma bem-aventurança no céu; para a esperança, outra bem-aventurança na terra. Para todas, uma bem-aventurança futura; para a esperança, outra bem-aventurança presente. Para todas, uma bem-aventurança que consiste em Deus visto; para a esperança, outra bem-aventurança que consiste em Deus comido. Para todas, uma bem-aventurança que se goza sem esperança; para a esperança, outra bem-aventurança que só a gozam os que esperam: *Beatus vir qui sperat in eo*.

### §III

*A mesa e a bem-aventurança prometidas no capítulo doze de São Lucas e a exposição de Santo Agostinho. A quem se fez esta promessa, e por que merecimentos.*

6. Mas para que me detenho eu em referir profecias de Davi e visões de Ezequiel, se tenho o testemunho do mesmo Autor e instituidor do Sacramento, o Senhor que está presente? No capítulo doze de São Lucas, chama Cristo bem-aventurados a certos servos seus: *Beati sunt servi illi*<sup>5</sup>. E como se a bem-aventurança que lhes promete fosse incrível, confirma a mesma promessa com juramento, dizendo: *Amen dico vobis, quod praecinget*

<sup>5</sup> Bem-aventurados são os tais servos (Lc. 12, 38).

*se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis* (Lc. 12,38): De verdade vos digo que o Senhor se cingirá, e os fará assentar à mesa, e ele em pessoa os servirá a ela. Saibamos agora que mesa e que bem-aventurança é esta. A comum exposição dos intérpretes é que falou Cristo aqui da mesa e bem-aventurança do céu. Mas esta sentença se impugna fortemente com as mesmas palavras do texto: *Praecinget, et transiens ministrabit illis*. Deus no banquete da glória comunica-se aos bem-aventurados em toda a largueza de sua imensidade; logo, não se pode dizer daquele banquete que Deus se cinge e se estreita nele: *Praecinget se*. De mais, o banquete da glória é permanente, porque dura e há de durar por toda a eternidade; logo, não se pode dizer que é transeunte e de passagem: *Et transiens ministrabit illis*. Que banquete é logo este em que Deus se comunica não permanentemente, senão de passagem, e com a imensidade de sua grandeza não dilatada, senão abreviada e cingida? Santo Agostinho, como águia de mais aguda vista, diz que é o banquete do Santíssimo Sacramento: *Quid nobis ministravit, nisi quod hodie manducamus et bibimus*<sup>6</sup>?

7. Bastava que esta exposição fosse de Agostinho, para nós a venerarmos e recebermos; mas porque é singular, e o santo a não provou, eu a provo. E não só a demonstrarei com a propriedade do mistério, senão também com a mesma instituição dele. Que diz o texto? *Praecinget se*: que Cristo se cingirá? Isso fez Cristo antes da instituição do Sacramento: *Praecinxit se*<sup>7</sup>. Que mais diz? Que ele o administrará por sua própria pessoa: *Ministrabit illis*? Isso fez Cristo na Ceia: *Fregit, deditque discipulis suis*<sup>8</sup>. Que mais? Que o fará em trânsito: *Transiens*? Assim foi: *Sciens quia venit hora ejus, ut transeat ex hoc mundo ad Patrem*<sup>9</sup>. E a mesma festa, que então celebrou Cristo, se chamava *Phase, id est, transitus Domini*<sup>10</sup>. E se confirma tudo com o texto da mesma parábola: *Quando revertatur a nuptiis*<sup>11</sup>, porque se institui o Sacramento quando Cristo, depois de ter vindo a celebrar as bodas com a natureza humana, tornava outra vez para o céu. Isto quanto à história, e no modo, e tempo, e circunstâncias da instituição. E quanto ao mistério, não pode haver propriedade mais natural, porque Cristo ao Sacramento tem abreviada e estreitada sua grandeza, e reduzida não só ao círculo de uma hóstia, senão a qualquer parte dela: *Praecinget se*. E porque o Sacramento é viático de caminhantes, em que somente se nos dá Cristo enquanto dura a peregrinação e passagem desta vida: *Et transiens*. E, finalmente, porque ainda que o sacerdote pronuncia as palavras da consagração, Cristo é o principal ministro do sacrifício e do Sacramento como dizem todos os Padres e concílios: *Ministrabit illis*. Bem se prova logo a sentença de Santo Agostinho,

<sup>6</sup> Que é o que nos foi ministrado, senão o que hoje comemos e bebemos?

<sup>7</sup> Cingiu-se (Jo. 13,4).

<sup>8</sup> Partiu-o e deu-o a seus discípulos (Mt. 26,26).

<sup>9</sup> Sabendo que era chegada a sua hora de passar deste mundo ao Pai (Jo. 13,1).

<sup>10</sup> Páscoa, isto é, a passagem do Senhor (Êx. 12,11).

<sup>11</sup> Ao voltar das bodas (Lc. 12,36).

e bem se demonstra que a mesa e bem-aventurança que o Senhor prometeu neste lugar, é a mesa e bem-aventurança, não do céu, senão de fora do céu, não da glória, senão do Sacramento.

8. Mas a quem se fez esta promessa, a quem se prometeu este prêmio, e por que merecimentos? Grão caso! Não se prometeu a outros, senão aos que esperam, nem por outros merecimentos, senão os da esperança. O mesmo texto o diz: *Et vos similes hominibus expectantibus Domimum suum* (Lc. 12,36): Sede semelhante, diz Cristo, aos servos que esperam por seu Senhor. — E, se assim o fizerdes, o mesmo Senhor vos porá à sua mesa, e vos servirá a ela, dando-se a si mesmo: *Amen dico vobis, quod praecinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis*<sup>12</sup>. Oh! admirável fineza de Cristo! Oh! singular privilégio da virtude da esperança! Porque não podia dar à esperança o que ela espera no céu, deu aos que esperam na terra o que eles não esperavam nem podiam esperar. Esperavam os servos ou podiam esperar que seu Senhor lhes pusesse e os pusesse à mesa? Não, e isso é o que ele faz: *Faciet illos discumbere*. Esperavam ou podiam esperar que ele, por sua própria pessoa os servisse? Não, e ele é o que os serve: *Et transiens ministrabit illis*. Esperavam ou podiam esperar que se lhes desse a comer a si mesmo? Muito menos. Só esperavam e podiam esperar que se lhes desse a ver no céu; mas ele, antecipando o tempo, e satisfazendo o desejo da esperança sobre a mesma esperança, para que o pudessem comer na terra, desce do céu transubstanciado no pão: *Hic est panis, qui de caelo descendit*.

#### §IV

*O exemplo da experiência. A aparição aos dois discípulos de Emaús, que esperavam. O Sacramento, remédio da esperança.*

9. Provado assim o que digo com a visão de Ezequiel, com a profecia de Davi e com a parábola do mesmo Cristo, se alguém ainda deseja o exemplo da experiência, também este nos não falta. Aparece Cristo em trajos de peregrino aos dois discípulos que na manhã da ressurreição caminhavam para Emaús, e assentado à mesa, para que o conhecessem, parte o pão e consagra-se nele: *Et cognoverunt eum in fractione pani*<sup>13</sup>. Não sei se reparais não só no admirável, senão muito mais no singular deste caso. A outros muitos apareceu o Senhor e se deu a conhecer neste mesmo dia, mas a nenhum com semelhante favor nem com tão extraordinário modo. Apareceu à Madalena, apareceu às outras Marias, apareceu a São Pedro, apareceu a todos os discípulos juntos, e comeu com eles; e, tendo aqui a mesma ocasião o Senhor de consagrar o pão e repetir o mistério do Sacramento, não o fez,

<sup>12</sup> Na verdade vos digo que ele se cingirá, e os fará sentar à mesa, e, passando por entre eles, os servirá (Lc. 12,37).

<sup>13</sup> Conheceram a Jesus ao partir do pão (Lc. 24,36).

parecendo supérflua a presença sacramental onde a natural estava com eles. Depois que todos passaram à Galiléia, também apareceu e comeu o Senhor com os discípulos muitas vezes, e sendo a mesa, como muitos querem, a de sua Mãe Santíssima, também ali não consagrou seu corpo. Pois, que merecimento concorreu nos dois discípulos de Emaús, ou que maior razão teve Cristo para se lhes dar a eles sacramentado, e não aos demais? Lembrai-vos do que diziam, e logo vereis que foi obrigação, e não favor; necessidade, e não excesso. O que diziam estes discípulos, dando a causa da sua tristeza, é que esperavam desconfiados: *Nos autem sperabamus*<sup>14</sup>, E como a sua esperança ia tão enfraquecida e quase desmaiada, com que lhe havia de acudir o Senhor, senão com o alimento da esperança, que é o Sacramento? Remédio foi logo, e não favor; necessidade, e não excesso. E notai que esta foi a primeira vez que o pão natural se consagrou em corpo do Cristo, depois de instituído o Sacramento na Ceia, para que desde logo se desse princípio ao fim por que se instituirá. Como o fim particular da instituição do Sacramento foi alentar e alimentar nesta vida a nossa esperança, por isso o mesmo Senhor que tinha instituído o remédio, quis também ser o primeiro que nos mostrasse a sua eficácia na primeira enfermidade que necessitava dele.

10. E para que se não duvide que o remédio da esperança foi a maior razão desta diferença, diz o evangelista que, no mesmo ponto em que o Senhor partiu e consagrou o pão, se fez juntamente invisível, e se escondeu aos olhos dos dois discípulos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum*<sup>15</sup>. Mas se o fim desta consagração foi para que os dois discípulos conhecessem, por que desaparece no mesmo ponto, e se esconde a seus olhos? Encobrir-se para se manifestar? Esconder-se para se dar a conhecer? Sim. E não podia ser de outro modo, porque, sendo mistério do Sacramento e remédio da esperança, nem a esperança remediada podia ver, nem o Senhor sacramentado podia ser visto. Se o sacramento fosse visto, deixava de ser sacramento, se a esperança o visse, deixava de ser esperança, e, porque verdadeiramente era sacramento, e sacramento para remédio da esperança, por isso foi não só conveniente, mas necessário que o Senhor se escondesse a seus olhos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum*. Isto é o que sucedeu naquele grande dia, e isto o que todos estes oito dias tivemos presente: Cristo alentando e alimentando, não desmaios, mas saudades da esperança, escondido porém o Senhor e encoberto a nossos olhos: *Hic est panis, qui de caelo descendit*, para que a esperança o possa gozar na terra.

<sup>14</sup> Ora, nós esperávamos (Lc. 24,21).

<sup>15</sup> Ele desapareceu-lhes de diante dos olhos (Lc. 24,31).

## §V

*Tanto que acabar a esperança, também o Sacramento se há de acabar. O fim do maná e o fim do Sacramento. A natureza da esperança e a natureza do Sacramento. Por que instituiu Cristo o divino Sacramento de noite?*

11. É tanto assim verdade que só enquanto durar a esperança há de durar o Sacramento, e tanto que acabar a esperança também o Sacramento se há de acabar. O Sacramento do Altar há de durar somente até o fim do mundo, conforme a promessa de Cristo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi*<sup>16</sup>. E depois do mundo, por que não? Cristo não é sacerdote eterno? Sim, é, e Sacerdote eterno não segundo a ordem de Arão, que sacrificava cordeiros, senão segundo a ordem de Melquisedeque, que sacrificou em pão e vinho: *Tu es Sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech. Melchisedech, proferens panem et vinum*<sup>17</sup>. Pois, se o sacerdote é eterno, por que não será também eterno o sacrifício e o Sacramento? Porque o sacrifício foi instituído para propiciação do pecado, e o Sacramento para satisfação da esperança. E assim como no fim do mundo há de cessar o sacrifício, porque há de ter fim o pecado, assim no fim do mundo há de cessar o Sacramento, porque há de ter fim a esperança. Agora entendereis o mistério do maná quando se acabou, e por quê.

12. Enquanto os filhos de Israel caminhavam para a Terra de Promissão, chovia-lhes o maná todos os dias. Chegaram finalmente à terra desejada, começaram a comer os frutos dela, e diz o texto sagrado que no mesmo ponto cessou o maná: *Defecit manna postquam comederunt de frugibus terrae, nec usi sunt ultra cibo illo filii Israel*<sup>18</sup>. De maneira que, enquanto os filhos de Israel iam peregrinando pelo deserto, com os desejos e esperanças de chegar à pátria prometida, sustentavam-se do maná; porém, depois que chegaram ao fim de suas esperanças, aonde teve fim a esperança, teve também fim o maná: *Defecit manna*. E que maná é este, senão o Diviníssimo Sacramento? Ouçamos a Ruperto: *Nunc pascimur ore manducando panem vitae aeternae; at ubi venerimus in terram viventium, ubi in sua specie videbitur Deus, jam in istis speciebus, sed in propria substantia videndo, manducabimus panem angelorum. Igitur postquam manducaverunt terrae fruges, defecit manna*<sup>19</sup>. Sabeis por que cessou o maná quando os filhos de Israel entraram na Terra de Promissão? Foi porque também há de cessar o Sacramento, quando nós entrarmos na bem-

<sup>16</sup> Estai certos de que eu estou convosco até a consumação dos séculos (Mt. 28,20).

<sup>17</sup> Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque (Sl. 109.4).

- Melquisedeque, oferecendo pão e vinho (Gên. 14,18).

<sup>18</sup> E depois que eles comeram do fruto da terra, cessou o maná, nem os filhos de Israel usaram mais deste alimento (Jos. 5,12).

<sup>19</sup> Agora nos alimentamos comendo o pão da vida eterna, porém, quando chegarmos à terra dos vivos, onde Deus será visto não sob estas espécies, senão em sua própria substância, comeremos o pão dos anjos. Por isso, depois que comeram os frutos da terra, cessou o maná.



aventurança da glória. Todos nesta vida somos peregrinos daquela pátria bem-aventurada: os que foram diante, já chegaram; nós imos caminhando agora, e assim caminharão depois os que nos sucederem, todos com esperança de a gozar. No fim do mundo estarão recolhidos à pátria todos os predestinados, e quando todos chegarem ao fim da sua esperança, e a mesma esperança tiver fim, também terá fim o maná, também terá fim o Sacramento. Se a esperança houvera de durar eternamente, também o Sacramento seria eterno; mas, como a esperança há de parar com a roda do tempo e do mundo, também o Sacramento há de durar somente até o fim do mundo: *Usque ad consummationem saeculi*. Tão vinculado deixou Cristo o pão do céu ao morgado da esperança.

13. E se alguém me perguntar a razão natural desta mútua correspondência e conexão, como necessária do Sacramento com a esperança e da esperança com o Sacramento, assim na duração como no fim, na natureza da mesma esperança e do mesmo Sacramento a acharemos. A esperança é um afeto que, suspirando sempre por ver, vive de não ver e morre com a vista. É teologia de São Paulo, falando da mesma esperança de que nós tratamos: *Spes quae videtur, non est spes: nam quod videt quis, quid sperat* (Rom. 8,24)? A esperança que chegou a ver o sumo bem esperado, já não é a esperança, porque quem espera ainda não vê, e quem vê já não espera. — Esta é a natureza da esperança. E a do Sacramento, qual é? É a presença da humanidade e divindade de Cristo, encoberta debaixo daquele véu, o qual de tal maneira a faz invisível que, se se pudesse ou deixasse ver, já não seria sacramento. E como a esperança, sendo desejo de ver a Deus, já não seria esperança se o visse, e o Sacramento, tendo dentro de si a Deus, já não seria sacramento se o deixasse ver, daqui vem ser tal a conexão que há entre a esperança e o Sacramento, e a duração de um e outro, que quando Deus franquear a sua vista a todos os que a esperam, o que será no fim do mundo, necessariamente se hão de acabar a esperança e mais o Sacramento: a esperança, porque já veremos a Deus; o Sacramento porque já Deus não será invisível.

14. As estrelas vivem de noite e morrem de dia. O mesmo nos sucederá nesta noite da esperança, quando amanhecer o dia da glória. Não debalde instituiu Cristo o Divino Sacramento de noite, quando, por uma presença que nos levou da vista nos deixou muitas à fé. Mete-se o sol no ocidente, escurece-se o mundo com as sombras da noite, mas se olharmos para o céu, veremos o mesmo sol multiplicado em tantos sóis menores quantas são as estrelas sem-número, em que ele substitui a sua ausência, e não só se retrata, mas vive. Assim se ausentou Cristo de nós sem se ausentar, deixando-se abreviado sim no Sacramento, mas multiplicado em tantas presenças quantas são as hóstias consagradas em que o adoramos e temos realmente conosco. Nesta ausência, pois, e nesta noite escura da esperança, em que não vemos a Deus, que outra coisa é a Igreja como Divino Sacramento multiplicado em todas as partes do mundo, senão um sol estrelado, esperando nós com Jó a

que amanheça: *Post tenebras, spero lucem*<sup>20</sup>. Mas assim como com o mesmo nascimento do sol a noite acaba e as estrelas desaparecem, assim com a mesma vista clara de Deus, o Sacramento há de desaparecer e a esperança acabar.

15. Quando Cristo expirou na cruz, rasgou-se o véu do Templo, com que estava coberto o *Sancta Sanctorum*, em sinal que então se abriram as portas da glória, até ali fechadas, e no mesmo ponto se acabaram em Jerusalém e no limbo duas coisas notáveis: em Jerusalém, os sacrifícios da lei velha; no limbo, as esperanças dos patriarcas. Da mesma maneira, quando este mundo se acabar, entrarão no céu todos os predestinados a gozar a vista clara de Deus, e no mesmo ponto se acabará o Sacrifício e Sacramento da lei da graça, e a esperança de todos os que professamos a mesma lei. E este será o último testemunho, e a prova, então evidente, como agora certa, que para satisfação da mesma esperança tinha descido do céu aquele pão: *Hic est panis, qui de caelo descendit*.

## §VI

*Como pode Deus invisível no Sacramento ser satisfação da esperança, que sempre anela ver? Onde reside a esperança: no entendimento ou na vontade? O Sacramento, penhor da confiança. A capa de Elias e o Sacramento. Simeão, penhor de Benjamim, e o Sacramento, penhor da esperança. Maior é o bem que se nos dá por alívio do desejo, que o mesmo bem desejado. A exclamação de Santo Epifânio.*

16. Mas se a esperança é um afeto que sempre anela a ver, e está suspirando pela vista, e no Sacramento não vê nem pode ver o sumo bem que deseja, como pode o Sacramento e Deus invisível nele ser satisfação da esperança? Este é o último mistério e o mais escuro ponto do nosso discurso, para cuja inteligência será necessário desentranhar mais interiormente, e fazer uma exata anatomia da esperança. É questão célebre entre os teólogos, se a esperança reside no entendimento ou na vontade: os mais defendem que é ato da vontade, os menos que é ato do entendimento; mas a opinião mais provável, e para mim sem dúvida, é que a esperança compreende ambas as potências, firmando-se com um pé no entendimento e com outro na vontade. Por isso a esperança se chama âncora, nome que lhe deu S. Paulo: *Ad tenendam propositam spem, quam sicut anchoram habemus animae tutam ac firmam*<sup>21</sup>. E assim como a âncora, para estar segura, há de prender de uma e da outra parte, assim a esperança, para se firmar bem na alma, não só há de estar fundada em uma das potências, senão em ambas juntamente. E a esperança um composto de desejo

<sup>20</sup> Depois das trevas espero a luz (Jó 17,12).

<sup>21</sup> Em alcançar a esperança proposta. a qual temos como uma âncora segura e firme da alma (Hebr. 6,18 s).

e confiança: com a vontade deseja, e com o entendimento confia; se desejara sem confiança de alcançar, seria somente desejo; mas como deseja e confia juntamente, por isso é esperança. Daqui se segue que para a esperança estar inteiramente satisfeita, parte da satisfação há de pertencer ao desejo, e parte à confiança: ao desejo para alívio, à confiança para o seguro, e tudo isto tem a esperança no Sacramento. Tem seguro para a confiança, porque o Sacramento é penhor; tem alívio para o desejo, porque o mesmo Sacramento é posse: penhor enquanto o temos fechado naquela custódia; posse enquanto dentro do peito o temos em nós e conosco. Está dito tudo. Vamos à prova por partes.

17. Tem primeiramente a esperança no Sacramento seguro da confiança, porque é penhor da mesma glória que espera, como nos ensina a Igreja: *Et futurae gloriae nobis pignus datur*<sup>22</sup>, Mas quem pediu jamais, nem deu, nem ainda imaginou tal sorte de penhor? Quando Elias se houve de partir para o céu, pediu-lhe Eliseu o seu espírito dobrado (4 Rs. 2,9), e como Elias lho não podia logo dar, prometeu-lho e deixou-lhe em penhor a sua capa. Drogo Hostiense reconheceu nesta capa e neste penhor o mistério do Sacramento, em que Cristo se nos encobre com a capa dos acidentes. Mas quanto vai de capa a capa e de penhor a penhor? Elias deixou a capa e levou a pessoa, e quando se ausenta a pessoa, não é bastante penhor a capa. Cristo deixou-nos em penhor a capa e mais a pessoa: a capa nos acidentes, a pessoa na substância. Pode haver mais seguro penhor? Só um penhor houve no mundo quase semelhante a este, mas muito desigual.

18. Quando José viu a seus irmãos no Egito, faltava naquele número Benjamim, que era sobre todos o que mais amava, e desejando com grandes ânsias vê-lo, prometeram os irmãos que lho trariam. Não se deu, contudo, por satisfeita a confiança de José com esta promessa; vieram a partido que em penhor de Benjamim ficasse Simeão preso e debaixo da chave: *Frater vester unus ligetur in carcere*<sup>23</sup>, e assim se fez. Agora pergunto: Qual esperança podia estar mais satisfeita, e qual confiança mais segura: a de José ou a nossa? Já me arrependo de o ter perguntado, porque é agravo de tão soberano e nunca imaginado penhor. A confiança de José, muito segura podia estar, porque tinha em custódia e debaixo de chave um irmão em penhor de outro irmão; mas os seguros da nossa confiança são incomparavelmente muito mais firmes, porque o penhor da promessa, de quem temos as chaves, é o mesmo prometido. A esperança de José estava muito confiada, porque o penhor de Benjamim era Simeão; a nossa confiança está muito mais segura, porque em penhor de Benjamim tem o mesmo Benjamim. Que espera a nossa esperança? Ver a Deus? Pois em penhor de ver a Deus temos debaixo da chave ao mesmo Deus, e em forma de pão e sustento nosso, para maior firmeza. Se Deus se dá a comer, não se dará a ver? Se Deus faz de si prato, não fará de si espelho? Segura está a confiança.

19. E se por parte da confiança está tão satisfeita a esperança no penhor, por parte do

<sup>22</sup> E nos é dado um penhor da glória futura.

<sup>23</sup> Um vosso irmão fique em ferros no cárcere (Gên. 42,19).

desejo não deve estar menos satisfeita no alívio. Santo Tomás chamou ao Diviníssimo Sacramento: *Solatum singulare*: alívio singular. E por que é singular este alívio? Discretamente por certo, porque nas outras esperanças e nos outros desejos o alívio sempre é menor que o bem desejado; aqui o mesmo bem desejado é menor que o que se nos dá por alívio. Qual é o bem que a esperança deseja? A vista de Deus no céu. Qual é o alívio que dá Cristo a essa esperança? O Sacramento do altar na terra. Logo, maior é o bem que se nos dá por alívio do desejo, que o mesmo bem desejado, porque mais se dá Deus a quem comunga, do que se comunica no céu a quem o vê. Os bem-aventurados no céu vêem a Deus mas não o compreendem, de maneira que lhes comunica Deus o que vêem, mas o que não compreendem não lho comunica; porém, no mistério do Sacramento o que o bem-aventurado vê e o que o bem-aventurado não compreende, tudo recebe quem comunga. Diremos logo que a comunhão é compreensão de Deus? Por este modo não me cansara muito em o dizer, mas quero que o diga S. Epifânio.

20. Concebeu a Deus a Virgem Maria — que na maior solenidade do Filho, não era bem que nos faltasse a Mãe, e mais em sua casa — concebeu a Deus a Virgem Maria em suas puríssimas entranhas, e admirado da grandeza e profundidade do mistério, exclamou assim S. Epifânio: *O uterum caelo amplioem, qui incomprehensum Deum vere comprehensum portasti!* Oh! ventre virginal maior que o céu, pois verdadeiramente compreendeste em ti o que no céu é incompreensível! — Note-se muito a palavra *vere*: não só compreendido de qualquer modo, senão verdadeiramente compreendido: *Vere comprehensum*. Mas saibamos. A Virgem Senhora nossa no céu compreende a Deus? Não, porque ainda que o lume da glória da Senhora e a visão beatífica com que vê a Deus excede em supremíssimo grau à de todos os bem-aventurados, contudo não compreende a Deus, porque Deus, por sua infinita perfeição e essência é incompreensível a todo o conhecimento criado. Pois, se a Mãe de Deus não compreende a Deus no céu quando o vê, como diz Epifânio que o compreendeu quando o concebeu e trouxe em suas entranhas? Falou o grande Padre como tão grande teólogo. Para compreender a Deus é necessário vê-lo todo e totalmente: *totum et totaliter*. Assim o definem as três maiores escolas da Teologia, Santo Tomás, Scoto, Soares. E como os bem-aventurados, entrando também neste número a Virgem Maria, ainda que vêem a todo Deus, não o vêem totalmente, por isso não o compreendem. Agora pergunto: e quando a Virgem Maria concebeu e trouxe a Deus em suas entranhas, teve-o nelas todo e totalmente? Sim. Pois por isso diz S. Epifânio que o compreendeu verdadeiramente: *Vere comprehensum portasti*, não por compreensão intelectual, senão por compreensão corporal, ao modo que S. Paulo disse da humanidade de Cristo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter*<sup>24</sup>.

21. Isto suposto, diga-me agora a nossa fé: Deus no Sacramento está menos inteiramente do que esteve nas entranhas de sua Mãe? Não, por certo. Todo e totalmente

<sup>24</sup> Nele habita toda a plenitude da divindade corporalmente (Col. 2, 9).

nas entranhas de Maria, todo e totalmente no Sacramento. Pois se Maria, porque teve a Deus todo e totalmente no peito, o compreendeu, quem o comunga e o recebe todo e totalmente no Sacramento, por que o não compreende? É verdade que o peito de Maria é sem comparação mais capaz, sem comparação mais puro e sem comparação mais digno; mas como douta e gravemente notou o Padre Soares, a esfera do sol, que é a quarta, tanto a compreende o quinto céu como o oitavo, ainda que o oitavo seja maior e esteja matizado de inumeráveis estrelas, e o quinto não. E se Deus no Sacramento se compreende, e no céu não se compreende, se Deus no Sacramento se dá todo e totalmente ao peito dos que o comungam, e no céu se dá todo, mas não totalmente, aos olhos dos que o vêem, vede se tem a esperança mais no alívio, do que espera no desejo. Satisfeita está logo a esperança, e mais que satisfeita, tanto pela parte da confiança, no seguro, como pela parte do desejo, no alívio, pois para um tem o penhor, e para outro a posse do pão que desceu do céu: *Hic est panis, qui de caelo descendit*.

## §VII

*O que importa é que Deus esteja também satisfeito da nossa esperança. As esperanças de Davi. Deus desce para nos levantar; os homens derrubam-nos para subir. O sacramento às avessas dos poderosos. A queixa de Jó. Conclusão do profeta Jeremias. A esperança e o advento da glória de Deus.*

22. Estas são — voltemos agora sobre nós — estas são as finezas soberanas com que Deus no Sacramento satisfaz a nossa esperança, mas não sei se esta satisfação é recíproca. A nossa esperança está satisfeita de Deus; o que importa é que Deus esteja também satisfeito da nossa esperança. E como será isto? A única e verdadeira satisfação que a nossa esperança pode dar a Deus é pôr-se toda nele. Se não esperamos só em Deus e de Deus, que esperamos e em quem esperamos? Esperou Davi em Saul como rei, esperou em Jônatas como amigo, esperou em Absalão como filho, e todas estas esperanças, ou lhe mentiram ou lhe faltaram, porque eram esperanças postas em homens. Por isso tomou Davi duas resoluções, ambas dignas de quem ele era, como homem e como profeta. Como homem, de esperar só em Deus: *Mihi autem adhaerere Deo bonum est: ponere in Domino Deo spem meam*<sup>25</sup>; como profeta, de pregar a todo o homem que ninguém ponha a sua esperança e confiança em homens, por grandes que sejam ou pareçam: *Nolite confidere in principibus in fillis hominum, in quibus non est salus*<sup>26</sup>. Para prova deste desengano, não quero outra consideração mais que a do nosso texto: *Hic est panis, qui de caelo descendit*. Quem bem considerar estas palavras pelo direito e pelo avesso, verá que só Deus é

<sup>25</sup> Mas para mim é bom unir-me a Deus e pôr no Senhor a minha esperança (Sl. 72,28).

<sup>26</sup> Não queirais confiar nos príncipes e nos filhos dos homens, em que não há salvação (Sl. 145,2 s).

merecedor de que se ponham nele todas as esperanças, e que todo o homem é indigno de que outro homem espere nele.

23. Primeiramente diz o nosso texto que desceu Deus: *descendit*. E donde desceu? *De caelo*: desceu do céu, desceu da glória, desceu do trono altíssimo e imenso de sua majestade, e não só desceu uma vez na Encarnação, para nos remir, mas desce infinitas vezes todos os dias no Sacramento, para nos alimentar, para nos remediar, para nos enriquecer, para nos divinizar. Que homem há que desça um degrau de sua autoridade, ou de sua conveniência, ou de sua vaidade, por amor de outro homem? Deus desce para vos levantar, e os homens derrubam-vos para subir. Que homem há que não derrube, se pode, o que está mais acima, para fazer dele degrau à sua fortuna? Se fordes como Abner, tereis um amigo como Joab, que com um abraço vos tire a vida para suceder no vosso ofício; se fordes como Mefiboset, tereis um criado como Ciba, que vos levante um falso testemunho para herdar a vossa fazenda; se fordes como Esaú, tereis um irmão como Jacó, que com engano vos furte a bênção para entrar no vosso morgado; se fordes como Davi, tereis um filho como Absalão, que rebele contra vós os vassallos, para pôr na cabeça a vossa coroa; e se pudésseis ser como Cristo, não vos faltaria um discípulo como Judas, que vos vendesse pelo menor interesse, e vos entregasse nas mãos de vossos inimigos, e vos pusesse em uma cruz. Deste homem disse o mesmo Cristo: *Homo pacis meae, in quo speravi: magnificavit super me supplantationem* (Sl. 40, 10): O homem em que esperei me fez a maior traição. — Esperai lá, e fiaí-vos de homens, com quem não vale a obrigação, nem a amizade, nem o sangue, nem a mesma fé para vo-la guardarem. Só vos não fazem mal, enquanto não esperam algum bem da vossa ruína. O primeiro e o melhor homem deu com todo o gênero humano através, só por subir aonde não podia, e ainda ele e nós estivéramos caídos se Deus, para nos levantar, não descera: *descendit*.

24. E como desceu? Em pão: *Panis, qui de caelo descendit*. Deus faz-se pão para vos sustentar, e os homens fazem de vós pão para vos comer. Não sou eu o que o digo. Quando Josué e Caleb foram por espias à terra dos cananeus, as novas que trouxeram e as alvissaras que pediram aos seus foi que os podiam comer como pão: *sicut panem eos possumus devorare* (Núm. 14,9). Assim o disseram e assim o fizeram os hebreus. Comeram-lhes as fazendas, comeram-lhes as cidades, comeram-lhes as liberdades, comeram-lhes as vidas. Mas enfim, eram diversas nações, e inimigos contra inimigos. O pior é que na mesma nação, no mesmo povo, e talvez na mesma família se comem os homens uns aos outros. Este é o pão usual, e esta a queixa de Deus por Davi: *Que devorant plebem meam sicut escam panis* (Sl. 13, 4): o meu povo, a quem eu me dei em pão — vejo que mo comem como pão. — Nota aqui Genebrardo que fala o profeta dos grandes e dos poderosos: *loquitur de magnatibus*. Os pequenos não comem nem podem comer os grandes; os grandes, porque podem, são os que comem os pequenos. Por isso os povos estão tão despovoados e tão comidos, e os comedores tão cheios e tão fartos.

25. Parece que competiu a potência e maldade humana com a onipotência e bondade divina a fazer outro Sacramento às avessas do seu. O Todo-Poderoso converteu a substância do pão em substância de carne e sangue, para que comêssemos seu corpo; os todo-poderosos convertem a substância da carne e sangue do povo em substância de pão, para o comerem eles. Ouçam os que isto padecem a Jó, para que peçam a Deus semelhante paciência: *Quare persequimini me sicut Deus, et carnibus meis saturamini* (Jó 19,22)? Por que me perseguis como Deus, e vos fartais de minha carne? — Reparai-me naquele *sicut Deus*. Diz Jó que seus perseguidores se fartavam da sua carne, e que nisso se queriam fazer semelhantes a Deus. Pois, semelhantes a Deus em se fartarem da carne de Jó? Onde está aqui o *sicut Deus*? No milagre da transubstanciação, o qual ainda não tinha nome, e lho deu o mistério do Sacramento. Só Deus pode converter uma substância em outra. E nisto são perversamente como Deus os que da substância alheia fazem substância própria, e da carne dos pobres, pão. Tais eram os perseguidores de Jó. Assim como Deus converte a substância de pão na de sua carne, para que o comamos, assim eles, às avessas, convertiam a substância e carne de Jó em pão para o comerem. E quem eram estes, para que melhor conheçamos o que são homens? Eram os mais obrigados a Jó, eram os de quem ele mais se fiava, eram os da sua família e da sua casa: *Dixerunt viri tabernaculi mei: quis det de carnibus ejus, ut saturemur*<sup>27</sup>? Eis aqui o que chegam a fazer os homens, para que vejais o que se pode esperar deles, e se está mais bem posta, a esperança em quem se vos dá a comer, ou em quem vos come.

26. A conclusão seja a que tomou o profeta Jeremias em uma e outra consideração: *Maledictus homo, qui confidit in homine* (Jer. 17,5): maldito seja o homem que confia em homem; *Benedictus vir, qui condifit in Domino* (Jer. 17,7): bem-aventurado o homem que confia em Deus. No dia do último desengano, a uns se dirá: *ite, maledicti*<sup>28</sup>, e estes serão os loucos e mal-aventurados que puseram a sua esperança nos homens: *maledictus homo, qui confidit in homine*. A outros pelo contrário se dirá: *Venite, benedicti*<sup>29</sup>, e estes serão os sisudos e bem-aventurados, que puseram a sua esperança em Deus: *Benedictus vir, qui confidit in Domino*.

27. Não me parece que haverá nenhum homem tão enganado consigo e com os homens que, enquanto pode escolher, não escolha antes a sorte dos que esperam em Deus e só em Deus. Então verão que se Deus fez uma bem-aventurança nesta vida para a esperança, ainda tem guardada outra bem-aventurança na outra vida, para os que nele esperam: *expectantes beatam spem, et adventum gloriae magni Dei*<sup>30</sup>: Duas coisas diz S. Paulo nestas palavras dignas de grande ponderação: uma presente, outra futura. De presente diz que a nossa esperança já é bem-aventurada: *Beatam spem*. E que bem-

<sup>27</sup> Na *Vulgata*: Se não disseram as pessoas da minha casa: Quem nos dará da sua carne, para nos fartarmos dela (Jó 31, 31).

<sup>28</sup> Apartai-vos de mim, malditos (Mt. 25,41).

<sup>29</sup> Vinde benditos (Mt. 25,34).

<sup>30</sup> Aguardando a esperança bem-aventurada, e a vinda gloriosa do grande Deus (Tit. 2,13).

aventurança é esta, senão a que está encerrada, como vimos, no Diviníssimo Sacramento, bem-aventurança própria da esperança, e própria da vida presente? A que o Apóstolo promete de futuro ainda a declarou por termos de maior reparo, porque diz que a bem-aventurança que está por vir é a glória de Deus grande: *Et adventum gloriae magni Dei*. Deus não é sempre igual, sempre grande, sempre o mesmo? Pois, que glória de Deus grande é esta? Há uma glória de Deus grande, e outra glória de Deus pequeno? Sim. A glória de Deus no Sacramento, é glória de Deus pequeno, porque no Sacramento estreitou, encolheu, abreviou Deus a sua grandeza a tão pequena esfera, como a daquela hóstia; a glória de Deus no céu é glória de Deus grande, porque lá se nos mostrará a grandeza e majestade de Deus em toda a largueza infinita de sua imensidade. Cá encolhida e abreviada para poder caber e entrar em nós, lá dilatada e estendida, para que, não podendo caber em nós, nós entremos nela: *intra in gaudium Domini tui*<sup>31</sup>. Quem haverá logo, que podendo ser bem-aventurado nesta vida, e bem-aventurado na outra, só com esperar em Deus, não espere só nele? Esperemos só em Deus, renunciando de uma vez e para sempre as esperanças de todas as criaturas, e enquanto não subirmos ao céu a gozar a bem-aventurança que nos espera, goze a nossa esperança a bem-aventurança que tem presente no pão que desceu do céu: *hic est panis, qui de caelo descendit*.

### SERMÃO DE N. S. DO CARMO

PREGADO NA FESTA DA SUA RELIGIÃO, COM O SANTÍSSIMO  
SACRAMENTO EXPOSTO,  
NA IGREJA E CONVENTO DA MESMA SENHORA,  
NA CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO, ANO DE 1659

*Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti: Quinimmo beati, qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*<sup>1</sup>.

#### §I

*Todas as vezes que a Cristo lhe falaram no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pai, para introduzir nos ânimos dos homens a fé de sua divindade. Os dois nascimentos de Cristo, e os dois nascimentos da Sagrada Religião Carmelitana.*

28. Notável coisa é, e não sei se notada, na História Evangélica, que todas as vezes

<sup>31</sup> Entra no gozo de teu Senhor (Mt. 25,21).

<sup>1</sup> Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste criado. Antes, bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem por obra (Lc. 11,27s).



que a Cristo lhe falaram no nascimento de sua Mãe, sempre o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pai. Pediu a mãe dos Zebedeus as duas cadeiras para os filhos, pelo parentesco que tinham com Cristo por parte de sua Mãe, e logo o Senhor respondeu com o nascimento de seu Pai: *Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo* (Mt. 20,23): Não está em mim dar-vos o que pedis, porque já esse despacho está decretado por meu Pai. — Pregando Cristo outra hora no Templo de Jerusalém, disseram-lhe ao Senhor que estava fora sua Mãe, e que o buscava, e logo respondeu da mesma maneira como nascimento de seu Pai: *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in caelis est, ipse meus frater et soror, et mater est* (Mt. 12,50): Quem fizer a vontade de meu Pai que está no céu, esse é minha Mãe, e todos os meus parentes. — Quando a mesma Senhora achou a seu Filho perdido de três dias entre os doutores, declarou-lhe o amor e a dor com que o buscava, dizendo: *fili quid fecisti nobis sic* (Lc. 2, 48)? Filho, por que nos tratastes assim? — E até nesta ocasião respondeu também o Senhor com o nascimento de seu Pai: *nesciebatis quia in his quae Patris mei sunt, oportet me esse* (Ibid. 49)? Não sabeis que me importava assistir ao serviço de meu Pai? Deste estilo, ou desta razão de estado de Cristo se entenderá em não vulgar sentido a consequência da resposta do mesmo Senhor sobre as vozes da mulher do Evangelho. Acabava Cristo de convencer com razões as calúnias de seus êmulos, os escribas e fariseus; achou-se no auditório uma mulher de qualidade ordinária, mas de grande entendimento e coração grande; levantou a voz no meio de todos, e disse: *Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxisti* (Lc. 11,2): Bem-aventurada a Mãe que trouxe em suas entranhas e sustentou a seus peitos tal Filho. — Não parece que o pregador, e em público, devia responder a semelhantes palavras e a semelhante pessoa? Mas como lhe falaram no nascimento de sua Mãe, respondeu o Senhor; e respondeu como costumava, com o nascimento de seu Pai: *Quinimmo beati qui audiunt Verbum Dei et custodiunt illud* (Ibid. 28): Antes te digo que bem-aventurados são os que ouvem o Verbo de Deus, e guardam o que ouvem. — Notai o *Verbum Dei*. Como lhe falaram a Cristo no nascimento da Mãe, ouviu ao nascimento do Pai, advertindo que, se por uma parte era parto de Maria, por outra era Verbo do Padre. Assim declara altamente esta resposta o Venerável Beda, não entendendo no *Verbum Dei* a palavra de Cristo, senão o mesmo Cristo, que, segundo a divindade, é o Verbo e a Palavra do Padre: *Non autem tantummodo eam, quae Verbum Dei corporaliter generare meruerat, sed omnes qui idem Verbum spiritualiter audire, fide concipere, et bonis operis custodia, vel in suo, vel in proximorum corde parere, et quasi alere studuerint, auserit esse beatos*<sup>2</sup>.

29. Ó sagrada religião do Monte Carmelo, como vos fez semelhante a si quem vos fez só para si e para que levásseis tantos a ele! Tudo isto fazia Cristo para introduzir nos

<sup>2</sup> Cristo afirma serem bem-aventurados não só Aquela que mereceu gerar corporalmente o Verbo de Deus, senão todos os que, ouvindo-o espiritualmente, concebendo-o pela fé e guardando-o com as boas obras o geram no próprio coração ou no coração do próximo.

ânimos dos homens a fé de sua divindade, e ensinar ao mundo que assim como havia nele duas naturezas, assim tinha dois nascimentos: um nascimento antiquíssimo e eterno, em que era Filho de seu Pai, e outro nascimento novo e em tempo, em que era Filho de sua Mãe. E assim como Cristo teve dois nascimentos, e ambos virginais, como lhes chamou S. Gregório Nazianzeno, um antiquíssimo e eterno, em que nasceu de Pai sem mãe, outro novo e em tempo, em que nasceu de Mãe sem pai, assim a sagrada religião carmelitana teve dois nascimentos também virginais: um antiquíssimo na lei escrita, em que nasceu de Elias virgem, que foi nascimento de pai sem mãe; outro menos antigo, na lei da graça, em que nasceu da Virgem Maria, que foi nascimento de Mãe sem pai. As duas cores e as duas peças do hábito carmelitano são a prova e a herança destes dois nascimentos. A prova e herança do nascimento do pai sem mãe é o manto branco, dado por Elias nas mãos de Eliseu carmelita; a prova e herança do nascimento de Mãe sem pai é o escapulário pardo, dado pela Virgem Maria nas mãos de Simão, também carmelita e geral santo dos carmelitas. Só parece diferença entre os dois nascimentos de Cristo e desta sagrada religião, que no nascimento de Cristo, o Pai era do céu e a Mãe da terra; no nascimento dos carmelitas, o pai era da terra e a Mãe do céu. Mas nesta troca do céu e terra tinham tanto de celestiais estes nascimentos, e tanto de celestiais estas duas peças ou divisas do hábito carmelitano, que a Mãe trouxe o escapulário descendo do céu à terra, e o pai lançou o manto subindo da terra ao céu.

30. Não há religião posto que todas sejam santíssimas que tivesse tais princípios, nem se possa gloriar de tais progenitores. E como estes benditos filhos foram duas vezes nascidos, e por duas gerações, ambas miraculosas, ambas singulares, ambas celestiais e divinas, não será excesso de devoção nem encarecimento de louvor, que com as mesmas vozes do Evangelho os aclamemos neste dia duas vezes bem-aventurados: bem-aventurados por filhos de tal Mãe: *Beatus venter qui te portavit*, e bem-aventurados por filhos de tal pai: *Beati qui audiunt Verbum Dei et custodiunt illud*. Estas duas cláusulas do texto, e estes dois nascimentos serão o fundamento e matéria do nosso discurso. Dai-me atenção, e ajudai-me a pedir graça. *Ave Maria*.

## §II

*A maior excelência da Religião Carmelitana é serem os seus filhos filhos da Mãe de Deus, porque a mesma Mãe que gerou um Filho produziu os outros. As palavras dos Cânticos e do papa Xisto Quarto. O Filho Unigênito da Virgem e os filhos produzidos ou adotivos: os religiosos carmelitas.*

*Beatus venter quite portavit.*

31. A maior excelência da Virgem Maria é ser Mãe do Filho de Deus; a maior excelência da sagrada religião Carmelitana é serem os seus filhos, filhos da Mãe de Deus. Para esta gloriosa aplicação não temos necessidade de mudar as palavras do Evangelho, senão de as estender mais um pouco: não de as mudar de mãe a mãe, porque a Mãe é a mesma; somente de as estender de Filho a filhos, porque os filhos são diversos, posto que tão parecidos, como em seu lugar veremos.

32. Falando o Espírito Santo do mesmo ventre virginal de quem exclamou a voz do Evangelho: *Beatus venter*, diz assim no capítulo sétimo dos Cânticos: *Venter tuus sicut acervus tritici vallatus liliis* (Cânt. 7,2): O vosso bendito ventre, Senhora, é como um monte de trigo cercado de lírios. — Não reparo nos lírios nem no trigo: reparo no monte. Os lírios, diz Santo Ambrósio, denotam a pureza virginal do ventre santíssimo; o trigo é o Filho, que nele e dele nasceu, como disse o mesmo Cristo: *Nisi granum frumenti cadens in terram*<sup>3</sup>. Mas daqui mesmo nasce a dúvida, porque se o trigo é um só grão: *granum frumenti*, como é um monte de trigo: *acervus tritici*? O ventre bem-aventurado e o ventre cercado de lírios, de que fala um e outro Testamento, é o mesmo ventre virginal. Pois, se o trigo, que nele e dele nasceu, é um só grão, como é um monte? E se o grão é Cristo, o monte, que monte é? É o Monte do Carmo, porque o grão de trigo e o monte de trigo, ambos são partos do mesmo ventre, ambos são filhos da mesma Mãe. Assim o definiu e declarou o supremo oráculo da Igreja, o Papa Xisto Quarto. Ouvei as palavras, que são notáveis: *Venustissima Virgo Maria, quae Dominum nostrum Jesum Christum, admirabili cooperante virtute Spiritus Sancti genuit; ipsa produxit Ordinem Beatae Mariae de Monte Carmelo*: A formosíssima Virgem Maria, que por virtude admirável do Espírito Santo gerou a Nosso Senhor Jesus Cristo, essa mesma Virgem produziu a Ordem de Nossa Senhora do Monte do Carmo. — De sorte que o grão de trigo e o monte, ambos são parto do mesmo ventre, porque a mesma e única Mãe que gerou um Filho, produziu os outros. Quando gerou a Cristo: *Beatus venter qui te portavit*; quando produziu a Religião do Carmo: *Venter tuus, sicut acervus tritici*. Ali um só Filho, aqui muitos filhos, mas no Filho que gerou e nos filhos que produziu, sempre a mesma Mãe: *ipsa, ipsa produxit Ordinem Beatae Mariae de Monte Carmelo*.

33. Daqui se entenderá aquele texto de São Lucas, em que tropeçou Elvídio, não só como mau teólogo, senão também como ruim gramático. Descrevendo S. Lucas o admirável parto da Virgem Maria em Belém, diz que pariu a Senhora a seu Filho primogênito: *Peperit Filium suum primogenitum* (Lc. 2,7). Primogênito? Logo a Virgem Maria teve outros filhos? Elvídio dizia blasfema e hereticamente que sim, e eu também digo que sim catolicamente. A Virgem Maria tem Filho primogênito e filhos segundos: o Filho primogênito é Cristo; os filhos segundos são os seus carmelitas. Onde Deus é o primeiro, bem se pode ser segundo. Neste sentido refutaram a Elvídio, S. Anselmo,

<sup>3</sup> Se o grão de trigo que cai na terra (Jo. 12,24).

Ruperto e Guerrico Abade. Mas porque a aplicação destes autores é mais universal, tomemos as palavras de Xisto, que não só nos deram o fundamento desta soberana prerrogativa, mas também nos darão a razão dela. A Cristo, diz o Pontífice que o gerou a Virgem Maria: *genuit*; à Ordem e família carmelitana, diz que a produziu: *produxit*. E esta é a diferença de Filho a filhos, e do Primogênito aos segundos. O primogênito é o Filho gerado; os segundos são filhos produzidos. Subamos um ponto mais acima, para melhor entender este. O Eterno Padre, depois que gerou o Verbo, não pode gerar outro Filho; mas ainda que não pode gerar, pode produzir: *ad intra*, pode produzir e produz o Espírito Santo, igual ao Filho; *ad extra*, pode produzir filhos, mas não iguais, que são os filhos adotivos, a quem faz participantes do mesmo Espírito: *ut adoptionem filiorum reciperemus, misit Deus Spiritum Filii sui in corda vestra*<sup>4</sup>. O mesmo passa na Virgem Santíssima, a quem Santo Agostinho por isso chamou idéia de Deus: *Si formam Dei te appelem, digna existis*. Filho propriamente gerado e natural, não tem nem pode ter a Virgem Maria mais que um, aquele que juntamente é Filho unigênito do Padre; filhos, porém, produzidos e adotivos, pode a mesma soberana Mãe ter muitos, e estes são, por especial prerrogativa e filiação, os religiosos carmelitas, aos quais produziu *ad extra*, dando-lhes o nome e adoção de filhos, e *ad intra*, que assim se pode dizer, comunicando-lhes e produzindo neles seu próprio espírito, como veremos: *Ipsa produxil*.

### §III

*Qual é maior prerrogativa e maior excelência: ser filho natural ou filho adotivo? Nem Deus podia fazer mais a Maria, que dar-lhe a seu Filho por Filho, nem Maria podia fazer mais aos carmelitas, que dar-lhes a seu Filho por irmão.*

34. Eu bem sei que entre o Filho natural e os filhos adotivos da Virgem há distância infinita; mas nestes mesmos termos se me transluz uma certa excelência, que ainda na comparação de filhos a Filho quase parece vantajosa. Pergunto: qual é maior prerrogativa e maior excelência: ser filho natural ou filho adotivo? A adoção é suplemento da natureza; logo parece que maior coisa e mais excelente é ser filho por natureza que por adoção. Contudo, absoluta e precisamente falando, digo que alguma coisa tem de maior prerrogativa ser filho adotivo que filho natural. No filho natural, funda-se a preferência na filiação; no adotivo, funda-se a filiação na preferência. O filho natural, ama-se porque é filho; o filho adotivo é filho porque se ama. Ser natural é fortuna; ser adotivo é merecimento. A razão de toda esta diferença é porque os filhos naturais são partos da natureza; os adotivos são filhos da eleição. Nos primeiros não tem parte a vontade nem o

<sup>4</sup> Para que recebêssemos a adoção de filhos, mandou Deus aos vossos corações o Espírito de seu Filho (Gal. 4,5 s).

juízo; nos segundos tudo é juízo, e tudo vontade. Assim o notou advertidamente Santo Ambrósio na epístola *ad Fisinium: Aut natura filios suscipimus, aut electione: in natura, casus est; in electione, iudicium*: Os filhos, ou são por natureza ou por eleição: se por natureza, é caso; se por eleição, é juízo. — Quanto vai da sorte à escolha, tanto vai de uns filhos a outros. Se os pais escolheram os filhos, muitos haviam de trocar os seus pelos alheios, e talvez antes não quereriam ter filhos que tais filhos. Parece-vos que escolheria Adão a Caim, Noé a Cam, Isac a Ismael, Jacó a Rubens, Davi a Absalão? Claro está que não. Mas contenta-se cada um com aqueles filhos que lhe couberam em sorte, porque nesta parte também os filhos entram em conta de bens de fortuna. Nos filhos adotivos é pelo contrário, porque como o escolher este ou aquele depende da nossa eleição, da nossa vontade, do nosso juízo, muito errado será o juízo e a vontade de quem não escolher o melhor de todos, o mais excelente e o mais digno: *Non est dignus adoptari, nisi qui fortissimus meretur agnosci*, disse Cassiodoro. E a razão que logo dá é a mesma diferença que dizíamos: *In sobole frequenter fallimur, ignavi autem esse nesciunt quos iudicia pepererunt*: Nos filhos naturais não se satisfaz muitas vezes o desejo, porque, ainda que são partos da natureza, dá-os a fortuna; nos adotivos sempre o acerto e a satisfação é segura, porque são filhos da eleição e partos do juízo: *Quos iudicia pepererunt*.

35. Tal é, ou quase tal — com ser infinita a distância das pessoas — a diferença que se acha gloriosamente entre o Filho natural e estes filhos adotivos da Virgem Maria. O natural e os adotivos, um e outros são filhos da mesma mãe; mas Cristo, Filho das entranhas de seu corpo: *Beatus venter qui te portavit*; os carmelitas, filhos das entranhas do seu Filho: *Quos iudicia pepererunt*. A maior excelência da Virgem Maria, e como lhe chama Santo Anselmo, estupenda, é que Maria e Deus sejam pais do mesmo Filho; e a maior que se pode dizer desta sagrada religião é que os carmelitas e Cristo sejam filhos da mesma Mãe. Nem Deus podia fazer mais a Maria, que dar-lhe a seu Filho por Filho, nem Maria podia fazer mais aos carmelitas, que dar-lhes a seu Filho por irmão. E ainda que Cristo é filho natural da mesma Mãe, e eles filhos adotivos, a filiação natural é parto do corpo: *Beatus venter*; a filiação adotiva, parto do juízo: *Quos iudicia pepererunt*. Não sei se me atreva a dizer nesta diferença: *Quinimmo beati*. Mas vede, benditos Padres, de que juízo sois filhos. Não filhos do juízo de Jacó, como Manassés e Efraim, nem do juízo de Augusto ou Trajano, como seus filhos adotivos, mas filhos do juízo de Mãe de Deus. Vós e os pensamentos da Mãe de Deus sois filhos do mesmo juízo. Vede se vos pode faltar a sua memória, sendo irmãos legítimos de seus pensamentos. Só o Verbo eterno é filho de melhor juízo que vós, porque ele é gerado pelo entendimento de seu Pai, e vós pelo juízo de sua Mãe.

#### §IV

*A geração necessária do Verbo e a geração voluntária dos filhos adotivos, segundo S. Tiago. Cristo, Filho natural de Deus por natureza e por eleição. Segundo as mesmas palavras de Cristo, são mais bem-aventurados os filhos que se concebem no coração e na alma, como os carmelitas, gerados na alma de Maria.*

36. Mas passemos do juízo à vontade, que é outra parte da alma que concorre para a adoção ou geração dos filhos adotivos. Falando São Tiago na adoção e dignidade de filhos de Deus, a que somos levantados pelos merecimentos de Cristo, nota muito o Apóstolo e pondera como coisa particular, que neste modo de geração nos gera Deus voluntariamente: *Voluntarie genuit nos verbo veritatis*<sup>5</sup>. A circunstância de voluntária é transcendente e universal em todas as obras de Deus, e em todos os benefícios naturais e sobrenaturais que de sua liberalidade recebem os homens. Voluntariamente nos criou, voluntariamente nos remiu, voluntariamente nos conserva, sustenta e governa, e tudo quanto faz ou não faz é voluntariamente. Pois se a vontade e o voluntário de Deus é tão inseparável de todas suas ações, como nesta, da geração dos filhos adotivos, faz tanta reflexão São Tiago, e carrega com tanto peso em ser voluntária: *Voluntaria genuit nos?* Das mesmas palavras do Apóstolo tirou S. Fulgêncio a razão da diferença. Já antes, a tinha tocado S. Atanásio, e é digna de ambos. De três coisas fez menção o Apóstolo naquelas palavras: do voluntário, da geração e do verbo: *Voluntarie genuit nos verbo veritatis*. Diz agora São Fulgêncio: *Nos Deus voluntarie genuit, quia voluntas generationem praecessit: in Unigeniti autem generatione, nulla generantis praecessit voluntas, ubi sine initio naturali permanet aeterna nativitas*: A geração eterna, com que o Padre gera o Verbo, não é nem pode ser voluntária, porque o Filho é gerado pelo ato de entendimento com que o Padre se conhece e compreende a si mesmo, antecedente a todo ato da vontade. E como a geração do Filho natural não é voluntária nem livre, senão necessária, por isso o Apóstolo, quando falou na geração dos filhos adotivos, carregou tanto na circunstância de ser voluntária: *Voluntarie genuit nos*, mostrando a diferença e contrapesando a desigualdade, como se dissesse: Ainda que Deus não pode gerar mais que um Filho natural, pode, contudo, gerar, e gera, muitos filhos adotivos; e posto que estes não tenham o mesmo ser, os mesmos atributos e a mesma igualdade com Deus, têm porém uma circunstância com que muito se contrapesa essa desigualdade, porque, se a geração adotiva tem de menos o ser natural, tem de mais o ser voluntária. E esta circunstância de ser voluntária é de tanto peso e tanto preço, que quase se supre o excesso da primeira geração com o voluntário da segunda. Na primeira dá o Padre ao Filho natural todo o ser divino, mas sem concurso da vontade; na segunda dá o mesmo Padre aos filhos adotivos só a participação desse ser, mas voluntariamente: *Voluntarie genuit nos*. Não me detenho em aplicar à Mãe o que tenho dito do Pai, porque vou por

<sup>5</sup> De pura vontade sua é que ele nos gerou pela palavra da verdade (Tg. 1, 18).

diante.

37. Perguntam os teólogos se Cristo é Filho natural de Deus ou Filho adotivo? Enquanto Deus e enquanto Verbo, não há dúvida que é Filho natural. Enquanto homem, Scotto e muitos outros disseram que era Filho adotivo. Mas a conclusão mais comum, mais recebida e mais certa com Santo Tomás, é que também enquanto homem é Filho natural. Daqui se segue que Cristo é duas vezes e por dois modos Filho natural de Deus: uma pela geração eterna, outra pela geração temporal. Mas por que razão quis Deus que o seu Filho Unigênito e natural fosse duas vezes seu Filho, e como, não contente com o ter gerado uma vez, o quis gerar outra? Porque ainda que na primeira geração estava satisfeita a natureza, parece que não estava satisfeito o amor, e para satisfação do mesmo amor, não só quis que fosse Filho seu por natureza, senão Filho por natureza e por eleição: uma vez Filho natural, com todas as propriedades de natural, e outra vez Filho natural, mas com alguma propriedade de adotivo. Na primeira geração do Filho de Deus, como vimos, não teve parte alguma a vontade, porque foi geração necessária, e não livre. Pois, para que a vontade e o amor tenha também parte na geração do Filho, torne-se o Filho a gerar outra vez, e assim como é Filho natural por natureza, seja também Filho natural por eleição. Foi pensamento altíssimo de S. Hipólito em umas dificultosas palavras, em que parece que ainda diz mais, mas só isto é o que disse e quis dizer: *Qualem igitur Fillium suum Deus per carnem misit, nisi Verbum, quod a principio scilicet Filium vocavit, quia futurum erat, ut ortum caperet. Et cum Filius vocatur, commune nomen amoris erga homines sumit. Nec enim Verbum per se, et sine carne perfectus Fillius erat, cum tamen perfectum esset Verbum Unigenitus: O Filho Unigênito de Deus — diz Hipólito — antes de encarnar e *ab aeterno* sempre foi perfeito Filho quanto à perfeição e inteireza infinita da natureza; mas quanto à satisfação e nome do amor, faltava-lhe o concurso da vontade, porque era gerado necessária, e não livremente, por natureza, e não por eleição. E por isso, desde a mesma eternidade lhe decretou, e como adotou Deus outra geração em tempo, para que se suprisse, e como aperfeiçoasse na segunda o que sem imperfeição — antes com suma perfeição — não pôde ter na primeira. Na primeira foi o Verbo filho da natureza fecundíssima do Padre, mas sem afeto, como diz S. Gregório Niceno: *Padre Filium genuit sine affectu*. Na segunda, uniu-se o afeto à natureza, e não contente o Padre com amar o Filho depois que o gerou, qui-lo gerar outra vez amando-o e porque o amava; e que assim como de antes se chamava Filho do seu entendimento, se chamasse também Filho do seu amor: *fili dilectionis suae* (Col. 1,13), diz S. Paulo.*

38. Estas são as vossas prerrogativas, filhos da Virgem do Carmo, que parece competiu a Mãe com o Pai, como Rebeca com Jacó: ele no amor do filho primeiro, e ela no amor dos segundos. Sois filhos da Virgem Maria, mas que Filhos? Filho do seu entendimento, da sua vontade, do seu juízo e do seu amor. O seu juízo vos preferiu, e o seu amor vos eleger; o seu juízo vos concebeu, e o seu amor vos gerou. Não sois filhos do

ventre virginal de Maria, porque este é privilégio singular do Filho de Deus e seu: *Beatus venter qui te portavit*. Mas com prerrogativa que não parece menor, antes em certo modo mais sublime, sois filhos das entranhas da sua alma: na sua alma concebidos, na sua alma gerados e da sua alma nascidos. E quem negará, precisamente considerado, que é mais nobre e mais excelente modo de geração, ser concebido e gerado na alma, que concebido e gerado no corpo? O mesmo Cristo fez a comparação neste mesmo caso, e o mesmo Cristo o decidiu e resolveu assim. Beatificou Marcela o ventre santíssimo da Virgem, por haver concebido e gerado o Cristo: *Beatus venter qui te portavit*. E que respondeu o Divino Mestre? *Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*. Antes te digo que mais bem-aventurados são os que me concebem e geram no coração e na alma, ou seja a minha mesma Mãe, ou qualquer outro. — Este é o natural sentido daquelas palavras, como expõem S. Agostinho e todos os intérpretes. De sorte que de dois modos concebeu e gerou a Virgem Maria a Cristo: concebeu-o no ventre, e concebeu-o no coração; gerou-o no corpo, e gerou-o na alma, e este segundo modo de conceber e gerar foi muito mais nobre e muito mais excelente que o primeiro: *felicius Christum corde, quam ventre gestavit*, diz S. Agostinho. Licença nos dá logo o mesmo Cristo para dizermos destes segundos filhos de sua Mãe, ainda em comparação do *beatus venter, quinimmo beati*, porque sendo Cristo e os carmelitas filhos da mesma Senhora, ele nesta consideração é Filho natural, e eles filhos adotivos; ele concebido no ventre de Maria, e eles no coração; ele no corpo, e eles na alma, porque são filhos do seu juízo e do seu amor.

## § V

*Se todos os cristãos e todos os dedicados ao serviço da Virgem são e se chamam verdadeiramente seus filhos, que prerrogativa é esta da Religião Carmelitana? João, o discípulo amado, o filho de Maria por antonomásia. A esposa predileta dos Cânticos. As três jerarquias dos filhos da Virgem. José, o filho de Jacó.*

39. Muito parece que tínhamos dito, se a universalidade deste grande privilégio lhe não tirara o preço de raro e a estimação de singular. Vejo que me estão dizendo os doutos, e muito mais os interessados, que ser filhos adotivos da Virgem Maria não é prerrogativa particular desta só religião, senão de muitas outras congregações e comunidades aprovadas também pela Sé Apostólica, que debaixo do mesmo nome servem e veneram a Mãe de Deus. Estes são os primeiros e maiores opositores. Os segundos são todos os devotos da mesma Senhora, que com particular afeto e obséquio se lhe têm dedicado, por que ninguém a quis receber por Mãe que ela o não aceitasse por filho. Quando Cristo na cruz disse a S. João: *Ecce Mater tua*, acrescenta logo o mesmo evangelista: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua*, ou, como outros lêem: *in suam* (Jo. 19,17): Que desde aquela hora a



recebeu o discípulo por sua. — Onde é muito de notar que da parte de S. João diz o texto que recebeu a Senhora por Mãe, mas da parte da Senhora não diz que o aceitou por filho. Pois se diz que ele a recebeu, por que não diz que ela o aceitou? Porque não era necessário dizer-se. Tanto que recebemos a Virgem Maria por Mãe, logo ela nos aceita por filhos, sem ser necessária outra declaração: *Expressit, quod magis dubium esse poterat; tacuit quod minus erat dubium*<sup>6</sup>, comenta Salmeirão. A dúvida está em nós a quereremos por Mãe; em a benigníssima Senhora nos aceitar por filhos, não há dúvida. Oh! que grande consolação para todo o pecador! Mas ainda temos mais opositores, que são todos os fiéis, quaisquer que sejam, porque todos os cristãos são filhos da Mãe de Cristo. Assim o dizem Santo Agostinho, Orígenes, Santo Anselmo, Ruperto e outros muitos Padres. A razão é porque pela união da fé, e pela regeneração do Batismo, todos os fiéis somos membros de Cristo, que é a cabeça deste corpo místico, e a Mãe de Cristo é Mãe de todos seus membros: *Ipsa unica Virgo Mater, quae se Patris unicum genuisse gloriatur eundem unicum suum in omnibus membris ejus amplectitur omniumque in quibus Christum suum formatum, vel formari cognoscit, Matrem se vocari non conjunditur*<sup>7</sup>, diz Guerrico. E Geliberto Abade, ainda com palavras mais breves e mais vivas: *Mater Christi, Mater es membrorum Christi: unde etiam ab omnibus Mater appellatur, et ab omnibus cultu debito ut Mater honoratur*<sup>8</sup>. Pois, se todos os cristãos, se todos os devotos da Virgem, se todos os que por instituto se dedicam a seu serviço, debaixo do nome e patrocínio de Maria Santíssima, são e se chamam verdadeiramente filhos desta Senhora, que prerrogativa é esta da religião carmelitana, que tanto até agora encarecemos? Se eles só foram filhos da Mãe de Deus, era uma soberania singularíssima, e serem a exceção de todos os homens; porém, sendo esta mesma graça de tantos, é grande, é excelente, é gloriosa, sim, mas parece que não tem nada de singular. Antes, por isso mesmo digo que é singular, e singularíssima. Porque serem eles os filhos da Senhora, quando a Senhora é Mãe de tantos e tão ilustres filhos, essa é a prerrogativa que não tem par.

41. Não há coisa que mais me admire na História Evangélica, que ver a pompa amorosa e estilo singular com que S. João Evangelista, calando o nome próprio com que nomeia aos outros apóstolos, quando fala de si, se chama sempre o Discípulo amado: *Discipulum quem diligebat Jesus* (Jo. 13,23). Tende mão, águia divina. E Pedro, e André, e os demais não são discípulos de Jesus? Sim, são, e primeiro discípulos que vós. E Pedro, e André, não são também amados? Sim, são, e primeiro amados, primeiro escolhidos, primeiro chamados. Pois se os outros apóstolos também são discípulos, e discípulos amados, que exceção ou que prerrogativa é esta, de que tanto vos prezais? É a maior e a mais singular que podia ser.

<sup>6</sup> Calou o que era evidente e declarou o que poderia gerar dúvidas.

<sup>7</sup> A mesma Virgem Maria, que teve a glória de gerar o Unigênito do Padre, reconhecendo-o igualmente em todos os seus membros, é também Mãe de todos aqueles nos quais está Cristo.

<sup>8</sup> A Mãe de Cristo e também Mãe de todos os membros de Cristo, e por isso todos a chamam Mãe, e como tal é honrada como devido culto.

Se não houvera outros discípulos e outros amados, não era tão excessivo louvor; mas havendo tantos discípulos e tantos amados, que João seja o discípulo amado, essa é a glória singularíssima de João. Não está a singularidade em ser só, nem a grandeza em ser grande; entre muitos ser o só, e entre grandes ser o grande, essa é a singularidade. O mesmo digo dos filhos de Maria, mas quero primeiro no-lo diga o mesmo S. João. A última cláusula do testamento de Cristo na morte foi deixar sua Mãe a S. João e S. João a sua Mãe: ela por Mãe, e ele por filho: *Ecce filius tuus, ecce mater tua* (Jo. 19,27). Pergunto: e por esta cláusula, ficaram excluídos os outros apóstolos? Não. E assim o declarou o mesmo testador, Cristo, depois de sua ressurreição, quando mandou as Marias aos apóstolos, dizendo: *Ite, nuntiate fratribus meis* (Mt. 28,19). Ide, levai as novas a meus irmãos. — Pois se os Elias dobrado, quanto mais que nem ele lhe podia dar o seu espírito, e muito menos o que não tinha. E se Deus lhe havia de dar esse espírito, que importava que Eliseu visse ou não visse a Elias depois de arrebatado e partido? E se Eliseu já tinha o hábito de Elias, para que lho deita segunda vez? E se lho queria dar, por que lho não deu na terra, enquanto estava com ele? E finalmente, por que rasga o seu vestido Eliseu, ficando com um e outro, com o seu rasgado e com o outro caído do céu inteiro?

48. Tudo isto não foi mais que uma figura profética do que depois havia de suceder à religião carmelitana, que em Eliseu, como em cabeça, se representava. Pediu profeticamente Eliseu que se lhe dobrasse o espírito, porque o espírito que tinha recebido na lei escrita se lhe havia de dobrar e aperfeiçoar na lei da graça, mas não por meio de Elias. Prova-se do mesmo texto, por que quando Elias a primeira vez lançou o manto sobre Eliseu, disse-lhe que ele tinha feito de sua parte quanto podia: *Quod enim meum erat, feci tibi* (3 Rs. 19,20). Logo não era Elias o que lhe havia de dar segunda vez o hábito, nem o que lhe havia de dobrar o espírito, e por isso Eliseu não disse: *Da mihi*, senão: *Fiat in me*, e Elias, quando respondeu à petição não disse: *Dabo*, senão *Erit tibi*. Era pois o mistério representado profeticamente nesta figura, que os sucessores de Elias haviam de receber outra vestidura, e que com ela se lhes havia de dobrar o espírito, como sucedeu com o sagrado escapulário. Por isso, esta segunda vez não foi dada a vestidura na terra, senão caída do céu. E por isso Elias pediu a condição de que o vissem depois de partido, porque se os carmelitas se não conservassem no mesmo instituto, tendo sempre a Elias diante dos olhos, não mereceriam este favor da Mãe de Deus, nem a mesma Senhora os visitaria no Monte Carmelo, como visitava freqüentemente, nem eles no mesmo lugar edificariam, ainda antes da sua Assunção, o primeiro templo. E por isso, com admirável propriedade, Eliseu rasgou o hábito que tinha recebido de Elias, e levantou e tomou o que caiu do céu, porque assim o fizeram os carmelitas, abrindo a vestidura antiga de Elias, e fazendo dela o manto branco, e tomando o escapulário pardo e a túnica da mesma cor, com que ficaram inteiramente vestidos e sinalados por filhos da Santíssima Mãe.

49. Sucedeu-lhe à Senhora com Elias o mesmo que a Jacó com Labão. Concertou-se

Labão com Jacó que todos os cordeiros que nascessem de duas cores seriam de Jacó, e os que saíssem brancos seriam seus, e a este fim deu-lhe só as ovelhas brancas, para que os cordeiros saíssem também brancos. Porém, Jacó, pondo diante dos olhos às ovelhas certas varas, nasciam os cordeiros de duas cores: *Factum est ut parent maculosa et diverso colore respersa*<sup>14</sup>. Assim no Monte Carmelo, enquanto a religião carmelitana teve diante dos olhos só a Elias: *Si vederis me quando tollar a te*<sup>15</sup> — eram os seus cordeiros brancos da cor do hábito de Elias, como refere Santo Epifânio, que o viu vestido sua Mãe quando o concebeu; porém, depois que se lhe variou este objeto e se lhe pôs diante dos olhos a vara da raiz de Jessé, a Virgem Santíssima com o escapulário pardo, saíram dali por diante todos os cordeiros vestidos de lã de duas cores: *Diverso colore respersa*, e por isso sinalados com o caráter e divisa de sua Mãe, como filhos especiais, singulares, e mais seus e distintos de todos os outros.

## §VII

*Razão e fundamentos desta gloriosa especialidade: semelhanças que os carmelitas, desde seus antiqüíssimos princípios tiveram com Cristo. Os decretos divinos da filiação adotiva, segundo S. Paulo. Os carmelitas nomeados por Salomão, nos Cânticos. A Religião Carmelitana, congregação de profetas.*

50. Parece-me que temos satisfeito à evidência desta gloriosa especialidade e diferença, e só nos resta mostrar a razão e fundamento dela, que não serão menos gloriosos. A filiação adotiva, como se funda não em caso ou fortuna da natureza, senão em eleição do juízo e da vontade, necessariamente supõe merecimento, e quanto o juízo é mais sublime e a vontade mais reta, tanto maior merecimento supõe. Qual é logo, ou quais são os merecimentos por cuja singularidade e grandeza mereceram os filhos da Religião Carmelitana ser preferidos e antepostos a todos os outros na eleição da Mãe de Deus? Confesso que em matéria tão grave, e em que todas as sagradas religiões podem alegar tantos e tão ilustres títulos de merecimentos, de obséquio, de devoção e de serviços tão particulares feitos à Virgem Santíssima, não me soube por muito tempo resolver, até que o mesmo Evangelho, por caminho tão extraordinário, como logo vereis, me guiou a acertar com a verdadeira razão, ou a que eu tenho por tal.

51. Digo que foram preferidos os carmelitas pela grande semelhança que esta sagrada religião, desde seus antiqüíssimos princípios, teve com Cristo. E era razão que aqueles fossem preferidos na eleição de filhos adotivos, que mais semelhantes e mais conformes eram ao Filho natural. Governou-se a Mãe de Deus neste decreto da sua eleição

<sup>14</sup> Pariam as suas crias manchadas e várias, e de diversas cores (Gên. 30,39).

<sup>15</sup> Se tu me vires quando me arrebatarem de ti (4 Rs. 2,10).

pelas mesmas idéias das eleições e decretos divinos. Como decretou Deus *ad aeterno* os seus filhos adotivos? Disse-o S. Paulo no capítulo oitavo da Epístola *ad Romanos: Quos praescivit et praedestinavit, conformes fieri imaginis Filii sui, ut sit ipse Primogenitus in multis fratribus*<sup>16</sup>. Os que Deus predestinou para filhos adotivos, predestinou-os também para serem semelhantes e conformes a seu Filho natural, para que o Filho natural seja o primogênito, e os adotivos segundos. De maneira que, como filhos do mesmo Pai todos são irmãos, é bem que sejam parecidos e semelhantes; e como Cristo, que é o primogênito, é também o exemplar dos demais, para que os adotivos, que são os segundos, lhe sejam semelhantes, é necessário que se retratem por ele e se conformem com ele, porque de outro modo seriam irmãos, e não seriam parecidos. Esta é a forma dos decretos de Deus nas suas eleições, e tal foi o da Virgem Maria nesta sua, só com uma diferença: que Deus faz semelhantes aos que quer adotar por filhos, e a Senhora adotou por filhos aos que achou semelhantes. Elias lhes deu a semelhança, e a Senhora a adoção, mas a adoção fundada na semelhança: *Conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus*.

52. Quanta fosse desde seu princípio a semelhança dos carmelitas com Cristo, isto é, dos primogênitos adotivos da Senhora com o seu primogênito natural, testificou-o Salomão não menos que nomeando aos carmelitas por seu próprio nome. Descreve o Esposo a Esposa no capítulo sétimo dos Cânticos, retratando suas perfeições uma por uma, e, chegando à cabeça, faz esta notável comparação: *Caput tuum ut Carmelus* (Cânt. 7,5): A vossa cabeça, Esposa minha, é como o Monte Carmelo. — Não me espanto que Salomão compare a cabeça da Esposa a um monte, porque as suas comparações são tão extraordinárias como a sua sabedoria; mas por que mais ao Monte Carmelo que a outro? Saibamos qual é a cabeça comparada, e logo veremos a propriedade da comparação. A Esposa de que se trata nos Cânticos é a Igreja; a cabeça desta Esposa e do corpo místico da Igreja é Cristo: *Et ipsum dedit caput supra omnem Ecclesiam, quae est corpus ipsius*<sup>17</sup>, diz São Paulo. E querendo comparar Salomão a Cristo com alguma coisa da terra, não achou outra que fosse mais semelhante a ele que o Monte Carmelo, porque era habitado dos carmelitas. Justo Orgelitano: *In Carmelo monte Sanctus Elias et Eliseus saepe receptaculum habuerunt, qua propter in capite Ecclesiae Domino nostro Jesus Christo, quo sublimius nihil est, justi habitaculum recipiunt*. Muitos varões justos e santos fizeram célebres e famosos outros montes de Israel e fora dele; mas não compara Salomão a Cristo nem ao Monte Sinai, venerado pela lei de Moisés, nem ao Monte Mória, santificado com o sacrifício de Abraão, nem ao Monte Olivete, regado com as lágrimas de Davi, nem ao Monte Líbano, freqüentado de Josias e Ezequias, mas só singularmente ao Monte Carmelo, porque era o solar nobilíssimo dos carmelitas, consagrado com a santidade de sua vida e

<sup>16</sup> Os que ele conheceu na sua presciência, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos (Rom. 8,29).

<sup>17</sup> E o constituiu a ele mesmo cabeça de toda a Igreja, que é o seu corpo (Ef. 1,22).

instituto. E não houve naqueles tempos nem outra vida, nem outro instituto tão semelhante a Cristo. E se não, apareça Cristo no mundo, e vejamos a quem o comparam os homens, e a quem dizem que é semelhante.

53. Perguntou Cristo aos apóstolos: *Quem dicunt homines esse Filium hominis*<sup>18</sup>? Que opinião havia dele no povo, quem diziam que era? E responderam: *Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum exprophetis!* Uns dizem, Senhor, que sois o Batista, outros Elias, outros Jeremias ou algum dos profetas. — Bravos inimigos são os homens da idade em que nasceram. Mais depressa crêem que podem ressuscitar os grandes homens passados, que nascer de novo outros tão grandes como eles. Sempre a inveja foi vício de vivos e dos presentes, e até Deus, depois que se sujeitou a nascer, não ficou isento desta injúria do seu povo. Mas, suposto que cuidavam e diziam que era um dos antigos, parecia-me a mim que o haviam de comparar com os reis, e não com os profetas, porque o Messias era esperado como rei, e Cristo como rei foi aclamado e adorado dos Magos, título que tanto sangue custou aos inocentes, e as turbas o quiseram levantar por rei no deserto, e finalmente em Jerusalém o receberam com triunfo e aplausos públicos de rei: *Benedictus qui venit in nomine Domini, Rex Israel*<sup>19</sup>. Contudo era tanta a semelhança que Cristo tinha com os carmelitas, e os carmelitas com Cristo, que a ninguém lhe parecia senão carmelita. Elias era carmelita, e o primeiro pai e fundador dos carmelitas, como consta de toda a Escritura. O Batista era carmelita, como dizem São Gregório Nazianzeno, S. Macário, Santo Antonino. Jeremias era carmelita, senão no lugar, ao menos no instituto da vida, como se colhe de S. Jerônimo na prefação do mesmo profeta. Os outros profetas também muitos eram carmelitas, tanto assim que a Religião Carmelitana, pelo nome mais comum se chamava *Coetus Prophetarum*: Congregação dos profetas. E como os carmelitas desde seu nascimento foram tão semelhantes e tão parecidos a Cristo, havendo a Mãe de Deus de dar irmãos adotivos ao Filho natural, e ao seu primogênito filhos segundos, claro está que estes não haviam nem deviam ser outros, senão aqueles que eram mais semelhantes e mais conformes a ele: *Conformes imaginis Filii sui, ut sit ipse primogenitus in multis fratribus.*

## §VIII

*Mesmo na lei da graça a Religião Carmelitana continua a ser preferida nesta filiação, por ter começado muito antes de Cristo, prerrogativa que a faz única e singular entre as demais. A originalidade de José de Elias. Os religiosos carmelitas, evangélicos, apostólicos e cristãos, antes de haver Evangelho, antes de haver apóstolos, antes de haver Cristo. Como os anjos, fizeram a palavra de Deus para a ouvirem.*

<sup>18</sup> Quem dizem os homens que é o Filho do homem (Mt. 16,13)?

<sup>19</sup> Bendito o que vem em nome do Senhor (Mt. 21,9).

54. Só estou vendo que se me pode instar, e fortemente. Se a semelhança com Cristo foi o merecimento desta prerrogativa, ainda que concedamos liberalmente aos antigos carmelitas tudo o que essencialmente pertence e constitui uma verdadeira religião, não há nem pode haver dúvida que as religiões da lei da graça participam muito maior e mais perfeita semelhança com Cristo. Logo, ou qualquer delas havia de ser a preferida nesta filiação, ou não é este o verdadeiro fundamento e merecimento dela. Torno a dizer que sim. E não me quero valer de um escudo, com que este e semelhantes golpes se podiam rebater facilmente, e é que as leis e regras do amor não são *stricti juris*. Ainda que as razões do amor padeçam instâncias, nem por isso se faz prova contra a verdade e certeza de suas eleições: antes, por isso são mais suas ainda de pais a filhos. Dá a razão a Escritura, porque Jacó amava mais a José que a todos os outros filhos, e diz que era *eo quod in senectute genuisse eum* (Gên. 37,3): porque o havia gerado na velhice. — Contra: que esta mesma razão favorecia muito mais a Benjamim, o qual nasceu depois de José e foi o último filho de Jacó. Contudo a conclusão era certa, e a razão, em que se fundava, verdadeira, e por tal a qualifica o texto sagrado. O mesmo podia eu responder, quando a objeção e a instância subsistira; mas não subsiste. A religião carmelitana, havendo começado mais de mil anos antes das mais antigas, teve dois tempos e duas idades: uma depois e outra antes de Cristo. Depois de Cristo foi tão perfeita religião como qualquer das outras da lei da graça; antes de Cristo teve toda a perfeição que permitia aquele tempo e aquele estado, E esta circunstância de ter começado antes, e tanto antes de Cristo, é uma prerrogativa que a faz única, e singular, e incomparável na mesma semelhança em que se funda a sua preferência. As outras religiões foram semelhantes a Cristo por imitação de Cristo; os carmelitas foram semelhantes a Cristo antes de haver no mundo Cristo a quem imitar. E este modo de ser semelhante excede incomparavelmente a todas as outras semelhanças. De Jó disse Deus que não tinha semelhante na terra: *Nunquid considerasti servum neum Job, quod non sit ei similis in terra*<sup>20</sup>? E por quê? S. Agostinho: *Quis tantum potuit promereri, cui tale testimonium Dominus perhiberet, nisi hic, qui non imitator invenitur sed author eorum quae gessit*: Não teve Jó semelhante no mundo, porque não foi imitador, senão autor. — Os outros imitaram, ele não teve a quem imitar. Ele foi original, os outros cópia; ele mestre, os outros discípulos. E mestre antes de vir ao mundo o Mestre do mundo. Mudai o nome de Jó em Elias, e tem respondido por mim S. Agostinho.

55. Mas, dê-me licença a vossa devoção, para que eu desenvolva um pouco do muito que está encoberto na diferença desta semelhança. Diz Cristo: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*: bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam. Quanto mais bem-aventurados serão os que guardam a palavra de Deus sem a ouvirem? Pois esta é a vantagem que faz a Religião Carmelitana a todas as outras religiões da Igreja.

<sup>20</sup> Acaso consideraste tu a meu servo Jó, que não há semelhante a ele na terra (Jó 1,8)?

As outras religiões ouviram a palavra de Deus, e guardaram-na: a religião carmelitana guardou a palavra de Deus antes de a ouvir. As outras religiões ouviram a palavra de Deus e guardaram-na, porque primeiro Cristo pregou os conselhos evangélicos, em que consiste a perfeição religiosa, e depois os seguiram e abraçaram os fundadores dessas religiões, e se consagraram ao serviço de Deus debaixo daquele instituto; porém a religião carmelitana e seus antiqüíssimos e santíssimos fundadores, ainda Cristo não tinha pregado nem ensinado ao mundo a perfeição e alteza dos conselhos evangélicos, e já eles os guardavam com religiosíssima observância. Ainda Cristo não tinha pregado o desprezo do mundo, e já eles tinham deixado o mundo; ainda não tinha pregado a pobreza, e já eles, por voto, eram pobres; ainda não tinha pregado a castidade e a obediência, e já eles, por voto, eram castos e obedientes. Enfim, Cristo não tinha pregado nem aconselhado o estado de religião, e já eles eram religiosos. Diz S. Paulo que ninguém pode obrar sem crer, nem crer sem ouvir, nem ouvir sem pregador: *Quomodo credent ei, quem non audierunt? Quomodo autem audient sine praedicante*<sup>21</sup>? E os religiosos carmelitas, vencendo gloriosamente este impossível, antes de se pregar o Evangelho o creram, e antes de o ouvir o obraram: sendo evangélicos antes de haver Evangelho, sendo apostólicos antes de haver apóstolos, sendo cristãos antes de haver Cristo. Não disse bem. Muito mais é ser religioso que ser cristão. E quando no mundo ainda não havia quem fosse cristão, já todos os carmelitas eram religiosos. Marcela levantou a voz, dizendo: *Beatus venter qui te portavit*; Cristo sobre aquela voz levantou mais e disse: *Quinimmo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*. E os religiosos carmelitas, com um contraponto altíssimo, podem acrescentar em glória do mesmo Cristo outro *quinimmo*, e dizer: *Quinimmo beati qui non audierunt, et custodierun*<sup>22</sup>, porque guardaram a palavra de Cristo antes de a ouvir.

56. Dos anjos diz Davi uma coisa notável: *facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus* (Sl. 102, 20): que fazem a palavra de Deus para a ouvirem. — Não entendo, ou os termos estão trocados. Parece que havia de dizer: os anjos ouvem a palavra de Deus para a fazerem, e não, os anjos fazem a palavra de Deus para a ouvirem, porque primeiro é ouvir o que Deus manda, e depois fazê-lo. Pois por que diz que fazem para ouvir, e não ouvem para fazer? Porque é tão grande a prontidão e a diligência com que os anjos executam a palavra de Deus, que parece que primeiro a fazem, do que a ouvem: no mesmo instante ouvem e executam. Assim se entendem estas palavras, nem admitem outro sentido nos anjos do céu; porém nos anjos do Carmelo sim, porque verdadeiramente executaram a palavra de Cristo antes de a ouvirem, e não só antes, e muito antes, senão oitocentos anos antes, que tantos precedeu Elias a Cristo. Oitocentos anos antes de se ouvir no mundo a palavra de Cristo, já no Carmelo se guardava o Evangelho: *facientes verbum illius ad audiendam vocem sermonum ejus*. Ainda a palavra de Cristo não era ouvida, e já

<sup>21</sup> Como crerão àquele que não ouviram? E como ouvirão sem pregador (Rom. 10, 14)?

<sup>22</sup> Antes bem-aventurados os que não ouviram e guardaram.

era executada; ainda a palavra de Cristo não tinha voz, e já tinha obediência; ainda a palavra de Cristo não era palavra, e já era obras. A maior sentença que disseram os sete sábios da Grécia, foi: *Sequere Deum*. Mas o espírito e as obras de Abraão foram tão antecipadas, diz S. Ambrósio, que já ele tinha feito muitos anos antes o que os sábios disseram depois: *Quod pro magno inter septem sapientium dicto celebratur (se quere Deum) fecit Abraham, factoque sapientum dicta praevenit*. E se fazer e executar antes o que os sábios de Grécia disseram depois é grande louvor de Abraão, qual será o dos carmelitas em haverem antecipado com as suas obras as palavras da sabedoria eterna; em fazerem o que Cristo ensinou antes de Cristo o ensinar; em serem discípulos de Cristo antes de serem ouvintes de Cristo: *Qui non audierunt verbum Dei, et custodierunt illud*.

## §IX

*Por que diz Cristo que não veio desfazer a lei e os profetas, senão guardá-la e cumpri-la? Os profetas de que fala Cristo eram aqueles que observavam instituto semelhante aos conselhos evangélicos. Cristo pisou por onde os precursores do Carmelo tinham caminhado. Os carmelitas e o cortejo triunfal de Cristo em Jerusalém. A primazia de Cristo e a precedência da Religião Carmelitana.*

57. Mas para que esta semelhança entre o Filho natural da Virgem e os filhos adotivos fosse recíproca, não só eles foram imitadores de Cristo, mas Cristo, enquanto podia ser, os imitou a eles. Não só foram os carmelitas os que fizeram antes o que a palavra de Deus não tinha dito, mas a palavra de Deus foi a que disse e ensinou depois o que os carmelitas tinham feito. Eles guardaram o que Cristo não tinha ensinado, e Cristo guardou o que eles tinham guardado: *Custodiunt illud*.

58. Será prova não dificultosa desta maravilhosa excelência, um dos mais dificultosos lugares do Evangelho: *Nolite putare quoniam veni solvere legem aut prophetas: non veni solvere, sed adimplere* (Mt. 5,17): Ninguém cuide de mim diz Cristo — que vim desfazer a lei e os profetas, porque a vim guardar e cumprir. — É certo que Cristo viu desfazer a lei, porque em lugar da lei escrita, veio substituir a lei da graça. Pois, se Cristo veio desfazer a lei, como diz que a não veio desfazer, senão que a veio cumprir? Eu o direi: dai-me atenção. A lei de Moisés — não falando na parte judicial, que não pertence aqui — tinha duas partes: a cerimonial e a moral. A cerimonial, essa foi a que Cristo desfez, como se desfaz a sombra com a luz, a figura com o figurado, a promessa com o prometido, e a esperança com a posse. A parte moral, não a desfez Cristo, antes a aperfeiçoou, e de dois modos. O primeiro, declarando e tirando os abusos com que os fariseus a tinham depravado; o segundo, acrescentando-lhe os conselhos evangélicos, não com necessidade de preceito, mas como ornamento e coroa da mesma lei, para os que livremente a



quisessem alcançar. E porque a religião dos profetas, isto é, Elias e seus sucessores, tinham dado princípio — ainda que em menor perfeição — aos mesmos conselhos, e Cristo observou e guardou uma e outra coisa, por isso disse: *Non veni solvere legem aut prophetas, sed adimplere*. E que este seja o verdadeiro sentido do texto, prova-se de todas as circunstâncias e conseqüências dele. Porque primeiramente a matéria de que Cristo atualmente falava, eram os mesmos conselhos evangélicos: *Beati pauperes spiritu*<sup>23</sup> etc. As pessoas com quem falava eram os apóstolos, chamados para seguir a perfeição dos mesmos conselhos: *Acesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos*<sup>24</sup>. O prêmio que prometia era ser grande no céu: *Hic magnus vocabitur in regno caelorum*<sup>25</sup>, que só se dá aos observadores dos conselhos. O nome com que os significou foi de mandamentos mínimos: *De mandatis istis minimis*, porque os conselhos não chegam a ser mandamentos, nem têm força de preceito, nem excluem do reino do céu: *Minimus vocabitur in regno caelorum*<sup>26</sup>. Finalmente, aquela disjuntiva: *aut legem aut prophetas*, mostra claramente que a doutrina dos profetas, de que Cristo falava, era distinta da lei, porque se tomara os profetas só como intérpretes da lei, havia de dizer: *legem et prophetas*, como quando disse: *Lex et prophetae usque ad Joannem*<sup>27</sup>. Mas os profetas, de que aqui falava, não eram os intérpretes da lei, senão os que seguiam vida e instituto superior a ela, qual era o que Cristo atualmente estava pregando. E porque Elias, Eliseu e seus sucessores, que comumente eram profetas e se chamavam os profetas, tinham dado princípio, antes de Cristo os pregar, a estes que depois foram conselhos evangélicos, por isso diz Cristo que nem viera a desfazer a lei quanto aos preceitos, nem os profetas quanto à perfeição, senão a observá-la e a cumpri-la: *Non veni solvere, sed adimplere*.

59. Conforma-se mais a verdade e propriedade desta explicação com outras palavras notáveis do mesmo texto: *donec transeat caelum et terra jota unum, aut unus apex non praeteribit a lege, donec omnia fiant*<sup>28</sup>. É profecia e promessa de Cristo, na qual assegura que a lei de que falava e os ápices dela se hão de observar até o fim do mundo. Até o fim do mundo? Logo não falava Cristo da lei cerimonial, que já acabou, senão da moral, que atualmente estava reformando e aperfeiçoando, acrescentando-lhe os conselhos que são os ápices da mesma lei, isto é, partes e pontos mais miúdos e mais delicados e mais altos, a que por isso chama mandamentos mínimos: *Apex est evangelica perfectio*<sup>29</sup>, diz a glosa. E S. Crisóstomo: *Non pro veteribus legibus hoc dicit sed pro his quae ipse erat praecepturus, quae quidem minima vocat, licet magna sint*<sup>30</sup> Donde se segue claramente que os profetas

<sup>23</sup> Bem-aventurados os pobres de espírito (Mt. 5,3).

<sup>24</sup> Chegaram-se para o pé dele os seus discípulos, e ele, abrindo a sua boca, os ensinava (Mt. 5, Is).

<sup>25</sup> Esse será reputado grande no reino do céu (Mt. 5, 19).

<sup>26</sup> Será chamado mui pequeno no reino dos céus (Mt. 5,19).

<sup>27</sup> A lei e os profetas até João (Mt. 11,13).

<sup>28</sup> Enquanto não passar o céu e a terra não passará da lei um só i ou um til, sem que tudo seja cumprido (Mt. 5,18).

<sup>29</sup> O ápice é a perfeição evangélica.

<sup>30</sup> Não diz isso das leis antigas, senão das que ainda ia ensinar, as quais chama mínimas, embora sejam grandes.

de que Cristo disse: *legem aut prophetas*, eram aqueles profetas que observavam instituto semelhante aos conselhos evangélicos. E por isso neste segundo texto não fez distinção da lei dos profetas, nem disse lei e profetas, senão somente lei: *Non praeteribit a lege*, porque depois que a lei moral e a escrita passou a ser lei evangélica, dentro dela se compreenderam também os conselhos que no tempo da lei escrita andavam na tradição e exemplo dos homens santos, e não no corpo da lei. Esta mesma lei pois, e estes mesmos ápices dela, que agora são conselhos evangélicos, e antigamente eram institutos proféticos em Elias e seus sucessores, não só diz Cristo que hão de durar até o fim do mundo — quando virá o mesmo Elias contra o anticristo — mas que o mesmo Cristo os veio guardar e cumprir: *Non veni solvere legem aut prophetas: non veni solvere, sed adimplere*.

60. Oh! grande glória desta religião grande, singular, inefável! Que vindo Deus ao mundo a desfazer uma lei que ele mesmo instituíra, digo que veio não a desfazer, senão a guardar as leis que instituíram os carmelitas. Esta é a diferença que vai desta sagrada religião às nossas. Nós vamos pelos passos de Cristo, e Cristo diz que vai pelos seus; nós caminhamos por onde Cristo pisou, e Cristo pisou por onde os precursores do Carmelo tinham caminhado. Entra Cristo triunfando em Jerusalém acompanhado de infinita gente, clamando e aclamado todos: *Hosanna Filio David* (Mt. 21,9)! E notam os evangelistas que uns iam diante, outros detrás: *Et qui praeibant, et qui sequebantur* (Mc. 21,9). Perguntam agora os doutores quem eram ou quem representavam os que iam diante, e quem os que iam detrás? E respondem com S. Hilário, que os que iam diante eram os santos da lei velha, que vieram antes de Cristo, e os que seguiam detrás eram os santos da lei nova, que vieram depois de Cristo. Os que iam diante eram os Elias, os Eliseus, os Jeremias, os Batistas; os que iam detrás eram os Pedros, os Paulos, os Agostinhos, os Domingos, os Franciscos. E que diferença havia entre uns e outros? A diferença era que os que iam detrás seguiam; os que iam diante eram seguidos. Os que iam detrás caminhavam por onde Cristo pisava; os que iam diante pisava Cristo por onde eles tinham caminhado. E este era o lugar em que iam os carmelitas. Tão adiantados em guardar a palavra e doutrina de Cristo que, em vez de eles seguirem a Cristo, veio Cristo — do modo que se pode entender — aos seguir a eles: *Non veni solvere legem aut prophetas, sed adimplere*.

61. Mais mistério há no caso. Os que iam diante, que já dissemos quem eram, lançavam as capas no chão, para que Cristo passasse por cima delas: *Eunte autem illo substernebant vestimenta sua*<sup>31</sup>. Donde infere advertidamente S. Pascásio que Cristo neste triunfo não deixou pegadas, porque não assentava os passos de seu caminho sobre a terra, senão sobre os mantos. Pois se Cristo veio a este mundo para que seguissem suas pisadas os que viessem depois dele: *Ut sequamini vestigia ejus* (1 Pdr. 2,21), por que não deixou pisadas neste caminho? Porque aquelas capas dos que iam diante vinham a ser os mantos e os hábitos dos carmelitas, e onde estavam os hábitos dos carmelitas, eles substituíam as

<sup>31</sup> E por onde quer que ele passava, estendiam os seus vestidos no caminho (Lc. 19,36).

pisadas de Cristo, porque o que Cristo ensinou depois geralmente, com a sua doutrina e com os seus passos, isso é o que os carmelitas tinham exercitado e ensinado antes, como seu hábito, como o seu exemplo, com a sua profissão. Os que iam detrás, não é muito que o fizessem depois de ouvirem e verem a Cristo; mas que o fizessem os que iam diante, sem verem a Cristo nem o ouvirem, esta foi a maravilha e esta a excelência singular dos carmelitas: *Qui non audierunt verbum Dei, et custodierunt illud.*

62. Nem cuide alguém que é ou pode parecer contra a dignidade e suprema primazia de Cristo esta precedência de tempo, porque toda essa virtude, todo esse exemplo, toda essa luz, ainda que antecedente, foi derivada do mesmo Cristo. Na primeira semana do mundo criou Deus o sol, ao quarto dia, e pôs o sol no quarto céu. E por que no quarto céu e ao quarto dia? Com admirável providência e mistério. No quarto dia precederam três dias atrás e seguiram-se outros três dias adiante; no quarto céu ficavam três planetas abaixo e outros três acima e foi destinado ao sol aquele tempo e aquele lugar, aquele dia e aquele céu, para que, estando no meio, como primeira fonte da luz, tanto pudesse alumiar os planetas debaixo, como os de cima, tanto os dias que ficavam atrás, como os que iam adiante. Nos planetas está claro; nos dias, também é certo, porque aquela luz que precedeu nos primeiros três dias da criação, como diz Santo Tomás com o comum dos teólogos, era parte da mesma luz, posto que menos intensa, da qual depois foi formado o sol. Nem mais nem menos o Sol de Justiça. O tempo em que veio ao mundo foi no meio dos anos: *In medio annorum notum facies*<sup>32</sup>; o lugar em que nasceu no mundo foi no meio da terra: *Operatus est salutem in medio terrae*<sup>33</sup>, para que entendêssemos, como verdadeiramente era, que a luz, a sabedoria, a virtude, a graça, o exemplo e o instituto de vida de todos os homens santos, ou os que vieram antes, ou os que se seguissem depois, em qualquer tempo e em qualquer lugar, tudo manava daquela primeira fonte, tudo eram raios daquele sol, e tudo efeitos daquela suprema causa. Todas as religiões vieram ao mundo depois de Cristo; a carmelitana abraçou ambos os tempos, porque já era antes, e foi depois: quando imitou e quando não tinha a quem imitar; quando seguiu e quando não tinha a quem seguir; quando ouviu e quando não tinha ouvido, sempre foi inspirada, movida e antecipada de Cristo. Teve planetas abaixo do sol, e planetas acima; teve dias depois do sol, e dias antes, mas todos alumizados do mesmo sol. Oh!. com quanta glória e com quanta propriedade se pode dizer desta sagrada família: *Permanebit cum sole et ante lunam* (Sl. 71,5): Sempre com o sol, mas antes da lua. — Sempre como sol, porque em ambos os tempos e em ambos os estados sempre foi alumizada de Cristo; mas antes da lua, porque no primeiro tempo e no primeiro estado, foi antes da Virgem Santíssima. Mas por serem antes da Mãe, nem por isso deixaram de ser sempre seus filhos. Antes, por isso mesmo mais próprios e mais singulares filhos, e mais parecidos ao seu primogênito, porque é prerrogativa única desta

<sup>32</sup> No meio dos anos tu a farás notória (Hab. 3,2).

<sup>33</sup> Obrou a salvação no meio da terra (Sl. 73, 12).

soberana Mãe ser Mãe de filhos que já eram antes de ela ser: *Et genitrix quando non, quae saeculorum generavit authorem*. Foi Mãe destes filhos que já eram em tempo, assim como foi Mãe do filho que era desde a eternidade: *Beatus venter qui te portavit*.

### §X

Et ubera quae suxisti: *Cristo, como irmão primogênito, devia sustentar os filhos de sua própria Mãe com o mesmo alimento com que sua Mãe o sustentava. Não há outra distinção entre o sangue e o leite, senão que o leite é sangue branco. A comunhão de Elias. Conclusão: O que se diz da sagrada religião do Carmo, sendo prerrogativa só desta religião, é glória de todas.*

63. Tenho acabado o meu discurso, mas direis, e com muita razão, que mal acabado. Pois tendo honrado esta solenidade com sua presença o Diviníssimo Sacramento, e sendo a primeira e principal parte dela, não teve parte no sermão. Não me tenhais por tão descuidado. A este fim ficaram reservadas e intactas aquelas duas palavras do tema: *Et ubera quae suxisti*, e não hão de vir desatadas do discurso.

64. Os filhos primeiros, já sabeis que têm obrigação de dar alimentos aos filhos segundos, e esses alimentos, conforme a sua qualidade, a sua nobreza, o seu estado. E como os religiosos carmelitas são irmãos segundos de Cristo por parte de sua Mãe, era obrigado Cristo a lhes dar alimentos, e tais alimentos que fossem dignos de filhos da Mãe de Deus. Pois, que alimentos haviam de ser estes, senão o mesmo Deus dado em alimento? E verdade que o Santíssimo Sacramento do altar foi instituído para todos, mas pode ser aplicado com diferença. Dar Cristo este pão do céu aos outros homens foi graça, foi liberalidade; dá-lo aos religiosos do Carmo foi dívida e foi obrigação. Aos outros homens foi graça e foi liberalidade, porque não lhes devia Cristo este Sacramento como Redentor. Aos carmelitas foi dívida e foi obrigação, porque lhes devia estes alimentos como irmão maior. Direis que alimentos sim, mas não estes. Alimentos sim, por irmãos seus e filhos de sua Mãe. Mas que estes alimentos fossem tirados de sua própria substância e debaixo de acidentes diversos, qual é o mistério sagrado da Eucaristia, por que razão? Ora vede. Cristo, como irmão primogênito, devia sustentar os filhos de sua própria Mãe e seus irmãos segundos com tais alimentos quais eram aqueles com que sua Mãe o sustentava. E que alimentos eram estes? *Et ubera quae suxisti*. O alimento com que a Senhora sustentou a seu Filho foi o leite de seus peitos. E o leite, que alimento e que substância é? Perguntai-o a Aristóteles e a Galeno: o leite é sangue branco, e não há outra distinção entre o sangue e o leite, senão que o leite é sangue branco, e o sangue leite vermelho. A substância é a mesma, os acidentes diversos. De sorte que a Virgem Senhora nossa deu o sangue por duas vezes e por dois modos a Cristo: deu-lhe uma vez o sangue de suas entranhas, de que se

formou o corpo sagrado quando o gerou: *Beatus venter quite portavit*; e deu-lhe outra vez, e mil vezes o sangue de seus peitos, com que o sustentou e alimentou: *Et ubera quae suxisti*. E entre um e outro sangue, que todo se convertia em substância de Cristo, não havia mais diferença que a brancura dos acidentes, e como a Virgem alimentava ao seu Filho primogênito com a substância mesma de seu corpo, debaixo de acidentes brancos, corria obrigação a Cristo, como Filho maior, de alimentar os filhos segundos de sua Mãe com a mesma substância do seu corpo, debaixo de acidentes da mesma cor, que é o Sacramento Santíssimo.

65. O primeiro carmelita foi o primeiro que logrou estes alimentos, e tomou em figura a posse deles. Fugiu Elias para o deserto, lançou-se ao pé de uma árvore, adormeceu, acordou-o um anjo e deu-lhe pão para que comesse. Comeu Elias, tornou a adormecer, e tornou o anjo a acordá-lo e a dar-lhe mais pão, e comeu outra vez. E comum alegoria dos Padres, que este pão representava o Santíssimo Sacramento. E ser o pão dado por modo de alimento, as circunstâncias o mostram, porque o comeu Elias sem lhe custar nenhum trabalho nem cuidado, comendo e dormindo. O irmão maior é o que tem o cuidado e o trabalho dos alimentos; os filhos segundos, põem-lhes ali os seus alimentos limpos e secos: comem e dormem. Mas quando lhe deram a este grande carmelita o Sacramento em alimentos? No deserto e à sombra de uma árvore. O deserto, diz Hugo Cardeal, significava o retiro do mundo; a árvore significava a cruz. O deserto já o havia, porque já Elias o professava; a cruz não a havia ainda, porque Cristo ainda não era nascido. Mas os alimentos do Sacramento não se deram a Elias, senão depois que ele esteve no deserto e à sombra da cruz, porque não haviam de lograr os carmelitas estes alimentos enquanto filhos de Elias, senão enquanto irmãos de Cristo, não pela geração passada de seu Pai, senão pela filiação futura de sua Mãe: *Beatus venter quite portavit et ubera quae suxisti*.

66. Agora tenho acabado. Se disse pouco, quem elegeu o pregador me desculpa. Se fui largo, assaz castigo é dizer pouco e não ser breve. E se acaso alguém das sagradas religiões que me ouvem — e das que me não ouvem também — tem alguns embargos ao que disse, ainda me fica com que responder a quaisquer artigos de nova razão. Mas a melhor e última seja conhecermos todos que o que se diz da sagrada religião do Carmo, sendo particular, é comum, e sendo prerrogativa só desta religião, é glória de todas. Quem hoje para louvar a Cristo disse: *Beatas venter*, sabia que o louvor da Mãe é louvor dos filhos. Este é o exemplo que segui, supondo — como verdadeiramente é — que todos somos filhos deste instituto, e todos descendemos dele. Assim o diz S. Jerônimo, S. Macário, S. Isidoro, S. Bernardo. Não refiro as palavras de cada um, por não ser mais largo, mas fiquem ao pé do Monte Carmelo as de Batista Mantuano, que com espírito do mesmo Parnaso as ligou e resumiu nestas regras:

*I linc perpetuis, ceu missi efontibus omnes,*

*Religio, et sacri fluxit reverentia cultus.*  
*Quidquid habent alii montes pietatis, ab isto*  
*Ducitur: hac una plures e vite racemi*  
*Diffusi, late terras, atque aequora complent*  
*Hinc Carthusiacis aeterna silentia claustris:*  
*Hinc varias Benedictus oves collegit: ab isto*  
*Canabe nodosa tunicas arcere fluentes*  
*Lignipedes dedicere viri: quique arva colebant*  
*Invia, et assiduo terras ardore colentes,*  
*Et quos Cyriacus de litore vexit Ibero*  
*Hinc orti, sactum, et summo genus ordine dignum,*  
*Hinc nostri venere patres<sup>34</sup>.*

E como desta sagrada e primitiva religião manaram e se propagaram todas as outras como troncos da mesma raiz, como rios da mesma fonte, ou como raios do mesmo sol, o que só resta é que todos demos o parabém à soberana Mãe de tais filhos e aos benditos filhos de tal Mãe: *Beatus venter qui te portavit*. E que entendam todas as outras religiões, e se persuadam que tanto maior parte terão nas mesmas glórias, quanto mais e melhor observarem o que eles guardaram e não ouviram: *Beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud*.

---

<sup>34</sup> Dali — do Monte Carmelo — brotaram, como torrentes inesgotáveis, a religião e reverência do culto sagrado; dali como de única videira, provém toda a piedade dos demais montes, derramando cachos por terras e mares; dali o eterno silêncio dos claustros cartusianos; dali Bento agrupa suas ovelhas; ali varões de rústicas sandálias aprenderam a usar amplas túnicas de cânhamo grosseiro; dali vieram nossos pais, ardorosos cultivadores de campos ínvios e terras causticantes, transportados por Ciríaco da costa ibérica, santa e digna descendência de tão excelsa Ordem.

— O *Beato Batista Spagnuolo*, ou *Batista Mantuano* (1448-1516), foi prior geral da Ordem Carmelitana e um dos mais fecundos poetas do século VI. A poesia citada por Vieira é parte do poema *Parthenices Marianaë*.

SERMÃO DA TERCEIRA QUARTA-FEIRA DA QUARESMA  
 PREGADO NA CAPELA REAL. ANO DE 1651

*Dic ut sedeant hi duo filii mei, unus ad dextram, et unus ad sinistram in regno tuo*<sup>49</sup>.

§I

*Na petição da mãe dos Zebedeus, respondeu o Senhor aos filhos para que o entendesse a Mãe: o autor hoje responde à mãe para que o entendam os filhos.*

115.\* Esta foi a petição da mãe dos Zebedeus a Cristo, tantas vezes ouvida neste real auditório, como variamente ponderada deste sagrado lugar. Mas porque o soberano Senhor respondeu aos filhos para que o entendesse a mãe, eu determino responder à mãe para que me entendam os filhos, e os que não são filhos também. Com uma só hei de falar, mas para todos hei de dizer. E porque seria impropriedade alegar a Maria Salomé, ou Escritura, ou exemplo, ou autor que não fosse daquele tempo, resumindo-me ao mesmo dia em que foi esta petição feita — que segundo a cronologia mais certa foi o décimo ou nono dia antes da Paixão de Cristo — de tudo o mais quanto sucedeu e se disse no mundo desde então até o presente, me não aproveitarei em uma só palavra. De grandes tesouros de escrituras, de grandes paralelos de exemplos, de grandes autoridades e sentenças, assim sagradas como profanas, me privo; mas espero que nos não farão falta. Começando pois a falar com a mãe dos Zebedeus, o que lhe digo — ou dissera — é desta maneira.

§II

*O primeiro termo impróprio do memorial: dissei. Os ministros, como o primeiro homem, não se fazem com uma palavra: há-os de fazer quem os faz, e eles também se hão de fazer para serem feitos. Cristo sempre fez grande caso do que dirão o mundo e seus discípulos. O que se dirá então de João e de Jacó? Que dirão as outras Marias da mãe dos Zebedeus? O título de João e o título de Lázaro. Que dirão Marta e Maria, irmãs de Lázaro?*

116. Visto, senhora, este vosso memorial — o qual considero antes que se presentasse a Cristo — posto que eu não tenha autoridade para o emendar, nem ainda confiança para o argüir, a muita devoção que professo com vossos filhos, e o grande

<sup>1</sup>Dize que estes meus dois filhos se assentem no teu reino um à tua direita e outro à tua esquerda Mt. 20,21).

\* O erro de numeração dos parágrafos, passando de 66 para 115, foi mantido para ficarmos fiéis à edição original da obra.

respeito que por eles e por vossa venerável pessoa vos é devido, excita, persuade e ainda obriga o meu zelo a que repare e advirta, por vos servir, o que nesta petição me faz dúvida. E para que seja com distinção, clareza e brevidade, examinando uma por uma todas as palavras dela, direi sobre cada uma o que eu noto, mas não condeno, posto que outros o podem estranhar.

117. A primeira coisa pois, em que a minha consideração repara neste memorial, é a primeira palavra dele: *dic*, dizei. Não é este o estilo por onde começam nem devem começar as petições. As petições começam por diz, e não por dizei. Mas como vós, Salomé, sois mãe do valido, parece-me que o valimento vos ditou a petição. Os outros nas suas petições começam: diz fulano. Os validos não dizem diz; dizem dizei. Tal estilo de pedir não é pedir, é ensinar ou mandar. O príncipe que assim despacha não concede, obedece; não dá mercê, dá a lição. Cristo é Mestre e Senhor. *Vos vocatis me magister et Domine*<sup>50</sup>, e nem como Senhor deve ser mandado, nem como Mestre ensinado.

118. Se o que pedis que diga: *dic*, é que os vossos dois filhos tenham os dois lugares do lado, como quereis que vos despache Cristo logo e em uma palavra? Tão leve negócio é a eleição de um primeiro ministro, e muito mais a de dois ministros, ambos primeiros, que por uma simples petição, sem mais consulta nem conselho, se haja de conceder? Se o pedira todo o reino, ainda havia muito que duvidar, por que não cuidassem os vassallos que juntos nem divididos podiam ter ação ou impulso nas resoluções soberanas. Quanto mais que semelhantes lugares não se dão a quem os deseja e os pede, antes, quando os desejam, então começam a os desmerecer, e quando se atrevem a os pedir, então os desmerecem de todo. O pedir e o despedir em tais casos hão de ser correlativos. Oh! quanto melhor tiveram negociado os vossos dois pretendentes, se quando Cristo os estremava dos outros, para lhes fiar os casos de maior importância, eles se retirassem com modéstia, e com discreta resistência se escusassem! Quando Moisés se escusou de primeiro ministro de Deus sobre o Egito, então o levantou Deus ao seu lado, e lhe delegou o seu poder e mais o seu nome: *Constitui te Deum Pharaonis*<sup>51</sup>.

119. Eu bem sei que esta pequena palavra *dic* encerra em três letras todo o poder das três Pessoas Divinas, uma das quais é Cristo. Por isso o mais bem entendido de todos os anjos, quando quis provar se o mesmo Cristo era Filho de Deus, o fez com a mesma palavra: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant*<sup>52</sup>. Mas, ainda que Cristo com um *dic* podia fazer das pedras pão, e o que é mais, filhos de Abraão, para fazer homens de quem há de fiar a superintendência do mundo, nunca ele usou nem usará jamais só de palavras. Não são estas as feitura que se fazem com um *dic*, ainda que seja Deus o que o faça. O sol, a lua, as estrelas, as plantas, os animais do ar, do mar e da terra fê-los Deus

<sup>50</sup> Vós chamais -me Mestre e Senhor (Jo. 13,13).

<sup>51</sup> Eis aí te constituí Deus de Faraó (Êx. 7,1).

<sup>52</sup> Se és Filho de Deus, dize que estas pedras se convertam em pães (Mt. 4,3).



dizendo: *Ipsa dixit, et facta sunt*<sup>53</sup>; mas quando veio a fazer o homem, que havia de ter o manejo de todas essas criaturas, primeiro decretou Deus com grande conselho, e não disse: digamos, senão: façamos: *faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram, et praesi*<sup>54</sup>. Não se fazem assim ministros tamanhos. Há-os de fazer quem os faz, e eles também se hão de fazer para serem feitos. Bem lembrada estareis, senhora, daquele mais fausto dia que nunca amanheceu à vossa casa, quando Cristo elegeu e chamou para seu serviço estes mesmos vossos filhos. E que é o que lhes disse então? *Faciam vos fieri piscatores hominum* (Mt. 4,19): farei que vos façais pescadores de homens. — Se é necessário que Cristo faça muito neles, e eles façam muito em si para passarem de pescadores a pescadores, para subirem aos lugares supremos, que lhe pretendeis, como quereis que seja com um *dic*?

120. Mas, caso negado, que Cristo dissesse o que vós pedis que diga, que havia de dizer o mundo? Não sabeis que Cristo é um Senhor que, enquanto Deus e enquanto homem, sempre faz grande caso do que dirão? Enquanto Deus, com isto lhe atavam as mãos os profetas, ainda nos mais justificados castigos: *Ne quando dicant gentes: ne quasso dicant Aegyptii*<sup>55</sup>. Enquanto homem, vossos mesmos filhos lhe ouviram perguntar: *Quem dicunt homines esse Filium hominis?* E logo: *Vos autem, quem me esse dicitis*<sup>56</sup>? Porque não só lhe dava cuidado o que dizia o mundo por fora, senão também os discípulos dentro da sua mesma escola. Como não reparais logo muito no que se dirá da pessoa e governo de Cristo, se ele disser o que vós quereis que diga: *dic*? Das portas a dentro, que dirá Pedro, a quem já estão prometidas as chaves? Que dirão as cãs de André? Que dirá a renúncia de Mateus? Que dirá o zelo de Simão? Que dirá o sangue real de Bartolomeu? Que dirá a santidade do outro Jacó, a quem só é lícito entrar no *Sancta Sanctorum*? E que dirá o despego e desinteresse de Filipe, a quem para si e para todos basta só a vista do Padre? E se isto se pode dizer dentro das paredes domésticas, sem entrarem nesta conta as murmurações de Judas, que se dirá das portas a fora? Será bem que se diga que com o Mestre da justiça e da verdade pode mais a afeição que o merecimento, e que se dá um lado a João, porque é o querido, e outro a Jacó, porque é seu irmão? Será bem que se diga e se moteie que, se Cristo provou a sua divindade com os milagres, também com esta eleição tem dado bem a conhecer sua humanidade, pois tanto se deixa levar de respeitos humanos? Sobretudo, será bem que se diga que no governo de uma monarquia, que há de ser o exemplar de todas, se distribuem os postos por intervenção de uma mulher? Eis aqui o que quereis que se diga de Cristo com este vosso *dic*.

121. E não cuideis, senhora, que ficaram de fora nestes ditos os mesmos por quem

<sup>53</sup> Ele disse, e foram feitas as coisas (Sl. 148,5).

<sup>54</sup> Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida (Gên. 1,26).

<sup>55</sup> Para que não digam as nações (Sl. 113,2).

— Não permitais, te rogo, que digamos egípcios (Êx. 32,12).

<sup>56</sup> Quem dizem os homens que é o Filho do Homem? E vós, quem dizeis que eu sou (Mt. 16,13.15)?

rogais. Se tanto quereis a vossos filhos, pelo mesmo amor que lhes tendes, vos rogo que os não queirais expor com este *dic* ao que deles se dirá. O seu maior louvor até agora era que Pedro e André deixaram as redes, porém João e Jacó não só deixaram as redes, senão também o pai: *Relictis retibus et patre* (Mt. 4,22). Agora, dir-se-á que, se deixaram as redes e o pai, não deixaram as redes e a mãe, pois por meio dela quiseram pescar de um lanço os maiores dois lugares do reino, que é o mesmo que todo ele, pois contém o manejo de todo. Até agora se dizia que sendo dois dos três que foram escolhidos para a glória do Tabor, foram tão discretos que viram e calaram, quando Pedro, que era o companheiro, ficou tido por néscio, porque falou; e agora, dir-se-á que foram tão ingratos ao mesmo Pedro que, tendo-os ele incluído na sua petição quando disse: *Bonum est nos hic esse*<sup>57</sup>, eles não só o não introduziram na sua, mas expressa e cavilosamente o desviaram e excluíram, pois era só o que temiam lhes podia fazer oposição. Até agora eram reputados em toda a escola de Cristo por dois dos três melhores discípulos, e por isso preferidos tantas vezes aos demais; agora, dir-se-á que são os menos provectos, ou os mais rudes de todos, porque na questão que se altercou sobre qual havia de ser o maior, resolvendo o divino Mestre que o seria o que se fizesse mais pequeno, eles entenderam tão mal a doutrina e tomaram tão mal a lição que, em vez de se meter cada um no último lugar, ambos pretendem os primeiros.

122. Isto se dirá, senhora, dos filhos do Zebedeu sobre o vosso *dic*. E da mãe também haverá quem diga. Que cuidais que dirão, e não sem fundamento, as outras Marias? Elas são muito devotas e pias; mas, assim como as vossas contemplações vos não mortificaram de toda a ambição, também no exercício das suas poderá ser que não esteja mortificada a inveja. Elas também têm filhos, e a que não tem filhos tem irmão. E deixando as demais — em que a igualdade do estado e do parentesco é assaz bastante motivo para estranharem muito esta diferença — que dirá a Madalena por parte de Lázaro? E se ela calar, como costuma, que dirá e que poderá dizer Marta, pois sabeis que é mulher que se sabe queixar? Não dirá — ao menos dentro em si: — E possível que não entrassem em tal altiveza de pensamentos as irmãs do senhor de Betânia, e que os tenha e se atreva aos declarar a mãe dos pescadorinhos de Tiberíades? — Se Cristo não mede estas distâncias com os mesmos compassos com que as distingue o mundo, ao menos nem a sua modéstia pode negar que, para a autoridade do rei, e para o respeito dos ministros, e para a decência dos mesmos ofícios, faz muito a qualidade e suposição das pessoas. Se Salomé funda a sua confiança na graça do seu João, não é menor a de Lázaro, porque se um tem o título de *quem diligebat*, o outro tem o de *quem amas*<sup>58</sup>. Oito dias faz hoje que Cristo o ressuscitou morto de quatro. E que sujeito mais digno do lado de um príncipe, que um homem vindo

<sup>57</sup> Bom é que nós estejamos aqui (Mt. 17,4).

<sup>58</sup> A quem Jesus amava (Jo. 21,7.20).

— Aquele que tu amas (Jo. 11,3).

do outro mundo?

123. Quem não aceitará e venerará todas as suas disposições, e não ouvirá como oráculo todas as suas palavras? Todos os erros dos ministros não nascem de outra causa, senão de tratarem só desta vida e não se lembrarem da outra; mas um homem que sabe por experiência o que é viver e morrer, que coisa tentará ou fará, que não seja muito acertada? Só por esta prerrogativa era merecedor Lázaro, não de um, mas de ambos os lados. Quando Cristo, na transfiguração do Tabor, deu as primeiras mostras da majestade do seu reino, a um lado pôs Moisés e a outro Elias, porque um era vivo, e outro morto. E ambas estas propriedades se ajuntam em um ressuscitado. Como vive, remunerará os merecimentos dos vivos, que o requerem, e como morto os dos mortos, que o não podem requerer. Ouvindo el-rei Herodes os milagres de Cristo, entendeu que era o Batista ressuscitado, porque de um ressuscitado não se podem esperar senão milagres. E tal é hoje Lázaro. — Tudo isto poderiam dizer Marta e Maria por parte de seu irmão, ainda sem o considerarem herdeiro dos serviços de ambas. Os alabastros quebrados da Madalena, os unguentos derramados, as lágrimas e os cabelos também eram desta ocasião. E se Marta se não jactasse — como não faria — de que Cristo tinha comido o pão em sua casa, ao menos podia alegar a sua diligência, o seu cuidado e a mesma largueza que o Senhor estranhou e chamou supérflua, para que, havendo de acrescentar alguma casa, fosse a sua.

124. Mas quando as duas irmãs, por sua virtude, calem tudo isto, quem tapará a boca às demais, para que não digam que este vosso *dic* encerra maior ambição que a mesma que declarais? Dirão que não só pretendeis o aumento e promoção dos filhos, senão também a vossa, e que, quando para eles pedis as cadeiras, para vós negociais a almofada. Como as profecias que tratam do reino de Cristo falam também da Esposa — de que só Salomão escreveu livros inteiros — não só esperamos rei, mas também rainha. Dirão pois que para os filhos quereis os lados do trono, e para vós o do estrado, e que sendo por natureza a maior valia dos validos, aspirais a governar juntamente ambos os quartos de palácio. Oh! como vos considero já carregada de memoriais, quando sobre a carga dos anos vos pareceram melhor nas mãos, em lugar desses papéis, ou o Saltério de Davi, ou os Trens de Jeremias! Tudo isto, senhora, e muito mais encerra o vosso *dic*, o qual não só desdiz muito do que sois e do que vossos filhos professam, mas também desdiria muito do mesmo Cristo se tal dissesse. Mas passemos à segunda palavra.

### §III

*Segundo termo impróprio do memorial. Que se assentem. Os lugares que pediu, a mãe dos Zebedeus não só não são para estar assentados, mas nem ainda para estar. Cristo chamou os discípulos, não para estar assentados, senão para seguir e andar pondo seu tabernáculo no sol, para que andasse em perpétuo movimento.*

125. *Ut sedeant*: que se assentem. Também este termo não é curial, antes muito impróprio, e ainda indecente. Que sejam, Salomé, vossos filhos muito assentados, isso procurai vós; mas que estejam assentados é implicação do que pedis. Pedis o lado, e dizeis que se assentem? Não sabeis que em palácio, assim como não há mais que um dossel, há também uma só cadeira? Não sabeis que os grandes ali se cansam de estar em pé, só descansam de joelhos, arrimados quando muito a uma credência daqueles idolatrados altares? Bastava para isto ser Cristo rei; quanto mais sendo rei e Deus juntamente! *Tu es ipse Rex meus et Deus meus*<sup>59</sup>. O trono de Deus no templo é o propiciatório, donde ouve e responde. E posto que nem vós, nem vossos filhos entrásseis naquele sagrado, porque é vedado a todos, bem deveis de ter ouvido que ao lado direito do propiciatório está um querubim, e ao lado esquerdo outro, mas ambos em pé. Logo, se quereis que os vossos dois filhos sucedam no lugar destes querubins, e que ocupem um e outro lado do trono de Cristo, como pedis que se assentem: *Ut sedeant*? Os querubins estão em pé, e os filhos do Zebedeu hão de estar assentados?

126. Mais têm estes querubins. Não só estão em pé, mas também com as asas estendidas: *Extendentes alas* (Êx. 37,9). E por que razão com as asas estendidas? Porque aos lados do trono, onde eles estão, ninguém e de nenhum modo pode estar assentado, senão sempre e de todos os modos em pé. Se somente tem pés, como homens, há de estar em pé com os pés; e se tem pés e mais asas, como querubim, há de estar em pé com os pés e também em pé com as asas. Vede, senhora, o que digo, para que vejais que não dizeis bem. Bem sabeis que os querubins não têm pés, nem asas, nem corpo, porque são espíritos. E por que os pinta e representa a Escritura em figura humana, e com asas? Pinta-os em figura humana, para mostrar que são criaturas racionais como nós, e sobre isso acrescenta-lhes asas, para que reconheçamos que a sua natureza é superior e mais levantada que a nossa. E como os querubins representados nesta forma vêm a ser compostos de duas naturezas diferentes, parte homem e parte ave, por isso com a parte que têm de homem, estão em pé com os pés, e com a parte que têm de ave, estão em pé com as asas, porque aos lados do trono, nem como homens, nem como superiores aos homens podem estar assentados. O homem quando está assentado não se firma sobre os pés; a ave também, quando está assentada, não se firma sobre as asas, antes as encolhe. Mas os querubins estão firmados sobre os pés e firmados juntamente sobre as asas — que por isso as têm estendidas — porque nem a um, nem a outro lado do trono, nem como homens, nem como mais que homens, podem estar assentados, senão com os pés e com asas, sempre e de todo modo em pé. Isto mesmo é o que notou Isaias nos dois serafins que assistiam aos lados do trono de Deus: *Vidi Dominum sedentem super soleum excelsum et elevatum. Seraphim*

<sup>59</sup> Tu mesmo és o meu rei e o meu Deus (SI. 43,5).

*stabant et volaban*<sup>60</sup>. *Stabant*, porque estavam em pé com os pés; *volabant*, porque estavam em pé com as asas. E o que estava assentado era só Deus: *Vidi Dominum sedentem*. Um dos vossos filhos, senhora, que é João, não posso eu negar que seja como querubim, homem com asas, e não quaisquer, senão de águia — que assim o viu e pintou Ezequiel na descrição do seu carro — mas ainda que ele tenha asas, e seu irmão as tivesse, e Cristo lhes conceda, como quereis, os dois lugares de querubins a um e outro lado, nem por isso podem estar ou hão de estar assentados, como diz o vosso memorial: *Ut sedeant*.

127. Mas vos digo que os lugares que pedis não só não são para estar assentados, mas nem ainda para estar. E para prova desta verdade, ou deste desengano, bem lhes bastava a vossos filhos lembrarem-se da sua vocação. Quando Cristo os chamou, que é o que lhes disse? *Venite post me*: Vinde após mim (Mt. 4,19). Logo, não os chamou para estar assentados, nem para estar, senão para seguir e andar. E por isso os chamou o mesmo Senhor, não estando assentado, nem estando, senão andando: *Ambulans Jesus juxta mare Galileae*<sup>61</sup>. Sendo pois expressamente chamados para andar após Cristo, quererem agora não andar, senão estar assentados, não após Cristo, senão aos lados de Cristo, quem não dirá que é renunciar declaradamente à vocação, ou apostatar dela. Oh! como temo que não só não hão de sair bem despachados, mas tratados como néscios. Como néscio foi tratado Pedro ou Tabor. E por quê? Porque queria que Cristo fizesse ali seu assento, e fixasse tabernáculo naquele monte. Os mesmos raios do sol, que lhe davam nos olhos e saíam do rosto de Cristo, lhe deviam advertir que Cristo não viera ao mundo para estar parado, e que não era lugar do seu tabernáculo um monte que não se move. *In sole posuit tabernaculum suum* (Sl. 18, 6), diz vosso ascendente Davi: que havia Cristo de pôr seu tabernáculo no sol, para que não só o morador, senão a casa, nem só a casa e o pavimento dela, senão o mesmo sítio e lugar em que estivesse fundada, andasse em perpétuo movimento. Do círculo de cada dia, com que o sol sem cessar anda sempre rodeando e torna a rodear o mundo, disse Salomão: *Girat per Meridiem, et flectitur ad Aquilonem, lustrans universa in circuitu*<sup>62</sup>. E isto é o que faz e fez sempre Cristo, depois que se manifestou ao mundo para o alumiar, sendo certo que, quando sua vida e ações se escreverem, será a mais freqüente palavra na sua história: *circuibat, perambulabat*<sup>63</sup>.

128. Boas testemunhas podem ser os mesmos, que agora pedem estar assentados, destes contínuos passos de seu Mestre, sem descansar nem parar, sempre em roda viva. Já nas cidades, já nos desertos, já nas praias, já na Judéia, já na Galiléia, já na Samaria, já em Jerusalém, já em Cafarnaum, já em Tiro, já em Sidônia, já em Caná, já em Jericó, já em Cesaréia de Filipe, já na região dos genesarenos, já nos confins de Decápolis, já em

<sup>60</sup> Vi ao Senhor assentado sobre um alto e elevado sólio. Os serafins estavam sobre ele... e voavam (Is. 6,1 s).

<sup>61</sup> Caminhando Jesus ao longo do Mar de Galiléia (Mt. 4, 18).

<sup>62</sup> Faz o seu giro pelo Meio-Dia, e depois se dobra para o Norte, visitando tudo em roda (Ecl. 1,6).

<sup>63</sup> Rodeava, atravessava (Mt. 4,23 — Lc. 19,1).

Betsaida, Naim, Betânia, Nazaré, Efrém, sem haver terra grande e populosa, nem lugar pequeno ou aldeia, que Cristo, para alumiar a todos com sua luz, não santificasse com seus passos. Finalmente nos mesmos secretos que agora acaba de revelar o Senhor a seus discípulos, bem claramente lhes disse que o caminho que o leva a Jerusalém é a morrer pregado em uma cruz, para que vejais se é justo nem decente que peçamos lados de um rei, que vai a morrer em pé, aqueles que os pretendem para estar assentados: *Ut sedeant*

#### §IV

Hi: *estes. Quem são estes? A arte do pescador e o apostolado. Agora são estes, porém depois não serão estes, porque os lugares mudam as naturezas, como a superintendência das outras criaturas fez perder o juízo a Adão. João e Jacó, os filhos do trovão, não dizem bem com a mansidão de tão benigno Príncipe.*

129. *Hi.* A palavra é muito breve, mas não digna de menor reparo. Vós dizeis *hi*: estes. E quem não dirá quem são estes? Muitos, é de crer, se embarçarão logo com as redes e com a barca; mas eu tão longe estou de encalhar neste baixo — posto que o seja — que antes o exercício de pescador me parece o melhor noviciado que estes apóstolos podiam ter para a profissão de primeiros ministros: Que é uma barca, senão uma república pequena? E que é uma monarquia, senão uma barca grande? Nas experiências de uma se aprende a prática da outra. Saber deitar ao leme a um e a outro bordo, e cerrá-lo de pancadas quando convém; saber vogar, quando se há de ir adiante, e siar, quando se há de dar volta, e suspender ou fincar o remo, quando se há de ter firme; saber esperar as marés e conhecer as conjunções, e observar o cariz do céu; saber temperar as velas conforme os ventos, largar a escota ou carregar a bolina, ferrar o pano na tempestade, e na bonança içar até os topes. Tão política como isto é a arte do pescador na maréação, e mais ainda nas indústrias da pesca. Saber tecer a malha e segurar o nó; saber pesar o chumbo e a cortiça; saber cercar o mar para prover e sustentar a terra; saber estorvar o anzol, para que o peixe o não corte, e encobri-lo, para que o não veja; saber largar a sedela, ou tê-la em teso; saber aproveitar a isca e esperdiçar o engodo. Só um defeito reconheço no pescador para os lugares do lado, que é o exercício de puxar para si. E este é, senhora, o que não só se argüi, mas se prova do mesmo que vossos filhos pretendem, e vós pedis.

130. Dir-me-eis que na mesma palavra *hi* se responde a este escrúpulo, pois estes por quem intercedeis, são tão livres de interesses que deixaram tudo, e não menos deles que dos outros dez disse Pedro: *Esse nos reliquimus omnia*<sup>64</sup>. Algum dia terá esta proposição uma grande réplica em um dos mesmos doze, como está profetizado no Salmo quarenta, onde diz que, depois de deixar o próprio por cobiça do alheio, chegará a vender a seu

<sup>64</sup> Eis aqui estamos nós que deixamos tudo (Mt. 19,27).

Senhor. Mas pois o mesmo Senhor não replicou a ela, nem eu quero replicar. Só vos digo, Salomé, que se vossos filhos agora são estes, *hi*, depois que se virem ao lado, pode ser que sejam outros. Ainda não sabeis que os ofícios mudam os costumes, e os lugares as naturezas? Quem mais inocente, quem mais humilde, quem mais modesto, quem mais santo que Saul antes de subir ao trono? E depois que nele se viu, todas estas virtudes se trocaram nos vícios contrários, mereceu ser tão indignamente deposto do lugar, quão dignamente fora levantado a ele! Mas o levantado e o deposto, propriamente não foi o mesmo Saul, porque já era outro. Ninguém subiu a uma torre muito alta, que olhando para baixo se lhe não fosse o lume dos olhos e lhe andasse a cabeça à roda. Temei a vossos filhos estas vertigens, e não vos fieis de serem agora o que são, *hi*, porque depois não serão estes.

131. Enquanto Adão foi particular, conservou-se na inocência original em que fora criado; mas tanto que se lhe deu a investidura do governo e a superintendência das outras criaturas, logo a mesma alteza da dignidade lhe desvaneceu a cabeça e lhe fez perder o juízo: *Homo, cum in honore esset, non intellexit*<sup>65</sup>. Tal mudança fez em Adão a diferença do estado, que já não era ele, senão outro, e duas vezes outro. Outro porque quis ser como Deus, e outro porque ficou como bruto. O mesmo Deus lhe declarou ambas estas mudanças: a de homem em Deus, pelo pensamento: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est*<sup>66</sup>; e a de homem em bruto pelo castigo: *Comparatus est jumentis, et similis factus est illis*<sup>67</sup>. Não vos fieis no entendimento de vossos filhos, nem na sua virtude. Olhai que se são filhos vossos, também são filhos de Adão. O que agora neles é modéstia, depois será soberba; o que agora neles é ciência, depois será ignorância, e tanto mais, quanto levantados de mais humilde fortuna. Considerai aquelas palavras de Jó: *De terra surrecturus sum, et videbo Deum ego ipse, et non alius* (Jó 19,25 ss): Hei-me de levantar da terra, e hei de ver a Deus eu mesmo, e não outro. — Parece que para um homem levantado da terra ser o mesmo, e não outro, é necessário ser confirmado em graça, e mais em glória. Vede se se arriscam vossos filhos a ser outros, e muito outros, ainda que agora sejam estes: *hi*.

132. Mas eu não quero que sejam outros, senão estes mesmos que são, para que de nenhum modo convenham eles aos lados de Cristo, nem os lados a eles. Quando Cristo chamou estes dois moços para que o seguissem, bem sabeis que lhes deu por nome Boanerges, que quer dizer: *Filii tonitrui* (Mc. 3,17): Filhos do trovão. E bem sabeis também que filhos de trovão na frase hebréia é o mesmo que raios, porque os raios são partos do trovão. Parece-vos logo bem que Cristo, quando reinar, esteja no seu trono cercado de raios? Seria muito bom, para que todos fugissem de palácio e ninguém quisesse

<sup>65</sup> O homem, quando estava na honra, não o entendeu (Sl. 48,13).

<sup>66</sup> Eis aí está feito Adão como um de nós (Gên. 3,22).

<sup>67</sup> Foi comparado aos brutos irracionais, e se fez semelhante a eles (Sl. 48,13).

aparecer numa audiência. Quando Deus deu a primeira lei no Monte Sinai entre relâmpagos e raios — porque era lei de rigor — todos fugiam do monte, diziam: *Non loquatur nobis Dominus*<sup>68</sup>, Mas na lei de Cristo, que ele chamou suave, e convida que vão todos a ele: *Venite ad me omnes, jugum enim meum suave est*<sup>69</sup>, não dizem bem os raios com a mansidão e clemência de tão benigno príncipe. Bem seria que tivesse a seu lado tais ministros, que cada resposta sua fosse uma trovoadas, cada olhadura um relâmpago, e cada resolução um raio. Se João é águia e Jacó quer ser como ele, uma águia com um raio na mão dirá muito bem ao lado de Júpiter, mas não ao de Cristo. Em suma, que estes vossos filhos são muito fogosos e muito ardentes, e não se quer tanta bravosidade para os lados do Rei. E por que não cuideis que o nome estrondoso de Boanerges, ou filhos do trovão, tem mais de ruído que de realidade, ou que eu o interpreto contra o natural de vossos filhos, contem eles o que lhes aconteceu em Samaria. Não quiseram os samaritanos que Cristo em certa ocasião se detivesse na sua terra. E qual foi no mesmo instante a braveza e o orgulho do vosso João e do vosso Jacó? *Domine, vis dicimus ut ignis descendat de caelo, et consummat illos* (Lc. 9,54)? Quereis, Senhor, que mandemos descer fogo do céu, que consuma a todos estes? — Vede se eram raios. De sorte que não menos que toda Samaria queriam abrasar com fogo do céu em um momento. Com tais conselhos ou fúrias como estas, em oito dias não haveria mundo, quanto mais monarquia. Voltou-se o Senhor para eles, e o que lhes disse foi: *Nescitis cujos spiritus estis* (Ibid. 55): Não sabeis de cujo espírito sois. — Esse espírito é de Elias, e não meu. E quem não é do espírito de Cristo, como há de estar ao lado de Cristo? Mais espírito, e menos espíritos. Espíritos tão arrebatados, nem os príncipes os têm junto a si, nem eles se contêm em si. E estes são, Salomé, aqueles para quem pedis, não um, senão ambos os lados: *Hi*.

## §V

*Duo: dois. A inconveniência de dois validos. Os dois ministros de Absalão. A união hipostática. A união matrimonial, e a discrepância das vontades e entendimentos. Diferentes juízos de Moisés e Josué ao descenderem do Monte Sinai.*

133. *Duo*. Ainda este *duo* tem maior dissonância. Pretendeis o valimento do rei, e quereis que os validos sejam dois: *duo*? Se convém que os reis tenham valido ou não, é problema que ainda não está decidido entre os políticos. Mas dois validos, ninguém há que tal dissesse nem imaginasse. Se os vossos filhos tiveram lido as Histórias Sagradas e profanas desde o princípio do mundo até hoje, não lhes havia de passar tal coisa pelo

<sup>68</sup> Não nos fale o Senhor (Êx. 20, 19).

<sup>69</sup> Vinde a mim todos, porque o meu jugo é suave (Mt. 11,28.30).



pensamento. Criou Deus a Adão no sexto dia do mundo, para que no governo dele fosse sua imagem; e logo no dia seguinte se diz que descansou Deus, porque os supremos príncipes é bem que tenham uma causa segunda que os represente, e sobre quem descansem. Mas este homem, que se supõe ser em tudo o primeiro homem, há de ser um, e não dois; por isso fez Deus um Adão, e não dois Adões. Entre os caldeus foi primeiro ministro de Nabucodonosor Daniel, mas só Daniel; entre os egípcios, José de Faraó, mas só José; entre os gregos, Efestião de Alexandre, mas só Efestião; entre os persas, Amã e Mardoqueu de Assuero, mas não juntos, senão em diversos tempos, e sempre um só. Se algum exemplo houve de dois juntamente, foi para ruína do rei e perdição da coroa. Nenhum rei teve a seu lado maior e melhor ministro que Absalão quando começou a reinar, porque teve a Aquitofel, cujos conselhos, por testemunho da mesma Escritura Sagrada, eram como oráculos de Deus. E porque Davi quis tirar a coroa a Absalão, como a rei intruso e rebelado, que fez? A traça de que usou como tão prudente foi meter-lhe do outro lado outro ministro, que foi Cusai. E assim sucedeu. Encontraram-se os dois ministros nos pareceres, seguiu Absalão o de Cusai, e não o de Aquitofel, e sendo que com este se conservara sem dúvida, como diz o mesmo texto, porque teve dois, se perdeu.

134. A razão natural deste inconveniente é porque, onde há dois entendimentos, duas vontades, duas naturezas e duas pessoas diferentes, não pode haver união. A união hipostática em Cristo, que foi o maior milagre da sabedoria e onipotência divina, uniu duas naturezas, dois entendimentos e duas vontades. Mas notai que neste mesmo composto, com ser milagroso, as pessoas não são duas, senão uma só. Em uma pessoa, por milagre, podem estar unidas duas naturezas, dois entendimentos e duas vontades; mas em duas pessoas diferentes, — como dois homens: duo — é milagre que nem Deus fez jamais, nem fará. Na Santíssima Trindade há também união deste gênero, por outro modo ainda mais admirável. As pessoas são três realmente distintas, e todas entendem o mesmo e querem o mesmo. Mas ainda que as pessoas são três, as naturezas, os entendimentos e as vontades não são três, senão uma só natureza, um só entendimento e uma só vontade. Vede agora se em dois homens, que as naturezas, os entendimentos, as vontades e as pessoas são diversas, e em tão diversas matérias, como são as que concorrem numa monarquia, poderá haver união, nem concórdia.

135. Para haver união de vontades entre dois sujeitos diferentes, instituiu Deus o matrimônio, do qual disse: *Erunt duo in carne una*<sup>70</sup>. Mas como são dois, posto que atados com tão estreito laço, nem por isso as vontades se deixam atar, ainda onde os motivos são os mesmos. Jacó e Esaú eram filhos do mesmo Isac e da mesma Rebeca. E sendo os motivos os mesmos e tão naturais, Rebeca inclinava a uma parte e amava a Jacó, Isac à outra, e amava a Esaú. E se isto sucede aos pais, só por serem dois, *duo*, que sucederá aos vossos dois, não sendo pais? E como será a sua vontade igual para todos — como deve ser

<sup>70</sup> Serão dois numa carne (Gên. 2, 24).

não sendo filhos, mas estranhos, os que houverem de governar? Os entendimentos não são tão livres como as vontades, mas nem por isso discrepam menos no julgar, ainda quando as informações são as mesmas.

136. Desciam do Monte Sinai Moisés e Josué ao tempo em que nos arraiais de Israel se faziam as festas do novamente fundido e adorado ídolo; ouviram ambos as vozes do que lá soava, mas vede que diferente juízo formaram. A Josué pareceu-lhe que era tumulto de guerra: *Ululatus pugnae auditur in castris*<sup>71</sup>, e a Moisés que não eram trombetas nem caixas, senão muitos que cantavam: *Vocem cantantis ego audio*<sup>72</sup>. De sorte que sendo as vozes as mesmas, e ambos igualmente informados, e pelo próprio sentido por onde se recebem todas as informações, bastou que fossem dois os que ouviam, para que um julgasse uma coisa e outro outra, e não só diferentes, mas contrárias. Um disse: cantam, outro disse: pelejam, e a guerra não estava nos arraiais, senão no juízo dos que ouviram o mesmo. Logo, de nenhum modo convém que na corte de Cristo, como vós a formais na vossa idéia, haja dois primeiros ministros, porque ainda que sejam tão grandes homens como Moisés e Josué — o que dificultosamente se acha- basta somente que sejam dois, para, assim nos entendimentos como nas vontades, ou sempre ou quase sempre andem encontrados. Deixo o apetite natural de querer cada um luzir, em que vem a ser necessidade a divisão, como nos dois primeiros planetas. A lua, para luzir, aparta-se necessariamente do sol, porque se o segue pelos mesmos passos, não aparece. E que entendimento ou vontade há tão reta, que não torça de parecer por aparecer? Quantas vezes folgara um de saber votar o que votou o companheiro, e só porque o voto é alheio, e não seu, vota o contrário? Assim ficaria parado o curso dos negócios, e esta discórdia de pareceres seria a rêmora da monarquia, tudo por serem dois e não um só os que estivessem ao leme: *Duo*.

## §VI

*Filii mei: filhos meus. A fraca significação deste especioso nome que entre os homens se chama irmandade. Caim e Abel. Remo e Rômulo. Os setenta irmãos de Abimelec. Esaú e Jacó.*

137. *Filii mei*. Em dizer que são vossos filhos, estou vendo, Salomé, que desprezais todo este meu discurso, imaginando, como mulher e mãe, que todos os inconvenientes e temores de discórdia se seguram com serem irmãos, posto que sejam dois. São irmãos, e irmãos inteiros, filhos do mesmo pai e da mesma mãe: segura está logo, e está sempre

<sup>71</sup> Um alarido de peleja se está ouvindo no campo (Êx. 32,17).

<sup>72</sup> Eu ouço vozes de quem canta (Êx. 32, 18).

neles a união e concórdia. Ah! senhora, que mal sabeis quão fraca significação é a deste especioso nome que entre os homens se chama irmandade? Basta ser fundado em carne e sangue, para não ter subsistência nem firmeza. Diferente poder é o da ambição, da cobiça, da emulação, da inveja e de todas as outras pestes da união e sociedade humana, com que os mais sagrados vínculos da natureza se profanam e rompem. E como a má semente destes vícios nasce e se dá melhor entre iguais, por isso entre os que nasceram dos mesmos pais é mais natural a discórdia. Da mesma fonte nascemos os rios do Paraíso, e nenhum faz companhia com outro: cada um segue diferente carreira, não só divididos, mas apostos. E se isto se acha na fineza da água, que será no calor do sangue? Diga-o o de Abel, derramando por Caim, e o de Remo por Rômulo. Se dois irmãos, fundadores daquela portentosa cidade, que hoje não cabe no mundo, não couberam juntos na mesma cidade, se dois irmãos primogênitos da natureza, para propagação do gênero humano, não couberam em toda a terra, onde não havia outros, como caberão os vossos dois, e como estarão conformes em um gabinete, onde cada memorial, cada consulta e cada requerimento é uma maçã da discórdia? Ainda que não foram uma só vez, senão setenta vezes irmãos, eu lhes não segurara a paz, nem ainda a vida. Setenta irmãos matou Abimelec, filho ele e eles do famoso Gedeão, só por mandar só. Tão furiosa é a sede de dominar, que ainda entre irmãos se não farta com menos sangue. Onde setenta não estão seguros de um, como o estará um de outro? Eis aqui quão pouco se desfaz a objeção de João e Jacó serem dois, *duo*, com a exceção de serem filhos vossos: *Filii mei*.

138. Se a ambição tão declarada destes mesmos dois irmãos atropela tantos outros respeitos, como lhe podeis esperar união nem concórdia que dure muito tempo? Agora são amigos, agora conformes, agora verdadeiramente irmãos, e só desejam ser companheiros; mas, assim como agora se unem para subir, assim se dividirão para se derrubar. Quantos se uniram para a batalha, que depois se mataram sobre os despojos? A ambição que agora os une, essa mesma os há de apartar depois, e de um lado contra outro lado, como de dois montes apostas, se hão de combater e fazer guerra. Assim como agora excluíram os outros dez apóstolos, assim depois se hão de excluir e impugnar um a outro, e de qualquer que seja a vitória, será vossa a dor e o luto. Oh! queira Deus, Salomé, que estes mesmos lugares, que agora procurais com tanto desejo e empenho, não vos obriguem depois, se os conseguirdes, a maior arrependimento! Não vos fieis do amor de vossos filhos; temei-vos dos seus ciúmes. Lembrai-vos da batalha de Jacó e Esaú dentro no ventre da mesma mãe, que não só eram irmãos, mas gêmeos. Quem vos segurou que Jacó não será Jacó para João, e João para Jacó Esaú? Considerai as penas que causaram à sua mãe estes dois filhos, de que descendemos vossos, e os desgostos que lhe deram antes de nascerem e depois de nascidos. Antes de nascerem, sentindo Rebeca a guerra que se faziam dentro das próprias entranhas, dizia: *Si sic mihi futurum erat; quid necesse fuit concipere* (Gên. 25, 22)? Se tanto trabalho me haviam de dar estes filhos, quanto melhor me fora nunca os haver

concebido! — E depois de nascidos e crescidos, quando Esaú determinou matar a Jacó, ainda disse a mesma Rebeca com maior aflição: *Cur utroque orbabor filio in uno die* (Gên. 27,45)? É possível que em um dia hei de perder e ficar órfã de um e outro filho? — De um e outro disse, e com razão, porque a um havia de chorar morto, e ao outro homicida. O meio que tomou Rebeca, para salvar a vida a ambos, foi desterrar de seus olhos o mais amado, para o livrar das mãos do mais ofendido. E o vosso amor, Salomé, é tão cego que, em vez de apartar os vossos filhos da ocasião, os meteis ou quereis meter no maior perigo. Já que não amais como mãe, nem os amais como filhos, não lhes chameis filhos vossos: *Filii mei*.

## §VII

*Um à direita e outro à esquerda. Qual à direita e qual à esquerda? Benjamim, filho das dores, e filho da mão direita. A preferência, causa da inveja dos irmãos de Moisés e de José. Nada há mais fácil no supremo poder que trocar as mãos, como Jacó abençoando a Manassés e a Efraim. Os êmulos de Daniel.*

140. *Unus ad dexteram, et unus ad sinistram* (Mt. 20,21). Oh! quem me dera saber-vos ponderar o perigo, o precipício, e o labirinto de penas e aflições que envolveis e não vedes nestas palavras! Um quereis à mão direita, outro à esquerda, indiferentemente; e quem vos disse que se acomodará qualquer deles com este partido? Estai certa que ambos esperam a direita, e nenhum quer a esquerda. Jacó cuida que se deve a direita à idade; João está confiado em que se há de dar ao amor, e, sendo força que um seja preferido, como hão de ficar ambos contentes? Se Cristo tivera duas mãos direitas, ainda assim não era segura a igualdade. Mas sendo os lugares desiguais, e a ambição em ambos a mesma, qual dos dois poderá sofrer, ou no outro a preferência, ou em si a desigualdade? Quando a Raquel lhe nasceu o segundo filho — o qual também lhe tirou a vida — pôs-lhe por nome Benoni, que quer dizer o filho das dores, e Jacó, seu pai, lhe mudou logo o nome de Benoni em Benjamim, que quer dizer o filho da mão direita. Mas no caso ou controvérsia presente, em que um dos filhos há de levar a mão direita outro a esquerda, não há dúvida que o filho que for o da mão direita, será também o das dores. O que for o Benjamim do príncipe, será o Benoni do irmão, porque o não poderá sofrer sem a maior de todas as dores, que é o ver-se preferido no lugar quem merecia ou aspirava ao primeiro. Grande foi a dor da mesma Raquel, quando viu preferida a Lia pela idade, e grande a dor de Esaú, quando viu preferido a Jacó pelo amor. E assim como em um e outro caso não bastaram a consolar a justa dor os respeitos da irmandade, assim será na preferência de qualquer dos dois irmãos, ou a faça a idade em Jacó, ou o amor em João. Mas, em qualquer dos filhos que seja a dor, também o será da mãe.

141. Fingi, senhora, que já os tendes um à mão direita, outra à esquerda, mas lembrai-vos que disse Cristo: *Nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua* (Mt. 6, 3): Não saiba a vossa mão esquerda o que fizer a direita. — E se Cristo seguir este seu conselho, e ao irmão que estiver à mão direita comunicar alguns segredos, que não participar ou não fiar ao que estiver à esquerda, qual será a sua dor, qual a sua tristeza, e qual, porventura, a sua inveja, quando não passe a ódio e a vingança? Por que se voltaram Arão e Maria contra seu irmão Moisés, senão porque Deus lhe comunicava os segredos que a eles encobria? Por que matou Caim a seu irmão Abel, senão porque o viu mais bem visto de Deus, e que aceitava com mais agrado os serviços que lhe fazia? Para se ver preferido na confiança e na graça, não há irmandade que tenha paciência. A primeira coisa que ocorre é fazer perder a mesma graça a quem a tem, ainda que ambos se percam. Se os irmãos de José não sofreram uma preferência sonhada, como haverá irmão que a sofra experimentada e conhecida? Não conhece a violência da ambição humana quem presume sofrimento para tamanha dor.

142. Mas adverti que, se a mão esquerda está exposta a estes perigos, nem por isso a mão direita está segura de outros e não menores receios. Não há coisa menos segura que a graça dos príncipes, nem mais fácil no supremo poder que trocar as mãos. Nas matérias de justiça não têm liberdade os reis de inclinar à mão direita nem à esquerda, que assim lho mandou Deus: *Neque declinet ad partem dexteram, vel sinistram*<sup>73</sup>; mas do favor e da graça podem trocar as mãos quando quiserem e quando menos se cuida. Quando José apresentou a Jacó os dois irmãos Manassés e Efraim, filhos seus, para que lhes lançasse a bênção, pôs-lhe à mão direita a Manassés, que era o primogênito, e à esquerda Efraim, que era o segundo; porém Jacó, cruzando e trocando as mãos, a Efraim, que estava à mão esquerda, deu a direita, e a Manassés, que estava à direita, a esquerda. Assim pode trocar as mãos e os lados quem reparte e tem em seu arbítrio a bênção. E isto mesmo que sucedeu àqueles dois irmãos, com serem filhos de José, pode também suceder aos vossos, porque a roda que dá estas voltas não está aos pés da fortuna, como se pinta, senão nas mãos do príncipe, de quem depende.

143. Deste supremo arbítrio se segue que os dois, que tiveram ambos os lados, não só se devem temer um do outro, senão também dos que eles costumam afastar, que são os que estão de fora. De fora estava Mardoqueu, e muito de fora, e de repente entrou no lugar de Amã, não só quando ele o não cuidava, mas quando lhe tinha negociado e prevenido a ruína. Quem vos segurou que vossos filhos, quando consigam os lugares que pretendem, se hão de conservar neles, ou quem os pode segurar a eles da natural ou violenta inconstância dos mesmos lugares? Para a barca em que remavam havia porto e âncora; para os assentos que desejavam não há lugar nem instrumento que os tenha firmes. Como não temerão a mudança nas vontades mais livres e mais mudáveis os que sabem quão facilmente se mudam os ventos? Olhai, que se virem que o príncipe põe os olhos em outro, já não hão de

<sup>73</sup> E não decline nem para a direita nem para a esquerda (Dt. 17, 20).

comer naquele dia nem dormir naquela noite. Olhai, que se o virem falar meia hora, ou ouvir o que eles não ouvirem, já se hão de dar por caídos. Olhai, que tudo o que se fizer bem, não lho hão de atribuir, e de tudo o que suceder mal, hão de ser eles os autores. Considerai neles quantas virtudes quiserdes, mas nenhuma, nem todas juntas bastarão a os livrar do temor, da suspeita, do ciúme e da justa desconfiança, porque contra a inveja não há sagrado.

144. Quiseram os êmulos de Daniel apartá-lo do lado do rei; buscaram algum pretexto ou ocasião para isto: *Quaerebant occasionem ut invenirent Danieli ex latere regis*<sup>74</sup>. E sendo tal a sua inocência na vida, e tal a sua inteireza no ofício que, como testemunha o mesmo texto, nem puderam achar causa nem ainda suspeita: *Nullamque causam et suspicionem reperire potuerunt* (Dan. 6,4). Enfim, não só o derrubaram do lado do rei, mas o meteram no lago dos leões, só porque fazia oração a Deus três vezes no dia: *Tribus temporibus in die flectebat genua sua, et adoraverat coram Deo suo*<sup>75</sup>. Pode haver coisa mais injusta? Pode haver pretexto mais bárbaro? Pois esta causa, que não era causa, e este pretexto, que não podia ser pretexto, foi traçado com tal arte pelos inimigos de Daniel, que nem o rei pôde deixar de o condenar, nem ele de ser tirado do lado e lançado no lago dos leões. Vede agora, senhora, para onde levais ou encaminhais vossos filhos. O que só vos digo sem encarecimento é que, para serem lançados aos leões, não é necessário o lago, basta o lado. O trono de Salomão, que era figura do de Cristo, tinha sete leões de um lado e sete do outro, e estes são os lados que pretendeis para dois filhos, onde há catorze leões para ambos, e sete para cada um. E se me disserdes que os leões do trono de Salomão eram de marfim, eu vos digo que nem por isso são menos para temer. Os leões naturais só têm dentes na boca; os de marfim, todos são dentes. Por isso vemos tão mordidos e tão roídos quantos sobem àqueles lugares. E porque vos não quero cansar mais com os meus reparos, passemos ou paremos já na última palavra ou cláusula do vosso memorial.

## § VIII

In regno: *no reino. Que sabem João e Jacó para governar uma monarquia? Que coisa é um reino? O que diz Jó dos poderosos. Os perigos da corte.*

145. *In regno tuo: no reino vosso. Logo iremos ao vosso; vamos primeiro ao reino. Se vós soubéreis que coisa é um reino e o peso dele, e mais quando carrega sobre causas segundas, eu vos prometo que vos benzereis de tal pensamento, quanto mais desejá-lo para os filhos, a quem tanto bem quereis. Que Hércules é João, ou que Atlante Jacó para*

<sup>74</sup> Buscavam ocasião de acusar a Daniel em coisa que tocasse com o rei (Dan. 6, 4).

<sup>75</sup> Cada dia, em três diferentes horas, se punha de joelhos, e adorava o seu Deus (Dan. 6,10).

tomarem sobre seus ombros uma monarquia? Em que cortes se criaram, que terra viram, que histórias leram, que negócios manejaram? Até falar, e como hão de falar não sabem, porque o tratar com as gentes não se aprende com os peixes mudos. Se com o leme e o remo governavam bem a barquinha, os instrumentos que em pequenos desenhos correm felizmente, reduzidos a máquinas grandes não têm sucesso. Das aranhas aprenderam os pescadores a tomar em redes peixes pequenos: dissei-me ora que tomem com elas baleias! Dissei-me, ou dissei-lhes, que sobre as duas tábuas estroncadas com que passam o lago de Tiberíades, se metam nas ondas do Oceano, onde se perde a terra de vista, e muitas vezes o céu com as tempestades! Pois, estas são as mal-entendidas fortunas que solicitai a vossos filhos. Já que lhes destes a vida, deixai-os viver; já que vos devem o ser, deixai-os ser o que são; já que vos custaram dores, não as queirais acrescentar a eles e mais a vós. As dores com que os paristes filhos passaram; as com que os procurais validos hão de durar toda a vida. — Toda a vida, digo, se eles durarem tanto, que não lhes desejeis fortuna de muita dura. — Se todas as vezes que se embarcavam naquele lago, não se levantava nele mais um sopro de vento, que o vosso coração não flutuasse nas mesmas ondas, como o podereis ter seguro nem quieto, quando os virdes engolfados naquele mar imenso, sempre turbulento, onde tantos fizeram naufrágio?

146. Ouvi o que diz Jó, piloto bem experimentado destes mares, e que neles correu e escapou de ambas as fortunas, posto que nunca delas saiu a terra, não só nu dos vestidos, mas da pele: *Ecce gigantes gemunt sub aquis* (Jó 26,5): Até os gigantes — diz ele — gemem debaixo da água. — Estes gigantes são aqueles que entre os outros homens seus iguais chegam a ser maiores que todos no poder, na privança, na dignidade, no posto. Mas nenhum há tão grande nem tão agigantado, que possa vadear aquele pego, nem tomar pé naquele fundo: por isso todos gemem. E notai que não gemem sobre a água, como o marinheiro ou pescador na tormenta, senão debaixo da água: *Sub aquis gemunt*. Oh! que grande advertência, e quão verdadeira! Quem geme fora da água, respira; quem geme debaixo da água, não pode respirar. É necessário que tape a boca e que afogue os gemidos, para que os mesmos gemidos o não afoguem. *Laboravi in gemitu meo*<sup>76</sup>, dizia Davi, quando servia junto à pessoa de el-rei Saul, porque entre outros muitos desgostos que se tragam na privança, é necessário engolir os gemidos. A tristeza do coração não vos há de sair à cara, e não só haveis de mostrar bom rosto aos favores, senão também aos desprezos e às injúrias. Neste perpétuo martírio de corpo e alma, vede quanta paciência será necessária aos que desejais validos, e se puderam ter bastante cabedal desta virtude em um lugar onde se perdem todas. Oh! como ides enganada, senhora, com as de vossos filhos!

147. O paço a ninguém fez melhor; a muitos que eram bons fez que o não fossem. Lembrai-vos que Moisés deixou o paço de Faraó, tendo nele o lugar de filho, e não de

<sup>76</sup> Trabalhado me vejo no meu gemido (Sl. 6, 7).

criado. Jessé tirou a seu filho Davi do paço de Saul; Barcelai não quis morrer nem viver no paço de Davi, e se o aceitou para seu filho, como vós o desejais para os vossos, foi porque, tão enganado como vós, não conhecia o que é. Bem parece que fostes criada longe da corte e nos ares inocentes das praias de Galiléia. Ide a Jerusalém, para onde agora caminha Cristo, entrai, se vo-lo permitirem as guardas, ou no palácio profano de Herodes, ou no sagrado de Caifás, e naquele tropel e concurso de pretendentes esfaimados — que todos procuram comer, e todos se comem — vereis se entre tanto tumulto pode haver quietação, entre tanta perturbação sossego, entre tanta variedade firmeza, entre tanta mentira verdade, entre tanta negociação justiça, entre tanto respeito inteireza, entre tanta inveja paz, entre tanta adulação e adoração modéstia, temperança, nem ainda fé. Vede, sobretudo, se tanta sede de ambição e cobiça insaciável pode ter satisfação que a farte ou modere, e se a podem dar vossos filhos a tantos que pretendem e batalham sobre a mesma coisa, que, ou se deve negar a todos, ou conceder-se a um só? Daqui se seguem os descontentamentos, as queixas, as murmurações do governo, as arrogâncias dos grandes, as lágrimas, as lamentações dos pequenos, as dissensões, as parcialidades, os ódios, sendo o alvo de todas estas setas envenenadas os que assistem mais chegados ao trono do supremo poder, os que respondem em seu nome, os que declaram seus oráculos, os que distribuem seus decretos. E se isto é o que se experimenta e padece, não em Babilônia ou Nínive, senão em Jerusalém, nem no império dos assírios, persas, gregos ou romanos, senão em uma república tão arruinada hoje, e tão limitada como a de Judéia, que será do reino universal de Cristo: *In regno tuo?*

## §IX

*Tuo: o que encerra esta breve palavra. A grandeza do reino de Cristo. Ainda que da parte do Rei estarão seguros dos perigos, da parte dos súditas e das leis não deixarão de ter grandes dificuldades. Dificuldade das novidades do reino de Cristo.*

148. *Tuo:* dizeis sem advertir ou saber o que encerra esta breve palavra. O profeta Davi diz que o reino de Cristo dominará de mar a mar, e desde o Rio Jordão até os fins da terra; o profeta Isaías, que se lhe sujeitarão e o virão a adorar os do Oriente e os do Ocidente, os do Setentrião e os do Meio-Dia; o profeta Daniel, que todas as gentes, todos os povos, todas as línguas o confessarão, e que será obedecido e servido de todos os reis e monarcas do mundo. Esta é a grandeza do reino. E que capacidade, que talentos vos parece que são necessários para mover com proporção e sustentar os dois pólos de uma máquina tão imensa? Bastará o vosso João e o vosso Jacó, que nunca tomaram compasso na mão, nem viram carta para conhecer as regiões e as gentes, para perceber e entender as línguas, para compreender os negócios de Estado, e de tantos estados, para responder às embaixadas, para aceitar as obediências, para capitular as condições, para estabelecer as



pareias, para ajustar os tratamentos, enfim para concordar as vontades e compor os interesses de todos os reis e príncipes do universo. O certo é que ou não conheceis vossos filhos, ou não tomastes bem as medidas aos postos onde os quereis levantar. José e Daniel, dois sujeitos de tamanha esfera, toda ela empregaram cada um em um só reino: José no do Egito, Daniel no de Babilônia. E que proporção tem uma Babilônia, nem cem Babilônias, um Egito, nem mil Egitos, com o reino e monarquia de Cristo? Dentro em casa temos ainda maior exemplo. Moisés, aquele homem mais que homem, que no nome trazia a divindade e na mão a onipotência, quantas vezes se queixou a Deus de não poder com o peso de um só povo, e povo da sua lei, da sua nação e da sua língua? Aceitou-lhe Deus a escusa, substituiu-lhe o lugar, mas com quem e com quantos? Não com menos que com setenta anciãos do mesmo povo, escolhidos dos maiores e melhores de todo ele. Se para o peso de um reino, que ainda então o não era, foram necessárias setenta colunas tão fortes, como quereis vós que sobre duas tão fracas se sustente aquele imenso edifício, que há de recolher dentro em si tudo quanto rodeiam e cobrem as abobadas do firmamento? Não é frase poética ou minha, senão do profeta Daniel: *Et magnitudo regni quae est subter omne caelum, detur populo sanctorum Altissimi*<sup>77</sup>.

149. Dir-me-eis que no reino de Cristo por seu: *in regno tuo*, não haverá tantos perigos e dificuldades como nos outros, quanto vai de tal rei aos outros reis. No que toca à pessoa, justiça e bondade do rei, tendes razão. A maior desgraça dos privados do rei deste mundo, e o maior precipício das mesmas privanças é serem eles não só ministros do seu governo, senão de suas paixões, aduladores de seus apetites e cúmplices de seus vícios. Assim desprezam e perdem a graça de Deus por não arriscar a dos reis, ou por mais se insinuar e conservar nela. Chegando Abraão a Egito acompanhado de Sara, mulher sua, mas com nome de irmã, as novas que logo levaram ao rei os do seu lado não foram que era chegado à corte um homem santo, senão uma mulher dotada daquelas prendas, que estimam e idolatramos que não são santos. Se el-rei Herodes quer a Herodias, ou el-rei Davi a Bersabé, os privados são os que facilitam os adultérios, e os que por si e por outros aprovam os homicídios. Se o rei é avarento, como Roboão, ou vão, como Assuero, eles são os que aconselham os tributos, eles os que louvam as prodigalidades e celebram as ostentações. Enfim, eles são os adoradores da estátua de Nabuco, e os que servem de lançar lenha e assoprar as fornalhas de Babilônia, ou procurando, ou não fazendo escrúpulo de que nelas se abrasem os inocentes. Isto não haverá no reinado de Cristo, porque da parte do rei tudo será igualdade, justiça, modéstia, temperança. Nem os que assistirem a seu lado se atreverão a abusar ou exceder no poder que lhes for cometido, que só será o justo e necessário. Não se vingará Amã com a mão real dos agravos de Mardoqueu, nem as invejas de Doeg com a lança de Saul, nem os ódios de Joab com a dissimulação de Davi.

<sup>77</sup> E a grandeza do reino que está debaixo de todo o céu seja dada ao povo dos santos do Altíssimo (Dan. 7,27).

Mas ainda que da parte do rei estarão, os que estiverem ao lado de Cristo, seguros destes perigos, da parte dos súditos e das leis não deixarão de ter grandes dificuldades que vencer e grandes repugnâncias que contrastar.

150. Está profetizado que no reinado de Cristo tudo será novo: *Ecce nova facio omnia* (Apc. 21,5). E novidades, ainda que sejam úteis, bem vedes quão dificultosas são de introduzir. Se se há de fundir de novo o mundo, é força que se desfaça e derreta primeiro, e isto não pode ser sem fogo, o mais violento de todos os elementos. Está profetizado — e assim o publicou em nossos dias o precursor do mesmo Cristo — que os vales se encherão, e os montes e outeiros serão abatidos, e não alguns, senão todos: *Omnis vallis implebitur, et omnis mons et collis humiliabitur*. E abater os grandes e levantar os pequenos, em tanta desigualdade de nascimentos e de fortunas, e fazer que pequenos e grandes todos sejam iguais, quem será tão valente e animoso, que tome sobre si esta conquista? Se os cavadores da vinha não sofreram que os igualassem, sem lhes tirarem nada do que lhes deviam, quem reduzirá a esta moderação a arrogância, a soberba e a inchação dos grandes do mundo, que cuidam que tudo lhes é devido, e a ninguém dão o que se lhe deve? Está profetizado que no mesmo reinado o lobo morará com o cordeiro, e que o leão, como o boi comerá palha: *Habitabit lupus cum agno, et leo, quasi bos, comedet paleas* (Is. 11,6 s). Mas quem poderá conter a voracidade do lobo a que observe esta abstinência, e a ferocidade e gula real do leão a que se sustente, como o boi, da eira, não da montaria e do bosque? A lei não pode ser mais justa nem mais benigna, porque assaz indulgência e favor se faz ao leão, que passeia e não trabalha, em que coma igualmente à custa do boi, o que ele, puxando pelo arado, pela grade, pelo carro e pela trilha, começou e acabou com tanto trabalho. Mas como este mau foro está tão introduzido pelo costume e tão canonizado pelo tempo, que zelo, que força e que resolução haverá de ministros tão intrépidos e constantes, que contra tão poderosos contrários a pratique, a estabeleça e a defenda? Assim que, senhora, deixando o muito que ainda pudera dizer, e resumindo o que tenho dito, nem ao crédito do rei, nem ao bem do reino, nem a vós, nem a vossos filhos convém que os lugares que para eles pedis se lhes concedam, e ainda que lhos dessem sem os pedir, os aceitem. Pelo que, se o peso de todas estas razões tem convosco alguma autoridade, o meu conselho e parecer é que vós mesma vos despacheis como mais breve, mais fácil e mais seguro despacho, que é não desejar, nem pretender, nem pedir.

## §X

*Conclusão: se em todos os memoriais se fizessem semelhantes considerações, os memoriais seriam menos, e os reis e ministros menos importunados.*

151. Estes são, senhor, os reparos — e não todos — que respondendo à mãe dos

Zebedeus se me ofereceram contra o seu memorial. Se em todos se fizessem semelhantes considerações, e tão verdadeiras, pode ser que os memoriais e os pretendentes seriam menos, e os reis e os ministros menos importunados. Duvidei se sairia a público com os ditos reparos, como fiz neste discurso, receando que se me poderia imputar a crime quase de lesa-majestade, por parecer com estes desenganos, ou apartava os vassallos do serviço real, ou os exortava a isso. Mas finalmente me resolvi a não calar o que fica dito, satisfazendo a este escrúpulo com um dilema que tenho por certo: ou os que me ouviram se hão de persuadir, ou não. Se não se persuadirem, ficaremos no mesmo estado, e haverá muitos que pretendam estes lugares; se se persuadirem — o que não espero — ninguém os apetecerá nem procurará. E quando estes lugares não forem apetecidos nem procurados, então será Vossa Majestade mais bem servido.

## SERMÃO DE SANTO AGOSTINHO

PREGADO NA SUA IGREJA E CONVENTO DE S. VICENTE DE FORA, EM LISBOA, ANO DE 1648

*Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est*<sup>1</sup>

### §I

*Temos hoje o Evangelho aplicado a Santo Agostinho, explicado por Santo Agostinho, e implicado com Santo Agostinho, enquanto doutor e enquanto santo. No Evangelho, a perfeita idéia de um prelado eclesiástico. Os livros de Santo Agostinho contrariam a admoestação do Evangelho.*

152. Ao maior santo entre os doutores e ao maior doutor entre os santos celebra neste grande teatro, como a pai, a primogênita de suas famílias. O Evangelho que nesta solenidade canta a Igreja, não só no-lo propõe aplicado a Santo Agostinho, senão também explicado por Santo Agostinho. Eu, porém, venerando uma e outra coisa quanto devo, assim na aplicação como na explicação, acho uma implicação não pequena. De sorte que temos hoje o Evangelho aplicado a Agostinho, explicado por Agostinho, e implicado com Agostinho. Mas de que modo, ou em que parte implicado? Não menos que nas partes essenciais do mesmo Evangelho e nas duas excelências maiores do mesmo Santo

---

<sup>1</sup> Assim luz a vossa luz diante dos homens, para que eles vejam as vossas boas obras, e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt. 5, 16).

Agostinho, que são as duas com que dei princípio ao sermão. Implicado o Evangelho com Agostinho enquanto doutor, e implicado com Agostinho enquanto santo. Estai comigo.

153. O intento de Cristo, Senhor nosso, em todo este Evangelho, é formar a perfeita idéia de um prelado eclesiástico e apostólico. Esta idéia se compõe indistintamente de duas partes ou qualidades essenciais: de ciência, porque deve ser douto, e de virtude, porque deve ser santo. Se tem virtude sem ciência, será santo; se tem ciência sem virtude, será douto, mas em falta de qualquer delas, não será verdadeiro prelado. E que seria se acaso lhe faltassem ambas? Bastará, porém, que seja douto só pela ciência, e santo só pela virtude? Não. Bem pode o prelado ser douto e santo, e não ser bom prelado, porque pode ser douto e santo para si e não para os outros. Há de ser de tal maneira douto, que seja douto e doutor, e de tal maneira santo, que seja santo e santificador. Isso quer dizer: *Qui fecerit et docuerit*<sup>2</sup>: doutor ensinando, e santificador fazendo. Para ensinar lhe é necessária a ciência, com que seja a doutrina sã; para fazer, é-lhe necessária a virtude, com que sejam boas as obras. Mas essas obras e essa ciência não hão de ser ocultas e que se não vejam, senão públicas e não manifestas a todos: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt*<sup>3</sup>. Pública e manifesta a ciência, para que alumie com a luz de doutrina: *Sic luceat lux vestra coram omnibus*; e públicas e manifestas as obras, para que edifique com exemplo da vida: *Ut videant opera vestra bona*<sup>4</sup>. Finalmente uma e outra, assim a vida como a doutrina, não hão de ser para crédito ou estimação própria, que seria vaidade e terra, mas para honra e glória do Padre que está no céu: *Et glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est*<sup>5</sup>.

154. Este é o sentido natural das palavras que propus, e este em suma o intento e discurso de todo o Evangelho, explicado em várias partes por Santo Agostinho, tão sólida e tão propriamente como ele costuma. Mas, se aplicarmos o mesmo Evangelho ao mesmo Santo Agostinho, achá-lo-emos, como dizia, totalmente implicado com ele. Se abirdes os livros de Santo Agostinho, achareis que o primeiro tem por título: *Livro das Retratações de Agostinho*, nas quais o mesmo santo declara muito miudamente todos os erros e ignorâncias — como ele lhes chama — que com menos acerto tinha escrito. Se passarmos ao segundo livro, achareis que da mesma maneira tem por título: *Livro das Confissões de Agostinho*, nas quais o santo, com a mesma miudeza, declara e manifesta todos os pecados de sua vida. Pois, se o Evangelho manda a todos os prelados que publiquem e manifestem a sua ciência e doutrina, a sua virtude e as suas boas obras, como publica e manifesta Agostinho, em lugar da sua ciência, as suas ignorâncias, e em lugar das suas boas obras, os seus pecados? Logo, ou este Evangelho se não aplica bem a Agostinho, ou temos

<sup>2</sup> O que os guardar e ensinar a guardá-los (Mt. 5, 19).

<sup>3</sup> Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas põem-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa (Mt. 5,15).

<sup>4</sup> Para que eles vejam as vossas boas obras (Mt. 5,16).

<sup>5</sup> E glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt. 5, 16).

Agostinho implicado com o Evangelho. Para desfazer estas duas implicações, tenho necessidade hoje de dobrada graça. *Ave Maria.*

## §II

*No Livro das Confissões, as erratas da vida, e no Livro das Retratações, as erratas da doutrina. O verdadeiro retrato de Agostinho. O pecado e a ignorância, duas misérias de que foi isenta a humanidade de Cristo. Se o Evangelho manda a Agostinho resplandecer com ciência e doutrina, como põe em público erros e ignorâncias?*

*Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est.*

155. Faz Santo Agostinho os dois livros de suas retratações e de suas confissões, e estes foram os que pôs no rosto de todas suas obras. Na primeira folha dos livros, se costumam pôr as erratas do impressor, e Agostinho, com nova e não imitada invenção, pôs as erratas do autor: no Livro das Confissões, as erratas da vida; no das Retratações, as da doutrina. Eu chamara-lhe o *Index rerum notabilium*<sup>6</sup>, porque, sendo as coisas que se lêem em todos os livros de Santo Agostinho tão altas, tão sublimes, tão divinas, estas duas são as mais notáveis de todas. Muitos há que, não contentes com pôr o seu nome ainda nos livros que escrevem do desprezo da fama, como notou Cícero, querendo não só ser lidas, mas vistos, põem na primeira estampa o seu retrato. E isto, que faz a vaidade em tantos que não merecem nome de autores, fez no mais celebrado autor da Igreja a modéstia e a humanidade. Os corpos retratam-se com o pincel, as almas com a pena, e estes dois livros, na minha opinião, são a *vera effigies* da alma de Agostinho. Pediram a S. Paulino que se deixasse retratar, e ele, que também tinha dado a primeira parte da vida ao mundo, como a segunda a Cristo, respondeu: *Vel cupitís depingere meum veterem hominem, vel novum: si veterem, ille deformis est, nec pictura, sed latebris dignum; si novum, ille nondum perfectus est.* Ou me quereis retratar na primeira idade, ou na segunda: se na primeira, é muito feia, e mais digna de se esconder que de se pintar; se na segunda, ainda está muito imperfeita, e não quero que me retrateis. — Porém, Agostinho, posto que grande amigo de Paulino, tomou tão diferente conselho, que tudo o que achou na sua vida mais feio e mais disforme, e na sua doutrina menos proporcionado, isto é o que pintou por sua própria mão não só com as cores mais certas, senão também com as mais vivas.

156. No livro de suas *Confissões* publicou Santo Agostinho os seus pecados, e no Livro de suas Retratações as suas ignorâncias, e só quem compreender quão feia coisa é o pecado, e quão indecente a ignorância, poderá avaliar, como merece, estas duas ações de Agostinho. A maior ação de Deus, fazer-se homem, e a maior fineza desta ação não

<sup>6</sup> Índice das coisas mais notáveis.

consistiu tanto em tomar a nossa natureza, quanto em tomar a nossa semelhança: *In similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo*<sup>7</sup>. Não tomou Deus a natureza humana como a tinha dado a Adão, senão como a achou depois dele, caída de seu primeiro estado, e sujeita a tantas e tão pesadas misérias. Sujeitou-se a nascer, a morrer e a viver — que não é menos — a trabalhar, a cansar, a suar, a dores, a tristezas, a lágrimas, a ser perseguido, a ser afrontado, a ser crucificado. Mas com se sujeitar a todo este abismo de misérias e baixezas — porque, como diz S. Paulo: *Debuit per omnia fratribus similari*<sup>8</sup> — excetuam-se contudo duas de que foi totalmente isenta e privilegiada a humanidade de Cristo. E quais foram? O pecado e a ignorância, porque é tão feia coisa o pecado, e a ignorância tão indecente que, ainda no caso que fosse possível, de nenhum modo era tolerável que em uma humanidade unida a Deus houvesse pecado ou ignorância. Sendo pois tal fealdade a do pecado, e tal indecência a da ignorância, que Agostinho, por sua vontade e eleição, tome estes dois assuntos e se ponha a escrever muito de propósito dois livros, um de seus pecados, outro de suas ignorâncias, e que, depois de escritos, os divulgue e faça públicos a todo o mundo? Para defender culpas ou ignorâncias se têm escrito muitas apologias e manifestos, mas para as confessar e publicar, só Agostinho o fez. Comecei a ponderar estas duas ações por louvor, e já me parece que hão mister desculpa, e não fácil.

157. Dir-me-ão — como eu dizia — por parte de Agostinho, que foram efeitos de humildade; mas esta resposta se impugna facilmente do que acabamos de dizer. A virtude própria e por antonomásia de Cristo é a humildade: *Ut inhabitet in me virtus Christi*<sup>9</sup>. A virtude que particularmente veio Cristo ensinar ao mundo, e de que professou ser mestre, é a humildade: *Discite a me, quia mitis sum et humilis corde*<sup>10</sup>. E a humildade de Cristo não só foi a maior, senão a suma humildade. E, contudo, não teve pecado nem ignorância. Logo, calando Agostinho seus pecados e suas ignorâncias, ainda que as tivesse, podia ser perfeitamente humilde. Quanto mais que contra preceito não há virtude, e contra estes dois atos ou excessos de humildade estavam os dois preceitos do Evangelho que ouvimos: contra a publicação dos pecados, o do exemplo, e contra a publicação das ignorâncias, o da doutrina. Pois, se o Evangelho manda a Agostinho resplandecer com ciência e doutrina, como põe em público erros e ignorâncias? Se lhe manda que alumie com exemplo e boas obras, como publica vícios e pecados? Encubra os erros, para que não eclipsem a doutrina, esconda os pecados, para que não escureçam o exemplo. E pois uma das admiráveis obras de Santo Agostinho foi a concórdia e explicação do Evangelho, não seja o mesmo Agostinho a discórdia e implicação dele.

<sup>7</sup> Fazendo-se semelhante aos homens, e sendo reconhecido na condição como homem (Flp. 2, 7)

<sup>8</sup> Foi conveniente que ele se fizesse em tudo semelhante a seus irmãos (Hbr. 2, 17)

<sup>9</sup> Para que habite em mim a virtude de Cristo (2 Cor. 12, 9)

<sup>10</sup> Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração (Mi. 1, 29)

## §III

*Tudo o que em Agostinho parece implicação do Evangelho, não foi implicação, foi amplificação. Agostinho amplificou o Evangelho, porque não só luziu com a luz, senão também com as trevas, aprendendo a maravilhosa filosofia do céu. O testemunho da luz e o testemunho das trevas no nascimento e morte de Cristo. Ainda como o céu, Agostinho não só glorifica a Deus com obras não boas, como as trevas, senão também com obras mas.*

158. Ora, senhores, para que acabemos de ter suspenso o juízo, tudo isto que em Santo Agostinho parece implicação do Evangelho não foi implicação, foi amplificação. Assim que não temos o Evangelho implicado com Agostinho, senão amplificado por Agostinho. O Evangelho manda que os que são luz da Igreja alumiem com a ciência e com a virtude, com a doutrina e com o exemplo; e Agostinho, amplificando este mesmo preceito, e excedendo os limites dele, não só alumiu o mundo com as suas ciências, senão também com suas ignorâncias; não só com as suas virtudes, senão também com os seus pecados. Com as suas ignorâncias, porque das mesmas ignorâncias fez doutrina; com seus pecados, porque dos mesmos pecados fez exemplo. E sendo as ignorâncias e os pecados trevas, das mesmas trevas fez luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus.*

159. Cristo, Senhor nosso, neste preceito, quando mandou aos varões apostólicos que luzissem, nomeadamente lhes disse com que haviam de luzir e como: quanto ao primeiro, que o instrumento de luzir fosse a luz: *Luceat lux vestra*; quanto ao segundo, que o modo de luzir fosse tal que dele se seguisse a glória de Deus: *Sic, ut glorificent Patrem vestrum.* E Agostinho, que fez? Guardou o modo e amplificou o instrumento. Amplificou o instrumento, porque não só luziu com a luz, senão também com as trevas, e guardou em um e outro luzir o modo, porque assim com a luz, como com as trevas conseguiu a glória de Deus. Não acho coisa semelhante na terra, mas no céu, donde Agostinho tomou esta maravilhosa filosofia, sim: *Caeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum* (Sl. 18,2): Os céus, diz Davi, estão sempre apregoando as glórias de Deus, e o firmamento publicando as obras de suas mãos. — E que obras de Deus são estas, que o céu publica e toma por instrumento de sua glória? Admiravelmente ao nosso intento o texto: *Dies diei eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam*<sup>11</sup>. As obras com que o céu publica e apregoa a glória de Deus são o dia e a noite. Pois, a noite escura e feia, também entra em coro com o dia claro e formoso para glorificar a Deus? Sim, porque o dia glorifica a Deus com a luz, e a noite com as trevas, e tanta glória se pode dar a Deus com as trevas como com a luz. Assim o cantaram a três vozes na fornalha de Babilônia os três meninos:

<sup>11</sup> Um dia diz uma palavra a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite (Sl. 18,3).

*Benedicite noctes et dies Domino: benedicite lux et tenebrae Domino*<sup>12</sup>. Assim o fez com ação singular Agostinho, que não só com a luz de suas ciências e virtudes, senão também com as trevas de suas ignorâncias e pecados glorificou e ensinou a glorificar a Deus: *ut glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est*.

160. Mais diz e mais quer o Evangelho. Declarando como há de ser esta luz: *Sic luceat lux vestra*, diz que há de ser como a tocha acesa, que não se acende para se esconder, senão para alumiar a todos: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt*<sup>13</sup>. Porém Agostinho, amplificando o Evangelho, também nesta semelhança, não só luziu e alumiou o mundo com a tocha acesa, senão com a tocha apagada. Tornemos ao céu. No dia do nascimento de Cristo acendeu o céu uma tocha, e no dia de sua morte apagou outra. A tocha que acendeu no dia do nascimento foi a estrela nova que apareceu e guiou os magos; a tocha que apagou no dia da morte foi o sol que se eclipsou e escureceu o mundo, desde que o Senhor foi levantado na cruz, até que expirou nela. E que mistério teve o céu para sair em dois dias tão notáveis com dois prodígios tão encontrados? O reparo foi do nosso Santo Agostinho, no sermão trinta *De tempore*; a resposta — para que não seja em causa própria — é de S. Pedro Damiano, por estas palavras: *Habuit testimonium lucis, quia claritas stellae illustravit Magos; et habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebrae factae sunt super universam terram*<sup>14</sup>. Acendeu o céu uma tocha e apagou outra, quando Cristo entrou e saiu salvo deste mundo, para que o Senhor, em glória e abono de sua divindade, não só tivesse o testemunho da luz, senão também o testemunho das trevas: *Testimonium lucis et testimonium tenebrarum*. Pois as trevas, cujo efeito é escurecer, também podem alumiar e dar testemunho? Também, e tanto mais qualificado, quando o sujeito que se escurece for mais luminoso, como é o sol. A estrela testemunhou luzindo, o sol testemunhou escurecendo-se, e foi tanto mais eficaz o testemunho do sol que o da estrela, que a estrela, luzindo, alumiou três homens, e o sol, escurecendo-se, alumiou o mundo. No caso e questão em que estamos, a uma vista parece Agostinho tocha acesa, a outra, tocha apagada; na sua ciência e doutrina, nas suas virtudes e no seu exemplo, tocha acesa; no manifesto de suas ignorâncias, e na publicação de seus pecados, tocha apagada; mas assim havia de ser para que glorificasse a Deus com o testemunho de sua luz e com o testemunho de suas trevas: *Habuit testimonium lucis et testimonium tenebrarum*. Adverti, porém, que no testemunho da luz, luzindo com as ciências e virtudes, alumiou Agostinho como estrela, porque isso fizeram outros santos; porém, no testemunho das trevas, escurecendo-se com as ignorâncias e pecados, alumiou como sol, porque foi ação singular só de Agostinho. Os outros estreitaram-se com o Evangelho, Agostinho amplificou-o.

<sup>12</sup> Noites e dias bendizei o Senhor, luze trevas bendizei o Senhor (Dan. 3,71 s).

<sup>13</sup> Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas poem-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa (Mt. 5,15).

<sup>14</sup> Petr. Dam. Serm. de Epiph.



161. Resta a maior e mais apertada oposição do mesmo Evangelho, mas também dela sairá Agostinho com maior amplificação. Determinando mais apertada e individualmente o Evangelho quais devem ser os raios ou os resplendores da luz que encomenda, diz que hão de ser boas obras de tal modo manifestas aos homens, que todos as vejam, e glorifiquem a Deus por elas: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum qui in caelis est* (Mt. 5, 16). Ainda nos é necessário tornar ao céu, e seja sobre o texto já alegado de Davi, em que nos ficou por ponderar um grande e oculto mistério. Se o céu, para glorificar a Deus, publica suas obras: *Caeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum* (Sl. 18, 2), como conta entre as obras de Deus a noite e as trevas, que ainda que sejam obras de Deus impropriamente, propriissimamente não são boas. As trevas são negação de luz, e as negações não têm nem podem ter bondade, porque não têm ser. A mesma Escritura o significou claramente na criação de uma e outras. Quando fala da luz, diz que viu Deus a luz que era boa: *Facta est lux, et vidit Deus lucem quod esset bona* (Gên. 1, 35). Pelo contrário, quando fala das trevas, que já eram antes da luz: *Et tenebrae erant super faciem abyssi*<sup>15</sup>, não diz que visse Deus as trevas ou dissesse, que eram boas. E por quê? Porque a luz, como tem ser, e tão excelente ser, tem bondade e é boa; porém as trevas, como são negação e não têm ser, não podem ter bondade nem são boas. Pois, se as trevas não são boas, por que as publica o céu entre as obras que glorificam a Deus? Também o céu, para amplificar a glória de Deus, parece que quis amplificar o Evangelho, mas não tão heroicamente como Agostinho. O Evangelho diz aos prelados que façam boas obras, para que por elas seja glorificado Deus: *Ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum*. O céu deu um passo mais adiante, e querendo glorificar a Deus com obras: *Et opera manuum ejus annuntiat firmamentum*, acrescentou obras que propriamente não são boas, quais são as trevas e a noite: *Et nox indicat scientiam*. Porém Agostinho, lançando a barra além de tudo o que parecia impossível, achou modo com que glorificar a Deus até com obras verdadeira e propriamente más, quais são erros e pecados. De sorte que o Evangelho mandou glorificar a Deus com obras boas, o céu passou a glorificar a Deus com obras não boas, e Agostinho chegou a glorificar a Deus, não só com obras não boas, senão também com obras más. E isto é o que conseguiu por modo novo e inaudito, saindo à luz com os dois livros de suas Confissões e Retratações não contra, mas sobre o mesmo preceito, que falando com ele dizia: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, et glorificent Patrem vestrum, qui in caelis est*.

#### §IV

*No Livro das Confissões S. Agostinho, exceção do Evangelho, dos pecados fez*

<sup>15</sup> E as trevas cobriam a face do abismo (Gên. 1, 2).

*exemplos, e no Livro das Retratações, das ignorâncias fez doutrina. Jó e Tamar e a vergonha do pecado. Tertuliano e o artifício de se encobrir. Santo Agostinho prova que o que se deve aborrecer é o mal, e não a luz.*

162. Temos visto ou dito em comum como Santo Agostinho, amplificando o Evangelho, não só alumiou com a luz, senão também com as trevas, podendo-se-lhe aplicar gloriosamente o que só se diz de Deus, que as suas trevas são como a sua luz: *Sicut tenebrae ejus, ita et lumen ejus*<sup>16</sup>. Temos visto que não só alumiou com a tocha acesa, senão com a tocha apagada, excedendo também o Evangelho, no qual as virgens que tinham as lâmpadas acesas entraram às bodas, e as que as tiveram apagadas ficaram de fora. Temos visto como, não só alumiou com as boas obras, senão também com as más, saindo com elas à luz, e sendo exceção do Evangelho, que diz: *Omnis qui male agit odit lucem, ut non arguantur opera ejus* (Jo. 3,20): Todos os que obram mal aborrecem a luz, por que não sejam argüidas suas obras. Segue-se que vejamos agora como isso foi ou pôde ser, porque não parece fácil. Se o Livro das Confissões contém vícios e pecados, como pode Agostinho, com vícios e pecados, alumiar viciosos e pecadores? Se o Livro das Retratações contém erros e ignorâncias, como pode Agostinho, com erros e ignorâncias, alumiar errados e ignorantes? Tudo isto pôde fazer e fez Agostinho, e não só de qualquer modo, senão pelo mesmo modo com que Cristo no Evangelho lhe mandou que alumiasse os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*. O modo com que Cristo e o Evangelho lhe mandou que alumiasse os homens foi com exemplo e doutrina, e este mesmo foi o modo com que Agostinho alumiou, porque no Livro das Confissões, dos pecados fez exemplos, e no Livro das Retratações, das ignorâncias fez doutrina. Isto é o que agora havemos de ver; e porque Agostinho dividiu estes dois assuntos em dois livros, nós também, para maior distinção e clareza, os dividiremos em duas partes.

163. Começando pela primeira, não há coisa mais natural ao homem, que esconder e encobrir seus pecados. Naquela famosa disputa que os três amigos de Jó tiveram com ele, todo o seu intento ou teima foi que todos os trabalhos que padecia Jó eram em pena de seus pecados, defendendo-se pelo contrário Jó que padecia inocente. A este fim fez um grande aranzel de todas suas virtudes e boas obras, concluindo que, se tivera pecados, haviam de ser públicos e sabidos, porque ele nunca encobriria pecados: *Si abscondi, quasi homo, peccatum meum*<sup>17</sup>. Nestas palavras tem grande mistério e é digna de grande reparo aquela exclusiva: *quasi homo*; não só diz que não escondeu seus pecados, senão que os não escondeu como homem. Para qualificar Jó sua inocência, bastava dizer que não tinha pecados; para provar que os não tinha com o testemunho público, bastava dizer que nunca os escondera; pois, por que acrescenta que os não escondeu como homem: *Si abscondi*

<sup>16</sup> As trevas da noite são como a luz do dia (Sl. 1 38,12).

<sup>17</sup> Se encobri como homem o meu pecado (Sl. 31, 33)

*quasi homo, peccatum meum?* Porque não há coisa mais natural ao homem que esconder e encobrir seus pecados. O pecado é malícia ou fragilidade; o esconder o pecado é natureza. O primeiro homem que pecou foi Adão. E qual foi o primeiro efeito do primeiro pecado? Esconder-se e encobrir-se. Não havia então no mundo outros olhos de que Adão se houvesse de esconder e encobrir, senão os olhos de Deus, e até dos olhos de Deus se quis esconder e encobrir, tanto que pecou. Quando Tamar se foi encontrar com Judas, primeiro fundador e cabeça da tribo real, do qual concebeu a Farés e Zarã, diz o texto sagrado, que vendo-a Judas, suspeitou que era mulher de mau trato: *Suspicatus est esse meretricem* (Gên. 38,15). E por que, ou donde o coligiu? *Operuerat enim vultum suum, ne agnosceretur*: porque levava coberto o rosto para não ser conhecida. Vejam lá as tapadas as conseqüências que descobrem, quando assim se cobrem.

164. A razão de ser tão natural ao homem o encobrir e esconder o pecado deu Quintiliano, e é porque ninguém é tão mau que o queira parecer: *Non quisquam tam malus, ut malus videri velit*. E deste princípio formou Tertuliano um valente argumento em defesa dos cristãos contra os tiranos<sup>18</sup>. Ide aos vossos cárceres, diz ele, onde tendes presos ladrões, homicidas, adúlteros e cristãos, e inquiri de uns e outros os seus delitos: ao cristão, se lhe perguntais se é cristão, responde logo que sim; o ladrão, o homicida, o adúltero, ainda nos tormentos, nega. E qual é a causa por que estes negam e aqueles não? Porque o que é mal e pecado, ninguém quer que seja seu: *Nolunt enim suum esse, quod malum est*. Segue-se, logo, que o ser cristão não é mal, nem pecado, porque se o fora eles o encobriram e o negaram. E assim conclui: *Quid hoc mali est, quod naturalia mali non habet? Timorem, pudorem, tergiversationem?* Que mal ou que pecado é logo este, em que se não acha o natural de todo o pecado, que é o cuidado e artifício de se encobrir, e o temor e vergonha de se confessar? — E como é tão natural ao homem o encobrir e esconder seus pecados, por isso Agostinho escreveu o Livro das suas Confissões, em que descobriu, publicou e manifestou a todo o mundo os seus pecados, para tirar do mesmo mundo este impedimento da salvação, e persuadir com seu exemplo aos homens a confessar e não encobrir os seus. Pouco há, que dizia Cristo: *Omnis qui male agit odit lucem*: Todo o homem que faz mal aborrece a luz — e Agostinho, como exceção de todos os homens, tirou à luz todo o mal que tinha feito, para que nele tomassem exemplo do que devem fazer os que fazem mal. Vede a diferença de Agostinho, e a sem-razão dos outros homens. Os outros homens, quando fazem mal, aborrecem a luz, sendo que haviam de aborrecer o mal, e aborrecer também a quem o faz; mas, em vez de aborrecerem o mal, aborrecem a luz, porque ela descobre o mal, e eles, sendo maus, querem parecer bons. Para emendar pois esta sem-razão, e para pôr em seu lugar este mal aplicado aborrecimento, sai Agostinho à luz com quantos males tinha feito em sua vida, para que entendessem os homem que o que se há de aborrecer é o mal, e não a luz, e que o mal encoberto é a enfermidade, e a luz que o

<sup>18</sup> *Tertul adversus Gent.*

descobre, o remédio.

## §V

*O preceito da Confissão, remédio do pecado e o Livro das Confissões. Pecados perdoados e pecados cobertos. Davi, arrependido, pedia remédio para si; Agostinho escrevia para remédio de todos. A escritura de Cristo e o livro de Agostinho. Jó e a afronta do Juízo universal. Paralelo entre o Juízo universal e as Confissões de Agostinho.*

165. Para remédio do pecado, instituiu Cristo, Senhor nosso, o Sacramento da Confissão, e este é o maior argumento ou maior encarecimento da grande repugnância natural que o homem tem a descobrir seus pecados, porque, castigando-os Deus justamente com pena eterna, por serem ofensas de majestade infinita, o mesmo Deus achou que ficavam bem comutadas todas estas penas em um homem confessar seus pecados a outro homem. Mas daqui mesmo se vê quão admirável e verdadeiramente estupenda foi a resolução de Agostinho no livro que escreveu de suas Confissões, e quão eficaz e superabundante foi o exemplo que deu com seus pecados, para vencer a repugnância, para animar o temor e para facilitar o pejo natural que a fraqueza humana tem de confessar os seus. Que um homem confesse e descubra seus pecados para alcançar o perdão deles, é comprar a graça de Deus por seu justo preço. Porém, Agostinho que, depois de ter sido pecador, se batizou sendo de idade de trinta e três anos, não confessou publicamente seus pecados para se pôr em graça de Deus, porque já a tinha, nem para alcançar o perdão deles, porque já estavam perdoados. Falando São Paulo deste perdão e desta graça, diz com Davi: *Beati quorum remissae sunt iniquitates, et quorum tecta sunt peccata* (Sl. 31, 1): bem-aventurados aqueles a quem estão perdoadas suas maldades, e que têm cobertos seus pecados. — A inteligência deste texto, já em tempo de Santo Agostinho, foi mui controversa entre católicos e hereges, pela distinção que o Apóstolo faz entre pecados perdoados e cobertos. Se pecados perdoados e cobertos são duas coisas distintas, em que consiste o estarem perdoados: *Quorum remissae sunt iniquitates*? Em que consiste o estarem cobertos: *Quorum tecta sunt peccata*? Deixadas muitas questões que aqui se envolvem, falou o Apóstolo como divino teólogo, porque no perdão e absolvição dos pecados concorrem duas coisas: a remissão das culpas — que por outros termos se chama condonação e a infusão da graça; pela remissão da culpa, ficam os pecados perdoados: *Remissae sunt iniquitates*; pela infusão da graça ficam cobertos: *Tecta sunt peccata*. E que Agostinho, tendo os seus pecados perdoados e cobertos, os torne a descobrir, sem obrigação nem necessidade, só para que os outros os não encubram, julgai se foi grande exemplo o que deu com seus pecados.

166. Mais. O preceito com que Deus manda ao cristão que confesse todos seus pecados, sobre ser debaixo de inviolável sigilo, é com tal cautela e com tanta atenção ao crédito do mesmo que os confessa, que a ninguém obriga que escreva seus pecados, ainda

que por falta ou fraqueza de memória os não houvesse de confessar todos. E o motivo desta limitação é o perigo que tem um papel de se perder casualmente e passar a outras mãos. Porém Agostinho, acrescentando exemplo sobre exemplo, não só sem temor, mas com desejo de que seus pecados andassem nas mãos e nos olhos de todos, por isso mesmo os escreveu. E como os escreveu? Na língua mais vulgar e geral do mundo, e não por cifras ou metáforas, mas estendida e declaradamente, e com a ponderação de todas as circunstâncias deles, mais viva ainda que do seu entendimento, porque era maior que o seu entendimento a sua dor, e igual à sua dor o seu zelo dos pecados alheios. Considerai-me a Davi chorando e orando, e a Agostinho chorando e escrevendo, e vede no mesmo caso que diferentes foram os afetos destas duas grandes almas. Davi, vendo os seus pecados escritos nos livros de Deus, pedia a Deus que os riscasse: *Dele iniquitatem meam*<sup>19</sup>; e Agostinho, sabendo que os seus pecados estavam já riscados nos livros de Deus, pelo Batismo, escrevia-os de novo. Mas Davi pedia remédio para si, e Agostinho escrevia para remédio de todos. Cristo, para livrar uma pecadora, escreveu os pecados dos que a acusavam; e Agostinho, para entender pecadores, acusou e escreveu, não os pecados de outros, senão os seus próprios. Cristo escreveu-os na terra, onde facilmente se podiam apagar; Agostinho escreveu-os nos seus livros, que foi mais que se os entalhara em bronze. Cristo escreveu-os sem o nome dos que reprendia, e Agostinho debaixo do seu nome: Confissões dos pecados de Agostinho.

167. Mais ainda. O preceito da Confissão obriga a que nos confessemos a outro homem, mas a um só. De sorte que, se o confessor não entende a língua do confessado, não é obrigado o confessado a se confessar por intérprete, por que não passem seus pecados à notícia de dois homens. E quem pudera na consideração deste ponto, não digo exagerar ou encarecer, mas explicar de algum modo suficientemente aquela façanha mais que heróica e aquela resolução superior a toda a capacidade humana, com que Agostinho confessou e manifestou seus pecados, não só a todos os homens da sua idade, mas a todos os que hoje somos, a todos os que foram de mil e duzentos anos a esta parte, e a todos os que serão até o fim do mundo? Só no dia do Juízo acho alguma semelhança a este ato, mas com grande diferença. No dia do Juízo a todos os homens hão de ser manifestos os pecados de cada um; será, porém, tal o horror que fará a cada um dos homens esta manifestação de seus pecados naquele imenso teatro, onde se achará junto todo o mundo, que escolherão por partido antes o inferno, que aquela afronta tão pública. Assim o declarou Jó quando disse: *Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno, protegas me, et abscondas me, donec pertranseat furor tuus*<sup>20</sup>? E dá logo a razão, dizendo: *Tu quidem gessus meos dinumerasti: signasti quasi in sacco delicta mea*<sup>21</sup>. Agora estão os processos cerrados e os pecados ocultos; depois,

<sup>19</sup> Apaga a minha maldade (Sl. 50,3).

<sup>20</sup> Quem me dera que tu me encobrisses no sepulcro e me escondesses nele até ter passado o teu furor (Jó 14,13)!

<sup>21</sup> Contaste todos os meus passos, e selaste como em um saco os meus delitos (Jó 14, 16 S)

hãose de abrir e manifestar todos. E esta manifestação pública — diz Jó — será tão afrontosa, que cada um tomará antes e pedirá por partido, que o escondam e amparem no inferno: *Ut in inferno protegas me et abscondas me*. Notai muito a palavra *protegas*, que significa proteção, amparo, refúgio, porque será tal a confusão e vergonha desta afronta, e tal a apreensão e verdadeiro conhecimento dela, que, comparada como mesmo inferno, a afronta será o rigor, e o inferno o refúgio; a afronta o tormento, e o inferno o amparo; a afronta o castigo, e o inferno a proteção: *Ut in inferno protegas me*. E se me perguntardes a razão deste, que mais parece encarecimento que verdade, a razão digo que é porque no inferno padece cada um as suas penas, e no Juízo hão de ver todas as suas culpas. Tanto excede o mal da culpa, que hoje não conhecemos, a todo o mal da pena, ainda que seja eterno. E se ainda vos parece esta resposta encarecida e não adequada, perguntai ao mesmo inferno quantas almas estão ardendo nele, só por não se atreverem a descobrir seus pecados ao confessor. Pois, se há homens que escolhem antes o inferno, que manifestar seus pecados a um homem, que muito é que queiram padecer eles as suas penas no inferno que conhecerem todos os seus pecados no dia do Juízo.

168. Ah! Agostinho, que só a luz de vossos pecados, saindo vós à luz com eles, alumiu invencivelmente esta cegueira, e só o livro das vossas Confissões a refutou e aniquilou mais, que quanto se tem dito até hoje nem se pode dizer ou imaginar. O mais forte argumento com que se desfaz a repugnância de um homem se confessar a outro, é saber que estes mesmos pecados, de que agora se peja que os ouça um homem, no dia do Juízo os hão de ver todos os homens; mas porque o dia do Juízo está longe e a confissão perto, a grande força que tem conosco o presente é a que pode mais que este desengano. Sai pois Agostinho em sua vida com o livro de suas Confissões, e antecipando, para si somente, o dia do Juízo, não só fez presente o Juízo universal futuro, mas sendo esse juízo, pela manifestação pública dos pecados, de maior horror e rigor que o mesmo inferno, ele fez outro juízo em si, mais rigoroso que este mesmo Juízo. Dai-me atenção neste paralelo, e vede como o juízo que fez de seus pecados Agostinho no livro de suas Confissões é muito mais rigoroso do que há de ser o Juízo universal de Deus, e não por uma, senão sete circunstâncias. Contai-as, se quiserdes.

169. O Juízo universal há de ser um só; e Agostinho fez que para si houvesse dois juízos universais, um agora entre os vivos, e outro depois entre os ressuscitados. O Juízo universal há de ser no fim do mundo, quando tudo se há de acabar; e Agostinho fez o seu juízo no meio da duração do mundo, tantos séculos antes quantos já tem durado, e para quantos houvesse de durar dali em diante. O Juízo universal há-se de fazer em um só dia, no qual se hão de ler as culpas de todos; e Agostinho fez que o juízo das suas fosse de todos os dias, porque todos os dias se estão lendo e hão de ler as culpas de Agostinho. No Juízo universal, hãose de manifestar as más obras de cada um, mas também hão de aparecer igualmente as boas, para que as virtudes de uma parte se contrapesem com os

pecados da outra; e Agostinho no seu juízo, de tal maneira manifestou seus pecados, que sepultou em silêncio as suas virtudes. No Juízo universal, se se publicam os pecados de uns, também se hão de publicar juntamente os pecados dos outros; e como cada um tem assaz que estranhar em si, nos excessos alheios ficarão mais desculpados os próprios; porém, os pecados de Agostinho, no seu juízo, padecem a afronta da publicidade sem o alívio da companhia, porque são culpas publicadas em tempo em que as dos outros estão escondidas. No Juízo universal hão de ser julgados por Deus; porém, Agostinho no seu juízo expôs os seus pecados a ser julgados, não por Deus, senão pelos homens, cujo juízo, como tão temerário, é muito mais temeroso juízo. Finalmente, no Juízo universal hão de aparecer as culpas escritas fidelissimamente, sem passar por pecado o que não foi pecado, ou por grave o que foi leve; mas no juízo de Agostinho aparecem as suas culpas conforme o encarecimento da sua dor, e talvez maiores e mais feias do que verdadeiramente foram, porque Deus nos seus livros escreve os pecados dos homens como justo, e Agostinho no seu livro escreveu os seus como escrupuloso. Tão rigoroso foi o juízo que Agostinho fez de si na publicação de seus pecados, e tantas e tão notáveis as circunstâncias com que excedeu os rigores do mesmo juízo de Deus quando há de julgar o mundo, para que a repugnância natural dos homens em descobrir seus pecados, à vista de um tal exemplo, mais se envergonhe de os encobrir que de os confessar, e mais de escusar ou diminuir suas culpas, que se acusar inteiramente delas. E este foi o modo altíssimo digno só de seu inventor, com que Agostinho, das suas mesmas trevas, como dizia, fez luz, e dos seus mesmos pecados, exemplo.

## §VI

*Pode o pecado deixar de ser pecado? Os acidentes do pecado e Isaías. O livro das virtudes de Jó e o livro dos pecados de Agostinho.*

170. E ninguém me diga que os pecados não podem ser exemplo, argumentando que, em qualquer modo que se considerem, sempre são pecados, porque os mesmos pecados, conservando a substância, podem mudar os acidentes, e como sacramentando-se, debaixo deles causar efeitos contrários: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur* (Is. 1,18), diz Deus pelo profeta Isaías: se os vossos pecados forem vermelhos como a grã, fazei o que vos eu mando, e serão brancos como a neve. — Este texto tem dado grande trabalho aos expositores, e todos concordam em que falou aqui o profeta pela figura que os retóricos chamam metonímia, tomando a qualidade pela pessoa e o pecado pelo pecador, porque o pecador pode deixar de ser pecador, e ser justo, e o pecado nunca pode deixar de ser pecado. Mas deverão advertir que o profeta não fala da substância do pecado, senão dos acidentes, quais são as cores. Não diz que os pecados hão



de deixar de ser pecados, senão que hão de mudar a cor, e que sendo, ou tendo sido vermelhos como a grã, serão brancos como a neve: *Si fuerint peccata vestra ut coccinum, quasi nix dealbabuntur*. E mudando os mesmos pecados a cor, e vestindo-se de outros acidentes, bem podem ter debaixo deles contrários efeitos, e necessariamente os hão de causar quando forem vistos. Tais foram os pecados de Agostinho. Enquanto cometidos tinham uma cor, e enquanto confessados tiveram outra, e por isso, enquanto cometidos, como ele mesmo disse, causavam escândalo, e enquanto confessados, causam exemplo. Fez Agostinho exemplo dos seus pecados publicando-os, sendo que o efeito natural dos pecados públicos é causar escândalo; mas assim como o hipócrita escandaliza o mundo com a ostentação de virtudes, assim Agostinho edificou a Igreja com a publicação de pecados.

171. Dê-me logo licença S. Gregório para que eu diga com a mesma e maior razão de Agostinho o que ele disse de Jó: *Videatur vir iste cuilibet magnus in virtutibus suis, mihi certe sublimis apparet in peccatis suis*: Pareça embora a outros Agostinho grande nas suas virtudes, que a mim me parece maior nos seus pecados. — Nas virtudes que exercitou e que retratou nos outros seus livros, foi Agostinho grande; mas no livro de suas Confissões, em que manifestou os seus pecados a todo o mundo, sem dúvida foi muito maior. E se este livro se comparar com os outros seus, este foi a coroa de todos. O mesmo Jó, que mereceu o elogio de S. Gregório só por não encobrir pecados, tendo feito um largo relatório de suas virtudes, rematou-o confiadamente com esta conclusão: *Librum scribat ipse qui judicat; ut in humero meo portem illum, et circumdem illum quasi coronam mihi. Per singulos gradus meos pronuntiabo illum, et quasi principi offeram eum* (Jó 31,35 ss): Escreva o justo juiz todas as minhas ações em um livro, e eu o levarei ao ombro, e o porei na cabeça como coroa, e lendo todos os seus capítulos, o oferecerei a Deus como a príncipe, para que me despache por ele.

172. Muito dizeis, santo Jó, e muito confiado falais, pois quereis que Deus, como juiz, e não vós, escreva o livro de vossas virtudes; e pois credes que será tão grande o livro, que o não podereis levar na mão, senão ao ombro, e pois o haveis de oferecer para ser despachado por ele, e antes do mesmo despacho, já vos prometeis a coroa. Mas tudo isto que vós dizeis do livro de vossas virtudes, quem haverá que o não diga com maior razão do livro dos pecados de Agostinho? Ele o escreveu, e nele seus pecados, quando já Deus os tinha riscado nos seus livros, ele o formou, e de matéria tanto mais pesada quanto vai de pecados que afrontam e humilham, a virtudes que honram, engrandecem e exaltam; e ele o ofereceu a Deus e aos olhos do mundo, não para despacho, senão para castigo, e como merecedor de inferno, e não de coroa; mas por isso, e por tudo, digníssimo dela. Muitas coroas tem no céu Agostinho, mas esta a mais preciosa e resplandecente de todas. Jó com as suas virtudes foi maravilhoso, porque nelas guardou o Evangelho antes de haver Evangelho; mas Agostinho, com os seus pecados, foi mais maravilhoso, porque neles,

depois de haver Evangelho, para mais e melhor o guardar, o amplificou. Só era obrigado pelo Evangelho a resplandecer com obras boas, e ele resplandeceu e alumiou o mundo, até com pecados, o que não disse nem manda o Evangelho: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona.*

## §VII

*O Livro das Retratações. Lúcifer e a contumácia do muito saber. A sabedoria de Orígenes, de Tertuliano e de Apolinar mestres insignes da Igreja, da mesma Igreja anatematizados. Resposta de Pilatos aos acusadores de Jesus: o que escrevi, escrevi, — e as Retratações de Santo Agostinho.*

173. Do *Livro das Confissões* de Agostinho passemos ao de suas *Retratações*, nada menos, antes mais admirável, quanto excede em nobreza o entendimento a vontade. Assim como é natural a todo o homem encobrir o seu pecado, assim é natural a todo o sábio sustentar e não se desdizer do seu erro, e tanto mais quanto for mais sábio. O mais sábio espírito que Deus criou foi Lúcifer, e é caso verdadeiramente estupendo que uma criatura dotada de tão sublime entendimento, e alumuada de tão alta sabedoria, caísse em um erro tão crasso, tão manifesto e tão néscio, como cuidar que podia ser semelhante a Deus, e dizer que o havia de ser: *Similis ero Altissimo*<sup>22</sup>. Mas ainda esta não é a maior admiração. O que mais admira e faz pasmar é que nem no céu, onde errou, se quis descer de tão errado pensamento, nem no inferno, onde o está pagando, se quer desdizer ou arrepender dele. No céu, entre o pecado e condenação de Lúcifer, é sentença muito conforme à piedade divina, que lhe deu Deus bastante espaço para se converter; e no inferno, é também teologia certa, que ainda tem liberdade para o fazer, se quiser. Pois, como é possível que coubesse e caiba em um entendimento tão sábio querer antes cair do céu e arder no inferno, que desdizer-se do que uma vez disse, e persistir no mesmo erro por toda a eternidade? Se Lúcifer soubera menos, ele reconheceria o seu erro; mas a grande ciência que tanto o inchou para errar, essa mesma o obstinou para se não desdizer. É ponderação não menos que do profeta Ezequiel.

174. Fala deste caso de Lúcifer o profeta, considera-o no céu antes de cair, e no inferno depois de caído, e em um e outro lugar lhe chama querubim: *Et tu Cherub, posui te in monte sancto Dei; perdidisti te, o Cherub, projecisti te in terram*<sup>23</sup>. Lúcifer é certo que não era querubim, senão serafim, porque entre os anjos da primeira e suprema jerarquia, e entre os do primeiro e supremo coro, ele era o primeiro e o maior. Pois, se era serafim, por que lhe chama o profeta, assim no céu, como no inferno, não serafim, senão querubim? Porque querubim quer dizer sábio, e entre todos os espíritos angélicos, os mais eminentes na

<sup>22</sup> Serei semelhante ao Altíssimo (Is. 14,14).

<sup>23</sup> Eu te pus sobre o monte santo de Deus; e te exterminei, ó querubim, e te lancei por terra (Ez. 28, 14. 16 s).

sabedoria são os querubins. E como a sabedoria foi a que inchou a Lúcifer para que rebentasse em um erro tão ignorante, e a mesma sabedoria a que o cegou e obstinou, para que se não retratasse dele, por isso lhe chama querubim e sábio, e não serafim. No céu querubim, porque, sendo tão sábio, errou no céu; e no inferno querubim, porque, por ser tão sábio, se não quer desdizer de seu erro nem no inferno.

175. Quando Lúcifer disse: *Similis ero Altissimo*: Serei semelhante a Deus, — também disse: *In caelum conscendam* (Is. 14,13): Subirei ao céu. Donde argúi excelentemente São Jerônimo: *Vel antequam de caelo corruerit ista dicebat, vel postquam corruit*: Se isto disse Lúcifer no céu, como diz: subirei ao céu: *In caelum conscendam*? E se diz subirei ao céu, sinal é que já estava caído e fora dele? Tudo foi. No céu disse: *Similis ero Altissimo*, e por isso caiu; depois de caído, também disse: *Similis ero Altissimo*, e o mesmo está dizendo e o dirá por toda a eternidade, porque esta é a pertinácia e soberba de sua ciência, dizer no céu e fora do céu, dizer no céu e no inferno, o mesmo que uma vez disse, e não se desdizer nem se retratar jamais. De sorte que é tal a contumácia do muito saber, uma vez que se chega a usar mal dele, que antes quererá um sábio presumido cair do céu, que descer-se da sua opinião, e antes arder no infemo, que desdizer-se do que já tem dito. Se fora verdadeira aquela imaginação de Orígenes, o qual teve para si que as nossas almas eram anjos que andavam penando dentro nos nossos corpos, e pagando algumas culpas que tinham cometido, de muitos homens sábios que erraram e nunca se quiseram retratar, dissera eu que eram os anjos sequazes de Lúcifer.

176. Tal foi o mesmo Orígenes, tal Tertuliano, tal Apolinar, e outros famosíssimos doutores em todo gênero de erudição divina e humana, os quais, tendo sido insignes mestres da Igreja, e ainda hoje alegados, por se não quererem retratar de alguns erros, em que como homens caíram, com perpétua dor da mesma Igreja foram anatematizados e apartados dela, podendo-se dizer com verdade de cada um, o que Félix imputava a São Paulo: *Multae te litterae ad insaniam convertunt*<sup>24</sup>. Era Orígenes tão zelador da religião e doutrina cristã, que, para a poder ensinar com maior liberdade a um e outro sexo, tomando materialmente aquela sentença de Cristo: *Sunt eunuchi qui se ipsos castraverunt propter regnum caelorum*<sup>25</sup>, se martirizou a si mesmo, e se desfez de homem. Era Tertuliano tão austero na vida e nos costumes, e tão propugnador das heróicas virtudes, como mostram seus mesmos erros, porque negou serem lícitas aos cristãos as segundas bodas, nem o fugir no tempo da perseguição, senão oferecer-se ao martírio constantemente, nem serem outra vez admitidos à Igreja os pecadores conhecidos, posto que penitentes. Era Apolinar não só tão eminente na sabedoria, que foi mestre nas Escrituras Sagradas do Doutor Máximo na exposição delas, São Jerônimo, mas de tão honestos e louváveis procedimentos, que

<sup>24</sup> As muitas letras te tiram de teu sentimento (At. 26, 24).

— A *Vulgata* traz *Festo* e não *Félix*.

<sup>25</sup> Há outros castrados que a si mesmos se castraram por amor do reino dos céus (Mi. 19, 12).

mereceu ser venerado, amado e ainda defendido dos dois grandes lumes da Igreja, Nazianzeno e Basílio, enquanto não foram manifestos seus erros. Mas sendo estes e outros insignes varões tão fortes domadores de outras paixões humanas, chegados ao ponto de se haver de retratar do que tinham ensinado, aqui fraqueou todo seu valor, aqui perdeu o passo toda a sua sabedoria, e aqui se cegaram e escureceram de tal sorte aqueles grandes entendimentos, que antes quiseram perder a união da Igreja, e com ela o único fundamento da própria salvação, que desdizer-se do que tinham dito.

177. E como é tão natural aos homens doutos e sábios a pertinácia de persistir em seus erros, e o orgulho de os sustentar e defender a todo o risco, para alumiar esta segunda e maior cegueira, que não só perde a seus autores, senão a muitos com eles, saiu Agostinho à luz com o Livro de suas Retratações, em que confessou seus erros e emendou suas ignorâncias, dando confiança a todos os sábios e doutos — como mais sábio e douto que todos — a que nenhum se envergonhasse de ter errado, nem de confessar que errou, pois Agostinho o fazia tão declaradamente. Ou em seus sermões, que eram contínuos, ou em várias disputas públicas. — em alguma das quais concorreram em Cartago duzentos e oitenta e seis bispos hereges — convenceu Agostinho com força e evidência de seus argumentos, muitos donatistas, muitos maniqueus, muitos pelagianos, que publicamente reconheceram e abjuraram seus erros; mas o argumento mais irrefragável e sem resposta, que confundiu a presunção de todos, ainda dos mesmos que teimaram a se não desdizer, foi o Livro de suas Retratações, escrito e divulgado. Bem pudera Agostinho retratar verbalmente, desde a mesma cadeira em que ensinava e pregava, e não com pequena edificação de todos os doutores e mestres, mas qui-lo fazer e publicar por escrito, porque a retratação do que se escreveu e saiu a público, em homens de opinião é muito mais difícil.

178. Presentado Cristo ante Pilatos, ouviu ele as acusações, examinou as testemunhas, reconheceu o ódio e inveja de inimigos, e pronunciou ao Senhor por inocente. Instando porém os acusadores: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris: omnis enim qui se regem facit, contradicit Caesari*<sup>26</sup>, que se absolvía aquele réu, incorria em crime de lesa-majestade contra o César, pois era contra a soberania do império consentir dentro nele um homem que se chamava rei. Pôde tanto com Pilatos o temor deste requerimento, e o respeito do nome e amizade do César, que condenou em Cristo a inocência, e crucificou com Cristo a justiça. Crucificado, enfim, o Senhor, mandou fixar na cruz, como era costume, a causa por que padecia, escrita com aquelas palavras: Jesus Nazareno, Rei dos Judeus, das quais novamente escandalizados os acusadores, tornaram a replicar que as mandasse emendar, e que, em lugar de rei dos judeus, dissesse: por se fazer rei dos judeus. Porém Pilatos respondeu: *Quod scripsi, scripsi* (Jo. 19,22): O que escrevi, escrevi — e de nenhum modo o puderam persuadir a que mudasse o que tinha escrito. O grande reparo que tem esta resposta, todos o estão vendo. Muito mais ofendia a Pilatos ao César em dar a Cristo o

<sup>26</sup> Tu, se livras a este, não és amigo do César, porque todo o que se faz rei contradiz ao César (Jo. 19,12).

título de rei, que em lhe não dar a morte, e muito mais se condenava em lhe dar a morte, que se o livrasse dela. Pois, se Pilatos não repara em se condenar a si e a Cristo por respeito de César, por que não lhe tira o título de rei por respeito do mesmo César? Porque assim o tinha escrito e publicado: *Quod scripsi, scripsi*. O que um homem de ciência ou presunção uma vez escreveu e publicou, não o torna a retratar por nenhum respeito. Condenar a mesma inocência, fá-lo-á, senão por reto, por um respeito humano; mas riscar o que uma vez escreveu e está público em seu nome, não o fará um sábio presumido por nenhum respeito deste mundo, nem ainda do outro.

179. Ela é intolerável cegueira do entendimento, intolerável abuso da razão e intolerável injúria da justiça e da verdade, que aquilo que se não devia escrever se haja de sustentar só porque se escreveu, e que o ser escrito uma vez seja consequência de estar escrito sempre: *Quod scripsi, scripsi*. Mas esta sentença, como se fora de melhor autor, é a comumente de todos os que escrevem e publicam seus escritos. Querem que os seus livros sejam como o Livro da Predestinação, em que o que está escrito não pode ser riscado; querem que os seus caracteres sejam como os dos sacramentos, que, uma vez impressos, não se podem apagar; querem, enfim, que o seu escrever seja prescrever: *Quod scripsi, scripsi*. Cento e dezoito livros temos de Santo Agostinho, exceto os que não chegaram a nós, e quando ele pudera assentar a pena e consagrá-la ao tempo da sabedoria como troféu de todas as ciências, entre os aplausos do mundo e celebridade da fama maior que a de todos os que escreveram, toma a tomar e aparar de novo a pena Para quê? Para emendar em um livro todos os seus livros, para se retratar e desdizer de muitas coisas que neles tinha dito, e para desenganar com o seu exemplo a todos os que tanto se enganam com os seus escritos.

### § VIII

*Os escritos, parto do entendimento, como os filhos, posto que sejam feios, agradam sempre a seus pais. Elifaz, amigo de Jó, e a perspicácia dos olhos divinos. Agostinho, águia da visão de Ezequiel. O perdão do pai do filho pródigo, e o perdão de Davi a Absalão. O Sacrifício de Abraão e do Eterno Padre, não perdoando a seus filhos, e o sacrifício de Agostinho, não perdoando aos filhos de seu entendimento.*

180. A razão deste engano deu excelentemente Santo Ambrósio, a quem deve a Igreja mais que a todos os Doutores, porque lhe deve a Agostinho: *Ununquemque fallunt sua scripta, et authorem praetereunt: atque ut filii etiam deformes delectant parentes, sic etiani scriptores indecores quoque sermones palpant*: A todos os autores, diz Ambrósio, enganam os seus escritos, e, ainda que tenham erros, só eles os não vêem. E a razão desta cegueira é porque são panos do seu entendimento. E assim como os filhos, posto que sejam

feios, agradam a seus pais, e lhes parecem formosos, assim os escritos de cada um, por imperfeitos, errados e mal compostos que sejam, naturalmente lisonjeiam a seus autores e lhes parecem bem, porque se parecem com eles. Isto disse e ensinou Santo Ambrósio, digníssimo mestre de Agostinho, e sendo tão verdadeira esta doutrina, e tão universal a razão ou sem-razão dela em todos os homens, só em Agostinho se não verificou. Lá disse Elifaz, o mais sábio dos três amigos de Jó, que a justiça de Deus e a perspicácia dos olhos divinos é tão pura, que até nos seus anjos achou imperfeição: *In angelis suis reperit parvitatem* (Jó 4,18). E não está o encarecimento em dizer que achou imperfeição nos anjos, sendo anjos, senão em que achou imperfeição nos anjos sendo seus: *In angelis suis*. Se os olhos de Deus fossem como os dos homens, ainda que os anjos o não foram, bastava que fossem seus para que lhe parecessem anjos. Angelicais são todas as obras e escritos de Agostinho, mas os seus olhos tiveram tanto da perspicácia divina, que, com serem angélicos e seus, achou neles imperfeição e erros: *In angelis suis reperit parvitatem*. Não o lisonjeou serem panos da sua alma e filhos do seu entendimento, para que se enganasse com eles.

181. Agora se entenderá o próprio e cabal fundamento por que entre os quatro animais enigmáticos do carro de Ezequiel, em que foram significados os quatro Doutores da Igreja, Agostinho é a águia. Porventura, por que tendo todos asas e penas, Agostinho com a sua voou mais alto que todos? Seja embora; mas outro mais profundo mistério se encerra na semelhança. A águia, como diz Aristóteles, e se sabe vulgarmente, depois que lhe nascem os filhos e lhes dá a primeira criação indistintamente, tira-os do ninho, suspende-os nas unhas, e examina-os um por um aos raios do sol: se olham de fito em fito para o sol, sem pestanear, reconhece-os e conserva-os como filhos próprios; mas se fecham ou afastam os olhos, e não sofrem toda a luz, repudia-os e lança-os de si como adúlteros. Assim fez a nossa águia com todos os seus livros, com todas as suas resoluções, e com todos os seus ditos e pensamentos. Examinou-os aos raios do sol da verdade severissimamente: dos que achou conformes, firmes e constantes, reconheceu-os por próprios; aqueles, porém, em que descobriu alguma fraqueza ou menos conformidades, retratou-os e condenou-os como não seus. O dito bastava para a propriedade deste segundo e maior mistério. Mas eu passo adiante e pergunto: no exame e prova que faz de seus filhos a águia, quais ficam mais examinados e mais qualificados, os olhos da mãe ou os olhos dos filhos? Não há dúvida que os olhos da mãe, porque os olhos dos filhos não se cegaram com o sol, os olhos da mãe não se cegaram com os filhos. Não se cegaram os filhos com o sol, isso é serem águias; mas não se cegar a águia com os filhos, isso é ser mãe sem amor de mãe. Tal Agostinho com os seus livros eram partos do seu juízo, eram filhos do seu entendimento, mas examinou-os com tal rigor, e sentenciou-os com tal justiça, como se não foram filhos. Ou os amava Agostinho, ou não os amava: se os não amava, sendo filhos seus, que fineza! E se os amava, e os tratou e retratou assim, que maravilha!

182. Não há amor que mais facilmente perdoe e mais benignamente interprete e dissimule defeitos que o amor de pai. Grandes defeitos foram os do filho pródigo, e tão grandes que ele mesmo reconhecia que era indigno de ser chamado filho de tal pai: *Pater, non sum dignus vocari filius tuus*<sup>27</sup>; mas o pai nem por isso o desconheceu de filho ou o lançou de si, antes o abraçou apertadíssimamente, e o seu primeiro cuidado foi cobri-lo e vesti-lo, e enfeitá-lo com as melhores e mais vistosas galas: *Cito proferte stolam primam*<sup>28</sup>. Isto é o que fazem todos os escritores severíssimos com os defeitos alheios, e benigníssimos com os próprios, como pais enfim. Mas não assim Agostinho, posto que o pudera fazer melhor que todos. Ainda que alguns ditos ou escritos seus tivessem tais defeitos que não fossem dignos de se chamar filhos de tal pai, bem pudera ele abraçá-los e não os lançar de si, e cobri-los com tais interpretações, e vesti-los com tais cores e figuras de sua divina retórica, que não só parecessem seus, mas tivessem muito que invejar, como logo foi invejado o pródigo. Porém ele, tão fora estava de os cobrir, que os manifestou, tão fora de os enfeitar, que os afeou mais, e tão fora de os vestir, dissimular ou disfarçar com outros trajos, que, despido de todo o afeto e amor de pai, os condenou como severíssimo juiz, e lhes não perdoou como cruel inimigo.

183. Davi, sendo tão enormes os erros de seu filho Absalão, e ele tão incapaz de perdão ou desculpa, lá lhe buscou e achou na idade um motivo com que o escusar e salvar: *Servate mihi puerum Absalon*<sup>29</sup>. Pois se Joab lhe não perdoou, e todo o reino então, e hoje todo o mundo o condena, como lhe perdoa só Davi, e o quer salvar? Porque era pai, diz Santo Ambrósio. E esta é a única e verdadeira razão. Não há opinião tão errada, não há proposição tão temerária e tão ímpia, como Absalão, que seus autores, como pais, não queiram salvar, escusar e defender, porque, ainda que partos tão monstruosos, são partos do próprio entendimento. Os de Agostinho não eram deste gênero, mas de tão fácil interpretação e escusa, que muitos, ainda depois de reprovados por ele, por sua natural gentileza, como a de Absalão, são vistos com admiração e recebidos com aplauso. Era, porém, tal o amor da verdade e tal a inteireza do juízo de Agostinho, que, sendo tão dignos de perdão, e ele pai, não lhes perdoou.

184. A maior coisa que fizeram os homens por Deus, foi o sacrifício de Abraão, e a maior que Deus fez pelos homens foi a Encarnação e morte de Cristo, em que também o sacrificou. E para encarecer a Escritura estas duas ações, os termos de que usou em uma e outra, é que nem Abraão perdoou a seu filho, nem Deus ao seu: *Quia fecisti rem hanc, et non pepercisti unigenito filio tuo propter me*<sup>78</sup>, diz Deus, falando de Abraão. E São Paulo, falando de Deus: *Proprio Filio suo non pepercit, sed pro nobis tradidit illum*<sup>79</sup>. Tão grande

<sup>27</sup> Pai, já não sou digno de ser chamado teu filho (Lc. 15, 21).

<sup>28</sup> Tirai depressa o seu primeiro vestido (Lc. 15,22).

<sup>29</sup> Salvai-me com vida o moço Absalão (2 Rs. 18,5).

<sup>78</sup> Já que fizeste esta ação e não perdoaste a teu filho único por amor de mim (Gên. 22, 16).

<sup>79</sup> O que ainda a seu próprio Filho não perdoou, mas por nós todos o entregou (Rom. 8,32).

façanha e fineza é chegar um pai a não perdoar a seu filho, como não perdoou Agostinho aos de que era pai. Mas com qual destes dois sacrifícios se pareceu mais o de Agostinho: com o de Abraão, quando não perdoou a seu filho, ou com o do Eterno Padre, quando não perdoou ao seu? No sacrifício de Abraão foi figurado o do Eterno Padre. E se fizermos comparação entre um e outro, não de Deus a homem — que não pode ser — senão precisamente de pai a pai, não há dúvida que ainda assim foi maior sacrifício o do Eterno Padre, que o de Abraão, porque o filho a quem não perdoou Abraão era filho da sua carne, e o Filho a quem não perdoou o Eterno Padre era Filho do seu entendimento; e sacrificar os filhos do entendimento é tanto maior ação, quanto vai do espírito à carne, e da alma ao corpo. Logo, muito mais parecido foi o sacrifício de Agostinho ao do Eterno Padre, e muito mais nobre que o de Abraão, porque os filhos a quem não perdoou Agostinho eram partos da sua alma e filhos do seu entendimento. O Filho de Deus é concebido e gerado por entendimento, e por isso se chama Verbo e Palavra do Padre. E este mesmo é o nome e esta a geração dos filhos a que Agostinho não perdoou: *Propriis filiis suis non pepercit.*

### §IX

*Por que Salomão não só se aplicou a saber as ciências, senão também os erros e as ignorâncias? Agostinho, o Salomão da Igreja nova. O Livro das Retratações, a maior vitória de Agostinho, porque vitória sobre si mesmo. Os erros de Agostinho e o engano de Jacó na noite das bodas.*

185. Se lermos *o Livro das Retratações* de Agostinho, acharemos que o que ele chama erros e ignorâncias, algumas eram já impugnadas por outros, e as mais, descobertas e emendadas pelo mesmo Agostinho. É certo que não sei em quais delas se mostrou o seu entendimento e juízo mais admirável, se em não defender as primeiras, ou em estudar, cavar e descobrir as segundas. Verdadeiramente era coisa notável e digna de toda a maravilha, depois que Santo Agostinho saiu à luz com suas obras, ver que todo o mundo estudava pelos livros de Agostinho, e o mesmo Agostinho também. Mas o fim de um e outro estudo ainda acrescenta mais admiração, porque os outros estudavam por Agostinho, para aprender e lograr os tesouros de sua sabedoria, e Agostinho estudava por Agostinho, para aprender os seus erros e os condenar. No capítulo primeiro do *Eclesiastes*, diz Salomão que foi mais sábio que todos os seus antecessores: *Praecessi omnes sapientia, qui fuerunt ante me in Jerusalem*<sup>80</sup>, e falou muito modestamente, porque do *Terceiro Livro dos Reis* consta que Salomão não só foi mais sábio que todos os que tinham sido antes, senão que todos os que foram e haviam de ser depois: *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te*

---

<sup>80</sup> Excedi em sabedoria a todos os que antes de mim houve em Jerusalém (Ecl. 1,16).



*similis tui fuerit, nec post te surrecturus sit*<sup>81</sup>. E depois de dizer isto, Salomão acrescenta que não só se aplicou a saber as ciências, senão também os erros e as ignorâncias: *Dedique cor meum ut scirem prudentiam atque doctrinam, erroresque et stultitiam*<sup>82</sup>, Não reparo em que Salomão, tendo as ciências infusas ou infundidas por Deus, se aplicasse ainda a sabê-las, porque isso *se* há de entender das mesmas ciências, enquanto práticas e experimentais. O que reparo, e parece trabalho escusado e supérfluo, é que um homem tão sábio se aplique a estudar e saber os erros e as ignorâncias: *Erroresque et stultitiam*. Os erros e as ignorâncias, é certo que são muito mais que as ciências, porque para saber e acertar não há mais que um caminho, e para errar infinitos. Mas esses mesmos caminhos errados e de errar, esses mesmos erros e ignorâncias, para que as estuda e quer saber Salomão? Não lhe bastavam as ciências, e tão consumadas ciências? Não, porque a Salomão fê-lo Deus o maior doutor da Igreja antiga, e não só lhe era necessário saber as ciências, senão também os erros e as ignorâncias: as ciências, para ensinar a saber, os erros, para ensinar a não errar; as ciências, para as provar e estabelecer, os erros, para os refutar e confundir. E isto é o que Salomão faz em todo aquele admirável livro, o qual intitulou Eclesiástico, que quer dizer: O Doutor.

186. Assim como Deus em Salomão fez um Agostinho da Igreja antiga, assim em Agostinho fez outro Salomão da Igreja nova, e daquele coração, que Agostinho tem na mão, se pode dizer sem encarecimento, depois dos apóstolos: *Dedi tibi cor sapiens, ut nullus ante te similis tui fuerit; nec post te surrecturus sit*<sup>83</sup>. Ambos estes Salomões, depois de tantos tesouros de profunda sabedoria, estudaram os erros e as ignorâncias, usando das ciências para ensinar a saber, e dos erros e ignorâncias para ensinar a não errar. Mas Salomão estudava os erros e ignorâncias nos livros alheios, para os confundir e emendar nos outros; e Agostinho estudava-os nos livros próprios para os confundir e emendar em si. As ciências dos erros alheios é fácil, se se examinam sem ódio nem interesse; a dos erros próprios é muito difícil, porque sempre os julgamos subornados do próprio amor. Os alheios conhecemo-los com o juízo livre, os próprios com o entendimento cativo; os alheios vemo-los como juízes, os próprios como namorados.

187. Mais maravilhosa foi logo em Agostinho que em Salomão a ciência que ambos tiveram de erros e ignorâncias, e mais maravilhoso o mesmo Agostinho na luz e conhecimento com que retratou as suas, que nos argumentos invencíveis com que confundiu as alheias. Que ignorâncias, que erros, que heresias houve, não só antes e no tempo de Agostinho, senão ainda nos tempos futuros e nesses nossos, que se não confutem e convencem com a doutrina e livros de Agostinho? Mas o livro de suas Retratações é o que

<sup>81</sup> E te dei um coração tão cheio de sabedoria, que nenhum antes de ti te foi semelhante, nem se levantará tal depois de ti (3 Rs. 3,12).

<sup>82</sup> E apliquei o meu coração a saber a prudência e a doutrina, e os erros e a estultícia (Ecl. 1,17).

<sup>83</sup> Ver nota 33.

vence e triunfa de todos os mais, posto que sempre vencedores. Nos outros livros, vemos em campo pela fé e pela verdade Agostinho contra Fortunato, Agostinho contra Fausto, Agostinho contra Ario, Agostinho contra Pelágio, Agostinho contra Donato, Agostinho contra Juliano; mas no Livro das Retratações, Agostinho contra Agostinho. Esta foi a mais forte batalha, e esta a maior vitória de Agostinho, porque vencedor e vitorioso de todos, não tendo já a quem vencer, se venceu a si mesmo. Dos quatro animais do carro de Ezequiel, diz o texto sagrado que tendo todos quatro asas, a águia voava sobre todos quatro: *Desuper ipsorum quatuor* (Ez. 1,10). Pois, se a águia era um dos quatro, como voava sobre todos quatro? Se dissera que voava sobre os outros três, bem estava; mas sobre todos quatro, sendo um deles? Sim. Porque a águia — como já dissemos — era Agostinho, e Agostinho nos outros seus livros voou sobre os três doutores da Igreja, mas no Livro das suas Retratações, voou sobre todos quatro, porque voou sobre si mesmo.

188. E se me perguntardes como se enganou Agostinho com os que ele chama erros e ignorâncias, quando os escreveu, e como se desenganou depois, quando os retratou, respondo que se enganou antes, porque as suas ignorâncias eram tais que pareciam ciência, e os seus erros tais que pareciam verdade; e desenganou-se depois, porque a luz com que os tornou a ver era muito maior e mais clara que a luz com que os tinha escrito. Um só lugar da Escritura nos dirá uma e outra coisa. Caso foi notável, e digno de toda a admiração, que na noite das bodas, em que Labão introduziu a Lia em lugar de Raquel, Jacó se enganasse de maneira que cuidasse e se persuadisse que verdadeiramente era Raquel, e não se desenganasse nem conhecesse que era Lia, senão quando amanheceu. Jacó não viu Lia quando a recebeu? Sim. Pois como não conheceu então que era Raquel, assim como o conheceu depois quando amanheceu? Porque de noite viu-a à luz da candeia, de dia viu-a à luz do sol. Lia e Raquel, como eram irmãs, eram muito parecidas uma com a outra, tanto assim que só nos olhos, como nota a Escritura, tinham a diferença, e para distinguir coisas muito parecidas — e mais onde entra amor — se a luz não é muito grande, facilmente se padece engano. O mesmo aconteceu a Agostinho. A verdade, e a semelhança dela, são duas irmãs tão parecidas como Raquel e Lia; por isso o verossímil facilmente parece verdadeiro, e o verdadeiro, se não é verossímil, parece falso. E como as ignorâncias de Agostinho eram tão verossímeis que pareciam ciência, e os erros tão verossímeis que pareciam verdade, não é muito que Agostinho, com menos luz, se enganasse com os seus erros e ignorâncias, e que, depois que chegou ao sumo da luz, então as reconhecesse e retratasse.

## §X

*A magnanimidade do coração de Agostinho e a censura pública. As armas dos varões apostólicos segundo São Paulo. Santo Agostinho, doutor confidente no Livro das Confissões, e doutor revogante no Livro das Retratações. A exortação de Josué ao soldado Acã.*

189. Não é muito, disse, e não disse bem, porque ainda que não foi muito reconhecer Agostinho os erros que ele só descobriu de si para consigo, reconhecer, porém, e retratar aqueles em que era censurado de outros, e não os defender, foi o ponto mais heróico de suas Retratações. No erro secreto em que se não perde a honra, facilmente se sujeita a própria opinião à verdade; mas, no público e censurado, em que a honra se perde, ou ela defende o erro, ou o erro a defende a ela contra a mesma verdade conhecida. O mesmo Santo Agostinho o entendeu e julgou assim em caso não seu. No preceito da correção fraterna manda Cristo que a correção se faça com tal segredo, que fique entre o que repreende e o repreendido somente: *Corripe eum inter te et ipsum solum*<sup>84</sup>. E por que razão com tanto segredo, que não só não passe a público, mas nem ainda a terceiro? Santo Agostinho: *Corripe inter te et ipsum solum, intendens correctioni, parcens pudori: forte enim prae verecundia incipit defendere peccatum suum, et quemvis correctiorem, facit pejorem*: Mandar Cristo que a correção se faça com tal segredo, que fique entre o repreendido somente, foi atender na correção à emenda, e no segredo à honra do repreendido, porque, perdida a honra, como seria se o erro se publicasse, em lugar de se conseguir a emenda, se seguiria naturalmente a contumácia, e o repreendido, vendo-se afrontado, tão fora estaria de admitir a correção, que antes se poria em campo para defender o erro. — Isto é o que dita em todos os homens a natureza, e esta foi a maior vitória que dela alcançou Agostinho, como mais que homem. Vendo-se censurado publicamente de seus êmulos, e notados por eles alguns erros em seus escritos, tão longe esteve de tomar as armas contra os censuradores, que em tudo o que tinham razão se pôs da parte deles contra si mesmo, e assim como eles o censuravam, ele se censurou também e se retratou. Se Agostinho neste caso se defendera fortissimamente, não era para mim argumento nem de grande sabedoria, nem de grande entendimento. O animal de Balaão, ofendido, teve língua para responder e razões para impugnar e convencer um profeta. Porém, que ofendido e censurado Agostinho por seus êmulos, lhes ache razão, se ponha da sua parte e se retrate do que tinha escrito, podendo mais com ele o crédito da verdade que o seu, este foi o *non plus ultra* a que só podia chegar a magnanimidade daquele coração.

190. Exortando São Paulo a si e a todos os varões apostólicos a que se portem como

---

<sup>84</sup> Corrige-o entre ti e ele só (Mt. 18, 15).

ministros de Deus: *Exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros*<sup>85</sup>, e contando entre as virtudes que devem ter, a verdade, a ciência, e, junto com a ciência, a longanimidade: *In scientia, in longanimitate, in verbo veritatis*<sup>86</sup>, — acrescenta como se hão de haver nas batalhas, com estas palavras: *Per arma justitiae ad dextris et a sinistris, per gloriam et ignobilitatem, per infamiam et bonam famam*: Haveis de menear — diz — as armas da justiça à mão direita e à esquerda, e tanto haveis de estimar a honra como o descrédito, e a fama como a infâmia (2 Cor. 6,7 s). — As armas da mão direita e esquerda são a espada e o escudo: o escudo para defender e rebater os golpes do inimigo, a espada para o ofender e ferir. Mas qual é a razão ou mistério com que exorta e ensina São Paulo que esta espada da mão direita e este escudo da esquerda hão de ser armas de justiça: *Per arma justitiae a dextris et a sinistris?* Bem disse Filo Hebreu que as ações dos patriarcas são os melhores comentários da Escritura. Em nenhum comentador achei este reparo do texto, nem a declaração dele; mas na ação que vou ponderando de Agostinho, sim, e divinamente explicado. A espada e escudo de Agostinho foram as armas mais finas e mais fortes, mas a maior excelência que tiveram foi serem sempre armas de justiça, ainda contra si mesmo. Se os inimigos lhe faziam guerra injusta, de tal sorte se defendia com o escudo, que ninguém o podia penetrar, e com tal força feria e ofendia com a espada, que ninguém a podia resistir. Mas se acaso os mesmos inimigos lhe faziam guerra justa, como no caso em que estamos, era tal a justiça das armas de Agostinho: *Per arma justitiae*, que não só as abatia e rendia à verdade, mas, passando-se à parte dos contrários, as voltava contra si mesmo, e ele se impugnava, ele se convencia, ele se retratava. E isto é o que fez no livro mais que humano e verdadeiramente miraculoso de suas *Retratações*.

191. Quase estou arrependido de ter aplicado ao *Livro das Confissões* aquele famoso Livro de Jó, com que ele se queria coroar e presentá-lo a Deus, para que por ele o premiasse, porque ao Livro das *Retratações* de Agostinho, só por esta última circunstância, parece que é devido ser a coroa de todos. Mas a razão e palavras de São Paulo, igualmente se verificam em um e outro livro. Concluamos, pois, que Agostinho, sobre a láurea de Doutor da Igreja, teve duas coroas, ambas primeiras, uma de doutor confidente, pelo Livro de suas *Confissões*, em que dos seus pecados fez exemplos, e outra de doutor revogante, pelo Livro das suas *Retratações*, em que dos seus erros fez doutrina.

192. A razão e palavras de São Paulo, que ainda não ponderamos, são aquelas: *Per gloriam et ignobilitatem, per infamiam et bonam famam*. Quer o Apóstolo que os ministros de Cristo procurem a glória de seu Senhor, sem respeito nem atenção à sua própria, ou seja com honra, ou com descrédito, ou seja com fama, ou com infâmia. E em ser de um modo ou de outro, não só há grande diferença, mas grande excesso de perfeição. Procurar a glória

<sup>85</sup> Portemo -nos em nossas mesmas pessoas como ministros de Deus (2 Cor. 6, 4).

<sup>86</sup> Na ciência, na longanimidade, na palavra da verdade (2 Cor. 6,6 s).

e honra de Deus, quando a sua glória e honra se ajunta com a nossa: *Per gloriam et bonam famam*, é coisa muito fácil; porém, procurar a glória de Deus quando a sua glória se ajunta com o nosso descrédito: *Per ignobilitatem*, e procurar a honra de Deus, quando a sua honra se ajunta com a nossa afronta: *Per infamiam*, aqui está o ponto da dificuldade invencível às forças da natureza, e aqui se apuraram as duas façanhas, ambas prodigiosas, com que Agostinho em um e outro seu livro amplificou gloriosamente o Evangelho de Cristo. O que Cristo manda no Evangelho, como vimos, é que os prelados da sua Igreja alumiem com luz de doutrina, e resplandeçam com exemplo de boas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona*; e posto que o mesmo Senhor juntamente ensina que o fim da doutrina e do exemplo há de ser a glória de Deus e não a própria: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in caelis est*, essas duas operações são de si mesmas tão luzidas e gloriosas, que, ainda que sejam feitas só pela glória de Deus, sempre vai junta com elas a glória humana. Nos pecados e nos erros é o contrário, porque os pecados, posto que publicados para exemplo, sempre afrontam, e os erros, posto que confessados para doutrina, sempre desacreditam. E comprar a glória e honra de Deus à custa da própria afronta e do próprio descrédito: *Per ignobilitatem et infamiam*, só o inventou o entendimento de Agostinho, e só o coração de Agostinho teve valor para o executar.

193. Se ele não pudera conquistar a glória de Deus senão por dois meios tão encontrados com a própria, ainda era muito heróica fineza; mas o que mais a afina e sobe do ponto é que, tendo justíssimas razões Agostinho, como prelado, para encobrir os pecados, e, como doutor, para dissimular os erros, quis antes publicar uns e outros com tão custosa resolução, só para assim e de todos os modos amplificar mais a mesma glória de Deus. Convencido diante de Josué um soldado nobre, chamado Acã, de que tinha escondido uma capa de grã e uma língua de ouro nos despojos de Jericó, consagrados todos a Deus, e exortando-o o mesmo Josué a que confessasse o grande erro e culpa que tinha cometido, disse-lhe assim: *Fili mi, da gloriam Domino, et confitere* (Jos. 7,19): filho meu, dá glória a Deus, e confessa. — Não só lhe disse que confessasse, senão que desse glória a Deus, porque entre os atos de virtude e valor que um homem pode fazer, nenhum há por sua natural dificuldade que tanto glorifique a Deus como a confissão dos próprios erros e pecados, e mais se é pública, com esta era. A Agostinho disse-lhe Cristo: *Da gloriam Domino*; mas não lhe disse: *Confitere*. Disse-lhe que desse glória a Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in caelis est*, mas não lhe disse que confessasse publicamente seus erros e seus pecados, senão, pelo contrário, que publicamente resplandecesse com luz de doutrina e boas obras: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona*. E tendo Agostinho este dobrado motivo, enquanto prelado, para não confessar pecados, e, enquanto doutor, para não confessar erros, quis contudo confessar publicamente uns e outros, para com uns e outros dar dobrada glória a Deus: *Da gloriam Domino, et confitere*. Considero eu a Agostinho neste caso com os mesmos despojos do soldado de Josué, capa

de grã e língua de ouro: tinha muito boa capa, e de muito boa cor, para cobrir com ela seus pecados, considerando que era prelado; e tinha muito boa língua, e de muito bom metal, para dourar com ela seus erros, considerando que era doutor; mas, enquanto prelado, não só quis dar exemplo com suas virtudes, senão também com seus pecados, confessando-os; e, enquanto doutor, não só quis dar doutrina com a sua ciência, senão também com os seus erros e ignorâncias, retratando-as, para de todos os modos amplificar mais e mais a glória de Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in caelis est.*

## §XI

*Em ambos os livros se mostrou grande Agostinho, mas em qual maior? A oração de Davi e a diferença entre ignorâncias e pecados. A murmuração do fariseu contra Cristo e o conceito de virtude e de ciência que dele tinha. Enquanto santo muito mais fez Agostinho publicando suas Confissões, mas enquanto homem muito mais fez publicando suas ignorâncias. A tentação do primeiro homem e o atributo da sabedoria divina. A injúria do pecado e a injúria da ignorância no Testamento Novo.*

194. Temos desfeita, se me não engano, a implicação de Agostinho com o Evangelho, e mostrado o mesmo Evangelho alta e grandiosamente amplificado por Agostinho, assim no Livro de suas Confissões, como no de suas Retratações. Resta só, para complemento da matéria, combinar um livro com outro, e, postos ambos em balança, ver qual pesa mais. Em ambos se mostrou grande Agostinho; mas em qual maior? Respondo que maior em ambos, diversamente considerado. Considerado Agostinho como santo, é maior no livro de suas *Confissões*, porque publicou nele seus pecados; e considerado o mesmo Agostinho como homem, é maior no Livro de suas Retratações, porque publicou nele suas ignorâncias.

195. Pedindo Davi perdão a Deus dos pecados de sua mocidade — quais foram também os de Agostinho — compôs a sua oração nesta forma: *Delicta juventutis meae, et ignorantias meas ne memineris Domine* (Sl. 24,7): esquecei-vos, Senhor, dos meus pecados, e não vos lembreis de minhas ignorâncias. — Estas que no segundo lugar chama Davi ignorâncias são as mesmas que no primeiro chama pecados. E a razão de chamar ignorâncias aos pecados, é porque queria livrar e desculpar os pecados com o nome de ignorâncias; mas parece que não havia de ser, nem dizer assim. As ignorâncias são defeitos do entendimento, os pecados defeitos da vontade, e havendo de desculpar um defeito com outro defeito, parece que o havia de carregar antes sobre a potência menos nobre, que é a vontade, e não sobre a mais nobre, que é o entendimento. Assim o havia de fazer Davi, se falara e entendera como homem; mas falava e entendia como santo. Os santos, como conhecem a graveza e malícia do pecado, e quanto mais feios são os defeitos da vontade

que os do entendimento, mais se pejam de ser maus que de ser mal-entendidos, e antes querem parecer ignorantes que pecadores. Por isso Davi, como santo, confessando os pecados por delitos, alega as ignorâncias por desculpas: *Delicta juventutis meae, et ignorantias meas*.

196. A razão desta diferença é porque a ignorância opõe-se à ciência, e o pecado à virtude, e quem é verdadeiramente santo, muito mais estima a virtude, do que se preza da ciência. Veio a Madalena buscar a Cristo, em casa do fariseu, e para demonstração de quão trocado estava o seu amor, quebrou o alabastro, derramou os unguentos, beijou os pés ao Senhor, regou-os com lágrimas e enxugou-os com seus cabelos. Estranhando, porém, o fariseu que Cristo admitisse semelhantes obséquios de uma tal mulher, disse assim consigo: *Hic, si esset propheta, sciret quae et qualis est mulier quae tangit eum* (Lc. 7,39): Este, se fosse profeta, havia de saber quem e qual é a mulher, cujas mãos, cujos olhos, cuja boca e cabelos consente que lhe toquem os pés. — Supostos os obséquios da Madalena, a permissão de Cristo e a malícia do fariseu, parece que mais à mão estava duvidar ele da virtude do Senhor que da sua ciência; pois, por que lhe duvida a ciência e não a virtude: *Hic, si esset propheta, sciret?* Porque desta vez os pensamentos do murmurador estavam no arbítrio do murmurado. O mesmo Cristo, que admitiu os obséquios da Madalena, permitiu os pensamentos do fariseu. Mas permitiu-lhe que julgasse mal de sua sabedoria, e não que tivesse mau conceito de sua virtude. Da minha sabedoria cuide o fariseu o que quiser, e diga embora que há em mim ignorância: *Si esset propheta, sciret*; mas, duvidar da minha virtude e da minha pureza, e cuidar ele, ou alguém, que em mim há ou pode haver pecado, isso não o permite o Santo dos Santos. E como é próprio da santidade estimar mais o conceito da virtude que o da ciência, e sofrer antes contra si a opinião da ignorância que a do pecado, muito mais fez Agostinho enquanto santo no Livro de suas Confissões em publicar seus pecados, que no Livro de suas Retratações em confessar suas ignorâncias.

197. Enquanto homem, não foi assim. Muito mais fez Agostinho enquanto homem na confissão de suas ignorâncias, que na publicação de seus pecados. Pecou o primeiro homem, porque quis ser como Deus, e é muito de reparar, que, sendo os atributos de Deus tantos e tão excelentes, entre todos escolhesse o demônio, para tentar o homem, o atributo da sabedoria: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum*<sup>87</sup>. Eu bem sei que tem Deus muitos atributos que não são acomodados para fazer tentação. Deus é infinita bondade, e ninguém se tenta de ser bom; Deus é eterno, e os homens de nada tratam menos que da eternidade; Deus é invisível, e o que todos apetezem é aparecer e ser vistos. Contudo, outros atributos tem Deus que podiam fazer grande tentação ao homem. Todo o homem deseja ser, deseja ter, deseja poder. Se deseja ser, por que o não tentou o demônio com o atributo da imensidade e grandeza? Se deseja ter, por que o não tentou com o domínio e senhorio universal de todas as coisas? Se deseja poder, por que o não tentou com a onipotência?

<sup>87</sup> Sereis como uns deuses, conhecendo o bem e o mal. (Gên. 3,5).

Mas que, deixados todos esses atributos, só com o da sabedoria tentasse o demônio ao homem? Sim, porque o demônio, como discreto, armou a tentação ao homem, conforme o conhecimento que tinha de sua natureza, e para onde o viu mais inclinado, para ali entendeu que cairia. Fez o demônio este argumento: o homem, não o hei de render eu, senão o seu desejo, e desejo mais natural ao homem é o de saber; logo se lhe prometo sabedoria, rendido o tenho, e assim foi. Porém, o homem, naquele estado, é certo que tinha ciência infusa; pois se tinha tanta ciência, como pecou e se tentou por saber? Porque, ainda que tinha muita ciência, não tinha toda, e esta é a que o demônio lhe prometeu: *Eritis sicut dii, scientes bonum et malum*: Tereis a ciência de tudo, como Deus. E como o homem, com a ciência que tinha, ignorava tudo o mais que Deus sabe, antes quis cometer o pecado que padecer esta ignorância. Não teve paciência nem confiança Adão para saber menos, e por isso quis antes saber mais com pecado, que saber menos sem pecado.

198. Já aqui ficava bem provado o que queremos dizer de Agostinho, mas ainda temos outro lugar do Testamento Novo, menos sabido, e pode ser que não ponderado, com que mais se encarece esta verdade. Condena Cristo as injúrias com que os homens se afrontam de palavra, assinalando também o castigo que cada uma merece, e como soberano legislador manda assim: *Qui dixerit fratri suo raca, reus erit concilio; qui autem dixerit fatue, reus erit gehennae ignis* (Mt. 5, 22): O homem que chamar a outro *raca*, tenha pena arbitrária; porém o que lhe chamar *fatue*, seja queimado em uma fornalha. — A palavra *fatue* todos sabem que significa néscio e ignorante; a outra, que é arábica, quer dizer ímpio, ou mais propriamente, blasfemo. Quem haverá pois que não julgue, ou ao menos lhe não venha ao pensamento, que nestes dois casos tão diversos se não mede bem a pena com a culpa? O ser néscio e ignorante é um defeito natural; o ser ímpio e blasfemo é pecado gravíssimo. Como logo se dá pena arbitrária ao que chama ímpio, e ao que chama ignorante pena de fogo? Porque, ainda que o ser ímpio, para com Deus é maior pecado, o ser ignorante, para com os homens é maior injúria. A injúria ou contumélia mede-se neste caso pelo sentimento e afronta que o homem recebe, e nenhum há que não sinta e se afronte mais de ser motejado de ignorante que de ser notado de mau. E como este é o comum conceito e estimação dos homens, ter por menor injúria o pecado que a ignorância, muito mais fez Agostinho enquanto homem no livro de suas Retratações, em confessar suas ignorâncias, que no livro de suas Confissões, em publicar seus pecados.

## §XII

*Os julgadores que seguem a seita de Pilatos, e reputam por descrédito o retratar-se. O retratar-se não é argumento de não saber O exemplo de Moisés, reconhecendo o ditame de Jetro. A disputa entre São Pedro e São Paulo. S. Pedro, no Mar de Tiberíades, nadando foi buscar a verdade onde a não tinha visto. Santo Agostinho, retratando-se, sucede a*



*Lúcifer no céu.*

199. Tenho acabado o meu discurso, e, já que não pude louvar como devera a meu Santo Agostinho — a quem tenho tomado diante de Deus por muito particular patrono — ao menos o não quisera desagradar e não fechar o sermão com um ponto da sua doutrina. Aos que fazem o que fez enquanto santo, não é necessário; aos que não fazem o que fez enquanto homem, sim, e não será pouco útil aos vizinhos do bairro.

200. Quantos julgadores há, que, ou no voto, ou na tenção, ou na sentença reputam por descrédito o retratar-se, e, seguindo o ditame ou seita de Pilatos, têm por timbre o dizer: *Quod scripsi, scripsi*. E também pode ser que haja algum, o qual, sem reparar em que se condena não se retratando, ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de não confessar que errou, não tema acompanhar a Lúcifer no castigo, como o imita na contumácia. O retratar-se não é argumento de não saber mas de saber, que muitas vezes pode acertar o menos douto no que o mais letrado não advertiu. Que comparação tinha na ciência Jetro com Moisés? E, contudo, conheceu Moisés que o ditame de Jetro era mais acertado, e logo retratou o seu e seguiu o alheio. Por isso disse dele Filo Hebreu — o que igualmente se pode dizer de Santo Agostinho: *Intactus a contentionibus, veritatem quaerebat: quippe qui nihil praeter eam admittebat, longe aliter quam isti, qui accepta semel qualiacum que dogmata obstinante defendunt*. Não era Moisés — nem Agostinho — como aqueles que defendem obstinadamente o que uma vez disseram, só porque o disseram; mas porque só buscavam e amavam a verdade, em qualquer parte que a achavam, e de qualquer boca que a ouviam, a seguiam e abraçavam sem contenda nem controvérsia.

201. Nenhum homem houve tão amigo de sustentar o crédito do que tinha dito, como São Pedro. Aconselhou a Cristo que não morresse, dependendo da mesma morte a salvação do mundo: *Absit a te, Domine, non erit tibi hoc*<sup>88</sup>. E por quê? Porque tinha dito que Cristo era Filho de Deus, e quem visse morrer a Cristo podia cuidar que Pedro se enganara no que dissera. Assim o notou e afirma não menos que São Jerônimo: *Petrus sic loquitur quia non vult perire confessionem suam, qua dixerat: Tu es Christus, Filius Dei vivi*. E este mesmo homem, que não reparou na salvação do gênero humano, só porque se não desacreditasse o que tinha dito, vede quão facilmente se retratava depois que foi consumado na sabedoria. Naquela grave questão que se disputou e decidiu no primeiro Concílio da Igreja, sobre os ritos cerimoniais da lei velha, tinha sido de parecer São Pedro que quando não obrigava a nova, por não estar suficientemente promulgada, se deviam dissimular os mesmos ritos com os gentios, por não escandalizar os judeus, uns e outros novamente convertidos. Porém, como São Paulo provasse eficazmente que se devia pro-

---

<sup>88</sup> Deus tal não permita. Senhor; não sucederá isto contigo (Mt. 16,22).

ceder doutro modo, que resolução tomou São Pedro? Sem embargo de ter praticado em Galácia e outras partes a opinião que tivera, como doutor particular, se retratou logo dela, e como Sumo Pontífice definiu no mesmo Concílio a verdade contrária. Tanto pôde com aquela grande cabeça a força da razão, posto que Paulo fosse o mais moderno dos apóstolos, e não discípulo da escola de Cristo neste mundo, como ele e os demais.

202. Isto fez São Pedro depois de descer sobre ele o Espírito Santo, mas já antes disso, em uma excelente alegoria, nos tinha ensinado como seu exemplo a mesma docilidade. Andava pescando São Pedro com os outros discípulos no Mar de Tiberíades, quando o divino Mestre ressuscitado lhes apareceu na praia. E ainda que todos o viram, e o Senhor falou a todos, só São João o conheceu. Isto que sucedeu a Cristo, que é a Suma Verdade, sucede a qualquer outra verdade quando não é manifesta. Uns a vêem, outros a não vêem, posto que de ordinário — como aqui — a vê e conhece melhor quem mais a ama. E que se deve fazer em semelhantes casos? O que fez São Pedro. Disse-lhe São João que era o Senhor: *Dominus est* (Jo. 21,7); e ele, reconhecendo que dizia bem, se lançou, logo a nado, para se ir deitar a seus pés. Assim deve fazer quem busca a verdade. Se não foi eu, senão outro o que a descobriu, nem por isso a hei de duvidar, ou negar, ou impugnar; mas, em qualquer parte que esteja, e por quem quer que fosse vista, hei de nadar logo a ela. E digo nadar, como fez S. Pedro, porque esta é a metáfora com que melhor se declara o seguir e abraçar a sentença ou parecer de outro. Os antigos, para significar este ato — que muitas vezes é heróico — diziam: *In alterius sententiam pedibus ire*, ou: *Obviis ulnis eam amplecti*. E isto é o que fez São Pedro, o qual, nadando com os pés e com os braços, foi buscar a verdade onde a não tinha visto, porque a vira João, posto que mais moço. Não há ciência tão jubilada que não possa deixar de ver o que vê outra de menos anos e de menor autoridade, qual era a de João em respeito de Pedro. O verdadeiro saber é de saber reconhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos ou de outro entendimento, e não se cegar com o próprio, como se cegou Lúcifer.

203. Oh! se Lúcifer seguira a sentença dos anjos, que ele tinha por inferiores, e se soubera retratar do que tinha dito, que qualificada ficaria a sua sabedoria! Mas onde a quis sustentar, e se namorou demasiadamente dela, ali a perdeu: *Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo*<sup>89</sup>. Não é pequena prova da obstinação de Lúcifer, que depois do Livro das Retratações de Santo Agostinho se não arrependesse com tal exemplo, e se não retratasse. Daqui infiro eu por remate ou coroa de quanto tenho dito, que no mesmo lugar de Lúcifer, que ele perdeu no céu, por se não retratar, sucedeu Santo Agostinho, porque se retratou. A lei ou texto em que me fundo é aquela promessa que Deus fez aos filhos de Israel, quando houveram de entrar na Terra de Promissão: *Omnem locum quem calcaverit vestigium pedis vestri, vobis tradam* (Jos. 1,3): Todo o lugar que pisardes na Terra de Promissão será vosso. — A Terra de Promissão era figura do céu, e desta promessa de Deus infere

<sup>89</sup> Tu perdeste a tua sabedoria na tua formosura (Ez. 28, 17).

Orígenes que quem pisa a soberba de Lúcifer, esse terá no céu o seu lugar: *Lucifer sedem habebat in caelis; postea vero quam factus est angelus refuga, si eum vincere potero, et subjicere pedibus meis, consequenter locum Luciferi merebor in caelis*. E se é conseqüência fundada na promessa divina, que a cadeira de Lúcifer, perdida por soberba de sabedoria obstinada, só a alcançará aquele que meter debaixo dos pés a mesma soberba pela humildade, a mesma obstinação pelo arrependimento, e a mesma sabedoria errada pela retratação dela, a quem se deve, ou seja por votos, ou por aclamação, a cadeira de Lúcifer, senão a Agostinho? Assim resplandece entre os anjos quem assim alumiou os homens: *sic luceat lux vestra coram hominibus*; assim exaltam as boas obras a quem soube confessar e retratar as que não eram boas: *Ut videant opera vestra bona*; e assim glorifica Deus no céu a quem tanto o glorificou e fez glorificar na terra: *Ut glorificet Patrem vestrum qui in caelis est*.

## SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

NA CAPELA REAL, ANO DE 1650

*Tunc videbunt Filium hominis venientem in nubibus caeli cum potestale magna et majestate*<sup>1</sup>.

### § I

*Sermão sem princípio: a lembrança daquela temerosa trombeta que há de soar no último dia.*

204. Abrasado finalmente o mundo, e reduzido a um mar de cinzas, tudo o que o esquecimento deste dia edificou sobre a terra — dou princípio a este sermão sem princípio, porque já disse Quintiliano que as grandes ações não hão mister exórdio; elas per si mesmas, ou supõem a atenção, ou a conciliam. Também passo em silêncio a narração portentosa dos sinais que precederão ao Juízo, porque esta parte do Evangelho pertence aos que hão de ser vivos naquele tempo, e não a nós; e o dia de hoje é muito de tratar cada um só do que lhe pertence. — Abrasado pois o mundo, e consumido pela violência do fogo tudo o que a soberba dos homens e o esquecimento deste dia levantou e edificou na terra, quando já não se verão neste formoso e dilatado mapa senão umas poucas cinzas, relíquias de sua grandeza e desengano de nossa vaidade, soará no ar uma trombeta espantosa, não metafórica, mas verdadeira — que isto quer dizer a repetição de São Paulo: *Canet enim*

<sup>1</sup> E então verão o Filho do homem, que virá sobre uma nuvem com grande poder e majestade (Lc. 21,27).

*tuba*<sup>2</sup>. — E obedecendo aos impérios daquela voz o céu, o inferno, o purgatório, o limbo, o mar, a terra, abrir-se-ão em um momento as sepulturas, e aparecerão no mundo os mortos vivos. Parece-vos muito que a voz de uma trombeta haja de achar obediência nos mortos? Ora, reparaí em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrai pelos desertos do Egito, da Tebaida, da Palestina, penetrai o mais interior e retirado daquelas soledades: que é o que vedes? Naquela cova vereis metido um Hilarião, naqueloutra um Macário, na outra mais apartada um Pacômio, aqui um Paulo, ali um Jerônimo, acolá um Arsênio, da outra parte uma Maria Egipcíaca, uma Taís, uma Pelágia, uma Teodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a este estado? Quem vos antecipou a morte? Quem vos amortalhou nesses cilícios? Quem vos enterrou em vida? Quem vos meteu nessas sepulturas? Quem? Responderá por todos São Jerônimo: *Semper mihi viretur insonare tuba illa terribilis: Surgite mortui, venite adjudicia*: Sabeis quem nos vestiu destas mortaldas, sabeis quem nos fechou nestas sepulturas? A lembrança daquela trombeta temerosa que há de soar no último dia: Levantai-vos, mortos, e vinde a juízo. — Pois se a voz desta trombeta só imaginada — pesai bem a conseqüência — se a voz desta trombeta só imaginada, bastou para enterrar os vivos, que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto não é este. O que me espanta e o que deve assombrar a todos é que haja de bastar esta trombeta para ressuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortais? Credes, mortais, que há de haver juízo? Uma de duas é certa: ou o não credes, ou o não tendes. Virá o dia final, e então sentirá nossa insensibilidade sem remédio o que agora pudera ser com proveito. Quanto melhor fora chorar agora e arrepende agora, como faziam aqueles e aquelas penitentes do ermo, do que chorar e arrepende depois, quando para as lágrimas não há de haver misericórdia, nem para os arrependimentos perdão. Agora vivemos como queremos, e ainda mal porque depois havemos de ressuscitar como não quiséramos.

## §II

*Quanta gente bem nascida se verá naquele dia mal ressuscitada. A ressurreição, segundo nascimento com alvedrio, é satisfação aos homens da desigualdade com que hoje nascem. Se os homens se prezam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem ressuscitados? A glória de quem tomar para si o elogio do Batista: entre os nascidos das mulheres, nenhum ressuscitou maior.*

205. Grandes coisas, e lastimosamente grandes haverá que ver e considerar naquele ato da ressurreição universal! Mas entre todas as considerações, a que me parece mais própria deste lugar, e mais digna de sentimento é esta. E quanta gente bem nascida se verá

<sup>2</sup> Porque uma trombeta soará (1 Cor. 15,52).

naquele dia mal ressuscitada! Entre a ressurreição natural e a sobrenatural há uma grande diferença: que na ressurreição natural cada um ressuscita como nasce; na ressurreição sobrenatural cada um ressuscita como vive. Na ressurreição natural nasce Pedro e ressuscita Pedro; na ressurreição sobrenatural nasce pescador e ressuscita príncipe: *Sedebitis in regeneratione judicantes duodecim tribus Israel*<sup>3</sup>. Oh! que grande consolação esta para aqueles a quem não alcançou a fortuna dos altos nascimentos! Bem me parecia a mim que não podia faltar Deus a dar uma grande satisfação no dia do Juízo à desigualdade com que nascem os homens, sendo todos da mesma natureza. Não se faz agravo na desigualdade do nascer a quem se deu a eleição do ressuscitar. A ressurreição é um segundo nascimento com alvedrio.

206. Tanta propriedade considerou Jó neste segundo nascimento, que até outro pai e outra mãe disse que tínhamos na sepultura: *Putredini dixi: Pater meus es tu; mater mea et soror mea, vermibus*<sup>4</sup>. Temos outro pai na sepultura em que jazem nossos ossos, porque ali somos outra vez gerados, dali saímos outra vez nascidos. Notai agora: *Statutum est hominibus semel mori* (Hebr. 9, 27): Quis Deus que morrêssemos uma só vez — e que nascêssemos duas, porque como o morrer bem dependia de nosso alvedrio bastava uma só morte; mas como o nascer bem não estava na nossa mão eram necessários dois nascimentos, para que pudéssemos emendar no segundo tudo o que nos faltasse no primeiro. Bem pudera Deus fazer que nascessem os homens todos iguais, mas ordenou sua Providência que houvesse no mundo esta mal sofrida desigualdade, para que a mesma dor do primeiro nascimento nos excitasse à melhoria do segundo. Homens humildes e desprezados do povo, boa-nova: se a natureza ou a fortuna foi escassa convosco no nascimento, sabeis que ainda haveis de nascer outra vez, e tão honradamente como quiserdes; então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

207. Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notáveis que se verão naquele dia! Virão naquele dia as almas do grande e do pequeno buscar seus corpos à sepultura, e talvez à mesma Igreja; e que sucederá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro sem pedra nem letreiro, e ressuscitará tão ilustre como as estrelas. O grande, pelo contrário, achará seu corpo embalsamado em caixas de pórfiro, aos ombros de leões ou elefantes de mármore, com soberbos e magníficos epitáfios, e ressuscitará mais vil que a mesma vileza. Oh! que metamorfose tão triste, mas que verdadeira! Vede se há de dar Deus boa satisfação aos homens da desigualdade com que hoje nascem. O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que o não pôs Deus na nossa mão; mas o ser bem ressuscitado, que é aquela nobreza que há de durar por toda a eternidade, essa deixou Deus no alvedrio de cada um. No nascimento somos filhos de nossos pais; na ressurreição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal ressuscitado

<sup>3</sup> No dia da regeneração estareis sentados sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel (Mt. 19,28).

<sup>4</sup> Eu disse à podridão: Tu és meu pai. E aos bichos: Vós sois minha mãe e minha irmã (Jó 17, 14).

por culpa sua quem foi bem nascido sem merecimento seu? Lástima grande! Ressuscitar bem sobre haver nascido mal, é emendar a fortuna; ressuscitar mal sobre haver nascido bem, é pior que degenerar da natureza. Que ressuscite bem Davi sobre nascer de Jessé, grande glória do filho de um pastor; mas que ressuscite mal Absalão, sobre nascer de Davi, grande afronta do filho de um rei! Se os homens se prezam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem ressuscitados? Nenhuma coisa trazem na boca os grandes mais ordinariamente que as obrigações com que nasceram. E aposto eu que muito poucos sabem quais são estas obrigações. Nascer bem é obrigação de ressuscitar melhor. Estas são as obrigações com que nasceste.

208. O mais bem nascido homem que houve nem pode haver foi Cristo; ninguém teve melhor Pai nem melhor Mãe, e foi notar Santo Agostinho, que, se Cristo nasceu bem, ressuscitou melhor: *Gloriosior est ista nativitas, quam illa: illa corpus mortale genuit, ista redidit immortale*: Cristo, diz Santo Agostinho, nasceu mais nobremente no segundo nascimento que no primeiro: no primeiro nascimento nasceu mortal e passível, no segundo, que foi a sua ressurreição, nasceu impassível e imortal. — Eis aqui as obrigações dos bem-nascidos: nascerem a segunda vez melhor do que nascerem a primeira. Se Deus pusera na mão do homem o nascer, quem houvera, por bom que fosse, que não se fizesse muito melhor? Pois esse é o caso em que estamos. Se havemos de tornar a nascer, por que não trabalharemos muito por nascer muito honradamente? Não nascer honrado no primeiro nascimento tem a desculpa de que Deus nos fez: *Ips fecit nos* (Sl. 99,3); não nascer honrado no segundo nenhuma desculpa tem: tem a glória de sermos nós os que nos fizemos: *Ipsi nos*. Que glória será naquele dia para um homem poder tomar para si em melhor sentido o elogio do grande Batista: *Inter natos mulierum non surrexit major* (Mt. 11, 11): Entre os nascidos das mulheres nenhum ressuscitou maior. — Ser o maior dos nascidos, enquanto nascido, é pequeno louvor e de pouca dura; ser o maior dos nascidos, enquanto ressuscitado, isso é verdadeiramente o ser maior. Na nossa mão está, se o quisermos ser. Nesta vida o mais venturoso pode nascer filho do rei; na outra vida, todos os que quiserem podem nascer filhos do mesmo Deus: *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*<sup>5</sup>. E que não sejam isto considerações, senão verdades e fé católica! Bendito seja aquele Senhor que é nossa ressurreição e nossa vida: *Ego sum resurrectio et vita*<sup>6</sup>.

### §III

*Como é possível que uma multidão quase infinita de homens caiba no Vale de Josafá? Na criação, o homem foi o primeiro que começou a não caber. O dote da sutileza dos bons. Caberão os maus no vale de Josafá, assim como couberam os animais na Arca*

<sup>5</sup> Deu-lhes o poder de se fazerem filhos de Deus (Jo. 1,12).

<sup>6</sup> Eu sou a ressurreição e a vida (Jo. 11,25).

*de Noé. As estrelas hão de caber cá embaixo, porque hão de cair. Os levantados e os caídos não têm a mesma medida.*

209. Unidas as almas aos corpos e restituídos os homens à sua antiga inteireza, os bem ressuscitados alegres, os mal ressuscitados tristes, começarão a caminhar todos para o lugar do Juízo. Será aquela a vez primeira em que o gênero humano se verá a si mesmo, porque se ajuntarão ali os que são, os que foram, os que hão de ser, e todos pararão no Vale de Josafá. Se o dia não fora de tanto cuidado, muito seria para ver os homens grandes de todas as idades juntos. Mas vejo que me estão perguntando como é possível que uma multidão tão excessiva como a de todo o gênero humano, os homens que se continuaram desde o princípio até agora, e os que se irão multiplicando sucessivamente até o fim do mundo, como é possível que aquele número inumerável, aquela multidão quase infinita de homens caiba em um vale? A dúvida é boa; queira Deus que o seja a resposta. Primeiramente digo que nisto de lugares há grande engano: cabe muito mais nos lugares do que nós cuidamos.

210. No primeiro dia da criação criou Deus o céu, e a terra, e os elementos, e é certo em boa filosofia que não ficou nenhum vácuo no mundo; tudo estava cheio. Com isto ser assim e parecer que não havia já lugar para caber mais nada, ao terceiro dia vieram as ervas, as plantas e as árvores, e com serem tantas em número, e tão grandes, couberam todas. Ao quarto dia veio o sol, e sendo aquele imenso planeta cento e sessenta e seis vezes maior que a terra, coube também o sol; vieram no mesmo dia as estrelas tantas mil, e cada uma de tantas mil léguas, e couberam as estrelas. Ao quinto dia vieram as aves ao ar, e couberam as aves; vieram os peixes ao mar, e com haver neles tantos monstros de disforme grandeza, couberam os peixes. No sexto dia vieram os animais tantos e tão grandes à terra, e couberam os animais; finalmente veio o homem, e foi o homem o primeiro que começou a não caber; mas se não coube no Paraíso, coube fora dele. De sorte que, como dizia, nisto de lugares vai grande engano: cabe neles muito mais do que nos parece. E se não, passemos a um exemplo moral, e vejamo-lo em qualquer lugar da república. O dia é do Juízo; seja o lugar de um julgador.

211. Antigamente em um lugar destes, que é o que cabia? Cabia o doutor com os seus textos e umas poucas de postilas, muito usadas, e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro<sup>7</sup>. Cabiam os filhos honestamente vestidos, mas a pé, e com a arte<sup>8</sup> debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas jóias, e as criadas, se passavam da unidade, não chegavam ao plural dos gregos. Isto é o que cabia naquele lugar antigamente; e feitas boas contas, parece que não podia caber mais. Andaram os anos, o lugar não cresceu, e tem mostrado a experiência que é

<sup>7</sup> *Limoeiro*: Antigo paço real de Lisboa, também chamado *Palácio da Moeda Nova*.

<sup>8</sup> *Arte*: a gramática latina, ou qualquer gramática de outra língua, ou livro de regras.

muito mais, sem comparação, o que cabe no mesmo lugar. Primeiramente cabem umas casas ou paços, que os não tinham tão grandes os condes de outro tempo; cabe uma livraria de Estado, tamanha como a Vaticana, e talvez com os livros tão fechados como ela os tem; cabe um coche com quatro mulas, cabem pajens, cabem lacaios, cabem escudeiros; cabe a mulher em quarto apartado, com donas, com aias, e com todos os outros arremedos da fidalguia; cabem os filhos com cavalos e criados, e talvez com o jogo e com outras mocidades de preço; cabem as filhas maiores com dotes e casamentos de mais de marca, as segundas nos mosteiros com grossas tenças; cabem tapeçarias, cabem baixelas, cabem comendas, cabem benefícios, cabem moios de renda, e, sobretudo, cabem umas mãos muito lavadas e uma consciência muito pura, e infinitas outras coisas, que só na memória e no entendimento não cabem. Não é isto assim? Lá nessas terras, por onde eu agora andei, assim é. Pois se tudo isto assim é em um lugar tão pequeno, que grande serviço fazemos nós à fé em crer que caberemos todos no Vale de Josafá? Havemos de caber todos, e se vierem outros tantos mais, para todos há de haver vale e milagre.

212. De mais dessa razão geral, que há da parte do lugar, há outras duas da parte da pessoa: uma da parte dos bons, outra da parte dos maus. Os bons poderão caber ali em muito pouco lugar, porque terão o dote da sutileza. Entre os quatro dotes gloriosos, há um que se chama sutileza, o qual comunica tal propriedade aos corpos dos bem-aventurados, que todos quantos se hão de achar no dia do Juízo podem caber neste lugar onde eu estou, sem me tirarem dele. Cá no mundo também há este dote da sutileza, mas com mui diferentes propriedades. A sutileza do céu introduz a um sem afastar a outro; as sutilezas do mundo, todo seu cuidado é afastar aos outros para se introduzir a si. Por isto não há lugar que dure, nem lugar que baste. Muito é que Jacó e Esaú não coubessem em uma casa; mais é que Lot e Abraão não coubessem em uma cidade; muito mais é que Saul e Davi não coubessem em um reino; mas o que excede toda a admiração é que Caim e Abel não coubessem em todo o mundo. E por que não cabiam dois homens em tão imenso lugar? Pior é a causa que o caso. Caim não cabia com Abel, porque Abel cabia com Deus. Em um homem cabendo com seu senhor, logo os outros não cabem com ele. Alguma vez será isto soberba dos Abéis, mas ordinariamente é inveja dos Cains. Se é certo que com a morte se acaba a inveja, facilmente caberemos todos no dia do Juízo. Quereis caber todos? Não acrescenteis lugares: diminuí invejas. Este é o dote da sutileza dos bons.

213. Da parte dos maus também não há de haver dificuldade em caber no vale, porque ainda que os maus são tantos, e hoje tão grandes e tão inchados, naquele dia hão de estar todos muito pequeninos. Que no tempo do dilúvio coubessem na Arca de Noé todos os animais do mundo em suas espécies, crê-o a fé, porque o diz a Escritura, mas não o compreende o entendimento, porque o não alcança a razão. Como pode ser que coubessem em tão pequeno lugar tantos animais, tão grandes e tão feros? O leão, para quem toda a Líbia era pouca campanha, a águia, para quem todo o ar era pouca esfera, o touro, que não



cabia na praça, o tigre, que não cabia no bosque, o elefante, que não cabia em si mesmo. Que todos estes animais e tantos outros de igual fereza e grandeza coubessem juntos em uma arca tão pequena? Sim. Cabiam todos, porque, ainda que a Arca era pequena, a tempestade era grande. Alagava Deus naquele tempo a terra com dilúvio universal, que foi a maior calamidade que padeceu o mundo, e nos tempos dos grandes trabalhos e calamidades até o instinto faz encolher os animais, quanto mais a razão aos homens. Caberão os homens no Vale de Josafá, assim como couberam os animais na Arca de Noé: *Sicut fuit in diebus Noe, sic erit in consummatione saeculi*<sup>9</sup>. Diz o texto que só com os sinais do fim do mundo hão de andar todos os homens secos e mirrados: *Arescentibus hominibus prae timore*<sup>10</sup>. Se aos homens os há de apertar tanto o receio, quanto os estreitará o Juízo? Oh! como nos encolheremos todos naquele dia! Oh! como estarão pequeninos ali os maiores gigantes! A maior maravilha do dia do Juízo, não é haver de caber todo o mundo em todo o Vale de Josafá; a maravilha maior será que caberão então em uma pequena parte do vale muitos que não cabiam em todo o mundo. Um Nabucodonosor, um Alexandre Magno, um Júlio César, para quem era estreita a redondeza da terra, caberão ali em um cantinho.

214. Uma das coisas notáveis que diz Cristo do dia do Juízo é que cairão as estrelas do céu: *Stellae cadent de caelo* (Mt. 24,29). Se dermos vista aos matemáticos, hão de achar grande dificuldade neste texto — eu lhes darei a razão natural dele, quando ma peçam. — Todas as estrelas, menos duas, são maiores que a terra, e algumas há que são quarenta, oitenta, e cento e dez vezes maiores. Pois se as estrelas são maiores que a terra, como hão de cair e caber cá embaixo? Hão de caber, porque hão de cair. Não sabeis que os levantados e os caídos não têm a mesma medida? Pois assim lhes há de suceder às estrelas. Agora que estão levantadas, ocupam grandes espaços do céu; como estiverem caídas hão de caber em poucos palmos de terra. Não há coisa que ocupe menor lugar que um caído. A terra em comparação do céu é um ponto; o centro em comparação da terra é outro ponto; e Lúcifer, que levantado não cabia no céu, caído cabe no centro da terra. Ah! Lucíferes do mundo! Aqueles que, levantados nas asas da prosperidade humana, em nenhum lugar cabeis hoje, caídos e derrubados naquele dia, cabereis em muito pouco lugar. Estaremos todos ali encolhidos e sumidos dentro em nós mesmos, cuidando na conta que havemos de dar a Deus, e quando não houvera outra razão, esta só bastava para não faltar lugar a ninguém. Dêem os homens em cuidar na conta que hão de dar a Deus, e eu vos prometo que sobejem lugares. O que importa é que o lugar seja bom, que quanto a lugar, Vale de Josafá haverá para todos.

#### §IV

<sup>9</sup> E assim como foi nos dias de Noé, assim será também na consumação dos séculos (Mt. 24,37; Lc. 17,26 s).

<sup>10</sup> Mirrando-se os homens de susto (Lc. 21,26).

*Hão de estar os homens ali repartidos todos por seus estados, conforme o lugar que tiveram nesta vida. A separação dos pontífices, dos bispos e dos religiosos.*

215. Presente, enfim, no vale todo o gênero humano, correr-se-ão as cortinas do céu, e aparecerá o supremo Juiz sobre um trono de resplandecentes nuvens, acompanhado de todas as hierarquias dos anjos, e, muito mais, de sua própria majestade. A primeira coisa que fará, será mandar apartar os maus dos bons, e os ministros desta execução serão os anjos: *Exibunt angeli et separabunt malos de medio justorum*<sup>11</sup>. Para se entender melhor esta separação, havemos de supor com o profeta Zacarias que antes dela não hão de estar os homens ali juntos confusamente, mas, para maior grandeza e distinção do ato, hão de estar repartidos todos por seus estados: *Familia et familia seorsum*<sup>12</sup>. A uma parte hão de estar os papas, a outra os imperadores, a outra os reis, a outra os bispos, a outra os religiosos, e assim dos demais estados do mundo. Separados todos por esta ordem, conforme o lugar que tiveram nesta vida, então se começará a segunda separação, segundo o estado que hão de ter na outra, e que há de durar para sempre.

216. Sairão pois os anjos. Vede que suspensão e que tremor será o dos corações dos homens naquela hora. Sairão os anjos, e irão primeiramente ao lugar dos papas: *Et separabunt*. — Faz horror só imaginar que em uma dignidade tão divina, e em homens eleitos pelo Espírito Santo, há de haver também que separar. — *Et separabunt malos de medio justorum*. E separarão os pontífices maus dentre os pontífices bons. Eu bem creio que serão muito raros os que se hão de condenar, mas haver de dar conta a Deus de todas as almas do mundo é um peso tão imenso, que não será maravilha que, sendo homens, levasse alguns ao profundo. Todos nesta vida se chamaram Padres Santos, mas o dia do Juízo mostrará que a santidade não consiste no nome, senão nas obras. Nesta vida Beatíssimos, na outra mal-aventurados. Oh! que grande miséria!

217. Sairão após estes outros anjos, e irão ao lugar dos bispos e arcebispos: *Et separabunt malos de medio justorum*. Lá vai aquele, porque não deu esmolas; aquele, porque enriqueceu os parentes com o patrimônio de Cristo; aquele, porque tendo uma esposa procurou outra melhor dotada; aquele, porque faltou com o pasto da doutrina a suas ovelhas; aquele, porque proveu as Igrejas nos que não tinham mais merecimento que o de serem seus criados; aquele, porque na sua diocese morreram tantas almas sem sacramentos; aquele, por não residir; aquele, por simonias; aquele, por irregularidades; aquele, por falta de exemplo na vida, e também algum por falta da ciência necessária, empregando o tempo e o estudo em divertimentos, ou da corte, e não de prelado, ou do campo, e não de pastor. Valha-me Deus, que confusão tão grande! Mas que alegres e que satisfeitos estarão neste

<sup>11</sup> Sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos (Mt. 13,49).

<sup>12</sup> Umas famílias e outras famílias à parte (Zac. 12, 12).

passo um São Bernardino de Sena, um São Boaventura, um São Domingos, um São Bernardo, e muitos outros varões santos e sisudos, que, quando lhes ofereceram as mitras, não quiseram subir à alteza da dignidade porque reconheceram a do precipício. Pelo contrário, que tais levarão os corações aqueles miseráveis condenados? Quantas vezes dirão dentro em si mesmos, e a vozes: Maldito seja o dia em que nos elegeram, e maldito quem nos elegeu! Maldito seja o dia em que nos confirmaram, e maldito quem nos confirmou. Se um homem mal pode dar conta de sua alma, como a dará boa de tantas? Se este peso deu em terra com os maiores Atlantes da igreja, quem não temerá e fugirá dele?

218. Grande desconsolação é hoje para as igrejas de Portugal não terem bispos; mas pode ser que no dia do Juízo seja grande consolação para os bispos de Portugal não chegarem a ter igrejas. De um sacerdote que não quis aceitar um bispado, conta São Jerônimo que, aparecendo depois da morte a um seu tio religioso, que assim lhe aconselhara, lhe disse estas palavras: *Gratias, pater, tibi refero ex dissuasionem episcopatus*: Dou-vos, padre, muitas graças, porque me persuadistes que não aceitasse aquele bispado: *Nam scito, quia nunc essem de numero damnatorum, si fuisset de numero episcoporum*: Porque sabereis que hoje havia eu de ser do número dos condenados, se então fora do número dos bispos. — Oh! quantos, sem saberem o que fazem, debaixo do nome lustroso de uma mitra, andam feitos pretendentes de sua condenação! A este e a muitos outros, que não quiseram aceitar bispados, revelou Deus que se haviam de condenar se chegassem a ser bispos. E quem vos disse a vós que estáveis privilegiado desta condicional? De chegardes a ser bispo, pode ser que não dependa a salvação de outras almas; e de não chegardes a o ser, pode ser que dependa a salvação da vossa. O mais seguro é encolher os ombros e deixar governar a Deus.

219. Do lugar dos bispos passarão os anjos ao lugar dos religiosos, e entrando naquela multidão infinita das ordens regulares, sem embargo de resplandecerem nelas como sóis as maiores santidades do mundo, contudo haverá muito que separar. Começarão por Judas: *Et separabunt malos de medio justorum*. Não o digo por me tocar, mas por todas as razões me parece que será este o mais triste espetáculo do dia do Juízo. Que vão os homens pelo caminho do inferno desgraça é, mas não é maravilha; porém, ir ao inferno pelo caminho do céu é a maior de todas as misérias. Que o rico avarento, vestindo púrpuras e holandas, e gastando a vida em banquetes, seja sepultado nos fogos eternos, por seu preço leva o inferno: *Recepisti bona in vita tua*<sup>13</sup>; mas que o religioso, amortalhado em um saco, com os seus jejuns, com as suas penitências, com a sua clausura, com a sua vontade sujeita a outrem, por ter os olhos nas migalhas dos do mundo, como Lázaro, vá parar nas mesmas penas? Brava desventura! O secular distraído, que lhe não veio nunca à memória a conta que havia de dar a Deus, que a não dê boa e se perca, não podia parar noutra coisa o seu descuido; mas que o mesmo religioso, que por estes púlpitos vos vem pregar o Juízo,

<sup>13</sup> Recebeste os teus bens em tua vida (Lc. 16, 25).

possa ser e haja de ser um dos condenados daquele dia! Triste estado é o nosso, se nos não salvamos. Mas daqui podeis vós também inferir que se isto passa no porto, que será no pego? Se nós — falo dos melhores que eu — se nós, sobre tanto meditar na outra vida, nos perdemos, o vosso descuido e o vosso esquecimento, onde vos há de levar? Se as Cartuxas, se os Bussacos, se as Arrabidas hão de tremer no dia do Juízo, as cortes, e a vossa corte em que estado se achará?

## §V

*Os reis. Só uma nação houve antigamente da qual consta nas Escrituras quantos foram os reis que se salvaram e quantos os que se perderam. Examinem muito escrupulosamente os príncipes as suas consciências. O apartamento daqueles em que por razão do sangue e do amor é mais natural a união.*

220. Em todos os estados da corte haverá mais que separar que em nenhuns outros. Mas, deixando por agora os demais, em que cada um se pode pregar a si mesmo, chegarão finalmente os anjos ao lugar dos reis. Não se verão ali sitiais nem outros aparatos de majestade, mas todos sós, e acompanhados somente de suas obras, estarão em pé como réus. Conhecer-se-ão distintamente quais foram os reis de cada reino, quais os de Hungria, quais os de França, quais os de Inglaterra, quais os de Castela, quais os de Portugal. E desta maneira irão os anjos tirando de cada coroa aqueles que foram maus reis: *Et separabunt malos de medio justorum*. Espero eu em Deus, que neste dia há de ser o nosso reino singular entre os do mundo, e que só dele não hão de achar os anjos que apartar. Se eu estudara só pelo meu desejo e pela minha esperança, assim o havia de crer, mas quando leio as Escrituras, acho muito que temer e muito que duvidar. Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quais se salvam, nem quais se perdem. Só uma nação houve antigamente, da qual nos consta do texto sagrado quantos foram os reis que se salvaram e quantos os que se perderam. Tremo de o dizer, mas é bem que saiba distintamente. No povo hebreu, em tempo que era povo de Deus, houve três reinos. O primeiro foi o Reino das Doze Tribos: teve três reis, e durou cento e vinte anos. O segundo foi o Reino de Judá: teve vinte reis, e durou trezentos e noventa e quatro anos. O terceiro foi o Reino de Israel: teve dezenove reis, e durou duzentos e quarenta e dois anos. Saibamos agora quantos reis foram os que se salvaram e quantos os que se perderam nestes reinos.

221. No Reino das Doze Tribos, de três reis, perdeu-se Saul, salvou-se Davi, de Salomão não se sabe. No Reino de Judá, de vinte reis salvaram-se cinco, perderam-se treze, de dois é incerto. No Reino de Israel nem estas tão pequenas exceções teve a desgraça: foram os reis dezenove, e todos os dezenove se condenaram. No dia do Juízo não se poderá cumprir neste reino o *separabunt malos de medio justorum*. Chegarão os anjos

ali, não terão que separar, levarão a todos. Oh! desgraçados cetros! Oh! desgraçadas coroas! Oh! desgraçado país! Oh! desgraçada descendência! Desde Jeroboão a Oséias, dezenove reis coroados, dezenove reis condenados!

222. Pois, por certo que não foi por falta de doutrina nem de auxílios: tinham estes reis conhecimento do verdadeiro Deus, tinham um povo que era o povo escolhido de Deus, tinham templo; tinham sacerdotes, tinham sacrifícios, viam milagres, ouviam profecias, recebiam favores do céu, e, quando era necessário, não lhes faltavam também castigos. E nada disto bastou. Muito arriscada coisa deve ser o reinar, pois, em tantos tempos e em tantos reis, se salvam, ou tão poucos, ou nenhum. Julguem lá agora os príncipes quais serão as causas disto, que Deus não é injusto. Examinem muito escrupulosamente suas consciências, e olhem a quem as comunicam. Considerem muito devagar as suas obrigações, que são muito mais estreitas do que ordinariamente cuidam; inquiram muito de propósito sobre os danos públicos e particulares de seus vassallos, e vejam, pondo de parte todo o afeto, se suas orações, ou suas omissões podem ser a causa; persuadam-se que hão de aparecer, como qualquer outro homem, diante do tribunal da Justiça divina, onde se lhes há de pedir rigorosíssima conta, dia por dia, e hora por hora, de quanto fizeram e de quanto deixaram de fazer. Cuide finalmente e pese, como convém, cada um dos príncipes, quão grande desventura e confusão sua será naquele cadafalso universal do dia do Juízo se, depois de tanta majestade e adoração nesta vida, vier um anjo e o tomar pela mão, e o tirar para sempre do número dos que se hão de salvar: *Separabunt malos de medio justorum*.

223. Por este modo se irá continuando a separação dos maus em todos os estados do mundo, e naqueles em que por razão do sangue e do amor é mais natural a união, será mais lastimoso o apartamento. Verdadeiramente todas as outras circunstâncias daquele ato terão muito de rigorosas: esta parecerá cruel. Apartar-se-ão ali os pais dos filhos; irá para uma parte Abraão e para a outra Ismael. Apartar-se-ão os irmãos dos irmãos: irá para uma parte Jacó e para outra Esaú. Apartar-se-ão as mulheres dos maridos: irá para uma parte Ester e para outra Assuero. Apartar-se-ão os amigos dos amigos seja o exemplo incerto, já que há tão poucos de verdadeira amizade — irá para uma parte Jônatas e para outra Davi. Assim se apartarão para nunca mais os que se amam nesta vida, e os que tinham tantas razões para se amarem na outra. Para nunca mais! Oh! que lastimosa palavra! Se apartar-se de uma terra para outra terra, com esperança de se tornar a ver, causa tanta dor nos que se amam; se apartar-se desta vida para a outra vida, com probabilidade de se verem eternamente, é um transe tão rigoroso, que dor será apartarem-se para nunca mais, com certeza de se não verem enquanto Deus for Deus, aqueles a quem a natureza e o amor tinham feito quase a mesma coisa! Certo que tem assaz duro coração quem só pelo não meter nestes apertos, não ama a Deus com todo ele.

*O exame das culpas. Só um condenado do inferno, e nem ainda este bastantemente, poderá declarar o que naquele dia há de ser Os dois escrúpulos mais necessários: os pecados de omissão e os pecados de consequência. A omissão. Pelo que fizeram se hão de condenar muitos; pelo que não fizeram todos. O relatório das omissões na sentença do dia do Juízo. As omissões, os mais perigosos de todos os pecados. Repreensão de Deus ao profeta Elias. Os pecados do tempo.*

224. Feita a separação dos maus e bons, e sossegados os prantos daquele último apartamento, que serão tão grandes como a multidão e tão lastimosos como a causa, posto todo o Juízo em silêncio e suspensão, começará a se fazer o exame das culpas. Neste passo me havia eu de descer do púlpito, e subir a ele quem? Não um anjo, mas um profeta; não um apóstolo, mas algum dos condenados do inferno, como queria o rico avarento que viesse pregar a seus irmãos: *Delicta quis intelligit* (Sl. 18,13)? Quem há neste mundo que entenda nem conheça os pecados? — Isto dizia Davi, aquele profeta tão alumiado do céu. Só um condenado do inferno, só quem foi julgado por Deus, só quem assistiu ao rigor daquele tribunal tremendo, só quem viu o exame inescrutável com que ali se penetram e se apuram as consciências, só quem viu a anatomia tão miúda, tão delicada, tão esquisita que ali se faz do menor pecado e da menor circunstância, só quem viu a sutileza não imaginada com que ali se pesam átomos, se medem instantes, se partem indivisíveis, só este, e nem ainda este bastantemente poderá declarar o que naquele dia há de ser.

225. Muitas vezes me resolvi a deixar totalmente este ponto, contentando-me com confessar que não sei, nem me atrevo a falar nele, por que ninguém possa dizer no dia do Juízo que eu o enganei. Mas como a matéria é tão importante, e a principal obrigação deste dia, já que se não pode dizer tudo, nem parte, ao menos quisera que Deus me ajudasse a vos meter hoje na alma dois escrúpulos que me parecem os mais necessários ao auditório a quem falo: pecados de omissão e pecados de consequência. Estes são os dois escrúpulos que vos quisera hoje advertir e intimidar da parte de Deus.

226. Sabei, cristãos, saí, príncipe, saí, ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes, mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se hão de condenar muitos; pelo que não fizeram, todos. As culpas por que se condenam os reis são as que se contêm nos relatórios das sentenças; lede agora o relatório da sentença do dia do Juízo, e notai o que diz: *Discedite a me maledicti in ignem aeternum* (Mt. 25, 41): Ide, malditos, ao fogo eterno. — E por quê? *Non dedistis mihi manducare, non dedistis mihi potum, non collegistis me, non cooperuistis me, non visitastis me* (Mt. 25, 42 s). Cinco cargos e todos omissões: porque não destes de comer, porque não destes de beber, porque não recolhastes, porque não visitastes, porque não vestistes. — Em suma, que os pecados que ultimamente hão de levar os condenados ao inferno são os pecados de omissão. Não se

espantem os doutos de uma proposição tão universal como esta, porque assim é verdadeira em todo o rigor da teologia. O último pecado e a última disposição por que se hão de condenar os precitos é a impenitência final, e a impenitência final é pecado de omissão. Vede que coisas são omissões, e não vos espanteis do que digo. Por uma omissão, perde-se uma inspiração, por uma inspiração, perde-se um auxílio, por um auxílio, perde-se uma contrição, por uma contrição, perde-se uma alma. Dai conta a Deus de uma alma, por uma omissão.

227. Desçamos a exemplos mais públicos. Por uma omissão, perde-se uma maré, por uma maré, perde-se uma viagem, por uma viagem, perde-se uma armada, por uma armada, perde-se um estado. Dai conta a Deus de uma Índia, dai conta a Deus de um Brasil, por uma omissão. Por uma omissão, perde-se um aviso, por um aviso, perde-se uma ocasião, por uma ocasião, perde-se um negócio, por um negócio, perde-se um reino. Dai conta a Deus de tantas casas, dai conta a Deus de tantas vidas, dai conta a Deus de tantas fazendas, dai conta a Deus de tantas honras, por uma omissão. Oh! que arriscada salvação! Oh! que arriscado ofício é o dos príncipes e o dos ministros! Está o príncipe, está o ministro divertido, sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento, e talvez naquela mesma hora, por culpa de uma omissão, está cometendo maiores danos, maiores estragos, maiores destruições, que todos os malfeitores do mundo em muitos anos. O salteador na charneca com um tiro mata um homem; o príncipe e o ministro com uma omissão matam de um golpe uma monarquia. Estes são os escrúpulos de que se não faz nenhum escrúpulo; por isso mesmo são as omissões os mais perigosos de todos os pecados.

228. A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete, e com mais dificuldade se conhece, e o que facilmente se comete e dificultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo; e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa; ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado. Estava o profeta Elias em um deserto, metido em uma cova; aparece-lhe Deus e diz-lhe: *Quid hic agis, Elia* (3 Rs. 19, 9)? E bem, Elias, vós aqui? — Aqui, Senhor! Pois aonde estou eu? Não estou metido em uma cova? Não estou retirado do mundo? Não estou sepultado em vida? *Quid hic agis?* E que faço eu? Não me estou disciplinando, não estou jejuando, não estou contemplando e orando a Deus? — Assim era. Pois se Elias estava fazendo penitência em uma cova, como o repreende Deus e lhe estranha tanto? Porque, ainda que eram boas obras as que fazia, eram melhores as que deixava de fazer. O que fazia era devoção, o que deixava de fazer era obrigação. Tinha Deus feito a Elias profeta do povo de Israel, tinha-lhe dado ofício público; e estar Elias no deserto, quando havia de andar na corte, estar metido em uma cova, quando havia de aparecer na praça, estar contemplando no céu, quando havia de estar emendando a terra, era muito grande culpa.

229. A razão é fácil, porque no que fazia Elias, salvava a sua alma; no que deixava

de fazer, perdiam-se muitas. Não digo bem: no que fazia Elias, parecia que salvava a sua alma; no que deixava de fazer, perdia a sua e a dos outros: as dos outros, porque faltava à doutrina; a sua, porque faltava à obrigação. É muito bom exemplo este para a corte e para os ministros que tomam a ocupação por escusa da salvação. Dizem que não tratam de suas almas, porque se não podem retirar. Retirado estava Elias, e perdia-se; mandam-no vir para a corte para que se salve. Não deixe o ministro de fazer o que tem de obrigação, e pode ser que se salve melhor em um conselho que em um deserto. Tome por disciplina a diligência, tome por cilício o zelo, tome por contemplação o cuidado, e tome por abstinência o não tomar, e ele se salvará.

230. Mas, por que se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem, que estes são os menos maus; os piores perdem-se pelo que deixam de fazer, que esses são os piores: por omissões, por negligências, por descuidos, por desatenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades. Eis aqui um pecado de que não fazem escrúpulo os ministros, e um pecado por que se perdem muitos. Mas percam-se eles embora, já que assim o querem. O mal é que se perdem a si, e perdem ia todos; mas de todos hão de dar conta a Deus. Uma das coisas de que se devem acusar e fazer grande escrúpulo os ministros, é dos pecados do tempo. Porque fizeram o mês que vem o que se havia de fazer o passado; porque fizeram amanhã o que se havia de fazer hoje; porque fizeram depois o que se havia de fazer agora; porque fizeram logo o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciências dos que governam em matérias de momentos. O ministro que não faz grande escrúpulo de momentos, não anda em bom estado: a fazenda pode restituir; a fama, ainda que mal também se restitui; o tempo não tem restituição alguma.

231. E a que mandamento pertencem estes pecados do tempo? Pertencem ao sétimo, porque ao sétimo mandamento pertencem os danos que se fazem ao próximo e à república, e a uma república não se lhe pode fazer maior dano que furtar-lhe instantes. Ah! omissões, ah! vagares, ladrões do tempo! Não haverá uma justiça exemplar para estes ladrões? Não haverá quem ponha um libelo contra os vagares? Não haverá quem enforce estes ladrões do tempo, estes salteadores da ocasião, estes destruidores da república? Mas porque na Ordenação<sup>14</sup> não há pena contra estes delinquentes, e porque eles às vezes se acolhem a sagrado, por isso a sentença do dia do Juízo há de cair principalmente sobre as omissões.

## §VII

*Segundo escrúpulo: Pecados de conseqüência. Por que Zaqueu promete pagar três vezes mais o que tomou? Conseqüências do voto. Conseqüências infinitas do homicídio de Caim. Impossibilidade moral de salvação dos que governam, segundo S. João Crisóstomo.*

<sup>14</sup> Ordenação: nome dado às antigas leis portuguesas compiladas em códigos.



232. Pecados de conseqüência é o segundo escrúpulo. Há uns pecados que acabam em si mesmos; há outros que, depois de acabados, ainda duram em suas conseqüências. Dizia Jó a Deus: *Vestigia pedum meorum considerasti* (Jó 13,27): Considerastes, Senhor, as pegadas de meus pés. — Não diz que lhe considerou os passos, senão as pegadas, porque os passos passam, as pegadas ficam. O que fica dos pecados é o que Deus mais particularmente examina. Não só se nos há de pedir conta dos passos, senão das pegadas. Não só se nos há de pedir conta dos pecados, senão das conseqüências. Oh! que terrível conta será esta! Converteu Cristo, Senhor nosso, a Zaqueu, que era um mercante rico, e as resoluções de sua conversão foram estas: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus, et si quem defraudavi, reddo quadruplum* (Lc. 19, 8): Senhor, eu dou ametade de meus bens aos pobres, e da outra ametade pagarei quatro vezes em dobro tudo o que houver tomado.

233. Aqui reparo: as leis da justa restituição mandam que se pague o alheio em tanta quantidade como se tomou. Pois por que quer Zaqueu que da sua fazenda se paguem e se acrescentem três tantos mais: *Et si quem defraudavi, reddo quadruplum?* Se para a restituição basta uma parte, as outras três a que fim se dão? Eu o direi: dá-se uma parte para satisfação do pecado, as outras três para satisfação das conseqüências. Entrou Zaqueu em exame escrupuloso de sua consciência sobre o que tinha roubado, e fez estas contas: se eu não roubara a fulano, tivera ele a sua fazenda; se a tivera, não perdera o que perdeu, adquirira o que não adquiriu, não padecera o que padeceu. Ah! sim! Pois para que a minha satisfação seja igual à minha culpa, dê-se a cada um quatro vezes tanto como lhe eu houver defraudado. Com a primeira parte se pagará o que lhe tomei; com a segunda, o que perdeu; com a terceira o que não adquiriu; com a quarta o que padeceu. — Eis aqui o que fez Zaqueu. E que se seguiu daqui? *Hodie salus huic domui facta est* (Lc. 19,9): Hoje se pôs em estado de salvação esta casa. — E se a casa de Zaqueu, para se pôr em estado de salvação, paga três vezes mais do que tomou, em que estado de salvação estarão tantas casas de Portugal, onde se deve tanto, e se gasta tanto, e se desperdiça tanto, e nenhuma coisa se paga? Ora o caso é que muita gente deve de se condenar, porque na vida poucos pagam; na hora da morte os mais escrupulosos mandam pagar o capital; das conseqüências, nem na vida, nem na morte há quem faça caso.

234. E se isto passa na justiça comutativa, onde enfim há número, há peso e há medida, que será na distributiva e na vindicativa? Se isto lhe sucede à justiça na mão das balanças, que será na mão da espada? Quais serão as conseqüências de um voto injusto em um tribunal? Quais serão as conseqüências de um voto apaixonado em um conselho? Ajude-me Deus a saber-vo-las representar, pois é matéria tão oculta e de tanta importância. Consulta-se em um conselho o lugar de um vice-rei, de um general, de um governador, de um prelado, de um ministro superior da fazenda ou justiça, e que sucede? Vota o

conselheiro no parente, porque é parente; vota no amigo, porque é amigo; vota no recomendado, porque é recomendado; e os mais dignos, e os mais beneméritos, porque não têm amizade, nem parentesco, nem valia, ficam de fora. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim! Agora quisera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto, e que o assinou, se lhe remordeu a consciência, ou se soube o que fazia? Homem cego, homem precipitado, sabes o que fazes? Sabes o que firmas? Sabes que, ainda que o pecado que cometeste contra o juramento de teu cargo seja um só, as conseqüências que dele se seguem são infinitas e maiores que o mesmo pecado? Sabes que com essa pena te escreves réu de todos os males que fizer, que consentir e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste, e de todos os que dele se seguirem até o fim do mundo? Oh! grande miséria! Miserável é a república onde há tais votos, miseráveis são os povos onde se mandam ministros feitos por tais eleições; mas os conselheiros que neles votaram são os mais miseráveis de todos: os outros levam o proveito, eles ficam com os encargos. Ide comigo.

235. Se o que elegestes furta — não o ponhamos em condicional, porque claro está que há de furta — furta o que elegestes, e furta por si e por todos os seus, como costumam os semelhantes, e Deus há-vos de pedir a conta a vós, porque o vosso voto foi causa de todos aqueles roubos. Provê o que elegestes os ofícios de paz e guerra, nos que tem mais que peitar, deixando os que merecem e os que serviram, e vós haveis de dar a conta a Deus, porque o vosso voto foi causa de todas aquelas injustiças. Oprime o que elegestes os pobres, choram as viúvas, padecem os órfãos, clamam os inocentes, e Deus vos há de condenar a vós, porque o vosso voto foi causa de todas aquelas opressões, de todas aquelas tiranias. Matam-se os homens no governo dos que elegestes, arruinam-se as casas, desonram-se as famílias, vive-se como em Turquia, e vós o haveis de ir pagar ao inferno, porque o vosso voto foi causa de todos aqueles homicídios, de todas aquelas afrontas, de todos aqueles escândalos. Quebram-se as imunidades da Igreja, maltratam-se os ministros do Evangelho, impedem-se as conversões da gentildade para a propagação da fé, e vós haveis de penar por isso eternamente, porque o vosso voto foi causa de todos aqueles sacrilégios, de todas aquelas impiedades, e da perda irreparável de tantos milhares de almas. Estas são as conseqüências da parte do indigno que elegestes.

236. E da parte dos beneméritos que deixastes de fora, iguais serão? Ficarem os mesmos beneméritos sem o prêmio devido a seus serviços, ficarem seus filhos e netos sem remédio e sem honra, depois de seus pais e avós lha terem ganhado com o sangue, porque vós lha tirastes; ficar a república mal servida, os bons escandalizados, os príncipes murmurados, o governo odiado, o mesmo conselho em que assistis ou presidis infamado, o merecimento sem esperança, o prêmio sem justiça, o descontentamento com desculpa, Deus ofendido, o rei enganado, a Pátria destruída. São pesadas e pesadíssimas conseqüências estas? Pois todas elas nascem daquele voto ou daquela eleição, de que vós

porventura ficastes sem escrúpulo, e de que recebestes as graças — e talvez a propina — com muita alegria. Dir-me-eis que não advertistes tais coisas. Boa escusa para um conselheiro sábio! Se o não advertistes, pecastes, porque o deveríeis advertir. Tomara poder confirmar tudo o que tenho dito em particular com exemplos das Escrituras; mas bastará por todos um, que em matérias de pecados de consequência é verdadeiramente formidável.

237. Matou Caim a Abel, e diz a Escritura, conforme o texto original: *Vox sanguinum fratris tui clamantium ad me*<sup>15</sup>: Caim, a voz dos sangues de teu irmão Abel está bradando a mim. — Notável dizer! O sangue de Abel era um, como era um o mesmo Abel morto. Pois, se Abel morto, e o sangue de Abel derramado era um, como diz Deus que clamaram contra Caim muitos sangues: *Vox sanguinum?* Declarou o mistério o parafraste caldaico temerosamente: *Vox sanguinum generationum quae futurae erant de fratre tuo, clamat ad me*<sup>16</sup>. Se Caim não matara a Abel, haviam de nascer de Abel quase tantas outras gerações como nasceram de Adão, com que dobradamente se propagasse o gênero humano; e o sangue ou sangues de todos estes homens, que haviam de nascer de Abel e não nasceram, eram os que clamaram a Deus e pediam vingança contra Caim, porque matando Caim, e arrancando da terra a árvore de que eles haviam de nascer, o mesmo dano lhes fez que se os matara. De sorte que Caim parecia homicida de um só homem, e era homicida de um gênero humano: o pecado era um, as consequências infinitas. Pois se Deus castiga nos pecados até as consequências possíveis, se os possíveis não de aparecer e ressuscitar no dia do Juízo contra vós, não porque foram, nem porque deixaram de ser, senão porque haviam de ser; se os possíveis têm sangue e vozes que clamam ao céu, que clamores serão os do verdadeiro sangue, derramado de verdadeiras veias? Que vozes serão as de verdadeiras lágrimas choradas de verdadeiros olhos? Que gemidos serão os de verdadeira dor, saídos de verdadeiros corações? Que serão as viudezes, as orfandades, os desamparos? Que serão as opressões, as destruições, as tiranias? E que serão as consequências de tudo isto, multiplicadas em tantas pessoas, continuadas em tantas idades e propagadas em tantas descendências, ou futuras ou possíveis, até o fim do mundo! Há quem faça escrúpulo disto?

238. Agora entenderéis com quanta razão disse S. João Crisóstomo: *Miror an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus*. É uma das mais notáveis sentenças que se acham escritas nos Santos Padres. Torno a repeti-la: *Miror an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus*; Admiro-me — diz o grande Crisóstomo — e cheio de espanto considero comigo, se será possível que algum dos que governam se salve! — Esta proposição, e a suposição em que ela se funda, está julgada comumente por hipérbole e encarecimento retórico. Eu, contudo, digo que não é hipérbole nem encarecimento, senão verdade

<sup>15</sup> Na *Vulgata*: A voz do sangue de teu irmão clama por mim (Gên. 4, 10)

<sup>16</sup> A voz dos sangues das futuras gerações de teu irmão clama por mim.

moralmente universal em todo o rigor teológico. Impossível moral chamam os teólogos aquilo que muito dificilmente pode ser, e que nunca ou quase nunca sucede.

239. Neste sentido disse São Paulo: *Impossibile est eos qui semel illuminati et prolapsi sunt, renovari ad poenitentiam*<sup>17</sup>. E no mesmo sentido disse Cristo, Senhor nosso: *facilius est, camelum per foramen acus transire, quam divitem intrare in regnum caelorum*<sup>18</sup>. Donde os apóstolos tiraram a mesma admiração que São João Crisóstomo, e inferiram a mesma impossibilidade. *Auditis autem his, discipuli mirabuntur valde dicentes: Quis ergo poterit salvus esse*<sup>19</sup>? E o Senhor confirmou a sua ilação, dizendo que humanamente era impossível, como eles diziam, mas que para Deus tudo é possível: *Apud homines hoc impossibile est; apud Deus autem omniaabilia sunt*<sup>20</sup>, que foi o mesmo que distinguir o impossível moral e humano, do impossível absoluto, que até em respeito da onipotência divina não é possível. E como os que governam, pelas obrigações de seus mesmos ofícios, e pelas omissões que neles cometem, e pelos danos que por vários modos causam a tantos, os quais danos não param ali, mas se continuam e multiplicam em suas conseqüências, têm tão dificultosa a salvação, por isso São Crisóstomo, falando lisa, sincera e moralmente, sem encarecimento nem hipóbole, disse que ele se admirava muito, e não podia entender como era possível que algum dos que governam se salve: *Miror an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus sit salvus*.

240. E para que nós nos não admiremos, e os que governam ou desejam governar tenham tanto medo dos seus ofícios como dos seus desejos, reduzindo a verdade desta sentença à evidência da prática, argumento assim. Todo o homem que é causa gravemente culpável de algum dano grave, se o não restitui quando pode, não se pode salvar. Todos ou quase todos os que governam são causas gravemente culpáveis de graves danos, e nenhum, ou quase nenhum, restitui o que pode: logo, nenhum, ou quase nenhum, dos que governam se pode salvar. Colhe bem a conseqüência? Pois ainda mal, porque a segunda premissa, de que só se podia duvidar, está tão provada na experiência. Eu vi governar muitos e vi morrer muitos: nenhum vi governar, que não fosse causa culpável de muitos danos: nenhum vi morrer que restituísse o que podia. Sou obrigado, *secundum praesentem justitiam*, a crer que todos estão no inferno. Assim o creio dos mortos, assim o temo dos vivos.

## § VIII

### *A sentença dos maus e a sentença dos bons.*

<sup>17</sup> É impossível que os que foram uma vez iluminados e depois disto caíram tornem a ser renovados pela penitência (Hebr. 6,4.6).

<sup>18</sup> Mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus (Mt. 19,24).

<sup>19</sup> Ora os discípulos, ouvidas estas palavras, conceberam grande espanto dizendo: Quem poderá logo salvar-se (Mt. 19,25).

<sup>20</sup> Aos homens é isto impossível, mas a Deus tudo é possível (Mt. 19,26).

241. Pedida e tomada a conta a todo o gênero humano, olhará e Senhor para a mão direita, e com o rosto cheio de glória e alegria, dirá aos bons: *Venite benedicti Patris mei: possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi* (ML 25,34): Vinde, benditos de meu Pai, e possuí o reino que vos está aparelhado desde o princípio do mundo. — Quem serão os venturosos sobre que há de cair esta ditosa sentença? Bendito seja Deus, que todos os que estamos presentes o podemos ser, se quisermos. Como se darão então por bem empregados todos os trabalhos da vida, e quão verdadeiramente parecerá então jugo suave a lei de Cristo, que hoje julgamos por dificultosa e pesada. Mas ainda mal, porque muitos dos que aqui estamos, não me atrevo a o dizer, entendei-o vós: *Multi sunt vocati, pauci vero electi. Arcta est via quae ducit ad vitam, et pauci sunt qui inveniunt eam*<sup>21</sup>. Voltando-se depois o Senhor — não digo bem — não se voltando o Senhor para a mão esquerda, com rosto severo, e não compassivo — o que me não atrevera eu a crer se o não disseram as Escrituras — dirá desta maneira para os maus: *Discedite a me maledicti in ignem aeternum, qui paratus est diabolo et angelis ejus* (Mt. 25,41): Ide, malditos, para o fogo eterno, que estava aparelhado, não para vós, senão para o demônio e seus anjos; mas já que assim o quisestes, ide. — Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a Eternidade. Eternidade. Eternidade. Eternidade.

---

<sup>21</sup> Muitos são os chamados, e poucos os escolhidos (Mt. 22,14).

— Apertado é o caminho que guia para a vida, e poucos são os que acertam com ele (Mt. 7,14).

## SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DA QUARESMA

PREGADO EM LISBOA, NA CAPELA REAL, ANO DE 1655

Na ocasião em que o autor, tendo feito a primeira retirada da corte para o Maranhão, dispunha a segunda, que também executou.

*Fugit iterum in montem ipse solus*<sup>1</sup>.

### § I

*O sermão do deserto: Se o mundo conheceria quanto se tira de um retiro e quanto colhe quem se acolhe!*

242. Não foge uma só vez quem foge de coração. Já o evangelista S. João tinha dito que o Senhor e Salvador dos homens fugira dos mesmos homens uma vez, e agora nos diz que fugiu outra: *fugit iterum*. Quando Herodes quis matar a Cristo para que não fosse rei, fugiu para o Egito; agora que o querem fazer rei, foge para o monte: *In montem*. Os amigos e os inimigos, todos por seu modo perseguem, e quem conhece que o amor de uns e o ódio de outros tudo é perseguição, foge de todos. Não só fugiu o Senhor hoje das turbas que o seguiam, mas também dos mesmos discípulos que o acompanhavam, e por isso fugiu só: *ipse solus*. Os apóstolos recolheram das sobras do banquete doze alforjes, uma para cada um, e parece que haviam de ser treze, para que ao obrador do milagre coubesse também a sua. Contudo, muito mais recolheu do banquete o Mestre que os discípulos: eles recolheram o pão, ele recolheu o recolher-se. Oh! se o mundo conheceria quanto se tira de um retiro, e quanto colhe quem se acolhe: *fugit!* O evangelista diz que os discípulos não entenderam o milagre dos pães: *Non enim intellexerunt de panibus* (Mc. 6,52). E muito mais tem que entender o retiro de Cristo que o milagre. Ora, eu que neste lugar fiz antigamente alguns sermões de corte, quisera hoje fazer um sermão de deserto. Bem creio que será pregar em deserto, mas será pregar. Vós, Senhor, que tentado do demônio o vencestes em um deserto, e aplaudido dos homens fugistes deles para outro, sede servido de me assistir neste assunto com vossa mesma soledade, para que haja quem queira fugir de si para vós, e neste monte, onde estais tão só, viver só por só convosco.

### §II

*Qual cuidamos que seria a sobremesa do famoso banquete de hoje? O que dizem os*

<sup>1</sup> Tornou-se a retirar para o monte ele só (Jo. 6,15).

*defensores das cortes? Resposta de Hipócrates aos abderitas. Conselhos de Sêneca ao discípulo Lucílio.*

*Fugit iterum in montem ipse solus* (Jo. 6,15).

243. Não é coisa nova em Cristo, Mestre divino e Senhor nosso, depois de dar o mantimento ao corpo, dar também o seu à alma. Assim o fez na mesa do fariseu, assim nas bodas de Caná, assim quando foi hóspede de Marta, e, sobretudo, na última ceia, em que ensinou e revelou aos discípulos os mistérios mais altos da sua divindade. A sobremesa, pois, do famoso banquete de hoje, qual cuidamos que seria? Foi o exemplo com que o Senhor fugiu dos mesmos que lhe queriam dar o que ele não queria nem havia mister, e a doutrina, não de palavra, mas de obra, com que se foi meter só consigo na soledade de um monte: *fugit in montem ipse solus*. Deixar o povoado pelo deserto, trocar as cidades pelos montes, fugir do trato e freqüência das gentes, para viver com Deus e consigo, grande ponto de doutrina em Cristo, e grande resolução de prudência em quem o imitar.

244. Bem sei que dizem os defensores das cortes, ou os enfeitados delas, que também se pode ser ermitão em México, como respondeu em nossos dias um varão de mui celebrado espírito a quem se queria retirar daquela grande cidade e lhe pedia conselho<sup>2</sup>. Mas nem todos os conselhos servem para todos os casos, como nem todas as receitas para todos os enfermos. Bem sei que dizem — e por modo de afronta — que o fugir é fraqueza. Como se quem foge se quisera acreditar de valente, e como se não fora valor quebrar as cadeias de que tantos se não desatam! Catão com César e Pompeu à vista, dizia: sei de quem devo fugir, mas não sei para onde. — E quem sabe e tem para onde, por que se envergonhará de que lhe chamem fraco quando foge com Catão? Dizem que a natureza fez ao homem animal sociável, e que trocar a sociedade e comunicação dos homens pela solidão dos desertos é querer acusar ou emendar a natureza, e como arrepender-se de ser racional. Mas quem se ri de semelhantes ditos com provar o racional pelo risível, se exime desta calúnia, e não tem por crime emendar a natureza, quando ela está tão corrupta. Dizem, como disse Aristóteles, que quem gosta de estar só ou é Deus ou fera: *aut Deus, aut bestia*. Mas se ele alcançara que em Deus há três pessoas, não havia de supor que Deus estava só, e se soubera que quem se aparta dos homens é para mais se chegar a Deus, também o não havia de pôr no predicamento das feras, antes, como gentio, no número dos deuses. Dizem, finalmente, que deixar a corte, o serviço dos príncipes, e a benevolência e graça dos amigos, é falta de juízo e rematada loucura. Assim o digo, porque assim lho ouvi dizer.

245. Mas a esta censura, que mais pertence aos médicos que aos teólogos, responderá Hipócrates. Demócrito, aquele famoso filósofo que de tudo se ria, e fez chorar a Alexandre Magno por dizer que havia mais mundos, cansado de zombar dos despropósitos

---

<sup>2</sup> Gregor. Lop.

deste, que tão mal conhecemos, deixou a pátria e todo o povoado, e foi-se meter em um deserto. Correu logo fama que Demócrito endoidecera, e, compadecidos os seus naturais, que eram os abderitas, mandaram rogar por uma embaixada a Hipócrates, que, pelo amor que tinha e honra que fazia às ciências, se dignasse de querer ir curar um sujeito tão notável e tão benemérito delas. E que vos parece que responderia Hipócrates? Respondeu, como refere Laércio, que se a enfermidade fosse outra, ele iria logo curar a Demócrito; porém que retirar-se das gentes e ir-se viver nos desertos, o que eles reputavam por doidice, mais era para invejar que para curar, porque nunca Demócrito estivera mais sisudo, nem tivera o juízo mais são, que quando fugia dos homens: *Habere in eo magis quod suspiciat quam quod sanet: et illud schema vitae esse sartam, tectamque animae sanitatem: nulloque modo melius sibi consuli contra pestilentem hominum aurum, quam recipiendo se in tuta solitudinum loca.*

246. Isto é o que faziam e isto o que ensinavam os filósofos — já que começamos por eles — e a razão ou razões que para isto tiveram, dá em vários lugares Sêneca, mais venturoso se os imitara. Escreve a seu amigo e discípulo Lucílio, o qual lhe tinha perguntado de que se havia de guardar para viver quieta e felizmente; e o primeiro documento que lhe dá, é que fuja da multidão e freqüência da gente: *Quid tibi vitandum maxime existimem quaeris? Turbam*<sup>3</sup>. Oh! quanto resumiu o grande filósofo em uma só palavra! E a razão é, diz ele, porque o trato e conversação dos homens é uma espécie de contágio com que, sem querer nem sentir, nos pegamos uns a outros cada um a sua doença. E assim como nos maiores lugares se acende mais a peste, assim nas cidades mais populosas é maior o perigo: *Inimica est multorum conversatio: nemo non aliquod nobis vitium, aut commodat, aut imprimit; aut nescientibus allivit. Itaque quo major est populus, cui comiscemur periculiplus est.* Já eu daqui pudera inferir que, assim como no tempo da peste deixam os que podem as cidades, e se retiram aos campos, assim é prudente cautela em qualquer tempo, pois todo é de peste, fugir para os desertos. Mas sigamos ao nosso filósofo, e à bandeira da saúde que ele nos levantou: *Sanabimur, si modo separemur a caetu*<sup>4</sup>.

247. Prova Sêneca o seu documento, e alega a Lucílio um exemplo não alheio, senão doméstico e experimentado em si mesmo: *Ego certe confiteor imbecilitatem meam: nunquam mores, quos extuli, refero. Aliquid ex eo, quod composui, turbatur; aliquid ex his, quae fugavi, rediit:* Confesso-te — diz o estóico — a minha fraqueza: Nunca saí a tratar com os homens, que não tomasse pior do que fui. Sempre se me descompôs alguma das paixões que já tinha composto, e sempre tornei a trazer comigo algum dos vícios que já tinha desterrado. — Cuidarás porventura que te hei de dizer que torno mais avarento, mais ambicioso, mais incontinente? Pois, sabe — o que não imaginas — que também torno mais

<sup>3</sup> Queres saber o que, segundo a minha opinião, se deve mais evitar? A turba (*Seneca, Epist 7,1.1*).

<sup>4</sup> *Seneca, De Vita Beata, c. 1*



cruel e mais desumano, só porque estive entre homens: *Imo vero, et crudelior; et inhumanior quoniam inter homines fui*. Não se pudera mais altamente encarecer o perigo de tratar com homens! Se dissera que nos pegavam outros achaques, miséria é de século tão enfermo; mas pegarem os homens desumanidade? A humanidade não é essência do homem? As feras, como trato do homem, não se humanam? Assim é, ou assim era; mas tem degenerado tanto a natureza humana de seu próprio ser que, em lugar de se tirar humanidade do trato com os homens, o que se bebe destas fontes é desumanidade. Éreis humano antes de tratar com eles, depois que os tratastes, sem o sentir nem saber como, achais-vos desumano: *Et inhumanior quoniam inter homines fui*. Já se não contentam os homens com fazer desumanidades, mas chegam a fazer desumanos, que é muito pior. Fazer desumanidades é ser cruel; fazer desumanos é não ser homem, antes ser o contrário de homem. Se víssemos que o sol, devendo alumiar, escurecia, e que o fogo, devendo aquecer, esfriava, e que um homem, em lugar de gerar homens, gerava tigres e serpentes, não seria uma horrenda monstruosidade? Pois isso é o que fazem os homens. Não só têm desumanado a sua, mas desumanam a humanidade daqueles que os tratam. Vede se é prudência fugir dos homens quem quiser conservar o ser de homem.

248. A segunda razão que dá Sêneca para isto é serem muitos aqueles de quem se deve fugir. Nas facções ou parcialidades é muito natural seguir o partido dos mais: *facile transitur ad plures*. E como a multidão dos homens toda propende para os vícios, que virtude haverá tão forte que possa resistir ao ímpeto e torrente de tantos? *Socrati, Catono et Lelio excutere mentem suam dissimilis multitudo potuisset: adeo nemo nostrum, qui maxime concinamus ingenium, ferre impetum vitiorum tam magno comitatu venientium potest*: Até Sócrates, até Catão, até Lélío, que entre gregos e romanos foram os Atlantes da virtude, se não poderiam sustentar firmes contra o peso e bateria dos vícios, acompanhados de tão numeroso exército. — E se estes, perdidas as cores da própria vida e costumes, se revestiriam das contrárias, posto que tão semelhantes, quanto mais os que conhecermos a fraqueza de nossa imperfeição e só temos o estudo de a enfeitar? Forçados, pois da violência do exemplo comum, e quase necessitados entre os homens a ser como eles, que remédio pode haver em partido tão desigual, senão fugir? Assim o resolve o mesmo Sêneca com um argumento muito do seu engenho: *Necesse est, aut imiteris, aut oderis. Viremque autem vitandum est, ne vel similis malis fias, quia multi sunt, neve inimicus multis, quia dissimiles sunt*. Sendo esta a condição dos que enchem o mundo, e porventura também a dos que o mandam, que pode fazer um homem entre tais homens? Ou os há de imitar, sendo tais, ou os há de aborrecer, porque são tais; e na dúvida de os imitar ou aborrecer, nem a imitação nem o ódio lhe pode estar bem, porque para imitá-los são maus, e para inimigos são muitos: *Vel similis malis, vel inimicis multis*. Logo, o que convém é fugir, e queira Deus que baste.

249. A terceira razão e que no mesmo Sêneca tinha grande lugar, e o pode ter em

outros, declara ele com esta queixa da sua vida primeira: *Omnem operam dedi, ut me multitudini educerem et aliquam dotem notabilem facerem*<sup>5</sup>: Trabalhei, diz, com todas as minhas forças, por me separar do número dos muitos, e por fazer alguma obra notável, a qual me servisse de dote para o crédito e estimação do mundo. — E que tirei deste meu trabalho? *Quid aliud quam telis me opposui, et malevolentiae quod morderet, ostendi*: O que tirei foi provocar contra mim e expor o peito às lanças, e dar matéria à malevolência em que empregasse os dentes, e tivesse que morder. — E por quê? Dá a razão, apontando-a com o dedo: *Vides tu istos, qui eloquentiam laudant, qui opes sequuntur, qui gratiae adulantur, qui potentiam extollunt? Omnes aut sunt hostes, aut (quod in aequo est) esse possunt*: Vês tu estes que louvam a eloquência, que seguem a cobiça, que adulam a graça, que adoram a potência? Pois sabe que todos, ou são inimigos, ou o podem ser, que vale o mesmo. *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est*: Quão grande é o povo dos que te admiram, tão grande é o número dos que te invejam. — A admiração estará por algum tempo suspensa e muda, como costuma, mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força, como de mina, e o que foram aplausos serão estragos. Antes nos tenham inveja que compaixão, sentença foi nascida na gentildade, que depois fez cristã São Gregório Nazianzeno; mas no mesmo Nazianzeno mostrou a experiência que antes se deve eleger o estado da compaixão que o da inveja, porque a de seus êmulos o perseguiu de tal modo — ou tão sem modo — que, obrigado a se lançar ao mar como Jonas, a mesma inveja lhe veio a ter compaixão. Enquanto ela não chega a se despicar assim, não descansa. Por isso Sêneca conclui que, arrependido do primeiro instituto da sua vida, e de se ter mostrado ao mundo, tomara por último conselho recolher-se consigo dentro em si mesmo, e cultivar a própria alma com tais exercícios, que ele só os pudesse sentir, e nenhum homem os pudesse ver: *Quin potius quaero aliquid usu bonum, quod sentiam, non quod ostendam*.

250. Estas foram as razões por que se retiravam aos desertos e fugiam da comunicação dos homens aqueles grandes filósofos, um dos quais, perguntado que fruto tinha colhido de todos seus estudos, respondeu: Saber viver só comigo. — Assim o refere Estobeu, e o qualificou o mesmo Sêneca, dizendo: *Primum argumentum bene compositae mentis existimo, posse consistere, et secum morari*: O primeiro argumento, não de se ter alienado o juízo, como ao princípio se dizia, mas de estar muito em seu lugar, e bem composto, é saber um homem morar consigo: *Secum morari*. Mas passemos da filosofia à cristandade, e dos documentos da razão sem fé aos da fé e razão, que são os dos santos.

### §III

*Arsênio, mestre de Arcádio, foge para o deserto. Resposta a Teófilo, bispo de*

---

<sup>5</sup> Seneca, lib. 1, epist. 2.

*Alexandria e ao presidente daquela real cidade. A vontade de Deus e as vontades dos homens. Resposta de Antônio, o Magno, ao convite do imperador Constantino. A profissão do anacoreta. Por que Antônio teme e foge dos homens, se todos os animais o obedeciam? O demônio Judas. Os homens, feras intelectuais. O silêncio do profeta Amós.*

251. Arsênio, aquele insigne varão em todos os estados, pedido pelo Imperador Teodósio e nomeado pelo Papa São Dâmaso para mestre de Arcádio, já declarado sucessor do Império, era tão estimado do mesmo imperador, que entrando uma vez a ouvir dar lição a seu filho, e, vendo que Arsênio estava em pé e Arcádio sentado, repreendeu a ambos daquela que eles não tinham por indecência, e mandou que dali por diante Arsênio ensinasse assentado, e Arcádio ouvisse em pé, e com a cabeça descoberta<sup>6</sup>. Com este crédito e favor de um tão grande monarca, e com o aplauso de todo o paço e corte, que por reverência ou lisonja sempre seguem ou mostram seguir o afeto dos príncipes, vivia contudo inquieto e descontente Arsênio, não se fiando nem do que era, nem do que lhe prometia aquela fortuna. Duvidoso pois da resolução que devia tomar, não pediu conselho aos amigos de maior autoridade e mais fiéis, nem menos se quis aconselhar consigo, mas recorrendo a Deus, que só é o norte seguro das bonanças ou tempestades de um mar tão incerto, ouviu uma voz do céu que lhe dizia: *Arseni, fuge homines, et salvus eris*: Arsênio, foge dos homens, e salvar-te-ás. — Com este aviso, que não era necessário ser em voz para se entender, sem pedir licença ao Imperador — porque sabia que lha não havia de dar — se embarcou ocultamente Arsênio de Constantinopla para o Egito, e metendo-se pelo mais interior do deserto, ali escolheu para perpétua morada uma cova, na qual, porque se soube enterrar em vida, tanto verificou o oráculo do céu em se salvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens: *Fuge homines, et salvus eris*.

252. Oh! se tomássemos este aviso como feito a todos, e se entendesse cada um que fala com ele. Quando Cristo disse a Marta: *Maria optimam partem elegit*<sup>7</sup>, quando disse ao outro moço rico: *Vende quae habes, et da pauperibus*<sup>8</sup>, quando disse ao que tinha sarado na piscina: *jam noli peccare*<sup>9</sup>, as palavras eram ditas a um só, mas o documento falava com todos. Tire cada um o nome de Arsênio, e ponha no mesmo lugar o seu, e desengane-se que, no deserto e no povoado, quem de coração se quer salvar há de fugir dos homens. Assim o fez ele constantemente, e vede como. Tanto que se soube que Arsênio era passado à África, informados do lugar onde se tinha recolhido, vieram logo a visitá-lo Teófilo, bispo de Alexandria, e o presidente daquela real cidade; e como Arsênio os recebesse, não com as cortesias que tinha deixado no paço, mas com as que são próprias do deserto, modéstia e silêncio, rogaram-lhe os hóspedes que os não quisesse despedir tão secamente,

<sup>6</sup> *Metafrast. die 19 jul. et in vit. PP.*

<sup>7</sup> Maria escolheu a melhor parte (Lc. 10. 42).

<sup>8</sup> Vende o que téns, e dá-o aos pobres (Mt. 19,21)

<sup>9</sup> Não peques mais (Jo. 5, 14).

e ao menos lhes dissesse algumas palavras de edificação, com que tornassem consolados. E que responderia Arsênio? Respondeu que assim o faria, se ambos também lhe promettessem de fazer o que ele lhes dissesse. Aceitaram facilmente a condição, e o que disse Arsênio, como refere Metafrastes, foram estas palavras: *Ubi esse Arsenium audieritis, hoc est vobis cavendum, ne velitis amplius eo venire*: Se ouvirdes dizer onde está Arsênio, o que haveis de observar é que não torneis mais ao lugar onde ele estiver. — Este foi o sermão que fez àqueles tão autorizados ouvintes, com o qual eles se partiram tão edificadas como compungidos, e como prudentes que eram, e verdadeiros amigos que tinham sido de Arsênio, de tal sorte cumpriram o que tinham prometido e se conformaram com a sua resolução, que nem esperaram dele outra correspondência, nem inquietaram mais o seu silêncio.

253. Viviam no mesmo deserto, não juntos, mas apartados, cada um na sua cova ou choupana, outros anacoretas, e com estes falava algumas vezes Arsênio, ouvindo-os como a mestres da disciplina monacal e vida eremítica. E como um dos mais anciãos lhe perguntasse qual fora o motivo daquela sua retirada tão estranha, a resposta que deu foi esta: *Non posse se cum Deo simul, et cum hominibus vivere*: que o motivo que tivera para fugir do mundo fora ter experimentado no mesmo mundo que viver juntamente com os homens e mais com Deus, não é possível. — E, declarando a razão desta impossibilidade, dizia que era porque as vontades dos homens raramente se ajustam com a vontade de Deus, e porque, sendo a vontade de Deus uma só, e sempre a mesma, as dos homens, pelo contrário, são tantas, tão diversas e tão encontradas quantos são os mesmos homens, e seus interesses e apetites, e porque, ainda no mesmo homem, não dura muito a mesma vontade, por ser inconstante e vária. Assim provava e concluía a sua razão Arsênio, e desta demonstração infalível se tira uma das três conclusões igualmente certas: ou que os que cuidam que vivem com Deus e com os homens se enganam; ou que os que vivem com os homens não vivem com Deus; ou que quem quiser viver com Deus, há de deixar os homens.

254. Se o mesmo Deus não concorda as vontades dos homens com a sua, como poderá um homem, por mais que faça ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deus? De Davi disse Deus que tinha achado um homem conforme seu coração, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas*<sup>10</sup>. E com ser este homem singular entre todos os homens, e este rei a exceção de todos os reis, quando ele mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de sua própria morte em uma carta aleivosa, e quando no primeiro ato desta tragédia lhe mandou roubar a mulher de casa, sem se lembrar que o mesmo Urias o estava servindo na campanha com tanto valor e lealdade, haverá algum adulator tão sábio e tão sem pejo, que pudesse concordar estas vontades com a de Deus? Mal podiam logo caber semelhantes

<sup>10</sup> Achei a Davi, homem segundo o meu coração, que fará todas as minhas vontades (At. 13,22).

concordatas em um ânimo tão amigo da verdade, tão reto, tão inteiro e tão constante como o de Arsênio. As experiências a que ele se referia eram as de Roma e Constantinopla, as duas maiores cortes do mundo, das quais costumava dizer que os três mais fortes inimigos que nelas lhe faziam guerra, um se chamava ver, outro ouvir, outro falar, e que de todos estes o livrara o deserto, onde se não vê, nem ouve, nem fala: *Qui sedet in solitudine, quiescit, et a tribus bellis eripitur id est, auditus, locutionis, et visus*. E em um mundo onde se vêem tantas coisas que se não podem ver, e se ouvem as que se não podem ouvir, e se falam e são faladas as que se não podem dizer, como pode viver um homem que não for cego, surdo, nem mudo, senão fugindo dos homens: *Fuge homines?*

255. Assim o tinha já entendido, quase um século antes de Arsênio, o primeiro fundador depois de Paulo, e o segundo habitador daquele mesmo deserto. Movido o Imperador Constantino Magno da fama de Antônio, também por antonomásia o Magno, — que só os grandes homens sabem estimar e não desconfiam de ter junto a si os grandes — mandou-lhe rogar ao Egito se quisesse passar a Roma, porque o queria ter consigo, e ajudar-se de seu conselho e exemplos. Porém o santo anacoreta, que estimava mais as faias e ciprestes de seu ermo, que os palácios e torres da cabeça do mundo, dando as graças à majestade cesárea da mercê e honra que lhe desejava fazer, se escusou de a receber com os termos gerais da religião e modéstia, como convinha ao retiro da sua profissão e humildade do seu estado. Esta foi a resposta pública. Mas em particular e privadamente aos seus deu Antônio outra razão de não aceitar, tão enfática e discreta, que mais parece de algum político da mesma Roma, que de um ermitão da Tebaida. E foi esta: *Si ad imperatorem venero, Antonius ero; sin minus, abbas Antonius*<sup>11</sup>: Se eu for ao imperador, serei Antônio; se não for, serei Antônio, o abade. — Até nos desertos há razão de estado. Pesou o grande varão na balança da própria conveniência o que perdia com o que ganhava, e o que era com o que havia de ser, pesou Antônio no paço com Antônio no deserto, e porque no paço *inventus est minus habens*<sup>12</sup>, quis antes ser no deserto Antônio abade, que no paço só Antônio, sem este sobrenome.

256. Mas, dai-me licença, político santo, que nem como santo, nem como político me parece bem fundada a vossa resolução. Se chamado do imperador não ides, por não deixar de ser Antônio abade, ide e sereis muito mais. Se não fordes Antônio abade, sereis Antônio bispo, sereis Antônio arcebispo, sereis Antônio presidente, sereis Antônio conselheiro de Estado, sobretudo sereis Antônio valido, que sem nome é a maior dignidade, e sem jurisdição o maior poder; enfim, sereis com Constantino o que foi José com Faraó e o que foi Daniel com Nabuco: ele terá o nome de imperador, e vós o império da monarquia. E se acaso, como político do deserto, vos não movem estas ambições cá do mundo, ao menos como santo deveis lançar mão de uma ocasião de serviço e glória de

<sup>11</sup> Refert a Cornel. in cap. 3. Exod.

<sup>12</sup> Achou-se que tinha menos do peso (Dan. 5,27).

Deus, tão grande e tão oportuna como o imperador e o tempo vos oferecem. Ainda Roma não está de todo sujeita a Cristo, ainda no Capitólio é invocado e adorado Júpiter, ainda o ano acaba e começa com as festas e duas caras de Jano, ainda no redondo Panteão se ouvem os nomes e se vêem em pé as estátuas de todos os falsos deuses. Se até agora servistes a Deus no deserto com o silêncio, tempo é já de o servir também com a voz. Ide a Roma, pregai, confundi, convertei, e se o zelo de Constantino começa a edificar templos, acabe o vosso de derrubar os ídolos. Lembrai-vos que viu Esdras sair dos bosques um leão, o qual só com o bramido de sua voz derrubava uma águia que tinha usurpado a potência do mundo (Esdr 4,13 s); e pois esta águia é a romana, sede vós o leão africano que, saindo das brenhas desse deserto, lhe tireis o cetro das mãos e o passeis às de Cristo. Pois, se Antônio tinha tantas razões humanas e divinas de deixar o deserto e vir a Roma, por que se escusa, por que não vem?

257. É certo que não recusou a jornada o grande Antônio por recear a passagem de Sila e Caribes, mas porque temeu vir-se meter outra vez entre os homens quem tantos anos havia fugido deles. Por isso diz que, se viesse, tornaria a ser o Antônio que dantes tinha sido, e não o abade Antônio que ao presente era. O que temia perder não era o nome da dignidade, senão o espírito da profissão. A profissão dos anacoretas era viver longe da comunicação dos homens, e isto é o que significa o mesmo nome, como escreve S. Jerônimo, que visitou pessoalmente aqueles desertos: *Quod procul ab hominibus recederent anachoritae nuncupabantur*<sup>13</sup>. E se a profissão de Antônio era viver longe dos homens, como podia conservar-se na sua profissão, nem conservá-la na sua inteireza, se se viesse meter não só na mais populosa cidade, mas na mesma cabeça do mundo, onde concorriam todas as gentes dele? Se Antônio, como seu exemplo de fugir dos homens, tinha povoado os desertos, como agora os não tomaria a despovoar com o exemplo de tomar para eles? A mesma razão por que era chamado do imperador se desfazia, se viesse, e só não vindo, nem deixando o seu deserto, se conservava. Bem sabia Antônio que maior opinião granjeou ao Batista o seu deserto sem milagres, que a Cristo os seus milagres no povoado. Quanto mais que se viesse à corte de Roma, muito mais era o que devia temer, que o que podia esperar. Que fizeram a Davi os sátrapas de el-rei Áquis, e como trataram a Daniel os conselheiros de Nabuco e de Dario? Se Constantino acaso se cansasse da austeridade de Antônio, logo os lisonjeiros de palácio haviam de seguir o mesmo ditame, e, desacreditado o pregador, que fruto podia fazer a sua doutrina? Se, pelo contrário, o imperador o tivesse na sua graça, e essa graça fosse crescendo, que laços lhe não armaria a inveja para o derrubar e destruir? Finalmente, se o mesmo Constantino era de tão inconstante condição, e tão facilmente suspeito, que a seu sobrinho Licínio, e a Crispo, seu próprio filho, e à sua mulher Fausta tirou a vida sem causa, que podia não recear de tal homem qualquer outro homem? Fez muito como homem Antônio, e muito como político, e

<sup>13</sup> *Relatus a Spondan.*

muito como santo, em se conservar no seu deserto longe dos homens.

258. Só resta nesta matéria um escrúpulo muito bem fundado, porque se funda nas forças e poderes do céu, com que o mesmo céu assistia e defendia a este grande varão. Ninguém alcançou maiores vitórias do inferno, ninguém desafiou a todos os demônios juntos e os venceu em todas as batalhas, como Antônio: os leões, os ursos, os tigres, as serpentes e os outros monstros da África, não só não ofendiam a Antônio, mas o obedeciam e reverenciavam. Pois, se nos dentes e peçonha das feras, se no poder e astúcias de demônios não tem que temer Antônio, por que teme e foge dos homens? Porque os homens são mais feras que as feras, e mais demônios que os mesmos demônios. Os demônios não têm carne nem sangue, porque são espíritos; as feras não têm entendimento nem vontade, porque se governam por instinto; e os homens são piores demônios que os demônios, porque são demônios com carne e sangue, e são piores feras que as feras, porque são feras com entendimento e vontade. Coisa admirável é que sujeitando Cristo em um momento e com uma só palavra uma legião de seis mil e seiscentos demônios, como lhe sucedeu em Genesaré, a Judas, com tantos benefícios, com tantos exemplos, com tantas exortações, e com tantas ameaças, o não abrandasse nem reduzisse em um ano inteiro. Assim consta da cronologia Evangélica, porque um ano antes de Judas consumir a traição, tinha o Senhor dito dele: *Ex vobis unus diabolus est* (Jo. 6,71): Um de vós é demônio. — Pois se Cristo sujeitou tão facilmente a tantos mil demônios, ao demônio-Judas, por que o não pode reduzir? Porque os outros demônios eram puramente espíritos; o demônio-Judas era demônio com carne e sangue. Ajuntava-se em Judas o que São Paulo distinguiu, quando disse: *Non est nobis colluctatio adversus carnem et sanguinem, sed adversus principes tenebrarum, contra spiritualia nequitiæ*<sup>14</sup>. E para reduzir demônios com carne e sangue, nem bastam razões, nem bastam exemplos, nem bastam milagres, nem bastam ameaças e terrores, nem há diligência alguma humana, ou mais que humana, que baste. Por isso não bastaram todas estas diligências juntas, tantas vezes repetidas, e por tanto tempo continuadas, para que Judas se reduzisse, nem bastou que o mesmo Cristo lhe desse sua própria carne e seu próprio sangue, porque era demônio com carne e sangue.

259. Esta foi a razão por que o grande Antônio, depois de vencedor de todos os outros demônios, não se quis tomar com demônios de carne e sangue; e para se não tomar com feras de entendimento, teve a mesma razão. Sendo assim que Deus desde o principio da criação deu logo a todas as feras as suas armas naturais, e só ao homem criou desarmado, contudo não só no estado de inocência, senão também depois do dilúvio, disse que o homem seria o terror das feras: *Terror vester, ac tremor sit super cuncta animalia terræ*<sup>15</sup>. Parece que antes as feras armadas haviam de ser terror do homem, e não o homem

<sup>14</sup> Não temos de lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os governadores das trevas, contra os espíritos de malícia (Ef. 6, 12).

<sup>15</sup> Temam e tremam na vossa presença todos os animais da terra (Gên. 9,12).

desarmado terror das feras. Por que diz logo o autor e legislador da natureza que todos os animais, por bravos e feros que sejam, temerão e tremerão do homem? Porque ao homem, ainda desarmado, deu-lhe entendimento, e às feras armadas não. E mais para temer é um homem desarmado, com entendimento, que todas as feras armadas sem ele. Mas se o entendimento dos homens se passasse e se unisse às feras, ou a fereza das feras se unisse ao entendimento dos homens, estas feras com entendimento, quem as poderia domar ou quem escaparia delas? Uma e outra coisa advertiu excelentemente São Lourenço Justiniano: *Deserta sunt castra Dei, et refugia munitissima ab incursibus intellectualium bestiarum valde securo*<sup>16</sup>. — Sabeis, diz o grande patriarca — que como pastor deste gado o conhecia bem — sabeis o que são comumente os homens? São umas feras intelectuais, umas feras como as outras, mas com entendimento: *Intellectualium bestiarum*; e o único refúgio que Deus deixou no mundo para escapar destas feras não é outro mais que os desertos. — É verdade que esses mesmos desertos estão habitados das outras que vulgarmente se chamam feras, mas essas, ainda que sejam leões e tigres, reverenciam, como no primeiro Adão, a inocência, e respeitam a santidade dos que vivem entre elas; porém, das feras intelectuais, das feras que são feras com entendimento, e por isso com vontade, e má vontade, não há outro remédio seguro, senão fugir, e fugir para os desertos: *Deserta sunt refugia munitissima ab incursionibus intellectualium bestiarum*. Muita razão teve logo o grande Antônio, posto que domador das feras do deserto, de não querer provar forças com as feras do povoado, nem arriscar-se a perder com as feras intelectuais, o que tinha ganhado com as feras sem entendimento, e mais em Roma, onde os homens de tal modo eram feros e entendidos, que por jogo e recreação lançavam os homens às feras.

260. Mas aqui replicará alguém, ou replicarão todos, e com maior fundamento, que por isso mesmo devia Antônio vir a Roma. Venha como pedra de Davi à cabeça do mundo e da idolatria, pregue livremente a fé de uma só divindade, confute a falsidade dos que ainda são chamados deuses imortais, e se por esta causa o lançarem aos leões do anfiteatro, deixe-se comer vivo, e será o segundo Inácio; ou se os leões o respeitarem, como costumam, deixe-se cortar a cabeça, e será o segundo Batista, Confesso que esta última instância parece que tem dificultosa saída; mas assim como foi prudência em Constantino dissimular por então, e não conquistar a idolatria com as armas, assim foi prudência em Antônio não a impugnar com a pregação. É doutrina expressa de Deus pelo profeta Amós, a qual, como servia para aqueles tempos, pode também servir para outros: *Odio habuerunt corripientem in porta, et loquentem perfecte abominati sunt. Ideo prudens in tempore illo tacebit, quia tempus malus est* (Am. 5,10.13): Chegou a corrupção dos costumes a tal estado — diz o profeta — que os poderosos têm ódio a quem repreende suas injustiças, e abominam a quem lhes fala verdade, e nos tais casos o que deve fazer o prudente pregador é calar, porque ainda que a doutrina seja boa, o tempo é mau: *Prudens in tempore illo*

<sup>16</sup> Laurent. Just, lib. 7, c. 8.



*tacebit, quia tempus molum est.* Prudentemente fez logo o grande Antônio em antepor o silêncio do seu deserto à pregação da cabeça do mundo, porque no mundo não podia colher fruto para os outros, e no deserto podia frutificar para si. Enfim, fez Antônio então como Cristo hoje, que podendo pregar às turbas, fugiu delas: *Fugit.*

#### § IV

*Não diz o Evangelista qual fosse o monte para que jugiu Cristo. Prerrogativas dos montes e dos desertos. O monte Horeb, no deserto de Madiã. Os filhos de Jonadab e o cativo de Babilônia. O monte Sinai, nos desertos da Arábia, e a santidade e espírito das leis divinas. O monte Tabor e a escola da doutrina de Cristo. S. Bernardo e a escola muda dos bosques. O monte Olivete. O deserto na visão do Apocalipse.*

261. *Fugit in montem.* Diz o evangelista que fugiu o Senhor para o monte, e não diz qual fosse o monte para que fugiu. Mas até o fugir para monte sem nome é circunstância que acredita o fugir. Fugiu como quem buscava o retiro e não a fama; fugiu como quem queria que não soubessem dele, nem onde estava. Assim sepultou Deus a Moisés, sem se saber jamais aonde, e assim se deve enterrar e esconder quem toma o deserto por sepultura. E por que o nome de sepultura não faça horror aos vivos, nem os ecos do deserto aos que não sabem viver sós, ainda teve maior mistério o evangelista em não dizer o nome do monte. Tinha dito que era deserto, e por isso lhe calou o nome próprio, porque todas as prerrogativas que fizeram celebrados os montes de grande nome se encerram neste nome, deserto. Ora vamos vendo estas mesmas prerrogativas de monte em monte e de deserto em deserto, para que lhes percamos o medo.

262. Apareceu Deus a Moisés no deserto de Madiã, para que fosse libertar o povo do cativo do Egito, e porque ele dificultava a empresa, o sinal com que o Senhor o assegurou do sucesso dela foi que naquele mesmo monte lhe faria sacrifício em ação de graças: *Cum eduxeris populum meum de Aegypto, immolabis Deo super montem istum*<sup>17</sup>. Este monte era o Monte Horeb, sito no mais interior daquele deserto: *Cumque minasset gregem ad interiora deserti, venit ad montem Dei Horeb*<sup>18</sup>. E que quer dizer Horeb? Horeb em hebreu é o mesmo que *desertum*, e neste monte, que tinha por nome deserto, e se levantava no mais interior do deserto: *ad interiora deserti*, aqui é que os filhos de Israel deram as primeiras graças a Deus de se verem livres do cativo do Egito, porque a primeira prerrogativa de que gozamos que habitam o deserto é livrarem-se do cativo do povoado. Ouvi um lugar admirável, em confirmação desta figura. O Salmo setenta tem este título: *Psalmus David filiorum Jonadab, et priorum captivorum*: Salmo de Davi, o qual

<sup>17</sup> Depois de haveres tirado o meu povo do Egito, tu oferecerás a Deus um sacrifício sobre este monte (Êx. 3,12).

<sup>18</sup> E um dia em que ele tinha levado o gado para o interior do deserto, veio ao monte de Deus, Horeb (Êx. 3, 1).

cantaram os filhos de Jonadab, que foram os primeiros cativos. — Os filhos de Jonadab, por outro nome os recabitas, eram uns como monges ou anacoretas da lei velha, os quais viviam solitários nos ermos de Jerusalém. E o cativeiro de que aqui fala a Escritura é aquele com que, sitiada a mesma Jerusalém, e conquistada pelos exércitos dos caldeus, todos os hebreus, que então estavam, foram levados cativos a Babilônia. Isto suposto, entra agora a dúvida, por que razão os filhos de Jonadab, que eram aqueles habitantes do ermo, se chamamos primeiros cativos: *Filiorum Jonadab, et priorum captivorum*? Porventura foram os primeiros cativos por que quando chegaram os exércitos dos caldeus, como eles estavam retirados no deserto, foram os primeiros que vieram às mãos dos inimigos? Não, porque os que governavam e defendiam a cidade de Jerusalém, tanto que tiveram novas do exército dos caldeus, a primeira diligência que fizeram foi obrigar aos mesmos eremitas que todos se retirassem dos seus desertos e se viessem meter na cidade. Pois se, rendida a mesma cidade, e com ela todo o reino, o cativeiro foi um só e comum a todos, e todos juntamente foram levados a Babilônia, como diz a Escritura que estes habitantes do deserto foram os primeiros cativos: *priorum captivorum*?

263. Dá a razão ou distinção S. Jerônimo, digna verdadeiramente da sua erudição e juízo: *Filii Jonadab, qui in tabernaculis semper habitabant, ad extremum propter irruptionem Chaldaici exercitus Hierosolymam intrare compulsi, hanc primi captivitatem sustinuisse dicuntur, quod post solitudinis libertatem, urbe quasi carcere sunt reclusi*. A razão diz o Doutor Máximo — porque naquele cativeiro e transmigração geral os filhos de Jonadab se chamam os primeiros cativos, não foi porque os caldeus os cativassem a eles primeiro que aos demais, mas porque, sendo habitantes do deserto, os mesmos hebreus os obrigaram a se vir meter na cidade; e virem-se meter na cidade homens que eram costumados a viver nos desertos, este é o que para eles foi o primeiro cativeiro, porque nos desertos se tinham por livres, e no povoado por cativos. — Os outros foram cativos, quando de Jerusalém os levaram para Babilônia; mas eles, quando do seu deserto os trouxeram para Jerusalém, então começaram a padecer a sua Babilônia e o seu cativeiro: *Quod post solitudinis libertatem, urbe quasi caecere sunt reclusi*. Falou São Jerônimo como quem tão experimentado tinha a quietação do deserto e as perturbações do povoado. Tinha gastado a vida alternadamente já em Roma e nas cidades de Grécia, já nos desertos da Tebaida e da Palestina, e assim, escrevendo a Rústico, dizia: *Mihi oppidum carcer est, solitudo paradisus*: para mim o povoado é cárcere, e o deserto paraíso. — Livrar-se pois de tal cárcere, de tal Babilônia, de tal cativeiro, esta é, como dizia, a primeira prerrogativa dos que se deliberam a deixar o povoado e fugir com Cristo ao monte, onde por isso, como Moisés, lhe devam oferecer sacrifícios e dar infinitas graças.

264. Do Monte Horeb passemos ao Monte Sinal, ambos desertos, e ambos no deserto. Coisa notável e muito digna de reparar é que, havendo Deus de escrever e dar leis aos homens, escolhesse para isso um monte no meio de um deserto, qual foi o Monte Sinai,

nos desertos da Arábia. As leis não se fizeram para os montes nem para os desertos, senão para o povoado e para as cidades. Da cidade de Jerusalém disse o mesmo profeta que havia de sair a lei: *De Sion exhibit lex, et verbum Domini de Hierusalem*<sup>19</sup>. As partes de que se compunha a mesma lei todas se ordenam a povo, a cidade, a congregação de homens, porque na parte moral o segundo preceito da primeira tábua, e os sete da segunda todos estão fundados na justiça e caridade do próximo, sem lesão nem ofensa do trato humano; aparte cerimonial, que pertencia ao culto divino, expiações e sacrifícios, também tinha todo o seu exercício não fora, senão dentro da cidade, porque o Templo era um só, e na cidade de Jerusalém, e a ele havia de concorrer todo o povo três vezes no ano; finalmente a parte civil e forense, no mesmo nome está dizendo cidade, comunidade, república, tribunais, juizes, partes.

265. Pois, se as leis se fizeram para os povos, porque as dá Deus no despovoado? Se para as cidades e repúblicas, porque as dá em um monte e no meio de um deserto? Porque só nos montes e nos desertos, diz Filo Hebreu, estão os homens capazes de receber em suas almas, como convém, os preceitos e ditames da Sabedoria divina. *Quod ad sacras leges recipiendas animus purificatus requiritur elutis maculis, quae haerent ex miscellaniae turbae in civitatibus degentis contagio: id vero non est possibile aliter quam in deserto efficere*: Para receber e perceber a santidade das leis divinas é necessário que os ânimos estejam puros, e sem mistura nem mancha dos afetos e cuidados terrenos, que os descompõem e alteram; e esta pureza, tranqüilidade e serenidade de ânimo, não a pode haver entre a perturbação e tumulto dos povos, e labirinto das cidades, senão no retiro dos montes, e na quietação e silêncio dos desertos. — As leis de Deus são as regras da vida, os espelhos da alma e as balanças da consciência, e no meio dos embaraços, encontros e batalhas contínuas do povoado, as regras perdem a retidão, os espelhos a pureza, as balanças a igualdade, e tudo se descompõe e perturba; com que não é possível — diz Filo — que nem o que Deus manda se perceba, nem o que mal se percebe se guarde. E se não, vede-nas tábuas da mesma lei. Enquanto estiveram no monte, conservaram-se inteiras; tanto que Moisés chegou com elas ao povo, logo se quebraram. E depois de quebradas, que remédio houve para se reformarem? Não houve outro remédio senão tornar Moisés a Deus e ao monte, porque só com Deus em um monte se guardam as suas leis sem se quebrar, e só com Deus em um monte se reformam depois de quebradas. Enfim, quando Deus deu a mesma lei, sendo lei universal para todos, em todos os preceitos dela sempre falou com um só: *Non occides, non moechaberis; non furtum facies*<sup>20</sup>, para que entendêssemos que só os que vivem sós as veneram, só os que vivem sós as observam, só os que vivem sós colhem o fruto delas. E estes são os que, seguindo o nascimento das mesmas leis, do povoado se retiram para o deserto, e das cidades para o monte: *In monte*.

<sup>19</sup> De Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor (Is. 2,3).

<sup>20</sup> Não matarás, não fornicarás, não furtarás (Êx. 20,13 ss).

266. Mas por que não pareça que só na lei antiga nos deu Deus este documento, venhamos à lei nova. Publicou Cristo, Senhor e reparador nosso, a lei nova, e mais propriamente sua, e onde a publicou? Também em um deserto e em um monte: *Ascendit in montem, et cum sedisset, accesserunt ad eum discipuli ejus, et aperiens os suum docebat eos*<sup>21</sup>. Era este monte, na sentença comum de todos os padres, o Monte Tabor, alto sobre as campinas de Galiléia trinta estádios, e distante da corte de Jerusalém quarenta léguas, como descreve Egesipo; e neste monte, por todas as partes deserto, assentou o Mestre divino a sua cadeira: *Cum sedisset*; aqui ajuntou seus discípulos: *Accesserunt ad eum discipuli ejus*; e aqui lhes começou a ler as primeiras lições de sua celestial doutrina: *Et aperiens os suum docebat eos*. Bem pudera o Senhor escolher outro lugar no povoado, e ainda outro monte como o de Sião no meio de Jerusalém, para assentar nele a sua escola, mas elegeu este, tão distante da mesma cidade e tão apartado do mundo, para nos ensinar, com o primeiro exemplo, que a escola da sabedoria do céu é a vida solitária e do deserto. Assim o diz São Pedro Damiano, aquele que pelo deserto trocou a Roma, e pelo saial a púrpura: *Solitaria vita caelestis doctrinae scola est, et divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum quod discitur*: A vida solitária é a escola da doutrina do céu, e as artes que nela se professam todas são divinas, porque tudo o que ali se aprende é Deus: *Illic enim Deus est totum, quod discitur*. Oh! quem levantara uma destas cadeiras, sem emulação nem oposição, em todas as universidades do mundo! Aqui se graduaram os já nomeados Antônio e Arsênio, aqui os Paulos, os Hilariões, os Pacômios, e todos aqueles doutíssimos idiotas laureados na eternidade, que, ou de ignorantes se fizeram sábios ou de sábios ignorantes por Cristo.

267. Os livros, porque estudavam sem especulação, e mais com o esquecimento que com a memória, são aqueles tão aprovados por São Bernardo, e tão alheios de toda a inveja, como de toda a censura. Escrevia São Bernardo a um desejoso de saber a quem ele desejava fazer mais sábio, e diz assim: *Experto crede, aliquid amplius invenies in sylvis, quam in libris*: Crede-me, como a experimentado, que mais haveis de aprender nos bosques que nos livros. — Que árvore há em um bosque, ou mais alta, ou mais humilde, que não cresça sempre para o céu? E se tanto anelam ao céu as que têm raízes na terra, que devem fazer as que não têm raízes? As do povoado e cultivadas dependem da indústria dos homens; as do deserto e sem cultura dependem só do céu e de Deus, e nem por isso crescem ou duram menos. As que despem o inverno ensinam a esperar pelo verão, e as que vestem e enriquecem o verão, a não fiar da presente fortuna, porque lhe há de suceder o inverno. As que se dobram ao vento ensinam a conservação própria, e as que antes querem quebrar que torcer a retidão e a constância. Enfim, cada árvore é um livro, cada folha uma lição, cada flor um desengano, e cada fruto três frutos: os verdes ainda não são, os maduros

<sup>21</sup> Subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se chegaram para o pé dele os seus discípulos, e ele abrindo a sua boca os ensinava (Mt. 5, 1 s).

duram pouco, e os passados já foram. Esta é a escola muda do deserto, em que São Bernardo estudou no seu vale, e esta a que Cristo assentou no mesmo monte onde disse a voz do céu: *Ipsium audite*<sup>22</sup>. Mas deixemos o Tabor, e pare o nosso discurso no Olivete.

268. O Monte Olivete, desabitado de homens e povoado só das árvores que lhe deram o nome, foi o lugar deserto donde Cristo e por onde subiu ao céu, mostrando-nos, com sua subida, que o caminho mais direito e estrada mais segura, para nós também subirmos é o deserto. Duas vezes viramos anjos subir para o céu a alma santa; mas donde e por onde subia? Uma e outra coisa é bem notável. A primeira vez viam que subia pelo deserto: *Quae est ista, quae ascendit per desertum*<sup>23</sup>? E a segunda vez, que subia do deserto: *Quae est ista, quae ascendit de deserto*<sup>24</sup>? Quem sobe, aparta-se de um lugar e sobe por outro. Pois se esta alma subia do deserto para o céu: *ascendit de deserto*, como subia pelo deserto: *ascendit per desertum*? O deserto era o lugar donde subia, e o deserto também o lugar por onde subia? Sim, por que isso é ser o deserto Monte Olivete. Cristo em sua ascensão, primeiro subiu pelo monte acima, e depois subiu do monte; e este é o modo com que também se sobe do deserto. Por isso os anjos primeiro viram que a alma subia pelo deserto: *Quae est ista quae ascendit per desertum*; e depois viram que subia do deserto: *Quae est ista quae ascendit de deserto*? De sorte que o deserto é o donde e o por onde se sobe ao céu. E se eu disse que não só é o donde e o por onde, senão também o para onde, não direi coisa nova, posto que grande. Disse o mesmo Cristo, em uma parábola, que a certo pastor, o qual guardava cem ovelhas, se lhe perdera uma, e que para achar esta ovelha perdida deixou as noventa e nove no deserto: *Nonne dimittit nonaginta novem in deserto*<sup>25</sup>? O pastor é Cristo, a ovelha perdida o homem, as noventa e nove os nove coros dos anjos, e o deserto o céu. Mas se este mesmo céu o deixou o Senhor povoado com tantas jerarquias e tantos coros de anjos, como lhe chama deserto? Porque falava por comparação às coisas da terra, e na terra não há coisa que se pareça com o céu, e mereça o nome do céu, senão o deserto. Logo, o deserto é o donde, o deserto o por onde, e o deserto o para onde sobe quem sobe ao céu.

269. E para que a este encarecimento da suma verdade ajuntemos outro ainda maior, digo que se, depois de um bem-aventurado subir ao céu, lhe fora lícito descer de lá, por nenhum outro lugar trocara o céu, senão por um deserto. Viu São João no céu aquela famosa mulher vestida do sol: *Signum magnum apparuit in caelo; mulier amicta sole*<sup>26</sup>. E viu que a esta mulher se lhe davam duas asas de águia, proporcionadas à sua grandeza: *Et datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae*<sup>27</sup>. Mas para quê? Esta mulher posta no céu, e

<sup>22</sup> Ouve-o (Mt. 17, 5).

<sup>23</sup> Quem é esta que sobe pelo deserto (Cânt. 3, 6)?

<sup>24</sup> Quem é esta que sobe do deserto (Cânt. 8, 5).

<sup>25</sup> Não é assim que deixa as noventa e nove no deserto (Lc. 15,4)?

<sup>26</sup> Apareceu um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol (Apc. 12,1).

<sup>27</sup> E foram dadas à mulher duas asas de uma grande águia (Apc. 12,14).

vestida de sol, significa qualquer alma santa, ilustrada já com o lume da glória, e por isso bem-aventurada. As asas de águia, que não são próprias da natureza humana, significam algum privilégio particular e sobrenatural, que a esta mulher se concedeu; e suposto que já é bem-aventurada, e está no céu, de que uso lhe podem ser as asas? O mesmo texto o diz: *Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae, ut volaret in desertum*: Deram-se-lhe duas asas de águia grande, para que voasse ao deserto. — Pois ao deserto há de voar uma alma que já está no céu e na bem-aventurança? Sim, porque nenhuma alma está no céu, por mais bem-aventurada que seja, que, se tivesse licença e privilégio de Deus para deixar por algum tempo o céu, se não viesse de boa vontade meter em um deserto. O estado do céu excede à vida do deserto em lá se gozar a Deus com maior claridade; mas o deserto excede ao céu em cá se gozar a Deus como merecimento, que lá não tem lugar; e por isso sem agravo, antes, com lisonja do amor de Deus, se pode trocar o céu por um deserto. E como estas prerrogativas do deserto excedem às do Monte Horeb, às do Monte Sinai, às do Monte Tabor, e do mesmo Monte Olivete, grande razão teve o evangelista em calar o nome próprio do monte onde o Senhor hoje se retirou, e por isso tendo já declarado que era deserto, se contentou com lhe chamar monte: *In montem*.

## §V

*Ipse solus: ele só. Os horrores da soledade na sentença de Salomão: Ai do só. O que dizem S. João Crisóstomo e São Bernardo em louvor da soledade. Benefícios da soledade nos antigos patriarcas. A solidão, espelho da bem-aventurança.*

270. *Ipse solus*. Esta é a última cláusula que só resta do nosso texto, e pesa-me de chegarmos a ela tão tarde. Retirou-se o Senhor, ou fugiu para o monte, e retirou-se ele só: *Ipse solus*. Nesta palavra estão recompilados ou feiamente pintados todos os horrores e medos da soledade. E quantos destes medrosos, cobrindo o mesmo medo com aparências de discretos, estarão alegando como Salomão, e dizendo com ele: *Vae soli* (Ecl. 4,10): Ai do só. — Sentença foi esta daquele rei sapientíssimo, e sem lhe perguntarmos a razão, ele a deu logo: *Quia cum ceciderit, non habet sublevantem se*: Ai do só, porque, quando cair, não terá quem o levante. — Mas não é necessário ser Salomão para refutar este inconveniente. Se o só não terá quem o levante, também não terá quem o derrube. E maior felicidade é carecer do perigo de quem me derrube, que haver mister o socorro de quem me levante. Quanto mais que os que pedem e costumam derrubar são os muitos, e os grandes e os caídos, a quem estes derrubam, mais facilmente acharão uma lisonja que lhes ponha o pé em cima, que uma amizade constante e valorosa, que se atreva a lhes dar a mão. Mas se lhes faltar a mão dos homens, não lhes faltará a de Deus: *Cum ceciderit, non collidetur*,

*quia Dominus supponit manum suam*<sup>28</sup>, disse melhor que Salomão seu pai, Davi. Salomão dói-se do só, porque, se cair, não terá quem o levante, e Davi dá-lhe o parabém, porque, se cair, Deus lhe porá a mão debaixo, para que nada lhe faça mal. Aquele só achar-se-á só, porque lhe faltarão os homens; mas este só nunca estará só, porque sempre terá consigo e por si a Deus. Aquele só poderá cair, ainda que o não derrubem; este só, por mais que o queiram derrubar, nunca poderá cair, porque quem cai sobre as mãos de Deus, a mesma queda o levanta: *Cum cecideni, non collidetur quia Dominus supponit manum suam*.

271. Daqui se segue que na soledade tomada por Deus, o só nunca está só. Está só assim como Cristo esteve só, quando hoje se retirou ao monte: *Ipsse solus*. Profetizando o mesmo Senhor aos discípulos que todos haviam de fugir e o haviam de deixar, disse-lhes assim: *Venit hora, ut me solum relinquatis, et non sum solus* (Jo. 16,32): Virá hora em que todos me haveis de deixar só, mas eu nunca estou só. — E por que razão quando todos deixam a Cristo só, não está Cristo só? Porque, como Cristo é Deus e homem juntamente, nem enquanto Deus está só, porque está com o homem, nem enquanto homem está só, porque está com Deus; e isto, que faz em Cristo a união da pessoa, faz na soledade a união do lugar. O só na soledade nunca está só, porque Deus está com ele e ele com Deus. Profundamente São João Crisóstomo. Sendo este facundíssimo varão o mais eloqüente de quantos escreveram, e tendo composto um livro inteiro em louvor da soledade, conclui o seu discurso com esta protestaçoão: *Me etiam imparem tuae laudis fateor; sed unum pro certo scio, o vita benedicta, quod indubitanter affirmo*: Confesso, ó soledade bendita, que eu, e tudo quanto tenho dito, é muito desigual a teu merecimento e muito inferior a teus louvores; mas uma só coisa sei de ti, a qual afirmo constantemente. — E que coisa é ou será esta? *Quia quisquis in amoris tui desiderio perseverare studuerit, ipse quidem habitator est tui, sed ejus inhabitator est Deus*: O que afirmo indubitavelmente, diz Crisóstomo, é que todo aquele que te habitar, ó soledade, será juntamente habitador e mais habitado: habitador, porque habitará em ti, e habitado, porque habitará nele Deus: *Ipsse quidem habitator est tui, sed ejus inhabitator est Deus*. E como Deus habita no solitário, porque o solitário habita na soledade, daqui se segue que o mesmo solitário nunca está, nem pode estar só, porque mais é morar Deus nele, que morar ele com Deus. Por isso dizia São Bernardo: *Nunquam minus solus, quam cum solus*: Nunca estou menos só, que quando estou só, — porque, quando não estou só, estou com os homens, e quando estou só, estou com Deus. E é demonstração evidente que quem está com Deus está menos só que quem está com os homens, porque a companhia dos homens, ainda que sejam muitos, é limitada, e a companhia de Deus, ainda que seja um só, é imensa.

272. Oh! se acabassem de entender os homens quanto perdem de si e de tudo, em não saberem estar sós com Deus e consigo! Enquanto Adão esteve só, conservou-se no Paraíso, na graça de Deus e na monarquia do mundo; depois que esteve acompanhado,

<sup>28</sup> Quando cair não se ferirá, porque o Senhor lhe põe a mão por baixo (Sl. 36,24).

perdeu o Paraíso, perdeu a graça, perdeu o império, perdeu-se a si, perdeu-nos a nós, perdeu tudo. E desta diferença de Adão só a não só, não a notou algum ermitão ou anacoreta do deserto, senão um cortesão de Paris, o grande cancelário Gerson: *Adam tandiu salvus mansit, quandiu solus*.

Só saiu Jacó da casa de seus pais, e gloriava-se ele depois que, tendo passado o Jordão só com a companhia do seu cajado, quando da volta que fez para a pátria o tornou a passar, era tão acrescentado de família, que os filhos, criados, carros, cavalos e grossos rebanhos formavam duas grandes esquadras: *In baculo meo transivi Jordanem istum, et nunc cum duabus turmis regredior*<sup>29</sup>. Para bem vos sejam, Jacó, todas essas boas fortunas, e todos esses grandes aumentos de casa e fazenda. Mas fazei-me graça de ajuntar com essa tão notável diferença outra, em que vós não reparais, e eu sim. Quando viestes só, vistes a escada, mas agora, quando ides tão acompanhado, não a vistes. Quando vos fazem corpo de guarda esses dois esquadrões, não ides seguro dos temores de Esaú; mas quando jazíeis só com uma pedra por cabeceira, Deus e os anjos vos guardavam o sono. Só para os sós falta a terra, mas só para os sós se abre o céu. Só estava Abraão e só Moisés, quando lhes apareceu Deus; só estava Josué, só Gedeão, e só Elias, quando lhes acudiram os anjos; só estava Isaías, quando viu o trono da majestade divina cercado de serafins, e só Ezequiel, quando viu o carro triunfal de suas glórias. Só também São Pedro, quando lhe foi mostrado em um painel todo o mundo gentílico convertido, que descia e se tomava a recolher ao céu; e só finalmente João, o amado, quando se lhe abriram os sete sigilos do seu Apocalipse, e os mistérios secretíssimos de todos os tempos futuros lhe foram só a ele revelados.

273. E por que não pareça que ponho a felicidade da solidão em revelações interiores, ocultas aos sentidos humanos, outras visões têm os solitários manifestas, e que todos vêem, sendo eles, porém, mais ditosos que todos, porque as vêem de longe e em lugar seguro. Nesta mesma ocasião em que Cristo, Senhor nosso, se retirou ao monte, os discípulos que se tinham embarcado padeceram uma terrível tempestade, na qual, já desconfiados de remédio, faltou pouco que o mar os não comesse, e no mesmo tempo nota o evangelista que o Senhor estava só em terra: *Et ipse solus in terra* (Mc. 6, 47). O mesmo sucede a quem vive só no seu deserto. Os outros, que andam no mar deste mundo, lutam com os ventos e com as ondas: uns se perdem e se afogam, outros se salvam mal a nado, e todos correm fortuna, e só o só vê tudo isto de longe, porque está em terra: *Et ipse solus in terra*. Arde o mundo em guerras, uns vencem, outros são vencidos, combatem-se cidades, conquistam-se remos, morremos homens a milhares, e só o só, se lá lhe chegamos ecos, tudo isto ouve sem temor, porque a sua paz é segura: *Et ipse solus in terra*. Volta-se o mesmo mundo em perpétua roda, a uns derruba, a outros levanta, uns crescem até as nuvens, outros descem até os abismos, e só o só, que está fora da jurisdição da fortuna, nem à próspera tem inveja, nem da adversa tem medo, porque só o seu estado é incapaz de

<sup>29</sup> Encostado a este meu báculo passei este Jordão, e agora volto com duas partidas (Gên. 32, 10).



mudança: *Et ipse solus in terra*. Por isso disse altamente S. Cipriano: *Una placida et fida tranquillitas, una sola et perpetua securitas est, si quis ab inquietantis saeculi turbinibus extractus, Deo suo mente proximus quidquid apud caeteros in rebus humanis sublime ac magnum videtur intra suam jacere conscientiam, gloriatur*: Nesta vida — diz o santo não há mais que uma só tranqüilidade fiel e uma só segurança perpétua, e esta só a goza aquele que, apartado das perturbações do mundo sempre inquieto, e unido só a Deus, quando olha para as coisas que os outros estimam e têm por grandes, ele as vê todas abaixo de si, e, como todas lhe ficam abaixo, nenhuma o altera nem lhe dá cuidado.

274. E para reduzir a breve compêndio tudo o que os outros santos disseram das excelências da solidão, e felicidade sem igual dos que a habitam, os que habitam a solidão são aqueles a quem Deus escolheu de entre os outros homens, e os chamou e levou consigo a viver sós nos desertos, não porque eles não fossem dignos de ilustrar o mundo, mas, como diz o Espírito Santo, porque o mundo não era digno de os ter a eles: *In solitudinibus errantes, quibus dignus non erat mundus*<sup>30</sup>. E a solidão é aquela que, não tendo semelhante na terra, só a tem na bem-aventurança do céu, sendo tão parecidas reciprocamente uma com a outra, que a solidão só se pode retratar pela bem-aventurança, como por seu original, e a bem-aventurança só se pode ver na solidão, como em seu espelho. E assim acabo com aquela famosa exclamação, que todos quisera levásseis na memória: *O beata solitudo, o sola beatitudo*<sup>31</sup>!

## §VI

*Samuel e Davi, exemplos para eclesiásticos e políticos na repartição do tempo entre Deus, o deserto e as cidades. O tempo das caçadas, e o rei que era valente caçador diante de Deus. Cristo, Sacerdote e Rei, o maior exemplo assim para o estado eclesiástico como para o político.*

275. Tenho dado fim ao meu discurso, largo para o tempo, mas muito breve e diminuto para o merecimento da causa. Vejo, porém, que não faltaria em todo ele quem estranhasse a matéria como imprópria do lugar e do auditório, e mais acomodada para os desertos do Bussaco, ou para as serras da Arrábida, que para a Capela Real e corte de Lisboa. Assim julgam os que sabem pouco do mundo, do cristianismo e das histórias, como se não fossem as cortes católicas em todas as idades as que mais ilustremente povoaram os ermos, e por isso com melhores e mais qualificados exemplos. No baixo — ou no alto — deste pavimento, e no mais alto de umas e outras tribunas, estou eu vendo muitas almas livres ainda daquelas cadeias que se não podem quebrar, as quais, se

<sup>30</sup> Uns homens de que o mundo não era digno, errantes nos desertos (Hebr. 11, 38).

<sup>31</sup> Bem-aventurada solidão, única bem-aventurança!

trocassem a vaidade pela verdade, a corte pelo deserto, o paço pela clausura, as galas pelo cilício e o cativo do mundo pelo jugo suave de Cristo, triunfando do mesmo mundo com a fé, e de si mesmos com o entendimento, não só teriam muito de que se gloriar na outra vida, mas também de que se não arrependem nesta.

276. Mas, vindo em particular aos que, por estado, profissão e ofício, têm para si que se não podem retirar do povoado e deixar o trato das gentes, saibam, que para satisfazer às obrigações do mesmo estado, da mesma profissão e do mesmo ofício, também eles devem alternar o exercício com o retiro, e partir os dias e a vida com o deserto, não sempre — que isso é alternar — mas a seus tempos. Todas estas obrigações do estado e do ofício, ou são eclesiásticas, ou seculares, e nenhum homem, por mais capaz que se imagine, as poderá administrar como convém, ou no espiritual, ou no político, senão por aprender na escola do deserto o modo justo e acertado com que as há de exercitar.

277. Quanto aos eclesiásticos, quem mais obrigado às ovelhas que o pastor? E que pastores mais obrigados à conta, que Deus lhe há de pedir delas, que os supremos? Mas estes, se retirados ao deserto com Deus e consigo, se não tomarem a si mesmos a mesma conta, nunca a darão boa. Que pastores mais zelosos e vigilantes, que bispos e arcebispos mais doutos e santos que um Crisóstomo em Constantinopla, um Basílio em Cesaréia, um Ambrósio em Milão, um Atanásio em Alexandria, um Agostinho em Hipona? E todos, se lerdos as suas vidas, já os vereis na cadeira, já no deserto, já anacoretas e sós, e já cercados de infinito povo, convertendo gentios, confutando hereges, aperfeiçoando cristãos e cultivando de tal modo as suas igrejas e dioceses, que as casas pareciam religiões e as cidades paraísos. E donde nasciam estes efeitos tão maravilhosos, senão porque os mesmos prelados no deserto recebiam a luz e a graça, e na solidão, o espírito e fervor com que no povoado acendiam as almas, arrancavam os vícios e plantavam as virtudes? Quando Saul foi a Ramá, e perguntou por Samuel, responderam-lhe que chegara a bom tempo, porque naquele dia havia de vir à cidade a oferecer sacrifício: *Hodie enim venit in civitatem, quia sacrificium est hodie populi in excelso*<sup>32</sup>. E por que disseram que naquele dia havia de vir à cidade? Porque Samuel, que era o sacerdote e prelado do povo, em tal forma tinha repartido os dias, que parte deles gastava com Deus no deserto, e parte com os homens na cidade. E nota São Gregório Papa sobre as mesmas palavras que nesta repartição do tempo, a melhor e maior parte era a de estar só com Deus, porque, tanto que tinha satisfeito a obrigação dos sacrifícios e governo espiritual das almas, logo, sem se deter um momento no povoado, se tornava a recolher para o deserto: *Quia raro videbatur in civitate, videlicet tarde veniens, et cito recedens*<sup>33</sup>. E se isto fazia Samuel antes da vinda, antes da doutrina e antes do exemplo de Cristo, vejam os sucessores do mesmo Cristo o que devem fazer, e o que podem.

<sup>32</sup> Porque ele veio hoje à cidade, porquanto hoje é o sacrifício do povo no alto (1 Rs. 9,12).

<sup>33</sup> Porque vinha raramente à cidade e à tarde, retirando-se muito cedo

278. No estado secular e político parece que tem menos lugar este retiro pela freqüência e multidão dos negócios, e pela maior necessidade da assistência das pessoas públicas, em matérias tantas e de tanto peso, como as que ordinariamente ocorrem no governo de uma monarquia. Assim o supõe a política humana, ou mais verdadeiramente gentílica, como se o acerto dos negócios, por muitos e grandes, necessitara menos da Providência de Deus, e, a vista das coisas da terra, ou no claro ou no escuro, não dependera toda das luzes do céu. Rei era, e de populosíssimo reino, Davi; gravíssimos foram os pontos de estado, que em quarenta anos do seu reinado, assim na paz como na guerra, assim dentro como fora de casa, lhe puseram em perigo e contingência a coroa. E aonde ia ele buscar a luz, e consultar as resoluções, senão ao deserto? Ouçamo-lo de sua mesma boca: *Cor meum conturbatum est in me, et formido mortis cecidit super me Timor et tremor venerunt super me, et contexerunt me tenebrae*<sup>34</sup>. Oh! quantas vezes diz Davi — se viu o meu coração confuso e perturbado no meio de perigos e temores mortais, que o faziam palpitar e tremer, e, sobretudo, cercado e coberto de escuridão, sem o menor raio de luz que me mostrasse o caminho por onde escapar! — E neste tempo, e nestas angústias, qual era o meu refúgio? *Ecce elongavi fugiens, et mansi in solitudine. Expectabam eum, qui salvum me fecit a pusilanimitate spiritus, et tempestate*<sup>35</sup>. O meu refúgio e remédio nos tais casos não era outro senão fugir muito longe das cidades e meter-me na solidão dos desertos, e, ali, só por só com Deus, esperar dele que me alumiasse e me tirasse a salvamento daquelas tempestades, das quais eu, como piloto areado, e com a nau quase perdida, me não sabia nem podia livrar. E se isto fazia um coração tão animoso e intrépido, e um júzo tão sábio, tão experimentado e tão prudente, como o de Davi, por que cuidarão os outros príncipes — e mais sobre a experiência de muitos erros — que sem se retirar a seus tempos das cortes, e sem consultarem sós por sós a Deus, poderão eles para si e por seus ministros conseguir os acertos do bem público, que talvez não sabem desejar, quanto mais conseguir?

279. E se me disserem que não há tempo para esses tempos e para esses retiros, ninguém me negará que há dias, e semanas, e meses para outros retiros, para outros desertos, para outros bosques e para outros montes, e não dentro ou perto das cortes, senão muito longe delas, sendo certo que o trabalho — chamado recreação — que se toma para cercar e ferir um javali, e, morto, o levar em triunfo, fora mais bem empregado em montar outras feras, que se tornam a trazer da caça tão vivas como se levam. Aos vícios coroados chama a *Igreja vitiorum monstra*; não vícios de qualquer modo, senão monstros; e a montaria destes monstros, e também a altaneria deles, é a que se faz nos desertos só por só com Deus. Ali se quebram as asas à vaidade, ali se dá em terra com a soberba, ali se

<sup>34</sup> . O meu coração está conturbado dentro de mim, e medo de morte caiu sobre mim. Temor e tremor vieram sobre mim, e cobriram-me trevas (Sl. 54,5s).

<sup>35</sup> Eis aqui me alonguei fugindo, e permaneci na soledade. Ali aguardava aquele que me salvou do abatimento de espírito e de tempestade (Sl. 54,8,9).

atalham os passas à cobiça, ali se cortam as mãos à vingança, ali cai em si a injustiça e a sem-razão, ali morre e se desfaz escumando a ira, e todos os outros monstros da intemperança poderosa e sem freio, ou se matam, ou se afugentam, ou se domam. Do primeiro rei que houve no mundo diz a Escritura: *Erat robustus venator coram Domino* (Gên. 10,9): que era valente caçador diante de Deus. — E estas caçadas que se fazem diante de Deus — são as recreações que devem tomar os príncipes, e as valentias de que mais se devem prezar, pois são as verdadeiras valentias. E se no tempo que tomam para a caça, ausentando-se das cortes, não temem perder a bênção e o morgado, como o perdeu Esaú, muito menos devem temer esta perda, ou outro detrimento da monarquia, no tempo em que se retirarem a tratar com Deus, e receber dele a luz com que só a podem conservar e reger. Muitos reis na caça perderam desastadamente a vida; porém aquele a que a Escritura, não sem mistério, chamou caçador diante de Deus, não só reinou sessenta e sete anos, mas fundou uma nova monarquia, que durou mil e duzentos e se conservou mais que todas as que floresceram no mundo.

280. Enfim — para convenceremos com o maior de todos os exemplos, assim o estado eclesiástico, como o político — Cristo, Redentor e Senhor nosso, que juntamente era supremo Rei e Sumo Sacerdote, não só nos três anos em que exercitou no mundo uma e outra dignidade, repartiu sempre a vida entre o povoado e o deserto; mas neste mesmo dia, em que com as obras provou que o era, e todos o reconheceram por tal, uma parte do mesmo dia deu às turbas e ao povo, e a outra parte ao deserto e ao monte: *Fugit in montem, ipse solus*<sup>36</sup>.

## SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO

PREGADO NA DOMINGA *INFRA OCTAVAM* DO MESMO SANTO, EM O  
MARANHÃO, ANO DE 1657

*Quae mulier habens drachmas decem, et si perdiderit drachmam unam, nonne accendit lucernam, et everrit domum, et quaerit diligenter donec inveniatur?*<sup>1</sup>

*Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut*

<sup>36</sup> Tornou-se a retirar para o monte ele só (Jo. 6,15).

<sup>1</sup> Que mulher há que, tendo dez dracmas, e perdendo uma, não acenda a candeia, e não varra a casa, e não a busque com muito sentido, até que a ache (Lc. 15, 8)?

*luceat omnibus, qui in domo sunt*<sup>2</sup>.

## §I

*Concordância dos Evangelhos da domingo e da festa. A mulher é a Igreja, a dracma as almas dos pecadores, e a candeia o santo que depara as coisas perdidas. Argumento do sermão: Antônio, deparador de almas perdidas.*

281. Quando a Igreja nos propõe dois Evangelhos, mais é obrigação que demasia tomar dois temas. O primeiro é da domingo, o segundo da festa, e ambos tão próprios do santo que celebramos, que um parece o texto, outro a comento.

282. No primeiro Evangelho, diz Cristo, Senhor nosso, assim: Se uma mulher tem dez dracmas — dracmas eram umas moedas de prata de pouco peso, que corriam naquele tempo entre os hebreus — se uma mulher, diz o Senhor, tem dez moedas destas, e perdeu uma, que é o que faz? — Notai, os que notais os pregadores, a lhaneza das comparações daquele pregador divino. — Acende, diz, uma candeia, varre a casa, busca a sua dracma com toda a diligência, e se acaso a achou, sai à rua com grande alvoroço, chama as amigas e as vizinhas, diz-lhes que se alegrem com ela e lhe dêem o parabém da sua boa ventura, porque achou a dracma que tinha perdido. Vedes esta festa? Vedes esta alegria? Pois o mesmo passa no céu, diz o Senhor. Fazem-se lá grandes festas, alegam-se os anjos e dão-se os parabéns os bem-aventurados, todas às vezes que um pecador perdido se acha e se converte pela penitência: *Ita gaudium erit coram angelis Dei super uno peccatore paenitentiam agente*<sup>3</sup>. Esta é a substância da parábola de Cristo, a qual se resume toda em três coisas particulares: a mulher, a moeda e a candeia. A mulher que perdeu, achou e festejou a moeda; a mesma moeda primeiro perdida e depois achada; e a candeia que se acendeu para se buscar e achar. Destas três coisas explicou o Senhor as duas, e deixou a terceira sem explicação. A mulher diz que é a Igreja, a qual, enquanto militante na terra, perde e acha os pecadores, e, enquanto triunfante no céu, celebra e festeja suas conversões. A dracma perdida e achada são as almas dos mesmos pecadores, que se perdem pelo pecado e se acham e recuperam pela penitência. A candeia que se acendeu para buscar a dracma, suposto que o Senhor não declarou qual fosse, haverá quem no-lo diga. Se não fora em tal dia, eu me não atrevera a o dizer facilmente; mas hoje qualquer de vós o dirá.

283. Dizei-me qual é no mundo o santo que depara as coisas perdidas? Qual é no mundo a luz com que as coisas perdidas se acham e se descobrem? Todos estais dizendo que é Santo Antônio. Pois essa é a candeia que no primeiro Evangelho se acendeu, e assim

<sup>2</sup> Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas põem-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa (Mt. 5,15).

<sup>3</sup> Assim vos digo eu que haverá júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faz penitência (Lc. 15,10)

o diz o segundo: *Neque accendunt lucernam, et ponunt eam sub modio, sed super candelabrum, ut luceat omnibus qui in domo sunt*. O primeiro Evangelho diz que a candeia se acendeu para alumiar a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum*<sup>4</sup>. O segundo diz que a candeia que se acendeu para alumiar a casa é o santo que hoje celebramos: *Accendunt lucernam, ut luceat omnibus qui ni domo sunt*<sup>5</sup>. De sorte que um Evangelho em parábola, e outro na significação dela, nos dizem e pregam hoje, concordemente, que a luz com que se acham as dracmas ou almas perdidas, é o nosso glorioso Santo Antônio, mais glorioso por esta prerrogativa que por todas quantas dele se podem e costumam pregar. Suposta esta propriedade e concórdia de um e outro texto, nem eu posso tomar outro assunto mais evangélico, nem vós desejar outro mais útil, nem o mesmo santo querer de mim e de vós outro que mais lhe agrade. Será, pois, o argumento de todo o nosso discurso: Antônio, deparador de almas perdidas. E para que as nossas se aproveitem desta luz, que a todas mais ou menos é necessária, peçamos ao mesmo santo, como tão devoto servo e tão favorecido da Mãe da Graça, interceda por nós para que a alcancemos. *Ave Maria*.

## §II

*Deu Deus a Santo Antônio melhor ofício do que tomou para si. Todas as coisas são mais estimadas e de maior gosto quando se recuperam depois de perdidas. A dracma, a estrela dos magos, e o filho pródigo.*

*Accendit lucernam, donec inveniatur. Accendunt lucernam, ut luceat omnibus*<sup>6</sup>.

284. Ser Santo Antônio entre todos os santos o deparador das coisas perdidas é uma graça tão singular e um privilégio tão soberano, que parece deu Deus a Santo Antônio, melhor ofício do que tomou para si. Deus, como autor de todos os bens, é o que os dá; e quando esses bens se perdem, Santo Antônio, como deparador, é o que os recupera, e não há dúvida que todas as coisas são mais estimadas e de maior gosto quando se recuperam depois de perdidas, que quando se possuem sem se perderem. Diz o nosso texto que a mulher que perdeu a dracma tinha dez: *Mulier habens drachmas decem*. Pois, se tinha dez dracmas, e não pediu que lhe dessem o parabém de as ter, ou de as adquirir, como agora, quando achou uma só, convoca as amigas e vizinhas, e as convida para que a ajudem a festejar a sua ventura, e faz tantos extremos de alegria por ela? Porque, ainda que a dracma era uma só, era perdida. As outras eram adquiridas e possuídas; esta era recuperada depois de perdida, e por isso a estimou tanto. Quando a estrela apareceu aos Magos no Oriente,

<sup>4</sup> Acende a candeia e varre a casa (Lc. 15,8).

<sup>5</sup> Acendem uma luzerna, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa (Mt. 5,15).

<sup>6</sup> Acende a candeia até que a ache (Lc. 15, 8).

— Acende a luzerna a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa (Mt. 5,15).

não fizeram festas ao seu aparecimento; mas quando, depois de a perderem e lhes desaparecer em Jerusalém, a tornaram outra vez a ver, não acham termos os evangelistas com que bastantemente encarecer o excesso de gosto e alegria com que a festejaram: *Gavisi sunt, gaudio magno valde*<sup>7</sup>. A estrela no Oriente e em Jerusalém não era a mesma? Sim, mas em Jerusalém era a mesma depois de perdida: Esta foi a razão das extraordinárias festas que o pai fez ao filho pródigo, tão invejadas do outro irmão. A mim, Senhor, que jamais me aparte de vós, nunca me fizestes um regalo, e para este que vos deixou, e se perdeu a si e a quanto lhe destes, tantas festas, tantos banquetes, tantas despesas? Sim, filho, respondeu o pai — e por isso mesmo. A ti, que sempre estiveste comigo, nunca te perdi; este, tinha-o perdido, e vejo-o recuperado: *Perierat, et inventus est*<sup>8</sup>. Tanto ganham de estimação as coisas quando se perdem, e tanto acrescentam de gosto quando se recobram, para que entendais que não deveis menos a Santo Antônio quando vos depara o perdido, senão tanto, e mais ainda, que se de novo vos dera o mesmo que perdestes.

285. E se isto é verdade nestas coisas materiais e exteriores, que tão pouco importam, que será nas da alma, e na perda das mesmas almas, de que também é deparador Santo Antônio, como hoje os pretendo mostrar? Voltemos sobre os mesmos exemplos que acabo de referir, mais interiormente considerados. Que filho pródigo, que estrela, que dracma é aquela? A dracma, como já dissemos, é a alma, a estrela a graça, o pródigo cada um de nós. A graça perdida, a alma perdida, o homem perdido, e sendo estas as maiores perdas que se podem padecer nem imaginar, porque juntamente com elas se perde a Deus, é pasmo do entendimento, e ainda da fé, ver o pouco sentimento com que se passa por elas, e o pouco caso que se faz de as reparar, fazendo-se tanto de outras, que por sua vileza e baixeza não merecem nome de perdas. Em se perdendo, ou desaparecendo alguma coisa de gosto ou de valor, e também as do uso doméstico mais miúdas, ver como chamais logo por Santo Antônio, e só com dizer Santo Antônio, sem outra oração, já vós entendeis e ele entende que lhe pedis vos depare o que perdestes. Verdadeiramente que em nenhum outro exemplo, sendo tantos e tão raros os seus, me admira mais a humildade e caridade deste santo, que em se não dar por ofendido de semelhantes petições, e acudir, calmo está sempre acudindo, tão prontamente a elas. Não digo que o não façais, nem que é afrontar os poderes de tão grande santo ocupá-lo em coisas tão baixas e tão miúdas, porque a Providência e Onipotência divina tanto mostra sua grandeza na formiga como no elefante, e tanto em criar o hissope da parede, como o cedro do Líbano. O que só vos digo, e peço em nome do mesmo Santo Antônio, e o intento de todo este sermão, em que o desejo agradar, é que ocupeis sua valia e empregueis seus poderes em que vos recupere as verdadeiras perdas, e vos depare as almas, que tão perdidas andam. Agora vos peço atenção.

<sup>7</sup> Foi sobremaneira grande o júbilo que sentiram (Mt. 2, 10).

<sup>8</sup> Era morto, e achou-se (Lc. 15,32).

## §III

*Santo Antônio, deparador das almas perdidas, nos dois vícios universais em que mais ordinariamente caem os homens: as dracmas e as damas. As escusas dos convidados na parábola do banquete. Adão, a mulher e o alheio. A sensualidade e a cobiça, os únicos vícios proibidos por dois preceitos.*

286. Como com todos os pecados se perde a Deus, em todos os vícios se perdem também as almas; e porque seria matéria infinita discorrer por todos, para provar em cada um o meu assunto, assim como a dracma se perdeu em um lugar da casa, podendo cair em todos, assim eu me contentarei com mostrar a Santo Antônio deparador de almas perdidas nos dois vícios universais em que mais ordinariamente caem os homens, e as almas se perdem. Quais sejam estes dois vícios, bem creio que antes de eu os nomear, o tendes já entendido; mas no Evangelho temos duas figuras que, sem mudar os trajos nem o apelido, por seu próprio nome nos dizem quais são. Diz o Evangelho que a mulher buscou a moeda, e estas são as duas coisas que perdem mais almas: a moeda e a mulher. Uns se perdem pelas dracmas, outros pelas damas. A cobiça cega a uns, a sensualidade cega a outros, e a cobiça e a sensualidade juntamente a quase todos. E estes são os dois feitiços que levam após si o mundo, e o trazem perdido.

287. No Evangelho de domingo passado, introduziu Cristo em parábola um banquete, que significava a glória e bem-aventurança do céu. Foram chamados muitos convidados a este banquete, e escusaram-se dele com três gêneros de escusas. O primeiro disse que tinha comprado uma quinta, e que a ia ver; o segundo que tinha comprado uns bois, e que os ia provar; o terceiro que se tinha casado naquele dia, e que não podia ir. De maneira que os dois primeiros escusaram-se com a fazenda, e o último escusou-se com a mulher, porque mulher e fazenda são as duas coisas que mais apartam os homens do céu, e os dois laços do demônio em que mais almas se prendem e se perdem. E notai que os dois primeiros escusaram-se com fazenda, mas com fazenda que compraram: *Villam emi, juga boum emi quinque*<sup>9</sup>. O terceiro, escusou-se com mulher, mas com mulher com que se recebera: *Uxorem duxi*<sup>10</sup>. Pois, se a fazenda comprada vos impede que não vades ao céu, que fará a fazenda roubada? Se a mulher própria vos estorva que não vades às bodas da glória, que será a mulher alheia? Alheio e mulher? Deus vos livre, e isto é o que todos buscam.

288. Nenhum homem criou Deus neste mundo com maior segurança do paraíso que Adão, porque foi criado sem pecado, que é o que nos tira do paraíso, e criado no mesmo

<sup>9</sup> Comprei uma quinta, comprei cinco juntas de bois (Lc. 14, 18s).

<sup>10</sup> Casei (Lc. 15,20).



paraíso, sem lhe ser necessário fazer diligência para ir a ele. E que causas, ou que coisas houve tão poderosas, que puderam arrancar do paraíso a Adão? As duas que dizemos: a mulher e o alheio. A mulher, porque Eva foi a que o fez comer do pomo vedado; o alheio, porque, sendo de Adão todas as coisas que havia no mundo, só o pomo vedado não era seu. Se o alheio botou a perder a Adão quando todas as coisas eram suas, que será a quem tem pouco de seu? Se a mulher botou a perder a Adão quando não havia no mundo outra mulher, que será quando há tantas e tais! Este é o triste patrimônio que herdaram os homens do primeiro homem: perdê-los a mulher e o alheio; perdê-los a sensualidade e a cobiça.

289. Agora entendereis a razão por que, proibindo Deus os outros vícios com um só preceito expresso, o da sensualidade e o da cobiça os proíbe com dois: o da sensualidade com o sexto e com o nono; o da cobiça, com o sétimo e com o décimo. Muitos dos outros pecados, ou todos, são geralmente mais graves que estes dois, porque, ou se opõem à maior virtude, ou contêm maior injustiça. Pois, por que ata e aperta Deus a cobiça com dois preceitos, e a sensualidade com outros dois, e aos outros vícios, sendo mais graves, com um só? Porque, entre todos os vícios da natureza corrupta, estes dois são os mais rebeldes e mais indômitos. Por isso os atou com duas cadeias. Os outros preceitos facilmente se guardam e raramente se quebram; nestes dois, não só é muito rara e dificultosa a observância, mas vaga e desenfreada a soltura. Tanto assim que, se bem repararmos nas quebras dos outros preceitos, acharemos que ou se quebram por sensualidade ou por cobiça. Levantam-se falsos testemunhos; mas ou é por cobiça, como o de Nabot, ou por sensualidade, como o de Susana. Matam-se homens, mas, ou é por sensualidade, como Davi a Urias, ou por cobiça, como Abimelec a seus irmãos. E se a cegueira chega a tanto desatino, que até contra o primeiro preceito se cometa o enormíssimo pecado da idolatria, ou é por cobiça, como a de Geroboão, que levantou os ídolos, ou por sensualidade, como a de Salomão, que os adorou. Finalmente, se quereis mais breve e mais prudente prova desta miserável verdade, meta cada um a mão na própria consciência, e achará que, se traz a alma perdida, ou é por algum destes dois vícios, ou por ambos juntos, que por isso também os ajuntou a lei: *Non moeoberis, non furtum facies*<sup>11</sup>.

291. (\*) Sendo pois estes dois vícios as raízes universais donde nascem todos os outros, e os dois escândalos comuns da fragilidade humana onde mais tropeçam, caem e se perdem as almas, assim como a mulher do primeiro Evangelho, para achar a dracma perdida, acendeu a candeia, assim no-la mostra o segundo Evangelho acesa sobre aquele altar, para que vejamos quão eficaz luz é Santo Antônio em alumiar as almas que se perdem nestes dois vícios, e quão certa para as deparar depois de perdidas: *Accendit lucernam donec inveniatur: Accendunt lucernam, ut luceat omnibus*.

<sup>11</sup> Não fornicarás, não furtarás (Êx. 20,14 s).

(\*) Na numeração dos parágrafos da edição original falta o número 290.

## §IV

*O vício da sensualidade. A virtude da túnica de Santo Antônio. Os vestidos de Santo Estêvão. A mulher de Putifar e a capa de José. O contágio da virtude e a túnica inconsútil de Cristo.*

292. Começando pelas almas perdidas no vício da sensualidade — do qual, como também do outro, não referirei mais que um exemplo, para o poder ponderar com largueza, e nele a virtude admirável do Santo deparador — houve um monge mui combatido de tentações sensuais, ao qual não tinham bastado nem os desertos, nem os jejuns, nem as asperezas e penitências, para que, naquelas batalhas tanto mais cruéis quanto mais domésticas, ou não fraqueasse muitas vezes na resistência, ou não ficasse conhecidamente vencido, para que temam as outras árvores mais sujeitas à corrupção, quando aos ciprestes do paraíso não perdoa a deste vício. Perdida enfim a graça de Deus, e perdida sem Deus e sem graça esta pobre alma, veio-se ter por último remédio com Santo Antônio. Confessou-se de todos seus pecados, manifestou-lhe toda sua consciência, deu-lhe conta, por uma parte, de seus bons desejos, e por outra, da rebeldia de sua carne, e da grande força ou fraqueza que experimentava nela. Não fez espantos Santo Antônio, como alguns confessores menos prudentes, porque sabia — como disse com grande juízo Tertuliano sobre as palavras: *Caro autem infirma*<sup>12</sup> — que aquela fraqueza é uma forte força. Ouvia ao monge com grande benignidade, e com que vos parece que o curaria? Recolheu-se para dentro, despiu a túnica que trazia vestida, trouxe-a ao monge, que estava esperando de joelhos, disse-lhe que vestisse aquela túnica, e que nunca mais seria tentado da sensualidade, e assim sucedeu. Oh! quem soubera ponderar dignamente este nunca visto e estupendo caso!

293. Quando os de Jerusalém apedrejaram a Santo Estêvão, diz o texto que puseram as suas vestiduras aos pés de um mancebo chamado Saulo, que foi o que depois, mudando de vida e nome, se chamou Paulo. Tem para si S. Bernardo que estas vestiduras, que se puseram aos pés de Saulo, não foram as dos apedrejadores, senão as do mesmo Santo Estêvão. E se perguntarmos ao santo, a que fim? Diz que da parte dos homens a um, e da parte de Deus a outro: da parte dos homens, a fim de que as guardasse; da parte de Deus, a fim de que, tocando aquelas vestiduras de Santo Estêvão em Saulo, o convertessem: *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui ad tactum sanctarum vestium fuerat convertendus*<sup>13</sup>. Alto pensamento de São Bernardo, e alto sentir e presumir da virtude dos vestidos de Santo Estêvão, se o sucesso o aprovara; mas não foi assim. Depois

<sup>12</sup> Mas a carne é fraca (Mt. 26,41).

<sup>13</sup> Bernard. in hunc locum (At. 7,57).

de Saulo ter a seus pés, e guardar aquelas vestiduras, tão longe esteve de ficar convertido, que antes podemos dizer que as pedras de Santo Estêvão lhe pegaram a fúria e a dureza, e não as suas vestiduras a fé e a santidade, porque depois deste caso se foi Saulo a pedir poderes e provisões contra os cristãos de Damasco, para os prender, para os castigar, para os destruir e para arrancar do mundo, se pudesse, a fé de Cristo; e assim ia como um leão, diz o texto, espumando ira e ameaças contra os discípulos do Senhor, quando, descendo segunda vez do céu, o mesmo Cristo o derrubou e o converteu. Oh! divino Antônio, quanto quis Deus levantar vossas glórias, não só sobre os grandes santos, senão sobre os maiores de toda a Igreja! Vós quisestes ser mártir, e não o alcançastes; mas que importa que vos não concedesse Deus, ou vos trocasse esta lauréola, quando vos levantou e sublimou não só sobre os outros mártires, mas sobre o mesmo protomártir. As vestiduras de Estêvão tocaram a Saulo, mas ficou como dantes. Era herege da lei nova, e ficou herege; era perseguidor da Igreja, e ficou perseguidor; era inimigo de Cristo, e ficou inimigo; era Saulo, e ficou Saulo. Porém as vossas vestiduras, tanto que tocaram o monge tentado e caído, no mesmo ponto ficou totalmente mudado, e outro do que era. Era sensual, e ficou casto; era fraco, e ficou forte; era combatido, e ficou em paz; era homem, e muito homem, e ficou anjo. Tanta é a eficácia, e tão singular a virtude do nosso deparador para almas perdidas neste vício.

294. E se algum douto escrupuloso me puser dúvida a este paralelo, por serem aquelas vestiduras de Estêvão só em opinião, posto que em opinião de tão grande autor, vistamos a comparação com outras, em que não possa haver dúvida, e sejam as daquele famoso herói, que entre todos os do Testamento Velho se levantou como sobrenome de casto. Levado José cativo ao Egito, afeiçoou-se-lhe tão perdidamente a mulher de seu senhor Putifar que, não bastando menores demonstrações, chegou a querê-lo render com violências declaradas. Fugiu José, largando-lhe a capa, ficou o monstro da sensualidade com aqueles despojos da castidade nas mãos. E que se seguiu daqui? Porventura ficou mais casta? Ficou menos cega? Ficou mais desenganada? Ficou mais conhecida do erro e da baixeza a que seu vil apetite a sujeitara? Antes mais sujeita, antes mais escrava, antes mais enganada, antes mais cega, antes mais louca, antes mais furiosa que dantes. Não nos diz a Escritura de que pano fosse a capa de José, mas se ela fora cortada do burel do manto de Santo Antônio, eu vos prometo que, tanto que a má egiptana a teve nas mãos, a castidade lhe correria pela vista aos olhos, e a honra pelas veias ao coração. Esteve porém tão longe José de esperar ou presumir tais efeitos por sua capa por sua (...), que, só por ser tocada das mãos lascivas, a largou e fugiu dela, temendo, diz Santo Ambrósio, que pela mesma capa, como por roupa empestada, se lhe pegasse o contágio da sensualidade: *Contagium judicavit, si diutius moraretur, ne per manus adulterae, libidinis incendia transirent*. Ora, notai quanto vai de José a Antônio: pela capa de José, uma vez que a teve a egípcia nas mãos, pudera-se pegar a sensualidade a José; mas pela túnica de Antônio., uma vez que a

vestiu o monge tentado, pegou-se a castidade ao monge. Serem contagiosos os vícios é mal ordinário de todas as enfermidades, mas serem contagiosas as virtudes, só em Santo Antônio se viu. Vistes já muitos enfermos que pegaram as suas enfermidades aos sãos? Sim, vistes. E vistes alguma hora algum são que pegasse a sua saúde ao enfermo? Isto nunca se viu, senão em Santo Antônio. José, sendo são e santo, temeu que a egípcia lhe pegasse a enfermidade; e o monge, sendo enfermo, e tão enfermo, pegou-lhe Santo Antônio a saúde. E tudo isto, para maior assombro, com o tato só da sua túnica: *Ad tactum sanctarum vestium*.

295. Mas por que não cuidem, os que me ouvem, que nestas duas comparações da túnica de Antônio com a capa de José e vestiduras de Estêvão tenho dito alguma coisa, passemos, ou voemos mais alto, e, com a devida reverência, peçamos licença àquele benigníssimo Senhor que Santo Antônio tem nos braços, para que neste caso nos lembremos também dos seus vestidos, pois está sem eles. Pregado Cristo na cruz, em cumprimento da profecia: *Diviserunt sib vestimenta mea*<sup>14</sup>, tomaram os soldados que tinham crucificado ao Senhor suas sagradas vestiduras, para as repartirem entre si. Estas vestiduras, segundo o uso comum com que se vestiam os hebreus, eram uma túnica comprida até os pés, e com mangas, e sobre esta um manto quadrado, com que se cobriam, como nós com a capa. Entenderam, pois, os soldados primeiramente com o manto do Senhor, partiram-no em quatro partes, recolheu cada um a sua. Tomando, porém, e tendo nas mãos as vestiduras sacratíssimas do mesmo Filho de Deus humanado, e cingido porventura cada um ao redor de si a parte que lhe coube — como aquela gente costuma — nem por isso se lhes abriram os olhos, como a Longuinhos; nem por isso bateram nos peitos, como o centurião; nem por isso disseram: Senhor, lembrai-vos de nós, quando chegardes ao vosso reino, como o bom ladrão. O que fizeram foi passarem da repartição do manto à túnica, em cumprimento da segunda parte da profecia: *Et super vestem meam miserunt sortem*<sup>15</sup>.

296. Era a sagrada túnica inconsútil, ou tecida de uma só peça; e como não tinha costura, resolveram-se os soldados não a partir entre os quatro, mas jogá-la, a ver quem a levava toda. Fez-se assim, veio uma caixa, lançaram os dados, levou um aquele preciosíssimo tesouro, mais precioso que quanto vale o mundo; e que tal vos parece que ficaria este homem com a túnica de Cristo? Fora ela tecida pelas puríssimas mãos da Virgem Santíssima, e era tão milagrosa que ia crescendo juntamente com a sagrada humanidade, e não se gastava como tempo nem com o Liso, e, o que é mais, que havia trinta e três anos que o Senhor a trazia vestida. Que tal pois vos parece que ficaria aquele venturoso soldado, não digo já depois de vestir a túnica do Filho de Deus, senão tanto que a tocou somente? Cuidava eu que no mesmo ponto havia de ficar alumiado pela fé e

<sup>14</sup> Repartiram entre si os meus vestidos (Sl. 21,19).

<sup>15</sup> E lançaram sorte sobre a minha túnica (Sl. 21,19).

cercado de resplendores; que no mesmo lugar se havia de prostrar por terra; reconhecendo e adorando a divindade do Cristo; que havia logo de arremeter à Cruz, para desencravar o Senhor como o tinha pregado nela, ou, quando menos, que entrasse por Jerusalém publicando e confessando a gritos que aquele homem crucificado era o verdadeiro Messias, e verdadeiro Filho de Deus e de Jacó, e com a mesma túnica ensangüentada nas mãos, ou na ponta da lança, pregasse e perguntasse ao cego Israel: *Vide utrum tunica filii tui sit an non*<sup>16</sup>? Isto é o que eu cuidava, mas nada disto fez o soldado; ficou tão soldado, tão gentio; tão infiel, tão cruel, tão tirano, tão algoz como dantes era. E nós com esta túnica e a de Santo Antônio à vista, assombrados e atônitos, que diremos? Não há senão dizer e exclamar com Davi: *Mirabilis Deus in sanctis suis* (Sl. 67, 36)! Admirável é Deus em seus santos! — Quando Deus não quis obrar nenhuma destas maravilhas por meio daquela túnica tecida por sua Mãe e vestida por seu Filho, deu tanta graça e tanta eficácia à túnica de Santo Antônio, que, tanto que o monge a vestiu, como se naquele hábito estiveram os hábitos de todas as virtudes, a sensualidade se converteu em pureza, a rebeldia em sujeição, a intemperança em modéstia, a tentação em sossego, a fraqueza em constância, a carne em espírito, o fogo do inferno em açucenas do paraíso, e a natureza humana, não em natureza — que fora menos — mas em graça angélica, que maior maravilha é ser anjo em carne, que anjo sem ela.

## §V

*As graças que Cristo não quis conceder à sua própria túnica e aos vestidos de seu Corpo Sacramentado, concedeu-as à túnica parda de Santo Antônio. Os vestidos do Espírito Santo em que foram envoltos os apóstolos, e a isenção das tentações. A tentação de São Francisco e a túnica de Santo Antônio.*

297. Os anjos, de sua própria natureza, nem podem pecar neste vício, nem ser tentados nele; e este segundo foi o maior privilégio que a túnica de Santo Antônio comunicou juntamente ao monge, o qual, desde o ponto em que a vestiu, como se o demônio a reverenciara, ou fugira dela, nunca mais foi tentado de sensualidade. Mas como poderei eu, Senhor, declarar a maravilha e grandeza desta graça, com que sublimastes a vosso servo, senão entrando outra vez no *Sancta Sanctorum* de vossos divinos mistérios? O mistério altíssimo do Santíssimo Sacramento do Altar é a memória das maravilhas de Deus: *Memoriam fecit mirabilium suorum*<sup>17</sup>. E uma das principais maravilhas daquele sagrado mistério é fazer os homens castos: *Frumentum electorum, et vinum germinans*

<sup>16</sup> Vê se porventura é a túnica de teu filho (Gên. 37,32).

<sup>17</sup> Deixou memória das suas maravilhas (Sl. 110,4).

*virgines*<sup>18</sup>. E de que sorte nos faz castos o Santíssimo Sacramento? Faz-nos castos de maneira que resistamos ao vício, mas não nos faz castos de tal modo que nos isente das tentações. Depois de comungarem muitas vezes os mais santos e os mais castos, ainda são tentados da sensualidade. E sendo isto assim verdade, que assombro de maravilha, ou que encanto de virtude é que vista a túnica de Santo Antônio um homem pecador e tentado, e que fique de repente não só isento de um tal vício, senão de toda a tentação dele? Não posso deixar de me lembrar neste passo de como em outro se portou aquele mesmo Senhor em respeito da sua própria túnica.

298. Vendo uma enferma os grandes milagres que Cristo obrava, teve tanta fé que disse: *Si tetigero tantum vestimentum ejus, salva ero* (Mt. 9,21): Se esta multidão de gente me consentir que eu chegue só a tocar a ponta da sua túnica, eu ficarei sã. — Assim lhe sucedeu, como tinha imaginado. Mas, tanto que tocou a ponta da túnica, voltou o Senhor, e disse: *Quis me tetigit? Quem me tocou? Nam ego novi virtutem de me exisse*: Porque eu senti que saiu de mim a virtude (Lc. 8, 46). Não sei se reparais na exceção e resguardo destas palavras. A enferma prometeu-se que havia de receber a saúde com o toque da túnica, e o Senhor acudiu a declarar que a virtude milagrosa que a sarou não era da túnica, senão do seu corpo, para que a seu corpo se atribuísse, e não à túnica, posto que a tinha vestida. Pois se os milagres de seu corpo os não quer Cristo repartir com a sua própria túnica, como permite que obre a túnica de Santo Antônio um tão extraordinário milagre, que em seu próprio corpo não experimentamos? Basta, Senhor, que há de obrar a túnica de Antônio vestida por fora, o que não obra em nós vosso próprio e santíssimo Corpo recebido por dentro? Eu bem sei que Santo Antônio é muito benemérito desse diviníssimo Sacramento, e que pelejou grandes batalhas em defesa de sua fé contra os hereges, e que alcançou deles grandes vitórias, e que lhe fez outros muitos serviços, mas não cuidei que merecia tanto. Enfim, aquele Senhor que se fez tão pequenino para que Antônio junto de sua pessoa parecesse grande, lá tem com ele seus segredos: deixemos a ambos os porquês desta diferença.

299. A que só podem dar os filósofos e teólogos, neste caso, é que a túnica de Santo Antônio tocou o corpo do monge que a vestiu; mas o corpo de Cristo no Sacramento não toca o dos homens que o recebem. É verdade que real e verdadeiramente recebemos o Corpo de Cristo, mas como o Corpo de Cristo no Sacramento está por modo indivisível, assim como o sentido da vista o não vê, assim o sentido do tacto o não toca; e assim como o que só vemos são as espécies quanto a cor, assim o que só tocamos são as mesmas espécies quanto à quantidade. Mas nesta mesma diferença se confirma ainda com major proporção a glória de Santo Antônio. As espécies sacramentais são uma túnica branca, de que está vestido o corpo de Cristo no Sacramento; e a graça que Cristo não quis conceder aos vestidos do seu Corpo Sacramentado, concedeu-a aos de Santo Antônio. Aquela túnica

<sup>18</sup> Pão dos escolhidos e vinho que gera virgens (Zac. 9, 17).

branca não tira as tentações da castidade, e a túnica parda de Santo Antônio tirou-as.

300. Parece que se não pode passar daqui, e que já o encarecimento vai por cima dos altares; mas ainda há grandes passos que dar adiante. Quando Cristo, Redentor nosso, partiu deste mundo, encomendou a seus discípulos que se não saíssem de Jerusalém, até que fossem vestidos da virtude do alto: *Donec induamini virtute ex alto* (Lc. 24, 49). Desceu sobre eles o Espírito Santo, ficaram de repente vestidos daquela soberana virtude. Mas quais foram os efeitos destes vestidos? Foram, em suma, que ficaram confirmados em graça, com privilégio de não haver de pecar gravemente. E assim como ficaram isentos dos pecados, ficaram também isentos das tentações? Isso não. Tanto assim, que nesta mesma matéria de que falamos, confessa São Paulo de si, que era grave e importunamente tentado: *Datus est mihi stimulus carnis meae angelus Satanae, qui me colaphizet*<sup>19</sup>. Pois, se os apóstolos, por meio dos vestidos que Cristo lhes mandou do céu e a mesma pessoa do Espírito Santo lhes vestiu na terra, não ficaram livres das tentações, e de tentações neste mesmo gênero, como ficou livre delas o monge, por meio da túnica de Santo Antônio? Aqui não há senão levantar as mãos ao céu, e glorificar outra vez e infinitas vezes ao Altíssimo, que com tanto excesso de maravilhas quis honrar, como ele prometeu, a quem tanto o honrava. Eu não faço comparação, nem é lícito, entre os vestidos do Espírito Santo e a túnica de Santo Antônio; mas, comparados os efeitos em um e outro caso, só refiro o que se não pode negar. O vestido do Espírito Santo isentou os apóstolos de ser vencidos, mas de ser tentados não os isentou; a túnica de Santo Antônio não só isentou ao monge de ser vencido, mas também de ser tentado. São Paulo, com o vestido do Espírito Santo, estava livre do pecado da sensualidade, mas não se livrou dos estímulos da sensualidade; o monge, com a túnica de Santo Antônio, ficou livre do pecado da sensualidade, e também livre dos estímulos.

301. Daqui tiro eu quão escusado foi aquele grande empenho do Seráfico Patriarca, um dia que se viu apertado de semelhante tentação. Tentado um dia São Francisco do espírito da sensualidade, que imaginais que faria, como tão valente e famoso soldado e tão insigne da milícia de Cristo? Parte de corrida a um lago congelado, e a puras balas de neve apagou os incêndios daquele fogo, até afogar no mesmo lago a seu inimigo. Notável tentação, notável valor, mas escusado empenho. Notável tentação, que a um homem como São Francisco, a um serafim em carne, se atreva a tentar a carne! Notável valor, que não repare Francisco no rigor do regelo, e meta em tanto risco a vida, por não arriscar a pureza! Mas escusado empenho, glorioso Santo meu. Se, sem embargo de serdes serafim, pagais essa pensão à humanidade, se o demônio, tantas vezes de vós vencido, se atreve a tentar vossa pureza quando tendes o remédio em casa, e tão fácil, para que é ir buscá-lo fora, e tão custoso? Pedi a Santo Antônio ou mandai-lho, pois é vosso súdito — pedi a Santo Antônio que vos empreste a sua túnica, vesti-a, e ficareis livre da tentação. Oh! grande

<sup>19</sup> Permitiu Deus que eu sentisse na minha carne um estímulo, que é o anjo de Satanás, para me esbofetear (2 Cor. 12, 7).

glória de tal pai com tal filho! Trocassem as túnicas Santo Antônio e São Francisco, e ver-se-iam duas grandes maravilhas. A túnica de Francisco não obraria nada em Antônio, porque já estava consumado na perfeição do seu hábito, e a túnica de Antônio ainda teria que obrar em Francisco, porque lhe seria defensivo contra as tentações. Mas assim repartiu Deus as graças entre o pai e o filho, para que o pai fosse o exemplo dos fortes, e o filho o remédio dos fracos.



## §VI

*A alma perde-se como a dracma, mas não se acha como a dracma. A alma não se há de buscar onde se perdeu, sob pena de não se achar ou se tornar a perder. Que fez São Pedro para achar a sua alma perdida?*

302. Concluindo pois com o nosso monge, dantes tão fraco, e agora tão forte, dantes tão perdido, e agora tão venturosamente achado, vede se é tão certo deparador de almas perdidas Antônio, como eu vos prometi. E se alguma das que me ouvem está perto de se perder, ou já perdida nas ondas, nas cegueiras, nos labirintos de um vício tão dificultoso de curar, e em que tanto periga a salvação, ponha diante dos olhos este exemplo de tão notável mudança, e, como o seguiu na perdição, imite-o também em lhe buscar o seguro e eficaz remédio. Recorra todo o caído ou tentado ao deparador das almas perdidas, pois é ofício ou graça em que Deus o constituiu; encomende-lhe muito de coração a sua, e não cesse de pedir, instar e buscar, até que a ache e tire do estado de perdição: *Donec inveniat eam*.

303. Só advirto, por fim, uma cautela muito necessária, e sem a qual tudo o que se intentar será sem efeito. A mulher do Evangelho perdeu a dracma na casa, buscou-a na casa e achou-a na casa. A alma perde-se assim, mas não se acha assim. Todas as outras coisas se acham onde se perdem, e aí se hão de buscar. A alma não se há de buscar onde se perdeu, sob pena de não se achar, ou se tornar a perder. Perdeu a sua alma São Pedro, negando três vezes a Cristo; e notai que uma mulher foi a primeira ocasião, e outra mulher a segunda. Pôs-lhe seus divinos olhos o Senhor, para que não perseverasse naquele estado, e o que logo fez São Pedro, para achar a sua alma perdida, foi sair-se do lugar onde a perdera: *Egressus foras*<sup>20</sup>. Esta é e há de ser a primeira diligência de quem tem a alma perdida, se a quer achar. É a alma como o sol, que se não pode achar no lugar onde se perdeu, senão no oposto. Perde-se o sol no ocaso, e, se o quiserdes buscar e achar, há de ser no oriente. Quando assim se acha a alma, então está segura de se tornar a perder, onde se perdia. Davi, que também perdeu a sua e a soube achar, o disse: *Quantum distat ortus ab Occidente, longe fecit a nobis iniquitates nostras* (Sl. 102,12): Tão longe estou, por mercê de Deus, do pecado em que me perdi, quanto vai do Ocidente ao Oriente. — À letra se podia entender este verso de um sujeito bem qualificado, que eu conheci, o qual só por se livrar de uma ocasião, se embarcou para a Índia. Assim faz quem se quer salvar, não só fora, como Pedro, mas longe, e muito longe, como Davi. O piloto que fez naufrágio em um baixo, o seu primeiro cuidado é fugir muito longe dele. Por falta desta cautela, as almas perdidas, que alguma vez se acham, se tornam logo a perder. Se São Pedro perseverara no mesmo lugar, assim como negou três vezes, havia de negar trinta: as três, em cumprimento da profecia, e as demais, por força da ocasião; por isso, a primeira coisa que fez foi sair-se

<sup>20</sup> Tendo saído para fora (Lc. 22,62).

dela: *Egressus foras.*

## §VII

*As almas perdidas pelo pecado da cobiça. A conversão dos vinte e dois ladrões, o maior milagre de Santo Antônio. Por que Cristo nunca pregou contra os ladrões? Os três ladrões que morreram no dia da morte de Cristo. A pregação de Cristo ao mau ladrão. As sete pregações de Cristo dirigidas particularmente a Judas, e a pregação de Santo Antônio aos vinte e dois ladrões.*

304. Sobre esta advertência, em que da nossa parte consiste o remédio do primeiro vício, passemos à consideração do segundo, e vejamos como não é menos eficaz, nem menos certo deparador o nosso santo para almas perdidas pelo pecado da cobiça, de que também, como dizia, ponderarei um só exemplo.

No tempo em que Santo Antônio pregava por Itália, assim como a fama dos milagres de Cristo chegava aos cárceres: *Cum audisset Joannes in vinculis opera Christi*<sup>21</sup>, assim a das maravilhas de Santo Antônio penetrava até as charnecas e covis dos ladrões. Andavam vinte e dois de companhia ou de alcatéia em uma mata, os quais, ouvindo que todo o homem que ouvia pregar a Santo Antônio se convertia, parecendo-lhes coisa mui dificultosa, e ainda impossível, quiseram fazer a experiência em si. Deixam os rebuços e os disfarces, vestem-se à cortesã, vão-se ao povoado, cada um por seu caminho, entram na Igreja onde o santo pregava, e ainda o sermão não era acabado, quando já cada um não era o que ali entrara. Converteram-se todos, todos se confessaram com o santo, e todos mudaram de ofício e de vida. Um dos santos prodigiosos de que se escrevem maiores milagres, é Santo Antônio; mas se entre todos os seus milagres quiséramos averiguar o maior, a minha opinião havia de estar por este. Vinte e dois ladrões convertidos em um dia, e em um sermão? É a maior coisa que se pode dizer nem imaginar, porque não há almas mais desalmadas nem mais dificultosas de reduzir que as dos ladrões.

305. Coisa é muito notada e muito notável que, pregando Cristo, Senhor nosso, contra todos os vícios, nunca pregasse contra os ladrões. Lede todos os quatro evangelistas; achareis que no Sermão do Bom Pastor, na parábola do samaritano, na dos servos vigilantes, e em outros muitos lugares fala o Senhor em ladrões; mas que lhes pregasse, nunca. O que só lemos que fizesse em matéria de ladrões é que no dia em que entrou por Jerusalém aclamado por rei, foi logo ao Templo, e, fazendo um açoitado das cordas com que vinham atadas as reses para os sacrifícios, com ele lançou fora os que as vendiam, dizendo que o seu templo era casa de oração, e que eles o tinham feito cova de ladrões: *Vos autem fecistis illam speluncam latronum* (Mt. 21,13). Que Cristo, como rei, açoitasse os ladrões,

<sup>21</sup> Como João, estando no cárcere, tivesse ouvido as obras de Cristo (Mt. 11,2).

foi ação mui própria do ofício e obrigação de rei; mas Cristo não só era rei, senão rei e pregador juntamente: *Ego autem constitutus sum Rex ab eo super Sion, montem sanctum ejus, praedicans praeceptum ejus*<sup>22</sup>. Pois, se Cristo açoitou os ladrões como rei, por que lhes não pregou também, e mais estando no Templo, como pregador? Porque os ladrões são casta de gente em que se emprega melhor o castigo do que se pode esperar a emenda. A pregação é para emenda, e converter aqueles a quem se prega, e gente costumada ao vício de furtar é tão dificultosa e quase incapaz de emenda, que nunca ou quase nunca se converte. Cinco dias depois deste se viu por experiência, e com tais circunstâncias que excedem toda a admiração.

306. O maior dia que houve no mundo foi aquele em que o Filho de Deus deu a vida no Monte Calvário pela redenção do gênero humano. Neste mesmo dia morreram três ladrões: dois aos lados de Cristo, e um do seu lado, que era mais. Morreu o bom ladrão, morreu o mau ladrão, morreu Judas. E que sucesso e fim foi o destes três ladrões? O bom ladrão converteu-se, o mau ladrão e Judas condenaram-se. De maneira que, no maior dia do mundo, em que o Redentor dele estava com cinco fontes de graça e de misericórdia abertas, de três ladrões, condenam-se dois e converte-se um; e em um dia particular em que Santo Antônio sobe ao púlpito, vêm-no ouvir vinte e dois ladrões e convertem-se todos vinte e dois. Se Santo Antônio, dos vinte e dois convertera sete, fazia o que fez Cristo, e era assaz maravilha, de ladrões converter a terça parte; mas que sendo tantos, e todos, torno a dizer, ladrões, se convertessem todos? E caso tão admirável e tão singular, que nem em si mesmo, nem no dia da Redenção quis Cristo que tivesse exemplo.

307. Ponderai comigo, por caridade, a salvação ou condenação de cada um destes três ladrões do dia da Paixão, e vereis quão grande maravilha foi esta do nosso santo. Ao mau ladrão, quem lhe pregou para o converter? Pregou-lhe para o converter a paciência e inocência de Cristo; pregou-lhe o cumprimento com a repreensão que lhe deu, e muito mais, com o exemplo; pregou-lhe o sol, escurecendo-se, pregaram-lhe as mesmas pedras, partindo-se, pregou-lhe, finalmente, o maior pregador que há no mundo, que é a morte, e não só lhe pregou uma morte, senão três mortes: a morte de Cristo, a morte do outro ladrão, e a sua. E quando nem a inocência e paciência do Filho de Deus, nem a exortação, conversão e exemplo do companheiro, nem o portento de se escurecer totalmente o sol por tantas horas, nem a novidade tremenda de se quebrarem as pedras, nem o horror da mesma morte, e de três mortes à vista, bastaram para converter um ladrão, bastou um só sermão de Santo Antônio para converter vinte e dois ladrões.

308. Vamos a Judas. Judas ouvia, como os demais apóstolos, todas as pregações de Cristo, e ultimamente fez Cristo ao mesmo Judas em particular sete pregações: a primeira, um ano antes da Paixão, quando disse aos apóstolos que ele tinha escolhido doze, e que um dos doze era o demônio; a segunda, cinco dias antes, quando Judas murmurou do unguento

<sup>22</sup> Eu, porém, fui constituído rei sobre Sião, seu monte santo, para promulgar o seu decreto (Sl. 2,6).

da Madalena, com pretexto dos pobres, e o Senhor, para o admoestar a ele com decoro, repreendeu a todos; a terceira, na mesa do cordeiro, quando protestou que o que metia com ele a mão no prato o havia de entregar; a quarta, no lavatório dos pés, quando, tendo dito a Pedro que ele e os outros discípulos estavam limpos, acrescentou: Mas não todos; a quinta, na consagração do pão quando disse: Este é o meu corpo, o qual por vós será entregue; a sexta, na prática depois da mesa, quando exclamou: Ai daquele por quem será entregue o Filho do homem: melhor lhe fora a tal homem nunca ser nascido; a sétima, quando Judas saiu do Cenáculo a executar a venda, e o Senhor lhe disse por ironia que só ambos entenderam: O que vais fazer, faze-o depressa. — Tudo isto eram setas que Cristo uma sobre outra ia atirando ao coração de Judas, tanto mais fortes, quanto mais breves, tanto mais eficazes, quando mais secretas, e tanto mais honestamente dirigidas a ele, quanto ditas universalmente a todos. Mas que aproveitou tanta e tão bem repartida retórica, em que o amoroso Mestre empregou toda a arte de sua sabedoria divina? Acabou Judas obstinado, e com a morte e paga que merecia quem vendeu a Vida. E quando todas as pregações de Cristo juntas, e sete pregações de Cristo dirigidas em particular a reduzir e converter um ladrão, o não convertem nem reduzem, que uma só pregação de Santo Antônio, não em particular, senão em comum, não dirigida de propósito àquela espécie de pecado, senão pregada e ouvida a caso, converta e reduza de uma vez a vinte e dois ladrões? vede se se pode imaginar maior maravilha. Pois ainda não está ponderada.

309. Ponderai e adverti o cabedal que meteu Cristo para converter a Judas, e o que meteu Santo Antônio para converter os vinte e dois ladrões, e então acabareis de conhecer melhor a maravilha. Santo Antônio, para converter os ladrões que converteu, não fez mais que continuar a pregação que tinha começado; Cristo para converter a Judas, que não converteu, fez-lhe tantas admoestações em comum e em particular, como temos visto: prostrou-se de joelhos diante dele, lavou-lhe os pés com suas sagradas mãos, acrescentou à água do lavatório muita de seus olhos, com que também lhos lavava, deu-lhe a comungar depois de sacramentado, assim na hóstia como no cálix, finalmente deu-lhe a face, e admitiu a falsa paz com que o entregava, chamou-lhe amigo, e desejou de o ser muito de coração; e quando Cristo — notai agora — e quando Cristo, com a boca exortando, com os joelhos prostrando-se, com as mãos lavando, com os olhos chorando, com a face sofrendo, com o coração perdoando, e com todo o seu corpo e sangue, e com toda a sua alma e divindade metendo-a dentro no peito de Judas, não pode converter um ladrão, Santo Antônio, só com a língua, converteu vinte e dois ladrões. Quis Deus, sem dúvida, nestes dois exemplos, mostrar quanto pode chegar a dureza do coração humano, e quanto pode obrar a eficácia da graça divina. Mas a maravilha é que, repartindo-se estes dois efeitos, a dureza humana se provasse contra a pregação e contra todos os empenhos de Cristo, e que a eficácia divina se mostrasse só na pregação de Antônio, sem nenhum outro empenho.

## § VIII

*Circunstâncias da conversão do bom ladrão e dos vinte e dois ladrões. Os ladrões e as aves do céu. Adão, o primeiro ladrão. O sabor e a suavidade do alheio no Livro dos Provérbios. El rei Acab e as vinhas de Nabot. O fastio de D. João, o Terceiro, e o sabor do alheio.*

310. Mas vamos ao ladrão que se converteu, e veremos, entre ladrão convertido e ladrões convertidos, quão grande diferença houve. Converteu-se o bom ladrão com todos aqueles atos heróicos e concurso de excelentes virtudes, que os santos celebram e eu não comparo; mas nos ladrões que converteu Santo Antônio, além do excesso do número, houve uma circunstância ou suposição mui diversa, a qual, assim como fazia a sua conversão muito mais dificultosa, assim a fez nesta parte muito mais admirável. Não falo nos privilégios daquele grande dia, na presença e vizinhança do mesmo Cristo visto e ouvido, na assistência da Virgem Santíssima, na sombra da cruz, na semelhança do suplício, nos prodígios do céu e da terra, e na mesma terra regada com o sangue fresco e manante das veias divinas, que ainda naquele pão seco — melhor que na vara de Arão — não podia deixar de produzir no mesmo tempo flores e frutos. Toda esta constelação de influências próprias e únicas daquele dia e daquele lugar concorreu e cooperou poderosissimamente para facilitar a fé e penitência do bom ladrão, e não havendo, nem podendo haver nada disto na conversão dos ladrões de Santo Antônio, convertidos só pelas palavras do santo nuas e desacompanhadas de todo o outro influxo exterior que lhe pudesse acrescentar a eficácia, bem se está vendo a diferença tão venturosa da parte daquele ladrão, como admirável da parte destes. Mas não é esta, como dizia, a circunstância e suposição muito diversa entre um e outros, a qual só quero ponderar.

311. Abstraindo, pois, de tudo o mais, e fazendo a comparação igual de homem a homens e de ladrão a ladrões, digo que a conversão dos de Santo Antônio era muito mais dificultosa, e por isso foi muito mais admirável. O bom ladrão era um homem preso e cercado de guardas: estes andavam soltos e livres; estes não estavam em poder da justiça, aquele estava não só condenado, mas atualmente justicado e posto no suplício; aquele tinha a morte atravessada na garganta, com que já não podia viver, e tinha as mãos pregadas na cruz, com que já não podia furtar: e estes podiam furtar, como até então, livremente, e viver do que furtassem. Donde se segue que só os ladrões de Santo Antônio mudaram propriamente a vida e deixaram o ofício, o que não fez nem podia fazer o do Calvário, porque antes a vida e o ofício o deixou a ele. E converter-se um ladrão, por duro e obstinado que seja, como desengano dos últimos embargos, quanto mais ao pé da forca e já posto nela, é coisa muito fácil; porém, converter-se e converterem-se tantos, e passarem-se de uma vida tão solta e larga à moderação e estreiteza da lei da razão e de Cristo, e

resolver-se uma comunidade inteira, sem discrepância, a mudar de instituto e a granjear dali por diante o sustento com o trabalho de suas mãos, aqueles que as tinham tão costumadas a se encherem dos trabalhos alheios, esta era a grande dificuldade, e esta foi a maravilha.

312. É coisa tão dificultosa acomodar-se a trabalhar para viver quem está acostumado a outra vida, que esta mesma dificuldade é a que inventou a arte e artes de furtar. Aquele feitor do pai de famílias, que refere o Evangelho, vendo-se privado da administração da fazenda de que comia, e não se acomodando a trabalhar para viver, que conselho tomou? Falsificou as escrituras, diz o texto, e fez-se ladrão por tal arte, que o amo lhe perdoou o fruto pela indústria. Esta é a providência do diabo, com que ele compete com Deus em sustentar o mundo. Para que não desconfieis da Providência divina, olhai, diz Cristo, para as aves do céu: *Respicite volatilia caeli* (Mt. 6,26). As aves não aram a terra, nem semeiam, nem colhem, e, contudo, sustentam-se; o mesmo fazem por providência do diabo estas aves de rapina. Os outros cavam, os outros trabalham, os outros suam, e o que estes recolheram na eira, ou venderam na praia, embolsam eles na estrada. O primeiro ladrão que houve no mundo foi o primeiro homem — tão antigo costume é serem os primeiros homens os primeiros ladrões. — Condenou Deus este primeiro ladrão a que comesse o seu pão como suor do seu rosto: *In sudore vultus tui vesceris pane tuo* (Gên. 3,19). Mas os ladrões que vieram depois souberam e puderam tanto, que trocaram a sentença, e em lugar de comerem o seu pão com o suor do seu rosto, comem o pão não seu com o suor do rosto alheio. E homens costumados a esta vida tão sem cuidado nem trabalho, que a trocassem de comum consentimento, e se deixassem prender e roubar das palavras de Santo Antônio? Tomara saber o motivo com que o Santo os persuadiu, para vo-lo pregar; mas, suposto que a história o não diz, devendo andar escrito em lâminas de bronze, quero continuar a maravilha do caso com maior ponderação da dificuldade dele.

313. Pouco era, se o comer do alheio tivera só o alívio do trabalho de o cavar e suar, mas dizem que é tão gostoso e saboroso, que é nova e muito maior maravilha haver quem se abstinésse dele. Se o disseram os mesmos ladrões, eu os não crera, como apaixonados do ofício e subornados da própria inclinação. Mas é dito e sentença do Espírito Santo: *Aquae furtivae dulciores sunt, et panis absconditus suavior* (Prov. 9,17): A água furtada é mais doce, e o pão que se come às escondidas mais suave. O que me admira nestas palavras, e deve admirar a todos, é que, para declarar o grande sabor do alheio e do furtado, se ponha à comparação em pão e água. A água não tem sabor, e se tem sabor não é boa água; o sabor do pão também é tão pouco que se não se acompanha ou engana com outro, só a muita fome o pode fazer tolerável; enfim, sustentar-se um homem com pão e água não é comer, é jejuar, e o mais estreito e rigoroso jejum. Como declara logo o Espírito Santo, não só o sabor, senão a doçura e suavidade do alheio com pão e água: *Aquae furtivae dulciores, et panis absconditus suavior?* Não se pudera melhor declarar, nem ainda encarecer.

Como se dissera o Divino Oráculo: é tão grande o sabor do alheio, é tal a doçura e suavidade do que se furta, que até pão e água, se é furtado; é manjar muito saboroso. Viver do próprio a pão e água é a maior penitência; viver do alheio, ainda que seja a pão e água, é grande regalo. Tão saboroso bocado é o alheio.

314. Muito me pesa ser de rei o exemplo com que hei de confirmar esta verdade. Mas não de balde disse Santo Agostinho: *Quid sunt magna regna, nisi magna latrocinia?* Que coisa são os grandes reinos, senão grandes latrocínios? — Andava el-rei Acab deseioso de roubar a Nabot a sua vinha, e como achasse dificuldade na execução que até os maus reis daquele tempo achavam dificuldade em tomar os bens dos vassallos — tomou tanto sentimento de não conseguir tão depressa como queria este apetite que, chamado para a mesa, não quis comer: *Noluit comedere panem suum* (3 Rs. 21,4 LXX), diz o texto dos Setenta; e acrescenta Santo Ambrósio: *Quia cupiebat alienum*: Não quis comer o seu pão, porque apeteia o alheio. — Ora, grande sabor é o do alheio, até para o gosto e paladar daqueles que o trazem costumado aos mais esquisitos manjares. De maneira que, posta de uma parte a mesa real e da outra o pão do pobre Nabot, porque Acab não pôde comer o pão alheio, perdeu todo o apetite à mesa real.

315. Pôs-se uma vez à mesa el-rei D. João, o Terceiro, e trazia grande fastio. Estava, entre os fidalgos, que o assistiam, um muito conhecido por discreto. Disse-lhe el-rei: Que remédio me dais, Dom Fulano, para comer, que de nenhuma coisa gosto? — Coma Vossa Alteza do alheio, como eu faço, e verá como lhe sabe bem. — Assim respondeu aquele cortesão, e, rindo, disse a verdade. Quereis que vo-la acabe de encarecer? Ora, ouvi quão saboroso é o alheio. O alheio é uma pírola do inferno, ouro por fora, mas inferno por dentro, porque ninguém come o alheio, que não trague o inferno juntamente. E manjar que, levando de mistura todo o inferno, ainda se come com tanto gosto, vede se é grande o seu sabor. Sendo, pois, tal o apetite, o gosto e o feitiço do alheio, que a pessoas de tão diferente suposição, e que têm e possuem muito de próprio, prende, cativa e cega com tanto extremo, que vinte e dois homens de ofício e de costume ladrões, e que não tinham outro patrimônio ou remédio de vida mais que os roubos contínuos de que a sustentavam, sem reparar na diferença daquela mudança, a fizessem todos resolutamente sobre a palavra de um homem vestido de burel e atado com uma corda, não há dúvida que da sua parte foi a mais maravilhosa e prodigiosa conversão, e da parte de Santo Antônio a maior façanha, a maior vitória e o maior triunfo que nenhum pregador alcançou.

## §IX

*Os ladrões por ofício e os ofícios em que se pode furta Os que morrem como São Paulo. Como varrer a casa antes de morrer? Não entrou a salvação na casa de Zaquaeu quando entrou nela Cristo, senão quando saiu dela o alheio.*

316. Eis aqui outra vez quão admirável deparador de almas perdidas é o nosso santo, tanto neste segundo vício, como no primeiro. Se eu agora vos quisesse exortar a que também vos aproveitásseis deste exemplo, ou destes vinte e dois exemplos, tê-lo-íeis por afronta. Bem sei que nesta terra não há ladrões por ofício, mas há ofícios em que se pode furtar; e tudo o que é tomar, ou reter, ou não pagar o alheio, por mais honrado nome que lhe deis, igualmente pertence ao sétimo mandamento. E assim vos digo que, se debaixo de qualquer título trazeis a alma perdida ou desejosa de se perder no vício da cobiça, que recorrais ao patrocínio de Santo Antônio, para que vo-la depare a tempo. Pedi-lhe que vos ouça, e ouvi-o, pois tanta é a eficácia de suas palavras. Sobretudo, não vos enganeis com opiniões que alargam e perdem as consciências; conheci, primeiro que tudo, que onde cuidais que ganhais fazenda, perdeis a alma, e, pois, sem dúvida a tendes perdida, não descanseis até a achar: *Donec inveniat eam*.

317. Por fim, assim como fiz uma advertência necessária, e sem a qual se não pode curar o vício da sensualidade, assim quero que ouçais outra igualmente, ou mais importante ainda, para o da cobiça, e para desembaraçar a alma dos laços do alheio. A mulher do Evangelho, diz o nosso texto que, para achar a dracma perdida, varreu a casa: *Accendit lucernam, et everrit domum* (Lc. 15, 8). Todos, para se salvar, ao menos na hora da morte, querem restituir, mas não querem varrer a casa. É muito para ver ou para chorar lá na nossa terra, como morrem os poderosos; testam de quarenta, de sessenta e de cem mil cruzados de dívida, fazem seu testamento, em que carregam a seus herdeiros que paguem, e, deixando no mesmo tempo a casa cheia de baixelas, de jóias, de tapeçarias e de outras peças de muito valor, além das fazendas desobrigadas com que logo puderam pagar o que devem, feita a diligência do testamento, abraçam-se com um Cristo, e ficam os parentes e amigos muito consolados, dizendo que morreu como um S. Paulo. Esta é a frase com que se declaram e consolam, e porventura com que se animam a morrer do mesmo modo. Senhores meus, ouvi-me, posto que de tão longe. São Paulo não tomou nem devia nada a ninguém, e disso fez um protesto ou manifesto público quando disse: *Argentum et aurum, aut vestem, nullius concupivi, sicut ipsi scitis*<sup>23</sup>. E ainda que São Paulo devera alguma coisa, ou muito, como não tinha nada de seu, a impossibilidade o desobrigava de restituição. Porém, morrer sem restituir, deixando a casa cheia, e salvar? Não ensina esta teologia a lei de Cristo. Há-se de varrer a casa de todo esse cisco — que cisco é em comparação da alma — e depois da casa assim varrida, então se pode segurar ao dono a salvação.

318. Entrou Cristo, Senhor nosso, em casa de Zaqueu, e os sinais evidentes de que entrou naquela casa foram os efeitos: *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus; et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum* (Lc. 19,8.): Senhor, diz

<sup>23</sup> Não cobicei prata, nem ouro, nem vestido de nenhum, como vós mesmos sabeis (At. 20,33).



Zaqueu, ametade de todos os meus bens dou logo aos pobres, e com a outra ametade pago quatro vezes em dobro tudo o que devo, para satisfazer o principal, os réditos e os danos. — Isto disse Zaqueu; e que respondeu Cristo? *Hodie salus huic domui facta est (Ibid 9)*: Hoje entrou a salvação nesta casa. — Notai aqui muitas coisas, e todas tão dignas de grande reparo, como de suma importância. Primeiramente disse Cristo que a salvação entrara naquela casa; mas quando o disse? Não quando entrou o mesmo Senhor, senão quando Zaqueu se resolveu a restituir logo. Não entrou a salvação na casa quando entrou nela Cristo, senão quando saiu dela o alheio. Zaqueu varreu a casa de maneira que não ficou nela coisa alguma: ametade para os pobres e ametade para os acredores: tudo fora. E quando assim se varreu e assim ficou varrida a casa, então se achou a dracma perdida e entrou a salvação. Mais. Zaqueu fez duas disposições: a primeira da primeira ametade de seus bens para esmolas; a segunda da segunda ametade, para satisfação das dívidas; e Cristo, com ser tão amigo dos pobres, enquanto ele falou só nas esmolas, não disse palavra; mas quando passou à satisfação das dívidas, então disse e assegurou que entrara a salvação na casa. Pagai prontamente o que deveis, e não deixeis esmolas nem legados. Tantas mil missas, tantos ofícios, tantos funerais, tantas pompas, tantos acompanhamentos: estes cantando, e os acredores chorando. Restitui, e se não tiverdes mais, não mandeis dizer uma Missa por vossa alma, porque a Missa sem restituição não vos há de salvar, e a restituição sem Missa sim. Mas, para o que é pompa e vaidade, fazem-se novos empenhos e novas dívidas, acrescentando nova circunstância ao pecado irremissível de não pagar as contraídas.

319. Dizeis, e dizem porventura os que vos aconselham, que com as confessar no vosso testamento, e com as mandar pagar, satisfazeis. Enganais-vos, e enganam-vos; e, se não, respondei-me. Quando herdastes a casa de vosso pai, deixou dividas? Muitas. E mandou-vos e encomendou-vos muito que as pagásseis? Sim. E pagaste-las vós? Não, antes acrescentastes outras maiores. Pois se vós não cumpristes o testamento de vosso pai, e sabeis com certeza moral que vosso filho não há de cumprir o vosso, como cuidais que enganais a Deus, e vos quereis enganar e condenar a vós mesmo, deixando a casa cheia do que é alheio e não vosso? Zaqueu não encomendou a restituição a outro; ele mesmo a fez. Não disse: *reddam*, restituirei, senão: *reddo*, restituo. Não disse depois, senão logo: *ecce*. E, porque o não guardou para amanhã, por isso Cristo lhe disse: Hoje: *Hodie salus huic domui facta est*.

## §X

*Em qual destes dois vícios são mais difíceis de recobrar as almas que se perdem? O filho pródigo e o escrúpulo do alheio. Recorrera Santo Antônio, não só pedindo e rogando, senão requerendo e demandando. Como atar a Santo Antônio mais apertada e mais fortemente.*

320. Parece-me que vos tenho bastantemente mostrado quão certo deparador de almas perdidas é o nosso santo. E porque reduzi toda esta demonstração aos dois vícios capitais em que mais geralmente se perdem as almas, perguntar-me-eis, com cristã curiosidade, em qual deles são mais difíceis de recobrar as que se perdem? Por uma parte, a sensualidade tem por objeto o deleitável, a cobiça o útil; a sensualidade inclina à conservação da espécie, a cobiça à do indivíduo; a sensualidade é inimigo natural, interior e doméstico, a cobiça exterior, e, por todas estas razões, parece mais difíceis de arrancar e vencer o vício da sensualidade. Por outra parte, a cobiça cresce com a idade, a sensualidade diminui; a matéria da cobiça permanece ainda depois da morte, a da sensualidade acaba antes da vida; para emenda da sensualidade basta arrepender, para a da cobiça é necessário arrepender e restituir, com que parece mais difíceis o remédio deste vício, e mais certa nele a condenação, por onde os gentios, que a cada vício sinalavam o seu deus, ao deus da cobiça puseram-no no inferno. Assim que a verdadeira decisão desta proposta, e o conselho certo e seguro, é fugir, e guardar, renegar de ambos estes vícios. Contudo, para responder com a distinção que entre um e outro pode haver, digo que mais facilmente se deve esperar a conversão de uma alma perdida na sensualidade que na cobiça, e que, se na matéria da cobiça e do alheio for ajustada com a lei de Deus, posto que na da sensualidade tenha pecados, se pode ter por grande indício de sua salvação.

321. Não houve homem mais perdido e desbaratado, nas desordens da sensualidade, que o filho pródigo; contudo, tornou em si, arrependeu-se, confessou seus pecados, restituiu-se à graça de Deus, enfim achou-se depois de perdido, como vimos: *Perierat, et inventus est*<sup>24</sup>. E que indício ou disposição houve neste homem para uma tal mudança de vida? Lede toda a que tinha feito antes de sua conversão, e achareis que, sendo tão estragado no vício da sensualidade, na matéria do alheio era de tão ajustada consciência, e tão escrupuloso como o pudera ser um santo, Depois de consumir quanto tinha herdado de seu pai — *Vivendo luxuriose*<sup>25</sup> — chegou a tal extremo de miséria, que se pôs com amo, e lhe servia de pastor de um gado tão imundo e asqueroso como sua própria vida: *Ut pasceret porcos*<sup>26</sup>. Notai agora o que diz o texto: *Cupiebat ventrem implere de siliquis*,

<sup>24</sup> Era morto, e achou-se (Lc. 15,32).

<sup>25</sup> Vivendo dissolutamente (Lc. 15, 13)

<sup>26</sup> A guardar os porcos (Lc. 15,15).

*quas porci manducabant: et nemo illi debat* (Ibid 16): Desejava matar a fome que padecia com as landes ou bolotas de que se sustentava o seu gado, mas nem estas lhe davam, e perecia. — Pois, se aquele era o pasto do seu gado, que ele tinha em seu poder, por que o não tomava também para si, posto que lho não dessem? Porque era tão escrupuloso do alheio, sendo tão estragado do seu, que ainda em tão grave necessidade se não atrevia a o tomar sem licença de seu dono. E homem tão escrupuloso em matéria do alheio, que nem para o miserável e preciso sustento da vida, ousa lançar a mão a quatro bolotas agrestes que saíam do montado, ainda que na matéria da sensualidade seja tão perdido, grandes indícios tem de que se há de converter e salvar. Deus livre a toda a alma de uma e outra perdição, mas desta segunda ainda mais, como tanto mais perigosa.

322. E suposto que no nosso santo deparador temos tão pronto e tão certo remédio de ambas e de todas as almas perdidas, ou nestes, ou em qualquer outro vício, o que resta é que todas as que se acham em semelhante estado, ou perigo, recorram a seu poderosíssimo patrocínio, com segura confiança de que serão ouvidas, e, sem dúvida, remediadas. E para que vos confirmeis mais na certeza desta confiança, ouvi o modo com que haveis de recorrer a Santo Antônio. Não haveis de pedir a este santo, como aos outros, nem como quem pede graça e favor, senão como quem pede justiça. Quem pede justiça a quem tem por ofício fazê-la, pede requerendo; e quem pede a dívida a quem está obrigado a pagá-la, pede demandando. E assim haveis de pedir a Santo Antônio: não só pedindo e rogando, mas requerendo e demandando: requerendo, como a quem tem por ofício deparar tudo o perdido, e demandando, como a quem deve e está obrigado ao deparar. E, se não, dizei-me por que atais e prendeis este santo, quando parece que tarde em vos deparar o que lhe pedis? Porque o deparar o perdido em Santo Antônio não é só graça, mas dívida; e assim como prendeis a quem vos não paga o que vos deve, assim o prendeis a ele. Eu não me atrevo nem a aprovar esta violência, nem a condená-la de todo, pelo que tem de piedade. Mas dar-vos-ei outro modo com que ateis a Santo Antônio muito mais apertada e fortemente.

323. O Menino Jesus, como aquele a quem tanto custaram as almas, também atou a Santo Antônio, para que lhe deparasse as suas almas perdidas. Primeiro, atou-o com a correia de Santo Agostinho, depois com o cordão de São Francisco, e ultimamente com os braços, como o vedes: *Ligat amplexu*, disse São Pedro Crisólogo, e este é o mais decente, o mais nobre, o mais devoto, o mais pio e o mais apertado medo de o atar. Lançai-vos àqueles pés descalços de Santo Antônio, abraçai-vos com eles apertadíssimamente, e dizei-lhe como Jacó: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi*<sup>27</sup>. Aqui estou a vossos pés, gloriosíssimo santo, e não vos hei de largar, nem apartar-me deles, até que me comuniquéis a bênção de que Deus vos dotou entre todos os santos para remédio de tantas almas. A minha há tantos tempos que anda perdida, sem eu saber dela nem de mim. Assim como

<sup>27</sup> Não te largarei se me não abençoares (Gên. 32,26).

deparastes as de tantos outros pecadores, cuja perdição eu segui, mereça eu também alcançar daquele ardentíssimo zelo, que está hoje igualmente vivo em vós, a piedade que eles alcançaram. Alumiai-me, guiai-me, encaminhai-me e ensinai-me a buscar e achar esta perdida alma, e não me desampare vossa luz, vosso patrocínio e vossa poderosa eficácia e intercessão, até que a ache: *Donec inveniat eam.*